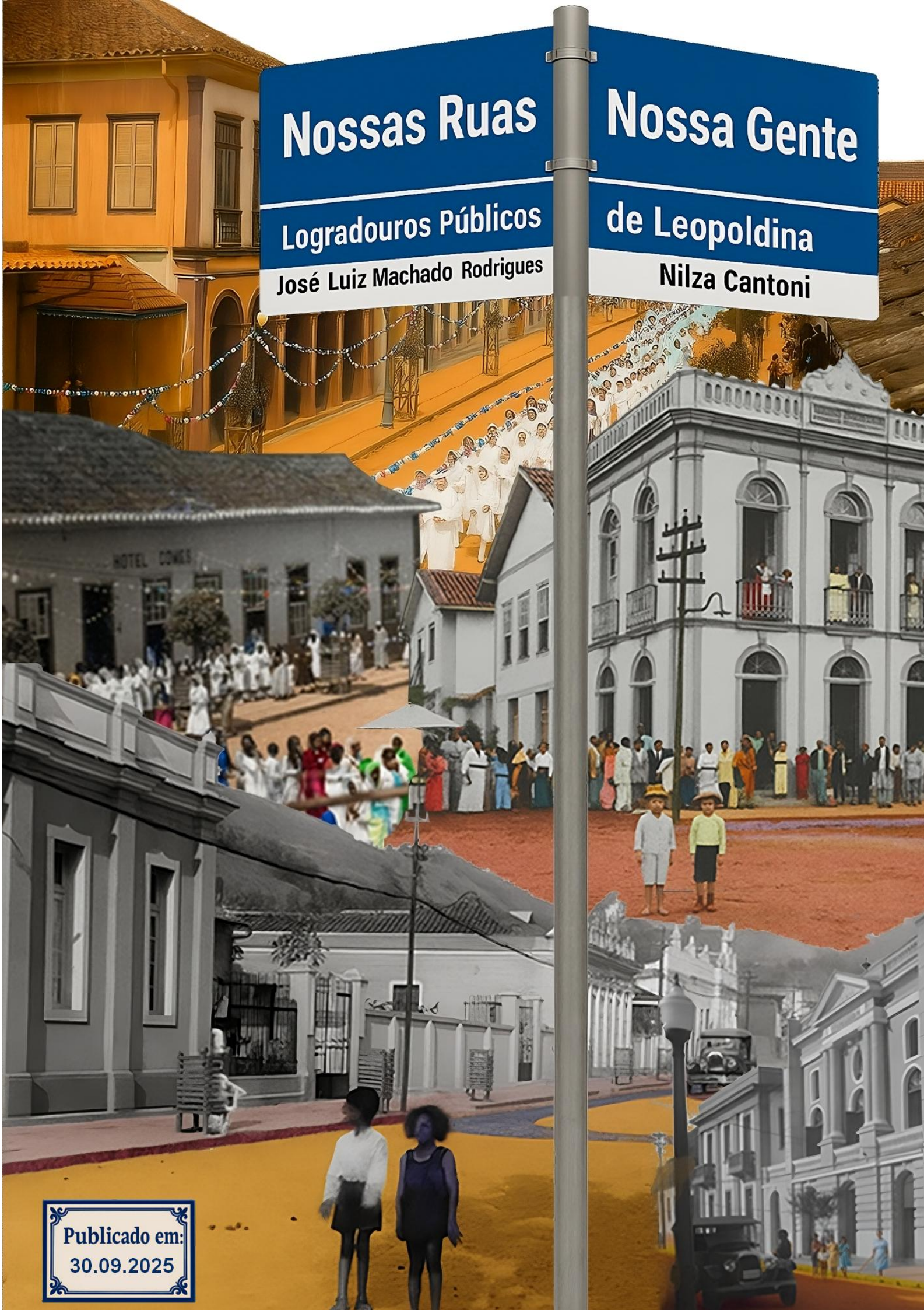
Nossas Ruas
Logradouros Públicos
José Luiz Machado Rodrigues
Nossa Gente
de Leopoldina
Nilza Cantoni
HOTEL COMES
Publicado em:
30.09.2025

NOSSAS RUAS, NOSSA GENTE

Logradouros Públicos de Leopoldina

José Luiz Machado Rodrigues
Nilza Cantoni
Leopoldina, MG - 2025

Copyright © 2025, José Luiz Machado Rodrigues & Nilza Cantoni
Direitos cedidos para esta edição à
Academia Leopoldinense de Letras e Artes – ALLA
Leopoldina – MG

Capa: Alan Villela Barroso
Revisão: Ana Cristina Fajardo Miranda Fajardo e
Glaucia Maria Nascimento Costa de Oliveira

Este livro foi publicado em parceria com a
Prefeitura Municipal de Leopoldina
e apoio da
Câmara Municipal de Leopoldina

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rodrigues, José Luiz Machado
Nossas ruas, nossa gente [livro eletrônico] : logradouros públicos de Leopoldina / José Luiz Machado Rodrigues, Nilza Cantoni. -- 3. ed. -- Leopoldina, MG : Academia Leopoldinense de Letras e Artes, 2025.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-981503-8-9

1. Leopoldina (MG) - História 2. Patrimônio cultural 3. Ruas - Leopoldina (MG) 4. Toponímia
I. Cantoni, Nilza. II. Título.

25-304119.0 CDD-981.51

Índices para catálogo sistemático:

1. Leopoldina : Minas Gerais : Estado : História
981.51
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **2**

AGRADECIMENTOS **5**

INTRODUÇÃO **8**

PLANO URBANÍSTICO **11**

LOGRADOUROS PÚBLICOS DE LEOPOLDINA **13**

Letra A 13

Letra B 58

Letra C 67

Letra D 90

Letra E 102

Letra F 115

Letra G 135

Letra H 147

Letra I 158

Letra J 163

Letra L 219

Letra M 234

Letra N 263

Letra O 270

Letra P 284

Letra Q 300

Letra R 302

Letra S 313

Letra T 330

Letra U 339

Letra V 341

Letra W 349

Letra X 353

Letra Y 354

Letra Z 355

FONTES CONSULTADAS **357**

COMENTÁRIOS DOS LEITORES **363**

APRESENTAÇÃO

O projeto "**Nossas Ruas, Nossa Gente"** surgiu alguns anos depois de os autores começarem a escrever juntos, inicialmente sobre os imigrantes em Leopoldina. Numa conversa despretensiosa, quando ele terminava um livro sobre Maripá de Minas e ela organizava material ainda não publicado sobre Leopoldina, surgiu a ideia de escrever sobre os logradouros públicos da cidade. Ele já se interessava pelo tema desde muito jovem, quando se mudara do sítio para a cidade e coletava dados sobre as pessoas antigas desde a adolescência. Combinaram, então, que reuniriam o que tinham para uma nova conversa.

Meses depois, quando ele já havia adiantado o trabalho de levantar informações do mapa da Prefeitura de Leopoldina, comentou a ideia com o Luiz Otávio Meneghite que lhe sugeriu procurar o Tula, saudoso e importante colaborador Jorge Luiz Baia, antigo funcionário da Câmara Municipal. Ao reunir os dados das Leis e dos Projetos informados por Tula, com os que o autor conseguira encontrar e com os apurados no mapa, ficou claro que uma parte substancial do material necessário estava à disposição. Em seguida, a autora passou a lançar, ao lado dos nomes elencados, as informações que colecionava. A troca de mensagens entre os autores se intensificou e, em pouco tempo, estava sendo preparado o livro que foi lançado em agosto de 2004.

Durante vinte anos, com uma versão digital publicada em seu site, a autora recebeu frequentes comentários e informações adicionais que permitiram encontrar novas fontes e aprimorar o conhecimento sobre aqueles logradouros. E, mesmo quando escreviam sobre outros temas, publicados principalmente no jornal O Leopoldinense, era frequente se depararem com dados que poderiam ser acrescidos àquela primeira edição.

Até que, em 2023, a Academia Leopoldinense de Letras e Artes, da qual os autores fazem parte, levantou a hipótese de publicar uma segunda edição. De imediato, foi um susto porque ambos sabiam que não haveria tempo hábil para fazer a necessária adaptação às normas da Reforma Ortográfica de 2009 nem tampouco revisar o conteúdo em si e fazer os acréscimos. Diante disso, foi publicada uma segunda edição com apenas algumas pequenas notas refeitas do conteúdo original e efetuada a revisão ortográfica. Após o grande interesse dos leopoldinenses, a segunda edição funcionou como um estopim para novas investidas naquele conteúdo.

No intervalo entre as duas edições, houve um substancial aumento de logradouros nomeados na cidade de Leopoldina e novas tecnologias de comunicação já permitiam preencher diversas lacunas nas fichas individuais dos homenageados. Uma informação importante a saber é que as ruas dos distritos não foram contempladas nas duas primeiras edições.

Se, naquele início do século XXI, eles trabalharam basicamente com os projetos transcritos pelo Tula, registros paroquiais e uma parte dos processos judiciais da Comarca até 1920, além da literatura e da imprensa periódica disponível, nos anos seguintes foi possível consultar uma gama muito variada de fontes probatórias. Em 2017, quando o Tribunal de Justiça de Minas Gerais autorizou aos pesquisadores o acesso aos processos judiciais à distância, o volume de informações disponíveis cresceu enormemente.

Paralelamente, foram percebidos enganos cometidos nas informações da primeira edição que puderam ser corrigidos através de um meticuloso trabalho de checagem de fatos, especialmente quanto à cronologia e à ocupação espacial. O acesso a mais processos judiciais de divisão de propriedades no século XIX descortinou um novo olhar para o desenvolvimento dos aglomerados urbanizados no município. Mais inventários e testamentos foram analisados e, além de trazerem correções a nomes e sobrenomes, deram, também, um grande impulso à compreensão da sociedade leopoldinense que os autores já vinham observando desde os trabalhos que haviam sido publicados anteriormente sobre os imigrantes, sobre os expedicionários e sobre a imprensa periódica em Leopoldina.

Novamente, sob estímulo dos acadêmicos da ALLA, em agosto de 2024, os autores resolveram retomar o trabalho de pesquisa das ruas. Elaboraram o projeto com o olhar para as possibilidades reais de consultar outras fontes possíveis. E um grande impulso veio, novamente, da Câmara Municipal de Leopoldina, através da ajuda e cordialidade da funcionária Roberta Santana. De setembro a dezembro de 2024, ela foi incansável no atendimento aos pedidos dos autores. Localizou quase todas as leis e projetos a que não se teve acesso na primeira edição, além dos documentos mais atuais.

Incorporadas as novas fontes, em maio de 2025, foi iniciada a escrita dos verbetes, conforme fora previsto no projeto que a ALLA apresentou para as escolas de Leopoldina, convidando-as a participarem. Motivos diversos fizeram com que não houvesse a adesão que se esperava, mas, os professores, e discentes, que se dispuseram a participar foram de real importância. Por outro lado, o número de colaboradores individuais foi bem grande. E, nas

últimas semanas de organização dos verbetes, os autores contaram com a colaboração de Ademar Gonçalves de Matos, funcionário da Câmara Municipal de Leopoldina, e de Maria Izabel Simões Mendonça, secretária do Prefeito Municipal de Leopoldina, que enviaram os normativos legais faltantes.

E, assim, chegamos a setembro de 2025, com o lançamento da versão digital que é a 3ª edição revista e ampliada do livro **Nossas Ruas, Nossa Gente**. A versão impressa será lançada ainda em 2025.

Os autores agradecem a oportunidade de entregarem ao público o resultado de um esforço plural que realimentará a memória coletiva e poderá se tornar o encorajamento inicial de novos trabalhos sobre a história da nossa Leopoldina. E lembram que os verbetes foram organizados pela ordem do nome do logradouro conforme grafado na lei. Quando há divergência, no parágrafo biográfico encontra-se ortografia encontrada em fontes documentais.

José Luiz (Luja) Machado Rodrigues
Nilza Cantoni

AGRADECIMENTOS

Este livro é resultado da análise do compilado de informações que os autores recolhem há mais de meio século. Por ocasião da elaboração da primeira edição, além de dezenas de entrevistas, foram fundamentais as colaborações de Jorge Luiz Baia (Tula, in memoriam) que reuniu boa parte das leis e decretos municipais que tratavam dos logradouros públicos da cidade disponíveis nos arquivos da Câmara Municipal de Leopoldina.

Da mesma importância foram as fotografias do acervo do saudoso Luiz Raphael Domingues Rosa, na época mantenedor do Espaço dos Anjos, que nos franqueou a consulta e a utilização de imagens, as quais nos permitiram observar aspectos da vida urbana de outrora. Pelo mesmo motivo, agradecemos também a Tatiane Pereira, neta do fotógrafo Jarbas Pereira da Silva, que nos encaminhou diversas outras fotografias.

Conforme declaramos nas duas primeiras edições, contamos com inúmeras indicações de leopoldinenses - de nascimento ou de coração - que compreenderam o alcance do projeto e atenderam solicitação de nossa amiga Carmen Tassari que nos ajudou a recuperar dados e fatos sobre personagens que nossa memória havia perdido.

Já a saudosa amiga Lucimary Vargas de Oliveira, além de obter informações com moradores da antiga Chácara dos Rodrigues e arredores no bairro de Fátima, fez a gentileza de uma leitura crítica da versão final daquela primeira edição.

Agradecemos também aos funcionários e dirigentes das instituições que nos receberam quando de nossas pesquisas na Biblioteca Municipal Luiz Eugênio Botelho, no Arquivo da Câmara Municipal, no Arquivo do Fórum, no Arquivo Paroquial, no Asilo Santo Antônio, no Espaço Cultural da Cia Força e Luz e nos Cartórios de Registro Civil que vão listados na seção Fontes Consultadas.

Para a atual edição, contamos com um número ainda maior de colaboradores e entrevistados.

Entre os primeiros, destacamos Roberta Santana, funcionária da Câmara Municipal até dezembro de 2024, que nos permitiu conhecer o inteiro teor de projetos e leis promulgadas entre novembro de 1948 e setembro de 2024. Posteriormente, recebemos importantes contribuições de Ademar Gonçalves de Matos, também funcionário da Câmara Municipal de Leopoldina.

Destacamos, também, a colaboração do professor Paulo Lucio Fernandes da Silva, da Escola Estadual Enéas França, e seu aluno Caio Lucas Reis Coelho, do 8º ano, que nos forneceram informações sobre logradouros do bairro Bela Vista. Da mesma forma, os estudantes que participam do Grupo Pérola Negra, sob a direção de Amaury da Silva Santos e Marly do Carmo Moraes Rodrigues: Iago Brites Ferreira da Silva, João Gabriel dos Santos Reis, Kelvin Vicente da Silva Lima Jesus, Lara Nogueira de Aguiar, Lis Santiago de Noronha, Livia Montes, Maria Eduarda dos Santos Reis, Sophia Gonçalves Crespo, Stella Guimarães Nolasco e Thayla Camilo Silva.

No âmbito dos poderes públicos, devemos um agradecimento especial à secretária do Prefeito de Leopoldina, Maria Izabel Simões Mendonça, que nos enviou cópias de normativos legais do Executivo.

Dos colaboradores abaixo indicados, recebemos uma variada gama de informações e cópias de fontes.

Alessandra Maia de Lacerda
Alexia do Vale Freitas
André Steiner Vieira
Antônio Custódio (Toninho) Zaquine
Antônio Eugenio Schettino Cerqueira
Antônio José Valentim
Arruda José Monteiro
Carmen Ofelia Xavier
Edson Lupatini
Elizabeth Dorigo de Oliveira
Elizabeth Santos Cupello (Academia Valenciana de Letras)
Eugênio Klein Dutra
Fernanda Rocha
Humberto do Vale Neto
Humberto Luiz Martins Ferreira
Joberto Miranda Rodrigues
José Antônio Almeida de Souza
José Fernando Destefani dos Santos
José Gabriel do Couto Viveiros Barbosa
José Rubens Oliveira Ramos
Liamar Pimentel
Luciano Meneghite
Luiz Fernando Hisse de Castro
Luiz Otavio Meneghetti
Luiz Ronaldo Botelho França
Manoel Geraldo Meira
Maria Aparecida Fonseca
Maria Aparecida Lima dos Reis Costa
Maria das Dores Curcio

Maria Joana Neto Capela
Paulo Maximiano
Paulo Roberto Medeiros Machado
Renata Lima e Arantes
Ricardo Machado
Rodrigo Fidelis Macedo
Sônia Regina Reche
Thadeu Silva Furtado
Vilma Bittencourt de Araújo

E, aos confrades da Academia Leopoldinense de Letras e Artes, apresentamos nossos agradecimentos pela confiança no nosso trabalho, especialmente a Alan Villela Barroso, Ana Cristina Miranda Fajardo, Glaucia Maria Nascimento Costa de Oliveira, Mara Coelho Maximiano e Maria José Sales.

A todos ficamos profundamente agradecidos.

INTRODUÇÃO

São muitos os logradouros e a história de cada um deles é uma pequena parte da história da cidade.

Curioso não serem encontradas referências a logradouros públicos nos primeiros livros da Câmara Municipal de Leopoldina. A mais antiga indicação da existência de um povoado no Feijão Cru, já em 1831, é de Sinval Santiago (1991, p. 480), e diz que a Câmara Municipal do Pomba criou o distrito do Feijão Cru, com base no Decreto Imperial de 11.09.1830.

Sobre esse fato é bom lembrar que tal decreto foi revogado pela Lei Provincial Mineira de 12.08.1834 e que, a partir dessa época, a criação de distritos passou a ser da alçada do Presidente da Província. Há que se considerar, ainda, que o município do Pomba foi instalado a 25.08.1832, o que nos leva a crer que provavelmente o distrito do Feijão Cru tenha sido criado entre agosto de 1832 e agosto de 1834.

Ressalte-se que, segundo legislação da época, para ser criado o distrito era necessário já existir um arraial e uma igreja funcionando em patrimônio próprio. Portanto, a doação realizada por Joaquim Ferreira Brito e sua mulher Joana Maria de Macedo, no dia 01.06.1831, parece ter sido feita para atender às normas e requerer a criação do distrito. A segunda doação do mesmo casal, datada de 20.11.1831, indica que se tratava de terreno para a construção da Casa do Cura, o que vem corroborar a existência de um arraial.

Infelizmente, não possuímos dados seguros para informar a localização exata das 63 famílias que estavam no Feijão Cru em outubro de 1831, conforme atesta o Mapa de Habitantes encaminhado ao Serviço Público Provincial. Sabemos apenas que estavam distribuídas em 36 propriedades e que, em 1838, residiam no Feijão Cru 135 famílias, em 82 propriedades.

É certo que o primeiro quarteirão, com 27 famílias, representava um território centralizado no atual bairro da Grama; o segundo, com 39 famílias, estendia-se pelo território ao sul do atual distrito sede e parte dos distritos de Tebas e Piacatuba; no terceiro quarteirão, foram contabilizadas 34 famílias residentes na margem direita do rio Pomba, estendendo-se até, aproximadamente, a atual parte baixa da rua Tiradentes; e as demais 35 famílias, estavam dentro dos limites do quarto quarteirão, que abrangia o atual distrito de Ribeiro

Junqueira, parte de Laranjal, Recreio, Palma, Abaíba, Providência e divisava com o primeiro e o terceiro quarteirões.

Em 1843, já eram 213 as famílias do distrito de São Sebastião do Feijão Cru. Muitas delas constituídas por filhos dos primeiros moradores que então já se encontravam casados.

É, a partir deste momento, que começamos a observar a provável existência de moradias dentro do território que foi doado para constituir o patrimônio de São Sebastião, embora ainda sem a denominação dos logradouros existentes.

Em 1851, a população do Feijão Cru atingia um número significativamente maior. Os 2.171 moradores de 1843, haviam se transformado em quase 4.000 habitantes, de um arraial agora elevado à condição de Freguesia.

Chegamos, finalmente, a 1854, com a realização do sonho de alguns antigos povoadores de não mais ficarmos na dependência de Barbacena, Rio Pomba, São João Nepomuceno ou Mar de Espanha, as anteriores sedes administrativas a que se subordinou o arraial e distrito. Em abril de 1854, foi promulgada a Lei e, em janeiro de 1855, era instalada a Câmara Municipal da Vila Leopoldina.

Analisando-se o panorama da região na época, Leopoldina foi instalada em tempo muito curto. O que, aliás, justifica a ausência de prédios em condições de abrigar os serviços que passaram a existir. Cidades vizinhas levaram muito mais do que os nove meses que os moradores de Leopoldina gastaram para adequar-se à recepção dos órgãos municipais. Por outro lado, este teria sido o momento da abertura dos primeiros logradouros públicos da cidade. Referências esparsas, ainda sem o cuidado de identificar adequadamente cada rua, dão conta de que a rua Direita havia sido alargada para os 30 palmos de largura, conforme determinação das Posturas Municipais implantadas logo após a instalação da Câmara Municipal.

Uma curiosidade: historicamente, sabe-se que quase todas as povoações portuguesas começavam com uma rua a que denominavam Direita e que servia de acesso aos arraiais recém-formados. Como exemplos no Brasil, temos, em São Paulo, a rua Direita, que dava acesso à igreja de Santo Antônio e, no Rio de Janeiro, a que ligava o morro do Castelo ao morro de São Bento. Por similitude com os hábitos coloniais, podemos considerar que a rua Direita, em Leopoldina, foi a primeira a ser aberta para trânsito público e ligava a Casa do Cura à Igreja de São Sebastião.

É certo que, até 1879, ela ainda se chamava rua Direita e, em 1880, já havia recebido a denominação de rua Primeiro de Março, conforme documentos da Câmara Municipal de Leopoldina repetindo, portanto, a mesma mudança ocorrida no Rio de Janeiro, em 1875, onde a rua Direita recebeu a nova denominação em homenagem à batalha de Aquidabã que pôs fim à Guerra do Paraguai.

Acreditamos, também, que é dessa mesma época a abertura da rua Municipal, hoje rua Cotegipe. Isto porque, segundo se depreende de uma ata de julho de 1879, a ligação entre a rua Direita e a Municipal tinha sido aberta recentemente. Ou seja, seguindo pela atual rua Gabriel de Almeida Magalhães em direção à Cotegipe, existia apenas um caminho que demandava o morro da Matriz. Também não existe dúvida quanto ao fato de que a atual rua Lucas Augusto foi aberta entre as décadas de 50 e 60 dos oitocentos e só no final da década de 70 do mesmo século fez-se a ligação dela com a então rua Municipal.

Ainda sobre estes primeiros logradouros, registre-se que o livro de atas da Câmara, de nº 7, fls. 22v, com a data de 10.02.1880, aponta a

> *"conveniencia de serem numeradas as casas d'esta Cidade, bem como os lampiões; e dar novas denominações as ruas, e para esse fim que seja nomeada hua commissão do seio d'esta Camara que se incumba d'esse trabalho, pedindo-se aos proprietarios para cada um faser a numeração que lhe pertencer".*

Foi aprovada e nomeados para membros da comissão os Vereadores Major Botelho Falcão e Theodoro Carneiro.

Como se depreende desse registro, foi a partir de 1880, meio século depois do início do povoado, que ocorreu, de fato, a denominação oficial dos primeiros logradouros da cidade.

E, é dentro do período que separa os trabalhos da comissão de 1880 das leis votadas por nossos atuais vereadores, que pretendemos desvendar e contar um pouco da história de **Nossas Ruas e Nossa Gente**.

PLANO URBANÍSTICO

Pelo que se observa nos livros de Atas da Câmara de Leopoldina, entre 1876 e 1881, existia uma espécie de lei de uso do solo da cidade (citada nos livros simplesmente como Posturas Municipais) que previa a concessão de terras a quem nelas quisesse edificar, sob certas condições. Assim, as terras da área urbana que pertenciam à municipalidade, não eram vendidas. O requerente pagava apenas o direito de uso então chamado de "commisso" e que corresponderia ao laudêmio, ainda hoje cobrado em diversas cidades brasileiras.

A 17.04.1880, conforme livro 7, fls. 35v, o vereador Chagas Lobato propôs que o Fiscal providenciasse a identificação dos terrenos concedidos a particulares para edificação que não haviam ainda recebido nenhuma construção e que fossem todos intimados a cumprir o acordo de cessão no prazo de seis meses, findo os quais os terrenos poderiam ser concedidos a outros que os requeressem. A proposta foi aprovada e foi decidido que seria publicada por editais.

Entre outras, encontramos referências a tais concessões na rua do Buraco, rua do Rosário, Harmonia, Concórdia e num local que acreditamos ser as Taboquinhas. O que nos leva a concluir que, em toda a cidade, ou melhor, na área pertencente à municipalidade, as primeiras construções urbanas foram feitas em terrenos cedidos, sem direito de posse. E, por semelhança com um processo contra um beneficiado do Arraial do Rio Pardo (Argirita), supomos que o "alvará" fosse renovado a cada três anos.

Observamos, também, que parte dos terrenos da municipalidade seriam oriundos de uma doação feita por João Gualberto Ferreira Brito de sua propriedade na fazenda da Grama, e que vieram se juntar às doações de seu pai, Joaquim Ferreira Brito. Como exemplo de tal situação, citamos o processo de demarcação das terras de Luiz Botelho Falcão e Padre José Maria Solleiro, em 1858, que tinham origem na Fazenda da Cachoeira, de Joaquim Ferreira Brito.

No início do povoamento, ou seja, no surgimento do arraial do Feijão Cru, a localização das moradias se dava através da indicação de vizinhança. Assim, identificamos, pela análise de Mapas de População, do Registro de Terras e de processos judiciais, que a área posteriormente urbanizada era ocupada por:

1. Antoine Urbain Levasseur morava em uma chácara que divisava com a fazenda Desengano;

2. Antônio Bernardino Machado, filho do pioneiro Bernardino José Machado, era vizinho da fazenda Cachoeira;
3. Antônio de Almeida Ramos, filho do pioneiro Manoel Antônio de Almeida, morava na fazenda Feijão Cru pequeno;
4. Antônio Ferreira Pinheiro, sapateiro, vivia em uma propriedade no córrego Santa Bárbara, que não conseguimos ainda identificar;
5. Antônio Rodrigues Gomes, genro do pioneiro Manoel Antônio de Almeida, em 1862, morava na fazenda Boa Vista nos arredores da área urbana;
6. Bernardino José Machado formou a fazenda da Onça;
7. Domingos Dias Tostes formou a fazenda da Barra nos arredores da área urbana e divisava com a Cachoeira e a do Feijão Cru Pequeno;
8. Francisco Bernardino Machado ou de Almeida, filho do pioneiro Bernardino José Machado, formou fazenda no local conhecido como Circuito, nas imediações do Limoeiro;
9. Inácio Ferreira de Lacerda Brito (padre) foi provavelmente o primeiro ocupante do terreno doado por Joaquim Ferreira Brito para a construção da "casa do cura";
10. João Ferreira da Silva, casado com Maria do Carmo Monteiro de Barros, formadores da fazenda Desengano;
11. João Gualberto Ferreira Brito, formador da fazenda Fortaleza, teve residência na área urbana;
12. João Ides de Nazareth Filho, genro do pioneiro Joaquim Ferreira Brito, residia nas proximidades do atual bairro Artur Leão em terras desmembradas da fazenda Cachoeira;
13. João Rodrigues Ferreira Brito, filho do pioneiro Bento Rodrigues Gomes, morava na divisa da fazenda Feijão Cru Pequeno de seu sogro, Manoel Antônio de Almeida;
14. Joaquim Ferreira Brito, doador do patrimônio de São Sebastião, formador da fazenda da Cachoeira;
15. Joaquim Machado Neto, genro do pioneiro Joaquim Ferreira Brito, residiu nas cabeceiras do ribeirão do Bagre, nos arredores da área urbana de Ribeiro Junqueira;
16. José Bernardino Machado, genro do pioneiro Bernardino José Machado, tinha como vizinhos o Limoeiro, a fazenda da Cachoeira e a do Feijão Cru pequeno;
17. José Ferreira de Macedo, filho de Joaquim Ferreira Brito, morava no primeiro quarteirão do Feijão Cru, em 1851;
18. José Joaquim Cordeiro era vizinho da área que veio a se tornar o Arraial dos Montes;
19. Manoel Antônio de Almeida formou a fazenda Feijão Cru pequeno;
20. Manoel Rodrigues da Silva, genro do pioneiro Bernardino José Machado, morava na fazenda Purys).

Como dissemos no início, estes podem ter sido os primeiros moradores do local onde se formou o arraial. Eles receberam novos vizinhos na medida em que a câmara municipal fez a cessão provisória de terrenos para outras edificações. O que ficou bastante claro neste estudo é que não houve venda de terras da municipalidade, mas ocupação por contrato.

LETRA A

ABAÍBA, rua e distrito

(Bairro Centro) – **Rua** - Foi a lei nº 4141, de 24.09.2013, projeto do vereador Alfredo Mendes do Vale, que deu nome a esta via. Começa na rua Nyagara e segue paralela à rua Passatempo, até encontrar a rua Limoeiro, no condomínio residencial Blue Garden Moinho, construído ao lado do Clube do Moinho.

Distrito – O nome do distrito era Santa Isabel. Foi criado pelo decreto nº 241, de 21.11.1890 em território desmembrado do distrito de Conceição da Boa Vista. Em 31.12.1943, pelo decreto-lei nº 1058, passou a se chamar Abaíba.

O nome da rua e do distrito lembra a Fazenda Abaíba, formada por João Evangelista Lobato Galvão, de São Martinho, nascido em Conceição da Boa Vista, em 1860. Na época, Abaíba ainda não existia como distrito e o território pertencia a Conceição da Boa Vista, conforme a Gazeta de Leopoldina, de 01.07.1936, folhas 2, coluna 6. A Fazenda Abaíba se destacou na produção agropecuária e muito contribuiu para a evolução da raça de equinos Mangalarga Marchador.

ABELARDO NUNES DE MORAES, rua

(Bairro Maria Guimarães França) – Foi a lei nº 1143, de 06.08.1976, que denominou essa via. No projeto 30/76, do vereador Joaquim de Castro Meireles, consta o nome correto do homenageado - Abelardo Nunes de Moraes - embora no texto da lei apareça o nome "Alberto". É a via pública localizada no terreno onde foram construídas as casas populares da COHAB-MG. Liga a rua Raphael Ienaco à rua Maria Castanheira.

Nascido no dia 25.12.1886, na fazenda Bom Destino, em Providência, Abelardo era filho de Nemêncio Nunes Ramos e Isabel Nunes de Morais, ambos espanhóis que fizeram parte do primeiro grupo de imigrantes daquela nação que chegaram a Leopoldina em 1882. Irmão de

Anselmo Nunes de Moraes, também homenageado em logradouro. Foi cafeicultor, produtor de açúcar e cachaça, além de se dedicar à agropecuária e à agricultura de subsistência. Dedicou-se também à homeopatia, doando medicamentos para as pessoas carentes. Casou-se com Cristina Coelho da Silva. Faleceu no dia 28.03.1974. Vale registrar que na lápide do túmulo consta que nasceu em 1889, mas o batismo não deixa dúvida de que nasceu em 1886.

ABÍLIO JERÔNIMO, escadaria

(Bairro Alto do Cemitério) – O nome dessa rua surgiu com a lei nº 1987, de 04.08.1988, projeto 47/88 do vereador Darcy Luiz Vasconcelos de Resende. Liga a rua Fajardo, na altura do nº 442, à rua Manoel Januário, no bairro Santa Cruz, nas proximidades do trevo da BR 116.

Abílio era filho de Albino Gregório Jerônimo e Jovelina Teodora de Souza, que se casaram a 07.02.1914 em Leopoldina, sendo ele filho de Gregório Jerônimo e Antônia Maria, e ela filha de Ventura Teodoro de Souza e Ernestina Magdalena. Abílio era irmão de Sebastião Jerônimo casado comNicoleta Francisca, Odília e Joana.

Segundo seu filho Jairo da Cruz Jerônimo, Abílio foi pai também de Jorge, Janice, Jaime e Maria Aparecida. Foi funcionário do DNER - Departamento Nacional de Estradas de Rodagem e durante muito tempo manteve e dirigiu o time de futebol amador Santa Cruz. Residiu nas imediações da escadaria que recebeu seu nome.

ACÁCIAS, rua das

(Bairro Vale do Sol) – É a lei nº 3311, de 19.05.2000, projeto 98/2000 do vereador Otávio Antunes Xavier, que informa ser uma indicação dos próprios moradores da rua. Tem início na rua Poeta Augusto dos Anjos e finda na rua Serginho do Rock.

ACÁCIO SERPA, rua

(Bairro Centro) – O nome dessa via surgiu com a lei nº 603, de 02.03.1967. Começa na rua Coronel Olivier Fajardo e termina na praça José Pires, no início do bairro Bela Vista, junto ao viaduto da rodovia BR-116, Rio-Bahia. É parte do antigo leito da estrada de ferro. No início da rua Acácio Serpa, conforme placa alusiva ali afixada, está a praça da Integração "Afonso Rodrigues da Silva".

Acácio nasceu a 30 de abril de 1892, filho de Pedro Luiz de Souza Serpa e Balbina de Araújo. Casou-se com Maria do Carmo Machado, filha de Carlos José Machado e Maria da

Conceição de Miranda Lima, sendo neto materno de José Aires Monteiro de Miranda Lima e Amelie Josephine de Saint'Amand Lefebvre. Acácio foi empresário e comerciante no ramo de automóveis, numa sociedade que detinha a representação da marca Ford e possuía uma grande oficina na rua José Peres. Faleceu em Leopoldina a 6 de fevereiro de 1967, deixando 6 filhos: Abigail, Walter, Elma, Pedro, Graciema e Izaura.

ADAUTO NETTO, rua

(Bairro Jardim Bandeirantes) – É a lei nº 1303, de 06.10.1978, projeto 70/78 do vereador Antônio Carlos Ferreira de Almeida, que deu nome a essa via. Ela começa na rua João Malaquias e finda na rua Otto Lacerda França. Na planta cadastral básica da prefeitura e no mapa publicado em 2000, esta rua aparece erradamente com o nome de Antônio Neto.

Adauto era ruralista destacado e pessoa muito respeitada. Embora o projeto 70/78, do vereador Antônio Carlos Ferreira de Almeida, não tenha identificado o homenageado, é possível que se refira a Adauto Neto Figueira da Costa, nascido a 02 de junho de 1913 em Leopoldina, onde faleceu a 23 de julho de 1971. Filho de Tobias Figueira da Costa e Mariana Vargas Neto, casou-se com Mariana de Oliveira, que mais tarde passou a ser referida como Mariana de Oliveira Neto e assim denomina rua no bairro Eldorado.

ADÁVIO PIRES DE ALMEIDA, rua

(Bairro Bela Vista) – A lei nº 2065, de 07.04.1989, alterada pela lei nº 2331, de 27.08.1991, projeto nº 24/89 do vereador José Geraldo de Almeida Machado, nomeia esse logradouro que começa na rua Roberto Vizani Yung e termina na rua Antônio Oliveira Vale (Mutinho), no início do bairro Jardim Bela Vista.

Adávio dirigia um escritório de contabilidade e participou da vida política da cidade como vereador, em 1966, e candidato a prefeito no pleito seguinte. Era filho de Oscar Alves de Almeida e Rozalina Oliveira Pires, sendo neto paterno de Emília Alves e Olímpio Almeida Ramos, sendo este descendente dos povoadores Manoel Antônio de Almeida e Antônio Rodrigues Gomes. Casado com Maria da Luz do Vale, filha de João Rodrigues da Silva Vale e Odilia Dutra. Faleceu a 16 de outubro de 1988, tendo deixado os filhos Ângela, Rosa e Hélio.

AFONSO RODRIGUES DA SILVA, praça da integração

(Bairro Centro) – Foi a lei nº 4757, de 21.08.2023, projeto 50/2023 do vereador Gilmar Pimentel de Oliveira, que deu nome a essa praça. Ela está localizada no início da rua Acácio Serpa, no local conhecido como rua do Camelô, nas proximidades da agência do Banco Sicredi, a partir da esquina da rua Olivier Fajardo, conforme placa alusiva à sua inauguração.

Afonso Rodrigues da Silva nasceu a 29.10.1915, na cidade de Rodeiro, MG, filho de Pedro José Rodrigues e Maria Joaquina. Casou-se em Laranjal, em 1944, com Myria de Freitas Furtado, com quem teve oito filhos: Maria Amélia, Maria Lúcia, Clara Márcia, Afonso Filho, Marco Antônio, Pedro José, Sylvia e Ricardo. Myria era filha de Cornélio Furtado e Amélia de Freitas. Cornélio, em segundas núpcias, casou-se com Maria Aparecida Silva Furtado, conforme escritura de nascimento de seu filho Thadeu Silva Furtado. Em 1948, Afonso mudou-se para Leopoldina, onde adquiriu o Hotel Avenida, na avenida Getúlio Vargas. Tempos depois, ele se desfez desse hotel e construiu a churrascaria A Camponesa e o Hotel Alvorada. Faleceu a 05.01.2009, em Juiz de Fora, e foi sepultado em Cataguases.

AFONSO TEIXEIRA DE MATOS, rua

(Bairro Popular) – Lei nº 3339, de 19.12.2000, projeto 126/2000 do vereador Nélson Vieira Filho. Começa na rua Doutor José Mello de Lima Júnior, passa pela praça Antônia Benta e finda no encontro com a rua Pedro Teodoro Batista.

Afonso era motorista do DNER, nasceu em São Domingos, no município de Santo Antônio do Aventureiro, a 17.10.1923, e foi casado com Cecília Gonçalves de Matos. Faleceu em 27.08.1997. Seu filho Paulo Afonso Gonçalves de Matos é, também, nome de rua da cidade.

AGNELLO CORRÊA DO BEM, avenida

(Bairro Imperador) – A lei nº 3180, de 19.10.1999, projeto 51/99 da vereadora Iolanda Cangussú André, informa que o logradouro liga a av. dos Expedicionários à praça da Liberdade, nas proximidades da reserva florestal do bairro Imperador.

Agnello nasceu a 10.09.1910, em Laranjal, na fazenda da Lajinha. Filho de Manoel Ignacio do Bem e Maria Corrêa da Rocha. Era neto paterno e materno de antigos moradores do Feijão Cru e/ou Conceição da Boa Vista. Seu pai se estabeleceu na margem esquerda do Pomba, em terras atualmente pertencentes a Laranjal. Sua mãe descendia de família que

"colonizou/urbanizou" o atual distrito de Angaturama, que fica em frente a Laranjal, na margem direita do Pomba. Agnello casou-se com Aparecida Silva do Bem, em 17.07.1935, e teve sete filhos: Moacir (falecido), Jacy, Dejair, Itair, Ithamar, Iracy e Ivan Silva do Bem. Ele era ruralista e, em 1954, adquiriu o Sítio São José, nas Três Cruzes, onde morou. Agnello faleceu em Leopoldina, a 10.07.1986. Seu filho, Jacy, é nome de rua no bairro das Três Cruzes.

AGOSTINHO MENEGHITTI, beco

(Bairro Quinta Residência) – A lei nº 2367, de 13.11.1991, projeto 76/91, de 23.10.1991, do vereador Sebastião José da Silva, denomina Agostinho Meneghitti o primeiro beco à esquerda na rua Nossa Senhora Aparecida, em frente à rua Luiz Torres de Barcelos. Ele começa na rua N. S. Aparecida e finda no beco Antônio Meneghite, nas proximidades dos fundos da Escola Omar Resende Peres. Registre-se que até o final das pesquisas não se localizou nenhum documento relativo ao nome do beco Antônio Meneghite.

Agostino Meneghetti nasceu na Itália, em Campolongo Maggiore, na província de Venezia, região do Veneto, filho de Luigi Meneghetti e Maria Verona. Casou-se com Camila Stefani (ou Carmelita Esteves). Faleceu em Leopoldina em 08.12.1961. Era lavrador. Fez parte do grupo de compradores do terreno para construção da Capela de Santo Antônio de Pádua, a Igrejinha da Onça.

Ver família em Santo Meneghetti.

AGOSTINHO SILVINO TEIXEIRA DE REZENDE, rua

(Bairro Três Cruzes) – A lei nº 3145, de 23.04.1999, projeto 13/99 do vereador Otávio Arantes Xavier, registra que esse logradouro começa nas proximidades da praça Antônio Ferreira de Almeida e termina na rua Manoel Antônio de Almeida. A lei que dá nome a essa via pública diz ser ela a antiga rua "L", do bairro São José.

Agostinho Silvino era natural de Santo Antônio do Aventureiro, filho de José Teixeira de Rezende e Maria Furtado de Almeida. Era casado com Emília Constança de Resende, também nome de rua no bairro das Três Cruzes, com quem teve sete filhos.

AGRIPINA EDUARDO DA COSTA SILVA, escadaria

(Bairro Vila Miralda) – A lei nº 2956, de 06.08.1997, projeto 38/97 do vereador Edvaldo Franquido Donato do Vale, explica que está localizada no final das ruas Cândido Veloso e Nicolau José Laluna, nas proximidades da rua Gerônimo da Silva.

Agripina nasceu a 15.05.1948, em Cataguases. Era casada com João Cândido da Silva que, durante muitos anos, trabalhou na carpintaria da prefeitura. Faleceu a 18.10.1988.

ÁGUAS, rua das

(Bairro Fortaleza) – Foi a lei nº 4177, de 22.04.2014, projeto 08/2014 do vereador Diego de Freitas Pereira, que informou que essa rua tem seu início à esquerda da BR 116, no sentido de que segue para Laranjal (MG) e vai findar no entroncamento da rua Joaracy Moura de Mendonça.

ÁGUIDA BATISTA AFONSO, beco

(Bairro Quinta Residência) – Foi a lei nº 3643, de 19.05.2005, projeto 16/2005 do vereador Roque Macário B. Schettino, que denominou esse beco. Ele começa na parte alta da av. Jehú Faria, nas proximidades da oficina do Sr. Cláudio Costa Montes, e segue até a residência do sr. José Cristiano Filho.

Águida nasceu a 05.02.1902, filha de João Batista Afonso e Leonor Teixeira Afonso. Foi casada com Joel Romualdo Monteiro, sitiante, que a abandonou com seis filhos: Aires Monteiro (artista plástico), Neuzita, Joel, Elza, Alan (falecido) e Leonor. Foi parteira. Ajudou e foi ajudada por algumas pessoas. Lutou para criar os filhos. Foi proprietária de um pequeno sítio que vendeu para comprar uma casa. Faleceu a 04.12.1979.

ALAN KARDEC, rua

(Bairro Quinta Residência) – Foram as leis nº 1091, de 08.10.1975 e nº 1096, de 10.10.1975, projeto do vereador Roberto Vizani Yung, que denominou essa rua. Liga a praça João Bella à BR-116, nas proximidades das entradas para os bairros Eldorado e Vale do Sol. Informam essas leis que essa via foi assim denominada como forma de "gratidão eterna da família espírita de Leopoldina" ao professor francês Denizard Hipolyte-Léon Rivail, que adotou o nome Allan (com dois eles) Kardec nos trabalhos relativos à codificação espírita,

para evitar que sua notoriedade de educador na França e Suíça interferissem em obra de natureza tão diversa.

O professor Denizard nasceu em Lion, França, e dedicou os últimos anos de sua vida à organização do edifício doutrinário do Espiritismo. Fundou, em 01.04.1858, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, a primeira regularmente constituída na França. Escreveu vários livros sobre espiritismo. Faleceu em Paris, a 31.03.1869, com 65 anos.

ALBERTO MIRANDA, rua

(Distrito de Piacatuba) – Foi a lei nº 2787, de 22.11.1995, projeto 109/95, do vereador Antônio Amâncio Valentim, que nomeou a rua que, partindo da igreja do Rosário, segue paralela à rua João Alfredo de Carvalho em direção ao distrito de Tebas.

Alberto era natural de Piacatuba. Nasceu por volta de 1892, filho de Teófilo José de Miranda, Alferes da Guarda Nacional em 1897, e de Ana Alves de Miranda, filha de Elias Alves Ferreira e Leopoldina Apolônia Pinto. Alberto era casado com Maria Rocha, filha de Pacífico Antônio da Rocha e Maria Baldoína Cristina de Oliveira, de tradicionais famílias de Piacatuba, onde Alberto faleceu, em 04.08.1980.

ALBERTO TEODORO DE ALMEIDA, praça

(Bairro Popular) – A lei nº 4271, de 17.09.2015, projeto 51/2015 do vereador Diego de Freitas Pereira, deu denominação dessa praça, localizada entre as ruas Ângela Lopes de Almeida, Derneval Vargas, Erasto Antunes de Oliveira e Francisco Luiz Pereira.

Alberto Teodoro nasceu por volta de 1926, em Piacatuba. Era filho de Antônio Romualdo de Almeida e Maria Antônia de Oliveira e foi casado com Maria de Lourdes Romão, com quem teve cinco filhos. Descendia dos antigos moradores do Feijão Cru: Manoel Antônio de Almeida, Vital Antônio de Oliveira, Bernardino José Machado e Ezequiel Antônio de Almeida e Gama. Foi ruralista na Fazenda das Posses.

ALCEU JUNQUEIRA FERRAZ, rua

(Bairro Bela Vista) – Foi a lei nº 884, de 15.05.1973, que deu nome a essa via. Pelo mapa de 2024, é a via pública que tem seu início na av. dos Expedicionários e finda no encontro das ruas Oldemar Montenari e José Aragon Pinheiro. A lei acima, equivocadamente, informa que ela seria a rua "W" e faria a ligação da rua Manoel Monteiro à rua Ismail Ávila. Ocorre que o

mesmo mapa informa que a ligação entre essas duas ruas é feita pela rua "I". Além disso, a rua Ismail Ávila é de 05.12.73, posterior à criação da rua Alceu J. Ferraz.

Alceu era filho de Salviano Dias Ferraz e Maria José Junqueira. Nasceu em Passa Quatro (MG). Casou-se com Guilhermina Tomé Junqueira, filha de Tomé Junqueira e D. Iria. Residiu em sua fazenda Passa Tempo, em Abaíba, e posteriormente na Praça Félix Martins. Alceu era pai de Salviano Junqueira Ferraz casado com Maria Luiza Monteiro Junqueira, pais do atual prefeito Pedro Augusto.

ALCIDES PIMENTEL, loteamento

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – Foi a lei nº 3322, de 29.11.2000, e o projeto nº 111/2000 do vereador Antônio Carlos Martins Pimentel que nominaram esse logradouro. Informam a localização dele entre as ruas Artur Bertolino Cerqueira e Alonso Nogueira. No projeto e na lei, consta ser um loteamento entre duas ruas. No mapa do IBGE de 1999 e no Google Maps, não existe rua nesse loteamento.

Alcides nasceu no distrito de Ribeiro Junqueira, em 1915. Era casado com Maria Rodrigues Pimentel, com quem teve sete filhos: Pedro Magno, Sebastião, Maria Aparecida Pimentel Lacerda, Hélio, José, Nélio e Maria Madalena Pimentel Freitas. Consta que cedeu água de sua propriedade rural para abastecer boa parte da população do distrito.

ALEIXO BARBOSA MARTINS, escadaria

(Bairro Quinta Residência) – A lei nº 1980, de 09.06.1988, projeto 36/88 do vereador Darcy Luiz Vasconcelos Resende, informa que se localiza na rua Alan Kardec e é um dos acessos ao morro do Sossego. Informações orais de moradores do lugar indicam que essa escadaria parte do início da rua Rita Gina Barbosa, na rua Alan Kardec, e é um dos acessos ao morro do Sossego, que fica entre os bairros Eldorado e Quinta Residência.

Aleixo nasceu em Leopoldina, em 24.11.1916, e aqui faleceu, em 27.07.1978. Por muito tempo, residiu no bairro Quinta Residência. Deixou seis filhos: Ana, Sônia Maria, Sebastião, José, Walter e Paulo Sérgio Barbosa Pereira.

ALEX COELHO DE SOUZA, rua

(Bairro Jardim Caiçaras) – A lei nº 4079, de 13.12.2012, projeto 78/2012 do vereador Waldair Barbosa da Costa, deu esse nome para a rua, que contorna as ruas João Bonin, José Expedito de Oliveira e Otaviano Marinato Neto.

Alex nasceu a 24.02.1982, em Cisneiros, Palma (MG), filho de Geraldo de Souza e Maria dos Anjos Coelho. Formou-se técnico em contabilidade e trabalhou nessa área por algum tempo. Admirador da profissão do pai, tornou-se caminhoneiro. Faleceu em 03.10.2004, em Barra do Piraí (RJ), vítima de acidente de trânsito.

ALEXANDRE SALIM RÉCHE, rua

(Bairro Imperador) – Foi a lei nº 3187, de 19.10.1999, projeto 59/99 da vereadora Iolanda Cangussú André, que indicou o nome para o logradouro, que começa na rua Renato Monteiro Junqueira e termina na av. Agnello Corrêa do Bem, nas proximidades da praça da Liberdade e da reserva florestal do bairro.

Alexandre Salim Reche nasceu em 16.01.1915 e faleceu em 09.12.1993. Era filho dos sírios Salim João Rachid e Helena Shabe. Neto paterno de João José Rachid e Joana Antônio. Casou-se com Maria Assunção de Castro, com quem teve quatro filhos: Helena Maria casada com José Carlos Rodriguez Cerqueira; Sônia Regina casada com Antônio Carlos Lima Iennaco; José Anderson casado com Maria Inez Alvim; e Alexandre Antônio casado com Jane Ladeira Werneck. Foi representante comercial do Laticínios Barbosa e Marques (queijo Regina), de Carangola. Foi comerciante e trabalhou na antiga Transportadora Comissário Barbosa. Residiu em Providência e, após seu casamento, veio para Leopoldina.

ALFREDO MARTINS DE SOUZA, beco

(Bairro Quinta Residência) – A lei nº 1990, de 04.08.1988, projeto 50/88 do vereador Vicente Tomaz Schettino, dá nome ao logradouro, que começa na rua Antônio Fernandes Valentim, em frente ao nº 460, e segue na direção da av. Jehu Faria.

Alfredo Martins de Souza era filho do português Antônio Martins e da brasileira Nila Soares de Souza, nascida em Barra do Piraí (RJ). Os pais e avós maternos de Alfredo faleceram em Ribeiro Junqueira. Ele era neto paterno dos portugueses Antônio Martins e Luzia Maria Gonçalves. Foi casado com Maria Faria de Souza, com quem teve 14 filhos. Residiu por muito tempo no logradouro que recebe seu nome.

ALICE RODRIGUES VALENTIM, rua

(Bairro Jardim Bela Vista) – A lei nº 3300, de 12.09.2000, projeto 86/2000 do vereador Nélson Vieira Filho, deu nome a essa via. No mapa de 2024, consta que ela tem seu início nas proximidades da Escola Judith Lintz Guedes Machado, na av. Jésus Moreira de Souza, e segue até a av. Waldir Delfim de Andrade. A lei que a denominou, talvez por ser anterior à denominação de duas avenidas do bairro, registra equivocadamente como sendo a antiga rua 08, com início na av. dos Expedicionários e fim na rua Anderson Pereira Bella.

Alice Rodrigues, natural de Sereno, nasceu por volta de 1914 e faleceu em 01.08.1997, em Leopoldina. Era filha de Mariana Rodrigues e se casou com Otto Valentim. Foi mãe, dentre outros, do ex-vereador Wilson José Valentim, também homenageado com nome de rua da cidade.

Ver Antônio Fernandes Valentim, Wilson Valentim e Valentim, Vila.

ALINE MONTEIRO GOMES, rua

(Bairro Vale do Sol) – A lei nº 3391, de 26.12.2001, projeto 64/2001 do vereador Cabo Lúcio, denomina a via pública que tem seu início na rua Feliciana da Costa Aguiar e termina na rua José Pinto da Silva. É uma paralela à rua Petrina Gomes Machado.

Aline era filha do português José Gonçalves Gomes, que mudou o nome do Hotel da Estação para Hotel Gomes, em 1927. A mãe dela era Francisca Umbelina Monteiro Lobo, filha de Marcos Monteiro da Silva e Maria da Conceição Lobo. Neta paterna de João Ferreira da Silva e Maria do Carmo Monteiro de Barros, casal que formou a fazenda Desengano. Tia Aline, como era conhecida, mantinha o Jardim de Infância Lar da Tia Aline, na rua Custódio Junqueira, nº 77.

ALÍPIO ASSUNÇÃO, praça

(Bairro Alto dos Pirineus) – É a lei nº 571, de 30.07.1965, que dá nome a esse logradouro, dizendo passar a denominar-se "Alípio Assunção, a praça existente no alto dos Pirineus, onde se acha instalado um chafariz." É a praça principal do bairro.

Alípio era calceteiro da prefeitura. Segundo José Dário Sodré, em entrevista para Margareth Cordeiro Franklin (2012, p.73), Alípio foi Presidente do Clube Cutubas. E Albino Montes (2010, p.72) informa que tocava baixo-tuba no grupo de músicos do Cutubas.

ALOÍSIO SOARES FAJARDO, rua

(Bairro Nova Leopoldina) – A lei nº 2551, de 19.10.1993, projeto 76/193 do vereador Nélson Vieira Filho, informa que essa via está no limite desse bairro com o Bela Vista. Ela começa na rua Dr. Eneas Lacerda França e termina na rua Sílvio Vitói. É paralela à rua Dom Gerardo Ferreira Reis, no mesmo bairro, e à rua Ismail Ávila, no bairro Bela Vista.

Nascido no dia 25.08.1921, em Leopoldina, era filho de Joaquim Honório Fajardo e Maria da Assunção Soares. Seus avós paternos, Joaquim Fajardo de Melo Campos e Guilhermina Balbina, pertenciam a tradicionais famílias de Piacatuba. Seus avós maternos foram Antenor de Souza Soares e Rosa Amália. Casou-se, em Muriaé, com Maria Assunção, com quem teve cinco filhos: José Antônio, Iran, Maria de Fátima, Aloísio e Arapuan. Era bancário e colaborador frequente da Gazeta de Leopoldina. Idealizou e fundou, junto com Oldemar Montenari, a Sopa da Fraternidade, no Centro Espírita Amor ao Próximo. Faleceu em Juiz de Fora, em 05.06.1990, e foi sepultado em Leopoldina.

ALONSO NOGUEIRA, rua

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – Foi a lei nº 164, de 05.11.1951, que denominou essa rua, sem identificar o homenageado. Essa via tem início na rua Viriato Pinto e segue para a comunidade das Palmeiras. A mesma lei nº 164, transcrita com data de 09.11.1951, informa que a rua Alonso Nogueira é a que parte da rua Félix José e segue para a fazenda das Palmeiras.

Concluímos tratar-se de Alonso José Nogueira em virtude de ter sido pessoa de destaque em Ribeiro Junqueira, distrito pelo qual seu filho Tomé Nogueira foi vereador, e por ter falecido no ano em que o logradouro recebeu seu nome.

Alonso José Nogueira nasceu em Aiuruoca (MG) e faleceu em Aparecida do Norte (SP), a 08.08.1951. Era filho de Antônio José Nogueira e Januária Carlota do Patrocínio. Antônio José faleceu em Leopoldina a 16.07.1879 e em seu inventário são citados pés de café em terreno de Marciano Lopes Guimarães, que, por sua vez, ficou com terras da Desengano, em pagamento de dívidas da família Monteiro de Barros

ALONSO NOGUEIRA, rua

(Bairro Dr. Joaquim Furtado Pinto) – Esta lei nº 1753, de 09.08.1985, e o projeto 37/85 do vereador Darcy Luiz Vasconcelos Resende, nomearam a via que tem seu início na av. Tancredo Neves e finda na rua Wilson José Valentim.

Popularmente conhecido como "Tomé Nogueira", o nome completo do homenageado era Alonso Tavares Nogueira Filho, conforme verbete próprio a seguir.

ALONSO TAVARES NOGUEIRA FILHO, BAIRRO

A denominação oficial do loteamento surgiu com a lei nº 2605, de 14.04.1994, que a ele se referia como Tomé Nogueira, no bairro São Sebastião. Um arruamento que se desenvolveu no lado direito de quem segue para a estação de Vista Alegre, pelo antigo leito da estrada de ferro. Pela lei nº 4132, de 05.09.2013, projeto 55/2013 do vereador Ivan Martins Nogueira, essa lei nº 2605 foi revogada e o loteamento passou a denominar-se Alonso Tavares Nogueira Filho, vereador, embora ainda seja mais conhecido como Tomé Nogueira.

Alonso Tavares Nogueira Filho nasceu a 30.09.1894 e faleceu a 26.05.1977. Diferentemente do que é habitual quando se usa o complemento "Filho", seu nome não era exatamente igual ao do pai, o qual assinava Alonso José Nogueira Filho. Sua mãe foi Adelaide Tavares de Lacerda. Seus avós paternos foram Antônio José Nogueira e Januária Carlota do Patrocínio, casal que, em 1873, tornara-se proprietário de uma divisão do antigo Sítio da Serra, ou Santana da Serra, a eles vendido por herdeiro de Justino de Azevedo Ramos, falecido no ano anterior.

O sobrenome Tavares do homenageado veio de seu avô materno, José Tavares Pinheiro, natural de Valença, RJ, e de Guilhermina Rosa Delfim; portanto, descendente também dos Lacerda, Souza e Werneck de Bom Jardim de Minas e de Miguel Pereira, RJ.

Alonso casou-se no distrito de Ribeiro Junqueira, a 14.12.1926, com Marieta Poyares, filha de Marcos Luiz Teles Poyares e Alexandrina Guilhermina Nogueira, casal que teve quinhão no mesmo Sítio Santana da Serra, sendo Alexandrina filha dos citados Antônio José e Januária Carlota.

O homenageado foi agropecuarista e vereador por seu distrito natal e tornou-se conhecido como Tomé Nogueira.

.

ALTEMIRO RODRIGUES, rua

(Bairro Vila Miralda) – A lei nº 1202, de 05.08.1977, projeto 37/77 do vereador José Américo dos Santos Lima, afirma que a via "forma a artéria principal da Vila Miralda". Tem seu início na av. Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e finda na confluência das ruas Gerônimo da Silva e Cândido Veloso.

Altemiro Augusto Rodrigues nasceu em 03.02.1899, filho de Paulino Augusto Rodrigues, também nome de rua na cidade, e de Umbelina Cândida Rodrigues. Casou-se com Tereza Mendonça Rodrigues (Zizi), nascida em 25.05.1909 e falecida em 04.05.1985, com quem teve nove filhos: Gelson, Heleno, Haroldo, Gilson, Miralda, Gilberto, Altemiro, Celso e Marilda. O homenageado faleceu em 27.09.1975 e, segundo consta, teria construído as 28 primeiras casas da vila que homenageia a sua filha Miralda.

ALTO DA BOA VISTA, Bairro

Foi criado pela lei nº 4424, de 11.07.2018. É o bairro que fica depois do bairro Imperador. Seu acesso é a partir da rua José Marazzi, no bairro Imperador.

ALTO DA DISTRIBUIDORA, rua

(Distrito de Abaíba) – Ainda não se localizou lei ou projeto que se refiram a esta rua. O que se tem é que ela começa na parte alta da rua Marechal Floriano Peixoto e vai até as proximidades da Capela de Santa Izabel, construída em 1908, conforme inscrição em sua fachada. O logradouro está registrado no sistema on-line Open Street Map.

Alto da Distribuidora é a designação popular dada ao local a partir de onde era distribuída a energia elétrica para as edificações do distrito. Nesse alto ficava, também, o reservatório de água potável.

ALTO DA VENTANIA, bairro e praça

Bairro - Surgiu às margens do antigo leito da Rio-Bahia, desenvolveu-se com a instalação da residência do DER-MG e se transformou num bairro bastante populoso. Hoje, conta com boas construções e pontos de comércio.

(Antigo Logradouro) - A praça que recebia designação "Ventania", hoje, é conhecida como praça João Bella. A mais antiga citação ao nome encontra-se na lei 341, de 26.10.1959.

O nome Ventania é de fácil compreensão, se considerado o fato de que o local é uma passagem alta e estreita entre dois morros a canalizar o vento.

ALTO DO CEMITÉRIO, bairro

O bairro Alto do Cemitério é a parte da cidade que engloba os logradouros que ficam nas proximidades do atual campo santo, na saída para Cataguases. Inclui as ruas e praças localizadas no mesmo morro, abaixo do Cemitério.

O nome do Cemitério Nossa Senhora do Carmo surgiu com a lei nº 96, de 18.02.1950. Neste mesmo dia, através da lei nº 97, o largo do Cemitério, que existia em frente ao portão, passou a chamar-se praça São José.

ALTO DOS PIRINEUS, bairro

É a lei nº 571, de 30.07.1963, que trata da oficialização do nome do bairro. No passado mais distante, era citado como sendo o morro da Forca. O Leopoldinense, de 02.06.1895, noticiou que o morro da Forca iria ter um reservatório d'água.

ÁLVARO BASTOS FREIRE, rua

(Bairro Centro) – Foi a lei nº 938, de 17.10.1973, que deu nome a essa rua que começa na praça Professor Ângelo, em frente ao saudoso Grupo Novo e vai até o ribeirão Feijão Cru.

Álvaro Bastos de Faria Freire era filho de Secundino de Matos Freire e de Ana Joaquina de Souza Bastos. Nasceu em Estância, SE, em fevereiro de 1874, e se casou aos 02.09.1908, em Leopoldina, com Januária Nogueira, com quem teve nove filhos. A mulher do Álvaro era filha de Antônio José Nogueira Filho e Altina Josefina Sales, sendo neta paterna de Antônio José Nogueira e Januária Carlota do Patrocínio, ele falecido em Leopoldina em 16 de julho de 1879. Esse casal teve 14 filhos e um deles foi o Alonso José Nogueira, pai do Alonso Tavares Nogueira Filho ou Tomé Nogueira.

ÁLVARO BOTELHO JUNQUEIRA, DOUTOR, rua

(Bairro Fátima) – O nome dessa via surgiu com a lei nº 893, de 15.05.1973. Ela começa na rua Optato Lacerda França e segue paralela à rua Farmacêutico Durval Bastos até a entrada de serviço do Condomínio Edifício do Hotel Minas Tower.

Álvaro nasceu no Rio de Janeiro, em 22.12.1905, e se transferiu ~~se~~ para Leopoldina em 1928. Era genro de Agenor Pinto Ribeiro, que havia sido proprietário da Fazenda Limoeiro, posteriormente adquirida por Álvaro. Além de fazendeiro, Álvaro foi um médico muito conceituado na cidade. Faleceu no Rio de Janeiro, em 26.08.1964.

ÁLVARO CORRÊA DE LIMA, rua

(Distrito de Tebas) – A lei nº 906, de 04.07.1973, dizia que essa rua partia da praça Joaquim Barbosa de Miranda e seguia até a rua Antônio Arruda. Mas essa lei foi alterada pela de nº 2633, de 30.06.1994, projeto 51/94 de autoria do vereador Darcy Luiz Vasconcelos de Resende. Por esse normativo, o percurso foi alterado e a rua Álvaro Corrêa da Lima passou a ser o trecho entre a praça Joaquim Barbosa de Miranda e a rua Henock Fonseca.

Álvaro Lima era filho de Abílio Corrêa de Lima e Maria Inácia Evangelista de Almeida. Seu pai era português e foi comerciante em Tebas, onde faleceu em 1946. Abílio era filho dos portugueses José Corrêa de Lima e Maria Joaquina de Jesus, que não teriam passado ao Brasil. Maria Inácia, mãe de Álvaro, era filha de Honório Evangelista de Almeida e Maria Cândida de Almeida. Em 01.05.1915, Álvaro se casou com Porcina Fonseca, filha de Guilhermino Antônio da Fonseca, que possuía uma casa de comércio na rua do Conselho e outra, menor, na rua dos Voluntários, e tornou-se filho e genro de comerciantes de Tebas. E sua esposa era, ainda, neta do casal Justiniano Antônio da Fonseca e Ana Caetana, também comerciantes.

ÁLVARO DO AMARAL, rua

(Bairro Jardim Bela Vista) – O nome dessa via surgiu com a lei nº 3315, de 30.10.2000, e com o projeto 101/2000 do vereador Nélson Vieira Filho. A rua tem seu início na rua João Meneghite e finda na rua Anderson Pereira Bella.

Álvaro nasceu no dia 05.12.1914, em Pirapetinga (MG), filho de Alfredo Américo do Amaral e Joana Gama, e faleceu em Leopoldina, a 07.04.1981. Foi casado com Marta Mariana Salomão, com quem teve três filhas: Marialva, Joanice e Marilda. Farmacêutico prático com registro no Rio de Janeiro, exerceu a profissão durante 40 anos, a maior parte desse tempo em Leopoldina. Inicialmente trabalhou em Laranjal. Naquela época, atuava eventualmente como obstetra, sempre que havia necessidade.

ALZIRO DE AZEVEDO CARVALHO, Professor, rua

(Bairro Imperador) – A lei nº 3184, de 19.10.1999, projeto 56/99 da vereadora Iolanda Cangussu André, deu nome a essa via, que tem seu início na av. Agnello Corrêa do Bem e termina na rua José Marazzi.

Alziro nasceu em fevereiro de 1910, na Vila de São Miguel (Guaçuí-ES), filho de Manoel Olegário de Carvalho e Rita de Azevedo. Fez o curso primário em Guaçuí e o início do curso ginasial na cidade de Alegre-ES, concluindo-o em Lorena-SP. O curso Comercial foi feito no Ginásio Leopoldinense, a partir de 1926. Em 1930, voltou para o estado natal e retornou definitivamente para Leopoldina no ano seguinte. No Ginásio, exerceu as funções de enfermeiro, chefe de disciplina, professor, vice-diretor e diretor. Casou-se com Anita Iennaco, nascida no dia 01.03.1885, em Maratea, na província de Potenza, região da Basilicata, Itália, filha de Lorenzo Iennaco, também nome de logradouro na cidade. Em 1946, deixou o magistério e logo depois ingressou na política, no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Foi vereador e vice-prefeito. De sua atuação política, são referências as casas populares nos Pirineus, o antigo SAPS (Cobal), a agência do IAPI (depois INPS), a criação do SAMDU e a instalação da residência do DNOS. Em 1962, afastou-se da política para dedicar-se à atividade empresarial. Foi proprietário da Água Mineral Thebana, um dos fundadores da Associação Comercial de Leopoldina (atual ACIL), comerciante varejista e representante da Cia Antárctica Paulista na cidade. Alziro faleceu em Leopoldina aos 86 anos, no dia 16.08.1996.

AMANDA FONSECA, rua

(Bairro Fátima) – Foi a lei nº 3089, de 22.10.1998, projeto 86/98 do vereador Otávio Arantes Xavier, que oficializou o nome dessa via. Subindo a rua Farmacêutico Durval Bastos, a partir da avenida Getúlio Vargas, é a terceira rua à esquerda. É uma rua sem saída, que termina próximo ao Ribeirão Feijão Cru.

Amanda, natural de Tebas, filha de Guilhermino Justiniano Fonseca e Maria Rosalina Guedes da Fonseca. Neta do casal Justiniano Antônio da Fonseca e Ana Caetana. Era casada com seu primo Edmundo Costa, também homenageado em logradouro da cidade. Faleceu em 06.07.1991.

AMÉRICO DE OLIVEIRA ROCHA, beco

(Bairro Alto dos Pirineus) – O beco recebeu esse nome a partir da lei nº 2158, de 13.12.1989, projeto 133/89 do vereador Antônio Rodrigues César. É uma via que, partindo do início da rua Cipriano Pereira Baia, é a primeira à esquerda, sem saída.

Foi comerciante, dono do bar Dois Irmãos, na rua Manoel Januário, e do bar Santo Antônio, no bairro do Rosário. Foi suplente do delegado José Gomes Domingues. Foi, também, proprietário de uma pedreira localizada na Lajinha, período em que foi feito o calçamento da Rua das Flores com material dessa pedreira. Pai de quatro filhos: Vanor, Walter, Wander e Irene de Oliveira Rocha.

AMÉRICO DUTRA MEDINA, rua

(Bairro Fátima) – A partir da lei nº 2246, de 18.10.1990, projeto 79/90 do vereador José Benedito de Oliveira, é que se tem o nome dessa via. Ela parte do final da rua Farmacêutico Durval Bastos e sobe para encontrar a rua Gentil Pacheco de Melo.

Américo Medina nasceu na Graminha, localidade no distrito de Piacatuba, aos 18.05.1913. Faleceu 19.04.1979, em Juiz de Fora. Era filho de Adolfo Dutra Nicácio e Idalina Medina. Casou-se com Lira Pimentel, com quem teve os filhos: Elmo, Mirtes, Maria Lúcia, Selma, Romero, Edevaldo, Everaldo da Luz, Sebastião Carlos e Lucília da Penha. Era calafate. Morou na Chácara Ercília Guimarães.

AMIZADE, praça da

(Bairro Jardim Bela Vista) – A lei nº 4477, de 10.12.2019, projeto 37/2019 do vereador Elvécio de Souza Barbosa, foi a que denominou o logradouro que fica entre as ruas Lourenço Gonçalves Nunes, Aristides Policiano da Silva e Vicente Basile, nas proximidades da Escola Municipal Judith Lintz Guedes Machado.

ANANIAS, beco

(Bairro Fábrica) – Esse beco recebeu o nome de Ananias Serafim com a lei nº 1792, de 08.04.1986, projeto 15/86 do vereador Nelito Barbosa Rodrigues. Posteriormente, com a lei nº 2238, de 13.09.1990, projeto 78/90, do vereador Antônio Amâncio Valentim, o mesmo beco passou a denominar-se apenas "Beco Ananias".

Tem seu início na av. Getúlio Vargas, entre os números 489 e 499, em frente à rua Professora Mercedes Ramos Cerqueira, e finda nos limites dos terrenos do loteamento Chico Bastos.

Ananias nasceu em Leopoldina, no ano de 1885, e faleceu em 1969. Foi lavrador e funcionário da prefeitura municipal. Casou-se com Maria Esméria, com quem teve três filhos, sendo dois vivos por ocasião de sua morte: Lourenço Ananias, viúvo, e Maria de Lourdes, casada com Francisco Barbosa dos Santos.

ANDERSON ALEXANDRE COELHO (Branco), praça

(Bairro Popular) – A lei nº 3867, de 19.12.2008, projeto 89/2008 do vereador Lúcio Fonseca César, propõe denominar a praça existente entre as ruas Gibson Corrêa, Gilda Brito, Erasto Antunes de Oliveira e Orlandina Adolfo de Souza.

Anderson Alexandre, mais conhecido como "Branco", nasceu em Leopoldina, em 08.06.1984, filho de Plínio Coelho de Moura e Maria Luiza Alexandre. Residia na rua João de Almeida Cruz, na Vila Esteves e trabalhava como vendedor. Faleceu em 25.07.2006, vítima de acidente de trânsito.

ANDERSON PEREIRA BELLA, rua

(Bairro Jardim Bela Vista) – A lei nº 3306, de 15.09.2000, projeto 91/2000 de Nélson Vieira Filho, informa que o logradouro tem início na rua Geraldo Alves Ferreira e finda na av. Waldir Delfim de Andrade. No final dessa via, à esquerda, existe uma rua Projetada, cuja continuação seria por terras de uma propriedade rural.

A família Pereira Bella tem sido objeto da atenção dos autores desde os estudos realizados sobre a presença de imigrantes em Leopoldina. As primeiras referências na cidade surgem com o casal Antônio Pereira da Bella e Henriqueta Maria Monteiro da Silva. Antônio era padeiro e, em 1873, já figurava entre os comerciantes da cidade. Era irmão de José Pereira da Bella, nascido em Portugal por volta de 1844, e falecido em Leopoldina, a 10.08.1884. Henriqueta era filha de Francisca Rosa da Conceição e José Maria Monteiro da Silva, sendo neta paterna de Romualdo José Monteiro de Barros e Maria Rosa da Fonseca. O casal teve os seguintes filhos em Leopoldina: Alfredo, nascido a 09.10.1859; Maria, 26.08.1861; Antônio, 09.04.1863; Alfredo Augusto Pereira da Bela, 13.05.1865; José 31.03.1867; e Henriqueta Leonor Pereira da Bella, 12.08.1869. Dos irmãos Antônio e José descendem usuários do

sobrenome Pereira da Bella de Leopoldina e de Muriaé. Provavelmente é o caso de Anderson, que foi funcionário do DNER.

ANESTOR DE ANGELIS, rua

(Distrito de Tebas) – A lei nº 2843, de 20.06.1996, projeto 46/96 do vereador Brenio Coli Rodrigues, propôs a denominação do logradouro que tem início na praça Dr. José Bastos e vai findar na rua Justiniano Fonseca. É uma das laterais da praça Joaquim Barbosa de Miranda.

Anestor nasceu no dia 09.08.1922 e faleceu em 26.11.1994, segundo o filho Alfredo. Era filho dos italianos Otavio de Angelis e Amalia Calzavara, que se casaram em Leopoldina, a 19.10.1907. Ele se casou com Nilva Almada, com quem teve oito filhos: Luiz Otavio, Alfredo, Rogério, Giovani, Marcia, Beatriz, Maria Amália e Valéria. Sempre residiu em Tebas e, em boa parte do tempo, no logradouro ao qual empresta o nome. Por muitos anos, foi Fiscal da Prefeitura Municipal de Leopoldina.

ÂNGELA LOPES DE ALMEIDA, rua

(Bairro Popular) – Foi a lei nº 3338, de 19.12.2000, projeto 125/2000 do vereador Nélson Vieira Filho, que propôs a denominação do logradouro. Ele tem início no bairro Vale do Sol, na rua Serginho do Rock, e finda na rua Francisco Luiz Pereira, ao lado da praça Alberto Teodoro de Almeida, no bairro Popular.

Ângela nasceu em 20.08.1909, filha de Manoel Lopes e Alice da Costa Nogueira. Seus avós paternos eram cearenses. Seus avós maternos, Alípio Ribeiro Macieira e Ângela da Costa, viveram em Sapucaia (RJ). Ângela casou-se com Vanor Martins de Almeida e com ele teve pelo menos os filhos: Mário Heleno (ex-vereador), Marcelo e Moacir. Ângela faleceu em 16.10.1995, em Leopoldina.

ANGELES ECHEVERRIA, Madre, praça

(Bairro Alto do Cemitério) – A denominação desse logradouro, pela lei nº 2631, de 30.06.1994, projeto 49/94, é do vereador Roque Schettino. A praça fica no final da rua Manoel Januário, nas proximidades do trevo da BR-116, de acesso para Cataguases. Na lei que trata da escadaria Abílio Jerônimo, diz da existência, no local, de um bairro denominado Santa Cruz, do qual não se tem outras notícias.

Maria de los Angeles Aristides Echeverria Oyabirde nasceu em Zaldibia, Guipúscoa, Espanha, em 31.08.1914. Filha de José Maria Echeverria e Ramona Oyabirde. Ingressou na Congregação das Filhas de Jesus em 1938. Trabalhou em colégios da Espanha, em Belo Horizonte, Bragança Paulista e Leopoldina. Realizou trabalhos sociais nos bairros Santa Cruz e Limoeiro. Faleceu em Belo Horizonte, na Casa de Enfermas da Congregação, em 14.01.1991.

ÂNGELO COLI, rua

(Bairro Pedro Brito Neto) – Na lei nº 3087, de 22.10.1998, que denominou essa via, consta o sobrenome Coli, com um "L". O projeto 84/98 do vereador Cícero Rodrigues da Silva registra que, na certidão de óbito, consta Colli, com dois. Por outro lado, no registro de nascimento, na Itália, o sobrenome é COLLE. Quanto à localização da rua, é certo que ela tem seu início na rua Newton Barbosa e final na rua José Rodrigues Werneck.

Ângelo nasceu a 11.02.1907, em Cesarolo, *frazione* do *comune* de San Michelle al Tagliamento, província de Venezia, região do Veneto, Itália. Seus pais foram Francesco Colle e Pierina Galasso. Seu pai e seus irmãos Santa, Marcelina e Regina nasceram na mesma *frazione*. Sua mãe nasceu no *comune* de Latisana, provincia de Udine, região Friuli Venezia-Giulia, Itália no dia 29.06.1873. A família instalou-se na Colônia Agrícola da Constança, na Boa Sorte, em 1910. Angelo Colle casou-se com Ana Sangirolami, a 26.04.1930, sendo ela filha dos também italianos Pietro Sangirolami e Paschoa Bonin. Assim como em outros casos, o sobrenome de Ana tem algumas variações em Leopoldina, geralmente começando pela letra "Z". Angelo e Ana Sangirolami tiveram doze filhos. Ele faleceu a 27.10.1985.

ÂNGELO, Professor, praça

(Bairro Centro) – No passado, essa praça era referida como sendo o Largo da Grama. Mas até o fechamento dessa pesquisa, não se localizou documento que registrasse a oficialização do nome do Professor para o logradouro. É certo, no entanto, que as placas assim a identificam e são muitas as citações que falam da sua existência e denominação. Como, por exemplo, a Gazeta de Leste, de 11.10.1890, que informa: "o nono quarteirão abrangia a rua capitão João Gualberto, o largo Professor Ângelo e rua da Boa Vista até encontrar a rua das Flores." Nos dias atuais, ela é conhecida como Praça Professor Ângelo, embora esteja quase toda tomada, desde a década de 1940, pelo Grupo Escolar Professor Botelho Reis, que os saudosistas carinhosamente o chamam "Grupo Novo".

Segundo matéria do O Leopoldinense (31.01.1891 p.1), Ângelo Lopes dos Reis nasceu em 1794, numa Bocaina no Arraial da Boa Vista, em Ouro Preto, MG, e faleceu em Leopoldina, aos 26.01.1891. Era filho de Manoel Lopes dos Reis e Francisca Ignacia de Jesus. Casou-se com Maria Severina de Faria, com quem teve, pelo menos, o filho Aureliano Lopes de Faria.

O inventário de Aureliano esclarece que a ele pertencia, em 1899, a chácara com uma casa em forma de chalet no bairro da Grama que, ao ser hipotecada em 1888, fora descrita como tendo seu pai, Ângelo Lopes dos Reis, entre os confrontantes. Aureliano foi funcionário público, sendo Agente do Correio, em 1874, e Escrivão da Coletoria, em 1885. Ele era casado com Feliciana Eugênia Nogueira, com quem teve os doze netos do Professor Ângelo de que se tem notícia.

O professor Ângelo Lopes dos Reis veio para Leopoldina em 1857, como professor substituto de primeiras Letras. Aos 22.09.1869, foi nomeado professor de "aulas públicas" para o sexo masculino, tendo sido o segundo professor de meninos em Leopoldina. Barroso Júnior diz que era um mestre devotado, que envelheceu instruindo os leopoldinenses. E o Almanaque de 1887 diz ter sido o Professor Ângelo Lopes dos Reis o fundador da capela da Soledade (atual Igreja de São Pedro) e que "exerceu o magistério público por tanto tempo que chegou a ter discípulos [que eram] netos de seus primeiros discípulos."

ANIBAL FARIA REZENDE, rua

(Bairro Alonso Tavares Nogueira Filho) – Foi a lei nº 4106, de 17.05.2013, projeto 26/2013, do vereador Ivan Martins Nogueira, que oficializou o nome dessa rua que começa na Armindo Joaquim Mourão e termina na rua Lourenço dos Santos. Vale registrar que a lei acima diz que essa rua faz parte do "Conjunto Habitacional Verônio Barbosa Rezende, do Bairro Tomé Nogueira", hoje bairro Alonso Tavares Nogueira Filho.

Anibal nasceu em Santo Antônio do Aventureiro (MG), por volta de 1926, filho de Antônio Fernandes de Rezende e Custódia de Faria. Residia no distrito de Ribeiro Junqueira. Casou-se, a 08.12.1959, com Lea, filha de Antônio Francisco do Couto Filho e Odete Oliveira, nascida em Leopoldina, a 10.07.1929. Os avós de Lea eram proprietários rurais nas proximidades da divisa entre Angaturama, Recreio e Ribeiro Junqueira. O casal teve quatro filhos: Nestor, Antônio, Odete e Anileia. Anibal faleceu em Leopoldina, a 17.04.2011, na condição de viúvo.

ANIZIO MEDEIROS FONTES, rua

(Bairro Três Cruzes) – A lei nº 3143, de 23.04.1999, projeto 11/99 do vereador Otávio Arantes Xavier, deu nome a essa via, que começa na praça Emília Constança de Rezende, passa pela praça Antônio Ferreira de Almeida e termina na rua Manoel Turíbio Barbosa.

Anizio nasceu em Conceição da Boa Vista, no atual município de Recreio, MG, por volta do ano de 1913, no dia 01 de julho. Era filho de Manoel de Medeiros Fontes e Leonor Vieira de Medeiros. Segundo sua filha Sebastiana, Anizio casou-se com Maria Rodrigues Ferreira Fontes e com ela teve 10 filhos. Foi produtor rural. Faleceu em 25.04.1984.

ANSELMO NUNES DE MORAES, rua

(Distrito de Providência) – Foi a lei nº 1017, de 08.04.1974, que denominou essa rua. Ela é a via pública que, partindo da praça Carlos Franco, segue na direção do cemitério.

Anselmo Nunes de Moraes era filho dos imigrantes espanhóis Nemêncio Nunes Ramos e Isabel Nunes de Moraes que se estabeleceu na fazenda do Socorro. Casou-se com Maria Antônia Martins. O casal Nemêncio e Isabel foi proprietário de um lote da fazenda Socorro, localizada no distrito de Tebas. Anselmo era irmão de Abelardo Nunes de Moraes, também nome de logradouro do município de Leopoldina.

ANTENOR REIS, rua

(Distrito de Providência) – Através da lei nº 967, de 05.12.1973, projeto 967, de 20.11.1973, do vereador Francisco Mendonça Gama, é que foi dado nome a essa via. Na lei, o homenageado é citado com o nome simplificado, Antenor Reis, como era popularmente conhecido. A rua começa na estrada que liga o distrito à sede municipal e termina na primeira rua perpendicular, a popularmente conhecida como rua do Pavilhão.

Veja verbete seguinte.

ANTENOR RIBEIRO DOS REIS, rua

(Bairro Bela Vista) – Foi a lei nº 888, de 15.05.1973, que denominou essa via que liga as ruas João Teixeira de Moura Guimarães à Oldemar Montenari.

Antenor Ribeiro dos Reis era filho de Antônio Ribeiro dos Reis e Maria Guilhermina de Andrade. Nasceu em São Vicente Ferrer (MG), a 29.06.1894, e faleceu em Leopoldina, a 13.10.1970. Em Leopoldina, residia na Praça Félix Martins, atualmente praça Átila Lacerda da

Cruz Machado. Era irmão de José Ribeiro dos Reis (Zequinha Reis, nome de praça da cidade) e participou de atividades agrícolas e industriais com seus familiares. Foi fazendeiro, proprietário da fazenda Bom Destino, no distrito de Providência, onde também empresta seu nome a um logradouro, como se viu no verbete anterior.

ANTERO FERNANDES, escadaria

(Bairro Alto do Cemitério) – Essa escadaria recebeu o nome pela lei nº 1986, de 04.08.1988, projeto 46/88 do vereador Darcy Luiz Vasconcelos Resende. Liga o final da rua Manoel Januário e a praça Madre Angeles Echeverria, ao final da rua Fajardo, nas proximidades do trevo da BR-116, de acesso a Cataguases.

ANTÔNIA BENTA, praça

(Bairro Popular) – A lei nº 4361, de 20.12.2016 e o projeto 63/2016, do vereador Diego de Freitas Pereira, esclarecem que o logradouro está situado entre as ruas José Mello de Lima Júnior, Afonso Teixeira de Matos e Pedro Teodoro da Silva.

Pelo registro de óbito Antônia Benta, seria italiana nascida por volta de 1907. Faleceu em 24.01.1991, viúva, com filhos. Morava na rua Padre Júlio. Não sabemos qual era o seu sobrenome de família.

ANTÔNIA GARCIA DE CARVALHO, rua

(Bairro Bela Vista) – A lei nº 2797, de 13.12.1995, projeto 113/95, da vereadora Iolanda Cangussu André, denomina o logradouro que começa na rua Manoel Monteiro e termina numa rua Projetada, que liga a rua Ismail Ávila à rua João Teixeira de Moura Guimarães.

Antônia nasceu em Laranjal, por volta de 1901, filha de Francisco José Garcia e Olímpia de Carvalho. Residia na rua Antenor Ribeiro dos Reis, no mesmo bairro. Faleceu em 08.01.1990, em Leopoldina, e foi sepultada em Laranjal.

ANTONICO NETTO, vila

(Bairro Centro) - É a lei nº 950, de 18.091973, projeto de mesmo número do vereador Eloy Rodrigues Neto, que dá denominação à via pública entre as casas de números 121 e 147 da rua das Flores e vai até a margem do ribeirão Feijão Cru.

O projeto não identifica o homenageado.

ANTÔNIO ABRAHÃO CHEDE, DR, rua

(Bairro Bela Vista) – A partir da lei nº 2298, de 22.03.1991, projeto 12/91 do vereador Antônio Amâncio Valentim, é que passou a denominar-se Dr. Antônio Abrahão Chede a via que faz a ligação entre a av. dos Expedicionários e a rua Antenor Ribeiro dos Reis. Ela fica em frente ao Centro Educacional Maria Luiza Junqueira Ferraz. Registre-se que nesse normativo aparecem invertidos os dois primeiros nomes do homenageado (Abrahão Antônio). Registre-se, ainda, que, dezoito anos antes, a Lei nº 944, de 17.10.1973, deu nome de Dr. Antônio Abrahão CHEFE a uma via no bairro Pirineus. Essa Lei nº 944 foi revogada pela Lei nº 1167, de 04.03.1977, que alterou o nome da via, no bairro Pirineus, para rua São Vicente de Paula.

Antônio Abrahão foi advogado adjunto de promotor. A Gazeta de Leopoldina (18.12.1936, fl 1), noticiou que ele "acabara de concluir o curso de Bacharel em Direito".

ANTÔNIO ALVES TAVARES, Major, rua

(Distrito de Tebas) – A lei nº 61, de 27.07.1949, deu nome de Major Antônio Alves Tavares à antiga praça "Vai e Volta". Em 26.04.1995, a lei nº 2722 confirmou que a antiga praça "Vai e Volta" passou a se chamar Major Antônio Alves Tavares. Consta que esse homenageado empresta seu nome à rua que começa na rua Júlio César da Silva, segue paralela a uma das laterais do campo de futebol e termina na rua João Vieira.

Antônio Alves Tavares era casado com Jesuína Maria de Souza e teve com ela dois filhos. Vale registrar que Jesuína, do seu primeiro casamento, com Manoel de Souza Almada, teve 13 filhos. O casal Antônio e Jesuína possuiu imóveis em Argirita e Tebas, um chalé no Largo Visconde do Rio Branco (atual Praça Professor Botelho Reis) e uma casa na rua do Buraco, atual rua das Flores, em Leopoldina, que, em 1896, servia temporariamente de Hospital. Jesuína faleceu em Tebas, a 04.01.1896 e, em 1938, Antônio foi citado como residente em sua fazenda Santa Tereza, em Tebas.

ANTÔNIO ARRUDA, travessa

(Distrito de Tebas) – Foi a lei nº 61, de 27.07.1949, alterada pela lei nº 2722, de 26.04.1993, que deu nome a essa via que liga a rua Justiniano Fonseca à rua Álvaro Correa Lima. Partindo da praça Joaquim José Barbosa de Miranda, pela rua Justiniano Fonseca, é a primeira rua à esquerda. Era conhecida e foi referida nas duas leis como sendo a antiga rua dos Velhacos.

Veja rua dos Velhacos.

ANTÔNIO CARLOS DE ALMEIDA RAMOS, rua

(Bairro São Cristóvão) – A lei nº 1291, de 22.09.1978 e o projeto 57/78, do vereador Adávio Pires de Almeida, informam que dita rua fica no bairro Bela Vista (parte nova), o que é uma referência anterior a 02.08.1979, quando a lei nº 1362 deu nome ao bairro São Cristóvão. Essa rua começa no cruzamento das ruas Doutor Clóvis Salgado Gama e João Paulino Barbosa, no mesmo ponto de início da rua Miguel Gesualdi. Segue na direção da área institucional no final do bairro.

Antônio Carlos era casado com Etelvina de Freitas, que também é nome de logradouro da cidade. Etelvina era tetraneta do casal Antônio de Almeida Ramos e Maria de Oliveira Pedrosa. Antônio Carlos faleceu em Leopoldina, a 01.04.1978.

ANTÔNIO CUSTÓDIO, rua

(Bairro Alto dos Pirineus) – Foi a lei nº 1291, de 22.09.1978, projeto 18/81, do vereador Wilson José Valentim, que denominou esse logradouro, que liga a rua Cândido Ladeira à travessa (rua) São Vicente de Paulo.

Antônio Custódio era calceteiro da prefeitura e residia na rua Marechal Deodoro da Fonseca, junto à ponte sobre o Ribeirão Feijão Cru. Segundo o projeto de lei "contribuiu para os melhoramentos das ruas da nossa cidade, no que diz respeito a calçamento e ajuda geral à Prefeitura Municipal". Segundo reportagem do Leopoldinense online, de 03.01.2025, acessada em 01.02.2025, Antônio Custódio participou da primeira reunião para a criação do Clube Cutubas.

ANTÔNIO DE ALMEIDA RAMOS, rua

(Bairro Praça da Bandeira) – Foi a lei nº 2326, de 27.08.1991, projeto 38/91 do vereador Antônio Amâncio Valentim que denominou essa via. Ela tem seu início na rua Murilo Rodrigues Pinto, ao lado da ponte nela existente e segue pela margem esquerda do curso d'água, mais ou menos paralela à rua Professora Emília Levasseur Rocha.

Sobre o homenageado Antônio de Almeida Ramos, sabemos que nasceu a 11.09.1906, em Recreio, e faleceu em Leopoldina, a 06.02.1984. Era filho de Honório Augusto Almeida Ramos e de Ana Galvão. Casou-se com Isolina Machado Gouvêa, filha de Mariana Custódia

de Moraes e José Vital de Oliveira. Neto paterno de Antônio José de Almeida Ramos e Mariana Inácia de Oliveira, era bisneto paterno de Antônio Prudente de Almeida, casado com Inácia Graciana do Nascimento e de José Carlos de Oliveira, casado com Tereza Maria de Jesus. Seus terceiro-avós pelo ramo paterno foram Francisco Gonçalves Pereira, casado com Ana Teodora de Almeida e Manoel José Franco, casado com Inácia Maria de Oliveira. Entre seus ancestrais da quinta geração, encontram-se Francisco Gonçalves da Costa e Josefa Maria do Espírito Santo, de quem descendem diversos dos antigos moradores do Feijão Cru, bem como o patriarca Antônio de Almeida Ramos e Maria de Oliveira Pedrosa. No mesmo nível de parentesco, Antônio descendia de Manoel José do Bem e da ilhoa Tereza Maria de Jesus, além do casal José de Gouvêa e Teodósia de Oliveira, ambos também ancestrais de antigos moradores do Feijão Cru.

Em resumo, esse homenageado é um dos representantes, em Leopoldina, da descendência mineira dos açorianos que povoaram o centro de Minas nos séculos dezessete e dezoito.

ANTÔNIO DE OLIVEIRA FILHO, rua

(Bairro São Cristóvão) – Foi a lei nº 1318, de 14.12.1978, projeto 80/78, do vereador Adávio Pires de Almeida, que oficializou a denominação desse logradouro que começa na rua Domingos Zambrano, nas proximidades da área institucional do bairro, e termina numa rua projetada, identificada no mapa de 2024 como sendo a rua 32.

Quanto ao homenageado, em razão de não ter sido identificado no projeto e de existirem homônimos, não foi possível registrar os seus dados biográficos.

ANTÔNIO DO COUTO FILHO, rua

(Bairro Maria Guimarães França) – Foi a lei nº 1142, de 06.08.1976, projeto 29/76 do vereador Joaquim de Castro Meireles, que deu a denominação para essa via, a qual se inicia na rua Raphael Ienaco, ao lado da praça Carlos Luz Meneghite, e finda na rua Professora Maria Castanheira, nas proximidades da E. E. Sebastião Silva Coutinho (Polivalente).

ANTÔNIO DO VALE NETO (Mutinho), rua

(Bairro Jardim Bela Vista) – É a lei nº 3296, de 12.09.2000, projeto 79/2000 do vereador Nélson Vieira Filho, que oficializa a denominação do logradouro que tem seu início na rua

Vicente Basile e segue na direção do bairro Bela Vista, até encontrar a rua Adávio Pires de Almeida, naquele bairro. Registre-se que no mapa de 2024 aparece, erradamente, o nome de "Antônio do Vale Neto – Mutinho".

Antônio de Oliveira Vale, o nome correto de Mutinho, nasceu por volta de 1927, em Leopoldina. Filho de Marcelo Dutra do Vale e Ana Antônia (Anita) de Oliveira. Pelo lado materno, era neto de Antônio Justino de Oliveira e Ignácia de Almeida Oliveira. Era pentaneto de Antônio de Almeida Ramos e Maria de Oliveira Pedrosa. Faleceu em 29.03.1997, em acidente de trânsito. Durante muitos anos, foi proprietário de comércio no ramo de bar ou boteco e trabalhou como garçom no restaurante do Clube Leopoldina até aposentar-se.

ANTÔNIO FERNANDES VALENTIM, rua

(Bairro Quinta Residência) – Foi a lei nº 475, de 28.05.1963, que oficializou o nome dessa rua, embora não citando o sobrenome "Fernandes". Os mapas e demais citações referentes à via sempre a ela se referem pelo nome completo do homenageado. Nos dias atuais, a melhor indicação para essa via é que ela faz a ligação da rua Alan Kardec, com o final da av. Jehu Faria, nas proximidades do posto fiscal da Polícia Rodoviária Federal, na lateral da pista do portal da entrada sul da cidade. Para os mais antigos, ainda é popularmente conhecida como "rua do Sapo", talvez pelo fato de que boa parte do seu percurso tenha sido construído em solo alagadiço, propício ao desenvolvimento da espécie.

Antônio Fernandes Valentim era comerciante no ramo de açougue e deixou grande descendência. Segundo consta, era pai de Otto Valentim, de quem registramos uma curiosa nota da Gazeta de Leopoldina, de 10.04.1910, que fala de uma briga entre os menores, Afonso Silva e João Lima, no quintal de uma casa da rua Tiradentes, onde o Afonso acertou o menor Otto, filho do Antônio Fernandes Valentim, que sofreu forte comoção e foi atendido pelo Dr. Nunes Pinheiro.

Antônio era sogro de Alice Rodrigues Valentim e avô dos ex-vereadores Antônio Amâncio Valentim e Wilson José Valentim.

ANTÔNIO FERREIRA DE ALMEIDA, praça

(Bairro Três Cruzes) – Essa teve oficializado o seu nome pela lei nº 3140, de 23.04.1999, projeto 08/1999 do vereador Otávio Arantes Xavier. O logradouro se localiza entre as ruas

Agostinho Silvino Teixeira de Rezende, Manoel Turíbio Barbosa, Anizio de Medeiros Fontes e Tranquilino Corrêa do Bem.

Antônio Ferreira nasceu por volta de 1941, filho de Manoel Mendes de Almeida e Júlia Ferreira de Almeida. Era pentaneto de Antônio de Almeida Ramos e Maria de Oliveira Pedrosa. Era casado com Maria Aparecida Brandão, com quem teve os filhos: Sérgio, Simone e Silas. Foi um dos sócios das pedreiras União e Bom Destino.

ANTÔNIO FERREIRA GUEDES, rua

(Bairro Eldorado) – A lei nº 3694, de 22.03.2006, projeto 71/2005 do vereador Roque Macário Braz Schettino, oficializou a denominação do logradouro que inicia na rua Jones Rocha, segue mais ou menos paralela a essa rua até o limite do bairro, terminando como rua sem saída.

Antônio Guedes era filho de José Ferreira Guedes e Regina Maria Martins. Neto do casal Joaquim Ferreira Guimarães e Porcina Augusta Guedes. Nasceu em São João Nepomuceno, por volta de 1903. Era casado com Maria Evangelista. Morou por algum tempo na parte baixa da rua Tiradentes. Era pai de, pelo menos, uma filha, Maria Aparecida Guedes, nascida em 1942, que se casou com Décio Dorigo Ramos. Antônio faleceu em 22.11.1999 e foi sepultado em Tebas.

ANTÔNIO FILGUEIRAS DE OLIVEIRA, rua

(Bairro Alonso Tavares Nogueira Filho) – A lei nº 3978, de 08.09.2011, projeto 34/2011 do vereador Ivan Martins Nogueira, informa que essa via começa na rua Helena Domiciano Flauzino e finda na Armindo Joaquim Mourão.

Antônio Filgueiras era natural de Faria Lemos (MG), onde nasceu a 26.12.1914, filho de Euclides José de Oliveira e Maria Filgueiras de Oliveira. Casou-se com Moema Lima de Oliveira, em 20.05.1947, em Leopoldina. Ela era filha de Francisco Antônio de Azevedo Lima e Maria José Gouvêa Lima. Antônio e Moema tiveram os filhos: Elza Maria, Elna Eliza, Luiz Fernando, Lúcia Helena e Francisco José Lima de Oliveira. Foi bancário, representante comercial, técnico e presidente do E.C. Ribeiro Junqueira, fundador e presidente do Brasília Country Club, diretor e vice-presidente do Clube Leopoldina.

ANTÔNIO FRANCISCO, rua

(Distrito de Piacatuba) – A lei nº 2329, de 27.08.1991, projeto 40/91 do vereador Antônio Amâncio Valentim, informa que o logradouro começa no final da rua José Furtado de Mendonça, no lado esquerdo e segue até o pátio da Igreja Matriz.

Antônio Francisco era filho de Francisco Valeriano e Cândida Matos. Foi casado com Minalda de Carvalho. Faleceu em 21.05.1982.

ANTÔNIO FREDERICO OZANAN, rua

(Bairro Fátima) – Foi a lei nº 829, de 09.08.1972, que denominou essa rua que, partindo do final da rua Jonas Bastos, onde está localizado um monumento à Sociedade São Vicente de Paulo, sobe a ladeira, passa ao lado do Santuário de São José e vai encontrar a rua Gentil Pacheco de Melo, quase em frente à esquina da rua Carlindo Mayrinck.

É uma homenagem a Antônio Frederico Ozanan Coelho, criador do movimento Vicentino, que está presente em Leopoldina desde o final do século XIX. Registre-se que a Sociedade São Vicente de Paulo é uma instituição composta de Conferências de discípulos de São Vicente que buscam alcançar, através da prática da caridade simples e cristã, a própria santificação.

ANTÔNIO GAMA BOUNINCONTRO, rua

(Bairro Bela Vista) – Foi a lei 4133, de 05.09.2013, projeto 62/2013 do vereador Otávio Arantes Xavier, que nominou essa via que começa na rua Roberto Vizani Yung, cruza a rua Adávio Pires de Almeida e segue pelo bairro Jardim Bela Vista até encontrar a rua de pedestre que a liga à rua Antônio de Oliveira Vale (Mutinho).

Antônio Bounincontro nasceu 07.04.1948, em Abaíba, filho do italiano Nicola Buonincontro e sua segunda mulher, Zifra Gama. Faleceu em 17.03.2006, em Leopoldina, no estado de solteiro. Foi trabalhador rural, operário da Intertex, do abatedouro Frindal e garçom.

ANTÔNIO JOSÉ CHAMEL, Monsenhor, praça

(Bairro do Rosário) – Foi a lei nº 4792, de 13.03.2024, projeto 07/2023 do Poder Executivo, que substituiu o nome da mais antiga e tradicional praça da cidade. A praça que há mais de 170 anos era referida como largo ou praça do Rosário. O marco zero de

Leopoldina. A praça onde começou o Arraial do Feijão Cru, que deu origem à cidade. De onde saíam as ruas: Direita, (atual Gabriel Magalhães), Rosário (atual Tiradentes) e a estrada para Cataguases (atual Joaquim Ferreira Brito).

O Monsenhor Antônio José Chamel nasceu em São Geraldo, MG, então distrito de Visconde do Rio Branco, MG, em 29.01.1934, filho de Chamel José e Gurra Habib José, casal que teve cinco filhos: Judith, Júlia, Miguel, Oiliam e Antônio. Ordenou-se padre em 1953 e foi designado por Dom Delfim Ribeiro Guedes, primeiro bispo de Leopoldina, para trabalhar na sede da Diocese. Trabalhou no distrito de Piacatuba e na Matriz do Rosário, em Leopoldina, onde também atuou na Catedral. Assistiu ao Asilo Santo Antônio. Foi professor no Seminário e no Colégio Estadual Professor Botelho Reis. Faleceu em 20.01.2023, em Leopoldina.

ANTÔNIO LAMÓGLIA, rua

(Bairro Maria Guimarães França) – A lei nº 1151, de 10.09.1976, projeto 41/76 do vereador José Heleno Ramos de Almeida, não define a qual Antônio Lamóglia se homenageia e pelo menos quatro homônimos viveram na cidade. Mas é sabido que a rua com esse nome começa na rua Raphael Ienaco e finda na rua Maria Castanheira, nas proximidades da E. E. Luiz Salgado Lima. E, segundo consta na lei citada, está no terreno onde foram construídas as casas populares da COHAB – MG, que formaram o bairro Maria Guimarães França.

O sobrenome original, Lammoglia é proveniente do *comune* de Maratea, província de Potenza, região da Basilicata, Itália. Um dos imigrantes dessa família, Biaggio Lammoglia, voltou para a Itália e morreu como herói em Messina, Arábia, a 05.09.1967. Em Leopoldina, um casal desse sobrenome foi Giovanni Lammoglia e Filomena Panza, que deixou grande descendência.

ANTÔNIO LIMA DOS REIS, rua

(Bairro Pedra Pinguda) – É a lei nº 1948, de 04.02.1988, projeto 03/88 do vereador Darcy Luiz Vasconcelos de Rezende, que informa que o logradouro começa na rua Gentil Pacheco de Melo e segue até encontrar a rua Maria Aparecida Pinto da Costa, no antigo leito da estrada que liga a sede do município ao distrito de Providência.

Nascido a 22.02.1903, em Laranjal, MG, Antônio era filho de Joaquim dos Reis de Castro e Maria Tereza. Casou-se em Leopoldina, a 01.02.1935, com Margarida Paixão do Rego, que dá nome à praça do bairro. O casal teve oito filhos: José, Sebastião, Maria José, Antônio,

Maria Mercedes, Maria do Carmo, Noel e Maria Aparecida, que deu as indicações que permitiram identificar o homenageado. Antônio Lima dos Reis faleceu a 29.04.1986.

ANTÔNIO LUCAS BARBOSA, Praça

(Distrito de Tebas) – Pela lei nº 2606, de 14.04.1994, projeto 20/94 do vereador Antônio Nilo de Almeida, o nome foi proposto e aprovado para a pequena praça que fica no encontro das ruas Francisco Vieira de Oliveira, Maria Amália Tomé Peres e Oswaldo Evangelista dos Anjos.

Antônio Lucas, segundo o projeto de lei, foi o doador do terreno onde se localiza parte da rua Álvaro Corrêa de Lima e parte da rua Oswaldo Evangelista de Lima.

ANTÔNIO MACHADO DE MATOS, rua

(Bairro Alto dos Pirineus) – O nome dessa rua surgiu com a lei nº 1681, de 10.09.1984, projeto 36/84 do vereador Darcy Luiz Vasconcelos de Rezende, que informa ser a via que, partindo da rua Franklim José da Silva, segue margeando os fundos da E. E. Sebastião da Silva Coutinho até o limite do acostamento da rodovia BR-116.

Antônio Machado Matos nasceu em Tebas, no dia 27.06.1913, filho de Pedro Machado Dias e Maria Garcia Dias. Casou-se com Nair Almeida Machado, nascendo dessa união 9 filhos. Foi proprietário rural e comerciante, tendo residido em rua próxima à que recebe o seu nome. Antônio e a esposa eram tetranetos de Antônio de Almeida Ramos e Maria de Oliveira Pedrosa.

ANTÔNIO MATEUS DE OLIVEIRA, rua

(Bairro Vale do Sol) – Foi a lei nº 3498, projeto 14/2003 do vereador Cabo Lúcio, que deu a denominação desse logradouro que começa na rua Feliciana Costa de Aguiar e termina na rua Poeta Augusto dos Anjos.

Antônio Mateus era natural de Piacatuba, filho de José Mateus de Oliveira e Marcília Francisca de Jesus. Residia na rua Maridéa. Faleceu em 24.09.1997, na condição de viúvo.

ANTÔNIO MOURA DE OLIVEIRA GUIMARÃES, rua

(Bairro Praça da Bandeira) – Foi a lei nº 942, de 17.10.1973, que nominou essa via que é a primeira paralela à rua Marechal Deodoro, transversal à rua Lino Gonçalves.

Antônio Moura de Oliveira Guimarães, o professor Moura, nasceu em Leopoldina, no dia 17.01.1895, e aqui faleceu, a 11.09.1965. Casou-se com Nair Soares, a 16.09.1941, e desse consórcio são os filhos Paulo Afonso (falecido) e José Antônio. Jornalista profissional, professor de nível secundário, escritor e poeta, publicou, em jornais e revistas, diversos contos, ensaios e poemas. Por cerca de 20 anos, residiu no Rio de Janeiro, onde trabalhou nos jornais Correio da Manhã, como jornalista e revisor de textos, e no Jornal do Brasil, como revisor de textos, chefe e editor adjunto. De volta a Leopoldina, durante cerca de 15 anos lecionou no Ginásio Estadual Professor Botelho Reis, como professor titular das cátedras de Português e Francês, lecionando também Literatura e Latim.

ANTÔNIO NILO DE ALMEIDA (NILO RAMOS), Agrovila

(Distrito de Tebas) – A lei nº 3427, de 19.06.2002, do Poder Executivo, dá denominação de Antônio Nilo de Almeida (Nilo Ramos) à agrovila construída no distrito de Tebas. É uma vila de casas populares existente no final da rua Fernando B. Fonseca, depois do Cemitério.

Antônio Nilo de Almeida Ramos, carinhosamente tratado por Nilo Ramos, ou Nilão, nasceu em Tebas, em 23.10.1932, era filho do ex-vereador e vice-prefeito, Jacyr Ramos. Terminado o curso do Ginásio Leopoldinense, mudou-se para o Rio de Janeiro, em busca de emprego e formação universitária. Casou-se com Creusa Ávila e com ela teve quatro filhos: Ricardo, Rodrigo, Roberto e Raquel. Era advogado e foi gerente de banco. Após a aposentadoria, voltou para Tebas. Elegeu-se mais de uma vez vereador. Faleceu a 14.09.1999 e foi sepultado no distrito onde nasceu.

ANTÔNIO NOVATO DE MORAES, ladeira

(Bairro Arthur Leão) – O nome dessa ladeira surgiu com a lei nº 2074, de 12.05.1989, projeto 25/89 do vereador José Geraldo de Almeida Machado (Gué). É a via de ligação, para pedestres, entre a rua Padre José Domingues Gomes, ao final da rua Lourenço Santana, nas imediações do Estádio Octacir Lacerda França.

Antônio Novato nasceu em Ituí, São João Nepomuceno (MG), a 07.11.1919. Era filho de Francisco Carlos de Moraes. Casou-se com Maria Auxiliadora Furtado de Moraes. Faleceu em 22.07.1981. Seu filho, Francisco Carlos de Moraes (Neto), é professor de física em Leopoldina.

ANTÔNIO OLIVEIRA GUIMARÃES, Dr., rua

(Bairro Fábrica) – Foi a lei nº 734, de 27.11.1970, que deu o nome a essa rua que liga a avenida Getúlio Vargas à travessa Job Figueiredo. Em geral, as pessoas a ela se referem como sendo a rua do INSS. Na década de 1960, ali, num retângulo formado por esta rua, pela av. Getúlio Vargas, pelo final da rua Francisco de Andrade Bastos e tendo ao fundo os terrenos do Loteamento Chico Bastos, existia um campinho de futebol para crianças, muito concorrido e que ficou conhecido como "Campinho do Cocota".

Dr. Guimarães, como ficou conhecido, nasceu em 01.12.1890 e faleceu em 13.04.1970. Foi vereador, deputado estadual, Secretário de Saúde de Minas Gerais e um médico muito conceituado na cidade. Lecionou na Faculdade de Odontologia de Leopoldina. Era filho de Antônio Teixeira de Oliveira Guimarães Júnior e Albertina Maria. Sua esposa foi Olga Ramos Pinto, com quem se casou a 06.12.1919. Ela era filha de Emílio Augusto Pereira Pinto e Hermínia Cândida Ramos. Seu avô materno, Antônio José Alves Ramos, foi proprietário da farmácia Central, localizada no imóvel reformado para abrigar o Colégio/Ginásio Leopoldinense. Olga era irmã do professor Emílio Ramos Pinto, que foi diretor do Grupo Velho, atual Escola Municipal Ribeiro Junqueira. A família de Olga Ramos Pinto foi profundamente ligada ao Dr. Guimarães, especialmente por conta de sua militância política.

ANTÔNIO RODRIGUES DA SILVA, rua

(Bairro Imperador) – A lei nº 4076, de 13.12.2012, projeto 74/2012 do vereador Cícero Rodrigues da Silva, é o diploma legal que indicou a denominação dessa rua que parte da av. dos Expedicionários e termina no Ribeirão Jacareacanga. Seu prolongamento, se construído, atingirá o encontro da rua José Marazzi com a rua Augusto de Castro, no bairro Imperador. É paralela à rua Ladislau Lopes, que fica nas proximidades do Centro Social Urbano, denominado Maria Edith Barbosa França, que recentemente passou a ser sede da escola de Ensino Fundamental, anos finais, desmembrada da Escola Municipal Judith Lintz Guedes Machado.

Antônio Rodrigues da Silva nasceu por volta de 1911, em Recreio (MG). Filho de Floriano Rodrigues da Silva e Maria Rosa, foi casado com Aidê Lourenço, com quem teve os filhos: Cláudio Eduardo, Cícero, José Antônio e Maria Aparecida. Faleceu em 05.11.2011.

ANTÔNIO SALOMÃO, rua

(Bairro Fábrica) – A lei nº 1001, de 08.03.1974, dá nome à via pública que parte da ponte existente na atual rua José Dário Sodré (antiga rua Sindicato Têxtil), no bairro da Fábrica e vai encontrar a rua Marechal Deodoro da Fonseca, no bairro Praça da Bandeira.

ANTÔNIO SCHETTINO, rua

(Bairro Arthur Leão) – Foi através da lei nº 3228, de 23.02.2000, e do projeto 04/2000 do vereador Nélson Vieira Filho que se propôs a nomeação desse logradouro que tem início no lado direito da rua professora Conceição Soares Monteiro de Castro e segue na direção da rua Lurdes Rocha - Bude, no bairro Jardim Bandeirantes. É uma rua sem saída.

Antônio Schettino era italiano, nascido por volta de 1915, filho de outro do mesmo nome, casado com Rosa Schettino. Foi casado com Constança Oliveira Schettino e teve com ela sete filhos. Faleceu em 12.01.1993, em Guarapari (ES), e foi sepultado em Leopoldina, onde residia.

ANTÔNIO, Santo, bairro

(Antigo Logradouro) - Hoje ele se confunde com os bairros do Seminário e Arthur Leão. Era o bairro onde está o Asilo Santo Antônio.

ANTÔNIO, Santo, rua

(Distrito de Providência) – A lei nº 510, de 21.11.63, diz que passa a denominar-se Santo Antônio a rua que parte da praça Coronel Marco Aurélio e vai além do cemitério local.

ANTÔNIO, Santo, rua

(Bairro Três Cruzes**)** – De acordo com a lei nº 1282, de 18.08.1978 e o projeto 48/78 do vereador Joarês Sílvio da Costa, esse é o nome da rua que começa na rua Ferreira Brito e segue na direção da rua Manoel Antônio de Almeida. Homenageia o santo padroeiro do bairro.

ANTÔNIO, Santo, Vila

(Bairro Alto da Ventania) – Diz a lei nº 1693, de 04.10.1984, projeto do vereador Ely Rodrigues Netto, que a oficialização do nome dessa vila atendeu a um abaixo-assinado dos

moradores do referido local. "Vila Santo Antônio" é o nome dado a um beco localizado no alto do morro da Ventania, no início da rua Xavier de Souza, que segue na direção do sistema de tratamento e distribuição de águas da COPASA.

A devoção a Santo Antônio vem de tempos remotos em Leopoldina, por conta da fé naquele que se tornou conhecido como o "santo do povo, dos menos favorecidos". Nascido em Lisboa, Portugal, com o nome de Fernando de Bulhões y Taveira de Azevedo, em 15.08.1195, Santo Antônio era de família nobre e rica. Após abraçar a vida religiosa, transferiu-se para a Itália. Ensinou Teologia em *Padova* e daí vem o complemento do seu nome religioso: Santo Antônio de Pádua.

APARECIDA, NOSSA SENHORA, rua

(Bairro Quinta Residência) – O nome dessa rua foi oficializado pela lei nº 1097, de 10.10.1975. A via tem seu início na rua Alan Kardec e segue até encontrar a rua Antônio Fernandes Valentim, nas proximidades do portal sul da cidade. É parte do mais antigo leito da estrada para Tebas, que serviu de base para a Rio-Bahia, antes da abertura do trecho que é hoje a avenida Jehu Faria. Nessa rua, está a igreja de Nossa Senhora Aparecida.

Nossa Senhora Aparecida tem o dia 12 de outubro como o de sua devoção e, desde 1930, tornou-se a padroeira do País.

APRENDIZADO

(Antigo Logradouro) - É o nome pelo qual geralmente se fazia referência à chácara onde funcionava o "Aprendizado Agrícola", vinculado ao Ginásio Leopoldinense, localizada nas proximidades da Quinta Residência. Hoje essas terras estão quase todas urbanizadas. Ali trabalhava o agrônomo estadual Dr. João Damasceno Portugal, figura muito querida na cidade, que realizava experiências em agronomia tanto no Aprendizado como na fazenda do Estado, hoje Epamig, na Lajinha. Antigos moradores contam que a estrada do contorno (Rio-Bahia) cortou ao meio o Aprendizado. A fazenda do Aprendizado era constituída de parte das terras que pertenceram a Ezaú de Lacerda Leal, filho de Lourenço José Leal e Ana Catarina Ferreira de Lacerda, neto paterno de Álvaro Pinheiro Corrêa de Lacerda, neto materno de José Ferreira Brito e Mariana Paz de Lacerda, e irmão de João Lourenço Ferreira de Lacerda, que deu nome à antiga chácara depois bairro João Lourenço. Ezaú descendia, portanto, de

duas das mais antigas famílias leopoldinenses: os Ferreira Brito e os Pinheiro Corrêa de Lacerda.

ARACY CÉSAR, rua

(Bairro Dr. Joaquim Furtado Pinto) - Foi a lei nº 1751, de 08.08.1985, projeto 35/85 dos vereadores Ely Rodrigues Netto e Darcy Luiz Vasconcelos de Resende, o documento oficial utilizado para nomear essa rua que tem início na rua Wilson José Valentim e finda na rua Francisco de Souza.

Aracy César nasceu a 18.07.1902 e faleceu no dia 21.07.1984. Exerceu a profissão de alfaiate durante mais de três décadas. Foi um dos criadores do comitê do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) de Leopoldina. Sua esposa tinha o mesmo primeiro nome. Era Aracy de Paula César. O casal teve 12 filhos: Maria José, Aparecida das Graças, Ana Maria, Maria Magdalena, Heleno, Pedro, Lucy, Setembrino, Enio, Iran, Sônia e Aracy Natal.

ARAÚJO, rua e fonte

(Antigo Logradouro) - Em um dos livros-caixas antigos, da Prefeitura (códice 233, fls 16), há o registro de pagamento feito a José Esperidião Nogueira, no valor de 1$000, para limpar a rua e a fonte denominada Araújo. Nenhuma outra informação foi colhida sobre essa rua e fonte. É certo que a vila Araújo nada tem a ver com essa rua e fonte.

ARAÚJO, vila

(Bairro Praça da Bandeira) – Segundo a escritura pública de inventário e partilha do espólio de Ádalo Atenes Rodrigues Reis do Cartório do 1º Ofício de Notas da Comarca de Leopoldina (03.11.2009), essa vila fica na rua Benedito Valadares. Mais precisamente, ao lado do número 111. O mapa de 2024 sinaliza o local onde ela está. Essa vila foi construída na segunda metade dos anos de 1950, com recursos dos irmãos Achiles Camilo e Camilo Tito de Araújo, ambos comerciantes nos ramos de tecidos, calçados e armarinhos. Achiles era casado com Luzia Saturno de Araújo, natural de Angustura, com quem teve os filhos: Maria José, José Maria (Baía), Salete Maria, Ana Maria, Maria da Glória, Antônio André e Conceição Aparecida (Teca). Camilo Tito era casado com Clarice Cerqueira, com quem teve os filhos: Jurandir casado com Martha Guimarães, José Camilo casado com Daisy Maria, Marli casada com Nelito Barbosa Rodrigues e Maria Aparecida casada com Waldair Santiago.

ARGEMIRO AUGUSTO PINTO BITTENCOURT, rua

(Bairro Eldorado) – Foi a lei nº 2471, de 17.12.1992, projeto 95/92 do vereador José Benedito de Oliveira, que indicou a denominação do logradouro que começa na rua Coronel João Lau e termina na rua Nossa Senhora do Carmo.

Argemiro nasceu a 18.11.1897 em Cachoeira Alegre, atualmente distrito de Barão de Monte Alto, MG. Era filho de Joviano Augusto da Costa Pinto e Maria Cândida Bittencourt de Vasconcelos. Faleceu em Juiz de Fora a 23.11.1973 e foi sepultado em Leopoldina. Foi maestro da Leopoldina Orquestra e exerceu a função de secretário do Ginásio Leopoldinense.

Foi casado a primeira vez com Clotildes Abrantes, com quem teve as filhas Irandy e Edy, cantoras da Leopoldina Orquestra, além dos filhos Irondy e Ivandyr. Viúvo, casou-se a segunda vez com Cezira Borges de Abrantes, falecida em Leopoldina a 06.08.2002. Do casamento com Cezira, segundo a neta Fernanda Rocha são os filhos: Jane, Marluce, Maria Aparecida, Carlos Augusto, Marco Aurélio, Maria das Graças e Maria Filomena.

ARGIRITA, praça

(Antigo Logradouro) - Seu nome foi mudado pela lei nº 437, de 25.07.1962, para Francisco Pinheiro Correia de Lacerda. Era conhecida, também, como "rodo" ou praça do posto V8. Fica entre as ruas Gabriel de Andrade Junqueira, José Peres, Custódio Junqueira e a avenida Getúlio Vargas. Argirita, ou pedra de prata na língua geral, foi o nome dado ao antigo Curato de Bom Jesus do Rio Pardo, em 1923. Seu povoamento remonta ao início do século XIX, sendo as primeiras sesmarias das margens do rio Pardo doadas em novembro de 1813 a dois sobrinhos do alferes Joaquim José da Silva Xavier e suas esposas: Felisberto da Silva Gonçalves e sua esposa Ana Bernarda da Silveira e seu irmão Domingos Gonçalves de Carvalho e a esposa Antônia Rodrigues Chaves. Posteriormente, outras famílias vieram residir nas imediações, incluindo a família de José Paradellas, um dos contribuintes para a formação do patrimônio do Senhor Bom Jesus. A 06.04.1839, foi criado o distrito no município de Rio Pomba. Em 1868, foi transferido para Mar de Espanha e logo a seguir voltou à subordinação administrativa de Leopoldina, mantendo-se assim até 1962, quando se deu a emancipação do município desse nome.

ARISTEU LACERDA MORAES, rua

(Bairro Jardim Bela Vista) – Foi a lei nº 3297, de 12.09.2000, projeto 80/2000 do vereador Nélson Vieira Filho, que denominou esse logradouro que começa na rua Vicente Basile e segue na direção do bairro Bela Vista, onde encontra a rua "F" daquele bairro. É uma paralela à rua Antônio de Oliveira Vale (Mutinho).

Aristeu foi batizado em Piacatuba, onde nasceu a 12.11.1895. Era filho de Firmino Carlos de Oliveira e Maria José de Lacerda. Neto paterno de José Vital de Moraes e Umbelina Cassiano do Carmo, bisneto paterno de João Inácio de Moraes e Anastácia Felisbina. E por esta, descendente de Vital Antônio de Oliveira e Maria Narciza de Jesus, que formaram a fazenda Rio Pardo, em Piacatuba. Aristeu foi casado com Ottolina Lacerda Werneck, filha de Francisco de Lacerda Werneck, e Maria Constança de Almeida, neta paterna do João Lourenço Ferreira de Lacerda e materna do Antônio Venâncio de Almeida e Rita Virgínia de Almeida, ambos descendentes do pioneiro Manoel Antônio de Almeida. Ele, pentaneto de Antônio de Almeida Ramos e Maria de Oliveira Pedrosa. Aristeu e Ottolina tiveram oito filhos. Aristeu faleceu em Leopoldina, a 19.10.1988.

ARISTIDES BADARÓ, praça

(Bairro Fábrica) – Essa praça teve seu nome oficializado pela lei nº 1177, de 15.04.1977, projeto 12/77 do vereador Joarês Sílvio da Costa. Ela está localizada na confluência das ruas Vinte e Sete de Abril, Pompílio Guimarães, Maria Rosa Crespo, Leopoldina Mendes do Rosário e José Dário Sodré. Nela ficava o bar Industrial, que pertenceu ao homenageado e que era um concorrido ponto de encontro do bairro.

Aristides da Silva Badaró nasceu a 25.03.1899, no distrito de Piacatuba, filho de José da Silva Badaró e Maria José do Nascimento, radicados na região da Braúna, em Piacatuba, desde 1895. Era casado com Felícia Ferraz de Castro. Faleceu em Leopoldina, a 23.08.1974.

ARISTIDES POLICIANO DA SILVA, rua

(Bairro Jardim Bela Vista) – Está na lei nº 3302, de 12.09.2000, projeto 88/2000, a denominação do logradouro que tem seu início na rua Lourenço Gonçalves Nunes e finda na rua Anderson Pereira Bella.

Aristides Policiano nasceu em Argirita, MG, por volta de 1912, e faleceu em Leopoldina, no dia 10.01.1995. Era filho de Sebastião Policiano da Silva e Carlota Rita de Campos. Por seu

pai era terceiro neto de Mizael Antônio da Silva, figura de destaque em Argirita. Trabalhou na lavoura. Ainda jovem, ingressou na Polícia Militar, de onde se afastou por problemas de saúde. Tornou-se comerciante em Piacatuba e, posteriormente, em Leopoldina.

ARISTIDES, Dom, rua

(Bairro Vila Esteves) – Foi a lei nº 98, de 18.02.1950, que deu nome a essa rua que liga a praça Gama Cerqueira à rua João de Almeida Cruz. A lei supracitada alterou para Dom Aristides o nome da via conhecida popularmente como "rua das Tabocas" ou "Taboquinhas".

Aristides de Araújo Porto foi vigário da igreja do Rosário e, em 30.08.1931, sagrou-se bispo de Montes Claros, MG, e se tornou Dom Aristides. Registre-se que todas as referências encontradas sobre ele dizem ter sido uma figura bondosa, humana e muito querida por todos. Tinha grande interesse pela história de nossa região, tendo deixado algumas páginas com as informações que conseguiu reunir. Na época das pesquisas para a primeira edição desse trabalho, na secretaria paroquial da igreja do Rosário havia um exemplar manuscrito deixado por ele. Dom Aristides faleceu na cidade de Montes Claros, em 07.04.1947.

ARLETTE BASTOS, praça

(Loteamento Chico Bastos) – Está na lei nº 1514, de 06.08.1981, e no projeto 27/81 do vereador José Américo dos Santos Lima, a proposta e a aprovação para denominação da praça projetada no loteamento "Chico Bastos", que não foi ainda construída.

Arlette era casada com Omar Junqueira Bastos, dentista, também nome de logradouro. Bisneto do casal Francisco Manoel de Souza Bastos e Joaquina Perpétua Diniz de Souza. Residiu na casa de seu sogro, Francisco de Andrade Bastos, na então rua da Floresta. Atuante na vida social da cidade, na década de 60, era uma das organizadoras dos Bailes de Debutantes do Clube Leopoldina. Arlete e Omar tiveram os filhos: Regina Helena, Luiz Fernando, Carlos Henrique e Sílvia Amélia.

ARMINDO JOAQUIM MOURÃO, rua

(Bairro Alonso Tavares Nogueira Filho) – Foi a lei nº 3941, de 08.12.2010, projeto 39/2010 do vereador Ivan Martins Nogueira, que indicou a denominação do logradouro que começa na rua Jair Gama e termina na rua Helena Domiciano Flauzino.

Armindo nasceu em Boticas, Portugal, no dia 09.11.1936, filho de Antônio Pastoria Mourão e Estefânia Lopes. Chegou ao Brasil na década de 1950. Iniciou estudos universitários no Rio de Janeiro e não concluiu, optando pela vida empresarial. Foi gerente do Abatedouro Pif Paf em Leopoldina, onde se casou com Maria Aparecida Lopes da Costa. Mudou-se para Uberlândia, onde administrava a compra de insumos para a Pif Paf. Voltou para Leopoldina em 1988. Foi presidente do Conselho Deliberativo do Esporte Clube Ribeiro Junqueira. Faleceu em Muriaé, no dia 03.11.2009, e foi sepultado em Leopoldina. Deixou duas filhas: Estefânia e Geruza.

ARRANCA-TOCO

(Antigos Logradouros) – É o local onde está o Estádio Otacyr Lacerda França. Ali existia um terreno plano, numa área que pertencia ao poder público, muito utilizado pela meninada para a prática do futebol. Como o local possuía um gramado irregular e cheio de pequenos arbustos, que deixavam tocos ao serem cortados, recebeu a denominação popular de Arranca-Toco. E como tal permaneceu na memória do povo até mesmo após a construção do Estádio.

ARRUDA, vila

(Bairro Maria Guimarães França) – Essa vila foi construída em terras dos herdeiros de José Arruda e por um de seus filhos. Ela está numa rua projetada existente no prolongamento da rua Antônio Couto Filho e segue paralela à rua Professora Maria Castanheira (Dona Neném).

José Arruda nasceu no distrito de Conceição da Boa Vista, hoje município de Recreio, em 27.02.1901, filho de outro de mesmo nome, e Elydia Maria da Conceição. Neto, pelo lado materno, de José Pereira Aurélio e Anna Maria da Conceição, conforme sua certidão de nascimento. Faleceu em Leopoldina, em 19.08.1992. Foi proprietário das terras onde estão hoje os bairros Chácara Dona Euzébia e Maria Guimarães França. Foi dele, também, boa parte das terras destinadas ao Cemitério Municipal.

ARTHUR BERTOLINO CERQUEIRA, rua

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – Essa rua recebeu o nome oficial através da lei nº 2970, de 08.10.1997 e do projeto 58/97 do vereador Antônio Carlos Martins Pimentel. Ela tem seu início na rua Alonso Nogueira e segue na direção da fazenda Lajinha.

Arthur Bertolino nasceu em Ribeiro Junqueira, em 1928, filho de José Bertolino Cerqueira e Antônia Augusta Alves. Casou-se com Maria Domingues e com ela teve sete filhos: José Luiz, Maria Suely, Reinaldo, Célia Regina, Silvana, Luciana e José Fernandes Domingos Cerqueira.

ARTHUR LEÃO, bairro

A mais antiga citação ao bairro está na lei nº 895, de 15.05.1973, que denomina um de seus logradouros. Confunde-se com os antigos bairros do Asilo e do Seminário.

Arthur Guimarães Leão nasceu em Leopoldina, a 13.05.1881, filho do juiz Ponciano Pereira da Fonseca Leão e Florinda Emília Teixeira. Arthur casou-se, a 09.02.1911, com Iramira Nóbrega Furtado, filha de José Francisco Furtado e Rosalina Nóbrega. O casal teve sete filhos: João Batista, Margarida, Marília, Marieta, Expedito, Maria de Lourdes e Maria Ernestina. Arthur foi um dos doadores da Biblioteca Municipal, criada em 1905. Em 1912, era Solicitador do Foro. Em 1927, foi eleito vereador pelo distrito de Piacatuba. Advogado, em 1937 transferiu-se para a capital federal onde exerceu diversos cargos no poder judiciário.

ARTHUR MARANHA, rua

(Bairro Maria Guimarães França) – Foi a lei nº 1133, de 13.05.1976, projeto 19/76 do vereador Guanahyro Fraga Mota, que deu a denominação do logradouro que começa na rua Raphael Ienaco e finda na rua Professora Maria Castanheira, no terreno onde foram construídas as casas populares da COHAB-MG, que deram origem ao bairro.

Artur Maragna nasceu em Verona, na Itália, em 13.03.1892. Filho de Luigi Maragna, falecido em Leopoldina 08.05.1915, e de Teresa Falavigna. Era irmão de Sylvio, que foi seu sócio em padaria da cidade. Veio para Leopoldina em 1897. Foi agricultor, industrial, comerciante e proprietário de hotel e bar (Hotel Gomes, antigo hotel Pimenta). Naturalizou-se brasileiro em 1957. Foi casado com Idalina Perilo Maranha, com quem teve sete filhos: Luiz, médico e ex-deputado estadual; Maria das Neves; João; Moacyr; Guerino; Ruth e Haroldo,

advogado, ex-vereador e presidente da câmara municipal, também homenageado com nome de rua. Arthur faleceu em 18.09.1967.

ARTUR CAMPOS LOPES, rua

(Bairro Quinta Residência) – Essa rua consta na relação de CEP dos Correios, mas até o momento não se conseguiu encontrar o projeto e a lei de denominação e nem a sua localização no bairro.

Segundo informações orais, a denominação é de origem popular e não foi oficializada. O homenageado seria um ex-morador da localidade.

ARY MONTEIRO DE BARROS, rua

(Distrito de Providência) – Foi a lei nº 1401, de 13.12.1979, projeto 62/79 do vereador Francisco de Mendonça Gama, que oficializou essa denominação da via localizada num dos lados do campo de futebol do distrito. Diz a lei que essa rua vai do antigo prédio do Grupo até a Escola Marco Aurélio Monteiro de Barros.

Ary nasceu em 01.04.1910, em Estrela Dalva (MG), filho de Júlio Monteiro de Barros e Maria Rocha. Casou-se com Taycema Martins, em 23.12.1936, em Providência. Viveu na Fazenda Cruz Alta, em Providência. Estudou no Colégio Franco, onde mais tarde veio a ser professor e, no Ginásio Leopoldinense. Foi um dos fundadores e presidente da Sociedade de Amigos de Providência. Faleceu no Rio de Janeiro (RJ) em 05.12.1978.

ARY VASCONCELOS CUNHA, rua

(Bairro Nova Leopoldina) – Foi a lei nº 2973, de 16.10.1997, e o projeto 62/97 do vereador Nélson Vieira Filho que trataram da denominação dessa rua que liga a rua Aloísio Soares Fajardo à rua Dom Gerardo Ferreira Reis. É uma via paralela à rua Ierecê Cunha Freire.

Ary Cunha nasceu em Argirita, por volta de 1915. Filho de Manoel Luiz da Cunha e Laudemira Moreira. Pelo lado paterno, descendia de tradicional família de Argirita, para onde migrou em meados dos anos de mil e oitocentos, Antônio Pedro de Vasconcelos, filho de Francisco André de Vasconcelos e Maria Custódia Miranda, procedentes da região da atual cidade de Ouro Branco (MG). Ary casou-se com Venina Marques e tiveram os filhos: Adilson, Vera Martha, Vera Lúcia, Gilberto (Betinho, também nome de rua), Roberto (Lico), Edelvira, Ary (Arizinho) e Maria de Fátima. Ary Cunha foi comerciante (Casa Emma e Bazar Emma),

industrial de projeção regional (Torrefação Café Emma) e fazendeiro (Fazenda Paraíso). Faleceu a 16.07.1990, em Leopoldina.

ASSEMBLEIA DE DEUS, rua

(Bairro Bela Vista) – Objeto da lei nº 3280, de 24.05.2000, a localização dessa via ainda não está determinada. Consta que ela ligaria a av. dos Expedicionários, na altura do nº 1095, à rua Antenor Ribeiro dos Reis.

ASTÓRICO BANDEIRA DE QUEIROZ, rua

(Bairro Popular) – A lei nº 3333, de 19.12.2000, projeto 120/2000 do vereador Nélson Vieira Filho, propôs essa denominação para o logradouro que começa na rua José de Mello Lima Júnior e termina na rua Pedro Teodoro Batista.

Nascido em Barbacena, por volta de 1919, era filho de Astórico de Queiroz e Alexandrina Bandeira. Em 19.05.1941, casou-se com Miralda Junqueira Botelho, neta materna de José Ribeiro Junqueira e Antonia Augusta Monteiro Lobato Galvão, de São Martinho. A mulher de Astórico era, portanto, sobrinha-neta do político Ribeiro Junqueira e do médico Custódio Junqueira, entre outros. Astórico e Miralda foram proprietários de uma casa na rua Custódio Junqueira, nº 236, próxima à sede da fazenda Desengano. Essa casa pertenceu a descendentes do casal até 1973, quando foi vendida.

Astórico Queiroz era militar e tinha a patente de coronel.

ÁTILA LACERDA DA CRUZ MACHADO, praça

(Bairro Centro) – Foi a lei nº 2397, de 23.04.1992, projeto 19/92 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida, que indicou a denominação do logradouro que fica entre a praça Félix Martins e as ruas José Silva, Padre Júlio, Manoel Lobato e Francisco de Andrade Bastos.

Átila nasceu a 22.12.1911, em Barbacena (MG). Veio para Leopoldina como radiotelegrafista do estado e aqui se casou, a 27.02.1925, com Herondina Domingues, filha de Rafael Domingues e Idalina Narcisa Gomes. Foi comerciante, professor e espírita atuante, vereador, chefe de gabinete dos prefeitos Dr. Joaquim Furtado Pinto e Wilson Pimentel.

Em 1954, foi um dos fundadores do Conservatório Lia Salgado. Em 1961, publicou o texto poético "Cidade Menina" em homenagem à Leopoldina, sua cidade de adoção. Faleceu em 26.12.1980.

AUGUSTO DE CASTRO, rua

(Bairro Imperador) – Foi a lei nº 3188, de 19.10.1999, projeto 61/99 da vereadora Iolanda Cangussú André, que indicou a denominação para a via que começa na av. Agnello Corrêa do Bem e termina na rua José Marazzi.

O projeto não identifica qual dos homônimos foi homenageado.

AUGUSTO DOS ANJOS, Poeta, rua

(Bairro Vale do Sol) – Foi a partir da lei nº 3310, de 19.09.2000, projeto 97/2000 do vereador Nélson Vieira Filho, que surgiu a oficialização do nome do poeta para o logradouro, no Vale do Sol, que tem seu início no mesmo ponto de início da rua Miguel Monteiro de Oliveira Resende, na saída para o Parque Dr. João Damasceno Portugal, e finda na rua Presidente João Goulart.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu em Pau D'Arco (PB) e faleceu em Leopoldina, em 12.11.1914. Formado em Direito, nunca exerceu a profissão. Poeta nacionalmente conhecido, sua obra mais importante surgiu no Rio de Janeiro, em 1913, e denomina-se "Eu e outras poesias". Em 23.06.1914, Augusto dos Anjos mudou-se para Leopoldina e assumiu o cargo de diretor do Grupo Escolar que mais tarde receberia o nome de Ribeiro Junqueira, quando este ainda estava localizado na esquina da rua Sete de Setembro, esquina com a atual praça Gama Cerqueira. Para Hamil Adum, professor do Ginásio Leopoldinense, em artigo para a Revista Acaiaca, de março de 1954, "Augusto dos Anjos, filho da Paraíba, veio buscar, em Leopoldina, sua vida e sua morte. E aqui, seu espírito criou muitos dos mais belos versos de toda a literatura". Augusto dos Anjos casou-se em João Pessoa, PB, a 04.06.1910, com Ester Fialho. Residiu na rua Cotegipe, onde hoje é o Museu Espaço dos Anjos. Tinha um casal de filhos: Guilherme e Glória. Faleceu a 12.11.1914, em Leopoldina, onde está sepultado.

AURÉLIA GONÇALVES DE ASSIS, Praça

(Bairro Alto dos Pirineus) – É da lei nº 2881, de 11.09.1996, projeto 96/96 do vereador José Dimas de Souza, a indicação do nome de Aurélia para o logradouro existente entre as ruas José Teixeira Pires e Fernando Novais de Oliveira, nas proximidades da quadra poliesportiva "Antônio Ferreira de Souza".

Aurélia era filha de Aurélio Gonçalves e Joana Izabel da Cruz. Era viúva e por muito tempo residiu na praça Alípio Assunção. Faleceu em 21.12.1994.

AURÉLIO PIMENTEL, avenida

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – O nome dessa avenida aparece com a lei nº 340, de 26.10.1959. Ela começa no encontro das ruas Viriato Pinto e Wilson Pimentel e segue na direção da antiga estrada para Laranjal.

A via com o nome de Aurélio Pimentel provavelmente homenageia o filho dos portugueses José Antônio Pimentel e Eduarda Pereira. Ela, falecida a 13.07.1890, e ele, a 22.01.1908, ambos sepultados em Ribeiro Junqueira. Esse casal teve, pelo menos, os filhos Maria da Guia, José Maria, Aurélio, Vitalina e Amélia.

Aurélio foi inventariante do pai José Antônio, e se tornou coproprietário de uma parte da fazenda Pedro Velho, em Ribeiro Junqueira, além de ter sido proprietário de outros bens no mesmo distrito. Ficou bastante conhecido na região por ser, como o irmão José Maria, possuidor de carros de bois que transportavam a produção de diversas lavouras da região. Registre-se que "Aurélio" é um nome bastante utilizado na família Pimentel.

LETRA B

BANDEIRA, Praça da, bairro

Veja Praça da Bandeira.

BANDEIRANTES, Jardim, bairro

Veja Jardim Bandeirantes.

BELA VISTA, bairro

A lei nº 1456, de 02.08.1979, dispõe sobre a denominação desse bairro, toda a sua extensão e a área de que trata a lei nº 1361. O loteamento e o consequente desenvolvimento do bairro ocorreram após a retirada dos trilhos do ramal da estrada de ferro que ligava a estação Vista Alegre ao centro da cidade.

Veja bairro "Linha"

BELA VISTA, Jardim, bairro

Ver Jardim Bela Vista.

BELARMINO FERREIRA DA COSTA, travessa

(Bairro Fábrica) – A lei nº 2215, de 22.06.1990, projeto 56/90 do vereador Nélson Vieira Filho, informa que liga a rua Pompílio Guimarães à rua professora Mercedes Ramos Cerqueira.

Belarmino nasceu 28.04.1900 em Piacatuba, filho de Domingos Belarmino Ferreira da Costa e (Maria Emília) Emília Roberta da Fonseca. Segundo sua filha Herondina, casou-se com Eugênia Barbosa com que teve os filhos: Sirene, Filomena, Clóvis, Valter, Fábio, Herondina (Dina), Vera, Neuza, Paulo Sérgio, Beatriz e José Nilton. O casal criou ainda o filho Geraldo. Vale registrar que na certidão de óbito consta o nome da viúva como Eugênia Montes. Por um tempo Belarmino trabalhou em Porciúncula, RJ. Retornando para Leopoldina, foi sitiante, adquiriu uma máquina de beneficiar arroz, exerceu o cargo de

delegado de polícia e residiu por longo tempo no distrito de Tebas. Faleceu 28.12.1987 em Leopoldina.

BELIZÁRIO DE OLIVEIRA E SILVA, rua

(Bairro Fátima) – Diz a lei nº 1679, de 17.08.1984, projeto 29/84 do vereador Darcy Luiz Vasconcelos de Rezende, que essa via liga a rua Álvaro Botelho Junqueira, no bairro de Fátima, à rua Doutor Custódio Junqueira, no bairro Centro. Essa rua é formada por duas partes, pois não há ligação entre os bairros, por falta de ponte ou uma alternativa para cruzar o Ribeirão Feijão Cru naquele ponto e a necessária construção de um pequeno trecho de rua.

Belizário nasceu em 10.08.1911, em Santos Dumont, e faleceu em Leopoldina, em 20.03.78. Era transportador rodoviário e carinhosamente conhecido como "Biliza". Foi casado com Lourdes Rodrigues Moraes e Silva. Durante muitos anos residiu, com uma de suas filhas, na rua que recebeu o seu nome.

BENEDITO VALADARES, rua

(Bairro Praça da Bandeira) – A lei nº 41, de 04.12.1940 denominou essa via que parte da av. Getúlio Vargas e termina na praça da Bandeira (atual praça Zequinha Reis). Nela está a Vila Araújo e um posto da Secretaria Municipal de Saúde.

Benedito Valadares Ribeiro nasceu em Pará de Minas (MG), em 04.12.1892 e faleceu no Rio de Janeiro em 02.03.1973. Era advogado e descendia de família tradicional da política mineira pois era sobrinho-neto do Conselheiro (do Império) Martinho de Campos. Foi vereador e prefeito de em sua cidade natal. Participou ativamente da revolução de 1930. Eleito deputado federal, aproximou-se da presidência e foi nomeado pelo presidente Getúlio Vargas para interventor no estado de Minas Gerais, no período político que se convencionou chamar "Estado Novo". Restabelecidas as eleições, elegeu-se governador do estado.

BENTO XAVIER, praça

(Antigo Logradouro) – No distrito de Ribeiro Junqueira a lei municipal nº 164, de 09.11.1951, renomeou alguns e deu nome a outros logradouros do distrito de Ribeiro Junqueira. Por essa lei a antiga praça da Estação, também referida como praça da Matriz, passou a ser chamada de praça Bento Xavier. A lei nº 730, de 25.08.1970, trocou novamente o nome dessa praça, agora, para praça João de Castro Lacerda.

O nome Bento Xavier era uma referência à família de Bento Xavier e Maria Hypolita Garcia Bastos que viveu no distrito de Ribeiro Junqueira na segunda metade do século XIX. O casal teve 11 filhos, sendo que os sete filhos homens tinham o mesmo nome do pai seguindo de um novo sobrenome: Garcia, Ferreira, Cardoso, Carneiro, Mãozinha, Carneiro Gomes e Cabral. No então distrito de Campo Limpo foram proprietários da Casa Barateza e de um Hotel. Em 1891, o patriarca da família requereu o registro, no Rio de Janeiro, do método de conservação do leite em garrafas. O nome da praça Bento Xavier teve origem na Lei nº 340, 26.10.1959, que assim homenageou o doador do terreno à municipalidade em 1876.

Além de atividades comerciais desenvolvidas por eles na sede do distrito, a família foi proprietária de uma das partes em que foi desmembrada a original Fazenda Campo Limpo e da fazenda Pedras Negras.

BERNADINO JOSÉ FIDÉLIS, rua

(Bairro Três Cruzes) – Foi a lei nº 3141, de 23.04.1999 e o projeto 09/99 do vereador Otávio Arantes Xavier que deram nome de Bernadino José Fidélis a essa via que começa na rua Manoel Turíbio Barbosa e finda no encontro com a rua Santo Meneghite.

Bernardino (o nome correto) era natural de Carmo, RJ, nascido por volta de 1903, filho de Cezar José Fidelis e Bárbara Maria Generosa. Era casado com Maria do Carmo Souza e foi morador do Bairro Três Cruzes por mais de setenta anos. Teve 14 filhos. Foi lavrador. Faleceu a 04.01.1988, em Leopoldina, com 85 anos.

BERNARDINO BARBOSA, rua

(Bairro Chácara Dona Euzébia) – O nome dessa via surgiu com a lei nº 4659, de 13.04.2022, projeto 28/2022 dos vereadores Bernardo Guedes e Marcos Vinícius.

Bernardino Barbosa nasceu por volta de 1928. Era filho de Sebastião Luiz Barbosa e Maria Carolina. Era casado com Arsenia da Silva e deixou quatro filhos. Foi proprietário da Fábrica de Panelas Santa Rita. Faleceu aos 91 anos, em 24.09.2019.

BERNARDINO BARBOSA, rua

(Antigo Logradouro) – Denominada pela lei nº 340, de 26.10.1959, era o nome da rua do distrito de Ribeiro Junqueira que, partindo da Praça Félix José, seguia em direção à estrada

para Angaturama. É a rua Wilson Pimentel que liga o centro do distrito à rodovia municipal LPD-232, que se dirige para Angaturama.

BETINHO CUNHA, rua

(Bairro São Cristóvão) – Foi a lei nº 4281, de 12.11.2015, projeto 74/2015, do vereador Jacques Villela, que deu nome a essa rua. Ela tem início na rua Omar Resende Peres nº 671. É a rua sem saída onde se encontra o Residencial Café Emma, que recorda a indústria de torrefação de café ali existente.

Betinho Cunha era o nome pelo qual ficou conhecido o comerciante e industrial leopoldinense Gilberto Marques Cunha, filho de Ary Vasconcelos Cunha (Casa Ema, Bazar Ema e Torrefação e Moagem do Café Ema) e Venina Marques Cunha. Nasceu a 16.10.1945, em Leopoldina e faleceu em 30.10.2012, em Juiz de Fora, tendo sido sepultado em Leopoldina. Betinho era casado com Denise Belfort Junqueira Cunha e com ela teve três filhos: Kênia, Bruno e André.

BIAS FORTES, Governador, rua

(Distrito de Piacatuba) – A lei nº 356, de 08.06.1979, alterou para Governador Bias Fortes a denominação da antiga rua Henrique de Gusmão, em Piacatuba.

José Francisco Bias Fortes nasceu em Barbacena, MG, em 03.04.1891, filho de Chrispim Jacques Bias Fortes e Adelaide de Araújo Bias Fortes. Político, foi prefeito de Barbacena, deputado e governador de Minas Gerais. Foi ministro da Justiça. Faleceu no Rio de Janeiro (RJ), em 30.03.1971.

BIBLIOTECA, rua da

(Distrito de Tebas – Antigo logradouro) – Foi a lei nº 468, de 27.03.1963, que deu o nome a uma rua ainda sem nome onde estava instalada a Biblioteca Pública da Vila de Tebas. Logo depois, a lei nº 490, de 26.07.1963, concedeu subvenção à instituição e abriu crédito especial para aquisição de insumos e equipamentos. Já a lei nº 696, de 12.08.1969, reconheceu como "de utilidade pública a "Biblioteca Pública De Tebas", que estava "em pleno funcionamento e com personalidade jurídica". Em 1984 a Biblioteca de Tebas

A 17.08.1984, a lei nº 1677, autorizou o poder executivo a receber, em doação, a Biblioteca Pública de Tebas, providência necessária para que pudesse de fato gerir a

instituição. Logo em seguira, a lei nº 1688, de 12.09.84, denominou-a como Octaviano Kneipp Ladeira.

BOA SORTE, bairro

O bairro Boa Sorte é citado na lei nº 3575, de 2004, que denomina uma ponte na localidade; na lei nº 4353, de 07.12.2016, que delimita o núcleo urbano; e, na lei nº 4363, de 20.12.2016, que denomina um de seus logradouros. Herdou o nome de uma das fazendas incorporadas à Colônia Agrícola da Constança, criada em 1910 pelo Decreto nº 2801, de 12.04.1910. Nessa fazenda, funcionou a sede da Colônia que chegou a contar com 73 lotes de terras e uma escola rural que atendia aos filhos de colonos e dos sitiantes da redondeza. Hoje, a maioria desses lotes não guarda mais o formato original. Alguns deles foram subdivididos em pequenas chácaras, o que vem transformando o local num bairro bastante povoado. O acesso a esse bairro se faz a partir do Km 770 da BR-116 e a sua principal artéria é o "Caminho do Imigrante" que corta todo o bairro Boa Sorte, a região da Graminha e chega à sede do distrito de Tebas.

BOA VISTA, rua

(Antigo Logradouro) - No início esta rua formava, com a rua Manoel Lobato, o caminho para os tropeiros procedentes dos lados de Tebas e do então bairro da Onça ou que para lá se destinavam. Ligava a atual Sebastião Pereira Bela à praça Professor Ângelo.

Uma arte dessa antiga rua Boa Vista, o trecho que vai da rua das Flores até a ponte no atual Largo Sebastião Campos Alvim, entrada do Bairro Mina de Ouro, recebeu o nome de Joaquim Garcia de Oliveira. Segundo o Almanaque de 1885, na rua Boa Vista, na Grama, residia o suplente do delegado de polícia, Ângelo Lopes dos Reis; o escrivão da coletoria, tenente Aureliano Lopes de Faria, os negociantes Manoel Pereira Borges, Gonçalves & Cia, Thomaz Pereira do Amaral Lisboa, Antônio Pedro da Silva Lessa, Francisco Antônio Ribeiro e José Pereira Dutra e o ferreiro Demétrio.

Uma segunda rua Boa Vista existiu no Alto do Cemitério. É a atual rua Enéas Lacerda França. A lei nº 97, de 18.02.1950, a ela se refere. Por esta lei, passa a denominar-se São José a praça formada pela confluência da rua Fajardo com a rua Boa Vista e estrada antiga de Cataguases. Local que era conhecido como largo do Cemitério. Uma outra lei, a de nº 111, de

28 de julho desse mesmo ano, altera a denominação dessa rua Boa Vista para rua Enéas Lacerda França.

BOMBA, rua

(Antigo Logradouro) - É a atual rua Carlos Rubens Castro Meireles que passa pelos fundos da atual Escola Estadual Professor Botelho Reis, margeando o Feijão Cru. Era conhecida como rua da "Bomba" porque ali existiu, quando da abertura da rua, um poço artesiano que fornecia água para a cidade, antes da captação das águas do rio Pirapetinga.

BOTELHO REIS, Professor, praça

(Bairro Centro) – A lei e o projeto sobre a sua denominação ainda não foram localizados. Mas, sabe-se que seu primeiro nome foi largo do Passeio. E que, em 1880, por proposta do vereador Teodoro Carneiro, recebeu o nome de largo Visconde do Rio Branco. Nesse largo, segundo jornais da época, funcionava o hotel Antunes e a farmácia Central, cujo prédio serviu de base para a construção do Ginásio. A Gazeta de Leopoldina (11.02.1900, fls 2) noticiou que fora "inaugurada a iluminação de acetileno no jardim do Largo Visconde do Rio Branco". Com o mesmo nome, o largo é citado na Mensagem apresentada à Câmara Municipal de Leopoldina pelo seu presidente (31.12.1910, p.3). A Gazeta de Leopoldina (19.09.1911) fala no jardim do largo Visconde do Rio Branco, ainda não inaugurado, que seria o jardim central da cidade naquela ocasião. No dia 04.09.1928, o largo passou a chamar-se praça Professor Botelho Reis. E até os dias atuais mantém o nome do professor, mas o logradouro é geralmente conhecido como "Praça do Ginásio", embora existam, além da Escola Estadual Professor Botelho Reis (antigo Ginásio), o Conservatório Lia Salgado, o Clube Leopoldina e a APAE, além de residências.

Seu nome atual é uma homenagem ao professor, inspetor de alunos, secretário, vice-diretor e um dos fundadores do Ginásio Leopoldinense, o professor José Botelho Reis, nascido em Aiuruoca, MG, no dia 29.12.1887, filho de Olympio de Souza Reis e Helena Constança de Andrade. A família transferiu-se para Leopoldina logo após seu nascimento. Estudou em Barbacena e no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Casou-se com Emerenciana, filha de Adeodato de Andrade Botelho. Faleceu em Caxambu, MG, no dia 07.02.1926, e seus restos mortais foram trasladados para Leopoldina em 1933. Em 1936, iniciou-se a construção do Grupo Escolar que leva o seu nome, localizado na praça Professor Ângelo.

BOTELHO, Senador, praça

(Bairro Centro) – Foi a lei nº 596, de 24.02.1967 que deu nome a essa praça que fica entre as ruas Gabriel Andrade Junqueira e José Peres. É conhecida como praça da Meia Laranja.

Francisco de Andrade Botelho nasceu em Aiuruoca, MG, em 22.06.1867. Era filho do conselheiro Fidélis de Andrade Botelho e Emerenciana Eliza de Andrade Botelho. Formou-se pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro, em 1890. Casou-se com Maria Nazareth Junqueira Botelho, em Leopoldina, a 09.09.1891. Em 1911, foi eleito, pelo Partido Republicano Mineiro, para uma das cadeiras do senado estadual, sendo reeleito em 1919. Faleceu em 12.04.1923. O senador Botelho era o pai do Dr. Ormeo Junqueira Botelho, também homenageado em logradouros da cidade.

BR-116, rodovia

É a estrada que contorna a cidade, conhecida como Rio-Bahia. Vale registrar que a primeira estrada Rio-Bahia, de saibro, inaugurada pelo presidente Getúlio Vargas, em 24.10.1939, passava pelas atuais ruas Nossa Senhora Aparecida e Alan Kardec, praça João Bella, avenidas Humberto de Alencar Castelo Branco e Getúlio Vargas, praça Francisco Pinheiro Correia de Lacerda e pela rua José Peres, seguindo para Laranjal mais ou menos pelo trajeto atual. No final dos anos 1950 e início da década de 1960, a estrada recebeu o asfalto e parte do seu trajeto foi alterado com a abertura da atual avenida Jehu Faria. Até essa época, o posto fiscal da Polícia Rodoviária Federal, era no início da avenida Jehu Faria, no final da av. Getúlio Vargas e início da av. Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco. Esse local depois ficou conhecido como "Gato Preto", em função de um bar e restaurante que havia na esquina da atual rua Gustavo Barbosa Miranda com av. Getúlio Vargas. No final da década de 1960, foi construído o trecho atual da BR 116, inicialmente conhecido como Contorno, passando pelas proximidades do Alto do Cemitério.

BR-120, rodovia

(Antigo Logradouro) - É a estrada asfaltada que liga Leopoldina a Cataguases. Hoje recebe o nome de estrada Ormeo Junqueira Botelho. Seu trajeto original, de saibro, passava pelo bairro do Limoeiro. A abertura dessa nova estrada e o seu asfaltamento foi, durante muitos anos, promessa de campanha de diversos candidatos a cargos eletivos. Desse fato

surgiu, na ocasião, o seu apelido de "estrada três de outubro", porque era lembrada somente na época das eleições que ocorriam sempre nesse dia.

BR-267, rodovia

(Distrito de Tebas) – É a rodovia que faz a ligação de Leopoldina a Juiz de Fora. No seu projeto inicial, começa no trevo, na BR 116, no início da subida da Serra da Vileta e vai até a cidade de Porto Murtinho, no Mato Grosso do Sul, no início do Pantanal, na divisa com o Paraguai.

BRASÍLIA, rua

(Bairro Cidade Alta) – É a lei nº 4103, de 18.04.2013, projeto 19/2013 do vereador Ivan Martins Nogueira, que dá denominação a essa via. Começa na rua Sílvio Vitói, no limite do bairro Nova Leopoldina e vai terminar no início das ruas Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Seu nome homenageia a Capital Federal.

BRITOS, dos, rua

(Bairro São Sebastião) – Com poucas informações sobre a via e os homenageados, foi a lei nº 1545, de 26.04.1982, que deu esse nome para o logradouro. Liga a avenida dos Expedicionários à estrada que dá acesso à fazenda "Dom Pedrito", oficiosamente conhecida como "Estrada dos Britos", segundo a justificativa do projeto de lei. É uma via parcialmente paralela à rua Helena Domiciano Flauzino, do bairro Tomé Nogueira.

Os Britos são numerosos na cidade desde a época do início do povoamento do Feijão Cru, conforme ensina Mauro de Almeida Pereira (1966). Profundamente ligados aos Gonçalves Neto e aos Almeida Ramos, antes de migrarem para cá, uniram-se a outras famílias como os Lacerdas, os Wernecks, etc. O ponto inicial de localização da família foram as fazendas da Cachoeira, formada pelo patriarca Joaquim Ferreira Brito, e a Fortaleza, formada por seu filho João Gualberto.

BURACO, rua

(Antigo Logradouro) - Esta é uma das ruas que possivelmente teve o seu nome fixado pela comissão de 1880. Em 1879 chamava-se rua do Buraco e, em 1890 já foi citada como rua das Flores. A lei nº 867, de 24.01.1973, alterou o nome da rua das Flores para rua Ranulfo

Matola de Miranda, mas logo em seguida foi revogada, permanecendo a denominação anterior.

No livro nº 6 de Atas da Câmara (1879, fls. 64v), José Soares da Silva Pechincha pede autorização para construir no terreno vago anexo à casa de João Gonçalves Neto e perto da ladeira que vai para a rua denominada Buraco. A rua do Buraco, em 1879, ligava a rua João Neto à descida para a rua Joaquim Guedes Machado. A subida, a partir dali, até a rua Lucas Augusto, foi construída após 01.07.1879.

LETRA C

CAIÇARA ou CAIÇARAS

(Antigo Logradouro) - É como popularmente se conhece a região do entorno do Posto da Polícia Rodoviária Federal, nas proximidades do portal da entrada sul da cidade, na BR-116, no final da avenida Jehú Faria.

Segundo Teodoro (1987, 153 e 212), a palavra "caiçara" é composta por caá + içara e significa o tapume, o cercado ou a trincheira. Segundo o autor, o vocabulário organizado pelos jesuítas demonstrou que havia diversos tipos de cercas para proteção das aldeias, sendo que uma delas era "kaiçã" que significa "cerca de ramagem" e deu origem ao termo "caiçara". Por extensão, o cercado composto de ramos identifica também o povo que vivia nas matas de onde eram extraídos os ramos. Aí está a origem do termo que passou a denominar a região no entorno de onde hoje se encontra o Posto de Fiscalização da Polícia Rodoviária Federal.

Tal região foi citada por Barroso Júnior (1932, 14) no poema Gênio dos Puris em que ele descreve a região como de selvas densas onde corria o indígena, "rei e senhor" daquelas matas.

Com o passar do tempo, surgiram dois bairros naquela área. De um lado da BR-116 foi criado o bairro São Luiz em 1984. Do outro lado, com a lei nº 3962, de 11.05.2011, o bairro criado foi o Jardim Caiçaras.

CALIXTO PEREIRA, Escadaria

(Bairro Alto Ventania) – Esse nome surgiu com a lei nº 3898, de 21.08.2009, projeto 22/2009 do vereador Antônio Carlos Martins Pimentel. Fica na av. Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco, ao lado do número 1185. O pedido de denominação teve início com um abaixo assinado de moradores do lugar. Calixto faleceu em 24.11.2006.

CAMINHO DO MEIO, rua

(Antigo Logradouro) - É a atual rua Santa Filomena. Liga a praça Professor Ângelo à rua Plóbio Cortes de Paula. Ao que parece, o nome de Caminho do Meio se deve ao fato de cortar o morro da Catedral ao meio ou, por ficar a meio caminho da rua da Grama para a Catedral.

CAMPO LIMPO, rua

(Antigo Logradouro) - É a atual rua Ribeiro Junqueira. Foi a lei nº 50, de 22.02.1949, que alterou a sua denominação para a atual. O distrito de Campo Limpo foi criado a 12.11.1878. A 27 de dezembro de 1948 recebeu a denominação de Ribeiro Junqueira, em homenagem a esta família. No ano seguinte passou a denominar também a rua que levava o nome do distrito.

CÂNDIDA MARIA DE JESUS, Madre, Avenida

(Bairro Roque Schetino) – Foi a lei nº 1519, de 09.10.1981, projeto 32/81 dos vereadores Ely Rodrigues Netto e Jair de Almeida Lacerda, que oficializou essa denominação. A via tem início no trevo rodoviário da BR 116 e segue na direção da Fazenda Limoeiro, pelo leito da antiga estrada para Cataguases.

Natural de Guipúscoa, Espanha, Joanita Joseja, a Madre Cândida, nasceu a 31.05.1845. Era filha de João Miguel Cipítria e Maria Jesus Bariola. Viveu 67 anos. Não teve oportunidade de estudar na infância, devido à situação financeira da família. Foi empregada doméstica e sempre procurou ajudar aos mais necessitados. Aos 26 anos se faz religiosa e recebe o nome de Cândida Maria de Jesus. É fundadora e primeira diretora da Congregação das Filhas de Jesus, em Salamanca, Espanha.

Registre-se que a Congregação das Filhas de Jesus está presente no Brasil desde 1911, quando as primeiras irmãs se instalaram em Pirenópolis (GO). Em 1918, chegaram a Leopoldina para fundar o Colégio Imaculada Conceição.

CÂNDIDA MARIA FAJARDO LAMOGLIA, rua

(Bairro Maria Guimarães França) – O nome dessa via surgiu com a lei nº 1148, de 10.09.1976. Ela começa no final da rua Raphael Ienaco e segue paralela à rua Antônio Lammoglia até que ambas encontrem a rua Maria Castanheira, no terreno onde foram construídas as casas populares da COHAB-MG que deram origem ao bairro.

Cândida era filha de José Lammoglia e Conceição Fajardo, neta paterna de Antônio Lammoglia e Margaretha Lorenzeto. Nasceu em 1954, em Leopoldina, onde faleceu a 03.11.1968. Seu pai era irmão de Filomena Lammoglia, esposa de Optato Lacerda França, também homenageado em logradouro.

CÂNDIDO AUGUSTO VELOSO, rua

(Bairro Alto da Ventania) – Essa rua recebeu o nome com a lei nº 1079, de 07.03.1975. Começa na av. Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco, em frente ao número 1170, e segue na direção da Vila Miralda.

Faleceu em 1941, aos 72 anos de idade. Era membro atuante da Igreja Metodista de Leopoldina, e foi um dos fundadores da União Beneficente Operária Leopoldinense.

CÂNDIDO LADEIRA, rua

(Bairro Alto dos Pirineus) – Embora ainda não se tenha localizado a lei que lhe deu o nome, essa rua começa no lado direito da rua Presidente Carlos Luz, em frente ao antigo mercado municipal, e sobe o morro em direção ao centro do bairro Alto dos Pirineus onde encontra a rua Fernando Novais de Oliveira.

Cândido Barbosa Dias Ladeira era casado com Olga Barbosa Ladeira, também nome de rua na cidade.

CAPIXABA, rua

(Antigo Logradouro) – No distrito de Tebas, a lei municipal nº 908, de 14.07.1973, alterou a denominação dessa via para rua Oswaldo Evangelista dos Anjos.

CARLINDO DE ALVARENGA MAYRINCK, rua

(Bairro Fátima) – Foi nominada pela lei nº 511, de 06.02.1964. É a via que liga a rua Farmacêutico Durval Bastos à rua Gentil Pacheco de Melo, ao lado do Santuário de São José. É paralela à Rafael Domingues.

Carlindo nasceu no dia 20.08.1897 em Santo Antônio do Grama, então pertencente a Ponte Nova (MG). Era filho de Francisco de Paula Assis Mayrinck e Virgínia Freire de Andrade Alvarenga. Casou-se com a professora Marieta Maciello, filha do italiano Angelo Maciello. Foi diretor técnico do Ginásio Leopoldinense e professor. Lecionou, também, no Colégio

Imaculada Conceição e no Colégio Sagrado Coração de Jesus, de propriedade das irmãs Ernestina e Consuelo Vidal Leite Ribeiro. Faleceu em Belo Horizonte a 20.10.1962. Embora a lei se refira ao homenageado como "Doutor", nada se conseguiu apurar a respeito dessa formação.

CARLOS ANTÔNIO ALVES DO VALE, rua

(Bairro Popular) – Esse nome surgiu com a lei nº 4188, de 19.08.2014 que modifica dispositivos da Lei nº 3620, de 2004, projeto 25/2014, do vereador Diego de Freitas Pereira. Tal via parte da confluência das ruas José Mello de Lima Júnior e Francisco Luiz Pereira e finda na BR-116.

Nascido em Leopoldina a 29.04.1958, era filho de Ozorio Alves do Vale e Maria de Lourdes Porto do Vale. Casou-se com Maria Alice Badaró, em 1981, com quem teve os filhos Lilian e Marcos. Foi proprietário da Retífica Badaró. Faleceu em Itaperuna aos 14.04.2009. Residia na rua Optato Lacerda França, nº 41.

CARLOS FRANCO, Professor, praça

(Distrito de Providência) – Essa praça fica junto à Capela de Santo Antônio, entre as ruas Anselmo Nunes de Moraes e a rua Santo Antônio.

Carlos Ribeiro Franco nasceu no Rio de Janeiro (RJ) por volta de 1863. Filho de José Ribeiro Franco. Em 1884, casou-se com Ermelinda Barbosa Torres, após serem dispensados de impedimentos para o ato. Desse casamento são todos os seus 10 filhos: Carlinda, Evangelina, Marieta, Badaró, Turíbio, Mário, Parisina, Corália, Gelsira e Lenira. Após perder Ermelinda, permaneceu viúvo até que todas as filhas se casassem. Casou-se, então, com Maria Monteiro Franco, irmã da sua primeira esposa.

No mesmo ano do seu primeiro casamento, prestou concurso para professor, no Rio de Janeiro, RJ. Lecionou em Cantagalo, RJ, e em Santa Cruz do Monte Alegre, distrito de Santo Antônio de Pádua, RJ. Dali se transferiu para o município de Leopoldina fixando-se em Santa Isabel (Abaíba) onde, em 1895, era professor. Posteriormente, transferiu-se para Providência e, em 1908, se tornou diretor do Atheneu Victor Hugo, naquele distrito. Por cerca de 40 anos, manteve o seu acreditado "Colégio Franco", prestando enorme serviço à causa da educação e cultura. Em Providência, viveu até que problemas de saúde o fizeram mudar-se para

Tombos (MG), para contar com o apoio de filha e genro para o seu tratamento. Faleceu em 25.11.1933.

CARLOS LUZ MENEGHITE, praça

(Bairro Maria Guimarães França) – A denominação dessa praça surgiu com a lei nº 1617, de 13.06.1983, projeto 17/83, do vereador Vicente Tomaz Schettino. Ela fica entre as ruas Raphael Ienaco, Moacir Cunha, Cleber Pereira Sales e Antônio do Couto Filho, no terreno onde estão construídas as casas populares da COHAB – MG, que deram início ao bairro.

Carlos Luz Meneghetti nasceu a 21.04.1961. Era filho de João Meneghetti e Maria Nazareth Sodré. Neto paterno de Ermenegildo Meneghetti e Genoveffa Calzavara. Faleceu aos 19 anos, no dia 07.10.80, quando servia ao Exército Brasileiro, em Juiz de Fora. São seus irmãos: Luiz Otávio, editor responsável pelo jornal Leopoldinense, do Grupo Leopoldinense de Notícias; Terezinha de Jesus; Fátima Lúcia; Giovani Batista; Rogério José; Izabel Cristina; Maria Tereza e Guilherme José.

O avô paterno de Carlos Luz, Ermenegildo Meneghetti, nasceu a 28.07.1881, em Campolongo Maggiore, Venezia, Itália. Passou ao Brasil, com sua família, em 1888, desembarcando do vapor Washington no Porto do Rio de Janeiro. Casou-se com Genoveffa Calzavara a 18.01.1911 e faleceu em Leopoldina a 21.10.1927. Genoveffa era filha de Giuseppe Calzavara e Ana Scantambulo, família que também veio para o Brasil no mesmo vapor Washington.

CARLOS LUZ, Presidente, rua

(Bairro Centro) – Foi com a lei nº 394, de 01.03.1961, que essa rua recebeu o nome atual e ela já começava na rua José Peres e terminava na praça Gama Cerqueira. Mas, a história dela começa bem antes. Em 1928, na mensagem do Presidente da Câmara, Dr. Carlos Luz declara que ela era a "via por nós construída". No início da sua abertura, era por todos referida como rua Nova. Em 1954, era conhecida como rua Thebas. Nela funcionou a primeira agência do Banco do Brasil na cidade; a serraria São José; o antigo Mercado Municipal, em frente à rua Cândido Ladeira; a primeira garagem da empresa de ônibus, a TAVIL, em frente à Travessa Pedro II; e um pouco abaixo, o prédio da UBOL (União Beneficente dos Operários Leopoldinenses) e o engenho Santa Adelaide. Tornou-se rua Presidente Carlos Luz, em homenagem ao grande político.

Carlos Coimbra da Luz, Doutor, nasceu em Três Corações, MG, em 04.08.1894, filho de Alberto Gomes Ribeiro da Luz e Augusta Coimbra da Luz. Estudou em Lavras, MG, e formou-se em direito pela UFMG, em Belo Horizonte, MG. Casou-se com Maria José Dantas da Luz com quem teve dois filhos: Rui e Augusta. Viúvo, transferiu-se para Leopoldina a convite do então Deputado Federal José Monteiro Ribeiro Junqueira. Em segundas núpcias, casou-se em Leopoldina, a 30.06.1927, com Graciema Monteiro Junqueira, filha de Custódio Monteiro Ribeiro Junqueira e Emerenciana Botelho Reis Junqueira. Do segundo matrimônio, teve os filhos Fernando e Beatriz. O Dr. Carlos Luz foi, em Leopoldina, advogado, delegado de polícia, vereador e presidente da câmara no período de 1923 a 1931. No âmbito estadual, foi o organizador do plano rodoviário da Zona da Mata, Secretário de Agricultura e do Interior. Eleito Deputado Federal, tornou-se líder da bancada e da maioria. Exerceu o cargo de presidente da Caixa Econômica Federal e, finalmente, por ocasião do golpe de 1955, ocupou o cargo de presidente da República entre os dias 09 e 11.de novembro. Faleceu em 09.02.1961, no Rio de Janeiro (RJ).

CARLOS MAGNO GESUALDI BARBOSA, rua

(Bairro Centro) – O nome dessa rua aparece com a lei nº 3328, de 18.12.2000, projeto 113/2000 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida. Ela parte da praça Átila Lacerda da Cruz Machado, no início da rua José Peres, e finda no encontro das praças Félix Martins, General Osório e João XXIII. É o antigo trecho da linha férrea, paralelo à rua José Silva, ao lado da praça Félix Martins, hoje, em parte, utilizado como ponto de táxi.

Carlos Magno, geralmente conhecido por "Maguinho", nasceu por volta de 1948, filho de Carlos de Rezende Barbosa e Nanete Gesualdi. Casou-se com Neise Junqueira. Destacou-se como empresário. Foi proprietário da Magmar Confecções e o incorporador do Shopping Mar Center. Faleceu em 24.09.1999.

CARLOS MARTINS, Dr.

(Antigo Logradouro) – Foi a lei nº 440, de 04.11.1928, que deu nome a essa rua. Diz o art.1º da citada lei que a "Rua Dr. Carlos Martins, a que, já aberta em parte, fecha, a oeste, o quarteirão em que está o edifício da Fábrica, devendo começar na rua Manoel Lobato".

Era a atual rua Francisco Andrade Bastos. Segundo a lei, tal rua estaria a "oeste". Partindo-se do início na Manoel Lobato o prédio da Fábrica estaria à "leste" dessa rua. Mas,

se considerado o mapa da cidade, a Fábrica estaria mais ao sul e seguindo pela rua Dr. Carlos Martins (rua Francisco de Andrade Bastos) em direção ao centro, a Fábrica estaria a "oeste".

Tudo leva a crer que o homenageado tenha sido o Dr. Carlos Martins Ferreira, irmão de Félix Martins Ferreira que deu nome à principal praça da cidade. Batizado no dia 03.03.1844, na fazenda Trimonte, em território que mais tarde viria a ser do distrito de Providência, era filho de Joaquim Martins Ferreira e Maria Esméria de Carvalho Leite. Casou-se em Angustura, a 07.06.1873, com Honorina Vidal.

Vale registrar que, no jornal O Paiz, (15.07.1891, p.3 col.3), Carlos Martins é citado como sócio e diretor da Companhia Leopoldina (ferrovia). Notícia reforçada na Revista Fon-Fon (08.05.1909 p.15), em fotografia na matéria "Os Precursores das nossas vias ferreas". Outras notícias da época informam ser ele industrial investidor. E, segundo um membro da família, Carlos Martins Ferreira era advogado e Comendador da Ordem da Rosa. Faleceu em Barbacena, em janeiro de 1904, e não deixou filhos.

CARLOS RUBENS CASTRO MEIRELES, rua

(Bairro Arthur Leão) – Pela lei nº 664, de 02.10.1919, é a que segue na margem esquerda do Ribeirão Feijão Cru, a partir da rua Joaquim Guedes Machado, passando pelos fundos do Ginásio e indo encontrar a rua Padre José Domingues Gomes, nas proximidades do antigo Seminário. É popularmente conhecida como "rua da Bomba", em razão de ter existido ali uma bomba que puxava água de um poço artesiano para abastecer a cidade. Ao seu lado, existia a área de treinamento do antigo Tiro de Guerra - TG 98 e uma unidade esportiva da Escola Estadual Prof. Botelho Reis (Ginásio), que é atualmente a praça de esportes da Escola.

Carlos Rubens era filho de Itamar Meireles Carneiro e Zoé Lina Barbosa de Castro, tendo nascido no dia 14.01.1937, em Tebas, e falecido, a 02.04.1968, em Leopoldina. Era neto paterno de Maria Genoveva Carneiro e José Teixeira de Meireles, sendo este filho de Antônio Belizandro dos Reis Meireles e Josefa Teixeira de Rezende, ambos falecidos em Tebas, onde foram proprietários da Fazenda Concórdia e dos sítios Vargedo, Barra de São Bento, Queira Deus e Bicame entre outros. Carlos Rubens era neto materno de Joaquim Barbosa de Castro e Emiliana Antunes de Faria, sobrinho do Colatino Barbosa de Castro e de Eurídice Castro Esteves que também são nomes de ruas da cidade.

CARLOS SCHETTINO, rua

(Bairro São Cristóvão) – Essa rua teve seu nome oficializado pela lei nº 1309, de 06.10.1978, projeto 77/78, do vereador Adávio Pires de Almeida. Registre-se que, pela lei, estava situada no bairro Bela Vista. Isso se explica pelo fato de que o bairro São Cristóvão foi criado apenas em 1979. Ela começa no encontro da av. Funchal Garcia com a rua Omar Resende Peres e termina na rua Nicácio Sales.

Carlos (Carmine) Schettino nasceu em Massa di Maratea, Brefaro província de Potenza, região da Basilicata, em 01.09.1900. Casou-se com Ana Lisboa nascida a 26.04.1904 e falecida em 14.02.1972. Com ela teve os filhos: Francisca casada com Sebastião de Castro Martins; Vicente Tomaz casado com Edina Azevedo; Maria Marta casada com Lauro Ramos Cerqueira; Roque Macario Braz casado com Walda Evangelista; Pierina (Piera) casada com Hilton Minelli; Ana casada com Antônio Machado de Souza; Joana D'Arc casada com Altair Ribeiro; Antonina; Carlos Alberto casado com Maria Carmen Barbosa. Carmine era comerciante e faleceu em Leopoldina a 30.06.1956.

CARLOS VIEIRA DE OLIVEIRA, praça

(Distrito de Tebas) – Foi a lei nº 449, de 24.10.1962 que deu nome a essa praça. Ela fica no início das ruas Capitão José Tomé, (Doze Bicos) e Justiniano Fonseca, ao lado da praça Joaquim José Barbosa de Miranda. Vale registrar que a lei nº 2450, de 15.09.1992, denominou como Carlos Vieira de Oliveira um Sistema de Abastecimento de Água do Distrito.

O homenageado, mais conhecido como Lolô Vieira, nasceu a 04.05.1896 no distrito de Piacatuba, filho de Francisco Vieira de Oliveira, também nome de rua, e Maria de Assis Pereira, casal que deixou grande descendência. Pelo lado paterno, Carlos era neto de Carlos José Vieira e Maria Teodora de Oliveira. Pelo lado materno, seus avós eram Francisco de Assis Pereira e Carolina Leopoldina de Jesus. Era fazendeiro (Fazenda Vileta) e foi vereador pelo distrito de Tebas.

CARMITA MONTEIRO, rua

(Bairro José Arruda) – É da lei nº 2611, de 20.04.1994, projeto do vereador José Geraldo Almeida Machado (Gué), a denominação dessa rua. Ela começa na rua Cândida Maria F. Lamoglia e segue na direção da UNIPAC e da torre de telefonia.

Conforme a certidão de óbito, Carmita nasceu em Patrocínio do Muriaé, em 15.11.1934. Era filha de Sebastião Monteiro e Maria Rita Monteiro. Faleceu em Juiz de Fora no dia 09.07.1990. Segundo informação de familiar, da união com José Arruda, teve sete filhos e criou mais um casal de filhos (Delizete e José Maria) da união anterior do marido.

Veja Arruda, vila.

CARMO, Nossa Senhora do, praça e rua

(Bairro Eldorado)

Praça - Com a lei nº 3668, de 19.10.2005, surgiu o nome dessa praça que fica entre as ruas Argemiro Augusto Pinto Bitencourt e Elias Veiga.

Rua – Com a lei nº 3.457, de 04.10.2002, surgiu a rua com o mesmo nome que, segundo o mapa de 2024, fica nas proximidades do CAIC – Centro de Atenção Integrada à Criança e ao Adolescente. Ela começa na rua Paulo Sérgio Resende e termina na rua Mariana de Oliveira Figueira da Costa.

Dom Servilio Conti (1986, p.307) ensina que 16 de julho é o dia da grande festa da Ordem dos Carmelitas e da grande família dos devotos de Nossa Senhora do Carmo. Ensina, também, que, segundo uma antiquíssima tradição, no monte Carmelo, na Terra Santa, se formou um mosteiro de profetas à espera da vinda do Messias. Verdade é que no monte Carmelo vivia uma comunidade de eremitas que, por volta de 1.150, foi transformada em Ordem religiosa.

CAROLINA, vila

(Bairro Mina de Ouro) – Foi a lei nº 947, de 17.10.1973, que deu nome a essa vila localizada na rua São Pedro. É formada por casas construídas pelo sr. Rubens F. Resende.

A razão do nome ainda é desconhecida.

CASTRO ALVES, rua

(Maria Guimarães França) – Foi a lei nº 807, de 09.08.1972, que lembrou o poeta baiano na denominação dessa rua. Tem seu início na rua Gen. Olímpio Mourão Filho e termina nas proximidades da E. E. Sebastião Silva Coutinho (Polivalente). Na ementa da citada lei, consta que a rua fica no bairro Santa Tereza, nome estranho às fontes pesquisadas até aqui. Na lista de CEP e no mapa de 2024, ela aparece como sendo rua do bairro Maria Guimarães França.

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu na Bahia, na Vila de Curralinho (hoje cidade de Castro Alves), no município de Muritiba, em 14.03.1847 e faleceu, aos 24 anos, em Salvador, BA, em 06.06.1871. Muito cedo tomou o partido dos escravos e lançou suas ideias em prol do fim da escravidão. Abolicionista exaltado, aliviava suas preocupações revolucionárias com a sua visão romântica. Deixou importante contribuição literária que o torna, hoje, um dos mais lidos e populares poetas brasileiros.

CATAGUASES, rua

(Antigo Logradouro) - É a atual rua Dr. Ormeo Junqueira Botelho. Foi a lei nº 684, de 18.04.1969, que deu a denominação de rua Cataguases à nova rua, sem denominação, que ligava a ladeira Riachuelo à rua Lindolfo Pinheiro de Lacerda.

Remonta ao ano de 1828 a doação para o patrimônio de Santa Rita da Meia Pataca, instituído Curato em 1832. A 10.10.1851 foi elevado a distrito, subordinado ao município de Leopoldina. No dia 25.11.1875 foi promulgada a lei de sua elevação a município, fato só efetivado no dia 08.09.1877, quando finalmente Cataguases desvinculou-se de Leopoldina.

CATEDRAL, bairro

(Antigo Logradouro) - O bairro Catedral apareceu no mapa de 2000 e compreendia os logradouros do entorno da igreja matriz. Não foi encontrado normativo com a sua criação e o mapa de 2024 não mais o menciona.

O termo Catedral indica ser esta a principal igreja do bispado de Leopoldina.

CAXIAS, Duque de, rua

(Bairro Três Cruzes) – Ainda não se localizou o número da lei que deu nome a essa rua, mas ela é citada em algumas ementas e consta no mapa 2024. Começa na rua Ferreira Brito e segue em direção à Manoel Antônio de Almeida. Fica entre as ruas Vinte e Um de Abril e Três de Março.

CAXIAS, Duque de, largo

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – Também não se localizou, até o momento, a lei que denominou essa via do distrito de Ribeiro Junqueira.

Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, é o patrono do Exército Brasileiro. Nasceu na Vila Estrela, no Rio de Janeiro, em 25.08.1803, e faleceu em Valença (RJ), em 07.05.1880. Participou de inúmeras batalhas à frente das tropas brasileiras. Teve participação ativa na Guerra da Tríplice Aliança. Foi senador, ministro da guerra e conselheiro do Império.

CEMITÉRIO

(Alto do Cemitério) – O Cemitério Nossa Senhora do Carmo recebeu a oficialização desse nome a partir da lei nº 96, de 18.02.1950. Registre-se que, além do atual, outros locais da cidade também já serviram como cemitério.

Francisco de Paula Ferreira de Rezende, talvez um dos primeiros memorialistas da cidade, refere-se ao primeiro cemitério de Leopoldina como "situado no morro que ficava para trás da Rua do Rosário (atual rua Tiradentes), na estrada que se estendia para os lados de Laranjal, Campo Limpo e Vista Alegre", cujos restos ele "acreditava ter alcançado". E diz ele que "no alto desse morro teria sido construída a primeira capela do povoado". Com essas informações, parece ter existido um cemitério no morro dos Pirineus, na face voltada para a rua Pres. Carlos Luz, que seria o caminho natural dos que buscavam a saída para Campo Limpo.

Talvez, o testamento de Caetana Maria Angélica, prima do padre Manoel Antônio Brandão, possa ajudar a contar a história do cemitério de Leopoldina. Nele, há a citação de que Francisco Pereira Pontes e sua mulher Veronica fizeram doação de terras para a Matriz, possivelmente em 1854. Como o doador registrou, em 1856, possuir uma fração da Fazenda da Grama, essa doação pode ter sido do terreno acima do Caminho do Meio (atual Rua Santa Filomena), local onde está o Colégio Imaculada. A divisa da fazenda da Grama devia ser um curso d'água que partia do alto do morro da Catedral. E essa doação pode ser da encosta do morro voltada para a rua da Grama, para ser o Cemitério da primeira Matriz.

Rezende (1988) veio para Leopoldina em 22.09.1861 e, em 1865, adquiriu a fazenda Filadélfia. Ele conta que o atual cemitério, na rua Riachuelo, teria sido construído nas terras doadas por ele, quando era proprietário de uma chácara "quase pegada à igreja do Rosário, que então se começava a construir". O Almanak Administrativo de Minas Gerais (1865, p.436) informa que naquele ano Leopoldina contava com um "cemitério decente, murado e com capela".

Se Rezende, por volta de 1865, imaginava ter conhecido os restos de um cemitério e ele foi o doador das terras para a construção de outro, está claro que Leopoldina teve pelo menos mais um cemitério, que estava em uso naquela ocasião.

Como não foram localizadas indicações desses possíveis cemitérios anteriores, registra-se que os dois primeiros sepultamentos no cemitério novo foram os de João Batista Martins Guerra, de 45 anos, filho de Quintiliano Martins da Costa, enterrado em 15.08.1880, na sepultura 487; e, o de João, de 1 dia, filho de Francisco José Machado, enterrado em 19.08.1880, sem número de sepultura. Finalmente, como registro, fica a informação de que os dois primeiros livros do cemitério público de Leopoldina, um para cidadãos livres e outro para escravos, tiveram seus termos de abertura assinados por João das Chagas Lobato, a 15.08.1880, e que o primeiro registro de sepultamento ocorreu no dia 20 daquele mês.

Ver Alto do Cemitério, bairro e, Carmo, Nossa Senhora do, praça e rua.

CEMITÉRIO, largo

(Antigo Logradouro) - É a atual praça São José, situada em frente ao portão principal do Cemitério Nossa Senhora do Carmo.

CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO, (1888-1988), rua

(Bairro Alto dos Pirineus) – Foi a lei nº 1972, de 07.04.1988, projeto 28/88, do vereador Ely Rodrigues Netto, por sua ementa, que informou ser essa a via que liga a rua Senhor dos Passos à rua Antônio Custódio. Ocorre que ela não aparece na relação de CEP's e não consta dos mapas de 2000 e 2024. E, aparentemente, no local indicado pela ementa estaria a rua Tufi Jorge. A ideia de homenagear a data é para lembrar o 13 de maio de 1888.

Ver Tufi Jorge, rua

CENTO E QUATRO, comunidade

A comunidade Cento e Quatro fica na margem da rodovia Rio–Bahia, BR 116, entre os quilômetros 787 e 788. Seu nome é uma referência ao km 104 da rodovia, quando a contagem tinha seu início oficial na antiga rodovia União Indústria, em Areal, RJ.

A Comunidade surgiu como ponto de apoio criado pelo DNER - Departamento Nacional de Estradas de Rodagem. No local, foi montada uma usina de preparo do asfalto quando iniciaram as obras de asfaltamento da rodovia Rio-Bahia no trecho Além Paraíba-Leopoldina.

Ao lado dela foram construídas, pelo DNER, residências para operários. Por sugestão do Bispo Diocesano, Dom Delfim Ribeiro Guedes, foi construída, também, uma capela consagrada a Santa Terezinha.

CENTRO, bairro

Ao tempo do surgimento do Arraial do Feijão Cru, considerava-se a área da Igreja Matriz e das casas comerciais e de moradia "urbanas" como o 1º quarteirão de uma localidade. Até o final do século dezenove, assim era denominado o que hoje chamamos de Centro.

Bairro Centro é atualmente definido como área central, mesmo que não esteja no ponto geográfico do meio da cidade. É o coração urbano que abriga atividades comerciais, financeiras e culturais, além de moradias. Em Leopoldina, o bairro Centro abrange 67 logradouros, entre alamedas, avenidas, becos, calçadão, praças, ruas, travessas e vilas.

CHÁCARA DONA EUZÉBIA, bairro

Foi a lei nº 532, de 15.09.1964, que criou esse bairro. Está localizado entre os bairros do Rosário, Alto do Cemitério e Maria Guimarães França. Inicialmente recebeu o nome de Dona Euzébia e, a partir de 1994, com a lei 2636, Passou a ser oficialmente referido pelo nome de Chácara Dona Euzébia.

Segundo antigos moradores de Leopoldina, Dona Euzébia teria sido proprietária de uma vila de casas de aluguel que deram origem ao bairro. Faleceu antes de 1930 e seu nome permaneceu na casa sede da chácara e na memória popular até que foi oficializado como nome do bairro.

CHICO BASTOS, bairro

Embora a lei nº 1514, de 06.08.1981, a ele se refira, o bairro ainda não está totalmente urbanizado. Apenas algumas vias estão prontas. Ele fica nas terras que pertenceram ao homenageado, no lado esquerdo da avenida Getúlio Vargas, entre o prolongamento da rua Francisco de Andrade Bastos (Chico Bastos) e o bairro Jardim Lisboa.

CIDADE ALTA, bairro

O bairro foi criado pela lei nº 4093, de 14.03.2013, projeto 07/2013 dos vereadores Paulo Sérgio Celestino de Oliveira, Hélio Batista Braga de Castro, Jacques Villela, Kélvia Raquel e Leandro de Almeida Machado. No local já existia o Conjunto Habitacional José Nelson Reis Junqueira, criado pela lei nº 3957, de 24.03.2011, projeto 04/2011 do vereador Ivan Martins Nogueira. Localiza-se no alto do morro do bairro Bela Vista. Seu principal acesso é pela rua Aloisio Soares Fajardo, no bairro Nova Leopoldina. Suas ruas homenageiam o Distrito Federal e os estados do Espírito Santo, Goiás e Rio de Janeiro.

CIPRIANO PEREIRA BAIA, rua

(Bairro Alto dos Pirineus) – Dentre muitas, essa é mais uma rua da qual não se tem a lei que lhe deu o nome. Começa na praça Alípio Assunção e desce no sentido de quem vai para o bairro Bela Vista até encontrar a rua Antônio Machado de Matos. É a rua de onde parte o beco Américo Oliveira Rocha.

Casado com Leonor Idalina de Jesus, também nome de logradouro, viveu na área onde foi aberta a rua que leva seu nome. Teve, pelo menos, os seguintes filhos: Waldomira casada com Belmiro do Nascimento, Esmeraldina casada com João Bahiano, Maria das Dores casada com Aristides Modesto, Waldete, José e Ruth casada com Vitalino Vitor Benedito.

CLARICE FURTADO COUTINHO, rua

(Bairro Popular) – Foi a lei nº 3869, de 19.12.2008, projeto 85/2008, do vereador Roque Macário Schettino, que informou alguns dados sobre a homenageada. A via começa na rua Orlandina Adolfo de Souza e termina logo após cruzar o final da rua Gilda Brito.

Clarice nasceu em 21.08.1916 ou 08.10.1916, filha de Orlando Furtado de Oliveira e Maria D'Onofrio. Neta materna de Francisco d'Onofre, falecido no Rio de Janeiro em 1913. Neta paterna de José Antônio Jacinto de Oliveira e Clementina Joaquina de Mendonça. Casou-se a 26.12.1935, em Leopoldina, com Francisco da Silva Coutinho, filho de Antônio Maurício da Silva e Emília dos Reis Coutinho, família que tem outros membros homenageados em logradouros. Faleceu em 30.07.2005, no estado de viúva.

CLAUDINA DA SILVA BENTO, rua

(Bairro Nova Leopoldina) – Em 10.09.2019, pela lei nº 4478, de 10.09.2019, projeto 24/2019, do vereador Ivan Nogueira, a via recebeu esse nome. Liga a rua Aloísio Soares Fajardo à rua Ismail Ávila, no bairro Bela Vista.

Claudina nasceu por volta de 1937, em Santo Antônio de Pádua, RJ, filha de João Pereira da Silva e Maria Rocha da Silva. Faleceu em Leopoldina em 11.10.2011.

CLEBER PEREIRA SALES, rua

(Bairro Maria Guimarães França) – O nome dessa rua surgiu com a aprovação da lei nº 1141, de 06.08.1976. Tem seu início na rua Arthur Maranha e finda na rua Antônio do Couto Filho. É paralela à rua professora Maria Castanheira. Fica no terreno onde foram construídas as casas populares da COHAB-MG que deram origem ao bairro.

Cleber nasceu a 28.11.1930 e faleceu a 05.04.1976. Era filho de Jair Pereira Sales e Maria José Cerqueira. Foi, juntamente com o seu irmão Heber Pereira Sales, também nome de rua, comerciante no ramo de material de construção (Casa Sales, que inicialmente funcionou na atual rua Gustavo Barbosa Miranda e, depois, foi transferida para a rua Francisco de Andrade Bastos, no local onde existiu a primeira igreja de São José). Na década de 1960, Cleber foi diretor e mantenedor do Comercial Futebol Clube, que disputava torneiros amadores na cidade e região.

CLÓVIS JUNQUEIRA BASTOS, rua

(Bairro Fábrica) – A lei nº 1462, de 07.08.1980, projeto 51/80, do vereador José Américo dos Santos Lima, é o documento que oficializa o nome dessa rua. Ela tem início na ponte da rua Francisco de Andrade Bastos e o seu final é na rua Juvenal Carneiro. É a rua que segue paralela ao Ribeirão Feijão Cru.

Clóvis nasceu por volta de 1918 e faleceu no dia 29.08.1965, em Leopoldina. Era filho de Francisco de Andrade Bastos e Helena Botelho Junqueira.

CLÓVIS SALGADO, Dr. Governador, avenida e praça

(Bairro São Cristóvão) – A lei nº 1278, de 18.08.1978, projeto 44/78, do vereador Ely Rodrigues Netto, foi o documento legal que deu denominação a essa avenida. Registre-se que essa lei é anterior à criação do bairro São Cristóvão, razão pela qual aparece na lei como

sendo bairro Bela Vista. Ela fica na margem direita do Ribeirão Jacareacanga. Começa na rua Omar Resende Peres e termina no encontro com a rua Dr. José Gomes Domingues, no limite do bairro Imperador.

(Bairro Jardim Bandeirantes) – Pela lei nº 1470, de 11.09.1980, projeto 58/80, a praça onde se localiza a capela Bom Jesus, entre as ruas Rafael Gorrado, Manoel Lacerda Leal, João Malaquias e Adauto Netto recebeu o nome do grande leopoldinense, governador Dr. Clóvis Salgado.

Clóvis Salgado Gama nasceu em 20.01.1906, na fazenda Copacabana, em Leopoldina. Era filho de Luiz Salgado Gama e Virgínia Salgado Gama. Irmão de outros quatro médicos: Luiz, Gilberto, Jório e Jairo. Este último, ex-prefeito e nome de logradouro público na cidade. Dr. Clóvis destacou-se como médico, professor catedrático, cientista e cirurgião. Eleito vice-governador do estado, no afastamento do titular (Juscelino Kubitschek), assumiu o cargo de governador. Trouxe para Leopoldina o Conservatório de Música Lia Salgado e assinou a lei que transformou o Ginásio Leopoldinense em Colégio Estadual. Como Ministro da Educação e Cultura, organizou a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo tendo Leopoldina como plano piloto. Criou a biblioteca pública municipal e a Escola Parque.

COHAB-Nova e Velha, bairros

(Antigo Logradouro) - É o nome como popularmente era conhecido o bairro Dr. Joaquim Furtado Pinto, criado por volta de 1979. Esse bairro surgiu logo depois do bairro Maria Guimarães França, em 1976, popularmente conhecido como COHAB-VELHA.

COLATINO BARBOSA DE CASTRO, rua

(Bairro Vila Esteves) – Surgiu com a lei nº 1194, de 16.06.1977, projeto 29/77, o nome dessa rua que tem seu início na rua Nicolau Esteves e termina na rua Edson Barbosa Rezende.

Colatino ou, Colito, como era geralmente conhecido, nasceu em 07.01.1894, em Argirita. Faleceu em 04.03.1977 em Leopoldina. Casou-se em 17.02.1917 com Sebastiana Barroso (conhecida como Dona Anita), natural de Descoberto (MG). Era filho de Joaquim Barbosa de Castro e Emiliana Antunes de Faria. Embora a família tenha como sendo Mar de Espanha a origem de Joaquim, na verdade ele nasceu em 23.11.1867, no distrito de Bom Jesus do Rio Pardo (atual Argirita) que, à época, estava vinculado a Mar de Espanha. Emiliana, por sua vez, nasceu em 09.09.1873, em Argirita. Colito foi fazendeiro, elegeu-se vereador e foi

vice-prefeito. Segundo o projeto de lei que deu nome à rua, chegou a exercer o cargo de prefeito da cidade, demonstrando as suas qualidades de homem público e político conciliador. No dizer de Mário de Freitas, em "Leopoldina do Meu Tempo", Colito era "admirável pela simplicidade de sua vida e dos seus costumes, íntegro de caráter e nobre de sentimentos".

COMÉRCIO, DO, rua

(Antigo Logradouro) – No distrito de Piacatuba, pela lei nº 793, de 01.03.1972, esta via recebeu o nome de José Furtado de Mendonça informando que ela era a antiga rua do Comércio.

CONCEIÇÃO DA BOA VISTA, rua

(Antigo Logradouro) - A lei nº 440, de 04.11.1928, pelo seu artigo 2º, alterou o nome da via que se chamava rua Conceição para rua Conceição da Boa Vista. E com esse nome é citada na lei nº 1, de 07.11.1936, publicada na Gazeta de Leopoldina (22.11.1936, fls 1, col.3-5), que informava que ela pertencia ao Centro da cidade.

As ruas e praças não nominadas, existentes no final da década de 1920, no perímetro urbanizado entre a Estação e a sede da Fazenda Desengano, receberam nomes dos distritos (Campo Limpo, Thebas, Recreio, Piacatuba, Providência, Argirita e Santa Izabel). Assim, muito provavelmente, essa rua, homenageando o distrito de Conceição da Boa Vista, também o foi. E, ao observar a área, pode-se concluir que ela seria a atual rua José Peres, única na região da qual não se tem informação do nome anterior.

CONCEIÇÃO SOARES MONTEIRO DE CASTRO, Professora, rua

(Bairro Arthur Leão) – A homenagem à professora Conceição Soares Monteiro de Castro surgiu com a lei nº 898, de 15.05.1973. É a via que começa na rua Padre José Domingues Gomes e finda no encontro com a rua Irmã Gabriela, nas proximidades do Ribeirão do Feijão Cru.

Interessante observar que a lei nº 466, de 27.03.1963, "dá nome de rua São José à via sem nome que, partindo do Seminário, segue em direção de seus terrenos, passando pelas casas de propriedade de D. Amália Cortes, Osmar Paixão de Paula e outros." Por essas informações, pode-se concluir que a rua São José é a mesma que recebeu o nome da

Professora Conceição. Até porque a outra rua que poderia estabelecer alguma dúvida quanto ao nome "São José", seria a rua Padre José Domingues Gomes, nominada pela lei nº 897, de 15.05.1973.

Professora de canto e música do então Colégio Estadual Professor Botelho Reis, Conceição Soares dos Santos casou-se com o também professor, Gustavo Eneas Monteiro de Castro que dá nome a um logradouro no bairro próximo da casa onde o casal viveu.

CONCÓRDIA, largo

(Antigo Logradouro) - No livro de atas da câmara de nº 6, com data de 04.06.1877 está a petição de José Pereira de Oliveira oferecendo-se a fazer o gradil do largo da Concórdia a quinze mil reis o metro, com esteios de ferro de cinco mil reis cada um.

No livro de atas de nº 7, fls 22, 10.02.1880, Dr. Pestana declarou que o prédio em construção no largo da Concórdia, conquanto o construtor tivesse ultrapassado o terreno concedido pela câmara, estreitando em 20 palmos a rua que vai ao córrego e que por isso deveria ser demolido, seja no entanto conservada a construção de pedra já feita, atendendo à importância da obra, mas pagando o construtor pela concessão deste excesso, mais multa por ter edificado em parte sem concessão e prévio pagamento dos direitos de construção assim como a multa.

CONSELHO, DO, praça e rua

Praça - (Antigo Logradouro) - Ainda não se localizou documento sobre a existência e o nome dessa praça no distrito de Piacatuba. Sabe-se que a lei nº 1386, de 04.10.1979, alterou a denominação do logradouro antes conhecido como praça do Conselho para praça Santa Cruz.

Em 1889, com a Proclamação da República no Brasil, as câmaras municipais foram extintas. Para exercerem as funções legislativas e fiscalizadoras, foram criados os Conselhos de Intendência que funcionaram por um curto período, uma vez que a Constituição de 1891 logo sanou o problema reorganizando os poderes legislativos e executivos dos estados e municípios.

Rua - (Antigo Logradouro) – No distrito de Tebas a rua do Conselho é citada no verbete relativo a Álvaro Correa Lima como sendo a do endereço de uma das casas de comércio de Guilhermino Antônio da Fonseca, sogro de Álvaro.

CONTORNO, do, rua

(Antigo Logradouro) - Diz a lei nº 602, de 01.03.1967 que fica denominada rua do "Contorno" a via pública, desta cidade, que iniciando na rua Joaquim Ferreira Brito vai terminar na Praça São José, conhecida pela denominação não oficializada de Rua Santa Terezinha. É a atual rua Lurdes Rocha.

CORÉIA, bairro

(Antigo Logradouro) - Era o nome corrente do bairro de Fátima, que, aparentemente, foi dado pelos imigrantes que ali se instalaram no final do século dezenove. O nome remete a uma antiga dança grega, em italiano chamada Corea, muito comum na Itália, com bailado infantil muito agitado e cantos, também conhecida como Ballo di San Vito.

COSTA MONTES, rua

(Bairro Fábrica) - Três leis citam o nome dessa rua. A primeira, a lei nº 440, de 04.11.1928, deu a ela o nome de rua dos Operários, homenageando trabalhadores da Fábrica de Tecidos que foi a responsável pela construção de casas para os seus empregados. Posteriormente, em 10.05.1985, pela lei nº 1728, o nome da rua mudou para Perciliano de Oliveira, em homenagem a Perciliano Carlos de Oliveira, que residiu nas imediações e ficou conhecido como senhor "Costa Montes". E, pela terceira vez, através da lei nº 1802, de 20.05.1986, projeto 32/86 do vereador Benedito Rubens Renó Guedes que deu nova redação à lei anterior, nº 1728, o nome da rua foi alterado para Costa Montes. Essa rua tem início no lado direito do trecho final da rua Francisco de Andrade Bastos. Segue paralela à av. Getúlio Vargas e, fazendo uma curva, finda na citada avenida, próximo ao nº 449. É uma das vias que recebeu edificações operárias, as populares "casas da Fábrica".

Homenageia Perciliano Carlos de Oliveira, nascido a 11.05.1895 e falecido em 08.05.1972, que ficou conhecido como sr. Costa Montes. Perciliano era natural do distrito de Providência, filho de Emílio Carlos de Oliveira e Querina Matilde de Oliveira Montes, ambos descendentes do pioneiro Bernardo José Gonçalves Montes que formou a fazenda Sossego, base do povoado Arraial dos Montes. Casou-se em Leopoldina, a 03.11.1917, com Eliza Rodrigues dos Santos, filha de Ponciano Rodrigues e Deolinda Pires dos Santos. Deixou 16 filhos. Trabalhava como charqueador, mas tornou-se mais conhecido na cidade por sua atividade como homeopata prático, que exercia com o único propósito de ajudar às pessoas.

Veja Operários e Perciliano de Oliveira.

COTEGIPE, Barão de, rua

(Bairro Centro) – Foi aberta a partir da esquina com a Tiradentes e recebeu o nome de rua Municipal, em 1855. Em 25.07.1879, registro no Livro de Atas nº 1, fls. 76v, trata da adequação da rua que "da rua Direita (Lucas Augusto) dirige-se à Municipal pelo morro da Matriz, de conformidade com a postura, por que não tem 30 palmos de largura a dita rua." Posteriormente, por proposta do vereador Augusto Monteiro, adotou o nome de rua das Flores, segundo Barroso Júnior. A Gazeta de Leste, de 11.10.1890, diz que o sexto quarteirão compreendia a rua Cotegipe, a partir da casa do Custódio Cruz, até a estação e a rua da Palha. No início, ela era endereço de muitas personalidades importantes do município. Mas, por volta de 1890, já contava com pontos de comércio, como se pode observar em jornais da época. Hoje, ela se transformou na principal rua de comércio da cidade. Começa na praça General Osório e termina na rua Lucas Augusto, em frente à Prefeitura Municipal.

O Barão de Cotegipe, João Maurício Wanderley, nasceu na vila da Barra do Rio São Francisco (BA), em 23.10.1815, e faleceu no Rio de Janeiro, em 13.02.1889. Segundo consta, descendia de família holandesa. Bacharelou-se em Direito em Olinda, PE. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico, presidiu o Banco do Brasil, foi deputado geral e senador por sua província, pertenceu ao Conselho do Imperador, foi ministro da Marinha e da Fazenda e ocupou a pasta de Negócios Estrangeiros. Segundo Ely Behar, em "Vultos do Brasil", Cotegipe morreu sem recursos e completamente pobre.

CRIANÇA, travessa

(Antigo Logradouro) – Foi a lei nº 3657, de 07.12.2005, que alterou a redação do art. 1º da lei nº 1794, de 14.05.1986, projeto do vereador Darcy Luiz Vasconcelos de Resende, mudando o nome da travessa da Criança para rua Sinval de Oliveira. Era a via que fazia a ligação da rua Omar Barbosa com a rua Santa Luzia. É, talvez, um dos nomes mais apropriados para uma travessa de um bairro residencial bastante calmo como parece ser o São Luiz.

CRISTÓVÃO, SÃO, bairro

Foi a lei nº 1362, de 02.08.1979, que deu nome a esse bairro. O bairro São Cristóvão é toda a área localizada no lado direito do Ribeirão Jacareacanga que passa por aquele local e marca a sua divisa com o bairro Bela Vista. Faz divisa com a BR 116 e com o bairro Três Cruzes na altura da antiga pedreira ali existente.

São Cristóvão é o padroeiro dos motoristas. É lembrado por seus devotos com uma procissão de veículos que percorre o bairro e várias ruas da cidade. Dom Servilio Conti (1986), informa que São Cristóvão, cuja data se comemora a 25 de julho, mereceu um culto litúrgico desde os tempos mais remotos, na igreja Oriental e na Romana. Por toda a Europa e pelo Brasil, existem muitas igrejas a ele dedicadas. Em sua honra, foram fundados conventos, patronatos, abrigos e irmandades, muito embora pouco se saiba sobre sua vida.

CRUZ, SANTA, bairro

(Antigo Logradouro) - Até aqui a lei e o projeto denominando esse logradouro não foram localizados. O que se tem a respeito é a lei nº 1987, de 04.08.1988, que dá nome à rua Manoel Januário e a lei nº 2631, de 30.06.1994, que dá nome à praça Madre Angeles Echeverria, as quais mencionam o bairro Santa Cruz. A primeira, afirmando que a rua fica no bairro Santa Cruz. E a segunda, que a Madre Angeles realizou trabalhos sociais nos bairros Santa Cruz e Limoeiro.

CRUZ, Santa, praça

(Distrito de Piacatuba) - A lei nº 1386, de 04.10.1979, alterou a denominação do logradouro antes conhecido como praça do Conselho para praça Santa Cruz, em Piacatuba.

Para os cristãos, a cruz é o símbolo de redenção operada por Cristo. O dia 14 de setembro é consagrado, pela igreja, à Exaltação da Santa Cruz de Cristo. Em Piacatuba, a festa da Cruz Queimada é no dia 3 de maio. Seu primeiro nome foi Praça do Conselho, por ali estar localizada a casa do primeiro ocupante deste cargo no distrito.

CUSTÓDIO JUNQUEIRA, Doutor, rua

(Bairro Centro) – Lei e projeto a respeito da denominação dessa rua ainda não foram localizados. Começa na praça Félix Martins, cruza a praça Francisco Pinheiro Correia de Lacerda e vai encontrar a estrada que segue para Abaíba. Nessa rua, está o Clube do Moinho

e a sede da Fazenda Desengano. Por fotografias existentes nos arquivos de Luiz Raphael Domingues Rosa, conclui-se que esta rua é a antiga avenida Santa Isabel, que também recebeu a denominação de avenida Desengano.

Custódio Monteiro Ribeiro Junqueira nasceu na fazenda Niagara, no município de Leopoldina, no dia 25.02.1875 e faleceu aos 66 anos de idade, em 19.03.1941. Era filho de José Ribeiro Junqueira e de Antônia Augusta Monteiro Lobato Galvão de São Martinho. Em 1897, formou-se em medicina pela Escola Nacional do Rio de Janeiro. Logo após a formatura, veio clinicar em Leopoldina. Casou-se com Emerenciana Botelho Reis Junqueira. Por dois anos, trabalhou na Bélgica como fiscal dos serviços de recebimento de café das cooperativas de Minas Gerais. Foi vereador pelo distrito de Santa Isabel (1904) e vereador geral em 1908. De 1912 a 1922, exerceu o cargo de presidente da câmara municipal. É um dos fundadores do Ginásio Leopoldinense (Escola Estadual Prof. Botelho Reis), onde exerceu o cargo de diretor geral. Foi, ainda, diretor da Casa de Caridade Leopoldinense e lecionou na Faculdade de Odontologia de Leopoldina.

CUSTÓDIO LACERDA, rua

(Bairro Caiçara) – Foi a lei nº 1394, de 16.11.1979, projeto 61/79, do vereador Wilson José Valentim, que nominou essa rua que começa no lado esquerdo da av. Jehu Faria, junto ao portal da entrada sul da cidade, e segue em direção à sede da propriedade rural que pertenceu a Custódio Lacerda.

Custódio Lacerda Filho era ruralista e deixou grande descendência. Nasceu em 04.07.1884, filho de Custódio Ferreira de Lacerda e Augusta Esméria Rodrigues. Era neto paterno de Ezaú Antônio Corrêa de Lacerda e Generosa Teodora de Jesus e neto materno de Vicente Rodrigues Ferreira e Luciana Francelina da Anunciação. Tem, na sua ascendência, todos os troncos povoadores de Leopoldina. Casou-se com sua prima Etelvina Rodrigues Ferreira, filha de seu tio-avô Antônio Vicente Ferreira. Foi pai de Altanízio, Benício, Dionízio, Olívia, Nízia (também nome de rua), Custódio, Altamiro e Ataliba.

CYRO GONÇALVES DE OLIVEIRA, alameda

(Bairro Alto do Cemitério) – O nome dessa alameda surgiu com a lei nº 2421, de 13.08.1992, projeto 47/92, do vereador José de Castro Barbosa. Essa via começa na rua Manoel Januário e termina no pátio das capelas mortuárias.

O homenageado nasceu em 02.01.1900, em Piacatuba. Lavrador, transferiu-se para Argirita onde passou a exercer também a profissão de carpinteiro. Casou-se com Izaura da Silveira, nascida em 20.12.1908, em Argirita, filha de Bráulio Campos da Silveira e Alzira Dolores da Silva. Cyro e Izaura mudaram-se para Leopoldina em 1936, residindo até o fim da vida na atual rua Manoel Januário, próximo à entrada para as capelas mortuárias. Cyro faleceu em 18.04.1984 e Izaura, em 26.05.1989, em Leopoldina.

LETRA D

DANIEL SMITH, rua

(Bairro Jardim Bela Vista) – A denominação oficial dessa rua ocorreu com a lei nº 3304, de 15.09.2000, projeto 89/2000, do vereador Nélson Vieira Filho. Segundo o mapa de 2024, ela tem seu início na av. Jésus Moreira de Souza, cruza a rua Vicente Basile e finda na av. Waldir Delfim de Andrade, embora a ementa da lei diga que seu início estaria na av. dos Expedicionários e o final na rua Anderson Pereira Bela.

Daniel Smith nasceu a 14.01.1915, filho de Carlos Smith e Clotilde. Casou-se a 23.01.1948, na Tijuca, Rio de Janeiro, com Célia Junqueira Bastos, filha de Francisco de Andrade Bastos e Helena Botelho Junqueira, com quem teve dois filhos. Era administrador de empresas e engenheiro da Petrobrás. Residia no Rio de Janeiro, mas frequentava Leopoldina em todos os seus momentos de folga. Faleceu a 25.07.1995, no Rio de Janeiro, e foi sepultado em Leopoldina.

DÁRIO LOPES DE FARIA, rua

((Bairro São Cristóvão) – Pelo projeto 79/78 dos vereadores Adávio Pires de Almeida, Jair de Almeida Lacerda e Joaquim de Castro Meirelles, que deu origem à lei nº 1317, de 14.12.1978, foi dado nome a essa via. Ela tem início na av. Funchal Garcia, cruza a rua Dr. José Gomes Domingues, passa pelas praças Juscelino Kubitschek e Domingos Comte, cruza a rua Nilo Colono dos Santos e finda na rua Miguel Gesualdi. Vale registrar que existe uma placa de identificação na av. dos Expedicionários, próximo ao número 660, informando o início da rua Dário Lopes de Faria na avenida dos Expedicionários.

Dário Lopes de Faria casou-se com Maria Madalena Lopes de Faria, conforme consta na certidão de óbito de seu filho Dário. São filhos do casal: José Lopes de Faria (Zezé); Francisca Faria do Carmo (Quiquinha); Maria Madalena (Lika); Rita; Dario; Geraldo; Sebastião (Tão); Antônio; Luzia; Terezinha (Tereza); Aparecida (Cida); Expedito (Dil). Foi proprietário da padaria Leopoldinense, que funcionava ao lado da Padaria Brasil, na parte alta da rua Tiradentes.

DÁRIO MATEUS DE OLIVEIRA, beco

(Bairro Fábrica) – O nome desse beco aparece com a lei nº 3441, de 22.08.2002, projeto 63/2000, do vereador Juarez Esteves. É o primeiro beco à direita da rua Vinte e Sete de Abril, no sentido Praça da Bandeira – Bairro Fátima. O seu lado esquerdo marcava o limite a partir do qual as edificações eram no formato padrão das casas operárias. Eram as populares "casas da Fábrica", que tomavam quase a totalidade da rua Vinte e Sete de Abril e todas as vias que dela saiam, desse beco até a rua Francisco de Andrade Bastos.

Dário Mateus nasceu em 1909, no distrito de Piacatuba, e faleceu em 28.06.1958, em Leopoldina. Era filho de José Mateus de Oliveira e Marcilia Francisca de Jesus. Casou-se com Maria Izabel dos Reis, filha de José Custódio e Maria José das Dores, também nascida em Piacatuba. Seu pai foi batizado em Piacatuba em 12.11.1872, filho de Mateus de Oliveira Santos e Constança Maria de Jesus. Sua mãe era filha de José da Silva Badaró e Eugênia Francisca de Jesus, ele filho de Francisco da Silva Badaró e Flausina Maria da Conceição, de Rio Pomba. Trabalhou como carroceiro. Dário Mateus e Maria Izabel foram pais de: Maria de Lourdes casada com João Pereira da Silva; Esmeralda casada com José Ossir Rosa; Marcília; Neuza casada com Edson Rodrigues Tavares; Nerci casada com Hirto Amaral; Miraci casada com Valter de Paula Crespo; Vera Lúcia casada com Pedro Mendonça;Airtod de Oliveira casado com Mariza dos Reis Oliveira. Airton e Mariza foram pais de Lucimary Vargas de Oliveira criadora e primeira diretora de um Arquivo Público Municipal em Além Paraíba.

DAVIS PEREIRA, beco

(Bairro Quinta Residência) – Foi a lei nº 2455, de 27.10.1992, projeto 83/92, do vereador Sebastião José da Silva, que deu nome a esse beco. Fica, segundo o projeto, "na rua Nossa Senhora Aparecida, no bairro Quinta Residência, sendo certo que o mesmo é o terceiro que se encontra à esquerda no sentido da rua Antônio Fernandes Valentim."

A senhorita Davis Pereira nasceu em Barão de Monte Alto, por volta de 1946, filha de Sebastião José Pereira e Otacília Pereira. Foi cozinheira da antiga Churrascaria Xangô. Faleceu com 44 anos de idade, em 10.08.1990, em Itaperuna, e foi sepultada em Leopoldina.

DÉCIO DA SILVA COUTINHO, beco

(Bairro Rosário) – Denominado pela lei nº 4117, de 13.06.2013, projeto 45/2013 do vereador Rodrigo Junqueira Reis Pimentel, o logradouro é acessado pela rua Joaquim Ferreira Brito, ao lado do nº 107.

O homenageado nasceu a 18.09.1929 em Leopoldina, onde faleceu a 11.06.1999. Era filho de José da Silva Coutinho e Dalila da Conceição Machado, sendo cunhado de Clarice Furtado Coutinho que dá nome de logradouro no bairro Popular. Décio era neto materno de Joaquim José Machado e Maria da Glória Pereira que, por informações orais, foram moradores da casa ao lado da entrada do beco. E era neto paterno de Antônio Maurício da Silva e Emília dos Reis Coutinho sendo esta filha de Josefa Maria de São José e Moisés dos Reis Coutinho que foi Subdelegado e Juiz de Paz em Leopoldina.

Décio era se casou, a 19.10.1954 com Leni Martins de Almeida com quem teve os filhos Ângela, Luiz Carlos, Antônio Otávio, Decileny e Olange.

DÉLCIO WERNECK MORAES, rua

(Bairro Vale do Sol) – A oficialização do nome dessa rua surgiu com a lei nº 2378, de 23.12.1991, projeto 85/91, do vereador Antônio Amâncio Valentim. É uma rua que, partindo da BR-116, em frente ao Ponto LAC (antiga Cooperativa dos Produtores de Leite de Leopoldina), dá acesso à Associação do Pessoal da Prefeitura de Leopoldina (APPL) e ao bairro Vale do Sol.

Délcio era natural de Miraí, filho de Aristeu Lacerda Moraes e Orolina de Lacerda Werneck. Era casado com Rita de Cássia Mendes com quem teve 4 filhos. Foi funcionário do Estado sendo um dos pioneiros, em Leopoldina, no setor de experimentos e apoio aos agricultores e agropecuaristas. Faleceu em 07.05.1989, em Leopoldina. Residia na rua Alan Kardec.

DELFIM RIBEIRO GUEDES, Dom, alameda e rua

(Bairro Centro) – A lei nº 2392, de 27.03.1992, nominou como Alameda Dom Delfim Ribeiro Guedes a escadaria que liga o final da rua Lucas Augusto à praça Ormeo Junqueira Botelho. É um dos acessos à Catedral.

(Bairro Imperador) – Foi a lei nº 3191, de 19.10.1999, que deu nome a essa rua. Começa na av. Agnello Correa do Bem e finda na av. José Marazzi. É paralela à rua Alziro de Azevedo Carvalho, Professor.

Dom Delfim nasceu em Maria da Fé, MG, em 02.05.1908. Fez o curso ginasial em Pouso Alegre, MG. Em 1925, ingressou no Colégio Pio Latino, em Roma, Itália, onde recebeu o título de doutor em teologia e filosofia, ordenando-se em 1931. Foi vigário em Soledade de Itajubá, atual Delfim Moreira, MG e em Maria da Fé. Nomeado bispo, assumiu a nova Diocese de Leopoldina, instalada em 31.10.1943, como o primeiro ocupante do posto. Esteve à frente da Diocese durante 17 anos. A ele se deve a criação do Seminário Nossa Senhora Aparecida e um longo período de publicação do jornal católico "O Leopoldinense", segundo Kleber Pinto de Almeida (2002). Era pessoa boníssima e muito querida na cidade. Faleceu em 23.02.1985 e está sepultado na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, em São João del Rei.

DELVAIR PEREIRA DE OLIVEIRA, rua

(Bairro Alto da Boa Vista) – Foi a lei nº 4347, de 20.10.2016, projeto 54/2016, do vereador Antônio Carlos Martins Pimentel, que denominou essa rua que liga a rua Marcelo Souza Lopes à rua Rafael Ruback de Oliveira. É paralela à rua Homero Gesualdo. A ementa da lei diz que esta via estaria no Loteamento Solar Leopoldina, mas ela consta no bairro indicado anteriormente.

Delvair, por todos carinhosamente chamado de "Compadre", nasceu em Tebas, na região do Valverde, aos 27.11.1922. Era filho de Graziel Lopes de Oliveira e Nerciolina Pereira de Jesus. Casou-se com Idegmar Celestina da Silva, nascida a 07.07.1928, em Ribeiro Junqueira, e falecida, em Leopoldina, a 25.09.2011, com quem teve seis filhos. Ela era filha de José Celestino da Silva e Júlia Pinto da Silva. Durante muitos anos, Delvair trabalhou no bar do Clube Leopoldina. Faleceu em 25.11.2012.

Os avós paternos de Delvair, Generoso Lopes de Oliveira e Maria Joana Nogueira, foram proprietários de um sítio que confrontava com João Machado Dias, João Vieira e Justiniano Antônio da Fonseca.

DEOCLÉCIO AGNELO DE OLIVEIRA, rua

(Distrito de Piacatuba) – Consta que esta rua recebeu o nome através da lei nº 1185. É a via pública que dá acesso ao bairro Santana, no distrito de Piacatuba.

Não foi localizado o projeto que identifica o homenageado.

DEODORO DA FONSECA, Marechal, rua

(Bairro Praça da Bandeira) – A Gazeta de Leopoldina (19.11.1939 fls 1 col.2) informa que o Decreto nº 27, de 14.11.1939, denomina rua Marechal Deodoro o trecho da ex-rua Getúlio Vargas que vai da rua João Neto até a agora Avenida Getúlio Vargas. Em 1968, o trecho da Marechal Deodoro, entre a av. Getúlio Vargas e a então Praça da Bandeira, recebeu o nome de Gustavo Barbosa Miranda. Nesse mesmo ano, a praça da Bandeira se tornou praça Zequinha Reis. Assim, hoje, a rua Mal. Deodoro da Fonseca liga a praça Zequinha Reis ao início das ruas das Flores, João Neto e Joaquim Garcia de Oliveira.

Manuel Deodoro da Fonseca, o Marechal Deodoro, nasceu em Alagoas, em 1827. Como militar, combateu em diversas campanhas e participou da brigada expedicionária enviada ao Prata em 1864. Teve participação ativa na Guerra do Paraguai. Governou o Rio Grande do Sul e, proclamada a república, assumiu o governo provisório, o que o fez tornar-se o primeiro presidente da república brasileira. Nesse cargo, sofreu muita pressão e renunciou ao cargo, deixando-o para o seu vice, Floriano Peixoto.

DEODORO RODRIGUES ÁVILA, escadaria

(Distrito de Tebas) – A lei nº 1392, de 16.11.1979, projeto 59/79 do vereador Antônio Rodrigues César, denomina a escadaria que começa na praça Dr. José Bastos e termina no Largo da Matriz, no final da rua Henock Fonseca e início da rua Fernando Barbosa Fonseca.

O projeto não identifica o homenageado. Segundo familiares, Deodoro era lavrador. Foi casado com Isolina Rodrigues com quem teve os filhos Eugênio, Antônio, Joaquim, Rosalina, Genis e Helena. Seu neto Antônio Rodrigues César foi vereador e presidiu a Câmara Municipal de Leopoldina. Isolina faleceu em 1971 e Deodoro em 01.08.1969

DERNEVAL VARGAS, rua

(Bairro Popular) – Foi a lei nº 3332, de 19.12.2000, que deu nome a essa rua que parte da praça Alberto Teodoro de Almeida, entre as ruas Ângela Lopes de Almeida e Erasto Antunes de Oliveira e segue em direção ao limite final do bairro.

Vale esclarecer que a lei nº 1763, de 13.11.1985, projeto 49/85, deu o nome de Derneval a outro logradouro no entroncamento das ruas Nilo Colona dos Santos, Dário Lopes Faria e

Clóvis Salgado Gama, no bairro São Cristóvão. Tempos depois, resolveram estender a rua Dário Lopes Faria para além da praça Domingues Comte e excluíram o nome de Derneval. Quinze anos depois, a lei nº 3332 deu o nome de Derneval Vargas à via no bairro Popular.

Derneval nasceu a 13.02.1921, era filho de João Vargas Corrêa Filho (Janjão) e Ilarina Machado Gouvêa. Era neto paterno de João de Vargas Corrêa e Altina Maria Vargas, descendente de um dos casais pioneiros de Leopoldina: Francisco de Vargas Corrêa e Venância Esméria de Jesus. Seu bisavô paterno era filho de Francisco de Vargas e de Teresa Maria de Jesus. Sua avó era filha de outro pioneiro, Antônio Rodrigues Gomes Filho e Rita Esméria de Jesus; ele, filho de Antônio Rodrigues Gomes e Jacinta Rosa de Jesus e ela, filha do "comendador" Manoel Antônio de Almeida e Rita Esméria de Jesus. Era neto materno de José Vital de Oliveira e Mariana Custódia de Moraes; ele, filho de Luiz José Gonzaga de Gouvêa e Maria Carolina de Moraes; Mariana era filha de João José Machado e Ana Venância da Silva. Casou-se com Maria Auxiliadora Machado Vargas, com quem teve sete filhos. Além de exemplar chefe de família, integrou a Força Expedicionária Brasileira; foi Avaliador Judicial, comerciante e delegado de polícia em Leopoldina. Faleceu em 15.02.1985.

DESCAROÇADORES, rua

(Antigo Logradouro) – Essa rua ficava no bairro Fábrica. O nome provém da atividade de retirada dos caroços do algodão para processamento na fábrica, realizada num galpão de sapé ali existente em tempos antigos. Conta-se que algumas famílias produtoras de algodão encarregavam suas filhas do transporte até a fábrica, com isso gerando grande ansiedade por parte dos funcionários que se deleitavam com a presença feminina. É a atual rua Izauro Bretas.

DESENGANO, alameda

(Bairro Centro) – Foi a lei nº 4139, de 24.09.2013, projeto 70/2013, do Vereador Alfredo Mendes do Vale, que denominou essa alameda. É a via de acesso de pedestre ao condomínio residencial Blue Garden Moinho, na rua Custódio Junqueira.

DESENGANO, avenida

(Antigo Logradouro) – Fotografia do acervo de Luiz Raphael Domingues Rosa leva a concluir que esta avenida é a atual rua Custódio Junqueira. Também através de foto constata-

se que ela recebeu, posteriormente, o nome de avenida Santa Isabel, denominação do distrito que passou a se chamar Abaíba.

DESENGANO, bairro

(Antigo Logradouro) - Nenhum documento oficial foi encontrado sobre a existência de um bairro com esse nome. Mas, popularmente, ele é às vezes citado. Seria um bairro formado no entorno da sede da fazenda Desengano, que reuniria o final da rua Custódio Junqueira, a rua Rubem Duarte, o prolongamento da rua Belizário Oliveira Silva, a rua Juamiro Moura Mendonça e o condomínio residencial Blue Garden Moinho com seus logradouros.

A fazenda Desengano foi formada por Maria do Carmo Monteiro de Barros e seu marido João Ferreira da Silva em terras adquiridas, em 28.04.1834, de Francisco Pinheiro de Lacerda por Manoel José Monteiro de Barros Filho. Pertenceram a essa fazenda, as terras ocupadas pela estação da estrada de ferro, conforme registra Luiz Eugênio Botelho (1963), e parte do que hoje forma o centro da cidade e os bairros Meia Laranja, Bela Vista e São Cristóvão.

Veja Desengano e Santa Isabel.

DÉSIO CAFIERO, rua

(Bairro Dr. Joaquim Furtado Pinto) - Com a lei nº 2562, de 10.11.1993, e o projeto 87/93, do vereador Antônio Amâncio Valentim surgiu o nome dessa rua. Seu início é no encontro das ruas Elias Abrahim e Francisco de Souza e termina na rua Wilson José Valentim. Fica na divisa entre os bairros Dr. Joaquim Furtado Pinto e Dr. Joaquim Guimarães.

Désio nasceu por volta de 1910, em Paula Cândido, MG, filho de Antônio Cafiero e Lucinda Marta da Silva. Foi casado com Leopoldina Rocha, com quem teve oito filhos. "Era o homem de frente da Cia Força e Luz Cataguases-Leopoldina". Faleceu a 18.07.1981, em Leopoldina.

DEZESSEIS DE OUTUBRO, rua

(Antigo Logradouro) - Foi na lei nº 440, de 04.11.1928, que apareceu o nome dessa rua, no atual bairro Fábrica. Conclusões, a partir do enunciado da lei, levam a crer que ela era parte da atual avenida Getúlio Vargas, pelo menos no trecho em que ela corta a rua Francisco de Andrade Bastos. Era paralela à Vinte e Sete de Abril e limita um dos lados do edifício da Fábrica, conforme descrito no artigo 1º, letra "J", da citada lei nº 440.

Dezesseis de Outubro de 1861 é a data da Lei Mineira nº 1166 que elevou a Vila Leopoldina à categoria de cidade, conforme consta no Brasão.

DIDI RAMOS, rua

(Bairro Dr. Joaquim Furtado Pinto) – Essa é mais uma rua da cidade que teve dificuldade em fixar o seu nome. A lei nº 1757, de 11.09.1985, deu a ela a denominação de Didi Ramos, com a indicação de que era a rua "E" da planta original do loteamento. Dois anos depois, em 11.12.1987, a lei nº 1939, deu à mesma rua Didi Ramos (rua "E") a denominação de Francisco S. Lima. Três dias depois, a lei nº 1940, de 14.12.1987, determinou que passaria a se chamar rua Didi Ramos a atual Francisco S. Lima (rua D). Vale registrar que o projeto 39/85, que deu origem à primeira das três leis, a de nº 1757, é de autoria do vereador Nelito Barbosa Rodrigues. Essa rua Didi Ramos liga a av. Tancredo Neves à rua Manoel de Almeida Lacerda.

Segundo a justificativa do projeto de lei nº 39/85, Didi Ramos era José de Freitas Ramos, nascido em Abaíba, no dia 16.03.1915, filho de José de Almeida Ramos e Josina de Freitas Ramos. Casou-se, em 1941, com Hilda Coutinho Ramos. Tiveram quatro filhos. Era barbeiro e marceneiro e trabalhou, durante muitos anos, na rua Joaquim Ferreira Brito. Faleceu em 07.11.1980.

DIRCEU BARBOSA FAJARDO, rua

(Bairro Chácara Dona Euzébia) – Foi a lei nº 1290, de 22.09.1978, projeto 56/78, do vereador Adávio Pires de Almeida, que nominou a via que tem início na rua capitão Paulino Rodrigues, sobe a ladeira e encontra a rua Nestor Augusto Rodrigues.

Dirceu nasceu no dia 19.08.1920, em Piacatuba, filho de Hildebrando Fajardo de Paiva Campos e Alzira Barbosa. Era neto paterno de José Fajardo de Mello Campos e Maria Esméria e neto materno de Francisco Fajardo de Paiva Campos e Maria do Carmo Barbosa. Casou-se com Emerenciana Gomes, com quem teve os filhos José Hildebrando, Dirceu, Carlos Eduardo e Rita de Cássia. Faleceu, em Juiz de Fora, a 30.11.1977. Foi funcionário do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) e comerciante do ramo de bar e restaurante.

DIREITA, rua

(Antigo Logradouro) - Esta rua existiu nos primeiros tempos da cidade. É a atual rua Gabriel Magalhães. Pela rua Direita, chegava-se à Grama, por um caminho que,

possivelmente, se transformou na atual rua João Gualberto. Francisco de Paula Ferreira de Rezende explica que os limites do patrimônio de São Sebastião, embora não pudesse precisar, "acreditava ser o Feijão Cru e um pequeno lacrimal (córrego) que, vindo dos lados do cemitério velho, atravessa a rua do Rosário e, depois de já estar junto com o corregozinho que passa pela Cadeia (atual Clube Leopoldina), atravessa a rua Direita e vai entrar no Feijão Cru". No livro 6 de atas da câmara, às fls 28 verso, 22.03.1878, Custódio Cruz pede a construção de um pontilhão sobre o córrego da rua Direita. Na folha 52, 07.02.1879, está o curioso registro da leitura de um ofício de Silverio Antônio Mendes comunicando que tendo *tomado um vomitório* não podia comparecer. Se no dia seguinte o tempo estivesse bom, compareceria a fim de aceitar o contrato de calçamento da rua Direita que havia arrematado em hasta pública, assim como o calçamento da porta da igreja do Rosário até a rua Formosa.

Em 1880 a mesma rua é denominada Primeiro de Março, em documentos da câmara municipal.

DOMINGOS COMTE, praça

(Bairro São Cristóvão) – O projeto 24/93, do vereador José Dimas de Souza, que deu origem à lei nº 2508, de 13.05.1993, foi o que propôs o nome dessa praça, que fica no encontro das ruas Dr. Clóvis Salgado Gama, Dário Lopes Faria e Nilo Colono dos Santos.

O sobrenome original do homenageado era Conte, conforme se verifica no registro de nascimento do pai de Domingos, o italiano Biaggio Conte, nascido em Maratea, na Basilicata, em 1888, e casado em Leopoldina, a 22.06.1925, com Ercilia de Rezende Montes, descendente do pioneiro Bernardo José Gonçalves Montes. Domingos Comte nasceu em Leopoldina, a 18.09.1931.

Foi casado com Maria Aparecida da Silva, com quem teve quatro filhos: Hercília Aparecida; Nilza; Venilton e José Domingos Silva Conte. Era pedreiro e mestre de obras. Foi encarregado das obras do Abatedouro Pif-Paf e da Telemig. Trabalhou na construção do conjunto habitacional Maria de Guimarães França. Faleceu aos 44 anos, no dia 19.09.1976. Residiu no bairro e gozava de grande estima.

DOMINGOS JARDIM JUNQUEIRA, rua

(Bairro Popular) – Foi a lei nº 3947, de 30.12.2010, projeto 44/2010, do vereador Ivan Martins Nogueira, que oficializou o nome dessa rua que fica nas proximidades da praça Antônia Benta. Tem seu início junto à rua Gibson Correa. É uma rua sem saída.

Domingos Jardim era popularmente conhecido como Minguinho. Nasceu em 21.02.1909, em Providência, filho de José Ribeiro Junqueira Sobrinho e Maria Jardim. Estudou no Ginásio Leopoldinense (Escola Estadual Professor Botelho Reis) onde concluiu o curso de contabilidade. Na década de 1930, atuou como militar e chegou à patente de sargento. Faleceu a 24.08.2005, no estado de viúvo, deixando um único filho, o professor José Mauro Barbosa Junqueira. Residiu, durante muitos anos, na rua Benedito Valadares.

DOMINGOS ZAMBRANO, rua

(Bairro São Cristóvão) – Foi a lei nº 1310, de 06.10.1978, projeto 78/78, dos vereadores Adávio Pires de Almeida, Jair de Almeida Lacerda e Joaquim de Castro Meirelles, que oficializou o nome dessa rua. Embora a ementa da lei se refira ao bairro Bela Vista, esta é mais uma via que teve seu nome oficializado antes da criação do bairro São Cristóvão. Ela fica na parte alta do bairro. Liga a rua Miguel Gesualdi à rua Antônio de Oliveira Filho.

Domingos Zambrano ou, Domenico Zamboni, era italiano. Foi casado com Assunta Campagna, com quem teve os filhos: Rafael, Caetano, Antônio, José, Roque, Orlando, Maria Aparecida, Clelia e Adelina. Ainda pendente de confirmação, tudo leva a crer que este Domenico pode ser Sante Domenico Zamboni filho de Domenico Zamboni e Maria Panizza, nascido em Goito, na província de Mantova, Lombardia, Itália, em 23.06.1887.

Domingos Zambrano foi comerciante e trabalhou na Cooperativa dos Produtores de Leite de Leopoldina. Faleceu, em Leopoldina, a 06.08.1951.

DOMINGUES PACÍFICO RAMOS, rua

(Bairro Três Cruzes) – O nome oficial dessa rua aparece com a lei nº 1585, de 08.11.1982, projeto 49/82, dos vereadores Antônio Carlos Ferreira de Almeida e Ely Rodrigues Netto. Está identificada como sendo a antiga rua "H", mas ainda não se tem a exata localização dela.

Domingues, segundo o projeto de lei, nasceu no distrito de Providência, em 1903, e faleceu em 1962. Era uma pessoa humilde, prestativa, trabalhadora e admirada por todos. Teve treze filhos.

DOZE BICOS, rua

(Antigo Logradouro) – No distrito de Tebas, a lei municipal nº 533, de 15.09.1964, alterou o nome dessa rua para Capitão José Tomé. Segundo consta, o nome Doze Bicos teria origem em uma residência do local cujo telhado possuía, como detalhe de arquitetura, doze bicos. Ela era conhecida, também, como a rua da Cruz da Maria Preta.

DURVAL BASTOS, Farmacêutico, rua

(Bairro Fátima) – Foi a lei nº 1061, de 29.11.1974, que deu nome a essa rua. Tem início na av. Getúlio Vargas e vai encontrar a rua Ercília Guimarães na esquina com a rua Américo Dutra Medina. Antigamente, era o trecho final da rua Vinte e Sete de Abril. É a via principal do bairro.

Durval Bastos de Faria Freire nasceu em 08.03.1906, em Leopoldina, filho de Durval de Bastos Freire e Antonieta de Faria e Melo. Era neto paterno de Secundino de Matos Freire e Ana Joaquina de Souza Bastos e neto materno de Francisco Barreto Faria e Melo e Maria Rosa de Faria e Melo. Casou-se em Palma, quando era farmacêutico no distrito de Cisneiros, com a portuguesa Maria Rosa Pires, também nome de logradouro da cidade, com quem teve, pelo menos, os filhos Mariza, Marilda, Dalmo Pires Bastos, médico, e, Delmo, engenheiro. Era irmão, dentre outros, de Francisco Barreto de Faria Freire (duas vezes prefeito da cidade) e José Bastos de Faria Freire (médico e nome de logradouro). Durval foi proprietário da farmácia Santa Maria, que funcionava no encontro das ruas Lucas Augusto e Professor Joaquim Guedes Machado, na praça Professor Botelho Reis.

Durval faleceu em Leopoldina, a 23.06.1974. Sua esposa é nome de rua no loteamento/bairro Imperador.

DURVAL BASTOS, rua

(Bairro Praça da Bandeira) – O nome dessa rua aparece com a lei nº 145, de 17.08.1951. É a primeira que sai à esquerda no início da rua Murilo Rodrigues Pinto (antiga rua Salgado Filho). O seu prolongamento encontrará o final da rua Flauzina Chaim e a Vila São José, ambas, no bairro Alto da Ventania.

Durval de Bastos Freire nasceu a 02.10.1872, em Estância, SE. Era filho de Secundino de Matos Freire, falecido, em Leopoldina, a 19.05.1907, e de Ana Joaquina de Souza Bastos, que se casaram em Campo de Brito, SE, a 26.07.1865, e tiveram 12 filhos: Etelvina, José, Everaldo,

Aurélio, Durval, Alice, Álvaro, Zulmira, Georgina, Virgílio, Eliza e Idalia. Foi fazendeiro e administrador da fazenda da Floresta.

Durval de Bastos Freire casou-se com Antonieta de Faria e Melo, também natural de Sergipe, onde nasceu a 10.10.1873. Ela faleceu em Leopoldina a 30.11.1935. Desse casal são os filhos: Lauro, nascido em 1896; Cícero, 1898; Otílio, 1900; Durval, nascido e falecido em 1902; Durval Bastos de Faria Freire, farmacêutico e nome de rua da cidade, nascido em 1906; Secundino, 1908; Otília, 1909; Francisco Barreto de Faria Freire, duas vezes prefeito da cidade, 1910; Walfredo, 1911; José Bastos de Faria Freire, médico, nome de logradouro e pai do ex-prefeito Márcio Freire, 1912; Maria, 1914; Jonas, nascido e falecido em 1914; e, Antônio, nascido e falecido em 1918. Durval de Bastos Freire faleceu em Leopoldina, a 17.11.1948.

LETRA E

EDÉSIO SIQUEIRA, rua

(Bairro Jardim Bela Vista) - A lei nº 3307, de 15.09.2000, projeto 94/2000, dá denominação à via pública desta cidade que, no mapa do loteamento Jardim Bela Vista, encontra-se identificada como rua 03. Inadvertidamente a lei informou o sobrenome como Cerqueira, contrariando o projeto que o grafou corretamente - Siqueira, conforme consta nos documentos do homenageado. Segundo a referida lei esta rua teria seu início na av. dos Expedicionários e findaria na rua Anderson Pereira Bela. Pelo mapa de 2024 ela começa na av. Jésus Moreira de Souza e termina na av. Waldir Delfim de Andrade. Registre-se que no projeto constou o sobrenome "Cerqueira" quando o correto é "Siqueira".

Edésio Siqueira era representante comercial, profissão que na época era geralmente conhecida como "viajante". Nasceu em Faria Lemos, MG, 16.01.1924 e faleceu em Juiz de Fora, a 30.08.1992. Era filho de Mateus Siqueira Lopes e Noêmia Valentim Leite. Casou-se com Delfina e teve os filhos: Ricardo e Rizete. Dirigiu o Lions Club Leopoldina e recebeu o título de cidadão leopoldinense.

EDMUNDO DIAS DA COSTA, rua

(Bairro Bela Vista) – Sua denominação oficial ocorreu a partir da lei nº 2114, de 12.09.1989, projeto 81/89 do vereador Nelson Vieira Filho. Esta rua começa na rua Haroldo Maranha e termina na rua Antônio Gama Bounincontro.

Edmundo nasceu em Santo Antônio do Aventureiro. Foi casado com sua prima, Amanda Fonseca, também homenageada em logradouro, com quem teve as filhas: Zuleica casada com Antônio Goretti; Ruth casada com Felicio; Aparecida casada com Dr. Lochard; e as gêmeas Neves, falecida na condição de solteira e Glória casada com Jaques; e, Marisa casada com Epaminondas Maia, um dos sócios da "Ferragens Maia", loja que ainda hoje funciona no centro da cidade. Edmundo foi o pioneiro no serviço funerário em Leopoldina, em 1940. Fabricava caixões e possuiu uma indústria de máquinas para fabricação de telhas e tijolos. Foi proprietário do Hotel Santos, na praça General Osório.

EDSON BARBOSA RESENDE, rua

(Bairro Vila Esteves) – A lei nº 1337, de 22.02.1979 e o projeto 04/79 do vereador Antônio Carlos Lima Ienaco, deram a denominação oficial a esta via pública que liga a rua Eurídice de Castro Esteves à rua Raphael Ienaco.

Edison Barbosa de Rezende era filho de Manoel de Moraes Barbosa e Ignes de Castro Rezende. Era desenhista de plantas de imóveis. Foi casado com a poeta Daura Rocha.

EDSON DE OLIVEIRA BARBOSA, rua

(Bairro Bela Vista) – Foi a lei nº 4834, de 09.09.2024, projeto 44/2024 de autoria de José Augusto, que deu denominação a essa via que começa e termina na rua nº 6, que também não aparece nominada no mapa de 2024. Ela fica nas proximidades do encontro dos bairros Bela Vista, Cidade Alta e Jardim Bela Vista.

Edson de Oliveira Barbosa nasceu a 16.06.1949, em Leopoldina, filhos de José Barbosa de Carvalho e Albina Botelho de Oliveira. Casou-se com Irene Conceição Lopes Barbosa, com quem teve os filhos: Fabiano, Aline, Wesley, Saulo e Lilian. Foi proprietário de açougue no centro da cidade.

Edson foi proprietário do Açougue Barbosão, na rua Presidente Carlos Luz

EDSON WERNECK, rua

(Bairro Vila Miralda) – Sua denominação oficial surgiu com a lei nº 2016, de 16.09.1988 e o projeto 78/88 do vereador Darcy Ferreira de Oliveira. É uma rua perpendicular à av. Jehú Faria, que partindo do local onde se encontram localizadas as firmas Carburauto e Mouragro, vai em direção à chácara que pertenceu ao homenageado.

Edson Werneck nasceu em 15.03.1907 e faleceu em 21.01.1977. Possivelmente era filho de Eduardo de Souza Werneck e Cecília Pereira. Foi comerciante e trabalhou na Fábrica de Tecidos. Dirigiu a ZYK-5, Rádio Sociedade Leopoldina, fundada em 07.06.1947 e que, inicialmente funcionou na sede do Clube Leopoldina.

EDUARDO CLEMENTINO SILVA, rua

(Bairro Bela Vista) – Foi nominada oficialmente pela lei nº 2353, de 16.10.1991 e projeto 57/91 do vereador José Geraldo de Almeida Machado (Gué). Começa nas proximidades do viaduto da BR-116 e termina na rua Manoel Monteiro.

Eduardo nasceu a 14.04.1904 no Arraial dos Montes, filho de Clementino e Claudina que mais tarde adotaram os nomes de Clementino José Bernardes da Silva e Claudina Cezaria da Conceição. Clementino (filho de Bernardina) casou-se com Claudina (filha de Tobias e Cezaria) a 01.09.1888 em Conceição da Boa Vista. Na época ainda não existia o distrito de Abaíba, cujo território foi desmembrado de Conceição da Boa Vista em novembro de 1890.

Clementino e Claudina tiveram 8 filhos nascidos no Arraial dos Montes e o mais novo foi Eduardo que se casou em Leopoldina, a 15.05.1926, com Maria das Dores Novaes, nascida a 19.01.1905 em Leopoldina, filha de Euzebio Pereira Gomes e Enedina Firmina de Novaes. Eduardo e Maria das Dores foram pais de Judith, Maracy, Juracy, Eduardo, Ana, Edna Maria, Maria José e Aracy. A família residiu, por muitos anos, na Vila Miralda.

Durante muito tempo, Eduardo trabalhou como funcionário público no Parque Primário Complementar - a Escola Parque desativada na década de 1960.

Após enviuvar, Eduardo Clementino da Silva se casou com a também viúva Maria Cecília Maximiano da Silva e com ela viveu no Bairro Bela Vista, na rua que hoje leva seu nome. Ele faleceu em Leopoldina a 09.09.1983.

EDUARDO PEREIRA DE SOUZA, rua

(Bairro Vale do Sol) – Foi a lei nº 3913, de 18.02.2010 e projeto 44/2009 do vereador Ivan Martins Nogueira que deram denominação a essa rua que liga o bairro Quinta Residência ao bairro Vale do Sol. Começa na rua Alan Kardec e termina na rua Délcio Werneck Moraes, passando sob a BR 116

Eduardo era filho de Joaquim Pereira de Souza e Maria Agostinha da Silva. Nasceu em Piacatuba. Foi casado com Clara Jandira Badaró Pereira com quem teve os filhos: Luzia, José Messias, Maria Helena, Terezinha de Jesus, Ana Maria, João Batista e Sebastião Oswaldo. Faleceu aos 81 anos, em 13.06.1990. Durante 45 anos trabalhou na Fazenda Experimental.

EDWARD XAVIER DE SOUZA, rua

Veja Xavier de Souza

ELDORADO, bairro

A lei 2580 de 22.12.1993 que denomina a rua Jones Rocha, é a primeira citação ao bairro Eldorado. Fica entre os bairros Quinta Residência e Dr. Joaquim Guimarães, nas terras próximas ao antigo Aprendizado.

Segundo o dicionário do Aurélio, eldorado "é um país imaginário que se dizia existir na América meridional". "Um lugar pródigo em delícias e riquezas".

ELIAS ABRAHIM, rua

(Bairro Dr. Joaquim Guimarães) – A lei nº 2004, de 15.09.1988 e o projeto 66/1988 do vereador Nelito Barbosa Rodrigues, dão a denominação de rua à via localizada no Conjunto Habitacional Dr. Joaquim Guimarães que no mapa do loteamento está como rua C. Ela tem início na rua Eloy Nogueira Gomes e finda na rua Francisco de Souza.

Elias nasceu em Marmarita, na Síria, em 28.08.1890. Veio para o Brasil em 1905. Casou-se com Jamile Abrahim com quem teve os filhos: Abrahim Elias Filho, Antônio Abrahim, Nazar Abrahim Vitói, Wilson Abrahim, Alice Abrahim, Dr. José Elias Abrahim e, Mariza Abrahim de Oliveira. Elias era comerciante e muito conhecido a cidade.

Registre-se que o projeto apresenta algumas divergências nos nomes dos filhos em comparação com a pesquisa realizada por DRUMMOND (2021).

ELIAS DA SILVA VEIGA, rua

(Bairro Eldorado) – Sua denominação oficial surgiu com a lei nº 2479, de 17.12.1992 que suprimiu o sobrenome intermediário informado no projeto 110/92 do vereador José Benedito de Oliveira. Começa na rua Coronel João Lau e finda na rua Nossa Senhora do Carmo.

Elias da Silva Veiga nasceu a 20.07.1890, em Tebas, filho de Francisco José Gonçalves Veiga e Maria da Silva. Casou-se em Leopoldina em 01.09.1920 com Helena Maria da Conceição Fernandes filha de Maria Luiza da Silva e Francisco José Fernandes, proprietários de uma casa com armação de negócio e uma chácara na Ventania. Trabalhou na antiga Casa Timbiras, no então bairro da Onça. Posteriormente abriu sua própria casa de comércio de "secos e molhados" na rua João Neto, onde residia. Foi proprietário da Chácara da Ventania. Ficou viúvo em 20.01.1963 e faleceu aos 02.05.1968.

ELIAS MATOS, rua

(Bairro Arthur Leão) – A lei nº 895, de 15.05.1973, deu nome à rua Elias Matos. É a via que liga a rua Padre José Domingues Gomes com a praça Wilson Pimentel, nas proximidades do Estádio Otacir Lacerda França (Arranca-Toco).

Consta que Elias Matos era mecânico, piloto e instrutor de voo e faleceu vítima do mesmo acidente aéreo, na serra de Petrópolis, que matou José Peres, prefeito da cidade de São Pedro dos Ferros, MG e irmão do Omar Resende Peres, também nome de rua da cidade e vítima de acidente aéreo em Tebas.

ELOY NOGUEIRA GOMES, rua

(Bairro Dr. Joaquim Guimarães) – A lei nº 1997, de 15.09.1988 e o projeto 57/88 do vereador Perseu Benatti, dizem que passa a denominar-se rua a via pública desta cidade que no mapa do loteamento Dr. Joaquim Guimarães, encontra-se identificada como rua A. Esta rua tem seu início na praça Júlio Barbosa e finda no encontro com as ruas Padre José Gomes Domingues, Heitor Ribeiro Guedes, Nelson Monteiro e Wilson Valentim.

Assim como em outros casos, a lei suprimiu o sobrenome intermediário que consta no projeto que lhe deu origem. Eloy Nogueira Gomes nasceu a 27.12.1922 em Leopoldina. Casou-se em 23.02.1949 com Iracema Zaquine, filha dos italianos Antônio Zachini e Annunziata Toccafondo. O casal Elói e Iracema teve os filhos Sérgio e Elina. Elói foi um dos sócios da antiga oficina autorizada Chevrolet de Leopoldina e residiu numa Chácara no bairro de Fátima.

EMÍLIA CONSTANÇA DE REZENDE, rua

(Bairro Três Cruzes) - Foi criada pela lei nº 3144, de 23.04.1999, projeto 12/99 do vereador Otávio Arantes Xavier. Começa na praça Luísa Carvalho Lacerda e termina nas proximidades da Granja São José.

A homenageada nasceu por volta de 1893, em Santo Antônio do Aventureiro, filha de Manoel Galdino Teixeira de Rezende e Ana Emília do Amor Divino. Foi casada com Agostinho Silvino Teixeira de Rezende, também homenageado com nome de rua do mesmo bairro. Emília e Agostinho tiveram sete filhos. Ela faleceu em Leopoldina a 25.05.1988.

EMÍLIA COUTINHO GONÇALVES, rua

(Distrito de Providência) – A denominação dessa rua se deu através da lei nº 3688, de 08.02.2006, projeto 73/2005 do vereador Lúcio Fonseca César. Ela começa nas proximidades do número 79 da rua Santo Antônio e termina no imóvel da Fazenda São Pedro.

Emília nasceu por volta de 1915, filha de João dos R. Coutinho e Amélia de O. Coutinho. Casou-se com Paulo Gonçalves de Menezes e residia no Rio de Janeiro. Faleceu em 07.09.1997, no Rio de Janeiro e foi sepultada em Providência.

EMÍLIA FERREIRA GONÇALVES, rua

(Bairro Centro) – A lei nº 3411, de 03.04.2002, projeto 19/2001 do vereador Lúcio Fonseca César, dá denominação de beco à via que parte da rua João Neto. A lei nº 3812, de 26.03.2008, projeto 05/2008 do mesmo vereador modificou a redação da lei 3411 e deu nome de rua Emília Ferreira Gonçalves à via sem saída que parte do lado direito da rua João Neto nas proximidades do nº 40.

Emília Gonçalves nasceu em Portugal por volta de 1874, filha de Antônio Ferreira Andrade e Ana Ferreira. Foi casada com João Gouvêa. Pertenceu e foi residência dela por muitos anos, o imóvel onde foi construída a rua à qual ela empresta o nome. Ela faleceu em 07.07.1959.

EMÍLIA LEVASSEUR ROCHA, Professora, rua

(Bairro Praça da Bandeira) – Diz o texto da lei nº 800, de 27.04.1972 que por ela se "altera a denominação da atual rua das Palmeiras para rua Professora Emília Levasseur Rocha". É a via que liga o largo Doutor Sebastião Campos Alvim à avenida Humberto de Alencar Castelo Branco, nas proximidades da vila São José. A antiga rua das Palmeiras era também referida como localização da vila Betel e da vila Gilda.

Emília Levasseur Rocha era filha de Antônio Delfim Gama e Elisa Maria Vasconcelos Levasseur, sendo neta materna do francês Antoine Urbain Levasseur, que ficou conhecido pelo nome de Antônio Albino Levassór. Nasceu em Leopoldina aos 18.06/1873 e aqui faleceu aos 91 anos em 20.12.1964. Casou-se 01.10.1892 com Teófilo Rocha nascido por volta de 1870 em Monte Verde (hoje Barão de Monte Alto), filho de Antônio Gonçalves da Rocha e Floriana Amélia do Nascimento. Mário de Freitas, em "Leopoldina do Meu Tempo", diz que "na praça Gama Cerqueira residia a notável educadora e exímia pianista, dona Milica, Emília Levasseur

Rocha, e suas filhas Helena e Heloísa." Além destas duas, Emília e Teófilo tiveram outros 13 filhos, sendo uma delas – Climene - a esposa de Mário de Freitas.

EMÍLIA PACHECO, beco

(Bairro Quinta Residência) – Não foi localizada a lei nem o projeto de denominação do logradouro e não há referência a este beco nas leis que denominam outros logradouros da cidade. A placa existente no encontro com a av. Jehu Faria diz ser "rua". Uma rua que parte da rua Antônio Fernandes Valentim e vai encontrar a av Jehu Faria à meia altura da subida de quem chega à cidade.

Emília Vasconcelos Pereira nasceu por volta de 1889 em Portugal, filha de Maria e Antônio Pereira de Vasconcelos. Era casada com o português João Pacheco de Carvalho, filho de Pedro Pacheco de Carvalho e Maria Custódia do Nascimento. Foram proprietários do lote 19 da Colônia Agrícola da Constança a 15.07.1910 onde o irmão de Antônio, Pedro Pacheco de Carvalho Filho, adquiriu o lote 62 a 08.121.1911. Pedro se casou em Leopoldina, a 05.06.1915 com Manoela Rodrigues de Moraes, filha de Antônio Rodrigues de Moraes e Dolores Guimarães.

João e Emília foram pais de Joaquim (1908), Pedro Paulo (1910), Paulo (1912) e Maria Aparecida (1913). João faleceu a 08.10.1913 em Leopoldina onde também Emília faleceu a 04.02.1951.

EMÍLIO RAMOS PINTO, rua

(Bairro Bela Vista) – A lei nº 890, de 15.05.1973, "dá denominação de rua Emílio Ramos Pinto, a via pública que no mapa do loteamento do bairro Bela Vista está como rua H."

O professor Emílio foi, durante muitos anos, diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira (Grupo Velho). Era casado com a professora Ruth Siqueira de Faria, com quem teve duas filhas: Elza e Hermínia. Nascido 30.11.1894 em Leopoldina, era filho de Emílio Augusto Pereira Pinto e Hermínia Cândida Ramos. Seus avós paternos foram Francisco de Paula Pereira Pinto e Carolina Rosa de Jesus, sendo esta neta paterna de Felisberto Gonçalves da Silva, o primeiro sesmeiro de Argirita, sobrinho de Tiradentes. Sua mãe era filha de Antônio José Alves Ramos, da Farmácia Central e de Amélia Cândida Teixeira.

ENÉAS LACERDA FRANÇA, Dr., rua

(Bairro Nova Leopoldina) – Foi nominada pela lei nº 2974, de 16.10.1997, projeto 63/97 do vereador Nélson Vieira Filho. Liga a rua Aloísio Soares Fajardo à rua Dom Gerardo Ferreira Reis. Seu prolongamento para o lado do bairro Bela Vista vai encontrar a rua Ismail Ávila.

Dr. Enéas nasceu por volta de 1953, era médico, filho de Antonieta Fajardo de Oliveira e do Dr. Hélio Guimarães França sendo neto paterno de Enéas Lacerda França e de Vera Guimarães. O pai e os avós do homenageado também deram nome a logradouros. Faleceu, em 20.06.1996, aos 43 anos, de acidente automobilístico.

ENÉAS LACERDA FRANÇA, rua

(Bairro Alto do Cemitério) – Foi através da lei nº 111, de 28.07.1950 que passou a denominar-se rua Enéas Lacerda França a então rua Boa Vista. Começa em frente ao portão do Cemitério e termina na rua Soleiro. Ressalte-se, aqui, que existiu uma outra rua com o nome de Boa Vista e que se transformou na atual rua João Neto.

Enéas de Lacerda França foi farmacêutico e vice-prefeito. Faleceu em 1950. Era filho de Manoel Bruno Viana França e Maria Augusta Rodrigues Lacerda. Neto paterno de Manoel Gonçalves Viana França e de Maria Amélia do Nascimento.

No dizer de Mário de Freitas, em "Leopoldina do Meu Tempo", Enéas era "farmacêutico, esmerado na lhaneza do trato e pessoa altamente humanitária". No seu busto, na praça General Osório, está uma boa definição desse leopoldinense: *"Serviu aos humildes – 1961."*

ENY LACERDA SALES, rua

(Bairro Praça da Bandeira) – A lei nº 2468, de 18.11.1993, projeto 94/93 do vereador Nélson Vieira Filho, dá denominação a essa via que liga a rua Lino Gonçalves à rua Joaquim Garcia de Oliveira.

Eny nasceu em São Martinho a 10.03.1927, filha de Saturnino Moraes Lacerda e Maria Ramos Barbosa. Casou-se com Pedro Sales de Miranda em 08.12.1949 e tiveram os filhos: Fernando casado com Silvânia N. Souza; Pedro Paulo casado com Emília Zangirolami; e, Rodrigo Lacerda Sales casado com Adriana. Eny faleceu em 03.11.1992.

ERASTO ANTUNES DE OLIVEIRA, rua

(Bairro Popular) A lei nº 3335, de 19.12.2000, projeto 122/2000 do vereador Nélson Vieira Filho, dá denominação à via pública desta cidade que tem início na praça Alberto Teodoro de Almeida e finda na rua Gibson Correa.

Erasto nasceu por volta de 1917, em Leopoldina, filho de Alonso Alves de Oliveira e Maria Antunes de Oliveira. Foi contador, partidor e tesoureiro judicial da Comarca de Leopoldina. Faleceu em 13.04.1996, na condição de solteiro.

Há uma suspeita de que Alonso Alves de Oliveira, nascido em Vargem Grande, Belmiro Braga, MG, tenha se casado com Maria Antunes de Oliveira, mãe de Erasto, numa segunda união. Isto porque ele havia se casado, em Leopoldina, no ano de 1895, com Josefina Padilha de Figueiredo com quem teve 9 filhos entre 1896 e 1912. Josefina faleceu em dezembro de 1913. E ele, viúvo e com filhos pequenos, teria se casado novamente.

ERCÍLIA GUIMARÃES, rua

(Bairro Fátima) – Ainda não se localizou a lei que deu nome a essa rua. No mapa de 2024 ela aparece com o nome "Ercília Guimarães". É a continuação da rua Farmacêutico Durval Bastos, que segue para a antiga chácara dos Rodrigues.

Ercilia Furtado, filha de João Furtado, de Maripá de Minas, casou-se com o farmacêutico Martinho de Campos Guimarães que fundou o Laboratório Martinho Guimarães que teve sede na Rua Presidente Carlos Luz. O casal teve 14 filhos, dentre eles, os farmacêuticos Joaquim Custódio Guimarães e Pompílio Guimarães (depois médico), ambos homenageados em logradouros da cidade.

ERCÍLIO ALMEIDA LIMA, MORAIS, rua

(Bairro São Cristóvão) – Recebeu este nome através da lei nº 1294, de 22.09.1978, projeto 60/78 do vereador Adávio Pires de Almeida. Liga a rua Dr. Clóvis Salgado Gama à rua Nicácio Sales.

Ercílio nasceu em 25.05.1897 e faleceu em 1978. Era filho do segundo casamento de Francisco Rodrigues de Almeida com Dionísia de Moraes Lima. Era neto paterno de João Rodrigues Ferreira Brito e Messias Esméria de Almeida, sendo, portanto, descendente dos povoadores Bento Rodrigues Gomes, Manoel Antônio de Almeida e Joaquim Ferreira Brito. Hercilio, com H, nasceu a 25.05.1897 e se casou com Iracema Machado Gouvêa (n.12.08.1908)

a 14.06.1928. Foi pai de José Antônio de Almeida casado com Maria Cândida Jendiroba. Era comerciante e ficou conhecido como "Moraes", apelido herdado da família de sua mãe.

ESPERANÇA, vila

(Bairro João Paulo II) – Fica no encontro das ruas Heitor Ribeiro Guedes e Nelson Monteiro.

ESPÍRITO SANTO, rua

(Bairro Cidade Alta) – Foi a lei nº 4102, de 18.04.2013, projeto 18/2013 do vereador Ivan Martins Nogueira que denominou essa via que tem início na rua Rio de Janeiro e término na rua Goiás.

O bairro homenageia o estado brasileiro da região sudeste.

ESTAÇÃO VISTA ALEGRE, comunidade

A Estação Vista Alegre, da Estrada de Ferro Leopoldina, foi inaugurada em julho de 1877 na margem direita do rio Pomba, município de Leopoldina. Seis anos depois, a lei nº 3171 de 18.10.1883 criou o distrito policial com o mesmo nome da Estação.

Pelo Decreto 406, de 06.03.1891, o governo do estado de Minas Gerais criou um distrito de paz na povoação denominada Vista Alegre, município de Leopoldina, que pelas divisas indicadas compreendia a área entre a margem direita do Feijão Cru, a oeste, rio Pomba ao norte, a margem esquerda do ribeirão das Virgens a leste; e ao sul confrontava com as fazendas Bom Sucesso, Palmeiras, Taboleiro e Recreio. Atualmente, pertence ao primeiro distrito do município, o distrito sede de Leopoldina.

Como se vê, o distrito de paz abrangia o entorno da Estação Vista Alegre e ao lado dela, atualmente temos a praça Sanan, nomeada pela lei 720, de 13/08/1970 para homenagear família desse sobrenome, que teve uma ligação muito forte com o local. Um pouco mais adiante, nas margens da rodovia Mário Heleno Lopes de Almeida, está a vila São Luiz da família de João Siqueira Barbosa, fazendeiro cultivador daquelas terras, também homenageado em logradouro em Leopoldina.

ESTELA DE MELO, rua

(Bairro Chácara Dona Euzébia) – O nome oficial dessa rua surgiu com a lei nº 1438, de 19.06.1980, projeto 24/80 do vereador Wilson José Valentim. Começa no encontro da rua Lindolfo Pinheiro com a rua Ormeo Junqueira Botelho e finda na rua Raphael Ienaco, no bairro Maria Guimarães França.

Dona Estela residia nas proximidades da Igreja do Rosário e foi casada com o Sebastião "da Singer", sendo mãe de Luiz, Zizinho, Estela, Manoel e Edith.

ESTEVES, VILA, bairro

Veja Vila Esteves.

ETELVINA DE FREITAS RAMOS, vila

(Bairro Centro) – É a antiga Vila Ramos. Foi criada pela lei nº 1163, de 07.12.1976, projeto 51/76 do vereador José Mangabeira da Silva.

É uma das vilas existentes na rua das Flores. É geralmente conhecida como vila Ramos. Etelvina de Freitas nasceu a 05.02.1888, filha de Zeferino de Freitas Lima e Ana Maria de Almeida, sendo neta materna de Antônio José de Almeida Ramos e de Mariana Ignacia de Oliveira. Descende, portanto, de Antônio de Almeida Ramos, genearca de povoadores de Leopoldina, Era prima de seu marido, Antônio Carlos de Almeida Ramos, falecido a 01.04.1978. Etelvina faleceu a 05.03.1975. Segundo informações orais, a Vila Ramos tinha este nome por reunir casas de vários parentes de Antônio Carlos e Etelvina.

EUGÊNIO RIBEIRO JUNQUEIRA, rua

(Vila São Martinho) – A lei nº 995, de 08.03.1974, deu nome a essa rua em São Martinho. É a via que parte da estrada Saturnino Braga – rua Horácio Belfort de Andrade – e segue na direção da fazenda de Francisco de Assis Vasquez de Castro.

Eugênio Ribeiro Junqueira foi pai de Eugênio Ribeiro Junqueira Filho (Quio) casado com Maria da Glória Rodrigues Junqueira.

EULER FERREIRA NETTO, praça

(Antigo Logradouro) – Essa praça ficava no bairro Vila Esteves e foi a lei nº 1576, de 17.09.1982, projeto 39/82 do vereador Naylor Harley Domingues, que deu nome a ela.

Localizada entre as ruas Nicolau Esteves e Pedro Arantes, atualmente tem o nome de Heber Pereira Sales.

Euler Ferreira Neto nasceu em 07.04.1922, em Leopoldina, era o terceiro filho do casal Joaquim Izidoro Vargas Neto e Ana Ferreira, também conhecida como Ana Batista. Seus pais eram primos, como primos também eram os seus avós. Após cursar o Ginásio Leopoldinense, fez carreira na aeronáutica. Aposentado, voltou para Leopoldina. Era casado com Maria Emiliana Esteves, nascida 18.08.1929, filha de Nicolau Esteves e Eurídice Dolores Barbosa de Castro Esteves, casal homenageado em ruas do mesmo bairro.

EURÍDICE DE CASTRO ESTEVES, rua

(Bairro Vila Esteves) – Começa na rua Dom Aristides. É a rua onde está a mina d'água das Tabocas. Sobre o local, veja "Tabocas".

Eurídice Dolores Barbosa de Castro era irmã de Colatino Barbosa de Castro, também nome de rua. Em família era conhecida como "tia Cilota". Casou-se com Nicolau Esteves, com quem teve os seguintes filhos: Juraci casada com Edgard Barroso Silva, Jurandir casado com. Maria Auxiliadora Silva e em segundas núpcias com Lia Guimarães França, João casado com Antonieta Lammoglia, Francisco casado com Dalva Carvalho; Maria Emiliana casada com Euler Ferreira Neto, Iraci casada com José Ribamar Ferreira, Joaquim casado com Heloisa Fialho, Wiler casado com Edna Fontoura, Marli casada com Sílvio de Albuquerque Maranhão.

ÉWERTON PEREIRA CAPAZ, Jovem, rua

(Bairro Alonso Tavares Nogueira Filho) – A lei nº 3945, de 30.12.2010, projeto 31/2010 do vereador Ivan Martins Nogueira, deu denominação a essa via que começa e termina na mesma rua Helena Domiciano Flauzino.

Éwerton nasceu em Leopoldina em 30.08.1990, filho de Jorge da Silva Capaz e Maria Luzia Pereira Capaz. Faleceu em 06.08.2001. Informação oral de familiar conta que Jorge da Silva Capaz seria bisneto dos italianos Giuseppe Agus Cappai e Ana Marianica Gessa que chegaram ao Brasil em 1897 e foram contratados por Antônio Belizandro dos Reis Meireles que tinha propriedades em Tebas e Argirita.

EXPEDICIONÁRIOS, avenida dos

(Bairros Bela Vista, São Cristóvão e Imperador, se respeitada a lei nº 2064) – A lei nº 767, de 03.09.1971 diz que "fica denominada avenida dos Expedicionários, a via pública que partindo da praça existente no bairro Bela Vista, nas imediações do viaduto ali construído pelo D.N.E.R., vai até o final do perímetro urbano da cidade". A lei nº 2064, de 07.04.1989, projeto 23/1990 do vereador José Geraldo de Almeida Machado (Gué), alterou a lei nº 767 para dizer que av. dos Expedicionários "vai terminar na bifurcação das ruas Antenor Ribeiro dos Reis e Oldemar Montenari, mais precisamente em frente a residência de nº 1287". Começa na praça José Pires e segue o traçado do antigo leito da estrada de ferro de Leopoldina – Vista Alegre.

O nome desta avenida é uma homenagem aos soldados brasileiros que participaram da Segunda Guerra Mundial e, em especial, aos 35 Expedicionários Leopoldinenses aos quais se deve respeito e gratidão pelos serviços prestados à Pátria durante a Segunda Guerra Mundial. São eles: 01 - Adilon Machado; 02 - Aloísio Soares Fajardo; 03 - Antônio de Castro Medina; 04 - Antonio Nunes de Morais; 05 - Antônio Vargas Ferreira Filho; 06 - Aristides José da Silva; 07 - Celso Botelho Capdeville; 08 - Derneval Vargas; 09 - Eloi Ferreira da Silva Filho; 10 - Euber Geraldo de Queiroz; 11 - Expedito Ferraz; 12 - Felício Meneghite; 13 - Geraldo Gomes de Araújo Porto; 14 - Geraldo Rodrigues de Oliveira; 15 - Itamar José Tavares; 16 - Jair Vilela Ruback; 17 - João Esteves Furtado; 18 - João Vassali; 19 - João Venâncio Filho; 20 - João Zangirolani; 21 - José Ernesto; 22 - José Luiz Anzolin; 23 - Lair dos Reis Junqueira; 24 - Lourenço Nogueira; 25 – Luiz Leonel Ignácio da Silva; 26 - Mário Castório Fontes Britto; 27 - Moacir Jurandir Barbosa Rodrigues; 28 - Nelson Pinto de Almeida; 29 - Orlando Pereira Tavares; 30 - Oscar Nunes Cirino; 31 - Paulo Monteiro de Castro 32 - Pedro Medeiros; 33 - Pedro Rezende de Andrade; 34 - Pedro Silva Santos; 35 - Wenceslau Werneck.

LETRA F

FÁBRICA, bairro

Foi a lei nº 3793, de 26.10.2005 que nominou esse bairro. O bairro da Fábrica deve o seu nome à Cia. Fiação e Tecelagem Leopoldinense, fundada em 1925 por José Ribeiro dos Reis (Zequinha Reis), Gabriel de Andrade Botelho e a firma Ribeiro Junqueira, Irmãos e Botelho, representada pelo Dr. Ormeo Junqueira Botelho. Originalmente seu nome era bairro Industrial. Surgiu com as quase 300 casas construídas para os operários da fábrica.

FAJARDO, rua

(Bairro Alto do Cemitério) – Ainda não se localizou a lei que nominou essa rua, mas é citada por normativos que tratam de diversos logradouros da cidade. Ela começa na praça São José e termina nas proximidades do trevo da BR 116 e início da BR 120 que segue para Cataguases.

Homenageia a numerosa família Fajardo que foi proprietária de terras no município, principalmente no distrito de Piacatuba. Dela destacam-se, dentre outros:

- Joaquim Honório de Campos, que recebeu o título de Barão do Rio Pardo e foi vereador em Leopoldina, era pai de José Fajardo de Mello;

- José Fajardo de Mello que foi Presidente do Conselho Distrital de Piedade e integrante do Conselho Municipal de Leopoldina, em fins do séc. XIX e princípios do século passado. Foi, ainda, conselheiro, vereador e membro da subcomissão distrital que recrutou os voluntários, locais, para a Guerra do Paraguai. José era pai de Olivier Fajardo de Mello Campos, que é nome de rua na cidade.

FÁTIMA, bairro

A lei nº 891, de 15.05.1973, é a mais antiga a citar o bairro que é formado pelas ruas que ficam entre a avenida Getúlio Vargas, o projetado bairro Chico Bastos e o bairro Pedra Pinguda. Teve o seu início possivelmente na década de 1930, com a construção de casas para

os operários da fábrica de tecidos, o que fazia dele uma continuação do bairro da Fábrica. No passado era geralmente conhecido como Coréia.

FÁTIMA, NOSSA SENHORA DE, Vila

(Bairro Fortaleza) – **vila** - Foi a lei nº 3103, 18.11.1998, projeto 109/98 do vereador Otávio Arantes Xavier que denominou essa vila que, segundo a planta cadastral básica da Prefeitura, fica no bairro Fortaleza, à esquerda da BR-116, no sentido de quem segue para Laranjal, um pouco antes do IDAL (Instituto de Desenvolvimento do Adolescente Leopoldinense).

O nome do **bairro** e da **vila** tem origem na cidade de Fátima, em Portugal onde, a 13.05.1917 aconteceu a primeira das seis aparições da Virgem Maria aos videntes Lúcia, Francisco e Jacinta, o que levou aquela cidade a tornar-se um santuário muito visitado por turistas católicos do mundo todo.

FEIJÃO CRU, largo, praça e travessa

(Antigo logradouro) – O largo Feijão Cru, que existiu no bairro Mina de Ouro, ficava no início da rua Sebastião Pereira Bella, na entrada para a Mina de Ouro. O projeto do vereador Elói Rodrigues Neto se transformou na lei nº 654, de 31.07.1968 que "denominou Feijão Cru a praça a ser criada pela atual administração, no bairro Mina de Ouro, entre as ruas Sebastião Pereira Bela, São Pedro, João Neto e a Vila Gilda." A ideia era dar a uma praça o primeiro nome pelo qual se conheceu o povoado de Leopoldina. O local é hoje o Largo Dr. Sebastião Campos Alvim.

A travessa que também recebia o nome de Feijão Cru, no mesmo bairro Mina de Ouro, era o trecho de subida da atual rua Professor Joaquim Guedes Machado, que vai da ponte até encontrar-se com a rua das Flores.

FELICIANA DA COSTA AGUIAR, rua

(Bairro Vale do Sol) - A lei nº 3399, de 2002, projeto 03/2002, dá denominação à via pública que no mapa do loteamento encontra-se identificada como rua H, tem seu início na rua José Pinto da Silva e finda na rua Oriel Barbosa.

Feliciana nasceu por volta de 1920, em Tebas. Filha de Antônio José da Costa e Luzia Maria Júlia. Faleceu em 27.03.1991, no estado de casada e foi sepultada no distrito onde nasceu.

FÉLIX JOSÉ, rua

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – A lei nº 164, de 09.11.1951, renomeou alguns logradouros e deu nome a outros no distrito de Ribeiro Junqueira. Diz essa lei que a "rua Félix José é a que partindo da praça a ser denominada Bento Xavier, dirige-se a Vista Alegre, margeando a linha férrea". Vale registrar que em 26.10.1959 foi publicada a lei nº 340 que retifica e ratifica denominações de praças e ruas do distrito de Ribeiro Junqueira. Hoje, indicado por uma placa que informa tratar-se da "Praça Félix José", existe uma pequena rua que começa no início da Rua Viriato Pinto e segue até uma ponte para pedestre que liga essa via à rua Walter Machado e à praça João de Castro Lacerda.

Félix José Chaul, nasceu por volta de 1881 em Damasco, na Síria. Foi comerciante em Ribeiro Junqueira. Era filho de José Felix Zahamari. Casou-se a 26.01.1901 em Ribeiro Junqueira com Maria Naccari, filha de Antônio Naccari e Pietra Marangoni. Maria nasceu a 15.10.1880 em Porto Tolle, Rovigo, Veneto, e faleceu a 05.09.1950 em Leopoldina. Felix e Maria Naccari tiveram oito filhos: Maria Josefina, Afife, Antônio, Alzira, Nagibe, José, Tufi e Antônio. Maria era irmã de Carolina Naccari casada com Aurélio Pimentel, nome de rua no mesmo distrito.

FÉLIX MARTINS, praça

(Bairro Centro) - É a praça central da cidade. Sobre ela registra-se que em 1916 foram derrubados eucaliptos que ali existiam, conforme a Gazeta de Leopoldina (22.11.1914, fls 1). Em 1917 continuava com o nome Parque Félix Martins, segundo o mesmo jornal (10.05.1917, fls 1 col 2). Na Mensagem do Presidente da Câmara (1928 fls 66) está a interessante explicação: "Fez-se o rebaixamento da (sic) grade da travessa que acompanha a linha férrea, na Praça Félix Martins. Esse serviço estava projetado desde 1926, quando se concluíra o muro de arrimo ao longo da linha. A execução fora, porém, adiada, porque a terra proveniente do desmonte era destinada ao aterro das entradas da ponte da Fábrica. O serviço da referida travessa deve ser ainda completado com o calçamento e construção de balaustrada".

Segundo Barroso Júnior o projeto da praça foi delineado e executado pelo superintendente dos serviços urbanos, Dr. Osório Resende Meireles. Na administração do Dr. Carlos Luz, foi remodelada. Em 1962, no governo de Zequinha Reis, construiu-se a concha acústica e na administração do prefeito Dr. Joaquim Furtado Pinto, patrocinado pelo Lions

Clube da cidade, recebeu o mural e outros melhoramentos. O nome da praça lembra o doador do terreno para a sua construção.

Félix Martins Ferreira, o terceiro do nome na família, nasceu em 1852, em Angustura, na fazenda Araribá, filho de Joaquim Martins Ferreira e Maria Esméria de Carvalho. Seu pai nasceu a 15.12.1806 em São João del Rei, filho de Félix Martins Ferreira e Ana Gonçalves da Cruz. Sua mãe nasceu na fazenda das Pedras, em Quatis, Barra Mansa, RJ. Foi casado com Heliodora Pinheiro Corrêa de Lacerda. Félix e Heliodora tiveram 4 filhos, sendo a mais velha, Georgina, mãe do escritor modernista Francisco Martins de Almeida. Em 1876 e em 1881, foi eleito vereador em Leopoldina. A família Martins Ferreira teve papel de destaque não só em Angustura como em Leopoldina. Os filhos do casal Joaquim e Maria Esméria atuaram de forma decisiva no processo de substituição da mão-de-obra escrava pelo trabalhador livre, através do Club da Lavoura, fundado em 1884. Félix Martins Ferreira faleceu a 13.01.1901 em Conselheiro Lafaiete, MG, onde mantinha uma residência desde 1898 para acompanhar suas atividades haviam se diversificado bastante na década anterior.

FEREZ FARAGE, praça

(Bairro Centro) – Esta praça recebeu o nome oficial pela lei nº 1956, de 04.02.1988, projeto 11/1988 do vereador Perseu Benatti. É a praça que fica em frente a entrada principal do Parque de Exposições. Nela morou o homenageado que foi comerciante no ramo de bebidas.

Ferez Chaim Farage nasceu em Vista Alegre, na margem direita do Rio Pomba, território de Leopoldina, a 23.03.1914. Era filho de Chaim Abrahim Farage e Malaque Félix. Casou-se em Ribeiro Junqueira, a 05.02.1937 com Carmem Ribeiro, filho de Alípio Ribeiro Macieira Filho e Clelia Adalgisa Maria Minelli. O casal foi pai de Maria José e José, este comerciante no ramo de vidraçaria.

FERNANDO BARBOSA FONSECA, rua

(Distrito de Tebas) – A lei nº 2627, de 30.06.1994, projeto 46/1994 do vereador Nilo de Almeida Ramos diz que esta é a via pública que começa no final da rua Henock Fonseca e finda no cemitério.

Fernando era filho de José Justiniano da Fonseca Sobrinho e Maria Amélia Barbosa, sendo neto paterno de Guilhermino Antônio da Fonseca e Maria Rosalina Guedes que se

estabeleceram em Tebas. Guilhermino e Maria Rosalina foram avós, também, do escritor modernista Guilhermino César. Fernando faleceu em 1993.

FERNANDO MENDONÇA MACHADO, rua

(Bairro Alto da Boa Vista) – Foi a lei nº 4342, de 16.09.2016, projeto 47/2016 do vereador Paulo Sérgio Celestino de Oliveira que denominou essa rua. É a entrada principal do bairro. Tem seu início na av. José Marazzi, no bairro Imperador e termina na rua Helena Barbosa Guerson.

Fernando nasceu a 30.05.1927 em Leopoldina. Era filho de Roberto Machado de Morais e Zulmira de Mendonça Machado (Zulmira Carvalho de Mendonça). Faleceu em 16.12.2012 deixando 5 filhos. (tenho seis filhos de Fernando: Paulo Roberto, Alda, Edna, Vilma, José Antônio e Mara Lúcia). Fernando era casado com Ely Tavares Medeiros, nascida a 12.06.1930 em Tebas e falecida em Leopoldina a 26.11.2001, sendo filha de Waldemar Tavares Medeiros e de Alzira Dietz Tavares. Fernando era neto de João Machado Dias e Amélia Valentina, esta filha de Vital Ignacio de Moraes e Umbelina Cassiano do Carmo.

FERNANDO NOVAIS DE OLIVEIRA, rua

(Bairro Alto dos Pirineus) – A lei nº 246, de 21.07.1956 oficializou o nome dessa rua que tem início na rua São Vicente de Paula e finda na rua Tufi Jorge.

Fernando Novais foi comerciante em Leopoldina, incentivador das obras vicentinas e um dos responsáveis pela construção das casas da vila São Vicente, no bairro Pirineus, destinadas a abrigar viúvas pobres. Na década de 1940 exerceu o cargo de juiz de paz.

Fernando nasceu em Barão de Cocais, MG, filho de José Gomes de Oliveira e Ana Teixeira de Novaes. Era irmão de Antônio Teixeira Gomes de Oliveira que se casou com Maria Leonor, filha de João Teixeira da Fonseca Guimarães e Emília de Moura, ambos falecidos em Leopoldina. Fernando se casou a 25.01.1928 com Irene dos Guaranis, natural de Monte Serrat-RJ, filha de Ana Braga e Luis Ipiranga dos Guaranis, falecido em Leopoldina em 16.07.1946, que era encadernador e executou o trabalho de catalogação dos volumes pertencentes à Biblioteca Municipal, em 1928, em Leopoldina. Fernando e Irene foram pais de José casado com Terezinha Amélia Machado Gomes, Maria José e Jaime Guaranis.

FERREIRA BRITO, rua

(Bairro Três Cruzes) – Foi nominada pela lei nº 1282, de 18.08.1978, projeto 48/78 do vereador Joarês Sílvio da Costa. É a via principal do bairro e corre paralela ao leito da BR-116. Começa na primeira entrada secundária da BR-116 para o bairro, no início da rua Osmar Barbosa. Termina na entrada principal do bairro.

Ferreira Brito é como Barroso Júnior se refere a Joaquim Ferreira Brito, proprietário da fazenda da Cachoeira e antepassado de muitos leopoldinenses. Foi ele o doador das terras onde se ergueu a Casa do Rosário, local onde está hoje a igreja do mesmo nome. Sua primeira doação ocorreu a 01.06.1831 e a segunda, em 20 de novembro do mesmo ano. Em 1831 era um dos maiores proprietários de escravos do então Curato de São Sebastião do Feijão Cru. Senhor da fazenda da Cachoeira, recebeu a visita do Padre Manuel Antônio Brandão em 1831, o qual lhe sugeriu que doasse terras no vale ao pé da Capela de São Sebastião para a formação do patrimônio do padroeiro. Há dúvidas quanto à utilização das duas doações efetuadas por Joaquim Ferreira Brito. Tudo leva a crer que a primeira se destinou a ampliar o espaço destinado à construção da capela de São Sebastião.

Ver Joaquim Ferreira Brito e João Gualberto.

FILOMENA, Santa, rua

(Bairro Centro) – É a lei 163, de 09.11.1951, o documento que diz: "passa a denominar-se rua Santa Filomena a rua que parte do largo General Osório, atravessa a rua Padre Júlio e vai até a praça Prof. Ângelo, nesta cidade." Esta rua era conhecida como "Caminho do Meio". Parte dela, entre a praça General Osório e a escadaria de acesso ao Hospital, passou a receber o nome de rua Plóbio Cortes de Paula. Hoje a rua Santa Filomena liga a rua Plóbio Cortes de Paula à praça Professor Ângelo. Nesta rua está a Fundação Albergue Major Zeferino, que recebeu este nome em homenagem a seu fundador, antigo fiscal de tributos federais.

Santa Filomena era filha de um rei da Grécia e sua mãe era também de sangue real. Seus pais eram pagãos e aceitaram o batismo cristão por conselho de um médico palaciano de nome Públio que lhes falou da fé no Deus único. Depois disso nasceu-lhes a filha que foi chamada de Lumena, ou seja, luz, por ter nascido à luz da fé. Na pia batismal deram-lhe o nome de Filomena, isto é, Filha da Luz. O Papa Gregório XVI, tendo recebido o parecer favorável da Sagrada Congregação dos Ritos à canonização de Santa Filomena, elevou-a à

honra dos altares, instituindo ofício próprio para o culto e a festa, proclamando-a 'A Grande Taumaturga do Século XIX', 'Padroeira do Rosário Vivo' e 'Padroeira dos Filhos de Maria'.

FLAUZINA CHAIM, rua

(Bairro Praça da Bandeira / Alto da Ventania) – Começa na rua Professora Emília Levasseur Rocha e segue até encontrar o prolongamento da Rua Durval Bastos.

Não foi localizada lei e projeto com a denominação do logradouro ou que a ele faça referência. Está no local outrora conhecido como Vila Betel.

FLORES, rua

(Bairro Centro) - Em 1890 já é citada com este nome. Pela lei nº 867, de 24.01.1973, teve seu nome alterado para rua Ranulfo Matola de Miranda, mas logo em seguida esta lei foi revogada, permanecendo a denominação anterior. É popularmente conhecida como rua do Buraco, Liga a rua Marechal Deodoro à rua Lucas Augusto. A Gazeta de Leopoldina de 09.02.1967 informou que foi aberto o seu prolongamento até o início da estrada para Thebas (atual rua João Gualberto), além do Gymnasio (antigo Colégio Imaculada).

Ver rua do Buraco.

FLORES, rua

(Antigo Logradouro) – A antiga rua das Flores no distrito de Ribeiro Junqueira ficava à direita da rua Wilson Pimentel. Hoje o seu nome oficial é Rua Manoel Honório da Cunha, embora ainda exista desconhecimento da troca de nomes.

FLORES, rua

(Antigo Logradouro) – Informações orais dizem que a antiga rua das Flores, no distrito de Tebas, tinha dois segmentos. O primeiro deles começava na rua Jacy Tavares e seguia pelos fundos da baliza do estádio até encontrar, na outra lateral do campo, a rua Major Antônio Alves Tavares. Esse trecho da antiga rua das Flores é a atual rua Nélio Cláudio Aguiar. O segundo segmento dessa antiga rua das Flores partia da rua Major Antônio Alves Tavares e seguia até encontrar a rua Capitão José Tomé. Este segmento é hoje a rua João Vieira

FLORESTA, rua

(Antigo Logradouro) – Rua da Floresta era o nome que se dava à atual rua Francisco de Andrade Bastos, no bairro Centro. Por um pequeno período essa rua recebeu o nome de Dr. Carlos Martins. Partindo da atual praça Átila Lacerda da Cruz Machado, passava pelo prédio da Fábrica de Tecidos e seguia em linha reta até encontrar as terras onde hoje está projetado o bairro Chico Bastos. Nela, em 1925, foi construída a residência do cel. Francisco de Andrade Bastos, segundo a revista Brasil Progresso de setembro daquele ano.

O nome Floresta foi tomado, por empréstimo, da fazenda. Essa rua era o caminho do centro da cidade para as terras da fazenda Floresta, propriedade formada por Joaquim Antônio da Almeida Gama na década de 1840. Quando de seu falecimento, em 1882, encontrava-se hipotecada ao Banco do Brasil como garantia de um empréstimo. Dos seus então 300 alqueires, uma parte foi dividida entre os herdeiros e o restante foi levado à praça para liquidação da dívida. Entre os compradores estava uma sociedade formada para esse fim por Jonas de Faria Bastos e seu tio Pedro de Souza Bastos. Mais tarde foi feita nova divisão do que restava da fazenda Floresta, cabendo a Jonas de Faria Bastos o Sítio Oriente e Francisco de Andrade Bastos, filho de Pedro de Souza Bastos, assumiu a outra parte.

Ver logradouros Carlos Martins, Arlete Bastos, Clóvis Junqueira Bastos, Francisco de Andrade Bastos, Helena de Andrade Bastos, Helena Junqueira Bastos, Jonas de Faria Bastos, Omar Junqueira Bastos e Pedro César de Souza Bastos.

FLORIANO PEIXOTO, Marechal, rua

(Distrito de Abaíba) – É citada n'O Mediador (11.10.1896, fls 3, col 3). Começa na primeira ponte da estrada que vem de Providência, nas proximidades do campo de futebol. Cruza a rua Francisco Sales, passa ao lado da praça Neder Calil (Pça. da Estação) e sobe em direção ao Alto da Distribuidora. Na sua parte alta passa pela Escola Municipal Francisco Pinheiro de Lacerda e, em seguida, desce o morro em paralelo à sua subida e, termina na praça Neder Calil.

Floriano Vieira Peixoto nasceu Maceió, AL, em 30.04.1842 e faleceu em 20.06.1895. Cursou a Academia Militar das Agulhas Negras. Formou-se em engenharia. Na carreira militar galgou o posto de Marechal. Participou da Guerra do Paraguai e outras missões importantes. Foi o primeiro vice-presidente e o segundo presidente da república do Brasil. É chamado o "Consolidador da República" e "Marechal de Ferro", segundo Ely Behar (1960, p. 168).

FORCA, morro

(Antigo Logradouro) - Hoje esse morro é conhecido como Pirineus. Quando o arraial se fez vila, ali foi erguido o equipamento para executar o enforcamento dos réus condenados à morte. Segundo Barroso Júnior ali foram executados pelo menos três escravos acusados do assassinato do seu amo. Essa história se repete em outros textos que dizem, inclusive, que o carrasco teria sido um tal Fortunato. Segundo o relatório da Presidência da província para o ano de 1856, em setembro daquele ano, no então distrito de São José do Paraíba, o norte americano Michael Jackson foi assassinado por seus escravos Davi, Américo, Antônio, Francisco, Miguel, Vicente e Joaquim. Presos e encaminhados para a cadeia pública de Leopoldina, foram julgados no ano seguinte. Quatro deles, Davi, Américo, Vicente e Joaquim foram condenados e enforcados no dia 15.12.1857. Pelo mesmo relatório este enforcamento teria sido executado por outro carrasco que não o citado Fortunato. O Almanaque de 1885, diz "*que em 1832 o reverendo cura Manoel Antônio rezou a primeira missa numa tosca capelinha, coberta de bicas de palmito e erecta no alto do morro do antigo cemitério e forca*." A Gazeta de Leopoldina, de 22.08.1911, fala da existência de uma caixa d'água no morro da forca.

FORMOSA, rua

(Antigo Logradouro) - Conforme nota já transcrita em rua Direita, no livro 6 de Atas da Câmara, fls 52, em 07.02.1879 foi lido um ofício de Silvério Antônio Mendes comunicando que, tendo "*tomado um vomitório*" não podia comparecer. Se no dia seguinte o tempo estivesse bom, compareceria a fim de aceitar o contrato de calçamento da rua Direita que havia arrematado em hasta pública, assim como o calçamento da porta da igreja do Rosário até a rua Formosa. Nesse mesmo livro, à fls 57, 03.03.1879, é autorizada a reforma da fonte pública da rua Formosa, sob a direção do Dr. Horta Barbosa. E diz o registro "*que fique d'esde já prohibido.... lavar roupa ou quaes quer outros objectos nas fontes publicas, sob pena de vinte quatro horas de prizão e cinco mil reis de multa*." À fls nº 24 verso do livro de atas nº 7, com a data de 01.03.1880, o fiscal diz que é necessário consertar um bueiro na rua Formosa, defronte da *pharmacia* de Francisco James e por outra frente com Jannuario Italiano.

FORTALEZA, bairro

A mais antiga citação ao bairro encontra-se na lei nº 1493 de 2577, de 10.03.1981. Desde então, vem se expandindo nas terras que pertenceram à antiga fazenda Fortaleza, nas duas margens da BR-116, entre os quilômetros 759 e 760, vizinho do bairro das Três Cruzes.

A fazenda Fortaleza foi formada por João Gualberto Ferreira Brito e já existia em 1856. Descendentes do primeiro casamento de João Gualberto com uma filha de Manoel Antônio de Almeida foram os primeiros moradores dos atuais bairros Fortaleza e Três Cruzes.

FRANCESCO CALABRIA, calçadão

(Bairro Centro) – Foi a lei nº 3760, 23.03.2007, projeto 21/2006 do vereador Enéas Vieira de Souza, que deu nome a essa via. É o calçadão existente na rua José Silva, onde por muito tempo funcionou a banca de jornais do italiano Francesco (Francisco) Calábria. Fica paralelo à rua Carlos Magno Gesualdi Barbosa, entre as praças Átila Lacerda da Cruz Machado e a General Osório.

Francesco Calabria era filho de Raphael Calabria e Lauretta Serpa. Nasceu em Paola, Cosenza, Calabria, a 06.02.1912. Era casado com Antonietta Epiro Calabria com quem teve os filhos: Mário, Pino e Marisa, nascidos na Itália e, Ana Maria, Silvana e José Carlos, nascidos no Brasil. Francesco faleceu em Juiz de Fora a 30.071983 e foi sepultado em Leopoldina.

FRANCISCO ANDRADE BASTOS, rua

(Bairro Fábrica) – A via recebeu esta denominação com a lei nº 1172, de 04.03.1977, projeto 09/77 do vereador Joarês Sílvio da Costa. Era o caminho natural do centro para a fazenda da Floresta, razão por que ficou conhecida e foi batizada com o nome de rua da Floresta. Liga a praça Átila Lacerda da Cruz Machado ao início da rua Costa Montes. Nessa rua ficava um dos lados do prédio da Fábrica de Tecidos. E nela, na esquina da rua Izauro Bretas, funcionou a primeira igreja dedicada a São José Operário, dirigida por padres holandeses.

Francisco de Andrade Bastos nasceu em Santana do Deserto, MG, filho de Pedro de Souza Bastos e Helena de Andrade. Conforme citado no verbete Floresta, Francisco de Andrade Bastos tornou-se administrador da parte da fazenda Floresta comprada por seu pai.

Em 1911, no distrito de Providência, Francisco se casou com Helena Botelho Junqueira, filha de Maria Botelho e José Wenceslau Arantes Junqueira a quem havia sido cedido o uso

do terreno onde, em 1925, foi construída a residência ainda hoje existente na rua que homenageia seu genro. A este respeito, lembramos o professor Maurício de Almeida Abreu (2014, p. 279) ao explicar que "sesmarias de chãos" era o nome dado às "terras doadas aos moradores dos núcleos urbanos para que ali construíssem suas casas de moradia e quintais". Embora o termo fosse usado em tempos mais remotos, o sistema permanecia no final do século XIX. Por isso é que, no primeiro quartel dos anos de 1900, vamos encontrar menções a tais concessões como foi o caso do terreno cedido a Félix Martins Ferreira, na atual Praça que leva seu nome, e na concessão a José Wenceslau Arantes Junqueira, na atual rua que leva o nome de seu genro.

Em 1925, Francisco de Andrade Bastos era sócio da Serraria São José. Presidiu a Câmara Municipal entre 1931 e 1936 e exerceu o cargo de prefeito durante a ditadura Vargas, de 1937 a 1945.

Francisco e Helena tiveram 9 filhos: José, Ilka, Délio, Joaquim, Célia, Mauro, Clóvis, Omar e Ciro. Helena faleceu no Rio de Janeiro a 02.07.1953 e Francisco faleceu em Leopoldina a 26.12.1976. No loteamento das terras da família os logradouros homenageiam antepassados e descendentes do casal tronco.

FRANCISCO BARBOSA LIMA (Chiquito Barbosa), rua

(Bairro Centro) – Esse nome foi criado pela lei nº 2113, de 12.09.1989, projeto 80/89 do vereador Nelson Vieira Filho. É o lado da praça João XXIII voltado para a rua Gabriel de Andrade Junqueira, onde ficava o triângulo de manobra do trem usado para mudar a direção da locomotiva.

Francisco Barbosa Lima nasceu em Vista Alegre e faleceu em Leopoldina em 1985. Foi um grande empresário e comerciante nos ramos de café, madeira, materiais de construção e eletrodomésticos. Foi proprietário da antiga Serraria São José e de boa parte das edificações dessa rua. Era geralmente conhecido por Chiquito Barbosa.

De seu casamento com Maria Auxiliadora Guimarães foram os filhos Francisco José, Venício e Maria Edith Guimarães Barbosa que dá nome a Praça no bairro Vale do Sol.

FRANCISCO BARRETO DE FARIA FREIRE, praça

(Distrito de Piacatuba) - Pela lei nº 2864, de 22.08.1996, projeto nº 68/96 do vereador Antônio Amâncio Valentim, o logradouro recebeu esse nome. Essa praça foi construída no entroncamento das ruas Cândido Batista com José Furtado de Mendonça.

Francisco Barreto de Faria Freire, o Senhor Barreto, como era carinhosamente tratado, nasceu em Leopoldina a 23.04.1910. Era filho de Durval Bastos Freire nascido a 02.10.1872 em Estância, SE, e falecido em Leopoldina a 17.11.1948 e de Antonieta de Faria e Melo, também natural de Sergipe onde nasceu a 10.10.1873 e falecida em Leopoldina a 30.11.1935. Era neto materno de Francisco Barreto Faria e Melo falecido em Leopoldina a 10.07.1908 e de Maria Rosa. Seu avô paterno, Secundino de Matos Freire, nasceu em Estância a 08.09.1840 e faleceu em Angustura, Além Paraíba, MG, a 18.05.1907 e foi sepultado em Leopoldina. A avó paterna, Ana Joaquina de Souza Bastos, nasceu em Estância em novembro de 1840 e pertencia à tradicional família Faria Bastos daquele estado nordestino, sendo irmã de Maria Rosa e por esta tia de Jonas de Faria Bastos que também foi Presidente da Câmara (Prefeito) e é nome de logradouro em Leopoldina. São aparentados com Francisco de Andrade Bastos, que também foi prefeito de Leopoldina e é nome de logradouro.

O Senhor Barreto casou-se com Maria de Lourdes Fontes Freire com quem teve os filhos: Arlen José, Herlaine, Helmar, Arlene, Helenita, Maria Antonieta e Danilo. Trabalhou na Secretaria de Fazenda do estado de Minas Gerais (antiga Coletoria). Foi duas vezes prefeito da cidade (1946-1947 e 1967-1970). Era tio do ex-prefeito Dr. Antônio Márcio Cunha Freire. Faleceu em 20.09.1993 em Leopoldina, onde foi sepultado.

FRANCISCO DA SILVA COUTINHO, rua

(Bairro Popular) – Foi a lei nº 3868, de 19.12.2008, projeto 84/2008, do vereador Roque Schettino, que denominou essa via que liga a rua Gilda Brito à rua Orlandina Adolfo de Souza.

Francisco da Silva Coutinho nasceu a 17.12.1911 em Leopoldina, filho de Antônio Maurício da Silva, natural de Piacatuba, e de Emília Coutinho da Silva, natural de Argirita. Faleceu em 09.10.1974 em Leopoldina. Era neto materno de Moisés dos Reis Coutinho e Josefa Maria de São José, da família Pereira Santiago, tendo vários parentes homenageados em nomes de logradouros de Leopoldina.

FRANCISCO DA SILVA CURCIO, praça

(Bairro Quinta Residência) – A denominação dessa praça surgiu com a lei nº 3730, de 05.09.2006.

Francisco S. Curcio nasceu em 22.12.1905, em Taruaçu, São João Nepomuceno, MG, filho de Antônio da Silva Curcio e Perciliana Maria do Nascimento. Por seu pai era bisneto do italiano Antônio Curcio, nascido a 23.02.1835 em Casaletto Spartano, na província de Salerno, região italiana da Campania. Seu bisavô passou ao Brasil antes do período conhecido como Grande Imigração e já em 1868 estava radicado em Argirita assim os Savino, os Petrola e os Pagano também procedentes da Campania.

Francisco era casado com Conceição Alves Curcio com quem teve 11 filhos. Era carpinteiro por profissão. Faleceu em Leopoldina a 05.08.1987.

FRANCISCO DE PAULA SILVEIRA, vila

(Bairro Serra das Virgens) - Foi a lei nº 2554, de 20.10.1993, projeto 80/93 do vereador Antônio Carlos Martins Pimentel que nomeou essa vila, até então conhecida como Rancharia.

Francisco de Paula Silveira nasceu em 1913 na serra da Virgens, no distrito de Ribeiro Junqueira, filho de Olímpio Francisco da Silva e Maria Lima de Cerqueira. Casou-se com Teodósia Rodrigues da Silveira com quem teve 7 filhos: Olímpio, Pedro, Mariana, Vera Lúcia, Dalva e José Antônio Rodrigues da Silva. Francisco era conhecido como "Titito"

FRANCISCO DE SOUZA, rua

(Bairro Dr. Joaquim Furtado Pinto) – A lei nº 1768, de 14.11.1985, projeto 50/85, de autoria do vereador Darcy Luiz Vasconcelos Resende, dá denominação à via pública desta cidade, localizada no Conjunto Habitacional Dr. Joaquim Furtado Pinto. Começa na rua Manoel Lacerda de Almeida, e termina na rua Elias Abrahim conforme o mapa da prefeitura de 2024. Veja em "rua Didi Ramos" a troca de nomes em que essa rua esteve envolvida.

O projeto não identifica o homenageado.

FRANCISCO FORTES DA SILVA, rua

(Bairro Bela Vista) – A lei nº 1236, de 13.12.1977, projeto 70/77 do vereador Antônio Carlos Ferreira de Almeida dá denominação de rua, à via pública que tem início na rua Wilson Berbari e finda na rua Joaquim Pereira Oliveira.

Nascido em Rio Preto, MG, era filho de Custódio Lopes da Silva e Rita Fortes. Casou-se a primeira vez a 15.05.1915 em Leopoldina, com Maria da Glória, filha de André Mateus Neto e Benvinda Castorina de Jesus. Viúvo, contraiu segundas núpcias também em Leopoldina, a 02.06.1923 com Ana Vieira, filha de Fabriciano Pinheiro Machado e Aniceta Maria da Conceição. Foi proprietário da chácara do Café Ema, no bairro São Cristóvão, onde está a rua Betinho Cunha.

FRANCISCO GAMA,Dr., rua

(Bairro Centro) – **rua** - A lei nº 3622, de 04.11.2004, projeto 66/2004 do vereador Darcy Luiz Vasconcelos de Rezende deu denominação a essa via que fica entre a praça General Osório e o ponto de táxi Haroldo Pereira Werneck, ao lado do prédio da agência da Caixa Econômica Federal e segue até encontrar a esquina da rua Presidente Carlos Luz.

Veja Francisco Gama, rodovia.

FRANCISCO GAMA, rodovia

(Distrito de Piacatuba) – **rodovia** - Foi a lei nº 4075, de 13.12.2012, projeto 73/2012 do vereador Daniel Werneck da Paixão, dá denominação de Francisco Gama à rodovia que, partindo da sede do distrito de Piacatuba segue até encontrar a rodovia Dr. Ormeo Junqueira Botelho, BR 120.

Francisco de Assis Gama de Oliveira nasceu a 05.05.1895, filho de Constancio Thomaz de Oliveira e Rosa Gama de Oliveira. Formou-se pela Faculdade de Odontologia de Leopoldina. Casou-se a 19.02.1925 em Carangola MG, com Carlota Mendonça com quem teve 8 filhos: Luiz, Maria Luiza, Heloisa, Elza, José, Paulo, Francisco e Rosalina. Foi um dos fundadores do Esporte Clube Ribeiro Junqueira. Secretário da Prefeitura Municipal de 1920 a 1960. Delegado de polícia de 1925 a 1936. Foi adjunto do Promotor de Justiça. Proprietário da fazenda Macaúba. Faleceu a 04.07.1986 em Leopoldina.

FRANCISCO JOSÉ DE MIRANDA, rua

(Bairro Alonso Tavares Nogueira Filho) – A lei 3757, de 12.03.2007, projeto 01/2007 da vereadora Lúcia Fonseca Cesar, dá denominação a essa via que tem seu início na rua José

Alves Góis, uma das entradas do bairro Alonso Tavares Nogueira Filho, e finda na rua Armindo Joaquim Mourão.

Francisco José de Miranda (neto) nasceu por volta de 1929 em Itamarati de Minas, MG, filho de Nicacio Sales e Rita Barbosa de Miranda. Era neto materno de Francisco José de Miranda e Teodora Dias Barbosa. Seu pai morou em fazenda da família Nogueira, em Ribeiro Junqueira, e depois se tornou funcionário do Hotel Avenida, em Leopoldina. Era casado com Zuleika Ferreira de Miranda com quem teve os filhos: José Carlos, Maria do Carmo, Rubens, Rui, João Batista, Sebastião Luiz e Carmen Lúcia. Faleceu a 31.01.1992 em Pará de Minas-MG e foi sepultado em Leopoldina.

FRANCISCO L. CORRÊA, travessa

(Bairro Alto da Ventania) – Foi a lei nº 1402, de 13.12.1979, projeto 70/79 do vereador Wilson José Valentim que deu denominação a essa via informando que ela inicia na rua Nicolalu Laluna e sobe obliquamente, formando um ípsilon com a rua anteriormente citada. É a última via, à esquerda, na Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, antes da Praça João Bela. A placa indicativa diz ser "rua".

Pelo batismo, Francisco nasceu a 12.01.1883 e era filho de Vitorino Luiz Corrêa e Amélia Olinda de Souza Werneck, sendo neto materno de Justino de Azevedo Ramos e Ana Joaquina de São José. Justino era proprietário do Sítio Santana da Pedra que confrontava com as fazendas Desengano e Floresta. Ana Joaquina era filha de Ignacio de Souza Werneck e Albina Joaquina de Lacerda da fazenda Benevolência.

Francisco foi casado a primeira vez com Maria da Glória Alencar. Viúvo, casou-se em 1935 com Maria da Glória Ribeiro, filha de Evangelina e Pedro Augusto Ribeiro. Deste casamento é o filho Gibson, também nome de logradouro.

Francisco Luiz Corrêa foi proprietário de terras nas imediações da Travessa que leva seu nome. Ele faleceu em 19.11.1963 em Leopoldina.

FRANCISCO LUIZ PEREIRA, rua

(Bairro Popular) – A lei nº 3336, de 19.12.2000, projeto 123/2000 do vereador Nélson Vieira Filho dá denominação de rua à via pública desta cidade que, no mapa do loteamento do bairro Popular, situado às margens da BR-116, encontra-se identificada como rua D.

Começa na rua José de Mello Lima Júnior, passa pela praça Alberto Teodoro de Almeida e finda na rua Erasto Antunes de Oliveira.

Francisco nasceu em Recreio, por volta de 1912, filho de José Luiz Pereira e Amélia da Silveira Pereira. Foi contador da Cooperativa dos Produtores de Leite de Leopoldina e sócio do Lions Clube Leopoldina. No projeto consta que foi casado com Iolanda e teve muitos filhos. Faleceu em Cataguases no dia 31.01.1994.

FRANCISCO PINHEIRO CORREIA DE LACERDA, praça

(Bairro Centro) - A lei nº 437, de 25.07.1962, alterou o nome da praça Argirita para Francisco Pinheiro Correia de Lacerda. É também conhecida como "rodo" ou, praça do posto V8. Fica entre as ruas Gabriel de Andrade Junqueira, José Peres, Custódio Junqueira e a avenida Getúlio Vargas. Nela está o grupo escolar Ribeiro Junqueira, o chamado "Grupo Velho".

Batizado 12.06.1791 na Igreja de Santo Antônio, Campanha, MG, Francisco Pinheiro Corrêa de Lacerda era filho de Álvaro Pinheiro Corrêa de Lacerda. Casou-se com Mariana Maria de Macedo, filha de Joaquim Ferreira Brito e Joana Maria de Macedo. Foi procurador de dois parentes seus: - Fernando Afonso Corrêa que recebeu uma sesmaria a 13.10.1817, no córrego do Feijão Cru, distrito de Santo Antônio do Porto do Ubá, Termo de Barbacena (APM SC 363, fls 190-v; e, - Jerônimo Pinheiro de Lacerda, que também recebeu sesmaria com a mesma localização em 14.10.1817 (APM SC 363 fls 192-v), na venda dessas duas sesmarias para diversos dos primeiros moradores de nossa região. Uma dessas vendas foi feita em 28.04.1834 a Manoel José Monteiro de Barros Filho, para moradia de Maria do Carmo Monteiro de Barros, onde ela e seu marido João Ferreira da Silva formaram a fazenda do Desengano.

Vale registrar que Francisco saiu do Feijão Cru antes da criação do distrito que se tornou cidade de Leopoldina. Ele faleceu em Itaocara, RJ, a 19.02.1842.

FRANCISCO QUEIROGA, beco

(Bairro Pedra Pinguda) – Foi a lei nº 2398, de 23.04.1992, projeto 20/92 do vereador José Benedito de Oliveira, que deu nome a esse logradouro. Ele tem início no lado direito da rua Antônio Lima dos Reis e sobe pelos terrenos dos familiares do homenageado.

Francisco Antônio Queiroga Lima nasceu a 18.04.1901. Era filho de Benedito Queiroga Lima e Perpétua Maria de Jesus. Segundo informação de familiar, casou-se com Maria Eva e com ela teve 6 filhos. Faleceu em 08.08.1956. Foi um motorista profissional que ficou bastante conhecido na cidade.

FRANCISCO SALES, rua

(Distrito de Abaíba) – Começa na praça Neder Calil e segue pelo leito da rodovia Lpd 040, Abaíba – Leopoldina.

Francisco Antônio de Sales nasceu em 29.01.1864, filho de Firmino Antônio de Sales e Ana Cândida de Sales. Era advogado e exerceu o cargo de juiz municipal. Na política, dentre outros, exerceu os cargos de deputado estadual, presidente da Assembleia, deputado federal, senador por várias legislaturas, ministro da fazenda, prefeito de Belo Horizonte e governador de Minas Gerais. Faleceu em 16.01.1933.

FRANCISCO SCHETTINO, rua

(Bairro Vale do Sol) – A denominação dessa via pública ocorreu pela lei nº 3477, de 2002, projeto 93/2002 do vereador Otávio Arantes Xavier. Ela começa na rua Luiz Capdevile Ribeiro e termina um pouco depois de cruzar a rua José Franzone.

Francesco Schettino nasceu a 16.03.1914 em Massa di Maratea, Brefaro, na província de Potenza, região da Basilicata, filho de Vincenzo Schettino e Francesca Margherita Cernicchiaro. Casou-se em Leopoldina com Maria Fiori, natural de Maratea, também em Potenza, a 22.09.1922, filha de Luigi Fiori e Filomena Lammoglia. A família chegou ao Brasil em 1935, procedente de Napoli, na Campania. Era comerciante. Faleceu em 15.12.1972 vítima de traumatismo craniano. Diz o Dicionário dos Sobrenomes Italianos, de Ciro Mioranza, que o sobrenome Schettino "designa cidadão sincero, aberto, claro, direto, verdadeiro".

FRANCISCO SIQUEIRA BARBOSA, rua

(Bairro Vale do Sol) – A lei nº 3317, de 06.11.2000, projeto 106/2000 do vereador Otávio Arantes Xavier dá denominação à via pública que tem seu início na rua Lydio Costa Reis e finda na rua Feliciana Costa de Aguiar.

Francisco ou, Sinhô Barbosa, nasceu a 10.10.1913, em Argirita, filho de Quintiliano Barbosa da Silva e Maria Siqueira Barbosa. Casou-se a 31.01.1939 com Judith Bernardino

Filgueiras, filha de José Bernardino Filgueiras e Albertina Pereira de Sá. Deixou 7 filhos. Possuía uma empresa de transporte de cargas conhecida como "Comissário Barbosa". Faleceu em 15.03.1993.

FRANCISCO UBIRAJARA DE MORAES COUTINHO – Bira, Doutor, rua

(Distrito de Abaíba) – A lei nº 4285, de 09.12.2015, projeto 86/2015 do vereador Oldemar Brazil Montenari. Começa na praça Neder Calil, nos antigos armazéns do Sr. Neder e segue na direção de Recreio, pelo leito da Estrada Saturnino Braga, MG-454. É a antiga rua da Olaria.

FRANCISCO VIEIRA DE OLIVEIRA, rua

(Distrito de Tebas) – A lei nº 469, de 27.03.1963, dá denominação de Francisco Vieira de Oliveira a "uma rua de Tebas", que tem início na rua Justiniano Fonseca e finda no encontro das ruas Maria Amália Tomé Peres Hoffmann e Oswaldo Evangelista dos Anjos, nas proximidades da praça Antônio Lucas Barbosa. É a rua onde está a Escola Municipal Justiniano Fonseca.

Francisco Vieira de Oliveira nasceu em Carmópolis de Minas, na Zona dos Campos das Vertentes, e faleceu em Leopoldina em 1933. Era filho de Carlos José Vieira e Maria Teodora de Oliveira. Em 28.04.1882, casou-se em Entre Rios de Minas, MG, com Joana Maria da Conceição, filha de Pio Justiniano de Urzedo e Maria da Glória de Jesus e com ela teve o filho Deolino Vieira de Oliveira. Viúvo, em 18.02.1893, em Leopoldina, casou-se com Maria de Assis Pereira, filha de Francisco de Assis Pereira e Carolina Leopoldina de Jesus. Francisco e Maria de Assis tiveram 13 filhos: Carlos (Lolô Vieira, homenageado com nome em praça do distrito), Elpídio, Zulmira, Laura, Maria, Mário (Maroto), Demerval, Nelson, Olga, Orlando, Gilda, Francisco e Lourival (Lorinho). Francisco era fazendeiro e em 1894 é listado entre os maiores contribuintes de impostos em Tebas. Em 1898 ele era o subdelegado do distrito.

FRANCISCO ZAQUINE, praça

(Bairro Eldorado) – O nome dessa praça surgiu com a lei nº 2632, de 30.06.1994, projeto 50/1994 do vereador Darcy Resende. Ela fica no final da rua Sebastião Ferreira Lacerda, em frente ao CAIC.

Conhecido como Chiquinho Zaquine, nasceu a 20.09.1913 em Leopoldina, filho de Antonio Zachini e Annunziata Toccafondo. Casou-se com Maria de Lourdes Rodriguez, nascida a 08.10.1916, filha de Rafael Rodrigues y Rodriguez e Maria Gottardo. O casal teve 11 filhos. Os pais de Chiquinho Zaquine passaram ao Brasil no final dos oitocentos, radicando-se inicialmente na região de Matias Barbosa. Annunziata Toccafondo, filha de Pietro Toccafondo e Mariana Marinozzi, nascida em 25.03.1880 em San Severino Marche, na província de Macerata, região do Marche, Itália, migrou para Leopoldina com o marido e os filhos. Reunidos aos demais italianos que já viviam em Leopoldina, radicaram-se na Chácara da Coréia e posteriormente adquiriram um pequeno lote em São Lourenço que se mostrou inadequado para a agricultura. A partir de então os filhos de Annunziata passaram a dedicar-se à exploração de pedreiras, sendo Francisco o encarregado pelo transporte. Faleceu em 05.02.1992.

FRANKLIM JOSÉ DA SILVA, rua

(Bairro Alto dos Pirineus) – A lei nº 941, de 17.10.1973, "dá denominação de rua Franklim José da Silva à via pública que vai da rua Cipriano Baia ao corte da Rio Bahia" (BR 116).

Franklim era funcionário público municipal. Foi casado com Iracema Maria Braga com quem teve pelo menos o filho Altair José da Silva casado com Terezinha Duarte Freire em setembro de 1951 em Leopoldina.

FUNCHAL GARCIA, avenida

(Bairro São Cristóvão) – Recebeu este nome pela lei nº 1393, de 16.11.1979, projeto 60/1979 do vereador Antônio Carlos Ferreira de Almeida. É a via que segue paralela ao ribeirão Jacareacanga. Marca a divisa do bairro São Cristóvão com o bairro Bela Vista.

Manoel Funchal Garcia nasceu em Leopoldina no dia 03.02.1889 e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 30.06.1979. Era filho dos portugueses Alfredo Garcia Ribeiro e Mariana dos Prazeres Funchal. Fez seus primeiros estudos em sua terra natal. Seguiu depois sua carreira de estudante na cidade do Rio Grande, RS e no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, RJ. Estudou desenho e pintura com Maurício Jobim, Honório da Cunha Melo e César Formenti. Por volta de 1912 casou-se com Guiomar da Mota, com quem teve pelo menos sete filhos: Pedro Américo, Miguel Ângelo, Mariana, Ruth, Maria da Conceição, Maria Helena e Guiomar Garcia. Foi professor, renomado pintor paisagista, jornalista e escritor. Trabalhou em

Carangola, MG, cidade onde tem sua profissão e nome homenageados em uma rua. No dizer dele próprio, conheceu "o Brasil de norte a sul, de este a oeste e, oito países da Europa". Retratou muitas das belas paisagens que encontrou nessas viagens. É patrono da cadeira nº 12 da Academia Leopoldinense de Letras e Artes – ALLA.

LETRA G

GABRIEL DE ANDRADE JUNQUEIRA, rua

(Bairro Centro) - A lei nº 402, de 25.05.1961 alterou o nome de rua Providência para ~~rua~~ Gabriel Andrade Junqueira. É a rua que liga a praça Francisco Pinheiro Correia de Lacerda à praça Ferez Farage, em frente ao Parque de Exposições. Vale registrar que em 17.02.1950, amparada na lei nº 91, a Prefeitura Municipal adquiriu do Dr. Joaquim Cândido Ribeiro Junqueira um terreno no cruzamento das ruas Providência e Tebas, "para o fim especial de nele ser construído o Centro de Saúde de Leopoldina."

Gabriel de Andrade Junqueira era engenheiro da Cia. Força e Luz Cataguases Leopoldina, fazendeiro e foi um dos fundadores da Cia. Fiação e Tecelagem Leopoldinense.

GABRIEL MAGALHÃES, rua

(Bairro Rosário) – Começa na praça do Rosário e termina na praça Professor Botelho Reis. Nos primórdios da história da cidade chamava-se rua Direita. Ligava o Rosário à praça Visconde do Rio Branco. Na década de 1960, nesta rua ficava a escola de datilografia do professor Haroldo J. B. Freire.

Gabriel de Paula de Almeida Magalhães nasceu por volta de 1835 em São João del Rei, filho de Francisco de Paula de Almeida Magalhães e Maria Carolina. Casou-se em Conceição da Boa Vista, a 01.03.1862, com Maria do Carmo Monteiro de Barros, filha do 1º Barão de Leopoldina e de Clara Maria de Sá e Castro. O casal não teve filhos. A 13.07.1891, morreu Maria do Carmo. Viúvo, Gabriel permaneceu em Leopoldina por mais algum tempo até se transferir para São João del Rei. Francisco de Paula Ferreira de Rezende conta que o Dr. Gabriel havia sido seu colega na faculdade de Direito de São Paulo, escapara de ser visconde e era um advogado bem-sucedido em Leopoldina, em 1861, e foi quem o convenceu a se estabelecer na cidade. Segundo Barroso Júnior, o Dr. Gabriel de Paula de Almeida Magalhães foi um dos fundadores da Casa de Caridade Leopoldinense. Em 1870 ele era condômino da fazenda Sossego que fora formada por Bernardo José Gonçalves Montes no local onde surgiria, mais tarde, o Arraial de São Lourenço, hoje Arraial dos Montes. Foi Deputado

Federal em Minas Gerais e, em 1889, era presidente do Club Republicano em Leopoldina. Faleceu em São João del Rei em dezembro de 1904.

GABRIELA, Irmã, rua

(Bairro João Paulo II) – A lei nº 2279, de 18.12.1990 e o projeto 132/1990 do vereador José de Castro Barbosa, dão denominação de rua Irmã Gabriela à via pública que tem seu início na rua professora Conceição Soares Monteiro de Castro e finda na rua Padre José Domingues Gomes.

Maria Tomázia Milagres ou, Maria Gabriela da Anunciação, nasceu em Ponte Nova, MG, filha de Manoel Rodrigues Milagres e Ana Florença Milagres, em 07.03.1890. Ingressou na Ordem das Carmelitas da Divina Providência. Demonstrava qualidades excepcionais e dotes de bondade que a tornaram paradigma da nossa sociedade. Foi superiora dos hospitais de Viçosa, Cataguases, Aimorés e Leopoldina. Segundo o Dr. Joaquim Furtado Pinto, em discurso transcrito pelo Dr. Joaquim Custódio Guimarães (1987), irmã Gabriela trabalhou na Casa de Caridade (Hospital) durante 16 anos. Levada pelo saudoso padre José Domingues Gomes, transferiu-se para Raul Soares (MG). Após o desaparecimento do Padre, naquela cidade, Irmã Gabriela retornou para Leopoldina, onde faleceu e foi sepultada no cemitério Nossa Senhora do Carmo.

GALDINO CÉSAR, rua

(Distrito de Tebas) - A lei nº 905, de 04.07.1973, deu denominação de Galdino César à rua que partindo da antiga praça do Vai e Volta, hoje, rua Major Antônio Alves Tavares, segue até encontrar a rodovia BR-267, formando a primeira entrada para Tebas para quem chega de Leopoldina. Nessa esquina está o Centro Administrativo Dr. Joaquim Furtado Pinto, conforme placa no local.

Galdino César da Silva nasceu por volta de 1871, filho de Augusto César da Silva e Maria Amélia Vieira. Era neto materno de José Antunes Vieira que foi proprietário da fazenda Água Limpa de Tebas e teve quinhão da fazenda Independência. A esposa de José Antunes Vieira era filha de José Joaquim Barbosa e Francisca Rosa de Jesus, sendo irmã de nosso conhecido Antônio Maurício Barbosa que cedeu terras para a construção da Usina Maurício, em Piacatuba. Galdino era irmão de José César da Silva, autor do livro Memórias de um Tebano (1971) e por ele tio do escritor modernista Guilhermino César.

Galdino César da Silva se casou com Maria José Vilas Boas em Tebas, a 18.01.1896. Ela era filha de José Martiniano Vilas Boas e Olímpia César da Silva, irmã de Galdino. O casal teve, pelo menos, os filhos Cecília Violeta (1898), Joyra (1902), Júlio (1916) casado com Cinira da Fonseca e, Galdino Filho, casado com Luzia Zampieri.

GAMA CERQUEIRA, praça

(Bairro Centro) – Pela lei nº 406, de 03.10.1961, esta praça recebeu o nome de Dr. Gama Cerqueira. Por um curto período afixaram nela uma placa indicativa com o nome de Juiz Gama Cerqueira. Durante um tempo teve, oficialmente, o nome de praça Melo Viana. Mas, ela sempre foi conhecida como "Praça do Urubu".

Dr. Caetano Augusto Gama Cerqueira foi o primeiro juiz de direito da comarca de Leopoldina. Sua ascendência é repleta de ligações com outras famílias leopoldinenses, embora nem todas citadas neste trabalho. Era filho de Cesário Augusto da Gama e Emília da Gama Cerqueira, casal que teve também os filhos: José Januário, Francisco Januário e Eduardo Ernesto da Gama Cerqueira. Sua esposa chamava-se Ana. Caetano era neto paterno de Caetano José de Almeida Gama e Ana Francisca da Silva Lima e neto materno de Januária Francisco de Jesus Cerqueira e Maria Carlota da Gama que foram pais de Luiza Amélia, em casa de quem o Imperador Pedro II esteve em 1881, na esquina da Travessa que recebeu o nome do monarca.

Veja mais sobre esta praça no verbete "Urubu, praça".

GARIBALDE CERQUEIRA, rua

(Bairro São Cristóvão) – Seu nome foi oficializado pela lei nº 1317, de 14.12.1978, projeto 79/78 dos vereadores Adávio Pires de Almeida, Jair de Almeida Lacerda e Joaqim de Castro Meirelles. Liga as ruas Miguel Gesualdi e Antônio Carlos de Almeida Ramos.

Garibaldi Cerqueira Filho era filho de Garibaldi Cerqueira, nascido em 1883 em Belmiro Braga e de Laura Ramos nascida 21.08.1890 em Leopoldina. Neto paterno de João José Cerqueira e Rita Marcíria. Seus avós maternos, Antônio José Alves Ramos e Amélia Carolina Pereira Pinto, são citados em outra parte deste trabalho por serem também ancestrais de Emílio Ramos Pinto. Garibaldi Cerqueira Filho era casado com Neuza Rezende, com quem teve os filhos: Lúcia e Euler Rezende Cerqueira. Era comerciante no ramo de tecidos com loja na rua Tiradentes. Foi, também, funcionário público estadual.

GENI BITTENCOURT DE ARAÚJO, Professora, praça

(Bairro Eldorado) – A lei nº 3075, de 16.09.1998, projeto 71/98, do vereador Dr. José Ferraz Rodrigues, dá esta denominação para a praça localizada entre as ruas Elias Veiga e Argemiro Augusto Pinto Bittencourt. Vale registrar que no 2024 esse local era indicado como sendo a praça Nossa Senhora do Carmo, mesmo nome de uma rua próxima. Moradores de ruas próximas informam que ali é a "Praça da Bíblia", logradouro que não é citado em nenhuma das fontes pesquisadas..

Geni nasceu em Leopoldina a 24.07.1929 na propriedade rural Jatobá. Era filha de Manoel Rodrigues da Silva e Belmira Bittencourt Rodriguez, sendo seu pai descendente paterno de outro Manoel Rodrigues da Silva e Ana Bernardina de Almeida, ela filha de Bernardino José Machado da Fazenda da Grama. Seu pai era descendente materno de Vital Antônio de Oliveira, pioneiro do distrito de Piacatuba. Os avós paternos de Geni foram condôminos da fazenda Aliança.

A mãe de Geni era descendente materna de Luiza Rodriguez Gonzalez, prima de Salvador Rodrigues Y Rodriguez que foi proprietário do Cine-Teatro Alencar.

Geni Bittencourt foi criada pelo padrinho Átila Lacerda da Cruz Machado. Formou-se normalista no Colégio Imaculada Conceição a 08.12.1946. Casou-se com Zanoni de Araújo e com ele teve os filhos: Emerson, Vania e Vilma Bittencourt de Araújo. Foi diretora de evangelização no Centro Espírita Amor ao Próximo e professora do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira. Dirigiu a Fundação das Pioneiras Sociais. Faleceu a 27.07.1992.

GENTIL PACHECO DE MELO, rua

(Bairro Fátima) – O nome dessa rua surgiu com a lei nº 764, de 29.04.1971 cujo texto diz: "Fica denominada rua Gentil Pacheco de Melo, a via pública que parte da rua Jonas Bastos e vai até a estrada que dá acesso ao reservatório d'água Carlos Martins." Esse reservatório, hoje desativado, ficava logo acima da igreja São José, próximo à rua João Vicente Locha.

Gentil nasceu em Piacatuba, por volta de 1904, filho de Herculano do Nascimento Pacheco e de Maria Rita de Melo. Casou-se em Leopoldina, a 02.07.1924 com Emília das Chagas, filha de Baldoíno Saturnino das Chagas e Maria Clara Pires que foram condôminos da fazenda Boa Esperança, divisão da antiga propriedade denominada Vargem do Rio Pardo, nas proximidades do local em que aquele rio deságua no Pomba. Gentil e Emilia foram pais de Herculado Chagas de Melo, Maria Ignez de Melo e Conceição Aparecida de Melo Pacheco

casada com João Locha (Locci), filho do italiano Peppino Locci. Conceição e João foram pais de João Vicente Locha, nome de rua da cidade. Consta que Gentil era transportador rodoviário e residiu, durante muitos anos, na rua que recebeu o seu nome.

GERALDO ALVES FERREIRA, rua

(Bairro Jardim Bela Vista) – Foi através da lei nº 3299, de 12.09.2000, projeto 82/2000, do vereador Nélson Vieira Filho, que a via antes denominada rua 16 recebeu esse nome. Ela está situada entre as ruas João Meneghite e Anderson Pereira Bela.

Geraldo A. Ferreira nasceu por volta de 1918 em Piacatuba, filho de Joaquim Alves Ferreira e Afonsina Hufnagel. Casou-se com Carmen Alves de Aguiar, com quem teve 9 filhos. Faleceu em 14.06.1991 em Leopoldina, 73 anos.

GERALDO CAMPANHA, rua

(Bairro Centro) – A lei nº 2038, de 20.12.1988, projeto 97/1988 do vereador Ely Rodrigues Netto, deu este nome à via que partindo da rua Cel. Olivier Fajardo, ao lado dos galpões do parque de exposições, vai terminar na rua Acácio Serpa. É a rua onde está o edifício do Fórum.

Geraldo Campagna ou, Geraldo Campanha, nasceu a 22.10.1911, filho dos italianos Felice Antonio Campagna e Carmina Marzilio. Casou-se a 22.01.1938 em Leopoldina, com Maria Fofano, nascida 04.11.1913, filha dos também italianos Carlo Batista Fofano e Amabile Stefani. O casal teve duas filhas naturais e adotou mais cinco: Carmem Aparecida casada com José Teixeria Pires, Célia casada com Clécio Muniz, Elizeth da Silva casada com José Roberto Branco de Oliveira, Ébio da Silva casado com Neli Bitencourt, Maria Aparecida casada com Henrique Martins, Ricardo, solteiro e Anita Zambrano de Sá.

Geralmente conhecido como Geraldino Campanha, era um dos entusiastas do jogo de malhas, em Leopoldina. Dedicado aos esportes, foi atleta da Liga Esportiva Leopoldinense e um dos fundadores do Leopoldina Malha Clube. Industrial, possuía uma serraria no então bairro da Onça, onde fabricava, principalmente, tamancos de madeira e vassouras de piaçaba. Sua serraria, inicialmente, funcionava na entrada para o bairro Boa Sorte. Posteriormente, esta indústria foi transferida para as proximidades da igreja de Santo Antônio (igrejinha da Onça), onde foi construída uma pequena vila de casas para abrigar alguns dos seus funcionários. Os pais de Geraldo nasceram em Picerno, na província de

Potenza, região da Basilicata, na Itália, onde se casaram em 1892. Geraldo faleceu em 16.04.1984 em Leopoldina.

GERALDO DOS SANTOS PONTÉ, rua

(Bairro Imperador) – Foi a partir da lei nº 4487, de 29.10.2019, projeto 47/2019 do vereador Ivan Martins Nogueira, que ocorreu a denominação dessa rua que parte da praça da Liberdade e segue até o final do bairro.

Geraldo dos Santos Ponté nasceu em Leopoldina a 17.12.1915, filho de José Antônio Ponté e Henriqueta dos Santos Ponté. Teve 6 filhos. Faleceu em Leopoldina a 10.07.2001, em sua residência à rua Dr Pompílio Guimarães, na condição de viúvo.

GERALDO GALDINO GONÇALVES, rua

(Bairro Imperador) – Foi a lei nº 4393. de 13.12.2017, projeto 64/2017, que deu nome a essa via que liga a rua Honório Lacerda Filho à av. José Marazzi,

Geraldo Galdino nasceu a 02.02.1924, em Tebas, filho de José Galdino Gonçalves e Ana Efigenia de Jesus. Casou-se com Sebastiana Almeida Gonçalves com quem teve 12 filhos. Por muitos anos trabalhou na fazenda Independência. Faleceu no dia 27.11.2002, na condição de viúvo.

GERALDO GRUPPI, Agrovila

(Distrito de Abaíba) – Foi a lei nº 3428, de 19.06.2002, projeto nº 45/2002 do vereador Juarez Esteves que deu nome oficial à agrovila que foi construída no distrito.

Geraldo Gruppi nasceu por volta de 1933 em Tebas, filho de Giuseppe Gruppi e Ermia Zampieri Albertoni, ele nascido a 05.01.1891 no comune Savigno, província de Bologna, região Emilia Romagna e ela nascida a 16.11.1895 em Leopoldina e falecida em julho de 2001. O pai de Ermia nasceu em Pianiga, Venezia e a mãe em Dolo, também na província de Venezia. O pai foi inicialmente para Roça Grande, em 1898, e em 1903 já estava na Fazenda do Socorro.

Geraldo era casado com Regina Barbosa e teve pelo menos os filhos Francisco e Reginaldo Barbosa Gruppi. Era proprietário da fazenda Santa Paula e consta ter cedido terras para a construção da Agrovila. Geraldo Gruppi faleceu em Leopoldina em 03.06.1997 e foi sepultado em Tebas.

GERARDO FERREIRA REIS, Dom, rua

(Bairro Nova Leopoldina) O nome dessa via apareceu com a lei nº 2978. de 16.10.1997 do vereador Nélson Vieira Filho, projeto 67/97. É ela que dá nome a essa via que tem seu início na rua Aloísio Soares Fajardo e finda na rua Sílvio Vitói.

Dom Gerardo nasceu em Alpinópolis-MG, em 01.10.1911, filho de Domingos Pinto dos Reis e Maria da Anunciação Ferreira Lopes. Estudou no Seminário de Guaxupé onde mais tarde foi Reitor. Sagrou-se Bispo pelas mãos de Dom Inácio, também em Guaxupé-MG. Foi o segundo Bispo da Diocese de Leopoldina, nomeado pelo Papa João XXIII. Assumiu o cargo em 15.10.1961. Ao aposentar-se, por motivo de saúde, passou a morar no Carmelo de São José, em Passos-MG, onde faleceu a 22.06.1995.

GERÔNIMO DA SILVA, rua

(Bairro Vila Miralda) – Diz a lei nº 1523, de 09.10.1981, projeto 38/81, do vereador Wilson José Valentim, que lhe deu o nome que ela é a única transversal da rua Cândido Augusto Veloso. Inicia nesse encontro e termina na ponte de ligação com a rua Hélio Silva Patrocínio.

Gerônimo da Silva nasceu em Leopoldina onde sempre viveu. Casou-se com Ana Catarina da Silva com quem teve os filhos José Gerônimo, Devanir, Fausto Gerônimo, Manoel Gerônimo, Eunice, Erondino, Prachedes e Sebastião Gerônimo da Silva.

GETOMIR PEREIRA BELLA, rua

(Bairro Alto da Ventania) – Começa na praça João Bella. É a subida para a estação de tratamento de águas da COPASA. Recebeu esta denominação a partir da lei nº 1475, de 10.10.1980, projeto 64/80, por indicação do vereador Wilson José Valentim.

Getomir nasceu a 08.09.1901, filho de Alfredo Augusto Pereira da Bella e Alexandrina, sendo neto paterno de Henriqueta Maria Monteiro e Antônio Pereira da Bella que possuía uma Padaria em Leopoldina em 1873 e faleceu no Arraial dos Quebrados. Os pais de Getomir moravam na rua Manoel Lobato em 1924. Ele se casou, a 02.05.1923, com Maria Genebra Sangirolami, filha dos italianos Giovanni Sangirolami e Giustina Borella, com quem teve sete filhos. Getomir era irmão de: Antônia, Maria casada com José Antônio dos Santos, José casado com Teonilha Lomba, Sebastião casado com Santina Sellani, Alfredo casado com Alexandrina Maragna, Zélia e João casado com Maria Luiza Maragna.

GETÚLIO VARGAS, avenida

(Bairro Centro) - Liga a praça Francisco Pinheiro Correia de Lacerda (antiga praça Argirita) ao início do bairro da vila Miralda, passando pelos bairros da Fábrica, Jardim Lisboa e Praça da Bandeira. Até a década de 1960 era o leito da estrada Rio-Bahia. Nessa época, quando foi entregue à prefeitura, seu capeamento asfáltico foi substituído por paralelepípedos. Nela ficavam as principais oficinas mecânicas e os melhores bares e restaurantes que atendiam aos viajantes que transitavam pela rodovia. Ali, também, na esquina da rua Benedito Valadares, funcionava a sede do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem – DNER.

Um pouco da história da sua criação pode ser imaginado a partir das seguintes notícias. Na Gazeta de Leopoldina (13.11.19387 fls 4 col 1) está o decreto nº 14, de 09.11.1938, que denomina Rua Getúlio Vargas a que parte da Praça Argirita, atravessa as ruas 27 de abril e Floresta até encontrar o prolongamento da rua João Neto. A mesma Gazeta (19.11.1939 fls 1 col 1-2) divulga o decreto nº 26, de 26.10.1939, que muda a classificação do logradouro de Rua para Avenida. E informa que essa Avenida parte da Praça Argirita e vai ao sopé do Morro da Ventania, com a largura total de 17 m sendo 2,5 para passeio (de cada lado) e 12 para trânsito de veículos. E diz no art. 3º que as construções nessa Avenida não poderão ser feitas a menos de 3 metros de recuo do alinhamento, de cada lado, e nenhum muro, gradil ou cerca viva poderá exceder a altura de 1,2 m do passeio, não só em todo o percurso da Avenida, como também, nas ruas transversais, até uma distância de 20 metros do alinhamento.

Registre-se que antes da denominação dessa avenida, Getúlio Vargas era o nome da rua que passou a se chamar Marechal Deodoro da Fonseca.

Getúlio Dornelles Vargas, ex-presidente do Brasil, nasceu em São Borja (RS), em 19.04.1883. Filho do general Manuel Nascimento Vargas. Concluiu o seu curso superior na faculdade de Direito de Porto Alegre, onde chegou a ser promotor público. Advogou em São Borja, em 1909 elegeu-se deputado estadual e, em 1917, deputado federal pelo Rio Grande do Sul. Foi ministro da fazenda do presidente Washington Luís e governador do Rio Grande Sul. Em 1930 chega à presidência da república. Instala o Estado Novo e inicia grandes mudanças no país. Deposto, retorna ao seu estado natal onde é eleito senador. Em 1950 reassume a presidência do país e, a 24.08.1954 é levado ao suicídio. Registre-se que o presidente Getúlio Vargas visitou Leopoldina em 24.10.1939, quando da inauguração de um trecho da estrada Rio-Bahia.

Veja rua Marechal Deodoro da Fonseca.

GIBSON CORRÈA, rua

(Bairro Popular) – A denominação dessa rua se deu através da lei nº 3871, de 19.12.2008, projeto 83/2008 do vereador Lúcio Fonseca César. Ela começa na praça Antônia Benta e termina na praça Anderson Alexandre Coelho.

Gibson era filho de Francisco Luiz Corrêa e Maria da Glória Ribeiro Corrêa. Foi casado com Expedita Batista da Silva Corrêa, com quem teve 4 filhos: Anderson, Sônia, Maria Aparecida e Jadson. Era pedreiro e residia no Alto da Ventania. Faleceu a 17.08.2000 em Leopoldina, onde sempre viveu.

GILDA BARBOSA CARMINATI, rua

(Bairro Alonso Tavares Nogueira Filho) – É com a lei nº 3752, de 02.03.2007, projeto 32/2006 do vereador Lucio Fonseca César, que aparece a denominação dessa rua. Ela começa na av. dos Expedicionários e finda na rua Armindo Joaquim Mourão.

Gilda Babosa nasceu por volta de 1927, em Tebas. Era filha de Laert Montes Barbosa e Olga Vieira Barbosa. Casou-se com Sebastião Lopes Carminati. Faleceu em 29.08.1994 em Juiz de Fora e foi sepultada em Leopoldina.

GILDA BRITO, rua

(Bairro Popular) – Com a lei nº 3872, de 19.12.2008, projeto 91/2008, do vereador Edvaldo Franquido Donato do Vale, foi denominada essa via que começa na praça Anderson Alexandre Coelho e finda na rua Clarice Furtado Coutinho.

Gilda Brito nasceu a 25.05.1939 em Feira de Santana, BA, filha de Izaura Brito. Era costureira, solteira e residia na rua Soleiro. Deixou os filhos: Marcelo, Maria e Eliane. Faleceu a 06.10.2001 em Itaperuna, RJ.

GILDA, vila

(Antigo Logradouro) - Foi a lei nº 481, de 28.05.1963, que oficializou o nome dessa vila. Ela ficava no início da rua Professora Emília Levasseur Rocha, no bairro Praça da Bandeira, nas proximidades do atual largo Doutor Sebastião Campos Alvim. Era uma série de casas geminadas que foram demolidas para dar lugar a outras construções. A Gazeta de Leopoldina

(02.09.1951 fls 2 col 1) a ela faz referência. Segundo antigos moradores de Leopoldina, esta vila foi construída por Raphael Iennaco, que dá nome a logradouro da cidade e, Juraci Gesualdi, pais da Gilda aqui homenageada.

GOIÁS, rua

(Bairro Cidade Alta) – Foi a lei 4104, de 18.04.2013, projeto 22/2013 do vereador Ivan Martins Nogueira, que deu denominação a essa via. Pelo mapa de 2024 ela começa e termina na rua Rio de Janeiro e faz referência ao estado do centro-oeste brasileiro.

GONÇALVES NETTO, rua

(Bairro Quinta Residência) – Foi a lei nº 1562, de 15.06.1982, projeto 25/82 do vereador Wilson Valentim que deu nome a essa via. Ela faz a ligação da rua Antônio Fernandes Valentim com a avenida Jehu Faria, tendo uma escadaria no seu final.

É uma homenagem à família de Mozart Gonçalves Netto. Pai exemplar e pessoa querida no bairro da Quinta Residência, ele se distinguia, também, pelo grande prazer em servir ao próximo, segundo consta na justificativa do projeto de lei. Nasceu a 22.04.1896, filho de Pedro Gonçalves Neto e Ana Esméria de Almeida. Deixou os filhos: Nanto (1920) casado com Maria de Lourdes Rodrigues, Sisson (1922) casado com Maria de Lourdes Ferreira de Souza, João Pedro (1924) casado com Maria Moraes, José Darcy (1927) casado com Maria Auxiliadora Almeida, e Maria da Glória de Souza Neto, nascida em 1928 e falecida em 2012.

Mozart descendia de pioneiros do Feijão Cru, sendo neto de João Gonçalves Neto, bisneto de Manoel Antônio de Almeida e de Bento Rodrigues Gomes.

GRAÇAS, NOSSA SENHORA DAS, vila

(Bairro Chácara Dona Euzébia) – A lei nº 2034, de 24.11.1988 e o projeto 95/88 do vereador Roque Schettino, dão denominação de vila ao logradouro público da cidade que fica perpendicular à rua Lindolfo Pinheiro. Fica à direita da rua Lindolfo Pinheiro, logo após a esquina da rua Estela Melo.

GRAMA, bairro e rua

(Antigo Logradouro) - Embora não se tenha documento de sua criação, o bairro da Grama é, talvez, um dos mais antigos da cidade. Conta Francisco de Paula Ferreira de

Rezende (1988 p. 373) referindo-se a sua chegada ao Feijão Cru, que "nesse tempo a Leopoldina, incluindo-se a Grama que formava um bairro inteiramente separado, deveria ter umas setenta ou oitenta casas mais ou menos..."

O bairro da Grama, que no dizer de Barroso Júnior é a nossa Santa Teresa (bairro residencial e aprazível do Rio de Janeiro), incluía a antiga rua da Grama e todas as outras que existiam e as que foram surgindo nas terras da antiga fazenda da Grama, de quem o bairro herdou o nome.

(Antigo Logradouro) – A antiga rua da Grama, no bairro Centro, tal como o bairro herdou o nome da antiga fazenda da Grama e, dela não se tem a lei que a denominou. É citada em A Leopoldina (16.02.1893 fls. 4 col 1) na nota sobre uma casa nesta rua pertencente ao espólio de Joaquim Lopes Guimarães. Seu nome atual é Rua Manoel Lobato.

GUILHERME DE OLIVEIRA, Monsenhor, rua

(Bairro Pedro Brito Neto) – A denominação ocorreu com a lei nº 2848, de 20.06.1996, projeto 50/96, do vereador Nélson Vieira Filho. Diz a lei que esta rua tem início na rua José Rodrigues Werneck e finda na divisa do referido bairro. Pelo mapa de 2024 ela começa na rua Luiz Torres de Barcelos e segue até ao final do bairro.

Monsenhor Guilherme, como era por todos conhecido, nasceu em Cachoeiro Alegre, distrito de Palma, MG, no dia 03.11.1916, filho de Ezequiel Antônio de Oliveira e Flora Moreira de Oliveira. Estudou no seminário de Mariana e ordenou-se padre, em 1947, na catedral de Leopoldina. Exerceu as funções de reitor do seminário Nossa Senhora Aparecida, em Leopoldina; chanceler do bispado; cônego, capelão do Asilo Santo Antônio e administrador diocesano. Foi educador de várias gerações de estudantes leopoldinenses. De 31.01.1949 a 11.11.1979, foi ~~o~~ diretor do Colégio Estadual Professor Botelho Reis (Ginásio). Faleceu em 01.04.1995.

GUSTAVO BARBOSA DE MIRANDA, rua

(Bairro Praça da Bandeira) – A lei 652, de 31.07.1968, diz que: "Fica denominada rua Gustavo Barbosa de Miranda, o trecho da atual rua Marechal Deodoro da Fonseca que, partindo da praça Zequinha Reis (antiga praça da Bandeira), vai até a avenida Getúlio Vargas. Dois pontos de referência desta rua eram o bar Gato Preto, no encontro com a avenida Getúlio Vargas e a padaria Marino, na esquina com a praça da Bandeira.

Gustavo nasceu a 27.12.1886 e faleceu a 27.04.1957. Foi casado com Maria Isabel, nascida a 15.11.1893 e falecida a 10.06.1976. O casal teve, pelo menos, as filhas Ângela casada com Teofilo Levasseur Rocha, Maria Aparecida casada com João Lisboa Vargas, Augusta casada com Welington Izidoro de Carvalho Neto, Maria da Glória casada com Gil Cortes Gama, e Efigenia casada com Carlos Schettino. Gustavo foi fazendeiro e residiu numa chácara que existiu onde está hoje o bairro Jardim Lisboa.

GUSTAVO MONTEIRO DE CASTRO, Professor, rua

(Bairro Alto dos Pirineus) – Pela lei nº 646, de 25.07.1968, a antiga rua dos Pirineus teve modificada a sua denominação passando a chamar-se rua Professor Gustavo Monteiro de Castro. Liga a praça Gama Cerqueira à praça Alípio Assunção. É a subida dos Pirineus. No passado era conhecida como ladeira ou, rua dos Pirineus.

Gustavo Eneas Monteiro de Castro nasceu a 03.05.1885 em Leopoldina, onde faleceu a 27.04.1968. Era filho de Ambrosina Augusta Monteiro de Barros e José Joaquim Monteiro de Castro que foi proprietário de (parte) da fazenda Boa Sorte, na divisa com a fazenda Feijão Cru. José Joaquim foi casado três vezes. Desses casamentos teve 12 filhos. O professor Gustavo lecionou no Ginásio Leopoldinense e residiu próximo ao início da rua que leva o seu nome. Foi casado com a professora Conceição Soares Monteiro de Castro, também nome de rua da cidade.

LETRA H

HAIDÊ DE ALMEIDA MACHADO, estrada

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – A denominação desse logradouro surgiu com a lei nº 4345, de 06.10.2016, projeto 50/2016 do Poder Executivo. É a estrada que liga a BR 116, km 748, à sede do distrito onde encontra a rua Viriato Pinto.

Haidê de Almeida Lacerda nasceu em Ribeiro Junqueira a 14.05.1939 e faleceu em Leopoldina a 07.07.2015. Era filha de Epaminondas Almeida Lacerda e Maria dos Prazeres, sendo neta paterna de Cecília Gabriel Lacerda e Teófilo Rodrigues de Almeida e por este bisneta de Francisco Martins de Almeida Rita Garcia da Natividade que tiveram quinhão na fazenda Boa Vista, a qual fazia divisa com os irmãos Antônio e Bento Rodrigues Gomes. Haidê descendia, por seu pai, dos povoadores Manoel Antônio de Almeida e Antônio Rodrigues Gomes. Casou-se a 19.04.1959, em Ribeiro Junqueira, com José Luiz Delfim Machado com quem teve os filhos: Janete, Josete, Jaime, Jander, Jader, Janilda, Jardel e Juliender. Foi Escrivã de Paz em Ribeiro Junqueira.

HARMONIA, fonte, rua, beco e praça.

(Antigo Logradouro) - **FONTE** - O livro nº 6 de atas da câmara, fls 54, em 20.02.1879, informa estar sendo reparada a fonte da Harmonia. E diz a nota que é necessário "aumentar a caixa d'água de 3 a 4 palmos, colocar um cano de chumbo da caixa até a bica, desmanchar o paredão que serve de invólucro do cano, rasgar a terra para o lado do paredão na extensão de 144 palmos quadrados."

RUA - Nesse mesmo livro (23.07.1879, fls 75v) consta a aprovação de pedido apresentado em ata anterior concedendo ao italiano Pasquale Zavataro 10 palmos de terreno na frente da casa que ele estava construindo na rua Harmonia, para que ele fizesse um jardim na frente da casa.

BECO - Na petição ele havia citado que o terreno estava destinado a um beco entre a casa do Sr. Juiz e a dele.

PRAÇA - Na concessão o logradouro é citado como praça, não rua e é exigido que ele feche o espaço com grades de ferro ou madeira, não excedendo a altura de 8 palmos.

No livro nº 7 de atas, folhas 21/22, de 10.02.1880, o fiscal informa que o italiano Zavataro pediu o terreno para fazer jardim e está edificando no local.

HAROLDO JOSÉ DE BASTOS FREIRE, Professor, rua

(Bairro Fátima) – Foi a lei nº 894, de 15.05.1973, que deu este nome à rua e diz que é uma "via pública que une as ruas Vinte e Sete de Abril à rua Jonas Bastos, no bairro de Fátima", sem fazer qualquer referência ao nome anterior "São Vicente de Paulo" que foi objeto da lei nº 868, de 24.01.1973 de teor seguinte: "Fica denominada São Vicente de Paulo a travessa que ligará a rua Vinte e Sete de Abril à rua Jonas Bastos, nesta cidade." Registre-se que nos dias atuais esta via liga a rua Farmacêutico Durval Bastos à rua Gentil Pacheco de Melo.

Quanto ao homenageado, o Professor Haroldo lecionava contabilidade e prática em datilografia, na sua escola particular denominada "Virgílio Bastos", que funcionava na rua Gabriel Magalhães, nas proximidades da praça Professor Botelho Reis. Era filho de Virgílio de Bastos Freire e Maria Rosa Bastos, sendo neto paterno de Secundino de Matos Freire e Ana Joaquina de Souza Bastos e neto materno de Jonas de Faria Bastos e Estefânia de Souza. Era irmão de Virgílio Filho, Maria da Glória, Walter e Olavo, sendo este último o técnico em eletrônica que construiu equipamentos para transmitir imagens à distância, sendo o pioneiro da televisão em Juiz de Fora.

HAROLDO MARANHA, rua

(Bairro Bela Vista) – Foi a lei nº 2115, de 12.09.1989, projeto 82/89, do vereador Antônio Amâncio Valentim, que lhe deu o nome. Liga a rua Oldemar Montenari à Roberto Vizani Young.

Haroldo nasceu em Leopoldina a 15.06.1925, filho de Arturo Maragna, natural de Verona e nome de rua no bairro Maria Guimarães França, e de Idalina Perillo. Com a esposa Vera, foi pai de Haroldo Maragna Júnior que, segundo o jornal Leopoldinense (12.2020 fls 1), era Secretário Municipal de Obras de Leopoldina em 2010. Dr. Haroldo era advogado, participou da política leopoldinense tendo sido eleito vereador em 1966. Foi vereador e presidente da câmara e presidiu o Esporte Clube Ribeiro Junqueira.

HEBER PEREIRA SALES, praça

(Bairro Vila Esteves) – Está situada no final da rua Pedro Arantes. Seu nome surgiu com a lei nº 2313, de 27.06.1991, projeto 26/91 do vereador Nélson Vieira Filho. Tudo leva a crer que esta praça inicialmente teria recebido a denominação de Euler Ferreira Netto.

Heber nasceu por volta de 1934, filho de Jair Pereira Sales e Maria José Cerqueira. Casou-se com Dinorah de Almeida, com quem teve 5 filhos. Foi comerciante no ramo de material de construção numa sociedade com o irmão Cleber (Casa Sales), cuja loja funcionava na praça do Rosário. Faleceu em Juiz de Fora no dia 03.12.1986 e foi sepultado em Leopoldina.

HEITOR RIBEIRO GUEDES, rua

(Bairro João Paulo II) – Esta rua recebeu o nome pela lei nº 1701, de 01.11.1984, projeto 54/84 de autoria do vereador Roque Macário Braz Schettino. É a via que no mapa do loteamento João Paulo II, constava como rua A. Tem seu início na rua Padre José Domingues Gomes e finda na rua Nelson Monteiro.

Heitor Ribeiro Guedes, nasceu em 31.10.1914, filho de Lucas Evangelista Guedes e Amélia Ribeiro Guedes. Casou-se com Isaltina Rennó e dessa união deixou o filho Benedito Rubens Renó Guedes, popularmente conhecido como "Bené Guedes", ex-vereador, prefeito e deputado estadual. Heitor veio para Leopoldina em 1951 onde prestou relevantes serviços na Coletoria Estadual até o ano de 1967. Faleceu em 21.10.1970.

HELBER PEDRO DE QUEIRÓS, Sargento, rua

(Bairro Chácara Dona Euzébia) – Esta rua recebeu sua denominação oficial pela lei nº 3381, de 10.12.2001, projeto 56/2001 do vereador Otávio Arantes Xavier, apresentado a pedido do dono do terreno, Dilmar Monteiro Arruda. Começa na rua Paulo Afonso de Matos e termina na rua Nestor Augusto Rodrigues.

HELENA BARBOSA GUERSON, rua

(Bairro Alto da Boa Vista) – É a lei nº 4334, de 23.06.2016, projeto 36/2016 dos vereadores Paulo Sérgio Celestino de Oliveira e Leandro de Almeida Machado que dá denominação de Helena Barbosa Guerson à rua 11, localizada no loteamento Solar

Leopoldina. Começa na rua Fernando Mendonça Machado e finda na rua Luiz Eduardo Abrita Gonçalves.

Helena nasceu por volta de 1928, em Piacatuba, filha de Modesto Barbosa Moraes e Alzira da Fonseca. Casou-se com Erasmo Guerson e com ele teve 5 filhos. Faleceu em Juiz de Fora em 22.06.1998.

HELENA DE ANDRADE BASTOS, rua

(Bairro Chico Bastos) – A lei nº 1514, de 06.08.1981, projeto 27/81 do vereador José Américo dos Santos Lima dá essa denominação à via pública do loteamento "Chico Bastos" que parte da rua Francisco de Andrade Bastos e vai até os terrenos do Sr. Antônio Zaquine, e no mapa do loteamento fica localizada entre as quadras A e D. Pelo mapa da prefeitura de 2000, esta via liga a rua Maria Botelho Junqueira à rua José Wenceslau Arantes Junqueira casal que foi pai de Helena, esposa de Francisco de Andrade Bastos.

Helena de Andrade, filha de Tomé Ignacio Botelho e Ana Ribeiro de Andrade casada com Pedro de Souza Bastos, natural de São Cristóvão, Sergipe, com quem teve 13 filhos, incluindo Francisco de Andrade Bastos. Pedro fora sócio do sobrinho Jonas de Faria Bastos na fazenda Floresta. Faleceu em Matias Barbosa a 22.10.1922. Helena faleceu no Rio de Janeiro a 09.10.1938.

HELENA DOMICIANO FLAUZINO, rua

(Bairro Alonso Tavares Nogueira Filho) – Foi a lei nº 3977, de 08.09.2011, projeto 33/2011 do vereador Ivan Martins Nogueira, que deu nome a essa via que liga a rua Gilda Barbosa Carminate à rua Armindo Joaquim Mourão.

Helena Domiciano nasceu 06.06.1942, filha de Euclides Domiciano e Olivia Rodrigues de Oliveira. Morou na rua do Sossego, na Quinta Residência, até se casar com Sebastião Flauzino, em 1958. Com ele teve 7 filhos. Foi auxiliar doméstica em residências e no restaurante Fogão a Lenha. Morava na rua Mory Batista, no bairro Bela Vista. Faleceu a 26.06.2010

HELENA JUNQUEIRA BASTOS, rua

(Bairro Fábrica) – Lei 715, de 09.04.1970. Começa na rua Vinte e Sete de Abril, na altura do n.º 243, próximo à praça Aristides Badaró e segue em direção ao Ribeirão Feijão Cru. Acompanha a sua margem e vai encontrar a rua Juvenal Carneiro.

Em razão da homonímia e da falta de informações nos projetos e nas leis, às vezes se torna difícil definir a pessoa que está sendo homenageada. Tudo leva a crer que a homenageada nesse logradouro foi Helena Botelho Junqueira filha de José Wenceslau Arantes Junqueira e Maria Botelho, nascida em Leopoldina por volta de 1891. Casou-se em Providência, em 1911, com Francisco de Andrade Bastos e com ele teve 9 filhos e alguns deles foram pais dos herdeiros que criaram o loteamento Chico Bastos. Helena faleceu em Copacabana a 02.07.1953.

HELENA JUNQUEIRA, rua

(Bairro Imperador) – Recebeu este nome pela lei nº 3186, de 19.10.1999, projeto 58/99 da vereadora Iolanda Cangussú André. Começa na av. Agnello Correa do Bem e termina na rua José Marazzi.

Mais um caso de homonímia que as poucas informações fazem crer que a homenageada é a Helena que nasceu a 14.10.1914 em Leopoldina, filha de Francisco Theodoro Junqueira e Ana Botelho Junqueira, sendo neta materna de José Wenceslau Arantes Junqueira e Maria Botelho e, portanto, sobrinha de Helena e Francisco de Andrade Bastos. Faleceu, no estado de solteira, em 24.07.1992. Por muitos anos trabalhou no cartório do 3º Ofício no qual sucedeu a seu irmão José Wenceslau Junqueira.

HELENO TAVARES DE RESENDE, rua

(Bairro Fortaleza) – Foi a lei nº 2366, de 13.11.1991, projeto 75/91 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida, que deu denominação a essa via que fica em terrenos da antiga fazenda Fortaleza, formada por João Gualberto Ferreira Brito e que pertenceu ao homenageado, nas proximidades do bairro das Três Cruzes, na saída para Laranjal. É a via que, partindo da BR-116, ao lado do antigo IDAL (Instituto de Desenvolvimento do Adolescente Leopoldinense), dá acesso ao parque florestal. Nela está a fábrica de charretes Tupi.

Heleno Tavares de Resende nasceu em Providência a 26.01.1922, filho de José Pereira de Rezende e Olga Tavares. Casou-se com Maria Júlia Evangelista Reis com quem teve os filhos: Lenine, Lélia, Marlene, Márcio, João Marcos, Eustáquio e Severino Campos de Rezende. Era agropecuarista. Faleceu a 21.06.1985 em Leopoldina e foi sepultado em Tebas.

HÉLIO GUIMARÃES FRANÇA, Doutor, rua

(Bairro Nova Leopoldina) – Recebeu esta denominação a partir da lei nº 2976, de 16.10.1997, projeto 65/97 do vereador Nélson Vieira Filho. Começa na rua Aloísio Soares Fajardo e finda na rua Dom Gerardo Ferreira Reis.

Dr. Hélio nasceu a 08.03.1923 em Leopoldina, filho de Enéas Lacerda França e Vera Guimarães. Neto paterno do escrivão Manoel Bruno Viana França e Maria Augusta Rodrigues Lacerda e neto materno do negociante Antônio Teixeira de Oliveira Guimarães e Albertina Moura. Casou-se com Maria Antonieta de Oliveira França com quem teve os filhos: Enéas, Eveline Maria e Eduardo. Sua família foi homenageada em diversos logradouros da cidade. Era médico, clínico geral e cardiologista. Na política, pertencia ao Partido Republicano (PR), de oposição aos políticos locais na ocasião. Faleceu na Vila Mariana, em São Paulo, a 11.03.1993 e foi sepultado em Leopoldina.

HÉLIO SILVA PATROCÍNIO, rua

(Bairro Vila Miralda) – Foi a lei nº 4461, de 02.05.2019, projeto 11/2019 do vereador Ivan Martins Nogueira, que denominou essa rua que começa na av. Jehu Faria, segue paralela ao curso d'água que vem dos lados da rua Edson Werneck, passa pelo campo de futebol e, na ponte sobre o pequeno córrego, encontra a rua Gerônimo da Silva.

Hélio, carinhosamente conhecido como Hélio Gordurão, nasceu a 28.11.1958, filho de José Patrocínio Silva e Ana Silva Patrocínio. Casou-se com Cleusa com quem teve pelo menos dois filhos. Esportista, nas décadas de 1970 e 1980 atuou no E. C. Ribeiro Junqueira. Morou na rua Durval Bastos, na praça da Bandeira. Faleceu a 17.02.2018.

HELVÉCIO, Dom, praça

(Bairro Centro) – Diz a Gazeta de Leopoldina (05.08.1942, fls 4 col 5) que foi o Decreto nº 57 de 05.08.1942 que deu o nome de Dom Helvécio para a praça onde se acham localizadas a Catedral e o Palácio Episcopal de Leopoldina, no final das ruas Padre Júlio, Lucas Augusto

e Ladeira São Pedro. Nela está o Colégio Imaculada Conceição e, segundo o Leopoldinense online (02.12.2019), por iniciativa de Dom Delfim Ribeiro Guedes, em 1946, no local da antiga Matriz demolida em 1927, foi colocada a estátua de Nossa Senhora da Paz, em agradecimento pelo término da II Guerra Mundial

Segundo o Cônego Raymundo Trindade (1955, p.323), Helvécio Gomes de Oliveira nasceu a 19.02.1876, no município de Benevente, atual Anchieta, ES, filho do coronel José Gomes de Oliveira e Maria Matos de Oliveira. Fez o curso primário na sua terra natal e por um tempo estudou em Poços de Caldas, levado pelo tio e padrinho, Cônego Quintiliano José do Amaral. Concluiu o secundário no colégio Santa Rosa, que os padres Salesianos haviam acabado de criar na capital fluminense. Daí foi para Turim concluir os estudos na casa mãe da Congregação. De volta ao Brasil, trabalhou em Cuiabá e São Paulo e, por quatro anos foi bispo em São Luís, MA. Transferido para Mariana, MG, era o arcebispo de Mariana quando foi criada a Diocese de Leopoldina, em 1942.

HENOCK FONSECA, rua

(Distrito de Tebas) – A lei nº 638, de 28.03.1968, deu nome à rua no distrito de Tebas que tem início na rua Justiniano Antônio da Fonseca e sobe o morro até encontrar a rua Fernando Barbosa Fonseca, que segue na direção do cemitério e da Agrovila Antônio Nilo de Almeida.

Henock Justiniano da Fonseca nasceu a 19.12.1892 em Tebas, onde faleceu a 14.03.1961. Era filho de Guilhermino Antônio da Fonseca e Maria Rosalina Guedes, casal tronco da família Fonseca em Tebas. Casou-se com Maria Campos Fajardo, filha de José Fajardo de Melo Campos e Maria Esméria de Campos com quem teve 10 filhos.

HENRIQUE BARBOSA DA CRUZ, Professor, ladeira

(Bairro Centro) – A lei nº 904, de 04.07.1973, é a que deu denominação de ladeira Professor Henrique Barbosa Cruz ao logradouro público (escadaria) que liga a rua Cotegipe à rua coronel Marco Aurélio Monteiro de Barros. Tem seu início em frente à rua Tiradentes, e é usada como acesso à Catedral.

O Professor Henrique Cruz nasceu no dia 21.02.1866, em Nova Friburgo, RJ e faleceu em Leopoldina a 02.07.1930. Foi casado com Ana Aguiar com quem teve 6 filhos. Era engenheiro e foi o primeiro diretor técnico do Ginásio Leopoldinense, tendo exercido o cargo

no período de 03.06.1906 a 06.08.1908. Após deixar o cargo de diretor, continuou como professor daquele estabelecimento de ensino. Morava na rua Cotegipe, num sobrado defronte ao prédio Mar Center Shopping.

HENRIQUE GUSMÃO, rua

(Antigo Logradouro) – A rua com esse nome ficava no distrito de Piacatuba. A lei nº 356 de 08.06.1979, alterou essa denominação para Governador Bias Fortes. Posteriormente a lei nº 1949, de 04.02.1988, alterou para Moacyr Marques, que é o nome atual dessa via.

HERCÍLIA GUIMARÃES, rua

Veja Ercília Guimarães

HERCÍLIO ALMEIDA LIMA, (MORAIS), rua

Veja Ercílio Almeida Lima

HERMÍNIA COUTO VIVEIROS RESENDE, rua

(Bairro Chácara Dona Euzébia) – Foi a lei nº 4149, de 19.10.2013, projeto 88/2013 do vereador Edvaldo Franquido Donato do Vale, que deu denominação a essa via.

Hermínia nasceu no Arraial dos Montes aos 14.11.1934, filha de João Apolinário de Viveiros e Francisca Couto, família residente no então denominado Sítio Jatobá, na divisa das antigas propriedades denominadas Cordeiros e Boa Vista. Casou-se dia 08.09.1954 com Miguel Monteiro de Oliveira Rezende, também nome de logradouro, bisneto de Marcos Monteiro de Rezende e Amelia Maria de Rezende, casal que migrou para a Leopoldina no último quartel do século XIX e se estabeleceu na fazenda denominada Ladeira, constituída por partes da original Sossego e terras anexas.

Hermínia e Miguel tiveram os filhos: José Alberto, Carlos Heleno, Regina Aparecida, Flávio, Randal, Maria Aparecida e Hermínio.

Hermínia faleceu dia 18.06.2001.

HILÁRIO SILVA, rua

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – O nome dessa via aparece com a lei nº 340, de 26.10.1959, que diz ser a via que "partindo da praça Bento Xavier atravessa a propriedade de

Walter Machado, inclusive a parte projetada, para sair na praça Felix José. Em frente a estação ferroviária." Em visita ao distrito foi encontrada a placa com o nome de Hilário Silva em uma rua sem saída, que parte do lado direito, no início da avenida Aurélio Pimentel.

HILDA MARIA FORTES, rua

(Bairro São Cristóvão) – O nome dessa via surgiu com a lei nº 2254, de 19.10.1990, projeto 103/90 do vereador José Benedito de Oliveira. É uma rua que começa na rua Omar Resende Peres entre as ruas Nicácio Sales e Betinho Cunha e segue na direção do prédio da antiga torrefação do Café Ema. No mapa de 2024 ela aparece com o nome incompleto: "Maria Fortes".

Hilda nasceu em Palma, MG, no dia 22.03.1927, filha de Francisco Barbosa de Oliveira e Graziela Maria de Oliveira. Casou-se com Antônio Fortes da Silva e com ele teve 9 filhos. Faleceu em Leopoldina a 11.09.1989.

HOMERO GESUALDO, rua

(Bairro Alto da Boa Vista) – Foi a lei nº 4352, de 30.11.2016, projeto 55/2016 do vereador Paulo Sérgio Celestino de Oliveira, que denominou essa via. Ela fica no loteamento Solar de Leopoldina. Tem seu início na rua Marcelo Souza Lopes e termina na rua Rafael Ruback de Oliveira.

Homero Gesualdi nasceu por volta de 1922 em Pirapetinga, filho de Miguel Gesualdi, também nome de logradouro da cidade e Laura Pacheco. Residiu na rua Sete de Setembro. Era irmão de Juraci casada com Rafael Ienaco Neto, Rubens casado com Wilma Berbari, Nanete casada com Carlos Rezende Barbosa, Osmar, Cacilda, Antônio e José casado com Euridice Pereira. Homero faleceu em 22.09.2010.

HOMERO VALVERDE, rua

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – O nome dessa via surge com a lei nº 4451, de 13,12.2018, projeto 74/2018 do vereador Antônio Carlos Pimentel. É uma rua sem saída que tem seu início na rua Wilson Pimentel.

Homero Valverde nasceu por volta de 1934, em Laranjal, MG, filho de Calison Valverde e Olímpia. Foi sitiante, comerciante e fiscal da Prefeitura no distrito. Faleceu em 11.02.2016 em Muriaé e foi sepultado em Ribeiro Junqueira.

HONÓRIO JOSÉ FERREIRA, Major, rua

(Distrito de Tebas) - A lei nº 61, de 27.07.1949, dá denominação a praças e ruas na vila de Tebas. Dentre elas a rua Atrás do Morro que passou a ser denominada rua Major Honório José Ferreira. Posteriormente, em 26.04.1995, a lei nº 2722, deu nova redação ao art.1º da lei nº 61, mas não alterou a situação da rua Major Honório. É a rua que liga o trevo na rodovia Br 267 à rua Júlio César da Silva, que fica ao lado da praça Joaquim José Barbosa de Miranda.

Honório José Ferreira nasceu em 1852 em Santo Antônio do Aventureiro e eventualmente é citado como Horácio. Foi delegado do distrito e proprietário de terras na Concórdia, legitima paterna de Amélia Barbosa de Miranda, filha de Joaquim José Barbosa de Miranda, com quem se casou a 27.06.1868 em Argirita. O casal teve, pelo menos, três filhos: Virgílio, Horácio e Honório José Ferreira Júnior.

HONÓRIO LACERDA FILHO, rua

(Bairro Imperador) – A lei que nomeou esta rua é a de nº 3181, datada de 19.10.1999. Começa na rua Professora Zizinha Resende, passa pela Creche Olídio Raimundo e termina na rua Professor Alziro de Azevedo Carvalho.

Honório Lacerda Filho era casado com Zely Ladeira Lacerda e deixou os filhos: Honório Henrique, Sônia, Alda Lúcia, João Márcio e Valéria. Numa sociedade com seu irmão Sebastião Águido Lacerda, foi comerciante (supermercado Lacerdão) na cidade durante praticamente toda a sua vida. Era uma pessoa alegre e sempre disposta a ouvir.

HONÓRIO RODRIGUES LACERDA, rua

(Bairro Praça da Bandeira) – O nome desta rua surgiu com a lei nº 655, de 31.07.1968. Parte da rua Joaquim Murtinho e termina na rua Maria Jovita da Silva (Jovem), em prolongamento da rua Durval Bastos. Esta rua passa pelos fundos da subestação de energia elétrica da empresa Energisa.

Este nome é uma homenagem ao pai de dois grandes comerciantes da cidade: Honório Lacerda Filho e Sebastião Águido Lacerda, criadores do antigo supermercado Lacerdão.

Honório Rodrigues Lacerda casado com Marieta Rodrigues de Almeida, falecidos em Vista Alegre, ela em 1912. Ele era filho de Cassiano Ferreira de Lacerda e Rita Francelina do Nascimento e nasceu a 28.02.1872 provavelmente em Vista Alegre. Era neto paterno do Ezaú Antônio Corrêa de Lacerda filho do José Ferreira Brito. Era neto materno de Vicente

Rodrigues Ferreira e de Luciana Francelina da Anunciação filha do Antônio Rodrigues Gomes. A mulher deste Honório era filha de Francisco Martins de Almeida e Rita Garcia da Natividade, sendo bisneta de Manoel Antônio de Almeida, de Antônio Rodrigues Gomes duas vezes.

HORÁCIO BELFORT DE ANDRADE, rua

(São Martinho) – Diz a lei nº 983, de 08.03.1974, que fica denominada rua Horácio Belfort de Andrade o leito da rodovia Saturnino Braga que corta a vila de São Martinho.

HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO, Marechal, avenida

(Bairro Alto da Ventania) – A denominação desta avenida veio com a lei nº 949, de 17.10.1973. É um trecho desmembrado da av. Getúlio Vargas, a partir da esquina da rua Gustavo Barbosa de Miranda e até a praça João Bella. Popularmente esta via era mais conhecida como "subida da Ventania".

Castelo Branco nasceu em Mecejana, CE, aos 20.09.1900 e faleceu em 20.07.1967, vítima de um acidente de avião. Foi o vigésimo quinto presidente da república e o primeiro a ocupar o cargo após o Golpe Militar de 1964. Filho de militar, começou seus estudos em sua terra natal, mas logo transferiu-se para o Rio Grande do Sul, em companhia da família. Participou da Segunda Guerra Mundial. Foi chefe do Estado Maior das Forças Armadas no governo João Goulart e em 15.04.1964 foi escolhido presidente da república pelos líderes do movimento que derrubou Goulart.

HUMBERTO DE SOUZA GUIDA, rua

(Bairro Dr. Joaquim Furtado Pinto) - A lei Nº 3177, de 10.09.1999, deu nome à via que se inicia na av. Tancredo Neves, no bairro Dr. Joaquim Furtado Pinto e vai findar na rua Lourenço Santana, no bairro Arthur Leão, nas proximidades do Arrabca-Toco. Diz a lei que "no mapa do loteamento encontra-se identificada como rua do Pedestre".

LETRA I

IDALINA GOMES DOMINGUES, rua

(Bairro Centro) – A lei nº 614, de 23.06.1967, diz que fica denominada rua Idalina Gomes Domingues a rua sem nome, que parte da rua Cel. Olivier Fajardo e segue paralela à Praça de Esportes, em toda a sua extensão. Mas, essa lei foi alterada pela de nº 2044, de 20.12.1988, projeto 104/88 do vereador Ely Gonçalves Netto, que deu nova redação ao art. 1º da lei nº 614. A partir dessa nova lei, passa a denominar-se rua Idalina Gomes Domingues a via pública desta cidade que, partindo da rua Geraldo Campanha, contorna pelos fundos o Estádio Municipal Guanahyro Fraga Mota e vai terminar na confluência das ruas Cel. Olivier Fajardo e José Peres, em frente ao CEFET.

Nascida em Moxambomba, atual Nova Iguaçu, RJ, aos 09.11.1883, filha de José Gonçalves Gomes e Ambrosina Narcisa Teixeira. Em 12.05.1900, casou-se com Rafael Domingues, também homenageado em logradouro da cidade, com quem teve os filhos: Nemesio, Rafael, José, Moisés, Arminda, Antônio, Odilon, Herondina, Maria de Lourdes, Nice, Marisa e Manoel. O casal residiu na praça General Osório. Idalina faleceu em Leopoldina, em 30.01.1967.

IERECÊ CUNHA FREIRE, rua

(Bairro Nova Leopoldina) – A lei nº 2977, de 16.10.1997, projeto 66/97 do vereador Nélson Vieira Filho, deu esse nome à via que começa na rua Dom Gerardo Ferreira Reis e finda na rua Doutor Enéas Lacerda França.

Ierecê era natural de Além Paraíba. Filha de Antônio Marinho Cunha e Maria da Glória Pires Cunha. Neta paterna de Manoel Marinho da Cunha e Estefania de Oliveira, ele falecido em Argirita, a 29.01.1914. Neta materna de Antônio José Pires e Cândida Leite. Casou-se, em Leopoldina, com o Dr. José Bastos de Faria Freire. Faleceu em Juiz de Fora, a 02.08.1977, e foi sepultada em Leopoldina. Um de seus filhos, o Dr. Antônio Márcio Cunha Freire, foi prefeito de Leopoldina mais de uma vez.

IMIGRANTE, Caminho do

(Bairro Boa Sorte) – Foi a lei nº 4380, de 11.10.2017, projeto 34/2017 do vereador Pastor Darci, que deu o nome de Caminho do Imigrante à via que, partindo da Igreja de Santo Antônio, no bairro da Boa Sorte, margeia a via secundária paralela à BR 116 até a entrada para o bairro da Boa Sorte e, passando por entre os diversos lotes e a antiga sede da Colônia, chega ao distrito de Tebas.

Na Colônia Agrícola da Constança - um projeto oficial de governo que se tornou realidade - houve grande concentração de estrangeiros no município, principalmente, os italianos. Nas imediações desse caminho, viveram os imigrantes e, por ele, transitavam da Colônia para a cidade ou, simplesmente, para a Igrejinha da Onça. Além disso, boa parcela da produção agrícola da Colônia e dos demais sítios da região passavam por ali.

A denominação de Caminho do Imigrante foi, inicialmente, sugerida pelos autores desse livro após a pesquisa realizada do movimento de imigração que aconteceu na cidade.

IMPERADOR, bairro

Duas leis tratam do nome desse bairro. A de nº 3183, de 19.10.1999, e a lei nº 4421, de 19.06.2016. O bairro Imperador fica entre os bairros São Cristóvão, Bela Vista, Jardim Bela Vista e o Alto da Boa Vista.

É uma lembrança do Imperador Dom Pedro II, cuja filha deu nome à cidade.

INDUSTRIAL, bairro

(Antigo Logradouro) - Era esse o nome do atual bairro da Fábrica. Nele, no final dos anos de 1950, na praça Aristides Badaró - que marca o encontro das ruas Vinte e Sete de Abril e Pompílio Guimarães - funcionava o Bar Industrial.

INTEGRAÇÃO, praça da

Veja Afonso Rodrigues da Silva

IRINEU RESENDE MONTES, beco

(Bairro Quinta Residência) – A lei nº 1989, de 04.08.1988, projeto 49/88 do vereador Vicente Tomaz Schettino, dá denominação de Beco Irineu Resende Montes à via que inicia

na rua Nossa Senhora Aparecida, próximo ao nº 437, e vai terminar em terreno de Antônio Jorge Ramos de Oliveira, na direção da Rua Antônio Fernandes Valentim.

Irineu nasceu por volta de 1908, em Leopoldina, filho de Moysés de Rezende Montes e Baldoína Brasilina de Oliveira. Neto paterno de José de Rezende Montes e, por este, bisneto do pioneiro Bernardo José Gonçalves Montes, da fazenda Sossego, no Arraial dos Montes. Sua mãe era neta materna do mesmo Bernardo e paterna de Vital Ignacio de Moraes e Umbelina Cassiano do Carmo. Irineu era casado com Laura Mendes com quem teve os filhos: Jairo Moises, Nilton e Geraldo Mendes Montes. Faleceu a 08.08.1968, em Leopoldina.

ISABEL, SANTA, avenida

(Antigo Logradouro) - Analisando fotografia que pertenceu ao acervo de Luiz Raphael Domingues Rosa, onde aparecem as palmeiras existentes na praça Félix Martins, concluímos que esta avenida era a atual rua Dr. Custódio Junqueira. Ela recebeu, também, o nome de avenida Desengano.

Registre-se que, em 21.11.1890, foi criado o distrito de Santa Isabel, dentro do município de Leopoldina. Seu território provinha do distrito de Conceição da Boa Vista. A 31.12.1943, seu nome foi mudado para Abaíba que, no dizer do padre Barbosa (1951), significaria difícil, trabalhoso, confuso.

ISALTINA RENNÓ GUEDES, rua

(Bairro Jardim Lisboa) – Foi a lei nº 1694, de 04.10.1984, projeto 47/84 de autoria do vereador Ely Rodrigues Netto, que deu este nome à via pública desta cidade que, partindo do final da rua João Ferreira Vargas, segue até as proximidades do Orfanato D. Lenita Junqueira.

Destaca o projeto que a homenageada nasceu em 19.06.1917, na cidade de Itajubá, e foi casada com Heitor Ribeiro Guedes. Foi professora dos então Grupos Escolares Botelho Reis e Ribeiro Junqueira e, do Antigo Ginásio Leopoldinense. Iniciou suas atividades em Leopoldina no ano de 1952. Foi, também, diretora da Escola Parque e do Centro de Treinamento de Professoras Rurais. Trabalhou alguns anos na Faculdade de Odontologia de Juiz de Fora. Seu filho, Benedito Rubens Renó Guedes (Bené Guedes), foi vereador, prefeito de Leopoldina e deputado estadual de Minas Gerais.

ISAURO BRETAS, rua

(Bairro Fábrica) – A lei nº 678, de 05.12.1968, deu denominação de rua Isauro Bretas à via pública que liga a avenida Getúlio Vargas à (antiga) rua da Floresta, nesta cidade, antes sem denominação oficial. Nela residiu o homenageado. Consta que esta rua era conhecida como rua dos "Descaroçadores", por ser ali o local onde se descaroçava o algodão utilizado pela Fábrica de Tecidos.

Isauro Monteiro Bretas nasceu a 12.02.1887, em Santos Dumont, MG, filho de Francisco de Paula Monteiro Bretas e Maria José de Miranda Lima. Segundo uma familiar, Izauro usava como sobrenome intermediário o materno, Miranda, e não o Monteiro do pai como aparece em algumas fontes.

Foi chefe do escritório da Cia. de Tecidos Leopoldinense (Fábrica). Descendia, por parte de mãe, do inconfidente José Aires Gomes, filho do português da povoação de São Félix de Gondifelos, município de Vila Nova de Famalicão, João Gomes Martins, fundador do povoado de João Gomes, depois Palmira, hoje a cidade de Santos Dumont. Casou-se com Maria Pavanelli, natural de São João Nepomuceno, MG, filha de italianos ali radicados no final do século XIX. Dessa união nasceram: Maria José Monteiro Bretas, casada com Geraldo Machado; Ivone Monteiro Bretas, casada com Sidnei Evaristo da Silva; Alzira Pavanelli Bretas, nascida a 14.08.1917, em São João Nepomuceno, casada em Leopoldina, a 19.01.1938, com o historiador Mauro de Almeida Pereira, descendente de Antônio de Almeida Ramos e Maria de Oliveira Pedroza já citados; Francisco Monteiro Bretas; Carlos Monteiro Bretas; Rizza Monteiro Bretas; e Cleto Monteiro Bretas.

ISMAIL ÁVILA, rua

(Bairro Bela Vista) – A lei nº 966, de 05.12.1973, deu nome à antiga rua D, que fica na parte alta do bairro, na divisa com o bairro Nova Leopoldina. Começa na rua Dr. Enéas Lacerda França e termina na rua Sílvio Vitói. É uma paralela à rua Paulino de Souza Reis.

Ismail Ávila foi funcionário público municipal.

Não foi localizado o projeto de lei que identifica o homenageado.

ITARARÉ, rua

(Antigo Logradouro) – Embora não se tenha localizado normativo oficializando a existência dessa rua no distrito de Piacatuba, ela é citada pela lei nº 2309, de 27.05.1991,

projeto 20/91 do vereador Antônio Amâncio Valentim, que deu a denominação de José Ladeira Campos a uma via pública do distrito antes conhecida como rua Itararé.

IVAN NICODEMOS COUTINHO, praça

(Bairro Arthur Leão) – Duas leis se ocuparam em dar nome a esse logradouro. A lei nº 1296, de 22.09.1978, projeto 62/78, deu denominação de praça Ivan Nicodemos Coutinho ao logradouro público situado no bairro do Seminário, no final da rua Major Lucas de Castro Lacerda. Dez anos depois, a lei nº 2015, de 16.09.1988, projeto 77/88 do vereador Roque Schettino, deu nome de Ivan Coutinho à mesma praça localizada no final da rua Major Lucas Lacerda.

Ivan Nicodemos nasceu a 18.04.1945, em Leopoldina, onde faleceu a 27.03.1973. Era filho de Joaquim da Silva Coutinho (1900-1994) e Cecília da Conceição Botelho (1906-1989). Joaquim era neto de Moysés dos Reis Coutinho. Cecília era descendente dos açorianos Botelho Falcão, do grupo do sobrenome que chegou ao Brasil no último quarto do século XIX.

LETRA J

JACY SILVA DO BEM, rua

(Bairro Três Cruzes) – A lei nº 4648, de 23.03.2022, projeto16/2022 do vereador Gilmar Pimentel, dispõe sobre a denominação de Jacy Silva do Bem à via que tem seu início na rua Ferreira Brito e termina no encontro com a rua Emília Constança de Rezende e a entrada para a Granja São José.

Jacy do Bem nasceu por volta de 1938, filho de Agnello Corrêa do Bem, também nome de logradouro no bairro Imperador, e Aparecida Silva do Bem. Neto paterno de Manoel Ignacio de Bem Filho e Maria Corrêa da Rocha. Em 27.07.1958, casou-se com Wanda Casadio do Bem, com quem teve 8 filhos. Faleceu a 23.05.2018, em Muriaé, e foi sepultado em Leopoldina.

JACY TAVARES, rua

(Distrito de Tebas) - A lei nº 1002, de 08.03.1974, diz que fica denominada rua Jacy Tavares a via pública que, partindo da rua Galdino César, vai ter à residência dos herdeiros do sr. Jacy, no lado direito da "praça de esportes Lund Godinho Lima".

Não foi localizado o projeto de lei que identifica o homenageado.

JADER DE CASTRO BARBOSA, rua

(Bairro Vila Miralda) – Teve sua denominação oficial pela lei nº 1203, de 04.08.1977, projeto 38/77 do vereador José Américo dos Santos Lima. Liga a rua Altemiro Rodrigues à avenida Jehu Faria. Dela parte o beco Zinho Morais.

Jader deixou numerosa família na cidade. Foi comerciante no ramo de madeira, sitiante e trabalhou no transporte rodoviário de cargas. Residiu durante muitos anos nessa rua.

JAIR GAMA, rua

(Bairro Alonso Tavares Nogueira Filho) – Foi a lei nº 3799, de 12.12.2007, projeto 40/2007 do vereador Lúcio Fonseca César, que denominou a via que tem início na av. dos

Expedicionários e termina na rua Armindo Joaquim Mourão. No mapa do loteamento, ela é a rua L, uma via paralela à rua José Alves Góis.

Jair Gama era filho de Joaquim Antunes da Gama e Maria José de Andrade. Faleceu a 15.09.2006, em Juiz de Fora, e foi sepultado em Leopoldina, na condição de viúvo. Teve os filhos: Antônio, Jurandir, Luiz Carlos, Ângela Maria, Gilmar, Jair, Vera Lúcia e Ivan.

JAIRO SALGADO GAMA, Dr.,

Praça de esportes - A lei nº 809, de 09.08.1972, denominou praça de esportes Dr. Jairo Salgado Gama a que então existia nas proximidades do início da rua Geraldo Campana.

Parque - Pela lei nº 1464, de 11.09.1980, o nome do Dr. Jairo passou a ser lembrado no parque do atual CEFET-MG Campus Leopoldina. Originalmente, foi construído para a antiga Escola denominada Parque Primário Complementar incluindo a sede da Rádio Sirena, projetos que prometiam erradicar o analfabetismo no Brasil e formar técnicos.

Terminal rodoviário – A lei Nº 1835, de 05.09.1986, deu o nome de Dr. Jairo Salgado Gama ao terminal de passageiros da cidade.

O Dr. Jairo Salgado Gama era filho de Luiz Salgado Gama e Virgínia Salgado Gama. Casou-se a 28.07.1934 com Rita Nunes de Miranda, nascida a 04.11.1914, no município mineiro de Ipanema, e falecida em Leopoldina, a 01.11.2004. Com ela teve os filhos: Jairita, Vera, Jairo e Regina. Rita era neta materna de José Nunes de Almeida Ramos, nascido em Piacatuba, filho de Maria de Almeida Ramos que era bisneta de Antônio de Almeida Ramos. Jairo foi médico respeitado em Leopoldina. Como político, exerceu os cargos de vice-prefeito e prefeito da cidade de 1954 a 1963. Faleceu em 24.07.1970.

JAIRO SALGADO GAMA, Dr.

(Antigo Logradouro) - A lei nº 946, de 17.10.1973, deu denominação de rua Dr. Jairo Salgado Gama ao trecho da rua Tiradentes que vai da Cotegipe à Praça Gama Cerqueira. Essa lei foi revogada pela lei nº 1463, de 11.09.1980, projeto 32/80, o que fez retornar o nome de Rua Tiradentes para o citado trecho.

JARDIM BANDEIRANTES, bairro

A mais antiga referência ao nome do bairro está na lei nº 1181, de 13.05.1977, que denominou uma de suas ruas. É a parte plana no sopé do morro do Cemitério, na margem direita do ribeirão do Feijão Cru. Nele, nas proximidades da rua Otto Lacerda França, foi construído o Estádio Municipal ou, campo do Esporte Clube Ribeiro Junqueira, no final da década de 1950, quando o existente no centro da cidade cedeu lugar para a abertura da rua Sebastião Aparício Veiga.

JARDIM BELA VISTA, bairro

Esse bairro foi citado pela primeira vez na lei nº 3290, de 23.08.2000 que denominou um de seus logradouros. Ele fica no final da av. dos Expedicionários e faz divisa com o bairro Bela Vista.

Nesse bairro foi colocada uma grande estátua do Cristo Redentor.

JARDIM CAIÇARAS, bairro

A oficialização desse bairro surgiu com a lei nº 3962, de 11.05.2011, projeto 13/2011 do vereador Valdair Barbosa Costa. Abrange as margens da BR 116, entre os km 767 e 768, proximidades do posto da Polícia Rodoviária Federal.

A imprecisão na determinação da área do bairro, que foi denominado depois da nomeação de alguns de seus logradouros, causa dúvidas e informações conflitantes sobre o bairro ao qual tais logradouros pertencem.

JARDIM IMPERIAL, condomínio

(Bairro Três Cruzes) - Seu acesso é feito a partir da rua Emília Constança de Rezende, nas proximidades da Granja São José. Não foi localizada a lei que deu nome a esse condomínio. Recentemente surgiram referência ao nome como sendo um bairro.

JARDIM LISBOA, bairro

A mais antiga citação ao nome do bairro foi na lei nº 1176, de 05.04.1977, que denomina um de seus logradouros. Ele fica entre as terras do Orfanato Lenita Junqueira, o loteamento "Chico Bastos" e o bairro Praça da Bandeira. É geralmente conhecido como bairro dos médicos.

JEHU FARIA, avenida

(Bairro Vila Miralda) – A denominação desta via pública ocorreu a partir da lei nº 1721, de 21.02.1985, projeto 04/1985 de autoria dos vereadores Perseu Benatti e Nelito Barbosa Rodrigues. Começa no final da av. Getúlio Vargas e início da av. Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e termina na rua Gustavo Barbosa Miranda. É a av. que vai até o portal sul da cidade, junto ao posto da Polícia Rodoviária Federal, no bairro Jardim Caiçaras. Foi o segundo leito de entrada da rodovia Rio-Bahia na cidade. Corta terrenos que pertenceram ao Orfanato Lenita Junqueira e outros.

Jehu Pinto de Faria nasceu em 28.05.1895, filho de João Batista de Barros Faria e Filomena Gabry Pinto. Casou-se com Angelina Machado Faria, filha de Antônio Machado de Almeida e Maria Cecília de Carvalho. Trabalhou na Gazeta de Leopoldina, atuou no ramo de papelaria e foi presidente da Associação Comercial. Destacou-se como representante comercial de diversas empresas. Faleceu em 16.10.1975. Na Gazeta de Leopoldina (24.07.1936, fls 2, col 4), Jehu comunica que deixou de usar o nome completo há 18 anos, passando a assinar apenas Jehu Faria.

JÉSUS MOREIRA DE SOUZA, avenida

(Bairro Jardim Bela Vista) – Foi a lei nº 3541, 28.10.2003, projeto 67/2003 do vereador Ligério Lopes Barbosa, que deu denominação de Jésus Moreira de Souza à via que começa na entrada principal do bairro, junto com a rua Lourenço Gonçalves Nunes. Segue paralela ao afluente do ribeirão Jacareacanga até encontrar a rua Pacífico Rocha.

Jésus nasceu em Piacatuba, na localidade Braúna, por volta de 1939. Era filho de Domingos Moreira de Souza e Divina de Oliveira Carmo. Foi vigia do Clube do Moinho e comerciante. Era casado e faleceu a 20.06.1999, em Leopoldina.

JOÃO ALFREDO CARVALHO, rua

(Distrito de Piacatuba) - A lei nº 1319, de 14.12.1978, projeto 82/78 do vereador Wilson José Valentim, dá denominação de rua João Alfredo Carvalho à via que parte da Praça do Rosário e segue até a residência do Sr. Milton Xavier de Souza.

O projeto ressalta as qualidades do homenageado, mas não o identifica. Acreditamos tratar-se do genro de Joaquim Matias de Carvalho, falecido em Piacatuba, em 1933.

JOÃO BAPTISTA FERREIRA, rua

(Bairro Três Cruzes) – Foi a lei nº 2045, de 20.12.1988, projeto 105/88 do vereador Benedito Rubens Renó Guedes, que deu denominação a essa via que começa à direita da rodovia BR-116, na curva anterior à entrada do bairro Três Cruzes e termina no Brasília Country Clube.

João Baptista Ferreira Neto nasceu no sítio do Angico em 29.02.1898, em Leopoldina, filho de João Baptista Ferreira e Leopoldina Esméria Almeida Ferreira. Pelo lado materno descendia de Manoel Antônio de Almeida. Casou-se, em 10.10.1927, com sua prima Maria da Conceição Vargas Netto e dessa união são os filhos Dylton e Dionea Maria. Era alfaiate estabelecido na rua Cotegipe e ficou conhecido, carinhosamente, por "Cocoreco". Faleceu em 19.06.1983.

JOÃO BARBOSA DIAS LADEIRA, rua

(Distrito de Piacatuba) - É a lei nº 2889, de 19.09.1996, projeto 100/96 do vereador Antônio Amâncio Valentim, que deu denominação a essa via pública que inicia na confluência das ruas Moacir Marques e Cândido Batista e vai até a Igreja.

João Barbosa Dias Ladeira nasceu em Itamarati de Minas, por volta de 1889, e faleceu em Piacatuba, a 23.08.1970. Era filho de Cândido Dias Ladeira Júnior e Tereza Dias Barbosa.

JOÃO BATISTA ALVIM, Professor, rua

(Bairro Dr. Joaquim Guimarães) – Teve sua denominação oficializada pela lei nº 2017, projeto 65/88 do vereador Ely Rodrigues Netto. Está entre as ruas Paulo Sérgio Resende e Nelson Monteiro.

O professor João Batista de Castro Alvim nasceu em Miracema, RJ, em 23.06.1917. Era o quarto dos onze filhos de Plínio Moreira Alvim e de Minervina de Castro Alvim. Era casado com a também professora Maria Guilhermina Villela Fajardo, com quem teve os filhos: José Eduardo, Margarida Maria (freira), Maria Inez casada com José Anderson C. Réche, Plinio Emanoel casado com Alzira Maria Rocha e João Batista Alvim Júnior casado com Deise Cavallieri. Lecionou durante muitos anos na atual Escola Estadual Professor Botelho Reis. Foi chefe de gabinete do prefeito Jairo Salgado Gama. Faleceu em 21.01.1987, em Leopoldina.

JOÃO BELA, praça

(Bairro Alto da Ventania) – Diz a lei nº 750, de 01.12.70, que fica denominada "Praça João Bela" o logradouro público que anteriormente denominava-se "Alto da Ventania". É a praça principal do bairro. Fica no início da rua Alan Kardec e final da av. Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. O local era conhecido como "Alto da Ventania" talvez por ser passagem do vento entre os morros do Redentor e do Arranca Toco.

João Pereira da Bela nasceu a 21.07.1903 e faleceu a 17.09.1970, em Leopoldina, onde se casara, a 14.01.1926, com Maria Luiza Maragna, filha de Higino Maragna e Olga Coelho dos Santos. Era filho de Alfredo Augusto Pereira da Bella e Alexandrina, citados no verbete relativo ao seu irmão Getomir. João Bela trabalhou no DNER.

JOÃO BONIN, rua

(Bairro Jardim Caiçaras) – Foi a lei 4082, de 13.12.2012, projeto nº 83/2012 do vereador Waldair Barbosa Costa, que deu denominação de João Bonin à antiga rua "D", que tem seu início na rua Alex Coelho de Souza e finda na rua José Expedito de Oliveira.

João Bonin nasceu em 06.02.1918, em Leopoldina, filho dos imigrantes italianos Jacinto Bonin e Marcelina Colli. Casou-se com Maria da Conceição Moreira, com quem teve 12 filhos. Adquiriu o lote onde funcionou a sede administrativa da Colônia Agrícola Constança e ali sempre viveu, cuidando da sua propriedade e da sua paixão pelo time de futebol que representava o bairro Boa Sorte.

JOÃO BOTELHO FALCÃO, rua

(Bairro Quinta Residência) – O nome dessa rua surgiu com a lei nº 1959, de 10.03.1988, que não incluiu o último sobrenome do homenageado, conforme indicado no projeto 15/88 do vereador José Dimas de Souza que lhe deu origem. Começa na rua Antônio Fernandes Valentim e segue na direção da Av. Jehu Faria. É uma rua sem saída que termina no terreno de propriedade dos familiares do homenageado.

João Botelho Falcão nasceu por volta 1907, filho de Manoel Botelho Falcão e Filomena Francisca de Oliveira Ramos. O pai dele era o quinto do nome, nascido a 21.04.1867, na Ilha de São Miguel, Açores, e falecido em Leopoldina, a 19.03.1916. A mãe de João era filha de Francisco de Oliveira Ramos e Francisca das Chagas de Nazareth. João casou-se com Zulmira

Cabral com quem teve os filhos: Antônio, Nélio, Lisete, Dora Lúcia, Mariluce e João Batista Cabral Botelho. Faleceu em 02.09.1965.

JOÃO CORRÊA DA SILVA, rua

(Bairro Três Cruzes) – Foi a lei nº 4476, de 10.09.2019, projeto 29/2019 do vereador Ivan Nogueira, que deu denominação de João Corrêa da Silva à via que começa na rua Manoel Turíbio Barbosa e sobe o morro que faz divisa com o bairro São Cristóvão até o final do loteamento.

João Corrêa nasceu em 10.07.1926, filho de Tranquilino Corrêa do Bem e Rufina Corrêa da Silva. Casou-se, em 27.05.1950, com Eulalia de Siqueira Silva, com quem teve dois filhos. Foi proprietário do sítio Aterrado, em Laranjal, e trabalhou na Fábrica de Charretes Tupy.

JOÃO DE ALMEIDA CRUZ, rua

(Bairro Vila Esteves) – A lei nº 576, de 25.10.1965, diz que passa a se chamar rua João de Almeida Cruz a parte final da rua Dom Aristides. Começa nas proximidades da mina das Tabocas e sobe o morro dos Pirineus até encontrar a rua Joaquim Furtado Meneses. É geralmente conhecida como rua da Taboquinhas.

João Cruz era construtor e mestre de obras.

JOÃO DE CASTRO LACERDA, praça

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – A lei nº 730, de 25.08.1970, trocou o nome da praça Bento Xavier para João de Castro Lacerda. Vale lembrar que o primeiro nome do lugar era praça da Estação, ou praça da Matriz, até 1951, quando passou a se chamar praça Bento Xavier.

João de Castro Lacerda nasceu em 06.03.1896 e faleceu em 02.12.1969, em Leopoldina. Era filho de Ignacio de Lacerda Leal e Honorina de Castro Lacerda. Casou-se com Ordália de Lacerda Werneck, filha de Francisco Lacerda Werneck e Maria Constança de Almeida. João e Ordália tiveram a filha Nilza Werneck Lacerda que se casou com Antônio Chaul, filho de Félix José Chaul que empresta seu nome a uma rua do distrito de Ribeiro Junqueira.

JOÃO FERREIRA VARGAS, rua

(Bairro Jardim Lisboa) – É a rua principal do bairro e recebeu esse nome pela lei nº 1176, de 05.04.1977, projeto 11/77 do vereador Joarês Sílvio da Costa. Parte da avenida Getúlio Vargas e segue na direção do final da rua onde está a Câmara Municipal.

João Ferreira Vargas nasceu a 26.03.1893, em Leopoldina, filho de Antônio José de Vargas Corrêa e Maria Venância Ferreira. Casou-se com Maria das Dores Lisboa Vargas, filha do Tomaz Pereira do Amaral Lisboa Filho e de Tereza de Oliveira Vargas, em 17.05.1917. O pai do João era neto paterno do pioneiro Francisco de Vargas Corrêa e neto materno do também pioneiro Antônio Rodrigues Gomes que, por sua vez, era genro do povoador Manoel Antônio de Almeida. A mãe do João era neta paterna do pioneiro João Gualberto e materna de Antônio Prudente de Almeida. João Ferreira Vargas era carinhosamente conhecido por "João do Grupo".

JOÃO FRANCISCO DIAS, rua

(Bairro Alto da Boa Vista) – Foi a lei nº 4330, de 22.06.2016, projeto 32/2016 do vereador Paulo Sérgio Celestino de Oliveira, que nominou a via que começa na rua Fernando Mendonça Machado e termina na rua Marcelo Souza Lopes.

João Francisco, nascido a 11.04.1934, era natural do bairro de Santa Cruz, Rio de Janeiro, RJ. Faleceu em 23.07.2005, em Leopoldina.

JOÃO GONÇALVES, rua

(Bairro Bela Vista) - Foi nominada pela lei nº 3324, de 29.11.2000, projeto 109/2000 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida. É a via pública que inicia nas proximidades do nº 304 da rua Oldemar Montenari e vai findar no nº 197 da rua Antenor Ribeiro dos Reis.

João Gonçalves era geralmente conhecido como João Galdino. Era natural de Tebas, filho de José Galdino Gonçalves Filho e Isaura Rodrigues de Macedo. Veio de Providência para Leopoldina tendo sido um dos primeiros moradores da parte do bairro Bela Vista popularmente conhecida como Lagoa Preta. Era comerciante. Foi casado com Agostinha Flores Gonçalves com quem teve os filhos: Dilene, Heleno, Neuza, Luiza, Luiz Antônio, José Geraldo e Maria Aparecida. Faleceu a 30.08.1999, em Leopoldina.

JOÃO GOULART, Presidente, Rua

(Bairro Vale do Sol) – Foi a lei nº 3501, de 22.04.2003, que denominou essa via. Diz o projeto 24/2003, que o vereador Cabo Lúcio pede para arquivar o projeto dele, de nº 13/2003, em que apresentava a denominação do logradouro como Sebastião Sete da Fonseca, pois os moradores escolheram o nome do Presidente João Goulart. Essa via liga a rua das Acácias à rua Poeta Augusto dos Anjos, na parte alta do bairro.

João Belchior Marques Goulart, conhecido popularmente como Jango, foi um advogado, agropecuarista e político brasileiro, que serviu como o 24.º presidente do Brasil, de 7 de setembro de 1961 a 2 de abril de 1964, quando foi deposto por um golpe militar.

JOÃO GOUVÊA, rua

(Bairro São Cristóvão) – O nome dessa via surgiu com a lei nº 1293, de 22.09.1978, projeto 59/1978 do vereador Adávio Pires de Almeida. Liga a rua Nilo Colono dos Santos à rua Dr. Clóvis Salgado Gama.

Ainda não se tem ao certo a quem se pretendeu homenagear. Mas acredita-se que tenha sido João de Melo Gouvêa, marido de Emília Teixeira de Melo também referida como Emília Ferreira Gonçalves, que é nome de uma rua perpendicular à rua João Neto, denominada pelas leis nº 3411, de 03.04.2002, nº 3751, de 28.12.2006 e nº 3812, de 26.03.2008.

O casal teve 13 filhos, sendo que o mais velho, Domingos de Melo Gouvêa, foi proprietário rural no local conhecido como Cordeiros, nas imediações do Arraial de São Lourenço, em parceria com seu sogro Salvador Rodrigues Y Rodriguez.

JOÃO GOUVEIA, rua

(Arraial de São Martinho) – Diz a lei nº 996, de 08.03.1974, que fica denominada rua João Gouveia a via pública que parte da estrada Saturnino Braga – rua Horácio Belfort de Andrade – e segue na direção da Igreja.

O homenageado foi casado duas vezes, a primeira com Idalina de Jesus e a segunda com a irmã dela, Maria de Jesus. Elas eram filhas de José Eusébio Franco, natural da Ilha da Madeira, que foi proprietário rural em Providência e em Santo Antônio de Pádua.

JOÃO GUALBERTO, rua

(Bairro Centro) – Não se localizou a lei que deu nome a essa via, mas ela é citada em leis que denominam outros logradouros. Liga a praça Professor Ângelo à praça Dr. Ormeo Junqueira Botelho, no final da rua Lucas Augusto. É geralmente conhecida, também, como rua do Sotero, numa referência a Sotero Francisco Caldas que morava nessa rua na década de 1890. Provavelmente, foi o primeiro caminho do Rosário, onde iniciou a cidade, para o bairro da Grama e o caminho para Tebas. Seu nome já consta na divisão da cidade em 1890. Anotação no livro de atas nº 6 da câmara, com data de 20.02.1872, fala na "abertura de uma estrada de 20 palmos de largura em roda do morro da Matriz, a começar no sobrado do cidadão João Gonçalves Netto", que tudo indica ter existido no final da rua Lucas Augusto. Tal nota parece se referir a abertura dessa rua.

João Gualberto Ferreira Brito era filho de Joaquim Ferreira Brito, um dos pioneiros de Leopoldina, e de Joana Maria de Macedo. Veio para Leopoldina casado com Maria Venância de Almeida, filha de Manoel Antônio de Almeida e Rita Esméria de Jesus. Viúvo, por volta de 1840, aqui no Feijão Cru, casou-se com Rita Tereza de Jesus, filha de João Gonçalves Neto e Mariana Flausina de Almeida, filha de Manoel Antônio de Almeida. Viúvo pela segunda vez, contraiu núpcias com Joaquina Eucheria de São José por volta de 1855. Joaquina era também viúva de Manoel Tomaz Pereira e era sobrinha do mesmo Manoel Antônio de Almeida. No primeiro documento sobre os moradores de Leopoldina de que se tem notícia, o Mapa de Habitantes de 1831, João Gualberto aparece como um dos grandes proprietários de escravos. Como chefe político conservador, teve papel de destaque por ocasião da Revolução de 1842. Conta Barroso Júnior que foi num edifício existente em frente ao Clube Leopoldina que João Gualberto "confabulou com os maiorais do partido em defesa da legalidade". Tal edifício, já derrubado em 1934, serviu também como presídio para os liberais do Feijão Cru. Em 10.06.1876. foi condecorado com o título de Capitão Oficial da Ordem da Rosa.

João Gualberto foi vereador do distrito, substituindo o Dr. Antônio José Monteiro de Barros, quando ainda o município pertencia à vila de São Manoel do Pomba. Foi, também, vereador em todas as legislaturas de 1855 a 1875. A 07.01.1861, ao tomar posse como vereador, assumiu o Cargo de Presidente da Câmara Municipal de Leopoldina por ser o mais velho, como era de praxe naquela época. Em 1865, tomou posse como 1º juiz de paz do distrito da Cidade. Faleceu a 22.02.1878, deixando numerosa descendência de seus dois primeiros casamentos.

JOÃO JOSÉ MONTEIRO, rua

(Bairro Alto dos Pirineus) – A lei nº 2952, de 12.06.1997, projeto 28/97 do vereador Cícero Rodrigues da Silva, dá denominação à via pública que tem seu início na rua Cândido Ladeira e finda na rua Leonor Bahia.

João José nasceu em Pirapetinga por volta de 1932, filho de José Joaquim Monteiro e de Alzira Marques Monteiro. Veio ainda jovem para Leopoldina e aqui se casou com Terezinha de Jesus Melo. Faleceu a 22.04.1996, em Juiz de Fora, sendo sepultado em Leopoldina.

JOÃO LAMARCA, rua

(Bairro Centro) – Pela lei nº 3329, de 18.12.2000, projeto 114/2000 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida, a via que parte da rua Dr. Custódio Junqueira e finda na rua José Peres, recebeu este nome. É o lado da praça Félix Martins onde está o Centro Cultural Mauro de Almeida Pereira.

Giovanni (João) Lamarca nasceu a 27.01.1899, em Maratea, Potenza, filho de Antonio Lamarca e Filomena Dommarco. Naturalizou-se brasileiro. Casou-se com Rosa (Zizi) Schettino Lamarca com quem teve quatro filhos. Foi proprietário de bar na rua Cotegipe e do hotel Lamarca, na praça General Osório. Segundo texto de Moacyr Lisboa, foi dono da padaria na Rua da Grama que havia sido do Luciano Borela. Recebeu o título de Cidadão Leopoldinense a 22.12.1974. Faleceu a 14.06.1985, em Leopoldina.

JOÃO LAU, Coronel, rua

(Bairro Eldorado) – A lei nº 1999, de 15.09.1988, projeto 59/88 do vereador Roque Schettino, diz ser esta via o principal acesso aos bairros Joaquim Custódio Guimarães, Eldorado e Dr. Joaquim Furtado Pinto. Liga a rua Alan Kardec à praça Júlio Barbosa.

João Evangelista de Campos, o João Lau, nasceu a 20.09.1865, filho de Wenceslau Ferreira de Campos e Maria Alexandrina Umbelina Alvim. Nasceu em Mercês, MG. Acredita-se que o apelido "Lau" possa ter vindo do nome de seu pai, Wences**LAU**. Casou-se com Josefina Benedita, falecida em Mercês do Pomba, em 1899, com quem teve os filhos José Lau e Bárbara. Casou-se uma segunda vez com Ana Benedita de Moura e Silva, filha de José Patrício da Silva e Maria Cecília de Moura e com ela teve os filhos Romualdo e Sebastião Lau. Num terceiro casamento de João Evangelista de Campos com Maria Cezaria dos Reis, teve 7

filhos: Vicente Evangelista dos Reis, Anastácia, Maria, Maria José, Romão, Maria Júlia e Geraldo, sendo que alguns desses podem ter nascido em Argirita. Faleceu a 26.06.1940, na fazenda Bela Aurora.

JOÃO LOURENÇO, bairro

(Antigo Logradouro) - Esse bairro não existe mais e não foram encontradas referências documentais sobre ele. Por outro lado, não são poucas as citações na imprensa periódica ao bairro e ao homenageado. A Gazeta de Leopoldina, de 31.07.1910, informa ter o Dr. Jonas Bastos, presidente da câmara, mandado colocar três lâmpadas no bairro João Lourenço. A Gazeta de Leste, de 11.10.1890, diz que o sétimo quarteirão compreendia o largo capitão Félix Martins até a subida da serra, passando pela chácara do João Lourenço Ferreira de Lacerda. O Almanaque de 1885 informa que um dos agrimensores da cidade era o Dr. Ignacio de Lacerda Werneck, que residia na chácara do João Lourenço. Segundo antigos moradores, o bairro ficava localizado entre os bairros Grama e Fábrica.

João Lourenço era filho de Lourenço José Leal e Ana Catarina Ferreira de Lacerda, neto paterno de Álvaro Pinheiro Corrêa de Lacerda e neto materno de José Ferreira Brito e Mariana Paz de Lacerda. Portanto, descendia de duas das antigas famílias leopoldinenses: os Ferreira Brito e os Pinheiro Corrêa de Lacerda. Casou-se com Inacia Emilia de Souza Werneck, filha de Inacio de Souza Werneck e Albina Joaquina de Lacerda. O casal teve 11 filhos: Inácio, Martiniano, Ana, Francisco, João, Joaquim, Manoel, Américo, Ernestina, Esmeraldina e Elpídio. João Lourenço faleceu em Leopoldina, a 29.10.1914.

JOÃO MACEDO FILHO, escadaria

(Bairro São Cristóvão) - Foi a lei nº 3516, de 11.06.2003, projeto 42/2003, que denominou escadaria João Macedo Filho a que liga a rua Miguel Gesualdi à rua Antônio Carlos de Almeida Ramos.

João Macedo Filho nasceu em Leopoldina, por volta de 1920, filho de Theóphilo Macedo Filho e Amélia Maria de Souza, sendo neto paterno de Ângelo de Macedo Freire e Felismina Cândida de Jesus. Uma de suas bisavós paternas foi Luiza Francisca de Jesus que faleceu em Argirita, a 18.08.1877, e foi condômina da fazenda Vargem ou Várzea do Rio Pardo. Em 1862, Luiza e o marido moravam em Vassouras, RJ. João era neto materno de José Maria de Souza e Maria José de Carvalho, condôminos da fazenda Bom Retiro, e bisneta de

condôminos da fazenda do Bagre, provavelmente, nas proximidades do Jacareacanga e próximo do logradouro que recebeu seu nome.

João Macedo Filho faleceu a 29.06.2000 e foi sepultado em Providência. Era viúvo.

JOÃO MALAQUIAS, rua

(Bairro Jardim Bandeirantes) – Recebeu este nome pela lei nº 1472, de 10.10.1980, projeto 60/80 de autoria do vereador Wilson José Valentim. Liga a rua Otto Lacerda França à rua Sidney Francino de São José.

João Malaquias foi pioneiro na ocupação do bairro onde está a rua que o homenageia. Ali residiu durante muitos anos. Era casado com Maria de Lurdes Malaquias com quem teve onze filhos.

JOÃO MENEGHITE, rua

(Bairro Jardim Bela Vista) – Esta rua recebeu seu nome oficial pela lei nº 3290, de 23.08.2000. Ela tem seu início na avenida dos Expedicionários e finda na rua Anderson Pereira Bela.

João Meneghite nasceu em 21.04.1922, num dos lotes da Colônia Agrícola da Constança denominado "Buraco Fundo", no distrito de Tebas, filho dos imigrantes italianos Ermenegildo Meneghite e Genoveffa Calzavara. Em 20.07.1950, casou-se com Maria Nazareth Sodré, nascida em Vista Alegre, a 28.07.1926, com quem teve os filhos: Luiz Otávio (editor chefe do Jornal Leopoldinense), Terezinha de Jesus, Fátima Lúcia, Giovani Batista, Rogério José, Izabel Cristina, Carlos Luz, Maria Tereza e Guilherme José. Foi pintor de paredes, construtor, empreiteiro e mestre de obras respeitado. Gostava de política e foi candidato a vereador nas décadas de 50 e 60. Faleceu em Leopoldina, a 17.12.1994.

JOÃO MONTEIRO, rua

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – A lei nº 164, de 05.11.1951, renomeou alguns e deu nome a outros logradouros do distrito de Ribeiro Junqueira, dentre esses, a rua João Monteiro que teria seu início no lado esquerdo da rua Marcos Poiares. Ocorre que essa lei foi revogada pela nº 340, de 26.10.1959, que retifica e ratifica denominações de praças e ruas do mesmo distrito. Moradores do distrito dizem que João Monteiro é a rua que tem início na Avenida Aurélio Pimentel e finda na rua Félix José.

JOÃO NETO, rua

(Bairro Centro) - Está no jornal Irradiação (10.04.1889, fls 3, col 4) a ordem do presidente da Câmara dando nome a essa rua, nos seguintes termos: "De ordem do Sr. Presidente da Câmara Municipal desta cidade faço público que pela mesma Câmara, em sessão ordinária de 1º do corrente mês, foi denominada rua João Netto a parte da rua da Boa Vista, compreendida entre a ponte do caminho do Rio Pardo e o Largo do Professor Ângelo. E para constar faço este, que será publicado pela imprensa. Secretaria da Câmara Municipal da Leopoldina, 5 de abril de 1889. O Secretário, Luis E. F. de Bustamante".

Hoje, o trecho do encontro com a rua das Flores até a ponte recebe o nome de Rua Joaquim Garcia de Oliveira e a rua João Neto começa na praça Professor Ângelo e termina no encontro com a rua das Flores. A Gazeta de Leste, de 11.10.1890, diz que o oitavo quarteirão era formado pela rua das Flores até a rua da Boa Vista e, por esta, atravessava a ponte até o Alto da Ventania.

Na Carta Topográfica de 1847, é citado como João Neto, mas há diversos homônimos na família. Quanto ao homenageado, este João Neto seria um dos pioneiros do Feijão Cru, genro do Manoel Antônio de Almeida. Já estava no Feijão Cru por volta de 1828 e aqui nasceram seus filhos com Mariana Flauzina de Almeida: Rita Tereza de Jesus segunda esposa de João Gualberto Ferreira Brito; Ana e Mariana nascidas e falecidas entre 1838 e 1843; Francisco Gonçalves Neto casado com Joaquina Eucheria de Almeida; Zeferina de Jesus casada com João Gualberto Damasceno Ferreira; Joaquim Eleotério Gonçalves Neto casado com Maria Presceliana de Sena; João Izidoro Gonçalves Neto casado com Cristina Vargas Corrêa e 2ª vez com Ambrosina Martins de Carvalho; Maria Teodora Neto casada com Antônio Ferreira Neto; e, Pedro Gonçalves Neto casado com Maximiana Ferreira de Almeida e 2ª vez com Ana Esméria de Almeida.

João Gonçalves Neto formou a fazenda Residência. Foi proprietário de vários terrenos na área urbana, onde construiu imóveis residenciais e comerciais. Há diversas referências aos filhos e genros de João Gonçalves em transações imobiliárias na sede do município, incluindo os imóveis que foram a primeira sede do Colégio Imaculada Conceição e casas próximas àquela em que residiu o poeta Augusto dos Anjos e que atualmente é o Museu Espaço dos Anjos.

Em 1859, foi eleito 3º juiz de paz; em 1862, foi eleito vereador e, em 1865, foi reeleito; em 1868, foi eleito 4º juiz de paz.

JOÃO PAULINO BARBOSA, rua

(Bairro São Cristóvão) – A lei nº 1317, de 14.12.1978, projeto 79/78 dos vereadores Adávio Pires de Almeida, Jair de Almeida Lacerda e Joaquim de Castro Meirelles, dá denominação de rua a esta via que liga as ruas Dário Lopes de Faria e Carlos Schettino.

Nascido por volta de 1840, João Paulino era filho de Feliciano José Barbosa e Luiza Maria de Jesus. Casou-se com Ana Joaquina de Jesus. Foi proprietário rural em Tebas, na divisa com o município de Argirita e o distrito de Piacatuba.

Seu pai nasceu em Queluz, atual Conselheiro Lafaiete, filho de Antônio José Barbosa e Ana Camila. Sua mãe era filha de Domingos Gonçalves Corrêa e Mariana Angélica de São José. Feliciano e Luiza se casaram em Queluz, no dia 17.02.1819, e ali residiram até 1847. Transferiram-se para o Rio Pardo, atual Argirita, no final da década de 40 dos oitocentos,

João Paulino e Ana Joaquina deixaram os filhos Emigdio Carlos casado com Eliza Carolina de Oliveira; Maria Paulina casada com Galdino José de Oliveira; Belizário José Barbosa casado com Zeneida Keb Kab; Abílio José Barbosa casado com Dulcimira Teresa de Resende Montes e com Maria Augusta Matos; Olívio José Barbosa casado com Umbelina Amaro de Moraes; João Paulino Barbosa Filho casado com Djanira Rocha; Feliciano José Barbosa Neto casado com Nelsina Augusto Rodrigues; Regina Odilia Barbosa casada com David de Oliveira e Silva; e José Paulino Barbosa, nascido a 11.07.1891.

JOÃO PAULO I, rua

(Bairro Centro) – Seu nome surgiu com a lei nº 1328, de 14.12.1978, projeto 97/78 de autoria do vereador Ely Rodrigues Netto. É uma rua sem saída, que começa na rua Joaquim Garcia de Oliveira e segue na direção do Ribeirão Feijão Cru e do outro lado dele, está a rua Antônio Moura de Oliveira Guimarães.

Albino Luciani nasceu a 17.10.1912, em Canale D'Agordo, província de Belluno, região do Veneto, Itália. Sua família viveu um período na Suíça de onde Albino Luciani voltou à Itália para trabalhar numa fábrica de vidro artístico em uma ilha de Venezia. Ordenado sacerdote em 1935, em Belluno, nos dois anos seguintes cursou Teologia na Universidade Gregoriana de Roma. Retornou à terra natal onde foi nomeado Vigário Geral em 1954. Em 1969, foi nomeado Patriarca de Venezia e, em 1973, torna-se Cardeal. Eleito Papa em agosto de 1978, seu papado durou apenas 33 dias e sua inesperada morte deixou estarrecida a comunidade

católica mundial. Seria o sucessor de Paulo VI, pontificado que, de fato, foi substituído pela atuação do Papa seguinte, João Paulo II.

JOÃO PAULO II, bairro

O nome do bairro foi citado pela primeira vez na lei nº 1701, de 01.11.1982, que denominou um de seus logradouros. Ele faz divisa com os bairros Arthur Leão e Dr. Joaquim Guimarães. Nele está localizada a Vila Esperança.

É o único caso de homenagem a uma pessoa viva. Karol Josef Wojtyla nasceu em Wadowice, a 50 km da Cracóvia, Polônia, no dia 18.05.1920. Inscreveu-se na Universidade de Cracóvia em 1938 onde permaneceu por pouco tempo em virtude de as forças de ocupação nazista terem fechado a Universidade em 1939. No período seguinte, o jovem Karol trabalhou numa indústria química. Em 1942, entrou para o seminário e ordenou-se sacerdote em 1946, em Cracóvia. Doutorou-se em Teologia, em 1948, em Roma, e retornou à Polônia. Nomeado Bispo em 1958, Arcebispo em 1964 e Cardeal em 1967. Foi eleito sucessor de João Paulo I em 16.10.1978. Faleceu em abril de 2005 e foi canonizado em 2011.

JOÃO RABELO TAVARES, beco

(Bairro Arthur Leão) – A lei nº 2330, de 27.08.1991, projeto 41/91 do vereador Antônio Amâncio Valentim, dá nome a esta via pública. É uma pequena via sem saída que começa no final da rua Padre José Domingues Gomes e segue na direção da praça Major Lucas Lacerda, embora não chegue até ela.

João Rabelo Tavares nasceu em Piacatuba, em 22.11.1916, filho de Francisco Rabelo Tavares e Matilde Cordeiro de Souza. Casou-se com Luzia Fabrício Rosa com quem teve os filhos: Francisco Vinicius, Rosa, Maria, Matilde, Ondina, Helena, Creuza, Luzia, José e Getúlio. Era lavrador e faleceu a 31.10.1970, em Leopoldina.

JOÃO RODRIGUES DE ANDRADE, rua

(Bairro Praça da Bandeira) – Segundo a lei nº 2172, de 08.02.1990, projeto 05/90 do vereador Antônio Amâncio Valentim, é uma via pública transversal à rua Antônio Salomão que segue até encontrar o Ribeirão Feijão Cru, nas imediações da ponte da rua Marechal Deodoro da Fonseca.

João Rodrigues era filho de Manoel Rodrigues de Moraes e Izaura Machado de Gouvêa. Nasceu e viveu em Leopoldina e faleceu em Joinvile, SC, onde passou a residir no final da sua vida. Era neto paterno de Manoel de Andrade Neto, filho de Manoel Andrade Oliveira e Rita Tereza de Jesus e de Ignácia Virgínia da Conceição, filha de João Rodrigues da Silva e Mariana Custódia de Moraes. Neto materno de José Vital de Oliveira e Mariana Custódia de Moraes, sendo que esta era neta da homônima antes citada. José Vital de Oliveira era filho de Luiz José Gonzaga de Gouvêa e Maria Carolina de Moraes. João foi comerciante, fiscal da prefeitura e vereador em Leopoldina.

JOÃO SAMUEL, rua

(Bairro Centro) – A lei nº 1465, de 11.09.1980, projeto 53/80 do vereador Francisco Mendonça Gama, informa que é a via pública que, partindo da rua Manoel Lobato, vai até o Ribeirão Feijão Cru e passa nos fundos do terreno da família Samuel.

João Samuel nasceu em Cantagalo, RJ, em 20.02.1870, filho de Felix Sonnel e Francisca de Souza Lima. Casou-se com Henriqueta de Oliveira, descendente de tradicional família da cidade de Dona Euzébia, MG. Atuou como industrial de cerveja em Cataguases, onde seu pai, em 1888, teve a Fábrica de Cerveja Nacional. Veio para Leopoldina em 1900, onde exerceu a atividade de representante comercial. Em 1936, era representante da Cia Cervejaria Antártica em Leopoldina. Aqui, numa chácara em cujas terras foi aberta a rua que recebe o seu nome, viveu até seu falecimento em 10.02.1942.

JOÃO SIQUEIRA BARBOSA, vila

(Estação Vista Alegre) - A lei nº 2502, de 29.04.1993, projeto 22/93 da administração municipal, dá denominação de vila João Siqueira Barbosa a um logradouro do município antes conhecido como Vila São Luiz, nas proximidades da ponte que atravessa o Rio Pomba e dá acesso ao distrito de Vista Alegre, no município de Cataguases.

João nasceu em 25.10.1911, filho de Quintiliano Barbosa da Silva e Maria de Siqueira. Casou-se com Mercedes Bela Barbosa, filha de Sebastião Pereira da Bella e Santina Sellani, sendo neta paterna de Alfredo Augusto Pereira da Bella e Alexandrina da Paz Pessoa e neta materna dos italianos Sante Sellani e Ana Bisciaio. Era agropecuarista e foi proprietário da fazenda São Luiz, localizada nas proximidades de Vista Alegre. Faleceu em 22.06.1991.

JOÃO TEIXEIRA DE MOURA GUIMARÃES, rua

(Bairro Bela Vista) – A lei nº 886, de 15.05.1973, diz que passa a denominar rua João Teixeira de Moura Guimarães a via pública que no mapa do loteamento do bairro Bela Vista estava como rua E. Começa na praça José Pires, no início do bairro, e termina no encontro com a rua Roberto Vizani Young.

João Teixeira de Moura Guimarães era filho de João Teixeira da Fonseca Guimarães e Emília de Moura. Casou-se com Emília Teixeira de Oliveira Guimarães, nascida a 21.05.1867, em Leopoldina, onde faleceu a 13.02.1896; era filha de Antônio Teixeira de Oliveira Guimarães e Leopoldina Rosa de Oliveira. Dessa união são os filhos: Edson (1891), Nair (1893) e João (1895). Após a morte de Emília, João casou-se, em 25.08.1897, com Eugênia das Chagas Monteiro, filha de Eliezer Monteiro dos Santos e Joana das Chagas Monteiro, condôminos da fazenda Recreio em 1906. Dessa união são os filhos: Jacir, Namir, Ivan casado com Ana Barbosa de Miranda - filha de Francisco Barbosa de Miranda e Leonor Antunes Pereira, Maria casada com Osmar Lacerda França - Sr. Liliu, ex-prefeito da cidade - e Ivone casada com Djalma Pereira da Silva.

Sobre Moura Guimarães, o escritor Fernando Sabino (2002 p.116) conta: "[...] E meu pai, seu Domingos, (antes de casar-se com a suave dona Odette), inspirado mais pelo vinho que pelo sorvete, juntou-se a um farmacêutico de nome João Teixeira e abriu uma fábrica de Soda e de Água de Selters, precursora, portanto, do alka-seltzer. Dos dois feitos muito me orgulho."

JOÃO VICENTE LOCHA, rua

(Bairro Pedra Pinguda) – O nome desta rua surgiu com a lei nº 1513, de 06.08.1981, projeto 17/81. Informa o texto legal que esta via pública parte da rua Gentil Pacheco de Melo e vai em direção à antiga caixa d'água da Cia Fiação e Tecidos de Leopoldina.

João Vicente nasceu a 28.02.1949, em Leopoldina, filho de João Locha (Locci) e Conceição Aparecida de Melo Pacheco. Neto materno de Gentil Pacheco de Melo e Emília Chagas e, paterno, de Peppino Locci e Maria José Gonçalves Nobre. João Vicente era aluno do 2º ano do curso técnico em contabilidade, na Escola Estadual Professor Botelho Reis, e prestava serviço militar em Juiz de Fora quando faleceu a 26.02.1968.

JOÃO VIEIRA, rua

(Distrito de Tebas) - A lei nº 1004, de 08.03.1974, diz que fica denominada rua João Vieira, a via pública que, partindo da rua Major Antônio Alves Tavares, que está em um dos lados da praça de esportes Lund Godinho Lima, vai até a rua Capitão José Tomé. É um dos segmentos da antiga rua das Flores e nele está a ponte José Victor da Costa, conforme consta na lei nº 2764, de 23.08.1995

JOÃO XXIII, praça

(Bairro Centro) - A lei nº 483, de 26.07.1963, dá o nome de praça João XXIII à antiga praça Recreio. É a parte compreendida pelo antigo triângulo de manobra da linha férrea e a estação ferroviária, no centro da cidade, entre as praças General Osório e Félix Martins e as ruas Doutor Custódio Junqueira e Presidente Carlos Luz. Entre essa praça e a General Osório erguia-se a estação ferroviária.

Angelo Giuseppe, o papa João XXIII, nasceu a 25.11.1881, em Sotto il Monte, província de Bergamo, região da Lombardia, Itália. Ordenou-se em 1897 e, em 1953, foi nomeado Cardeal. Eleito papa a 28.10.1958, faleceu 03.06.1963.

JOÃO ZANGIROLANI, rua

(Bairro Boa Sorte) – Segundo a lei nº 4363, de 20.12.2016, projeto 65/2016 do vereador Edvaldo Franquido Donato, o nome foi dado à via pública localizada na Comunidade da Boa Sorte, no Município de Leopoldina, na área urbana delimitada pela lei nº 4353, de 07 de dezembro de 2016. Faz parte do Caminho do Imigrante, no trecho entre os dois campos de futebol existentes na Boa Sorte.

João nasceu a 06.09.1909, filho de Pietro Sangirolami e Paschoa Bonin. Era solteiro e residia no sítio Boa Sorte. Faleceu no dia 17.07.2014, aos 104 anos. Seu registro de nascimento foi feito no Cartório de Providência, provavelmente porque seus pais ainda deviam residir na fazenda Paraíso.

JOAQUIM ANTÔNIO DUTRA, Dr., rua

(Distrito de Piacatuba) – Não foi localizada a lei que deu nome a essa rua, mas ela está identificada e fica no centro do distrito.

Joaquim Antônio Dutra nasceu em 21 de agosto de 1853, em São João Nepomuceno, MG, onde iniciou seus estudos. Formou-se em medicina pela antiga Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1881 e fez residência no Hospital São João Batista. Ao se mudar para Barbacena, destacou-se na psiquiatria, fazendo parte de um círculo de troca de informações com outros psiquiatras importantes. Em 1933, publicou um trabalho sobre a assistência a alienados em Minas Gerais.

Dutra teve uma longa carreira política que começou em 1882, quando foi eleito vereador do município de São João Nepomuceno. Em 1885, já havia mudado sua residência para Piacatuba e, em Leopoldina, ocupou cargos importantes como vereador e presidente da câmara. Em 1887, foi eleito deputado da Assembleia Provincial de Minas Gerais. Em 1893, Dutra ficou responsável por verificar os limites do município de Leopoldina e trabalhou na higienização da cidade para combater epidemias, transferindo temporariamente a sede da administração para Tebas devido a uma epidemia que causou alta mortalidade.

Em 1896, Dutra foi eleito para o Senado Mineiro e, em 1897, teve forte apoio em Leopoldina para o cargo de chefe do Executivo Municipal, embora continuasse a atuar na política provincial. Sua trajetória no Senado é registrada nos Anais do Parlamento Brasileiro de 1900. No entanto, em 1903, com a inauguração do Hospital de Assistências aos Alienados, ele deixou a política para se dedicar à medicina, onde trabalhou até 1935, quando se aposentou.

Apesar de se afastar da política, Dutra foi eleito juiz de paz, em Barbacena, em 1936. Em Piacatuba, onde sua vida se entrelaça com a história do local, ele casou-se em 1881 com Eugenia Murgel e teve 14 filhos, muitos dos quais guardaram boas lembranças da região.

A memória de Joaquim Antônio Dutra permanece viva através da história local, sendo um símbolo de um período significativo que não foi construído apenas por sua atuação, mas por todos que viveram na região.

JOAQUIM BARBOSA DE MIRANDA, Coronel, praça

(Distrito de Tebas) – A lei nº 61, de 27.07.1949, deu denominação a praças e ruas na vila de Tebas. Dentre elas, a praça principal do distrito que passou a denominar-se praça Coronel Joaquim Barbosa de Miranda. Essa praça, até então, era conhecida como praça da República. Em 26.04.1995, a lei nº 2722 deu nova redação ao art.1º da lei nº 61 e manteve a denominação.

Tudo leva a crer que foi uma homenagem a Joaquim José Barbosa de Miranda casado com Ana Francisca de Jesus. Ele, falecido em Tebas, a 10.09.1901, e ela, a 28.04.1906, também em Tebas. O casal deixou os filhos: - Teófilo Herculano Barbosa de Miranda casado com Petronilia Idylia Barbosa, Francisco Barbosa de Miranda casado com Maria Teobalda de Rezende, Emílio Filgueiras Barbosa de Miranda casado com Delmira Otilia de Rezende, Américo Barbosa de Miranda, falecido com 18 anos, Amélia Barbosa de Miranda casada com Honório José Ferreira e Cornélia Barbosa casada com Manoel Pereira de Amorim, português, proprietário da fazenda da Balança em Tebas.

Joaquim José foi um dos homens mais opulentos de Leopoldina em sua época. Fez partilha amigável dos seus bens, em 1899, e dentre eles constavam: fazenda Bela Vista, 80 alqueires; fazenda da Concórdia, inclusive o sítio Bom Jardim, 100 alqueires; fazenda da Bocaina, 80 alqueires; fazenda do Sossego, 30 alqueires; fazenda Santa Mariana, 80 alqueires; fazenda do Retiro, 84 alqueires; fazenda Alto Sereno, 63 alqueires; fazenda da Independência,106 alqueires.

JOAQUIM CÂNDIDO FIGUEIREDO, rua

(Bairro Três Cruzes) – O projeto de lei nº 50/82, de 08.11.1982, que se transformou na lei nº 1586, projeto 50/82 de autoria dos vereadores Ely Rodrigues Netto e Antônio Carlos de Almeida, dispõe sobre a denominação desta rua.

Provavelmente era o filho de João Cândido de Figueiredo e Emília Cândida de Souza, nascido em Ribeiro Junqueira, a 03.03.1915, onde se casou, a 20.11.1937, com Olga Lammoglia, filha de Francisco Alves Lammoglia e Luiza Guerzoni.

JOAQUIM CÂNDIDO RIBEIRO JUNQUEIRA, Dr., rua

(Bairro Praça da Bandeira) - A lei nº 943, de 17.10.1973, deu a denominação de rua Dr. Joaquim Cândido Ribeiro Junqueira à via pública que forma a segunda paralela à rua Marechal Deodoro, transversal à rua Lino Gonçalves.

Joaquim Cândido Ribeiro Junqueira nasceu a 21.06.1905, em Leopoldina, filho de José Monteiro Ribeiro Junqueira e Helena de Andrade Ribeiro. Foi casado com Laura Lustosa Junqueira com quem teve os filhos Roberto, Déa, Evandro, Lenita e José Joaquim. Formou-se em direito em 1934, era um dos sócios do Banco Ribeiro Junqueira e foi presidente da ACIL. Faleceu a 08.09.1973, em Leopoldina.

JOAQUIM DO AMARAL TEIXEIRA, rua

(Distrito de Providência) - A lei nº 965, 05.12.1973, dá denominação de rua Joaquim do Amaral Teixeira, à via pública que dá continuação à estrada municipal até a praça Marco Aurélio.

Não foi localizado o projeto de lei que identifica o homenageado.

JOAQUIM FERREIRA BRITO, rua

(Bairro Rosário) – O nome atual desta rua surgiu com a lei nº 437, de 25.07.1962, que mudou o nome da antiga rua Riachuelo. Começa na praça do Rosário e termina no encontro com o final da rua Soleiro. No final dessa rua, no lado esquerdo, fica a Vila Melinha.

Nascido no dia 07.04.1772, em Aiuruoca, MG, Joaquim Ferreira Brito era filho do português Manoel Ferreira Brito, natural de São João de Brito, Comarca de Guimarães, Arcebispado de Braga, Portugal. Seu pai adotou o último sobrenome do lugar onde nasceu. Era filho de Manoel Ferreira e Custódia Luiza. A mãe de Joaquim, Maria Teresa de Jesus, era natural de São João del Rei, filha de Antônio do Vale Ribeiro e Rosa Maria de Jesus, com ascendência em tradicionais famílias mineiras e paulistas.

Joaquim Ferreira Brito foi o doador das terras onde se ergueu a Casa do Rosário, local hoje ocupado pela igreja do mesmo nome. Sabe-se, também, que fez pelo menos duas doações de terras para o patrimônio do padroeiro São Sebastião. A primeira delas, em 01.06.1831, e a segunda, em 20 de novembro do mesmo ano. Ele se casou pela primeira vez com Catarina Esméria de Sena, filha de Bento Ribeiro Salgado e Angela Ferreira Soares, e uma segunda vez, a 19.02.1804, em Santana do Garambeo, MG, com Joana Maria de Macedo, filha de José Rabelo de Macedo e Maria de Carvalho Duarte. Sua segunda esposa descendia, por parte materna, de antigos imigrantes das ilhas atlânticas portuguesas, mais especificamente de Antônia da Graça, natural da Ilha do Faial. O casal vivia na região da Serra da Ibitipoca e a família estava profundamente ligada aos Almeidas e aos Gonçalves Neto quando vieram para o Feijão Cru. Em 1831, Joaquim Ferreira Brito estava entre os maiores proprietários de escravos que aqui viviam. Formou a fazenda da Cachoeira, onde viveu até o fim de sua vida. Após sua morte, uma parte de suas terras foi comprada por Manoel José Monteiro de Barros. Joaquim Ferreira Brito e Joana Maria de Macedo deixaram grande descendência. Entre seus filhos, destaca-se João Gualberto Ferreira Brito, também nome de rua na cidade.

JOAQUIM FURTADO MENESES, rua

(Bairro Vila Esteves) – A lei nº 1103, de 20.11.1975, alterada em seu art. 1º pela lei nº 1253, de 06.04.1978, dá denominação a essa via que, partindo da praça Alípio Assunção, vai até a rua Castro Alves, na entrada do Bairro Maria Guimarães França e na direção da Escola Estadual Sebastião Silva Coutinho.

Escritor e colaborador de diversos jornais da região, Joaquim F. Menezes foi dirigente regional dos Vicentinos. Segundo o site do Conselho Metropolitano da Sociedade São Vicente de Paula, em Belo Horizonte, Joaquim Furtado de Meneses era um cristão fervoroso em Ouro Preto. Lá, ele entrou para a SSVP e conviveu com importantes personalidades do Clero Mineiro. Em 1914, fundou a atual Revista Vicentina Adoremos. Mudou-se para Belo Horizonte e continuou atuando assiduamente em defesa dos ideais cristãos. Foi um dos fundadores do Conselho Central de Belo Horizonte. Na Nova Capital, a SSVP crescia, fortalecia-se e expandia-se por todo o território mineiro. Com isso, houve a necessidade da criação de um órgão mais centralizado para coordenar as atividades vicentinas no Estado. Coube a Furtado de Menezes, como era mais conhecido, a iniciativa da fundação do Conselho Metropolitano de Belo Horizonte (CMBH), fato que ocorreu no dia 19.01.1919, sendo instituído no dia 11 de novembro do mesmo ano. "[...] Após o falecimento de seu principal fundador, ocorrido em 19 de maio de 1940, o CMBH continuou contribuindo para o fortalecimento das atividades religiosas da Arquidiocese da Capital Mineira."

JOAQUIM FURTADO PINTO, Dr., bairro

A lei nº 1361, de 02.08.1979, denominou como bairro Dr. Joaquim Pinto uma área do lado esquerdo do bairro Bela Vista, mas o local recebeu outra denominação posteriormente e a lei nº 1561, de 15.06.1982, nomeou um prédio público do distrito de Tebas como Conjunto Administrativo Joaquim Furtado Pinto. Na mesma década foi construído o Conjunto Habitacional Dr. Joaquim Furtado Pinto, popularmente conhecido como COHAB-NOVA, e que passou a ser classificado como bairro a partir da lei nº 1992, de 04.08.1988.

Quanto ao homenageado, pode-se dizer que foi um dos médicos mais queridos da cidade. Seu consultório era quase um ponto de referência na rua Cotegipe, tal a quantidade de gente que sempre o procurava. Foi diretor do Asilo Santo Antônio e prefeito municipal no período de 1963 a 1966. Na sua administração, a cidade recebeu uma agência do DNOS – Departamento Nacional de Obras contra a Seca e realizou a primeira etapa do abastecimento

de água tratada, a partir da barragem do rio Pirapetinga. Possuía uma propriedade rural no bairro da Boa Sorte.

Nascido em Argirita, no dia 20.05.1912, foi registrado com o mesmo nome do pai falecido três meses antes, mas adotou o nome Joaquim Furtado Pinto posteriormente. Era filho de Joaquim Aurélio da Silva Pinto e Maria Mizael Furtado, sendo neto paterno de Aurelio Ferreira da Silva Pinto e Alda Clotildes Marques, sendo esta descendente de Ladislau Egidio Ferreira de Toledo, patriarca da família Toledo em Leopoldina. Por parte de sua mãe, o Dr. Joaquim era neto de José Maria Furtado de Souza e Maria Mizael da Silva, ela filha de Mizael Antônio da Silva, da fazenda Aliança de Argirita, com descendentes que passaram a usar Mizael e Policiano como sobrenomes. Tendo ficado viúva antes do nascimento do filho Joaquim, coube a Maria Mizael educar os filhos com o apoio de seus familiares. Assim, o jovem foi encaminhado para a Faculdade de Medicina, no Rio de Janeiro. Depois de formado, veio exercer a profissão em Leopoldina, onde se casou, a 20.05.1939, com Iracy Ferreira de Toledo, também descendente do citado Ladislau Egídio Ferreira de Toledo.

JOAQUIM GARCIA DE OLIVEIRA, rua

(Bairro Centro) – É a lei nº 1307, de 06.10.1978, projeto 75/78, que dá denominação de rua ao trecho da antiga rua João Neto que parte da esquina com a rua das Flores até a ponte existente na mesma rua e que dá acesso ao Largo Dr. Sebastião Campos Alvim.

Joaquim Garcia de Oliveira nasceu a 12.08.1903, em Vista Alegre, filho de Antônio Manoel de Oliveira e Emília Teodora de Lacerda. Era o terceiro neto de Bernardino José Machado e Maria Rosa de Almeida. Joaquim se casou a 05.05.1937 com Ruth Irene Dorigo, filha do italiano Arturo Ilario Dorigo e Virginita Anacleto de Alcântara e, dessa união, teve os filhos: Dea, Heleno, José Antônio, Luiz Roberto, Elisabeth e Rosa Maria. No início da década de 1930, começou no comércio trabalhando no armazém de Américo Lacerda, na esquina da rua Tiradentes com a praça Gama Cerqueira. Posteriormente, abriu o seu próprio negócio na esquina da rua das Flores com a rua que hoje recebe o seu nome.

JOAQUIM GUEDES MACHADO, Professor, rua

(Bairro Mina de Ouro) – Foi a lei nº 1028, de 11.06.1974, que alterou a denominação dessa via que atualmente começa na praça Professor Botelho Reis, ao lado do Ginásio, e termina na rua das Flores. É a antiga rua Três de Junho, acrescida da travessa Feijão Cru, que

era o trecho da ponte até a esquina da rua das Flores. Nela funcionou o antigo Tiro de Guerra (TG-98).

Joaquim de Souza Guedes Cardoso Menezes Machado, o professor Machado, nasceu no dia 14.09.1891, no Porto, Portugal e faleceu em Leopoldina, no dia 28.05.1974. Transferiu-se para o Brasil por conta da perseguição exercida em Portugal contra os descendentes da nobreza, já que era quarto neto do Visconde de Balsemão, Luis Pinto de Souza Coutinho e da Viscondessa Catarina Micaela de Sousa César de Lencastre. Era engenheiro geógrafo e, no Brasil, cursou também a faculdade de Direito. Trabalhou em agência do Banco Ultramarino Português, no Rio de Janeiro, RJ, e, posteriormente, transferiu-se para Carangola, MG, onde foi calculista em uma obra de construção de uma usina. No dia 29.12.1917, comprou, de Vespasiano Leopoldino de Souza, o Ginásio Carangolense, instituição onde lecionava desde a sua fundação em 1914. Transferiu-se para Leopoldina e lecionou matemática durante muitos anos no Ginásio Leopoldinense, atual Escola Estadual Professor Botelho Reis. Casou-se a primeira vez com Laura Lambert com quem teve os filhos: Luís, Fernando, Joaquim, Aristides e Cecília e, em segundas núpcias, com a professora Judith Lintz, filha de José Martiniano Barroso Lintz, com quem teve as filhas: Terezinha e Maria Aparecida Lintz Machado.

JOAQUIM GUIMARÃES, Dr., bairro

(Bairro) – A lei nº 1992, de 15.09.1987, projeto 52/88 do poder executivo, dá a denominação de Conjunto Habitacional Dr. Joaquim Custódio Guimarães ao logradouro habitacional público, oriundo do Projeto Pró-Habitação, implantado entre os bairros Quinta Residência e Dr. Joaquim Furtado Pinto, fronteiro à BR 116. A partir da lei nº 3237, de 02.03.2000, o logradouro passa a ser classificado como bairro com exclusão do segundo home do homenageado.

Dr. Joaquim Custódio Guimarães nasceu em Leopoldina, no dia 21.12.1912, filho de Martinho de Campos Guimarães e Ercília Furtado. Cursou o ensino básico em Leopoldina e formou-se em farmácia pela Universidade do Rio de Janeiro, em 1932. Era homônimo de seu avô paterno. Casou-se, em 24.06.1942, com Maria Pureza do Carmo com teve os filhos: Elizabeth, Evandro, Emerson, Eloá, Alziro e Eliane. Era farmacêutico, proprietário da Farmácia Moderna, na rua Cotegipe, e fundador do laboratório Instituto Martinho Guimarães, que fabricava os medicamentos Euritival e Bismutilan, bem conhecidos em boa parte do país, dentre outros. Participava da vida política da cidade. Jornalista (Jornal

Ilustração), escreveu o livro "Uma certa rua Cotegipe". Presidiu a Associação Comercial (hoje ACIL), o Clube Leopoldina e o Esporte Clube Ribeiro Junqueira. Foi sócio fundador do Rotary Club de Leopoldina e, durante algum tempo, secretário do Asilo Santo Antônio. Faleceu em 13.07.1987, segundo biografia publicada por José do Carmo Rodrigues (Leopoldinense, 15.05.2004, fls 3).

JOAQUIM MURTINHO, rua

(Bairro Praça da Bandeira) - A lei nº 37, de 05.11.1948, foi a que deu esta denominação à rua. Diz o texto legal que a rua Joaquim Murtinho parte da praça da Bandeira em direção à Rio–Bahia, onde estão construindo os prédios dos senhores Artur Nogueira Filho e Antônio de Paula Barros. Começa na praça Zequinha Reis e termina na avenida Getúlio Vargas.

Joaquim Murtinho nasceu em Cuiabá, MT, em 07.12.1848. Segundo a Gazeta de Leopoldina, de 21.11.1911, era intelectual, engenheiro, médico e professor da Escola Politécnica, ainda no tempo em que era chamada Escola Central. Destacou-se como parlamentar, sempre ouvido por todos. Exerceu o cargo de vice-presidente do senado. Sua maior obra foi como ministro da fazenda de Campos Salles, onde elevou e firmou as finanças nacionais. Trabalhou, também, com o presidente Prudente de Morais e faleceu, em 19.11.1911, no Rio de Janeiro, quando ainda exercia o cargo de senador da República.

JOAQUIM PEREIRA OLIVEIRA, rua

(Bairro Bela Vista) – A lei nº 910, de 04.07.1973, dá denominação de rua Joaquim Pereira Oliveira à via pública que liga a rua João Teixeira de Moura Guimarães à rua Manoel Monteiro. Nos mapas do município de 2000 e de 2024, esta rua aparece com o nome Joaquim de Oliveira, sem o sobrenome Pereira.

Joaquim Pereira Oliveira, o Quinca Pereira, nasceu a 03.12.1898, em Leopoldina. Era filho de Manuel Pereira Valverde Filho e Anastácia Carolina de Oliveira. Seus avós paternos foram Manoel Pereira Valverde e Ana Joaquina de Jesus. Manoel era proprietário de um sítio na fazenda Santa Maria, na estrada que liga Tebas a Piacatuba, região hoje conhecida como "Valverdes" e filho de João Pereira Valverde, pioneiro na ocupação de terras ao sul do município de Leopoldina. Quinca Pereira se casou com Clodomira Mendonça e com ela teve os filhos: Itamar, José, Jairo, Lourival/Norival, Omar, Maria Helena e Nicinha.

Foi comerciante e sitiante na Vargem Linda. Segundo José do Carmo Rodrigues, depois de vender as terras da Lajinha/Vargem Linda, passou a residir na praça Gama Cerqueira, antiga Melo Viana, também conhecida como Praça do Urubu, onde manteve uma casa de comércio. Seus filhos foram membros da Igreja Metodista, fundada em Leopoldina por volta de 1894. Joaquim Pereira Oliveira faleceu a 24.12.1970.

JOAQUIM PIRES BARBOSA, rua

(Bairro Fátima) – A denominação surgiu com a lei nº 1683, projeto 38/84 de autoria do vereador Darcy Luiz Vasconcelos Rezende. É a via pública que liga as ruas José Antônio Lamóglia e rua Optato Lacerda França.

As pesquisas até aqui realizadas levam a crer que o homenageado é o filho de Baldoíno Pires Barbosa e Jovita Pires Vieira, nascido a 17.09.1905, em Piacatuba. Baldoíno era filho de Antônio Maurício Barbosa, que empresta o nome à Usina Maurício. Foi proprietário de terras das fazendas Cachoeira e Alegria, de Piacatuba. Jovita era filha de Antônio Pires Veloso de Sá e Carlota Maria de Jesus, das fazendas Boa Vista e Santa Maria, também em Piacatuba.

JOAQUIM ROSA DE OLIVEIRA, rua

(Bairro Bela Vista) - A lei nº 4486, de 29.10.2019, projeto 46/2019 do vereador Ivan Martins Nogueira, dá a denominação de Joaquim Rosa de Oliveira ao logradouro público que tem início na rua Arlindo Carneiro e finda na rua Rolando Ladeira Salgado.

Joaquim Rosa de Oliveira nasceu na fazenda Bom Sucesso, na estrada velha para Cataguases, onde foi administrador por muitos anos. Era filho de Antônio Rosa de Oliveira e Marta Oliveira. Casou-se com Laudelina Santos de Oliveira e com ela teve os filhos: Vicente Rosa (Cererê), Rubens, Célio, Lúcia, Veranice, Sebastião e Manoel. Faleceu a 29.04.1957, vítima de acidente de trabalho.

JOAQUIM TIBÚRCIO JUNQUEIRA SOBRINHO, rua

(Distrito de Providência) - A lei nº 536, de 15.09.1964, informa que fica denominada Joaquim Tibúrcio Junqueira Sobrinho uma rua no distrito de Providência que partindo da praça Marco Aurélio segue em direção ao Grupo Escolar.

Joaquim Tibúrcio Junqueira Sobrinho nasceu em Carmo de Minas, MG, a 26.05.1889. Era filho de João Tibúrcio Junqueira e Maria do Carmo Reis. Casou-se com Amélia Ribeiro dos

Reis, filha de Antônio Ribeiro dos Reis e Maria Guilhermina de Andrade, sendo irmã de Antenor e José Ribeiro dos Reis (Zequinha Reis). Joaquim Tibúrcio e Amélia tiveram os filhos: Joaquim Clóvis, Afrânio, Celso, Arlete casada com Omar Junqueira Bastos, José Newton e Maria José. Segundo seu inventário, era proprietário da fazenda Trimonte, em Providência. Joaquim Tibúrcio faleceu no Rio de Janeiro, a 24.08.1955, e foi enterrado em Providência.

JOAQUIM XAVIER ASSUMPÇÃO, rua

(Bairro Alto da Boa Vista) – Foi a lei nº 4328, de 22.06.2016, projeto 30/2016 do vereador Paulo Sérgio Celestino de Oliveira, que deu denominação para a via que começa na rua Marcelo Souza Lopes e tem seu final na rua Rafael Ruback de Oliveira.

Joaquim Xavier da Assunção nasceu a 17.12.1920, filho de Francisco Xavier e Elvira Maria da Assunção. Era neto paterno de Silvestre José de Souza e Bernardina Maria da Conceição e neto materno de Francisco José da Assunção e Ana Teodora de Jesus. Faleceu 24.03.1996, em Leopoldina

JOARACY MOURA DE MENDONÇA, rua

(Bairro Fortaleza) – Foi pela lei nº 2577, de 16.12.1993, que regulamentou o projeto 109/93 do vereador Antônio Amâncio Valentim, que denominou essa via pública localizada no bairro Fortaleza. É uma rua paralela à rodovia BR 116, no lado esquerdo de quem segue para Laranjal. Fica entre os quilômetros 761 e 759 e seu acesso se faz, nas duas extremidades, a partir da citada rodovia. Informações orais dão conta de que o homenageado teria trabalhado nos ramos de bar, restaurante e posto de combustíveis nas imediações dessa rua.

Joaracy Moura de Mendonça, popularmente conhecido como Tuzão, nasceu por volta de 1925, filho de Francisco Resende de Mendonça e Cinira Moura. Era neto paterno dos açorianos José de Rezende Mendonça e Jacinta de Jesus Cimbron. E, neto materno de José de Moura Neves Filho e Ambrosina Cândida de Oliveira Martins; ele, Engenheiro Agrimensor natural de Valença, RJ, e residente em Leopoldina desde 1879. Ela, Ambrosina, era natural de Leopoldina, filha de José Antônio de Oliveira Martins e Emília Carolina Werneck. Joaracy faleceu em 05.09.1988.

JOB FIGUEIREDO, travessa

(Bairro Fátima) - Seu nome surgiu com a lei nº 1514, de 06.08.1981, projeto 27/81 do vereador José Américo dos Santos Lima. Liga a rua Jonas Bastos à rua Dr. Antônio de Oliveira Guimarães.

Job Figueiredo era natural de Três Pontas, MG, e chegou a Leopoldina com a Missão Flores para implantar o novo sistema de águas e esgoto na cidade. Segundo Kléber Pinto de Almeida (2002, p. 71), foi chefe do serviço de patrimônio, água e esgoto da prefeitura de Leopoldina. Casou-se com Dulce Almeida Figueiredo, irmã de Kléber e professora do grupo escolar Ribeiro Junqueira.

JONAS BASTOS, rua

(Bairro Fátima) – Começa na avenida Getúlio Vargas e termina na rua Gentil Pacheco de Melo.

Jonas de Faria Bastos nasceu a 29.03.1855, no estado de Sergipe, filho de Francisco Manoel de Souza Bastos Filho e Maria Rosa de Faria, sendo neto paterno de Francisco Manoel de Souza Bastos e Joaquina Perpétua Diniz de Souza Melo e neto materno de Manoel José de Bastos. Era sobrinho paterno de Pedro de Souza Bastos, de quem foi sócio na arrematação de parte da fazenda Floresta, que foi a leilão no decorrer do inventário de seu formador, Joaquim Antônio de Almeida Gama. Era, também, sobrinho materno de Ana Joaquina de Souza Bastos que, com Secundino de Matos Freire, formou o casal que deu origem à família Bastos Freire de Leopoldina.

Casou-se com Estefania de Souza, que segundo notícia da Gazeta de Leopoldina, de 24.02.1927, era natural de Aracaju, SE. Com ela, Jonas teve pelo menos os filhos nascidos em Leopoldina: Laura (1894); Minervina (1895); Jonas (1897) casado em Bauru com Livaneta que era de Visconde do Rio Branco, MG; Pedro (1899) casado com Mariana, natural de Chiador, MG; e Ester (1902). Na divisão da fazenda Floresta, com seu tio Pedro, formou o Sítio Oriente. Presidiu a Câmara Municipal de Leopoldina entre 1910 e 1912. Em 1916, foi dispensado do posto que ocupava no setor de engenharia da Estrada de Ferro Central do Brasil, no Rio de Janeiro, e se transferiu para Juiz de Fora como engenheiro-auxiliar do Departamento de Saneamento Urbano. Faleceu em Juiz de Fora, a 13.08.1929.

JONES ROCHA, rua

(Bairro Eldorado) – A lei nº 2580, de 22.12.1993, projeto 111/93 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida, diz que ela tem seu início na rua São Paulo, passa pela esquina da rua Manoel Rodrigues Pandeló e finda na divisa do loteamento.

Jones Rocha nasceu por volta de 1948, em Leopoldina, filho de Abel Martins da Rocha e Maria Silva da Rocha. Era solteiro. Faleceu em Belo Horizonte, a 01.12.1985.

JOSÉ ALVES GÓIS, rua

(Bairro Alonso Tavares Nogueira Filho) – Diz a lei nº 3756, de 12.03.2007, projeto 75/2006 do vereador Antônio Carlos Martins Pimentel, que fica denominada rua José Alves Góis a rua que tem início na av. dos Expedicionários e vai terminar na rua Armindo Joaquim Mourão.

José Alves Góis nasceu por volta de 1930, em Piedade do Paraopeba, MG, filho de Antônio Alves Góis e Custódia Vieira Braga. Casou-se com Giselia Gonçalves Góis. Faleceu em Juiz de Fora, a 27.11.2005, e foi sepultado em Leopoldina.

JOSÉ ALVES MARQUES, rua

(Distrito de Piacatuba) - A lei nº 2786, de 22.11.1995, projeto 108/95 do vereador Antônio Amâncio Valentim, denomina essa via pública do distrito, perpendicular à rua José Furtado de Mendonça, na saída para a Usina Maurício, oficiosamente chamada de Boa Vista.

José Alves Marques era natural de Piacatuba, nasceu por volta de 1902, filho de José Alves Ferreira Pinto e Maria do Carmo Alves Marques. Neto materno do padre Joaquim Fidelis Marques. Faleceu a 06.08.1979, em Leopoldina.

JOSÉ ANTÔNIO DA PAIXÃO, praça

(Bairro Jardim Bela Vista) – Foi a lei nº 3.568, de 2004, projeto 99/2003 do vereador Antônio Celso Chaves Junqueira, que oficializou o nome dessa praça.

José Antônio nasceu a 19.03.1936, em Vista Alegre, distrito de Cataguases, MG, filho de Egydio Luiz Paixão e Maria Lina de Miranda. Casou-se a 18.05.1958 e teve quatro filhos: Ana Lúcia, Lídia, José Luiz e Andréa. Em 1972, veio para Leopoldina onde criou, com amigos, a União Mineira de Avicultores e foi sócio da Distribuidora Minerva, da Pedreira União Ltda e da Distribuidora de Rações do Produtor. Era proprietário do Sítio São Sebastião, no final do

bairro Bela Vista. Foi presidente da Cooperativa dos Produtores de Leite de Leopoldina e sócio-fundador da Credileo. Faleceu a 13.11.1997, em Leopoldina.

JOSÉ ANTÔNIO LAMÓGLIA, rua

(Bairro Fátima) – A lei nº 891, de 15.05.1973, deu denominação de rua José Antônio Lamóglia à primeira via pública que começa à esquerda da rua Farmacêutico Durval Bastos e vai terminar próximo ao Ribeirão Feijão Cru.

Quanto ao homenageado, ainda não há certeza de quem seja. Não se localizou o projeto de lei e os registros encontrados não esclarecem. Suspeita-se que seja uma homenagem ao jovem José Antônio Lamóglia que faleceu em 1971, quando fazia intercâmbio nos Estados Unidos. Filho de "Totó" Lammoglia e Maria Eugênia Machado. Irmão da professora Maria Eugênia que lecionou no Colégio Imaculada. Neto materno de Ataliba Rodrigues Machado e Eugênia Alves.

JOSÉ ARAGON PINHEIRO, rua

(Bairro Bela Vista) – O nome dessa rua surgiu a partir da lei nº 887, de 15.05.1973. É a via que liga a rua Antenor Ribeiro dos Reis à rua Haroldo Maranha.

Nascido a 01.10.1914, em Sumidouro, RJ, José Aragon era filho de Mário de Aquino Pinheiro e Sebastiana Aragon, ele, natural de Sumidouro e ela, de Carmo, RJ; o casal residiu no distrito de Providência. Era neto paterno de Francisco de Aquino Pinheiro e Rita de Cássia Domingues e neto materno de Olimpio José Aragon e Aparecida Camilo.

A 12.01.1944, em Aparecida no Norte, SP, José se casou com Edith Assis e Silva, nascida em Providência, em 16.07.1916, filha do português de Vila do Conde, no Porto, Bernardino Mouço e Silva e de Adelaide de Assis, natural de Mar de Espanha.

José e Edith fixaram residência em Leopoldina onde, em 1948, tornaram-se proprietários da Padaria Brasil, na Rua Tiradentes. O casal teve os filhos Gilberto, Mariluci e Mário José da Silva Pinheiro. José participou da diretoria do Clube Palácio do Comércio (Associação Comercial, hoje, ACIL). Faleceu em Leopoldina, a 17.06.1972.

JOSÉ ARRUDA, bairro

A lei nº 2610, de 20.04.1994, projeto 31/94, dá denominação de José Arruda ao "loteamento" que surge nos fundos do Cemitério, encontra a parte alta do bairro Chácara

Dona Euzébia, limita-se com o bairro Maria Guimarães França e fecha no trecho da rodovia BR 116, a partir do trevo de acesso para Cataguases. Nele, está a UNIPAC, uma torre de operadora telefônica, o Supermercado Mart Minas e a nova fábrica de sorvetes Sol e Neve. Abrange, dentre outras, as ruas Carmita Monteiro e Odete da Silva.

José Arruda nasceu em Conceição da Boa Vista, Recreio, MG, a 26.02.1901, e faleceu em Leopoldina, a 19.08.1992. Filho de José Arruda e Elydia Maria da Conceição. Neto de José Pereira Aurélio e Anna Maria da Conceição. Era negociante e ruralista. Residia na praça Gama Cerqueira e foi proprietário de grande parte das terras onde estão os bairros Chácara Dona Euzébia, Cemitério, Maria Guimarães França e o que recebe o seu nome.

JOSÉ BASTOS, Dr., praça

(Bairro Bela Vista) – A lei nº 1069, de 29.11.1974, deu o nome de Dr. José Bastos à praça situada ao lado da av. dos Expedicionários, junto ao Ginásio Poliesportivo que recebe o mesmo nome do homenageado. Posteriormente foi homenageado também no distrito de Tebas, como se vê no verbete seguinte.

JOSÉ BASTOS, Dr., praça

(Distrito de Tebas) – Foi a lei nº 2171, de 08.02.1990, projeto 04/90 do vereador Antônio Rodrigues César, que denominou praça Dr. José Bastos a que fica junto à praça Joaquim José Barbosa de Miranda, no início da escadaria que sobe para a Igreja, entre as esquinas das ruas Honório José Ferreira, Álvaro Lima e Anestor de Angelis.

Dr. José Bastos de Faria Freire era filho do fazendeiro Durval de Bastos Freire e de sua esposa Antonieta de Faria e Melo. Neto paterno de Secundino de Matos Freire e Ana Bastos. Neto materno de Francisco Barreto de Faria e Melo e Maria Rosa. Casou-se com Ierecê Cunha Freire, também nome de rua da cidade, com quem teve os filhos: José Sérgio (médico), Antônio Márcio (médico e ex-prefeito), Roberto, Elizabeth e Bernadete.

Além das duas praças e do ginásio poliesportivo, Dr. José Bastos empresta seu nome ao Pronto Socorro Municipal, que funciona junto à Casa de Caridade Leopoldinense. O saudoso Dr. José Bastos foi um médico querido e muito respeitado por todos e, sem dúvida alguma, merecedor de todas essas lembranças.

JOSÉ BATISTA DA SILVA, rua

(Distrito de Providência) – A lei nº 3586, de 2004, projeto 22/2004 do vereador Luiz Antônio Martinelli Vidal Nogueira, dá denominação de José Batista da Silva a uma via pública no Distrito de Providência.

José Batista da Silva nasceu a 18.11.1993, em Providência, filho de Balduino Batista de Assis e Filomena Maria da Silva.

JOSÉ CAMILO FERREIRA, rua

(Bairro Quinta Residência) – Pelo contido na lei nº 1684, de 10.09.1984, projeto 41/84 do vereador Darcy Luiz Vasconcelos Rezende, essa via liga a rua Antônio Fernandes Valentim à avenida Jehu Faria, na parte mais alta da subida da avenida.

José Camilo Ferreira, popularmente conhecido como Zé Lourinho, nasceu em 22.12.1922, em Leopoldina, filho de Louriano Camilo Ferreira e Augusta Porcina de Jesus. Casou-se com Maria Sebastiana de Jesus, nascendo desta união 13 filhos.

JOSÉ CARLOS DE FREITAS RAMOS, praça

(Arraial dos Montes) – Foi a lei nº 2334, de 27.08.1991, projeto 44/91 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida, que deu nome ao logradouro.

José Carlos de Freitas Ramos, segundo familiar, era conhecido como José Ramos. Nasceu em 15.12.1899, no sítio Oriente, nas proximidades de São Lourenço, filho de José Carlos de Oliveira Ramos e Geraldina de Freitas Ramos, descendente do pioneiro Manoel Antônio de Almeida Ramos. Casou-se com Maria da Conceição Bastos Ramos e foi morar na Fazenda da Floresta, onde passou a trabalhar como Apontador de Turma. Em 1941, retornou ao Sítio Oriente, ao qual se dedicou pelo resto da vida. Faleceu em 24.02.1983, em Belo Horizonte, MG, e foi sepultado em Leopoldina.

Maria da Conceição era filha de Durval de Bastos Freire e Antonieta de Faria e Melo. Neta paterna de Secundino de Matos Freire e Ana Bastos. Neta materna de Francisco Barreto de Faria e Melo e Maria Rosa. Era irmã, dentre outros, dos homenageados em logradouros públicos: Durval Bastos de Faria Freire, farmacêutico, casado com Maria Rosa Pires; Francisco Barreto de Faria Freire, ex-prefeito, casado com Maria de Lourdes Fontes; Haroldo José de Bastos Freire, professor; e José Bastos de Faria Freire, médico, casado com Ierecê Cunha.

JOSÉ CARLOS DOS ANJOS, Vila

(Distrito de Tebas) – A denominação oficial dessa vila ocorreu com a lei nº 3461, de 16.10.2002, projeto 75/2002 do vereador Juarez Esteves. É uma pequena via que está à direita da rua Capitão José Tomé, nas proximidades da antiga serraria. A via é popularmente conhecida como "Beco Zé Sarado".

Consta que esse José Carlos seria José Evangelista dos Anjos, nascido a 20.09.1885, filho de João Evangelista dos Anjos e Maria Azarias da Silva, casado com Rita de Souza Campos, filha de José Gonçalves Campos e Cecília Rita de Souza. Foi pai de Maria (1907) casada com Vincenzo Pietro Lupatini, Kalile (1909), Dolores casada com Simpliciano Machado de Matos e Delvaux (1911). José Evangelista era neto materno de Lauriana Flauzina de Jesus e Azarias Antonio da Silva que era filho do Mizael Antonio da Silva, patriarca dos Policianos e uma das maiores relações de bens inventariados na época.

JOSÉ CARLOS LOPES, rua

(Bairro Redentor) – Foi a lei nº 1666, de 11.05.1984, projeto 12/84 do vereador Darcy Luiz de Vasconcelos Rezende, que deu nome a essa rua. Pelo mapa de 2024, ela começa na rua Getomir Pereira Bella, no lado direito, no início da curva, e segue na direção do centro do bairro Redentor, indo terminar na rua "F".

José Carlos Lopes nasceu em São Martinho, distrito de Providência, a 22.05.1910, e, mais tarde, veio para Leopoldina. Era filho de Carmosina Maria de Jesus e Carlos Lopes Rocha. Casou-se com Maria Luzia Lopes, a 18.05.1929, sendo ela filha de Pedro Celestino de Almeida e Sebastiana Fortunata da Conceição. Segundo familiar, o casal teve 13 filhos: Maria, Irene, Selma, Mário, Antônio, João (Goiaba), Glória, Carmosina, Geraldo, Minalda, Paulo, José Rubens e Ruth. Alguns de seus descendentes permanecem residindo nas proximidades da rua que recebe o seu nome. José Carlos faleceu a 18.11.1983.

JOSÉ DA SILVA COUTINHO, travessa

Veja José Maurício.

JOSÉ DÁRIO SODRÉ, rua

(Bairro Fábrica) - A lei nº 476, de 28.05.1963, diz que fica denominada "Rua do Sindicato Têxtil" a via pública que liga a rua 27 de Abril à rua Manoel Lobato, onde fica a sede do

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Fiação Tecelagem de Leopoldina. Mas, em 18.12.2018, esse dispositivo legal foi revogado pela lei n° 4452, projeto 70/2018 do vereador Ivan Martins Nogueira, que alterou a designação dessa via para Rua José Dário Sodré.

Segundo matéria do Jornal Leopoldinense (16.01.2019, p.7), José Dário Sodré nasceu a 25.10.1924, na fazenda Boa Vista, entre Aracati e Vista Alegre, no município de Cataguases, MG, filho de Deolindo Sodré de Oliveira e Albertina Cândida de Oliveira. Mudou-se para Leopoldina e, ainda jovem, começou a trabalhar na Fábrica de Tecidos. Casou-se com Sebastiana Couto de Oliveira, "Taninha", com quem teve os filhos: Maria Helena, José Heleno, Marlene do Carmo e Marluce do Rosário. Viúvo, casou-se pela segunda vez com Ieda Rodrigues de Oliveira, em 1960. Embora tendo feito apenas o curso primário, passou a se interessar pelas leis trabalhistas e fundou o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Fiação e Tecelagem de Leopoldina, do qual foi o primeiro presidente e pelo qual lutou o quanto pode. Como desportista, organizou o Operário Textil Futebol Clube, destacou-se como presidente da Liga Esportiva Leopoldinense e do Leopoldina Malha Clube. Faleceu em 15.08.2016.

JOSÉ DE MELO LIMA JÚNIOR, Doutor, rua

Veja José Mello de Lima Júnior, Dr.

JOSÉ DE SOUZA LIMA, rua

(Bairro Bela Vista) – O nome desta rua surgiu com a lei nº 889, de 15.05.1973. No mapa do loteamento do bairro Bela Vista, está como rua N. É a rua que contorna o Ginásio Poliesportivo Dr. José Bastos.

Foi comerciante e proprietário da fazenda da Ressaca. Era natural de Itamarati de Minas, MG.

JOSÉ DOMINGUES GOMES, Padre, rua

(Bairro Arthur Leão) - Diz a lei nº 83, de 27.10.1949, que fica o Governo Municipal autorizado a desapropriar, amigável ou judicialmente, um prédio da praça do Rosário, da sede do município, para o fim de abrir uma rua de acesso ao Asilo Santo Antônio, situado na antiga chácara do Soleiro.

No ano seguinte, a lei nº 103, de 09.06.1950, informa que fica a Prefeitura Municipal de Leopoldina autorizada a adquirir, amigável ou por desapropriação, de Sabbado Girardi e irmãos, pelo preço de Cr$ 85.000,00 um prédio e terreno, medindo 396,80 m², situado à praça do Rosário, nesta cidade, para ser demolido a fim de dar passagem a uma rua ligando o referido Largo ao Asilo Santo Antônio.

Duas décadas depois, a lei nº 897, de 15.05.1973, deu a denominação de Padre José Domingues Gomes à via pública que começa na praça do Rosário e termina na rua Heitor Ribeiro Guedes, no bairro João Paulo II.

O padre José Domingues nasceu no dia 27.10.1900, em Rio Casca, MG, filho de João Caetano Domingues e Mariana. Ordenou-se em Mariana, a 15.08.1924. Veio para Leopoldina em 1931, aqui permanecendo até 1949, quando foi transferido para Raul Soares, MG, onde faleceu de acidente automobilístico no dia 21 de abril de 1955. Chegou a ser monsenhor e comissário do bispado. Foi o diretor do Ginásio Leopoldinense que antecedeu ao Monsenhor Guilherme de Oliveira.

JOSÉ DOS SANTOS GUIMARÃES, Doutor, rua

(Bairro Jardim Bela Vista) – A denominação desta rua surgiu com a lei nº 3308, de 15.09.2000, projeto 95/2000 do vereador Nélson Vieira Filho. Pelo mapa de 2024, é uma das ruas do loteamento que começa na av. Jesus Moreira de Souza e termina na av. Waldir Delfim de Andrade.

José Guimarães nasceu a 23.08.1908, filho de Martinho de Campos Guimarães e Hercília Furtado Guimarães. Casou-se com Maria Giuseppina Coda, filha dos italianos Eugenio Cota e Alessandrina Maragna, com quem teve os filhos Orlando Codo Guimarães, Martha, Márcia e Marilena. Na justificativa do projeto consta que se formou em Odontologia em Ubá, MG, clinicou durante mais de 50 anos em Leopoldina e foi funcionário público por mais de 40 anos. Durante muito tempo, trabalhou no Posto de Saúde que funcionava na esquina das ruas Presidente Carlos Luz com Gabriel Andrade Junqueira. Faleceu em Belo Horizonte, onde residia, a 22.06.1990, e foi sepultado em Leopoldina.

JOSÉ DOS SANTOS SIQUEIRA CASTRO, rua

(Bairro Vila Esteves) – Foi com a lei nº 1338, de 22.02.1979, projeto 05/79, que se denominou a via que tem seu início na rua Colatino Barbosa de Castro e finda na rua Sylvio Maranha.

O projeto não identificou o homenageado e não foram localizadas referências nas fontes disponíveis.

JOSÉ EDISON LORENZETO, rua

(Bairro Alonso Tavares Nogueira Filho) – Foi a lei nº 3946, de 30.12.2010, projeto 43/2010 do vereador Ivan Martins Nogueira, que denominou essa via que começa na rua Helena Domiciano Flauzino e termina na rua Armindo Joaquim Mourão.

José Edison nasceu na fazenda da Alegria, na região da Estiva/Vargem Linda, a 25.07.1957, filho de Jair Lorenzeto e Nelsina Coli Lorenzeto. Casou-se em Leopoldina, a 30.06.1979, com Maria Aparecida de Carvalho Lorenzeto, com quem teve as filhas Michele e Dayane de Carvalho Lorenzeto. Era lavrador. Durante vinte anos trabalhou como motorista de ônibus interestadual. Foi proprietário de caminhão de cargas e transporte de mudanças. Trabalhou como radialista nas duas emissoras de rádio da cidade. Faleceu em Cataguases, a 26.08.2009.

JOSÉ EUGÊNIO DUTRA, rua

(Bairro São Cristóvão) – Seu nome surgiu com a lei nº 1542, de 12.02.1982, projeto 03/82 de autoria do vereador Ely Rodrigues Netto. É uma rua sem saída que tem seu início na praça Juscelino Kubitschek de Oliveira. Segundo a justificativa do projeto de lei, o nome desta rua surgiu por solicitação dos seus moradores que desejavam homenagear este homem que, além de ter sido um dos patronos da ideia de colocar o nome de São Cristóvão no bairro, sempre se dedicou a lutar pelos trabalhadores em geral e, em particular, pelos companheiros do sindicato dos motoristas. Esta via era geralmente conhecida como "beco da av. Clóvis Salgado".

José Eugênio Montes Dutra nasceu a 16.04.1926, em Leopoldina, filho de Sérgio Teixeira Dutra e Dulce de Castro Montes. Neto paterno e materno de pioneiros de Leopoldina. O avô materno de José Eugênio, Lino Rodrigues Montes, foi professor e desenhista de retratos. Lino era neto do pioneiro Bernardo José Gonçalves Montes. Era

casado com Milce, filha de Murilo Rodrigues Pinto, também homenageado em rua da cidade. Foi um dos fundadores do sindicato dos motoristas de Leopoldina.

JOSÉ EVANGELISTA DOS ANJOS, beco

(Distrito de Tebas) - Informação verbal diz que seria o "Beco do Sarado"

Veja José Carlos dos Anjos.

JOSÉ EVANGELISTA GUEDES, rua

(Bairro Pedro Brito Neto) – Foi a lei nº 2863, de 22.08.1996, projeto 67/96 do vereador Roque Schettino, que oficializou este nome. Tem seu início na rua Luiz Torres de Barcellos e finda na rua Ângelo Coli.

José Evangelista Guedes nasceu na fazenda Monte Redondo, em Tebas, por volta de 1944, filho de Antônio Ferreira Guedes - também nome de logradouro - e Maria Evangelista. Neto de Joaquim Ferreira Guimarães, que foi proprietário da fazenda Monte Redondo onde José nasceu. Faleceu a 08.02.1962, vítima de forte descarga elétrica (choque).

JOSÉ EXPEDITO DE OLIVEIRA, rua

(Bairro Jardim Caiçaras) – Foi a lei 4078, de 13.12.2012, projeto 76/2012 do vereador Waldair Barbosa Costa, que denominou essa via que tem início na rua Alex Coelho de Souza e finda na rua Vicente Gonçalves Marreiro.

José Expedito de Oliveira nasceu a 10.09.1931, em Cataguarino, distrito de Cataguases, MG, filho de Arcilio Francisco de Oliveira e Ana Montes de Oliveira. José Expedito casou-se a 21.04.1957 com Margarida Vargas, com quem teve cinco filhos: Maria Filomena, Paulo Roberto, Ana Lucia, Margarete e Maria Emília. Margarida era neta materna de Josué Vargas Neto e Maria Antônia de Oliveira. Josué descendia do casal pioneiro Francisco de Vargas Corrêa e Teresa Maria de Jesus. Maria Antônia, avó materna de Margarida, descendia de Antônio de Almeida Ramos e Maria de Oliveira Pedrosa e de Bernardino José Machado, formador da fazenda da Onça.

José Expedito formou sociedade com Clécio Muniz e seu irmão Heli, em 15.10.1953, fundando o "Bar do Ti Risquei". Aposentou-se em 2006 e passou a viver em seu sítio Santa Rita, nas Palmeiras. Faleceu dia 28.12.2008.

JOSÉ FRANZONE, rua

(Bairro Vale do Sol) – Foi a lei nº 3390, de 26.12.2001, projeto 63/2001, que denominou esta rua. Ela faz a ligação das ruas Francisco Schettine à rua José Pinto da Silva.

José Franzone nasceu a 17.02.1903 e foi batizado a 03.05.1903 em Abaíba; filho de Luiz Franzone e Emilia Filoti, casal natural de Torino, no Piemonte, Itália, que chegou ao Brasil em 1895 e radicou-se, inicialmente, em Recreio, MG. Posteriormente, residiram em Abaíba. Trabalhou na Cia Força e Luz Cataguases-Leopoldina, de 1922 a 1969, onde chegou a ser chefe do escritório da Companhia em Leopoldina. José Franzone casou-se a 06.05.1926 com Anathilde Spínola Franzone e com ela teve os filhos Márcio, Creusa e José Luiz. Faleceu em 25.07.1977 e sua esposa em 19.10.1979. Anatilde descendia do Professor Ângelo Lopes dos Reis, nome da praça onde está a Escola Municipal Botelho Reis (Grupo Novo).

JOSÉ FURTADO DE MENDONÇA, rua

(Distrito de Piacatuba) - Pela lei nº 793, de 01.03.1972, passa a denominar-se rua José Furtado de Mendonça a antiga rua do Comércio, no distrito de Piacatuba.

Não se tem ao certo a qual José Furtado de Mendonça foi feita a homenagem.

JOSÉ GAMA, rua

(Antigo Logradouro) – No bairro Fábrica, denominada através da lei nº 1785, de 07.03.1986, teve seu nome alterado para Romualdo Joaquim de Souza pela lei nº 1941, de 14.12.1987. Era um dos becos da Fábrica que partiam da rua Vinte e Sete de Abril e terminavam num terreno baldio por onde corria um pequeno curso d'água. Ficava entre as vias que hoje recebem os nomes de rua José René do Vale e Leopoldina Mendes.

José Gama Neto nasceu a 23.07.1903, numa das subidas da serra da Onça, na altura do Km 768 da BR 116, nos fundos do atual Hotel Santo Antônio. Foi casado com Maria Dolores da Silveira e teve onze filhos. Era ruralista. Faleceu a 15.11.1963.

JOSÉ GOMES DOMINGUES, Doutor, avenida

(Bairro São Cristóvão) – A lei nº 1262, de 13.06.1978, projeto 26/78, dá denominação de avenida a essa via pública. Nos mapas de 2000 e de 2024, ela já aparece como rua Dr. José Gomes Domingues. Tem seu início na rua Nilo Colono dos Santos e finda na av. Agnello Correa do Bem, no bairro Imperador.

José Gomes Domingues nasceu em Leopoldina, em 10.08.1906, filho do comerciante Raphael Domingues e de Idalina Gomes, ambos homenageados em logradouros. Formou-se em Direito. Casou-se com Maria do Carmo Barroso Guimarães, filha de Arsênio Tambasco Guimarães e Dinorah Barroso, neta paterna do italiano Giovanni Tambasco, que viveu em Ribeiro Junqueira. Foi Juiz de Paz, Delegado Municipal de Polícia, Deputado Estadual e Secretário de Administração do Estado de Minas Gerais no governo de Rondon Pacheco. Faleceu em 01.07.1977. Segundo a publicação "Roteiro Turístico de Leopoldina", o prédio do Fórum da Comarca também recebeu o nome do Dr. José Gomes Domingues.

JOSÉ LADEIRA CAMPOS, rua

(Distrito de Piacatuba) - A lei nº 2309, de 27.05.1991, projeto 20/91 do vereador Antônio Amâncio Valentim, deu a denominação de José Ladeira Campos a uma via pública do distrito. Segundo consta, tal logradouro era conhecido como rua Itararé.

José Ladeira Campos nasceu por volta de 1912, filho de Roberto de Paiva Campos e Maria Ladeira Campos. Neto paterno de Francisco Esmério de Paiva Campos e Francisca Albina de Souza Almada. Casou-se com Dalila Miranda Campos e com ela teve 8 filhos. José Ladeira Campos faleceu a 25.07.1987, em Piacatuba.

JOSÉ LINTZ, Professor, rua

(Bairro Mina de Ouro) – A lei nº 481, de 28.05.1963, deu nome de rua Professor José Lintz à via pública que liga a rua Três de Junho (hoje rua Prof. Joaquim Guedes Machado) à vila Gilda (hoje rua Professora Emília Levasseur Rocha), incluindo nesse percurso a atual rua São Pedro. Posteriormente, a lei nº 648, de 25.07.1968, corrigiu a indicação da lei 481 e a rua Professor José Lintz passou a ser a via pública que, partindo da rua Três de Junho (Professor Joaquim Guedes Machado), vai até a praça João Bella, no Alto da Ventania.

José Martiniano Barroso Lintz nasceu em 18.07.1870, em Aiuruoca, MG, e faleceu a 15.07.1923, em Leopoldina. Filho de Martiniano de Souza Lintz e Francisca de Souza Barroso. Segundo sua neta, a professora Maria Aparecida Lintz Machado (Cidinha), "foi compositor, professor e diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, após a morte do poeta Augusto dos Anjos. Foi casado com Inácia de Souza, filha de Manoel Ferreira da Silva e Maria Vitoria de Souza. Seus filhos: Benedito, José, Sebastião, Graziela, Agripina, Maria, Judith, Alaíde e Calíope, foram fundadores do já extinto e tradicional Colégio São José."

Sua filha Judith Lintz, nascida em 1898 e falecida em 09.03.1990, lecionou durante muitos anos na atual Escola Estadual Professor Botelho Reis (Ginásio) e foi casada com o também professor, Joaquim Guedes Machado. Casal que hoje, ele empresta seu nome a uma rua e ela, a uma importante Escola Municipal localizada no bairro Jardim Bela Vista.

JOSÉ LUIZ DA SILVA, rua

(Distrito de Providência) - A lei municipal nº 1016, de 08.04.1974, dá denominação de rua José Luiz da Silva à via pública que liga a rodovia Saturnino Braga, hoje rua Miguel Carlos de Oliveira, à rua Joaquim Tibúrcio, que fica ao lado da Praça Carlos Franco.

Não se localizou até o momento a qual José Luiz da Silva se homenageou dando nome a esse logradouro.

JOSÉ MARAZZI, rua

(Bairro Imperador) – Foi a lei nº 3374, de 12.09.2001, projeto 41/2001, que denominou essa via pública. É paralela à avenida Agnello Correa do Bem. Começa na rua Augusto de Castro e marca o limite do bairro Imperador na sua divisa com o bairro Alto da Boa Vista.

Vale registrar que uma outra rua, no Bairro Redentor, durante um curto espaço de tempo, recebeu o nome de José Marazzi, a partir da lei nº 2915, 18.12.1996, projeto 153/96 do vereador Antônio Amâncio Valentim. Posteriormente, se constatou que aquele logradouro já havia sido denominado Laert Araújo Mendonça.

José Marazzi nasceu em Abaíba, filho de José Lourenço Marazzi e Maria dos Anjos Santiago, família que provavelmente descende dos italianos Lorenzo Marazzi e Maria Chiappani que chegaram em Abaíba, em 1898. José Marazzi casou-se com Maria Aparecida Locha. Foi administrador da fazenda Niagara. Faleceu em 1980.

JOSÉ MAURÍCIO, travessa

(Bairro Rosário) – A lei nº 799, de 27.04.1972, diz "passar a denominar-se travessa José Maurício a via pública que, nesta cidade, faz a ligação das ruas Joaquim Ferreira Brito e rua Cataguases". Nos dias atuais, é a ligação da rua Joaquim Ferreira Brito à rua Dr. Ormeo Junqueira Botelho. É a antiga travessa São Vicente de Paulo, que recebeu esse nome pela lei nº 683, de 16.04.1969, e que também se chamou Ranulfo Matola, segundo consta na lei nº 799, citada inicialmente.

José Maurício da Silva Coutinho era mestre de obras e construtor.

JOSÉ MELLO DE LIMA JÚNIOR, Doutor, rua

(Bairro Popular) – É a lei nº 3620, de 20.10.2004, projeto 65/2004 do vereador Iano Salomão de Campos, que dá a denominação de Dr. José Mello de Lima Júnior à rua que se encontra identificada como Rua J. No mapa de 2024, tem seu início na Rua Francisco Luiz Pereira, passa pela praça Antônia Benta e vai terminar na lateral da pista da BR 116, como rua sem saída.

Segundo o Dr. Joaquim Custódio Guimarães (1987, p. 03-04), José Mello de Lima Júnior nasceu em 05.10.1916, em Santo Amaro, BA, filho de José Mello de Lima e Maria Amália de Lima. Casou-se com Eunice Medina Lima. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1940. Foi interno da Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas da Faculdade de Medicina da Bahia. Fez curso para Oficial do Exército Brasileiro em 1943. Em 1950, frequentou o Curso Intensivo de Gastrenterologia no Hospital São Lucas, no Rio de Janeiro. Em julho de 1966, publicou: "Duodenite e Colecistopatias no Curso da Strongioidosa". Em 1967, recebeu o diploma de Membro Correspondente do Conselho Médico em Psiquiatria. Foi sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Psiquiatria. Era da Associação Médica de Minas Gerais e da Associação Médica Regional de Leopoldina. Fundou e dirigiu a Clínica Psiquiátrica São José, em Leopoldina, que funcionou ao lado do Santuário de São José. Faleceu em 30.06.2000.

JOSÉ MONTEIRO REZENDE SOBRINHO, escadaria

(Arraial dos Montes) – Foi a lei nº 2057, de 20.03.1989, projeto 14/89 do vereador Antônio Rodrigues César, que denominou essa escadaria. Ela parte da rua Luiz Maimere, junto à praça José Carlos de Freitas Ramos e sobe até a Igreja.

José Monteiro Rezende Sobrinho nasceu na fazenda Ladeira, no dia 01.04.1870, distrito de Abaíba, nas proximidades do Arraial dos Montes. Informações orais dão conta de que era ativo participante da vida no Arraial. Era filho de Marcos Monteiro de Rezende e Amélia Maria de Rezende, ambos de família procedente da região de Prados, com o parentesco ainda não definido. Casou-se com Maria do Carmo Rezende, filha de seu tio paterno Domiciano Monteiro de Rezende e Maria José de Lara. O casal teve 11 filhos: Amélia (1898), José (1900), Maria José (1902), Corina (1904), Maria (1906), Sebastião (1907), João (1910), Jandira (1912), Geraldo, Nair (1913), e Pedro (1920).

José foi condômino da fazenda do Sossego, formada por Bernardo José Gonçalves Montes, e da fazenda Boa Vista, formada pelo genro de Bernardo, Domingos Marques de Oliveira, em uma fração da Sossego que lhe coube no inventário do sogro. José Monteiro Rezende Sobrinho faleceu em 1935.

JOSÉ NELSON REIS JUNQUEIRA, conjunto habitacional

(Bairro Cidade Alta) – A lei nº 3957, de 24.03.2011, projeto 04/2011 do vereador Ivan Martins Nogueira, dá denominação ao conjunto, mas não indica a sua localização.

José Nelson Reis Junqueira nasceu em Leopoldina, a 23.11.1918, filho de Tomé de Andrade Junqueira e Iria Reis Junqueira. Casou-se com Odete Pinto de Almeida, filha de Avelino José de Almeida e Nelsina de Medeiros Pinto. José Nelson e Odete são os pais de Neida, Nilson, Nilma, Neise, Nivaldo e Norma. A filha Nilma é casada com o ex-vereador, prefeito e deputado Benedito Rubens Renó Guedes (Bené Guedes). E Neise era casada com Carlos Magno Gesualdi Barbosa (Maguinho), que empresta o nome a um logradouro da cidade. José Nelson era agropecuarista e faleceu a 06.06.1994, em São Paulo, SP.

JOSÉ PAULINO DOS REIS, vila

(Bairro Quinta Residência) – Foi a lei nº 1722, de 21.02.85, projeto 05/85 do vereador Benedito Rubens Renó Guedes, que deu denominação a essa vila construída em terrenos da família do homenageado, entre os números 621 e 627, da rua Antônio Fernandes Valentim.

José Paulino dos Reis, nascido em 1902, em Leopoldina, faleceu em 1968. Era filho de Paulino José de Brito Reis e Maria de Jesus Reis. Foi casado com Sebastiana, pai de três filhos, um deles, Paulino de Souza Reis, que também é nome de rua da cidade.

JOSÉ PAULO LUPATINI, Doutor, rua

(Bairro Nova Leopoldina) – O nome dessa via surgiu com a lei nº 2975, de 16.10.1997, projeto 64/97 do vereador Nélson Vieira Filho. A via tem seu início na rua Aloísio Soares Fajardo e finda na rua Dom Gerardo Ferreira Reis. Fica entre as ruas Silvio Vitói e Dr. Hélio Guimarães França. No mapa de 2024, ela aparece com o nome de Dr. José Lupatini.

José Paulo Batista Lupatini nasceu em Leopoldina, por volta de 1948, filho de José Pedro Lupatini e Rute Batista. Neto paterno de Giuseppe Pietro Lupatini e Maria Laecticia Campana. Ele, filho dos italianos Giovanni Lupatini e Maria Zanetti, moradores dos lotes 30 e

39 da Colônia Agrícola da Constança. Ela, filha dos italianos Giovanni Primo Campana e Pasqua Angela Macchina. Segundo informações orais, deixou os filhos Carolina, Paula, Nara e José Paulo. Era médico pediatra e foi vereador. Faleceu em Belo Horizonte, a 24.05.1996, e foi sepultado em Tebas.

JOSÉ PEDRO, rua

(Bairro Dr. Joaquim Guimarães) – A lei nº 1996, de 15.09.1988, projeto 56/88 do vereador Roque Schettino, dá denominação à via pública, sem saída, que tem seu início na rua Cel. João Lau, próxima à praça Júlio Barbosa. É paralela à rua São Paulo.

José Pedro Antônio nasceu e faleceu em Leopoldina. Era filho de Pedro Antônio e Brasilina Dalito. Foi motorista da Prefeitura.

Provavelmente, os nomes corretos de seus pais foram Antônio Samorè e Brasilina Dalto, filha do italiano Nicolao Dalto e Edwiges de Souza Reis. Nicolao era funileiro e foi citado por Luiz Rosseau (1979, p. 216) como tendo feito as "caixas de memória" que eram enterradas nos alicerces das construções importantes, contendo documentos variados, inclusive jornaisl da época. No caso, Nicolao fez as caixas para os prédios da Casa de Caridade e do Fórum. Já Antônio Samorè era filho dos italianos Filippo Samorè e Giulia Estagnano; ele, natural de Brisighella, Ravenna, Emilia Romagna, Itália. Antônio Samorè nasceu em Leopoldina, a 22.08.1898.

JOSÉ PEREIRA DA CRUZ, rua

(Bairro Imperador) – A lei nº 4481, 13.09.2019, projeto 41/2019 do vereador Ivan Martins Nogueira, dá denominação à via pública que tem seu início na rua Renato Monteiro Junqueira e finda na av. Agnello Correa do Bem.

José Pereira da Cruz era mais conhecido como Dedé Guilherme. Nasceu a 30.06.1932, em Ribeiro Junqueira, na comunidade dos Lombas. Filho de João Francisco da Cruz e Ana Pereira. Casou-se com Sebastiana dos Santos Cruz, Dona Fiinha, com quem teve 9 filhos. Viúvo em 1982, casou-se uma segunda vez, em 1990, com Nilcinéa de Gouvêa Nicolau da Cruz. Trabalhou na zona rural e na construção civil em Leopoldina, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Foi funcionário público municipal em Ribeiro Junqueira e no distrito sede do município. Sanfoneiro, gostava de Folia de Reis até se tornar evangélico. Faleceu a 13.06.2017 e foi sepultado em Ribeiro Junqueira.

JOSÉ PERES, rua

(Bairro Centro) – Tem seu início na praça Félix Martins, junto à Casa de Leitura Lya Maria Müller Botelho, e vai terminar no portal norte da cidade. Parte dela, a partir da praça Francisco Pinheiro Correia de Lacerda até o trevo da BR-116, na saída para Laranjal, é o antigo leito da rodovia Rio-Bahia. Está, nesse trecho, inclusive, o marco da abertura da rodovia Rio-Bahia de Leopoldina à Muriaé, inaugurado pelo presidente da República Getúlio Dorneles Vargas, em 1939.

Luiz Eugênio Botelho (1967) diz: "Entre uma das alas do Grupo Escolar (Ribeiro Junqueira) e o prédio da antiga residência do Dr. Ribeiro Junqueira, foi batida em 1936, após a solenidade de benção ministrada pelo padre José Domingues Gomes, a primeira estaca da construção do trecho Leopoldina-Muriaé, da estrada Rio-Bahia." Trata-se do marco de pedra existente nas proximidades do muro da casa que serviu de residência aos engenheiros do DNER e, hoje, é parte do CEFET.

José Perez Alvarez, o José Peres aqui homenageado, foi um imigrante espanhol e trabalhador rural do interior de Minas. Adquiriu a licença para fornecimento de madeira para a Estrada de Ferro Leopoldina por Carta de Adjudicação, de 07.04.1923, no processo de Arrolamento de Bens de Sebastião Luiz de Freitas, do qual foi arrolante para recebimento de dívidas do falecido. Casado com Maria Ester Rezende, com quem teve os filhos Jother, Maria Joterlina, Nair Nilza, José, Rubens, Omar, Gilberto, Dermeval, Roberto e Délio Resende Peres. Dermeval, foi comerciante na rua Custódio Junqueira; José, foi secretário de agricultura do estado do Rio de Janeiro e teve seus textos publicados em jornal reunidos no livro "Milho para Milhões" pelo sobrinho Omar Rezende Peres Filho; e Omar Rezende Peres foi comerciante, candidato a prefeito de Leopoldina e é nome de logradouro na cidade e no distrito de Tebas. José Perez Alvarez faleceu a 07.10.1944, em Leopoldina.

JOSÉ PINTO DA SILVA, rua

(Bairro Vale do Sol) – Foi através da lei nº 3319, de 06.11.2000, projeto 108/2000 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida, que esta rua recebeu a denominação atual. Tem seu início na rua Luiz Capdeville Ribeiro e finda depois de passar a esquina da rua José Franzone.

José Pinto da Silva nasceu a 11.01.1915, em Ubá, MG, filho de João Pinto da Silva e Luzia Passarele. Casou-se com Luzia Boline da Silva e com ela teve 12 filhos. Começou como

taxista, foi proprietário de caminhão de transporte de petróleo e da Viação Queiroz, ônibus que faziam as linhas de Leopoldina para Cataguases e Muriaé. Militou no Partido Republicano e foi funcionário público municipal de 1962 até a sua morte. Faleceu a 08.10.1973, em Leopoldina.

JOSÉ PIRES, praça

(Bairro Bela Vista) – Seu nome surgiu com a lei nº 2823, de 21.03.1996, projeto 21/96 do vereador Romero Nogueira. É a praça que fica no final das ruas Acácio Serpa e Ribeiro Junqueira, no início da avenida dos Expedicionários, junto ao viaduto da BR-116.

José Pires nasceu por volta de 1912, em Leopoldina, filho de Manoel e Florentina da Costa Pires. Era casado com Maria Nazaré Wenceslau. Faleceu em Pindamonhangaba, SP, no Km 267 da Rodovia Dutra, em 04.01.1963.

JOSÉ PIRES, rua

(Bairro Pirineus) – A lei nº 911, de 04.07.1973, deu denominação de rua José Pires à via pública localizada no Alto dos Pirineus, que tem seu início na rua Maçonaria, passa pela praça Aurélia Gonçalves de Assis e finda na praça Mário Malaquias.

José Teixeira Pires, aqui homenageado, era um antigo "chofer de praça" (taxista), popularmente conhecido por "Pangaré". Morava na região das Tabocas ou, no Alto dos Pirineus, e fazia ponto na praça General Osório, onde está, hoje, o Banco do Brasil.

JOSÉ POLICIANO DA SILVA, rua

(Bairro Popular) – A denominação desta rua ocorreu a partir da lei nº 3334, de 19.12.2000, projeto 121/2000 do vereador Nélson Vieira Filho. Ela começa na rua José Mello de Lima Júnior e termina na rua Pedro Teodoro Batista.

José Policiano da Silva nasceu a 17.03.1909, em Argirita, filho de Sebastião Policiano da Silva e Carlota Rita de Campos. Neto paterno de outro José Policiano da Silva casado com Flausina Mariana e, por ele, bisneto do fazendeiro falecido em Tebas, em 05.01.1898, Azarias Antônio da Silva casado com Lauriana. Azarias era filho de Mizael Antônio da Silva e Ana Bernardina, proprietários de terras em algumas fazendas de Argirita.

José Policiano da Silva, o homenageado, casou-se, em Piacatuba, com Neli Soares, com quem teve os filhos Mirtes e Claudiomiro. Este José Policiano da Silva e os seus dois filhos foram funcionários da prefeitura de Leopoldina. Ele faleceu, em 15.07.1986, em Leopoldina.

JOSÉ RENÊ DO VALE, beco

(Bairro Fábrica) – Seu nome oficial aparece com a lei nº 2422, 13.08.1992, projeto 48/92 do vereador Antônio Amâncio Valentim. É um antigo "beco da Fábrica", o segundo da rua Vinte Sete de Abril no sentido da praça Zequinha Reis para o bairro de Fátima. Começa na rua Vinte e Sete de Abril e termina como via sem saída.

José Renê do Vale nasceu em Leopoldina, a 07.07.1925, filho de João Rodrigues do Vale e Odília Dutra. Era casado com Nair Nicolau com quem teve 4 filhos: José Antônio, Maria Ignez (Louzada), Odília (Colle) e Ivone (Siqueira). Durante muito tempo, foi taxista em Leopoldina. Faleceu em Leopoldina, a 06.02.1979.

JOSÉ RODRIGUES WERNECK, rua

(Bairro Pedro Brito Neto) – Esta rua recebeu denominação oficial pela lei nº 3138, de 23.04.1999, projeto 83/98 do vereador Cícero Rodrigues da Silva. Pelo mapa de 2024, começa na rua Lourenço Euzébio Augusto e, depois de passar pela rua Luzia Bonin, finda na rua H.

José Rodrigues Werneck nasceu a 30.09.1930, em Leopoldina, filho de Maria das Dores Rodrigues e João Pereira Werneck. Casou-se com Antônia de Paula e teve com ela 4 filhos: Marina da Paz, José Antônio de Paula, Antônio de Paula e Conceição Aparecida de Paula Werneck. Trabalhou sempre em açougues, no mercado e no matadouro municipal da cidade. Faleceu a 11.05.1994.

JOSÉ SILVA, rua

(Bairro Centro) – A lei nº 913, de 04.07.1973, é a que deu denominação de José Silva à via pública que, partindo da praça General Osório, segue paralela ao antigo leito da linha férrea e vai até o entroncamento com a rua Padre Júlio. Nos dias de hoje, ela é o calçadão que liga a praça General Osório à praça Átila Lacerda da Cruz Machado.

José Silva era um respeitado técnico em eletrônica, que mantinha uma oficina e ponto de comércio de aparelhos eletrônicos na rua que recebe o seu nome.

JOSÉ SILVÉRIO DA SILVA, beco

(Bairro Alto dos Pirineus) – A lei nº 2341, de 19.09.1991, projeto 53/91 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida, dá denominação de José Silvério da Silva ao beco que tem início no lado direito da rua Joaquim Furtado de Meneses e sobe na direção da rua General Olímpio Mourão Filho.

José Silvério da Silva nasceu a 09.06.1917, em Piacatuba, filho de Silvério José da Silva e Felisbina do Nascimento. Casou-se com Geralda Francisca com quem teve os filhos: Maria Lúcia, Maria José, Maria da Conceição, Silvério José, Balduino José, José Geraldo, Maria Heloisa, Romualdo José, Maria Izaias, Maria Laíde e Joana Darc. Era bombeiro hidráulico e funcionário público municipal. Faleceu em 20.10.1988, em Leopoldina.

JOSÉ TAVARES, Major, rua

(Distrito de Tebas) – Esta rua é citada na lei nº 2910, de 12.12.1996, como sendo o início da Rua Oscar de Souza Ávila, o que leva a supor que possa ser uma das alças do trevo da BR 267.

Não foi encontrado o projeto nem outra informação que permitisse identificar o homenageado.

JOSÉ TOMÉ, CAPITÃO, rua

(Distrito de Tebas) - A lei nº 533, de 15.09.1964, deu nome de Capitão José Tomé à via do distrito até então conhecida como rua "Doze Bicos". É a saída do distrito para os lados da comunidade dos Valverdes, para o distrito de Piacatuba e para o Caminho do Imigrante.

O logradouro homenageia José Martins de Oliveira Tomé, falecido por volta de 1921, no distrito de Tebas. Era casado com Maria Bárbara com quem teve os filhos José Tomé Júnior casado com Ana Ávila, radicado em Cordeiro, RJ; Antônio Martins da Paz Oliveira (ou Antônio de Oliveira Tomé) casado com Josefina, filha de Azarias Antônio da Silva e Lauriana Flauzina de Jesus; e Maria Jesuína de Oliveira Tomé, falecida antes do pai e casada com Rodolfo Antônio da Silva, irmão de sua cunhada Josefina. Ressalte-se que, entre os netos de José Tomé, Olavo, filho de Josefina e casada com Maria do Carmo de Angelis, foi pai de Maria Amália de Angelis Tomé, casada a primeira vez com Omar Rezende Peres, nome de logradouro em Tebas e em Leopoldina.

Interessante observar que o inventário de José Tomé informa que ele residia na rua da Cruz da Maria Preta, topônimo que faz parte da memória cultural dos moradores de Tebas. Segundo nosso confrade Elias Fajardo da Fonseca, refere-se a uma cruz existente na saída de Tebas para Piacatuba, do lado direito, a qual lembra uma pessoa escravizada cujo nome teria sido Maria Preta.

JOSÉ WENCESLAU ARANTES JUNQUEIRA, rua

(Bairro Chico Bastos) – Surgiu com a lei nº 1514, de 06.08.1981, projeto 27/81 do vereador José Américo dos Santos Lima. No loteamento Chico Bastos, é a que parte da avenida Getúlio Vargas, nas proximidades dos terrenos de Antônio Zaquine, e vai até o final do loteamento. Começa na avenida Getúlio Vargas, na altura do número 575 e, pelo mapa de 2024, embora com o nome grafado erradamente, segue para o interior do futuro loteamento. É a rua onde está a entrada da Câmara Municipal.

José Wenceslau Arantes Junqueira nasceu a 13.08.1862, filho de Custódio Ribeiro Junqueira e Lauriana Ribeiro Arantes. Casou-se com Maria Botelho Junqueira, com quem teve os filhos: Helena casada com Francisco de Andrade Bastos (Chico Bastos), Francisco casado com Erenita Silva; Araci; Nair casada com Dirceu Barbosa de Miranda; José Wenceslau casado com Maria Jurema Chaves e Ana Botelho Junqueira casada com Francisco Teodoro Junqueira.

O homenageado era fazendeiro. Segundo consta, veio de Silvestre Ferraz, atual Carmo de Minas, MG, fixou residência na fazenda Luziânia para onde trouxe reprodutores de cavalos manga larga marchador. Faleceu a 17.05.1905, em Leopoldina.

JOSÉ, SÃO, bairro, praça, rua e vila

(Antigo Logradouro) **– Bairro -** Ver referência a este bairro em Agostinho Silvino Teixeira de Rezende, no Bairro Três Cruzes. São José era o nome de uma granja que existia naquele local.

(Bairro Alto do Cemitério) **– Praça -** Diz a lei nº 97, de 18.02.1950, que passa a denominar praça São José o logradouro formado pela confluência das ruas Fajardo com a rua Boa Vista e a estrada para Cataguases (atual rua Fajardo), nesta cidade, local antes denominado largo do Cemitério.

(Antigo Logradouro) – **Rua** - O nome dessa rua surgiu com a lei nº 466, de 27.03.1963, que "deu nome de rua São José, no bairro Arthur Leão, à via sem nome que, partindo do Seminário, segue em direção de seus terrenos, passando pelas casas de propriedade de D. Amália Cortes, Osmar Paixão de Paula e outros." Mas, essa rua não consta no mapa da Prefeitura. E o que se conseguiu apurar é que, dez anos depois da lei que a nomeou, outro dispositivo legal, a lei nº 898, de 15.05.1973, deu "denominação de rua Professora Conceição Soares Monteiro de Castro à via pública que começa na esquina em que se encontra o Anexo do Colégio Estadual, no bairro do Seminário", sem indicar que estava trocando o nome da antiga rua São José.

(Bairro Praça da Bandeira) **– Vila -** Fica no lado esquerdo da rua Professora Emília Levasseur Rocha, junto ao nº 373. São doze casas construídas por José Machado Fernandes, que ficou popularmente conhecido como o carpinteiro Juca Machado, segundo sua sobrinha Rita. É também referido como Beco do Juca Machado, que desce até as margens de um pequeno curso d'água que vem dos lados da Vila Miralda.

JOSEFA DE OLIVEIRA SILVA, praça

(Bairro São Cristóvão) - A lei nº 4509, de 28.02.2020, projeto 01/2020 do vereador José Ferraz Rodrigues, dá denominação ao logradouro público localizado entre as ruas Funchal Garcia, professor Paulo Ramos Pinto, Nilo Colono dos Santos, Carlos Schettino e Omar Resende Peres.

Josefa de Oliveira Silva, carinhosamente conhecida como Zilinha, era natural de Ribeiro Junqueira, esposa de José Alves da Silva, o Zé Minhoca. Mãe do ex-vereador José Mangabeira da Silva. Durante muito tempo residiu na Praça da Bandeira, na rua Joaquim Murtinho. Faleceu em 1969. Teve 8 filhos.

JOVENS GUILHERME, LUIZ CELSO E ÂNGELO, rua

(Bairro Centro) – Seu nome surgiu com a lei nº 945, de 17.10.1973, e homenageia três jovens que faleceram, em 08.09.1973, vítimas de um acidente automobilístico que comoveu boa parte dos leopoldinenses. Liga as ruas Presidente Carlos Luz à Olivier Fajardo.

- Guilherme Barbosa Côrte Real, nascido 11.04.1955, em Leopoldina, era filho de Aslia Barbosa e William Nogueira Corte Real, sendo neto materno de Emília Pires e Ilastimphilo Barbosa Netto e neto paterno de Hermínia Nogueira e Vital Cysneiros Côrte Real.

- Luiz Celso Ienaco de Castro era filho de Sebastião de Castro e Ema Iennaco. Sebastião era filho de Sebastião Teixeira de Castro e Dulce, neto paterno de José Augusto Teixeira de Castro e Francisca Almeida de Almeida, ela descendente do casal pioneiro Manoel Antônio de Almeida e Rita Esméria de Jesus. Emma Iennaco era filha de Rafael Iennaco e Juraci Gesualdi, ele filho dos italianos Lorenzo Iennaco e Emma Sparanno e ela filha de Miguel Gesualdi e Laura Pacheco, sendo neta paterna dos italianos Antonio Maria Gesualdi e Eleonora Viola.

- Ângelo Pereira Gesualdi era filho de José Gesualdi e Eurídice Pereira, neto paterno de Miguel Gesualdi, antes citado, também homenageado em logradouro da cidade.

JUAMIRO MOURA MENDONÇA, rua

(Bairro Centro) – A lei nº 1682, de 10.09.1984, projeto 37/84 do vereador Benedito Rubens Renó Guedes, dá denominação de Juamiro Moura Mendonça à via pública desta cidade que, começando na rua Belizário Oliveira Silva, segue paralela ao ribeirão Feijão Cru na direção da avenida Getúlio Vargas. Hoje, ainda é uma rua sem saída, que fica entre a rua Custódio Junqueira e o ribeirão, nas proximidades do clube do Moinho.

Juamiro Moura Mendonça nasceu em 14.07.1926, filho de Francisco de Rezende Mendonça e Cinira de Moura Neves, casados a 29.10.1919, em Leopoldina. Juamiro casou-se com Maria da Aparecida Barros Mendonça. Trabalhou no ramo de hotelaria (Juamar Hotel), na rua José Silva, no centro da cidade.

Era neto paterno de José de Rezende Mendonça e Jacinta de Jesus Cimbron, ambos naturais da Ilha de São Miguel, nos Açores. E, neto materno de José de Moura Neves Filho, natural de Valença, RJ, e Ambrosina Cândida de Oliveira Martins, leopoldinense, filha de José Antônio de Oliveira Martins e Emilia Carolina Werneck. José de Moura era engenheiro agrimensor, foi engenheiro da prefeitura, além de redator e proprietário do jornal Gazeta de Leste.

Juamiro era irmão de Joaracy, também homenageado em logradouro da cidade.

JUAREZ MESQUITA ALVAREZ, rua

(Bairro Imperador) – Foi a lei nº 4537, de 11.09.2020, projeto 43/2020, do vereador Sebastião Geraldo Valentim, que nominou essa via. Ela começa na praça da Liberdade junto

à rua José Pereira da Cruz e segue paralela à rua Geraldo dos Santos Ponté até o limite do bairro.

Juarez Mesquita Alvarez era mais conhecido por "Juarez Espanhol" pelo fato de seu pai ter nascido na Espanha. Nasceu em Leopoldina, a 02.05.1955, filho de Anselmo Alvarez e Maria Luiza Mesquita Alvarez. Em 1977, casou-se com Maria Luiza Monteiro de Castro, com quem teve os filhos Rafael e Rodolfo. Criado no bairro Fortaleza, começou a trabalhar com o pai como motorista e comerciando melaço e carvão. Faleceu a 17.05.2017.

JÚLIA DOS REIS COUTINHO, rua

(Bairro Jardim Bandeirantes) – A lei nº 3839, de 20.08.2008, projeto 39/2008 do vereador Lúcio Fonseca Cesar, dá denominação à via pública desta cidade que liga os bairros Jardim dos Bandeirantes e Alto do Cemitério. Estende-se do prolongamento das ruas Oto Lacerda França e Rafael Gorrado à rua Fajardo, nas proximidades do trevo da BR 116.

Júlia dos Reis Coutinho nasceu a 22.04.1906, em Leopoldina, filha de Ricardo dos Reis Coutinho e Maria Cândida Sabino. Neta paterna de Moisés dos Reis Coutinho e Josefa Maria de São José. E, neta materna de José Sabino Moreira e Maria Cândida de Jesus. Seu pai era proprietário rural em um sítio que divisava com a fazenda Desengano. Júlia faleceu a 14.04.1997.

JÚLIO BARBOSA, praça

(Bairro Eldorado) - Diz a lei nº 2001, de 15.09.1988, projeto 62/88 do vereador Roque Schetino, que passa a denominar-se praça Júlio Barbosa o logradouro público localizado entre as ruas Cel. João Lau, José Pedro e Paulo Sérgio Resende.

Júlio Barbosa nasceu a 28.02.1912, em Piacatuba, filho de Baldoino Barbosa e Jovita Pires Barbosa. Casou-se em 30.01.1935, com Miralda Henriques Barbosa, em São João Nepomuceno, MG, e, com ela, teve os filhos Ruy, Dante, Jairo e Pedro Henriques Barbosa. Foi comerciante e gerenciou a antiga Casa Carcacena. Durante algum tempo, possuiu uma chácara no local onde está a praça que recebeu seu nome. Faleceu em 14.02.1984.

JÚLIO CARRARO, rua

(Bairro Jardim Bandeirantes) – Seu nome atual surgiu com a lei nº 1182, de 13.05.1977, projeto 20/77 do vereador Antônio Carlos Ferreira de Almeida. Liga a rua Adauto Neto à rua João Malaquias.

Filho dos italianos Emidio Isidoro Carraro e Maria Farinazzo, nasceu em 1900, em Leopoldina e, a 27.10.1923, casou-se com Arminda Fofano, filha de Pasquale Domenico Fofano e Olivia Meneghetti. Foram seus filhos José, Elzira, Maria Olídia, Sebastião Ely casado com Maria da Penha Monteiro, Antônio Edes e Jurandir Eduardo casado com Celia Zachini. Durante muitos anos, foi agricultor e possuiu uma propriedade na localidade conhecida como Macuco, na saída para Laranjal, MG.

JÚLIO CÉSAR DA SILVA, rua

(Distrito de Tebas) – A lei nº 2842, de 20.06.1996, projeto 45/96 denomina rua Júlio César da Silva a via que liga a rua Major Honório José Ferreira à rua Major Antônio Alves Tavares, ao lado da praça Joaquim José Barbosa de Miranda.

Provavelmente, é o que nasceu a 02.05.1916, em Tebas, filho dos primos Galdino César da Silva e Maria José Vilas Boas. Era sobrinho do José César da Silva, autor de "Memórias de um Tebano" e pai do poeta e escritor modernista Guilhermino César. José César era irmão de Olimpia César da Silva, casada com José Martiniano Vilas Boas, e pais de Maria José Vilas Boas.

JÚLIO CÉSAR HONORATO NORTE, rua

(Bairro Alto da Ventania) - A lei nº 4178, de 27.05.2014, projeto 16/2014 do vereador Ivan Martins Nogueira, dá denominação de Júlio César Honorato Norte à rua J.

Júlio César Honorato Norte nasceu a 06.05.1983, filho de Antenor César Norte e Helena do Carmo Honorato. Neto paterno de Nestor Norte e Tereza Miguel. Morou no Beco Santo Antônio nº 28, na rua Xavier de Souza, Alto da Ventania. Casou-se com Ana Paula Salvador Pedroni, no dia 07.07.2007, e passou a morar na rua Laert Araújo Mendonça. Faleceu no dia 01.07.2012, em consequência de um acidente de trânsito na BR 116 km 761. Não deixou filhos.

JÚLIO MONTEIRO DE BARROS, rua

(Distrito de Providência) - A lei nº 999, de 08.03.1974, dá denominação de Júlio Monteiro de Barros, ao trecho da rua Joaquim Tibúrcio que vai da praça Carlos Franco até a praça Marco Aurélio.

Embora não se tenha documento que comprove, há uma suspeita de que a homenagem seja ao filho de Aurélio de Souza Monteiro de Barros e Francisca Carolina Domingues, nascido em Providência, em 12.01.1885. Neto paterno de Júlio César de Miranda Monteiro de Barros e Emiliana de Souza Breves. Foi casado com Maria Rocha, sendo pais do Ary Monteiro de Barros que é nome de logradouro no mesmo distrito.

JÚLIO, Padre, rua

(Bairro Centro) – Nas pesquisas realizadas até aqui não se localizou lei sobre a denominação dessa rua. Mas, existem inúmeras citações dela em documentos oficiais que falam da sua existência. Ela começa na praça Átila Lacerda da Cruz Machado e termina na praça Dom Helvécio. É a rua do Hospital (Casa de Caridade Leopoldinense).

É uma homenagem ao padre Júlio (Giulio) Fiorentini, nascido no dia 24.05.1850, e que veio para Leopoldina em 1896, aqui permanecendo até sua morte, no dia 08.05.1924. Padre Júlio, como ficou conhecido, esteve à frente de diversas obras meritórias em Leopoldina. Junto ao padre Felix Poinsot, inaugurou a Nova Escola, em 1908, um instituto de estudos secundários dedicado à formação dos moços para trabalhos teóricos e práticos de agricultura, assim como para as letras e para a carreira eclesiástica. Em 1922, por influência sua, foi fundado o Patronato para meninas carentes, instituição que só veio a ser inaugurada a 24.05.1946, com o nome de Patronato (Orfanato) Dona Lenita Junqueira. A Gazeta, de 13.03.1898, informa que, em 06.03.1898, foi instalada a Comarca Eclesiástica de Leopoldina, criada pelo Bispo de Mariana, D. Silvério Gomes Pimenta, sendo pároco o padre Júlio Fiorentini. Nos livros paroquiais de sua época, bem como nas atas de visitação às paróquias dos distritos, observa-se que era muito exigente. Por ocasião da rejeição manifestada pelos paroquianos de Piacatuba a um padre que lhes dava assistência, o padre Júlio esteve no distrito e deixou suas observações bem explicadas no livro daquela Igreja.

JURANDIR TOLEDO, rua

(Bairro Serra Verde) – Não foi localizada a lei que denominou essa via. Era pecuarista, descendente de família muito ligada às atividades rurais do município. Foi proprietário das terras onde hoje se desenvolve o bairro em que foi aberta esta rua.

JUSCELINO KUBITSCHECK, praça

(Bairro São Cristóvão) – Foi a lei nº 1500, de 07.05.81, projeto 12/81 dos vereadores Ely Rodrigues Netto e Jair de Almeida Lacerda, que deu nome à praça que fica entre as ruas Nilo Colono dos Santos, Dário Lopes Faria e José Eugênio Dutra.

Juscelino Kubitscheck de Oliveira era natural de Diamantina, MG, onde nasceu em 1902. Trabalhou nos Correios e foi capitão médico da Polícia Militar de Minas. Ingressou na vida política tendo exercido os cargos de prefeito de Belo Horizonte, deputado estadual e federal, governador do estado, senador e Presidente da República. Foi o criador de Brasília e fez um governo voltado para o desenvolvimento do país. A ele, se deve a construção das usinas hidrelétricas de Furnas e Três Marias. Foi cassado em 1964 e faleceu em desastre automobilístico na via Dutra (Rio-São Paulo).

JUSTINIANO ANTÔNIO DA FONSECA, rua

(Distrito de Tebas) – Diz a lei nº 29, de 05.11.1948, que passa a denominar-se Justiniano Antônio da Fonseca, a antiga rua do Conselho. Ela começa na praça Carlos Vieira de Oliveira e termina na ponte a partir da qual começa a rua Omar Resende Peres. É a rua da antiga saída para Argirita. Suas casas antigas lembram um pouco do passado do distrito.

Justiniano nasceu a 03.05.1887, em Santa Bárbara, MG, filho de Guilhermino Antônio da Fonseca e Maria Rosalina Guedes e neto paterno de um homônimo. Era casado com Olga Antunes. Em 1933, Justiniano era condômino do Sítio da Onça e, em 1936, era presidente da Câmara Municipal de Leopoldina. Foi pai de Justiniano, Geraldo, Sebastião que foi oficial do Cartório de Registro Civil de Leopoldina, Celina, Custódio, Wilson e Mauro Antunes da Fonseca. Faz parte da grande família Fonseca radicada em Tebas, com vários parentes sendo homenageados em logradouros do distrito e da sede municipal.

JUVENAL CARNEIRO, rua

(Bairro Fábrica) – A lei nº 484, de 26.07.1963, deu denominação à via que partindo da rua Vinte e Sete de Abril, em frente ao prédio da antiga Cia Fiação e Tecelagem Leopoldinense, segue na direção da rua Manoel Lobato, aonde chega depois de atravessar o Ribeirão Feijão Cru.

Segundo seu filho Erymá, em "Do Lombo de Burro ao Computador", Juvenal Lúcio de Andrade Carneiro nasceu em Rio Preto, MG, a 15.04.1871, e faleceu, no Rio de Janeiro, RJ, a 14.10.1931, deixando viúva D. Honorina Antunes Vieira e dez filhos que têm seus nomes iniciados por letras que formam "Minas Geraes" (Moacir, Ierecê, Nahumá, Araci, Suiquire, Guaraci, Erimá, Rudá, Apalaís, Erundi e o caçula de quem não temos o nome).

Juvenal era filho de Antônio Teodoro de Sousa Carneiro e Amanda Malvina de Andrade, conforme a "Genealogia dos Resendes", de Oswaldo de Rezende. Seu pai foi proprietário do Hotel Carneiro, na então Rua Primeiro de Março, e tinha propriedade rural em Itapiruçu, à época distrito de Leopoldina. Juvenal tinha 14 irmãos. Uma de suas irmãs, Maria da Glória, casou-se em 1886, em Leopoldina, com Achilles Hercules de Miranda que era professor do Atheneo Leopoldinense e, mais tarde, foi um dos fundadores do Instituto Lafayette, no Rio de Janeiro. O casal Achilles-Maria da Glória são bisavós dos poetas e escritores Pedro, Aquiles e Joaquim Branco Ribeiro Filho, de Cataguases.

O professor Juvenal Carneiro residiu em Leopoldina durante muitos anos onde se tornou figura de destaque. Trabalhou durante quinze anos na Casa Bancária Ribeiro Junqueira depois, Banco Ribeiro Junqueira, exercendo a função de contador. Foi um dos doadores de obras para a Biblioteca Leopoldinense, criada em 1905, por um grupo de intelectuais arregimentados pelo juiz Custódio de Almeida Lustosa. Era professor de Escrituração Mercantil no Ginásio Leopoldinense. Foi Agente do Correio em Leopoldina. Em 1920, lançou o livro "Arithmetica Commercial e Tratado Pratico de Machinas". Foi diretor do Curso Comercial Afonso Vizeu, também em Leopoldina. Em 1927, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde lançou, com o filho Erymá, o "Tratado de Contabilidade" e, dois anos depois, o livro "Contabilidade Rural". No Rio, além de suas atividades de escritor e contabilista, foi professor no Instituto Lafayette.

LETRA L

LACERDA, beco

(Bairro Jardim Caiçaras) – Começa na avenida Jehu Faria, na antiga chácara do Custódio Lacerda, local onde residiram descendentes dessa família pioneira de Leopoldina. Fica entre as ruas Nízia Lacerda Zaquine e Custódio Lacerda.

O sobrenome Lacerda faz parte da história da cidade. Foram dois de seus representantes os beneficiados com as sesmarias localizadas às margens do Feijão Cru: os irmãos Fernando Afonso Corrêa de Lacerda e Jerônimo Pinheiro de Lacerda. Os beneficiados não vieram tomar posse das terras, optaram por designar dois de seus sobrinhos para o cumprimento do que determinavam as cartas de sesmaria. Ou seja: ocupar, plantar e povoar. Assim é que, cerca de 10 anos após terem recebido as terras, seu sobrinho Francisco Pinheiro Corrêa de Lacerda iniciou a divisão e venda daquelas sesmarias e de outras terras de que havia se apossado. Como já foi dito em outra parte deste trabalho, Francisco era genro de Joaquim Ferreira Brito, comprador da parte onde formou a fazenda da Cachoeira. O filho de Joaquim, João Gualberto Ferreira Brito, adquiriu as terras onde formou a fazenda Fortaleza. O sogro de João Gualberto, Manoel Antônio de Almeida, comprou as terras onde formou a fazenda do Feijão Cru Pequeno. Outro genro de Manoel Antônio, João Gonçalves Neto, adquiriu a parte onde formou a fazenda Residência. Outras aquisições também ocorreram entre descendentes dos beneficiários originais. Dessa forma, o sobrenome Lacerda consolidou-se entre os principais grupos familiares pioneiros de Leopoldina, principalmente em decorrência das alianças matrimoniais entre descendentes dessas famílias.

LADISLAU LOPES, rua

(Bairro Imperador) – Foi a lei nº 3903, de 18.12.2009, projeto 37/2009 do vereador Cícero Rodrigues da Silva que denominou essa via que tem início no lado direito da av. dos Expedicionários, em frente a entrada para o bairro Jardim Bela Vista. É uma rua sem saída, que termina na margem do ribeirão Jacareacanga, que corta o bairro.

Ladislau Lopes de Faria nasceu por volta de 1923, na cidade de Argirita, filho de Olímpio Lopes de Faria e Esaltina de Barros, e neto paterno de João Lopes de Faria Filho e Minervina Augusta Vieira. Casou-se com Olmy Maria Cunha Lopes. Atuou inicialmente como caminhoneiro e, posteriormente, fundou uma oficina mecânica e o posto de combustíveis Norte-Sul, localizado na Avenida Getúlio Vargas. Faleceu em Juiz de Fora, em 11.12.1992, sendo sepultado em Leopoldina.

LAERT ARAÚJO MENDONÇA, rua

(Bairro Redentor) – A lei nº 2425, de 18.08.1992, referente ao projeto 53/92 do vereador Antônio Amâncio Valentim, atribuiu o nome a esta via, que tem início na rua Getomir Pereira Bella, próxima à unidade de tratamento de águas da COPASA, e termina nos terrenos do Orfanato. De acordo com relato de morador, a rua foi chamada por um período de José Marazzi, mas posteriormente voltou ao nome anterior. Na década de 1960, havia nas proximidades um campo de futebol conhecido como "Campinho do Cristo".

Laert Araújo Mendonça nasceu a 02.08.1919, em Leopoldina, filho de Artur Teixeira de Mendonça e Rosa de Araújo Porto. Casou-se com Rosa Cassaghi. Trabalhou no comércio em Volta Grande e no Alto da Ventania (Casa Mendonça). Faleceu em 26.02.1991, em Juiz de Fora.

LAURO PEREIRA, beco

(Bairro Quinta Residência) – Foi a lei ordinária nº 4282, de 17.11.2015, projeto 09/2015 do vereador Edvaldo Franquido Donato do Vale, que deu nome a essa via que tem seu início nas proximidades do nº 962 da rua Antônio Fernandes Valentim.

Lauro Pereira, nascido em Leopoldina por volta de 1934, era filho de Lourenço Pereira e Esmeralda Esméria, neto materno de João Evangelista de Almeida Ramos e Esméria Ignacia de Jesus. Faleceu em Leopoldina, em 12.11.2006.

LÉA DE MEDEIROS GUIMARÃES, rua

(Bairro Imperador) – A lei nº 3185, de 19.10.1999, projeto 57/99 da vereadora Iolanda Cangussú André, deu nome oficial a esta rua, que começa no final da av. Agnello Corrêa do Bem e termina na av. José Marazzi.

Léa Guimarães nasceu a 05.07.1916, em Leopoldina, filha de Lauro Teixeira Lopes Guimarães e Marieta de Medeiros. Foi professora, segundo a Gazeta de 28.04.1946 e, durante muito tempo, funcionária do Cartório do 1º Ofício de Notas de Leopoldina. Era irmã de Lauro, advogado; Honorina, diretora da Escola Municipal Botelho Reis; Cora, professora da Escola Municipal Ribeiro Junqueira; Maria José, Maria Haydée, Petrônio e Maria Carolina. Residia na rua Cotegipe, no edifício que é único exemplar da arquitetura normanda em Leopoldina. Faleceu em 29.09.1988.

LEONOR BAHIA, rua

(Bairro Alto dos Pirineus) – Diz a lei nº 1947, de 04.02.1988, projeto 02/88 do vereador Ely Rodrigues Netto, que esta rua tem início na Cipriano Pereira Baia e vai até a rua Fernando Novais de Oliveira.

Leonor Idalina de Jesus foi casada com Cipriano Pereira Bahia e tiveram os filhos Waldomira, casada com Belmiro do Nascimento; Esmeraldina, casada com João Bahiano; Maria das Dores, casada com Aristides Modesto; Waldete; José e, Ruth, casada com Vitalino Vitor Benedito. O casal teria vivido onde hoje ficam ruas que levam seus nomes.

LEOPOLDINA MENDES DO ROSÁRIO, rua

(Bairro Fábrica) – A lei nº 1189, de 13.05.1977, projeto 14/77 do vereador Ely Rodrigues Netto, dá denominação a esta rua e diz tratar-se da via pública que, partindo da rua Vinte e Sete de Abril, em frente à rua José Dário Sodré, vai até um terreno baldio que dá fundos para as edificações do lado par da rua Benedito Valadares. Antes dessa denominação, essa rua era um dos becos da Fábrica.

Segundo o projeto de lei, Leopoldina Mendes, durante longos anos, foi a enfermeira e parteira que acolheu em seus braços, antes mesmo dos próprios pais, centenas de leopoldinenses de todas as classes sociais.

LIBERDADE, Praça da

(Bairro Imperador) - A lei nº 4479, de 10.09.2019, projeto 36/2019 de Elvécio de Souza Barbosa, dá denominação de praça da Liberdade ao logradouro antes conhecido como praça 2, que fica no final da av. Agnello Correa do Bem.

LIMOEIRO, bairro

(Antigo Logradouro) - **Bairro -** A lei nº 1629, de 04.08.1983, do vereador Roque Macário Braz Schettino, deu a denominação de bairro do Limoeiro ao local compreendido entre o trevo rodoviário da BR-116 (acesso a Cataguases) e o morro do Limoeiro. Esse bairro é cortado pelo leito da antiga estrada para Cataguases (estrada de saibro). Hoje o lugar recebe o nome de bairro Roque Schettino, conforme as leis nºs 1629, de 04.08.1983, e 4323, de 04.05.2015. Nele estão as ruas Madre Maria Cândida de Jesus e Neném César. O Almanaque de 1887 já faz referência ao Limoeiro, o que indica ser um nome bem antigo. Luiz Rousseau Botelho, em "Coração de Menino" cita, várias vezes, a fazenda do Limoeiro que, no início dos anos de 1900, ficava no caminho para a fazenda do Bonsucesso, o que coincide com a localização do bairro.

LIMOEIRO, rua

(Bairro Centro) – **Rua -** Foi a lei nº 4143, de 24.09.2013, projeto 74/2013 do vereador Alfredo Mendes do Vale, que oficializou o nome Limoeiro para essa rua. Ela fica no Blue Garden Residencial e é a via que liga a rua Nyagara à rua Passatempo.

Por volta de 1855, a fazenda era propriedade de Vicente Teixeira de Aguiar. Posteriormente, foi transferida para Agenor Pinto Ribeiro e, depois, para seus descendentes.

As terras que pertenceram a Agenor Pinto Ribeiro faziam divisa com os sítios denominados "Santa Emília", "Meia Légua" e "Vargem Alegre". Os vizinhos dessas propriedades eram Antônia A. L. Monteiro Ribeiro Junqueira, José de Andrade Junqueira, José Bernardino Monteiro de Barros e Antônio Monteiro Ribeiro Junqueira. Agenor Pinto Ribeiro também é mencionado nos registros das confrontações da fazenda Abaíba.

LINDOLFO PINHEIRO, rua

(Bairro Chácara Dona Euzébia) – A lei nº 498, de 27.09.1963, dá nome de rua Lindolfo Pinheiro a um logradouro público que fica nos fundos da igreja do Rosário. Começa na rua Dr. Ormeo Junqueira Botelho e termina depois da esquina da rua Paulo Afonso de Matos. É a rua onde fica a Madeireira Irmãos Gonçalves Ltda.

Lindolfo Augusto Tavares Pinheiro, geralmente conhecido por "Lolote", era filho de Floriano Pinheiro de Souza Moraes e Presceliana Pinheiro de Lacerda Werneck. Nasceu em Valença, a 15.03.1873. Seu pai era funcionário público em Leopoldina, em 1892. Casou-se a

18.05.1895, em Leopoldina, com Guiomar de Lacerda, filha de José Romão Corrêa de Lacerda e Luiza Augusta Tavares, sendo neto paterno do pioneiro Romão Pinheiro Corrêa de Lacerda e sua primeira esposa, Ana Severina. Faleceu em Leopoldina, a 10.08.1957.

LINHA, bairro

(Antigo Logradouro) - É como popularmente as pessoas se referiam às edificações que existiam nas atuais ruas Acácio Serpa e Ribeiro Junqueira, depois da rua Cel. Olivier Fajardo, nas margens dos trilhos da Estrada de Ferro que seguiam para Vista Alegre. Vale recordar que, em 1871, a Companhia Estrada de Ferro Leopoldina obteve concessão para a construção de uma linha de bitola de um metro, ligando Porto Novo do Cunha a Leopoldina. Substituída pela Leopoldina Railway Company Limited, esta companhia foi a principal responsável pela chegada da maioria dos imigrantes à nossa região, no período imediatamente anterior ao grande fluxo de estrangeiros contratados para a agricultura.

LINO GONÇALVES, rua

(Bairro Praça da Bandeira) – A lei nº 948, de 17.10.1973, denominou uma via pública que saía da rua Marechal Deodoro da Fonseca em direção ao interior do bairro do mesmo nome. Liga a rua Marechal Deodoro da Fonseca à rua Antônio de Almeida Ramos.

Registre-se que a lei nº 1328, de 14.12.1978, que deu denominação à rua João Paulo I, informa que ela "segue em direção ao "bairro Lino Gonçalves", mesma informação constante na lei nº 942, de 17.10.1973.

Lino Gonçalves foi mais um dos imigrantes que mudaram a face da cidade com seu trabalho e dedicação à causa pública. Procedente da Espanha, radicou-se em Leopoldina no final dos oitocentos. Casou-se com a viúva Maria das Dores Neto, que de seu casamento com Julius Dietz herdara uma propriedade rural denominada Pirineus, próxima da fazenda da Onça, à qual acrescentara uma parte de terras adquirida de José Alves Tavares, concunhado do falecido marido de Maria das Dores. A 24.03.1924, Lino Gonçalves vendeu a propriedade para José Gorrado, conforme livro de notas nº 50, do Cartório do 2º Ofício. Na mesma época, adquiriu uma propriedade no Alto da Ventania.

LINO GONÇALVES

(Antigo Logradouro) – Entre 1973 e 1978, foi referido como nome de bairro nas leis que denominaram as ruas Antônio Moura de Oliveira Guimarães, João Paulo I, Joaquim Cândido Ribeiro Junqueira, Joaquim Garcia de Oliveira, Lino Gonçalves e Marechal Deodoro. A partir do ano 2000, tais ruas passaram a ser indicadas como pertencentes ao bairro Praça da Bandeira.

LISBOA, JARDIM, bairro

Esse bairro fica entre as terras do Orfanato e o loteamento "Chico Bastos". Faz divisa com o bairro Praça da Bandeira, pela avenida Getúlio Vargas. Abrange as ruas Isaltina Renó Guedes e João Ferreira Vargas que são conhecidas como ruas dos médicos.

LOURENÇO ELIAS DOS SANTOS, rua

(Bairro Alonso Tavares Nogueira Filho) – É a lei nº 4107, de 17.05.2013, projeto 27/2013 do vereador Ivan Martins Nogueira, que dá denominação à antiga rua "D" no Conjunto Habitacional Verônio Barbosa Rezende, do Bairro Tomé Nogueira, hoje bairro Alonso Tavares Nogueira Filho.

Lourenço Elias dos Santos nasceu em Piacatuba, por volta de 1935, filho de Nelson Izidoro e Firmina Maria dos Santos. Casou-se com Maria do Carmo Lacerda, com quem teve os filhos Carmem Aparecida, Maria José e Luiz Carlos. Foi construtor mestre de obras e organizava eventos de carnaval em Leopoldina. Foi presidente da Escola de Samba Unidos de São Cristóvão e colaborador do time de futebol Unidos de São Cristóvão. Faleceu no dia 15.12.2000.

LOURENÇO EUZÉBIO AUGUSTO, rua

(Bairro Pedro Brito Netto) – A lei nº 3098, de 22.10.1998, projeto 95/98 do vereador Cícero Rodrigues da Silva, dá denominação a essa rua e diz que ela tem seu início na rua Luiz Torres Barcelos e fim na rua José Rodrigues Werneck.

Lourenço Euzébio Augusto nasceu no Arraial dos Montes, a 10.08.1927, filho de Sebastião Euzébio Diamantino e Marina Minas. Casou-se com Maria Aparecida de Moraes, com quem teve 8 filhos e fixou residência na sede do município. Faleceu em 05.03.1989.

LOURENÇO GONÇALVES NUNES, rua

(Bairro Jardim Bela Vista) – Diz a lei nº 3301, de 12.09.2000, projeto 85/2000 do vereador Nelson Vieira Filho, que essa rua tem seu início na av. dos Expedicionários, ao lado da Escola Judith Lintz Guedes Machado, e finda, sem saída, numa área verde do interior do bairro. No mapa do loteamento Jardim Bela Vista, ela encontra-se identificada como rua 11.

Lourenço Gonçalves Nunes nasceu por volta de 1912, em Tebas, filho de Vicente Gonzalez Marreiro, nome de logradouro no bairro Jardim Caiçaras, e de Laura Nunes Ramos. Era neto paterno do espanhol Santiago Gonzalez Marreiro e de Balbina de Souza Garcia e neto materno de Gumercindo Nunes Barreto e Maria Magdalena Ramos, proprietários de situação agrícola na fazenda de Socorro. Faleceu em Leopoldina, em 28.09.1993.

LOURENÇO IENNACO, rua

(Bairro João Paulo II) – Sua denominação atual surgiu com a lei nº 2388, de 20.02.1992, projeto 06/92 do vereador José de Castro Barbosa. Essa rua tem seu início na rua Irmã Gabriela, segue paralela à rua Heitor Ribeiro Guedes e finda na divisa do loteamento, nas proximidades da Vila Esperança.

Lourenço Iennaco nasceu a 01.03.1885, em Maratéa, na província de Potenza, região italiana da Basilicata, e faleceu em 05.08.1954, em Leopoldina. Veio para o Brasil por volta de 1895. Iniciou sua vida, em Leopoldina, como mascate. Casou-se, em primeiras núpcias, na Itália, com Emma S. Iennaco (nome que deu origem à casa comercial, ao bazar e ao café Ema). Desse casamento são os filhos: Raphael e Vicente (também nomes de ruas da cidade), Maria, Miguel, Iolanda, Anita (que foi casada com o professor Alziro de Azevedo Carvalho, também homenageado com nome de rua da cidade) e Osvaldo Iennaco. Em segundas núpcias, Lourenço se casou com Zulmira Machado, com quem teve os filhos: Carlos, Maria, Nely, Lourenço Filho, Benito Mussolini, Arthur e Darcy.

LOURENÇO REIS, rua

(Bairro João Paulo II) – Pela lei nº 1746, de 08.08.1985, projeto 30/85 dos vereadores Ely Rodrigues Netto e Benedito Rubens Renó Guedes, a via recebeu essa denominação. No mapa do loteamento, estava identificada como rua B.

Segundo o projeto de lei, Lourenço Alberto dos Reis nasceu em Itabira. MG, em 12.08.1884, filho de João Lourenço dos Reis e Rita Sabino de São Domingos. Casou-se em

Leopoldina, a 20.07.1907, com Ana Jovita Ferreira. Dessa união nasceram três filhos: Lourenço, Francisco e Rita. Em segundas núpcias, a 06.10.1928, casou-se com Maria Luzia dos Santos, natural de Santana de Cataguases, MG, com quem teve os seguintes filhos: Maria Madalena, Consuelo, Ivoneza, Pedrina, Maria das Dores, José Maria, Mário Lúcio e Aparecida. Lourenço foi carroceiro, profissão daqueles que transportavam mercadorias em carroças com tração animal. Posteriormente passou a trabalhar na estação rodoviária carregando bagagens dos passageiros que partiam ou chegavam à cidade. Faleceu em Leopoldina, a 14.12.1967.

LOURENÇO SANTANA, rua

(Bairro Arthur Leão) – Foi a lei nº 3097, de 22.10.1998, projeto 94/98 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida, que deu essa denominação à via que começa na rua Padre José Domingues Gomes e finda no muro do Estádio Otacir Lacerda França - Arranca Toco. Essa rua se liga à ladeira Antônio Novato de Morais por uma passagem para pedestres, por onde as pessoas transitam para chegar novamente à rua Padre José Domingues Gomes.

Lourenço Santana nasceu a 15.08.1917, em Leopoldina, filho de José Santana e Maria Santa da Silva. Casou-se com Maria Aparecida Alves, com quem teve 9 filhos. Era pedreiro e morava na rua Padre José Domingues. Faleceu a 31.05.1990, no Rio de Janeiro, e foi sepultado em Leopoldina.

LOURENÇO, SÃO, arraial

Veja Montes, Arraial dos.

LUCAS AUGUSTO, rua

(Bairro Centro) – Até o momento não se localizou o normativo que lhe deu o nome, mas é uma rua referida em diversas leis que tratam de outros logradouros. Começa na praça Professor Botelho Reis e termina na alameda Dom Delfim Ribeiro Guedes, na Catedral. No passado era conhecida como rua Primeiro de Março e que também se chamou rua Theophilo Otoni.

O Leopoldinense de 28.04.1895 diz que, pelo decreto nº 7, de 22 de abril, o sr. agente executivo abriu um crédito extraordinário para aquisição de um prédio para a câmara municipal. Esse crédito, somado a um anteriormente votado, somava 25.000$000, com o

qual se realizou a compra do palacete que pertenceu ao falecido Dr. José Cesário, onde hoje funciona a Prefeitura Municipal. No texto do decreto nº 7, após vários considerandos, inclusive um que diz ser insuportável a câmara estar junto com a cadeia, o art. 1º do decreto determina que fica aberto o crédito para aquisição do prédio sito à rua Primeiro de Março, pertencente ao Dr. Quirino Ribeiro Monteiro de Barros e demais condôminos. E o mesmo jornal, na sua edição de 19.05.1895, dá notícia de que a Câmara Municipal já se mudou para o palacete do Dr. José Cesário.

No final dessa rua, bem próximo à Catedral, funcionava o colégio Imaculada Conceição, cujo prédio se transformou em residências, após a construção do novo Colégio, no alto do mesmo morro.

É uma homenagem a Lucas Augusto Monteiro de Barros, o segundo presidente da câmara no regime republicano, entre 1892 e 1897, que substituiu o Dr. Joaquim Antônio Dutra, presidente daquela casa de 1890 a 1892. Lucas Augusto faleceu em julho de 1906, em Juiz de Fora, MG.

LUCAS LACERDA, Major, rua

(Bairro Arthur Leão) – A lei nº 896, de 15.05.1973, "dá denominação de rua Major Lucas Lacerda à via pública que começa numa rua sem nome, na esquina em que está situada a casa do Sr. José da Cruz, no bairro do Seminário" (Arthur Leão). Hoje a indicação para essa via é informar que começa na rua Professora Conceição Soares Monteiro de Castro e termina na praça Ivan Nicodemos Coutinho.

Lucas Lacerda nasceu a 18.10.1882, em Leopoldina, filho de Américo Antônio de Castro Lacerda e Filomena Josefina Cândida da Gama. Neto paterno de Ana Severino e Romão Pinheiro Corrêa de Lacerda, irmão de Francisco Pinheiro Corrêa de Lacerda e filho de Álvaro Pinheiro Corrêa de Lacerda, sendo este filho de Antônio Carlos Corrêa de Lacerda e Ana de Souza da Guarda. Álvaro era irmão dos dois sesmeiros do Feijão Cru, Fernando Afonso e Jerônimo Pinheiro Corrêa de Lacerda. Lucas Lacerda era negociante e homem de confiança do coronel Marco Aurélio Monteiro de Barros.

LÚCIO FURTADO VALVERDE, travessa

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – Foi a lei nº 4190, de 20.08.2014, projeto 40/2014 do vereador Antônio Carlos Martins Pimentel, que deu a denominação de Lúcio Furtado

Valverde à travessa que liga a praça João de Castro Lacerda ao Estádio Aurélio Pimentel, no distrito de Ribeiro Junqueira.

Lúcio Furtado Valverde nasceu em Leopoldina e faleceu em Cataguases, a 24.11.2009. Era filho de Calysson Pereira Valverde, nascido a 09.04.1893, em Piacatuba, e de Olímpia Furtado de Oliveira, que, em 1923, morava em Laranjal. Olímpia era filha de José Antônio Jacinto de Oliveira, que era neto de Vital Antônio de Oliveira. Era neta materna de José Furtado de Mendonça. O Calysson era filho de Gertrudes Vendilina do Carmo, filha do Vital Antônio de Mendonça e neta do Vital Antônio de Oliveira. Lúcio Furtado Valverde era casado com Luzia Penha, com quem teve os filhos Marco e Mauro.

LUÍSA CARVALHO LACERDA, praça

(Bairro Três Cruzes) – A lei nº 4313, de 10.03.2016, projeto 01/2016 do poder executivo, dispõe sobre a denominação desse logradouro que fica no encontro das ruas Três de Março, Manoel Antônio de Almeida e Emília Constança de Rezende.

Luísa Carvalho Lacerda era filha de Pedro Marcel Carvalho Lacerda e Sirley Carvalho da Silva Lacerda. Nasceu a 24.09.2001 e faleceu a 05.11.2014. Morava na rua Emilia Constança de Rezende.

LUIZ BARBOSA, rua

(Bairro Alto da Boa Vista) – A lei nº 4332, de 22.06.2016, projeto 34/2016 dos vereadores Paulo Sérgio Celestino de Oliveira e Ivan Martins Nogueira, dá denominação de Luiz Barbosa à rua 10 do Loteamento Solar Leopoldina.

Luiz Barbosa nasceu por volta de 1936, em Leopoldina, filho de Manoel Barbosa dos Santos e Rita Ferreira. Era casado com Maria Dyrce Barbosa. Residia na avenida Marechal Humberto Alencar Castelo Branco. Faleceu a 30.09.2000, em Leopoldina.

LUIZ CAPDEVILLE RIBEIRO (Sr. Lulu), rua

(Bairro Vale do Sol) – Diz a lei nº 3313, de 17.10.2000, projeto 102/2000 do vereador Nélson Vieira Filho, que essa rua é a antiga letra D do mapa do loteamento. Começa na rua Francisco Schettino, faz esquina com a rua José Pinto da Silva e termina na rua Oriel Barbosa.

Luiz Capdeville Ribeiro, sr. Lulu, nasceu a 20.12.1913, em Leopoldina, filho de João do Carmo Ribeiro e Sophia Capdeville Ribeiro. Era casado com Aline Guimarães Ribeiro, com quem teve 4 filhos. Faleceu em Leopoldina, a 27.06.1985.

LUIZ EDUARDO ABRITA GONÇALVES, rua

(Bairro Alto da Boa Vista) – A lei nº 4329, de 22.06.2016, projeto 31/2016, de Paulo Sérgio Celestino de Oliveira, dá esse nome à rua 05, localizada no loteamento Solar Leopoldina.

Luiz Eduardo Abrita Gonçalves era natural de Cataguases, filho de Geraldo Cardoso Gonçalves e Nair Abrita Gonçalves. Tinha 3 filhos. Residia na rua Enéas Lacerda França. Faleceu a 13.02.2013, em Leopoldina, e foi sepultado em Cataguases.

LUIZ FERNANDO FURTADO, praça

(Bairro Vila Esteves / Pirineus) – Foi a lei nº 2905, 09.12.1996, projeto 110/96 do vereador José Dimas de Souza, que denominou essa praça que fica no entroncamento das ruas Castro Alves, Joaquim Furtado de Meneses e Sylvio Maranha.

Luiz Fernando Furtado nasceu a 28.10.1954, em Leopoldina, filho de Francisco Salles Furtado e Ida Minelli. Neto materno dos italianos Antonio Alfonso Giuseppe Minelli e Maria Fontanella. Ida Minelli nasceu em Leopoldina, onde faleceu a 24.05.2013. Luiz Fernando casou-se com Angelina Maria Monteiro de Castro, em 05.09.1981, com quem teve o filho Felipe Monteiro de Castro Furtado, nascido em 1985. Trabalhou como representante comercial em Leopoldina. Seus pais moraram e trabalharam na fazenda Pensilvânia. Faleceu a 17.11.1993, em Juiz de Fora, e foi sepultado em Leopoldina.

LUIZ JONAS BALDIOTTI, rua

(Bairro Bela Vista) – É a lei nº 4831, de 04.09.2024, projeto 42/2024 do vereador José Augusto, que dá denominação a essa via que fica entre as ruas Ismail Ávila e João Teixeira de Moura Guimarães, no final da rua Antônio Garcia de Carvalho.

Luiz Jonas Baldiotti nasceu em Matias Barbosa, MG, a 02.06.1924, filho de Michele Arcangelo Baldiotti, nascido em Roveredo di Guà, Verona, Veneto e de Angelica Piccoli, sendo neto paterno de Teresa Marcolongo e Luigi Baldiotti. Era neto materno dos também italianos Fortunato Piccoli e Silvia Spagnolo. Luiz Jonas casou-se com Zenira Barreto de

Carvalho, natural de Muriaé, com quem teve 8 filhos. Trabalhou no DNER como topógrafo e auxiliar de engenheiro. Durante muitos anos, viveu em Leopoldina. Faleceu a 17.02.2009, em Pará de Minas, MG.

LUIZ MAIMERE, rua

(Arraial dos Montes) - A lei nº 2323, de 28.06.1991, projeto 32/91 do vereador José Paulo Batista Lupatini, dá denominação de rua Luiz Maimere ao trecho da rodovia Lpd 040, Leopoldina – Abaíba, que corta o Arraial. Lpd é a sigla indicativa do município ao qual pertence a rodovia; no caso, Leopoldina.

Luigi Maimeri nasceu a 26.10.1872, em Tregnago, província de Verona, região do Veneto, na Itália. Chegou ao Brasil em 1896 e foi inicialmente para Tombos, MG. Casou-se em Leopoldina a 22.02.1897, com Carolina Rancan, nascida em Mizzole, Verona, Veneto, na Itália, com quem teve os filhos: Maria Regina; Saul, casado com Delijna Zachini; João Batista, casado com Lourença de Freitas Dias; Eugenia; Deolinda e Claudino. Trabalhou na fazenda São Lourenço. Instalou-se no Arraial, como comerciante, em 1919. Faleceu em 28.02.1954.

LUIZ MONTEIRO REZENDE, rua

(Bairro Bela Vista) – O nome oficial dessa rua surgiu com a lei nº 2092, de 09.06.1989, projeto 53/89 do vereador José Geraldo Almeida Machado (Gué). Ela parte da rua José Aragon Pinheiro, nas proximidades do nº 220 e vai terminar na rua João Teixeira de Moura Guimarães, nas proximidades do nº 735.

Luiz Monteiro Resende nasceu a 26.06.1919 e faleceu em 09.03.1986. Casou-se com Sebastiana Rodrigues, com quem teve os filhos: Maria José, Maria Lúcia, Sebastião Luiz, Maria Aparecida, José Márcio, João Augusto, Jane de Fátima e Francisca do Carmo. Era agricultor.

LUIZ PIMENTEL, rodovia

(Distrito de Ribeiro Junqueira) - É a lei 4176, de 22.04.2014, projeto 07/2014 do vereador Edvaldo Franquido Donato do Vale, que dá denominação de Luiz Pimentel à rodovia que, partindo do distrito de Ribeiro Junqueira, segue até o entrocamento com a rodovia MG 454.

Luiz Pimentel nasceu a 08.09.1915, em Ribeiro Junqueira. Era filho de Aurélio Pimentel e Carolina Naccari. Neto paterno dos portugueses José Antônio Pimentel e Eduarda Pereira,

que foram proprietários de um lote da fazenda Pedro Velho. Neto materno dos italianos Antônio Naccari e Pietra Marangoni, ele falecido na Itália e ela, em Ribeiro Junqueira, a 29.11.1934. Luiz Pimentel era casado com Madalena Diogo, também nome de logradouro. Faleceu em Leopoldina, a 19.10.2002.

LUIZ TORRES BARCELOS, rua

(Bairro Pedro Brito Netto) – A lei nº 2794, de 13.12.1995, projeto 110/95 do vereador Antônio Amâncio Valentim, dá essa denominação à via pública de acesso ao bairro. A que tem seu início na rua Nossa Senhora Aparecida e finda na rua Loureço Euzébio Augusto.

Luiz Torres de Barcelos nasceu por volta de 1911, em Dom Silvério, MG, filho de Ovídio de Carvalho Barcelos e Luiza Torres Barcelos. Trabalhou durante muitos anos como mecânico na firma Branco e Macieira Ltda (Posto Gulf), que existiu na avenida Getúlio Vargas, ao lado das oficinas da sede do DNER, em frente à Faculdade Doctum. Posteriormente ingressou na Prefeitura, onde exerceu a mesma profissão. Seu filho, José Américo, era professor e um conhecido e respeitado radialista da cidade. Luiz Torres de Barcellos faleceu a 22.04.1993, em Leopoldina.

LUIZ, SÃO, bairro

A mais antiga referência ao bairro encontra-se na lei nº 1697, de 01.11.1984. Localiza-se no lado esquerdo da BR 116, na saída para o Rio de Janeiro, junto ao posto da Polícia Rodoviária Federal e defronte ao bairro Jardim Caiçaras.

LURDES ROCHA (Bude) rua

(Bairro Jardim Bandeirantes) – Diz a lei nº 4112, de 04.06.2013, projeto 33/2013 do vereador Oldemar Brazil Montenari, que fica denominada rua Lurdes Rocha a que até então era denominada rua do Contorno, que se inicia na rua Joaquim Ferreira Brito, contorna o morro do Cemitério pela parte baixa e vai encontrar a praça São José, pelo seu lado voltado para a saída para Cataguases. Registre-se que a denominação de rua do Contorno surgiu com a lei nº 602, de 01.03.1967, e que essa via, antes de receber o nome de rua do Contorno, era por todos conhecida como rua Santa Terezinha.

Maria de Lourdes Rocha, a Lurdes Rocha, faleceu aos 76 anos de idade. Era filha de Manoel Rocha e Francisca Luiza. Teve 5 filhos: José, Zezé, Puri (servidor público em Juiz de Fora), Maria e Paturi, que foi vereador em Leopoldina.

LUZIA BONIN, rua

(Bairro Pedro Brito Netto) – A lei nº 3088, de 22.10.1998, projeto 85/98 do vereador Cícero Rodrigues da Silva, deu denominação oficial a essa via que, no mapa do loteamento, recebeu a letra G, tem seu início na rua Newton Barbosa e finda na rua José Rodrigues Werneck.

Luzia Bonin nasceu por volta de 1946, filha de Izaura Pereira e Antônio Bonin. Casou-se com Nelciolino Alves e deixou os filhos Jeferson, Karina e Katia. Faleceu a 02.03.1995, em Leopoldina, onde foi sepultada. Por certo Luzia descende de Fortunato Bonin, que nasceu na Itália, em 13.07.1855, e morreu antes de 1933, em Leopoldina. A família foi moradora da Colônia Agrícola Constança.

LUZIA DE JESUS COELHO, travessa

(Bairro Praça da Bandeira) – Liga a rua Marechal Deodoro da Fonseca à rua Murilo Rodrigues Pinto, antiga Salgado Filho, conforme a lei nº 899, de 16.05.1973, projeto do vereador Elói Rodrigues Neto.

Luzia de Jesus era esposa de Sebastião Sinval Coelho, mais conhecido como Sinval Coelho, proprietário da antiga Cerâmica Santo Antônio, uma das maiores olarias/cerâmicas da região, que funcionava no então bairro da Onça, nas proximidades do atual posto fiscal da Polícia Rodoviária Federal.

LUZIA, SANTA, rua

(Bairro São Luiz) – Seu nome surgiu com a lei nº 1793, de 14.05.1986, projeto 17/86 do vereador Darcy Luiz Vasconcelos Resende. Começa na travessa da Criança e vai terminar na rua Omar Barbosa.

Diz a justificativa do projeto "que os moradores do bairro São Luiz não estavam satisfeitos com duas ruas que tinham o mesmo nome. Assim sugeriram que a rua C passasse a se chamar Santa Luzia e a travessa Z passaria a se chamar Travessa da Criança, porque não

havia lugar para uma pracinha de lazer e era ali que as crianças se distraíam com suas brincadeiras".

Protetora dos olhos e da visão, segundo a crença católica, Santa Luzia nasceu numa família rica de Siracusa, na Sicilia, Itália. Após a morte do pai, sua mãe queria vê-la casada com um jovem pagão que por isso foi rejeitado pela moça. Denunciada por sua fé, recebeu como pena ser colocada num prostíbulo. Diz a lenda que um milagre aconteceu e nenhum soldado conseguia carregá-la, tal era seu peso. Durante sua prisão, arrancaram-lhe os olhos, mas no dia seguinte eles estavam novamente perfeitos. Morreu decapitada. O dia 13 de dezembro lhe é consagrado.

LYDIO COSTA REIS, rua

(Bairro Vale do Sol) – A lei nº 3323, de 29.11.2000, projeto 112/2000 do vereador Nélson Vieira Filho, dá denominação à via da margem direita do córrego que corta o bairro. Ela segue mais ou menos paralela à rodovia BR-116.

Lydio Costa Reis era natural de Pirapetinga e nasceu a 17.06.1915. Era filho de Napoleão da Costa Reis e Joaquina Nunes da Costa Reis, casal que possuiu sítio em Angaturama, no atual município de Recreio. Era comerciante em Leopoldina, proprietário da Casa Nadinho. Pessoa muito conhecida e estimada na cidade. Deixou 8 filhos. Faleceu em Leopoldina, em 08.10.1999, viúvo de Maria da Glória Siqueira, falecida em Leopoldina, a 17.05.1979.

LETRA M

MAÇONARIA, da, rua

(Bairro Alto dos Pirineus) - A lei nº 909, de 04.07.1973, dá denominação de rua da Maçonaria à via pública localizada no Alto dos Pirineus, no local onde se encontra edificada a cantina pré-escolar, subordinada à Loja Maçônica Vinte e Sete de Abril.

Segundo matéria publicada no jornal Leopoldinense on-line, a 12.04.2014 <https://leopoldinense.com.br/galeria/6/loja-maconica-27-de-abril-comemora-60-anos-de-fundacao>, foi no ano do centenário de emancipação político-administrativa de Leopoldina que se fundou a Loja Leopoldinense. Sua primeira reunião ocorreu no dia 31.01.1954, o brevê constitutivo é de 28.05.1954 e a sagração do templo foi a 18.09.1954. Seu primeiro Venerável foi Átila Lacerda da Cruz Machado, um leopoldinense por adoção que trabalhou pelo desenvolvimento de Leopoldina em diversas vertentes. Além dele, que também é homenageado em logradouro da cidade, foram fundadores Job dos Santos Vitral, Zanoni Araújo, Pedro Carlos Serpa e João Geraldo Nogueira.

MADALENA DIOGO PIMENTEL, rua

(Distrito de Ribeiro Junqueira) - Foi a lei nº 4179, de 27.05.2014, projeto 17/2014 dos vereadores Edvaldo Franquido Donato do Vale e Pastor Darci José Portella, que oficializou a denominação do logradouro público que, partindo da rua Viriato Pinto, vai findar no cemitério municipal do distrito.

Madalena Diogo nasceu a 25.10.1919, em Ribeiro Junqueira. Era filha do português Manoel Diogo Madaleno e de Herculina de Souza Martins. Neta materna de Antonio Martins e Nila Soares de Souza, sendo esta filha de José Carlos de Souza Neto e Maria Soares, fluminenses que tiveram uma gleba em terras da fazenda São Manoel da Bocaina, na divisa entre Recreio e Ribeiro Junqueira. Madalena era esposa de Luiz Pimentel, que dá nome a uma rodovia do distrito, sobrinha de Manoel Martins de Souza e prima de Maria Aparecida Martins de Souza, que também são nomes de logradouros. Faleceu a 23.03.1998.

MANOEL ANTÔNIO DE ALMEIDA, rua

(Bairro Três Cruzes) – A lei nº 1282, de 18.08.1978, projeto 48/78 do vereador Joarês Sílvio da Costa, "Dá denominação de 03 de Março, Manoel Antônio de Almeida, Santo Antônio, 21 de Abril e Ferreira Brito, às vias públicas do bairro Três Cruzes, identificadas como ruas A, B, C, D e E, respectivamente". Pelo mapa de 2024, a rua Manoel Antônio de Almeida começa na rua Ferreira Brito, nas proximidades da rua Santo Antônio e passa pela praça Luísa Carvalho Lacerda. Mais adiante encontra com as ruas Agostinho Teixeira de Rezende e Tiago José Pereira e, a partir desse entroncamento, segue margeando a BR-116 até encontrar a avenida Omar Resende Peres, no bairro São Cristóvão.

Tomamos esse nome como uma justa homenagem ao comendador Manoel Antônio de Almeida, mesmo sem a certeza de que tenha sido este o intuito de quem teve a ideia de nomear a rua. E o fazemos porque acreditamos que, mesmo que seja um homônimo, existe uma grande chance de ser um descendente do "comendador", o que não traria maiores problemas.

Nascido a 19.08.1782, em Santa Rita de Ibitipoca, filho de Antônio de Almeida Ramos e Maria de Oliveira Pedroza, já citados, casou-se com Rita Esméria de Jesus e com ela constituiu numerosa família. Esteve na região entre 1825 e 1828, ocasião em que acertou a compra de uma propriedade. Em setembro de 1829, para cá transferiu-se com a família, escravos e bens passíveis de serem transportados. Em 1831 aparece como um dos maiores proprietários de escravos do lugar. Em 1856 ainda era proprietário das duas sesmarias adquiridas na década de vinte, num total aproximado de 570 alqueires. Em 1872 fez testamento alforriando todos os seus escravos e premiando 11 deles com terras da sua fazenda do Feijão Cru Pequeno. Devoto de Santa Rita, em Leopoldina mandou dourar um altar dedicado à Santa que existia na primeira igreja matriz de São Sebastião. Foi seguramente o grande incentivador da corrente de Almeidas que passou a viver nas terras do Feijão Cru, a partir de 1830. Mauro de Almeida Pereira declara que a família constituía grande parte dos antigos moradores da cidade. Francisco Rezende reconhece que o Comendador Manoel Antônio de Almeida foi um dos maiores povoadores de nossa cidade.

A atuação política de Manoel Antônio parece-nos ter sido discretíssima. Por conta de um imbróglio registrado em ata da Assembleia Eleitoral de 01.09.1868, retirou-se definitivamente da vida pública. Essa é mais uma das afirmações curiosas sobre ele. Por falta

de preservação de documentos antigos em cidades às quais o Feijão Cru foi subordinado até 1854, não conseguimos descobrir que cargos teria exercido.

Outro aspecto da personalidade de Manoel Antônio que nos chama a atenção é sua posição diante da escravatura. Antigos escritos referem-se a uma espécie de "marcha de desagravo" por ele orquestrada, fazendo desfilar seus escravos pelo centro urbano com o intuito de propagar a liberdade que acabavam de conquistar, muitos anos antes da libertação oficial da escravatura no Brasil. Acreditamos que há um certo exagero em tal interpretação, porque a realidade que transparece dos documentos pesquisados demonstra que ele devia dispensar um tratamento mais humanitário aos seus cativos e com isso desagradava algumas pessoas. Daí a ter afrontado publicamente seus desafetos é atitude um tanto temerária, no nosso entender. O que se tem documentalmente comprovado é apenas que ele foi um dos pioneiros de Leopoldina na libertação de seus cativos. No processo de inventário de sua esposa, falecida a 20.01.1865, constam diversas referências à libertação de escravos naquele momento e nos posteriores, alguns beneficiados com pequenos pedaços de terras.

Manoel Antônio e Rita Esméria foram pais de: 1 – Rita Esméria de Almeida, casada com Antônio Rodrigues Gomes, formador da fazenda Águas Vertentes, na região do atual povoado de São Lourenço e o primeiro escrivão de Leopoldina; 2 – João Celestino de Almeida, casado com Maria Emerenciana de Castro, sem descendentes localizados em Leopoldina até o momento; 3 – Maria Venância de Almeida, primeira esposa de João Gualberto Ferreira Brito, de quem se fala em verbete próprio; 4 – Luciana Esméria de Almeida, casada com Joaquim Cezario de Almeida, que formou a fazenda Tesouro do Feijão Cru, em terras próximas ao atual povoado de São Martinho; 5 – Mariana Flauzina de Almeida, casada com João Gonçalves Neto. Patriarca da grande família Gonçalves Neto, formador da fazenda Residência, ainda hoje referida em cartografia de Leopoldina, nas imediações dos bairros Fortaleza e Três Cruzes (serra dos Netos); 6 – Antônio de Almeida Ramos Neto, que foi casado com Maria Constança de Jesus e, em segundas núpcias, com Rita Bernardina de Andrade, cuja fazenda estava localizada em território do arraial de Monte Alegre, hoje distrito de Tebas; 7 – Venâncio José de Almeida Costa, casado com sua sobrinha Ana Paula de Sena, fazendeiro de café nas fazendas Feijão Cru e Cachoeira; 8 – Manoel Teodoro de Almeida, casado com Cândida Maria de Jesus, radicados em Angustura, na fazenda Sossego; 9 – Joaquina Esméria de Santana, casada com João Garcia de Matos Neto, radicados também em território de Angustura e co-proprietários da fazenda Sossego; 10 – Messias Esméria de Almeida casada com João Rodrigues Ferreira Brito, proprietários da fazenda da Conceição,

sítios Caeté e Palmeira; 11 – Maria Inocência Almeida, casada com Antônio Venâncio de Almeida, proprietários de fazenda no território onde veio a se formar o antigo distrito de Santa Isabel, hoje Abaíba; 12 – Romão de Almeida chegou a Leopoldina ainda na infância e aqui faleceu, solteiro, por volta de 1843; 13 – Joaquim Antônio de Almeida Ramos, que se casou com Maria Teresa de Jesus e radicou-se em território do antigo arraial da Piedade, com fazenda vizinha à fazenda Monte Alegre, na estrada ainda existente e que liga Tebas a Piacatuba. Maria Tereza faleceu a 22.03.1859 e, em janeiro do ano seguinte, Joaquim contraiu núpcias com Maria Luiza de Jesus. Também fazendeiro de café em terras da fazenda Feijão Cru e na sua Fazenda Santa Fé, no distrito de Piacatuba.

MANOEL ARLINDO CARNEIRO, rua

(Bairro Bela Vista) – A lei nº 2340, de 19.09.1991, projeto 52/91 da vereadora Maria do Carmo Procaci Montenari de Lucca, dá essa denominação à via pública que, no mapa do loteamento, recebeu o nome de rua G. É a via que tem seu início na rua João Teixeira de Moura Guimarães e finda na BR 116, próximo ao viaduto.

Manoel Arlindo Carneiro nasceu no Arraial São Lourenço, a 03.04.1891, filho de Raymundo de Lemos Carneiro e Maria Marques da Silva. Neto paterno de Antônio José Carneiro e Generosa Maria de Jesus e neto materno de Antônio José Marques e de Ana Joaquina da Natividade, sendo esta filha de Silvano José da Cruz Nogueira e Francisca Maria da Cruz, que foram proprietários de parte da fazenda Sossego, formada pelo pioneiro Bernardo José Gonçalves Montes e que deu origem ao Arraial dos Montes, onde o homenageado nasceu. Francisca, mulher de Silvano, era filha de Reginaldo de Souza Werneck e Maria Joaquina da Conceição. Manoel Arlindo casou-se com Maria Luiza e não tiveram filhos. Foi caixeiro da Casa de Ferragens de Ignacio Werneck e se tornou proprietário da Casa de Ferragens Carneiro, onde é hoje o posto V-8. Faleceu a 10.02.1969, em Leopoldina.

MANOEL DE ALMEIDA LACERDA, rua

(Bairro Dr. Joaquim Furtado Pinto) – Segundo a justificativa do projeto nº 36/85, do vereador Darcy Luiz Vasconcelos Resende, o homenageado é Manoel de Almeida Lacerda, embora na lei nº 1752, de 09.08.1985, conste apenas a denominação de Manoel Lacerda. Essa via pública fica no bairro Dr. Joaquim Furtado Pinto. Pelo mapa publicado pela prefeitura em 2024, a via, que está equivocadamente grafada com o nome de Manoel Lacerda de Almeida,

começa no encontro com as ruas Elias Matos e Olinto Netto, hoje praça Wilson Pimentel, em frente ao Estádio Otacyr Lacerda França, e termina na rua Francisco de Souza.

Manoel de Almeida Lacerda nasceu a 28.09.1904, no distrito de Vista Alegre. Filho de Honório Rodrigues Lacerda e Marieta Rodrigues de Almeida, era casado com Rosa Almeida, filha de seus tios Viriato Rodrigues de Almeida e Bernardina Gama, casal que residiu em Leopoldina durante quase meio século, sendo ele comerciante e agente de seguros. Manoel e Rosa tiveram, pelo menos, 9 filhos: Geny; Jessy; Rubens; Luiz Roberto; Joiro; José; Jaime; Manoel Honório, casado com Rosilene Conceição Pena e Jair de Almeida Lacerda (proprietário da farmácia São José, na rua Tiradentes, pessoa muito querida e respeitada), casado com Celina de Oliveira Nogueira.

MANOEL HONÓRIO DA CUNHA, rua

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – A lei nº 2542, de 27.09.1993, projeto 69/93 do vereador Antônio Carlos Martins Pimentel, dá denominação à via pública do distrito de Ribeiro Junqueira, conhecida como Rua das Flores, que parte da rua Wilson Pimentel e termina na estrada para Recreio.

Manoel Honório da Cunha nasceu em Rodeiro, MG, a 07.03.1909. Casou-se com Ruth Mello, em Ribeiro Junqueira, a 30.06.1937, sendo ela filha de Carlinha Guerzoni e Saturnino Ribeiro de Melo, que dá nome a logradouro no distrito. Manoel e Ruth foram pais de: José, Nilcéa, Carlos, Marisa, Saturnino, Flávio, Ermâncio, Joana d'Arc e Rogério. Manoel foi inspetor escolar, Juiz de Paz e presidente de honra da Igreja de Santo Antônio, em Ribeiro Junqueira. Faleceu a 21.07.1992.

MANOEL JANUÁRIO, rua

(Bairro Alto do Cemitério) – A lei nº 939, de 17.10.1973, deu denominação de rua Manoel Januário à via pública que, partindo da praça São José, no bairro Santa Cruz, vai até o corte da Rio Bahia, no trevo de entrada para Cataguases. É a rua que dá acesso às Capelas do Cemitério, pela alameda Cyro Gonçalves de Oliveira, e ao antigo Grupo Escolar Augusto dos Anjos. Pelo mapa de 2024, esaa via terminava na praça Madre Angeles Echeverria. Ocorre que, com a construção recente do supermercado da rede Mart Minas, de frente para a rodovia BR-116, foi aberta uma via ligando a praça ao pátio daquele ponto de comércio, o que transformou a rua em importante alternativa para os que buscam o local.

Manoel Januário era motorista da Prefeitura.

MANOEL LACERDA LEAL, rua

(Bairro Jardim Bandeirantes) – Diz a lei nº 1084, de 06.06.1975, projeto 09/75 do vereador Eloy Rodrigues Neto, que essa via pública tem seu início na rua João Malaquias e finda na rua capitão Ricardo Coutinho. Sua ligação com a rua Fajardo se faz pela escadaria Ronaldo Melão Machado.

Manoel Ezaú de Lacerda Leal nasceu a 01.09.1868, em Leopoldina, onde faleceu a 22.07.1941. Era filho de Ezaú de Lacerda Leal e Maria Antônia do Nascimento, que eram primos em 9º, 10º e 11º graus. Manoel Ezaú se casou em Leopoldina, a primeira vez, a 10.02.1890, com Adelina Elídia de Moraes, filha de Vital Ignacio de Moraes e Umbelina Cassiano do Carmo e, a segunda vez, a 28.11.1914, com Maria Inez de Lacerda, cujo grau de parentesco ainda não está definido. Segundo o alistamento eleitoral, em 1900, ele havia se mudado de Leopoldina para onde teria voltado algum tempo depois. Manoel Ezaú foi pai de Olegário, casado com Judith Ferreira Valverde; Ondina, casada com José Botelho Falcão; Olímpia, casada com Antônio Marcellos; Sebastião; Ezaú; Napoleão, casado com Cornélia Almeida; Daria; Nilo e Manoel. Manoel Lacerda Leal, geralmente conhecido por "Manoel Zaú", era ruralista e possuía uma chácara nas proximidades do bairro Quinta Residência.

MANOEL LOBATO, rua

(Bairro Centro) – Embora não se tenha localizado a lei que lhe oficializou o nome, é certo que se trata de uma rua antiga, referida em leis que denominam outros logradouros e é por todos conhecida. A Gazeta de Leopoldina (ed. 215, de 1927, fls 4 col 5) a ela já se refere. Liga a praça Félix Martins à praça Professor Ângelo. No início era uma estrada de tropeiros e depois virou rua da Grama. Nela funcionou a primeira Casa de Caridade de Leopoldina.

Manoel Monteiro Lobato Galvão, de São Martinho, era referido como Coronel. Foi presidente da câmara municipal no final do regime imperial, provedor da Casa de Caridade Leopoldinense, vereador e vice-chefe do executivo municipal, na chefia de Joaquim Antônio Dutra. Era casado com Ana Carlota Monteiro de Barros Galvão, de São Martinho, sua parenta em vários níveis e bem próximos. Manoel Lobato faleceu em Conceição da Boa Vista, a 28.08.1901. Brotero (1951, p.572) informa que não deixou descendentes. Segundo seu processo de inventário, foram seus herdeiros a esposa, como usufrutuária, o herdeiro testado

João Lobato Monteiro Galvão, de São Martinho, e as legatárias, Casa de Caridade de Leopoldina e a Igreja de Santa Izabel, a construirem-se.

MANOEL MARTINS DE SOUZA, rua

(Bairro São Luiz) – A lei nº 1697, de 01.11.1984, projeto 50/84, dá essa denominação à via pública dessa cidade que liga as ruas Ranulfo Matola e Omar Barbosa.

Manoel Martins de Souza nasceu no distrito de Ribeiro Junqueira, em 12.03.1903, filho de Antônio Martins de Souza e Nila Soares de Souza. Manoel se casou a 30.06.1923, em Leopoldina, com Deococina de Moraes Machado, filha de José Antônio Machado e Albertina Zulmira de Moraes. Foram pais de Altemira (1926), Luzia (1929), Guiomar (1930), Roberto (1932), Marlene (1937), Jairo (1938) e Nila (1940). Manoel era tio de Madalena Diogo Pimentel e de Maria Aparecida Martins (de Souza) Nogueira, dois nomes de logradouros da cidade. Era comerciante e foi um dos primeiros moradores do bairro São Luiz.

MANOEL MONTEIRO, rua

(Bairro Bela Vista) – Sua denominação surgiu com a lei nº 1826, de 08.08.1986, projeto 53/86 do vereador José Dimas de Souza. Pelos mapas de 2000 e 2024, essa via é a continuação da rua Antônio Garcia de Carvalho.

Manoel Monteiro era geralmente conhecido como "Manoel Reco-reco". Era músico, compositor e foi maestro de bandas da cidade durante muitos anos. Segundo Albino Montes (2003, p.38), Manoel Monteiro foi professor de música, contrabaixista, arranjador e grande colaborador do maestro Argemiro Bittencourt, que também é nome de logradouro em Leopoldina. Além da banda Lira Industrial e da Leopoldina Orquestra, nas quais a participação desse músico encontra-se eternizada em fotografias do acervo de Luciano Meneghite, Albino Montes também lembrou que o Maestro Manoel Monteiro fez parte da Elite Jazz Band, organizada por José Alcino Brando.

MANOEL RODRIGUES PANDELÓ, rua

(Bairro Eldorado) – Sua denominação oficial surgiu a partir da lei nº 2871, de 02.09.1996, projeto 72/96 do vereador Antônio Nilo de Almeida. Começa na rua Coronel João Lau e finda na Jones Rocha.

Manoel Rodrigues Pandeló nasceu em Tebas e faleceu em Leopoldina a 03.09.1970, filho de João Rodrigues Pandelot e Elvira Rodrigues da Silva. Casou-se a primeira vez com Augusta Nunes Martins, com quem teve 8 filhos. Viúvo, casou-se a segunda vez com Guilhermina Silva, com quem teve 5 filhos. João Rodrigues Pandelot nasceu em 1869, em Portugal, filho de Manoel Rodrigues Pandelot e Rosa Pestana de Jesus, que não passaram ao Brasil. João faleceu a 10.01.1941, em Angustura, Além Paraíba, MG. Elvira Rodrigues da Silva era filha de Vicente Luiz da Silva e Laurentina Reginalda de Jesus, nascida em 1879 e falecida a 24.07.1942, em Angustura. Manoel Rodrigues Pandeló era ruralista e dirigiu a fazenda Água Fria, na região da comunidade do Km 104, nas proximidades da divisa do município com o distrito de São Domingos.

MANOEL TELLES POYARES, Zizinho, rua

(Distrito de Ribeiro Junqueira) - A lei nº 4246, de 17.06.2015, projeto 35/2015 dos vereadores Ivan Martins Nogueira e Leandro de Almeida Machado, dá denominação de Manoel Telles Poyares, Zizinho, à rua projetada entre as ruas Viriato Pinto e Alonso Nogueira.

Manoel Telles Poyares, o Zizinho, nasceu em Ribeiro Junqueira, a 03.03.1895, e foi batizado em 20.04.1895. Filho de Marcos Luiz Telles Poyares, também nome de logradouro, e Alexandrina Telles Poyares. Casou-se com Rita de Cássia de Freitas Lima (Poyares), com quem teve os filhos: Ione, Paulo Lúcio e Péricles. Rita de Freitas Lima era filha de Zeferino de Freitas Lima e Ana Maria de Almeida, casal que vivia em Abaíba. Manoel Telles Poyares faleceu a 14.09.1993, em Ribeiro Junqueira.

MANOEL TITO DE AZEVEDO, rua (beco)

(Bairro João Paulo II) A lei nº 4346, de 20.10.2016, projeto 53/2016 do vereador Paulo Sérgio Celestino de Oliveira, dá denominação ao beco existente no bairro João Paulo II, conhecido como Vila Esperança. Fica no final da rua Heitor Ribeiro Guedes.

Manoel Tito de Azevedo nasceu a 02.10.1931, em São Fidélis, RJ, filho de Manoel Augusto Uffer de Azevedo (Manduca) e Alsalga Tito. Foi casado com Elza Felix Trindade. Ingressou no Banco Comércio de Minas Gerais, em 1950, e transferiu-se para Leopoldina, em 1962. Trabalhando no mesmo local, viveu a fase da incorporação do Banco Ribeiro Junqueira e a transformação no Banco Nacional.

MANOEL TURÍBIO BARBOSA, rua

(Bairro Três Cruzes) – Foi nominada pela lei nº 3142, de 23.04.1999, projeto 10/99 do vereador Otávio Arantes Xavier. Começa na praça Antônio Ferreira de Almeida e vai até a rua Santos Meneguite.

Manoel Turíbio Barbosa nasceu em Leopoldina, a 17.04.1911, filho de Francisco Barbosa e Maria Josefina Cipriano. Casou-se na cidade natal, a 05.11.1938, com Sebastiana Gonçalves de Souza, filha de Paulino Sabino Gonçalves e Filomena César, com quem teve 17 filhos. Era pedreiro e funcionário público federal do DNER. Morou boa parte de sua vida no bairro onde está homenageado. Faleceu em Leopoldina, a 14.06.1995.

MARCELO DE SOUZA LOPES, rua

(Bairro Alto da Boa Vista) – Foi a lei nº 4331, de 22.06.2016, projeto 33/2016 do vereador Paulo Sérgio Celestino de Oliveira, que deu denominação de Marcelo de Souza Lopes à rua 06, no Loteamento Solar Leopoldina. Começa na rua Luiz Eduardo Abrita Gonçalves e termina na rua Maria Aparecida Martins Nogueira.

Marcelo de Souza Lopes nasceu em Leopoldina, a 28.02.1964, filho de Wanir Rayol Lopes e Maria Luiza Souza Lopes. Era contador. Casado, mas não deixou filhos. Faleceu a 24.08.2009, em via pública, de politraumatismo.

MARCO AURÉLIO, Coronel, rua

(Bairro Centro) – A partir da lei nº 165, de 09.11.1951, passou a denominar-se Coronel Marco Aurélio a rua que, partindo do cruzamento da rua Padre Júlio, em frente às escadarias do Hospital, vai terminar na Praça Dr. Ormeo Junqueira Botelho. Curiosamente, a lei nº 138, de 16.08.1951, menciona sua abertura entre as ruas Cotegipe e Padre Júlio.

Veja informações biográficas no verbete seguinte

MARCO AURÉLIO, Coronel, praça

(Distrito de Providência) – Nas fontes consultadas, não se localizou a lei que denominou a praça que fica no encontro das ruas Santo Antônio e Joaquim Tibúrcio Junqueira Sobrinho, no distrito de Providência.

Marco Aurélio Monteiro de Barros nasceu a 13.02.1878 e foi batizado a 04.09.1879, na fazenda Trimonte, em Providência. Faleceu a 02.05.1939. Era filho de Aurélio de Souza

Monteiro de Barros e Francisca Carolina Domingues, ela era natural de Angustura e faleceu nessa localidade. Marco Aurélio era descendente de Romualdo José Monteiro de Barros, que teve o título de Barão de Paraopeba. Sua avó paterna era da família Breves, radicada em Além Paraíba. Casou-se com Laura Manso Monteiro da Silva, natural de Leopoldina, filha de José Antônio Monteiro da Silva e Inês de Castro Manso da Costa Reis. Eles eram parentes em diversos graus por terem seis ascendentes em comum. Marco Aurélio e Laura tiveram 11 filhos. Foi proprietário das fazendas Santa Cruz, Cruz Alta e Palestina, em Providência, além da Fazenda Socorro. Foigrande produtor de café do município.

MARCOS POIARES, rua

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – A lei nº 164, de 05.11.1951, renomeou alguns e deu nome a outros logradouros do distrito de Ribeiro Junqueira. Diz essa lei que a rua Marcos Poiares é a que parte da praça Bento Xavier e segue na direção da BR-116. A lei nº 340, de 26.10.1959, retifica e ratifica denominações de praças e ruas de Ribeiro Junqueira e, por ela, a rua Marcos Poiares é a que, partindo da praça Bento Xavier, em frente ao Grupo Escolar, demanda a estrada que sai para Leopoldina.

Marcos Luiz Teles Poyares era pai de Manoel Teles Poyares, o Zizinho, também nome de logradouro do distrito. Era português nascido por volta de 1838, filho de Manoel Luiz Teles e Rita Alves de Jesus. Em 1872 Marcos comprou a herança que coube a Pedro José de Novaes na fazenda Campo Limpo, vendendo-a dois anos depois, no mesmo ano em que comprou a herança destinada a Luiza Augusta de Souza Werneck no inventário do pai dela, Justino de Azevedo Ramos fora proprietário do Sítio da Serra. Em 1875 recebeu, de Pedro José de Novaes, o restante da herança que lhe coubera pela morte do pai Manoel José de Novaes, na fazenda Campo Limpo. Marcos Poyares era casado com Alexandrina Guilhermina Nogueira, filha de Antônio José Nogueira e Januária Carlota do Patrocínio, natural de Aiuruoca e falecida em Ribeiro Junqueira, a 19.03.1935. Marcos faleceu a 16.11.1898. Marcos e Alexandrina tiveram 11 filhos.

MARGARIDA DO REGO LIMA, praça

(Bairro Pedra Pinguda) - Essa praça recebeu o nome pela lei nº 2408, de 04.06.1992, projeto 34/92 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida. Fica próxima do nº 687 da rua Antônio Lima dos Reis.

Margarida Paixão do Rego nasceu a 20.08.1916, em Conceição da Boa Vista, Recreio, MG. Casou-se em Leopoldina, a 01.02.1935, com Antônio Lima dos Reis, também nome de logradouro no bairro Pedra Pinguda. Era filha de Francisco José do Rego e Rita Maria da Paixão. Margarida e Antônio Lima tiveram os filhos: José, Sebastião, Maria Aparecida, Maria José, Antônio José, Maria Mercedes, Maria do Carmo e Noel Lima dos Reis. Margarida era lavadeira e, dentre outros patrões, trabalhou para Dr. Castelar Modesto Guimarães. Faleceu vítima de acidente de trânsito ocorrido no próprio bairro da Pedra Pinguda, a 27.04.1961.

MARIA AMÁLIA TOMÉ PERES HOFFMANN, rua

(Distrito de Tebas) - A denominação dessa rua veio com a lei nº 2630, de 30.06.1994, do vereador Darcy Luiz Vasconcelos Resende. Começa no final da rua Álvaro Correa Lima, no cruzamento da Henock Fonseca, e termina na praça Antônio Lucas Barbosa, no início da rua Oswaldo Evangelista dos Anjos (rua Capixaba).

Maria Amália de Angelis Tomé nasceu em Tebas, em 1932, filha de Olavo Tomé da Silva e Maria do Carmo de Angelis. Foi casada com Omar Resende Peres, também nome de logradouro em Tebas e Leopoldina, falecido em 1961, em trágico acidente aéreo. Viúva, **n**o segundo casamento adotou o sobrenome Hoffmann. Após seu falecimento**,** foi criada a Fundação Maria Amália Tomé Peres Hoffmann, com sede na rua Justiniano Fonseca, em Tebas.

MARIA APARECIDA BAYONETA (Dona Lalá), rua

(Bairro Alto da Boa Vista) – Foi a lei nº 4337, de 09.08.2016, projeto 39/2016 do vereador Paulo Sérgio Celestino de Oliveira, que denominou essa rua no loteamento Solar Leopoldina. Tem início na rua Fernando Mendonça Machado e termina na rua Luiz Eduardo Abrita Gonçalves.

Maria Aparecida Bayoneta, carinhosamente tratada com Dona Lalá, casou-se com Vicente Paula da Silva, a 26.01.1963, em Leopoldina. Ele, nascido a 13.05.1939, em São João da Sapucaia, Laranjal, filho de Gregório Leal da Silva e Maria Justa da Silva. Ela, nascida a 03.07.1934, em Tebas, filha de Sebastiana Bayonêta. Faleceu a 09.02.1986.

MARIA APARECIDA MARTINS NOGUEIRA, rua

(Bairro Alto da Boa Vista) – A lei nº 4350, de 24.11.2016, projeto 59/2016 do vereador Paulo Sérgio Celestino de Oliveira, deu denominação à rua localizada no loteamento Solar Leopoldina, que começa na rua Marcelo Souza Lopes e termina na rua Rafael Ruback de Oliveira.

Maria Aparecida Martins nasceu em Ribeiro Junqueira, a 08.01.1936. Era filha de Sebastião Martins de Souza e Maria das Dores Martins. Era separada judicialmente de Ivan Martins Nogueira, com quem teve os filhos Ivana, Ivan e Iva. Era neta de Antônio Martins e Nila Soares de Souza, sobrinha de Manoel Martins de Souza e Madalena Diogo, que também são nomes de logradouros. Faleceu em Juiz de Fora, a 11.06.2011, e foi sepultada em Leopoldina.

MARIA APARECIDA PINTO DA COSTA, rua

(Bairro Pedra Pinguda) – É a lei nº 2652, de 21.09.1994, projeto 79/94 do vereador Darcy Luiz de Vasconcelos Resende, que dá denominação à via pública do município que começa na rua Antônio Lima dos Reis e segue pelo leito da BR 120, estrada que liga a sede do município ao distrito de Providência.

Maria Aparecida Pinto da Costa nasceu em 1923, em Tebas, filha de Oscar Pinto da Costa e Laura Gomes Pinto. Teve nove filhos: Walter Calixto, José do Carmo Rodrigues, Luiz Fernando Pinto, Laerte Rodrigues, José Nilton Rodrigues e Wanda Lúcia Pinguda. Foi lavadeira. Faleceu em Leopoldina, a 20.07.1989.

MARIA BOTELHO JUNQUEIRA, rua

(Bairro Fátima) – É a lei nº 1514, de 06.08.1981, projeto 27/81 do vereador José Américo dos Santos Lima, que dá denominação às vias públicas do loteamento "Chico Bastos". Dentre essas vias, está a rua Maria Botelho Junqueira, que parte da rua Francisco Andrade Bastos e vai terminar na praça Projetada do referido loteamento.

Maria Botelho Junqueira era a avó materna dos proprietários do loteamento Chico Bastos. Esposa de José Wenceslau Arantes Junqueira, também nome de logradouro, no mesmo loteamento.

MARIA CÂNDIDA COUTINHO, rua

(Bairro Jardim Bandeirantes) – Foi a lei nº 3840, de 20.08.2008, projeto 40/2008 do vereador Lúcio Fonseca César, que deu denominação à via pública dessa cidade que liga o bairro Jardim Bandeirantes ao bairro Alto do Cemitério. Ela tem seu início na rua Rafael Gorrado e finda na rua Fajardo.

Maria Cândida Sabino nasceu em Argirita, a 29.04.1879, filha de José Sabino Dias Moreira e Maria Candida de Jesus. Neta materna de Joaquim Pereira Santiago e Maria Francisca de Jesus; ele, natural de Piranga e ela, de família radicada em São João Nepomuceno. Casou-se com Ricardo dos Reis Coutinho, também nome de logradouro, e com ele teve 10 filhos. Faleceu aos 90 anos, em 28.04.1969, na condição de viúva.

MARIA CASTANHEIRA (D. Neném), rua

(Bairro Maria Guimarães França) – A lei nº 1130, de 12.05.1976, projeto 16/76 do vereador Guanahyro Fraga Mota, dá denominação a essa rua e diz que ela tem seu início na rua Antônio Couto Filho e finda na rua Cândida Fajardo Lamoglia. Essa rua foi aberta no local em que foram construídas as casas populares da COHAB-MG.

A professora Maria Brígida de Medeiros, mais conhecida com Dona Neném, nasceu na cidade de Tabuleiro (MG), em 08.10.1874, filha do português Joaquim Furtado de Medeiros, que faleceu em Leopoldina, em 20.01.1908, e de Maria Bárbara da Conceição. Diplomou-se pela escola normal de Ouro Preto. Era, também, professora de piano. Foi nomeada para o cargo de professora, em Leopoldina, no grupo escolar que mais tarde se chamaria Ribeiro Junqueira e nele chegou a substituir seu diretor, o poeta Augusto dos Anjos. Casou-se com Bento Bernardes Castanheira, no dia 28.11.1896, em Leopoldina, e com ele teve 9 filhos. D. Neném residiu numa chácara que existia onde está a Escola Estadual Sebastião Silva Coutinho, no Alto dos Pirineus. Em 1914 assumiu o cargo de diretora do Grupo Escolar, atual Escola Municipal Ribeiro Junqueira, e em 1916 transferiu-se para Cataguases. Faleceu em 28.11.1946, no Rio de Janeiro.

MARIA DA CONCEIÇÃO NETTO BATISTA, rua

(Bairro Três Cruzes) – Essa rua recebeu denominação oficial através da lei nº 1584, de 08.11.1982, projeto 48/82 dos vereadores Antônio Carlos Ferreira de Almeida e Ely Rodrigues Netto. No mapa do loteamento, está identificada como rua "F".

Maria da Conceição Vargas Neto nasceu em Leopoldina, a 29.08.1903. Era filha de Deolindo Gonçalves Neto (1872-1909) e de Venancia Vargas Neto, sendo neta paterna de Pedro Gonçalves Neto e Maximiana Ferreira de Almeida e materna de João Izidoro Gonçalves Neto e Cristina Vargas Corrêa, sendo, portanto, descendente dos povoadores Almeida Ramos, Ferreira Brito e Gonçalves Neto. Foi casada com João Batista Ferreira Filho (Cocoreco), também nome de rua da cidade, e deixou os filhos Dionéia, que foi professora, e Dilton, cirurgião dentista. O casal possuía uma propriedade rural nas proximidades do bairro das Três Cruzes. Maria da Conceição faleceu em 30.09.1979.

MARIA DA LUZ SILVA, rua

(Bairro Quinta Residência) – O nome dessa rua surgiu com a lei nº 2434, de 09.09.92, projeto 60/92 do vereador Sebastião José da Silva. Ela tem seu início na rua Antônio Fernandes Valentim, passa por uma vila de casas lá existente e finda na rua Nossa Senhora Aparecida.

Maria da Luz Silva era natural de São Miguel do Anta, MG, filha de Dormelita de Jesus e José Geraldo Gerônimo da Silva. Faleceu em Leopoldina, a 08.07.1990.

MARIA DO CARMO JUNQUEIRA VALLE, Professora, rua

Veja Maridéa, Professora.

MARIA DO CARMO SALES, rua

(Bairro Centro) – Recebeu essa denominação com a lei nº 2714, de 12.04.1995, projeto 16/95 do vereador Cícero Rodrigues da Silva. É a via que tem início na praça José Pires, no final das ruas Acácio Serpa e Ribeiro Junqueira, e início da avenida dos Expedicionários. Passa pelo antigo Núcleo Curumim e finda na rua Idalina Gomes Domingues.

Maria do Carmo Sales nasceu a 07.06.1932 e trabalhou na Fábrica de Tecidos. Faleceu em 14.06.1990.

MARIA EDITH BARBOSA FRANÇA, Professora, Praça

(Bairro Vale do Sol) - É a lei nº 3521, de 23.06.2003, projeto 45/2003 do vereador Otávio Arantes Xavier, que deu denominação à praça localizada no bairro Vale do Sol. A lei foi alterada pela nº 3684, de 13.12.2005, projeto 44/2005 do vereador Emanuel Araújo de

Azevedo Antunes, que modificou a redação do artigo 1º da lei nº 3521, para nele fazer constar que referida praça fica na parte baixa do bairro.

Maria Edith Guimarães Barbosa nasceu a 14.10.1931, em Leopoldina, filha de Francisco Barbosa Lima e Maria Auxiliadora Guimarães Barbosa. Seu pai é nome de logradouro e foi proprietário da Serraria São José. Era irmã de Venício e Francisco José. Casou-se com Sérgio Domingues França. Foi diretora do então Centro Social Urbano que depois de sua morte recebeu seu nome e hoje é ocupado pela Escola Maria Luiza Monteiro Junqueira, mãe do atual prefeito Pedro Augusto. Foi Coordenadora Artística da Escola Estadual Professor Botelho Reis, escritora e diretora da peça "Getúlio Vargas". Teve três filhos. Faleceu a 14.11.1998, em Leopoldina.

MARIA EMÍLIA THOMÉ, rua

(Bairro Maria Guimarães França) – Pelo texto da lei nº 1144, de 06.08.1976, e do projeto 31/76 do vereador Joarês Sílvio da Costa, é uma das vias que tem início na rua Raphael Ienaco e finda na rua Maria Castanheira.

Maria Emília Thomé era filha de Newton D'Ávila Thomé e Walkyria Lima Thomé. Era casada com Jofre Amarante. Durante algum tempo, foi professora do Colégio Imaculada Conceição. Seu pai, Newton, foi comerciante no ramo de combustíveis e, durante algum tempo, foi revendedor do querosene "Jacaré", produto tradicional nos Estados Unidos e que aqui era utilizado como principal combustível em fogões, geladeiras e lamparinas.

MARIA GUIMARÃES FRANÇA, bairro

A lei nº 1152, de 10.09.1976 deu ao Conjunto Habitacional da Cohab-MG o nome de Maria Guimarães França. Dois anos depois foi citado com a classificação de bairro. É também conhecido como COHAB-Velha. Faz divisa com os bairros Alto dos Pirineus, Vila Esteves, Chácara Dona Euzébia e José Arruda.

A homenagem pode ter sido para Maria das Chagas Guimarães, nascida a 10.01.1906, em Leopoldina, onde faleceu a 07.07.1975. Era filha do farmacêutico João Teixeira de Moura Guimarães e de Eugênia das Chagas Monteiro. Casou-se a 03.01.1933, com Osmar Lacerda França, que foi eleito Prefeito de Leopoldina por duas vezes, em 1972 e em 1982. Osmar era filho de Manoel Bruno Viana França.

MARIA IMACULADA, Dona, Praça

(Bairro Três Cruzes) – Pela lei nº 564, de 02.06.1965, fica denominada Dª Maria Imaculada uma praça a ser construída no bairro Três Cruzes, próximo a uma mina d'água ali existente.

Não foi encontrado o projeto que deu origem à lei, nem tampouco indicações de quem seria a pessoa homenageada.

MARIA JOSÉ FRANCISCO CAMPOS, rua

(Distrito de Piacatuba) – Foi a lei nº 4767, de 19.09.2023, projeto 66/2023 do vereador Bernardo Guedes, que deu denominação de Maria José Francisco Campos, carinhosamente tratada como "Lica", à rua localizada na saída do distrito de Piacatuba para Argirita.

Maria José Francisco Campos nasceu em Piacatuba, a 23.03.1966, filha de Realino José Francisco e Maria Natalina Vitor de Campos. Ela deixou a filha Natali Campos da Silva. Era técnica em enfermagem e funcionária pública municipal que atuava na Unidade Básica de Saúde de Piacatuba. Seu nome foi sugerido pelos alunos da E.E. Pompilio Guimarães, que fizeram um trabalho sobre o papel da mulher na sociedade e a indicaram. Maria José faleceu em Muriaé, a 09.03.2022, e foi sepultada em Piacatuba.

MARIA JOVITA DA SILVA (Jovem), rua

(Bairro Praça da Bandeira) – A lei nº 3279, de 24.05.2000, dá denominação à via que tem início na avenida Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, ao lado do nº 930, prosseguindo até a residência de nº 50, no final da rua Honório Rodrigues Lacerda.

Não foi localizado o projeto que deu origem à lei, nem informações sobre a pessoa homenageada. E a lei indica apenas que Maria Jovita era conhecida como "Jovem".

MARIA OLIVEIRA RAMOS, rua

(Bairro Quinta Residência) – Foi a lei nº 1210, de 12.09.1977, projeto 46/77 do vereador Wilson José Valentim, que deu nome a essa rua. Consta que o nome anterior seria "Beco nº 01". É uma via pública que tem início na rua Antônio Fernandes Valentim e termina numa escada de acesso à av. Jehu Faria.

O projeto não identifica a pessoa homenageada.

MARIA ROSA CRESPO, rua

(Bairro Fábrica) – A denominação atual de rua surgiu com a lei nº 1770, de 14.11.1985, projeto 54/85 do vereador Nelito Barbosa Rodrigues. É a via pública que, partindo da praça Aristides Badaró, na confluência com rua Pompílio Guimarães, vai se distanciando da praça até um terreno baldio que dá fundos para as edificações do lado par da rua Benedito Valadares. Antes dessa denominação, a rua era mais um dos chamados "becos da Fábrica".

Maria Rosa Crespo nasceu em Leopoldina, a 12.05.1948, filha de Sebastião de Paula Crespo e Nadir de Oliveira. Casou-se com Waldomiro Baqueiro Carminati, em 15.10.1983. Formou-se no Colégio Imaculada em 1973 e, no ano seguinte começou a trabalhar na secretaria da Casa de Caridade Leopoldinense (Hospital), onde permaneceu até o seu falecimento, em 17.01.1984.

MARIA ROSA PIRES BASTOS, rua

(Bairro Imperador) – Seu nome foi oficializado pela lei nº 3192, de 19.10.1999, projeto 65/99 da vereadora Iolanda Cangussú André. É mais uma das ruas do bairro que começa na av. Agnello Corrêa do Bem e termina na rua José Marazzi.

Maria Rosa Pires nasceu em Nélas, Beira Alta, Portugal, filha de Adelino Augusto Pires e Joaquina Pires de Jesus, que moravam em Cisneiros. Seus pais voltaram a Portugal para que lá nascesse a filha, aos 30.11.1914, e logo depois retornaram ao Brasil. Aos 18 anos, casou-se com o farmacêutico Durval Bastos Freire Filho, leopoldinense radicado em Cisneiros na época. Posteriormente o casal residiu em Providência. Tiveram 4 filhos: Dalmo, Mariza, Marilda e Delmo. Mudaram-se para Leopoldina e Durval assumiu a Farmácia Santa Maria, na praça Professor Botelho Reis, no encontro das ruas Professor Joaquim Guedes Machado e Lucas Augusto. Dona Rosa dirigiu o Lactário Dr. Custódio Junqueira e lutou pela criação de uma creche que hoje leva seu nome. Visitava o Asilo nas quartas-feiras para cuidar dos pés dos idosos ali residentes. Foi incentivadora do Espaço dos Anjos para o qual fez doações. Faleceu a 15.05.1988, em Leopoldina, aos 73 anos, viúva.

MARIANA DE OLIVEIRA FIGUEIRA DA COSTA, rua

(Bairro Eldorado) – A lei nº 2683, de 26.12.1994, projeto 106/94 do vereador Antônio Nilo de Almeida, dá denominação à via pública dessa cidade. Começa na rua Osmar de

Almeida e termina na rua Nossa Senhora do Carmo, nas proximidades do CAIC - Centro de Atenção Integrada à Criança e ao Adolescente.

Mariana de Oliveira Neto nasceu em Tebas, em 1920. Era filha de Alonso Mathias de Oliveira e Emília Ambrosina de Oliveira, que nasceram em Piacatuba e se casaram em Leopoldina, a 21.08.1930. Foi casada com Adauto Neto Figueira da Costa, também nome de logradouro. Mariana e Adauto tiveram os filhos Élcio, Terezinha, Mário Lúcio, Gélcio, Délcio, Cilcio, Maria Aparecida, Ana Maria e José Adauto. Viúva, faleceu em 1993.

MARIANA MARINHO CORTES, beco

(Bairro Rosário) – É a lei nº 2175, de 08.02.1990, projeto 08/90 do vereador Nelson Vieira Filho, que dá denominação à via pública dessa cidade, que inicia na rua Joaquim Ferreira Brito, entre os prédios nº 39 e 49. É o primeiro beco à esquerda na rua Joaquim Ferreira Brito.

A homenageada residiu nesse beco, tendo sido proprietária de todos os prédios nele existentes. Faleceu em São João Nepomuceno, para onde se mudou acompanhando o filho José Geraldo Marinho Cortes, quando ele se formou em Medicina.

MARIANA, vila

(Bairro Jardim Bandeirantes) - A denominação oficial dessa via está na lei nº 2575, de 16.12.1993, projeto 103/93 do vereador Antônio Amâncio Valentim. Vila Mariana é a designação da via que liga a rua Fajardo, nas proximidades do nº 325, à rua Otto Lacerda França, no bairro Jardim Bandeirantes.

Mariana Vargas Neto nasceu em Leopoldina, por volta de 1888, filha de João Izidoro Gonçalves Neto e Cristina Vargas Neto. Neta paterna dos pioneiros de João Gonçalves Neto e Mariana Flauzina de Almeida. Casou-se com Tobias Figueira da Costa, com quem teve o filho Adauto Neto Figueira da Costa, ambos também nomes de logradouros. Morou no local que recebeu o seu nome. Faleceu a 24.07.1970, em Argirita, e foi sepultada em Leopoldina.

MARIDÉA (MARIA DO CARMO JUNQUEIRA VALLE), Professora, rua

(Bairro Quinta Residência) A lei nº 1543, de 12.02.1982, projeto 04/82 do vereador Wilson José Valentim, dá à via pública dessa cidade que parte da Rua Alan Kardeck e vai até o portão da antiga sede da 5ª Residência do Departamento de Estradas e Rodagem - DER.

Maria do Carmo Brito Junqueira, Maridéa, nasceu no bairro Cascatinha, Petrópolis (RJ). Era filha de Antônio Reis Junqueira e Maria Amélia Vasconcelos Brito Junqueira. Normalista, formada pelo Colégio Imaculada Conceição, lecionou durante quase duas décadas na E. E. Omar Resende Peres. Foi vice-diretora daquela escola, professora da E.E. Professor Botelho Reis e do SESI. Em 23.06.79 casou-se com Gladstone Oliveira Vale. Faleceu a 07.11.1980.

MÁRIO BARBOSA DE CASTRO, rua

(Bairro Centro) – Pela lei nº 474, de 25.05.1963, ficou denominada rua Márcio Barbosa de Castro a via até então sem denominação, que liga a rua Gabriel de Andrade Junqueira à avenida Getúlio Vargas. A lei nº 1477, de 10.10.1980, deu nova redação ao artigo 1º da lei nº 474, corrigindo o nome do homenageado para Mário Barbosa de Castro. Por esse novo diploma legal, essa via tem início na rua José Peres, próximo ao lavador de carro do Joaquim Pedro e finda na praça Senador Botelho. Pelo mapa publicado pela Prefeitura em 2000, essa via recebe o nome de Mário Pires de Castro. Nos dias atuais, a rua Mário Barbosa de Castro tem início na rua Gabriel de Andrade Junqueira, passa pela praça Senador Botelho e termina da rua José Peres, nas proximidades do Terminal Rodoviário Dr. Jairo Salgado Gama.

Mário Barbosa de Castro nasceu em Argirita, por volta de 1892, filho de Joaquim Barbosa de Castro e Emiliana Antunes de Faria. Casou-se em Argirita, a 26.03.1913, com Maria das Dores Pires, natural de Pirapetinga, filha de Antônio José Pires e Cândida Leite.

Por informações orais, o casal Mário-Maria das Dores teria tido 8 filhos: Odomar, Ondina, Osmar, Sebastião, Antônio, Francisco, José Natal e Otomar, sendo que apenas este último tem a filiação confirmada por registro do Cartório de Registro Civil de Argirita, tendo nascido em 1929 e falecido em 1930.

MÁRIO HELENO LOPES DE ALMEIDA, Vereador, rodovia

(Estação Vista Alegre) – Foi a lei nº 4556, de 22.12.2020, projeto 66/2020 dos vereadores José Ferraz Rodrigues e João Jacques Freire Junqueira Villela, que deu denominação à rodovia que, partindo do trevo da rodovia BR 116, nas proximidades do km 750, vai até a Estação Ferroviária de Vista Alegre e dela, pela vila João Siqueira Barbosa, segue pelo leito dos trilhos da antiga linha do ramal ferroviário, por sua parte não asfaltada, margeando o Ribeirão Jacareacanga até encontrar os bairros Tomé Nogueira, São Sebastião e Jardim Bela Vista.

Mário Heleno Lopes de Almeida nasceu em Abaíba a 17.10.1937, filho de Vanor Martins de Almeida e Angela Lopes de Almeida. Casou-se com Lili Torres, a 16.07.1961, e com ela teve 4 filhos. Trabalhou no armazém de seu cunhado, Manoel Rezende Barbosa. Como motorista, empregou-se no ramo do transporte de cargas. Mais tarde, por conta própria, trabalhou em transporte de gasolina da Esso do Brasil e de leite da Cooperativa. Faleceu em Belo Horizonte, a 22.12.2006.

MÁRIO MALACHIAS DE SOUZA, praça

(Bairro Alto dos Pirineus) – Seu nome surgiu com a lei nº 1224, de 11.11.1977, projeto 61/77 do vereador Ely Rodrigues Netto. Esse logradouro fica na confluência das ruas São Vicente de Paula e Tufic Jorge. É a praça das antigas casas populares da Equitativa.

Mário Malaquias de Souza, nasceu em Laranjal, em 14.05.1908, filho de Joaquim Malachias de Souza e Maria Sodré. Era casado com Giselda Dietz de Almeida, nascida em 10.08.1916, filha de Carlos (Carrito) de Almeida e Guilhermina Dietz. Moraram sempre na rua Dom Aristides, ao lado da Mina. Mário e Giselda tiveram os filhos Terezinha, Maria Guilhermina, Marta, Edwiges Maria, Rosa Maria, Sérgio Rubens Tadeu e Magda Coeli Dittz. Mário Malachias era desenhista e construtor. Foi responsável por grande número de construções na cidade. É de sua autoria, inclusive, o projeto de construção da Igreja existente no bairro Alto dos Pirineus. Mário Malachias faleceu em 01.01.1974.

MÁRIO PIRES DE CASTRO, rua

Veja rua Mário Barbosa de Castro.

MÁRIO RAYOL, rua

(Bairro Quinta Residência) – A denominação dessa rua se deu pela lei nº 1209, de 12.09.77, projeto 45/77. Ela começa na rua Antônio Fernandes Valentim. No mapa da prefeitura, consta como "Beco nº 4".

Mário da Costa Rayol nasceu em 18.06.1907, filho natural de Luzia Ferreira da Costa. Casou-se em Leopoldina a 18.06.1931 com Enedina Luiza de Oliveira Lopes, com quem teve seis filhos. Enedina nasceu em 15.08.1912, filha de Sebastião Lopes da Rocha e Maria Luiza de Oliveira. Mário Rayol faleceu em 27.08.1972

MARTA, Santa, rua

(Distrito de Tebas) – A lei nº 1435, de 23.04.1980, dá denominação de "Rua Santa Marta" à via pública que tem início no lado esquerdo da rua Capitão José Thomé (Doze Bicos) e segue em linha reta até o final do perímetro urbano, na divisa com o Sítio do Amorim. É uma via sem saída.

Segundo Dom Servilio Conti (1990, p. 327), "Marta é uma figura assaz simpática no Evangelho. Com os irmãos Lázaro e Maria, morava em Betânia. São chamados amigos de Jesus que se hospedavam muitas vezes na casa deles".

MARTINHO ARNATZ, Padre, largo

(Bairro Fátima) – É a lei nº 3314, 30.10.2000, projeto 99/2000 da vereadora Iolanda Cangussú André, que dá denominação de Largo Padre Martinho Arnatz ao logradouro público existente defronte ao atual Santuário de São José Operário.

Martinus Arntz, o padre Martinho como era mais conhecido, nasceu a 08.01.1913, em Beckrs, Holanda, filho de Geraldo Arntz e Joana Arntz de Bruin. Professou sua fé a 28.08.1932. Ordenou-se sacerdote a 18.07.1937 e chegou ao Brasil a 01.11.1938. Durante 10 anos, trabalhou em Belém, PA. Em janeiro de 1949, foi para Juiz de Fora, onde atuou na paróquia Santa Rita de Cássia. Pouco tempo depois, mudou-se para Leopoldina, iniciando a construção da então Igreja de São José e o Seminário Maior, construído ao lado dessa igreja. Em 1961 foi transferido para Belo Horizonte, depois novamente para Juiz de Fora, onde faleceu a 03.05.1999 e foi sepultado no Parque da Saudade.

MATADOURO, beco do

(Bairro Jardim Bandeirantes) – Embora não se tenha localizado a lei que lhe dê nome, o beco do Matadouro é a via de acesso do antigo matadouro da cidade, hoje desativado, à rodovia BR 116. Sua ligação com o centro do bairro Bandeirantes, até agora, se faz apenas por "trilhos ou caminhos" para pedestres que o ligam ao beco Tobias Figueira da Costa e à rua Sidney Francino de São José.

MATRIZ, praça

(Antigo Logradouro) – A lei nº 440, de 04.11.1928, no seu art 1º, dispõe que fica denominada, no distrito de Piacatuba: g) Praça da Matriz, a que contorna a Igreja Matriz.

Ver Praça Santa Cruz

MATRIZ, rua (largo)

(Antigo Logradouro) – No distrito de Tebas, é mais um logradouro do qual não se localizou e lei nem o projeto que lhe deu nome. Sabe-se apenas que se estendia pelo local onde se encontram os finais da escadaria Deodoro Rodrigues D'Ávila e da rua Henock Fonseca, e o início da rua Fernando Barbosa Fonseca.

MAURO CARVALHO DO VALE, rua

(Bairro Popular) – A lei nº 3337, de 19.12.2000, projeto 124/2000 do vereador Nélson Vieira Filho, diz que, no mapa do loteamento do bairro, ela encontra-se identificada como rua E. Começa na rua José de Mello de Lima Júnior e finda na rua Erasto Antunes de Oliveira.

Mauro de Carvalho do Vale, Maurinho como era conhecido, era natural de Piacatuba, onde nasceu por volta de 1934, filho de Francisco Ribeiro do Vale e Maria da Glória Carvalho. O pai de Mauro era natural de Paula Lima, Juiz de Fora. A mãe era neta materna de Honório José da Silva e Maria Joana de Oliveira, naturais de Piacatuba, sendo ela descendente do pioneiro Manoel de Sá Rocha. Mauro era irmão de Maura do Vale Neto, casada com Elói Rodrigues Neto. Foi funcionário do Hotel Joamar, servidor da Agro Imperial Tratores e Implementos, garçom do Clube Leopoldina, diretor do Divanes Futebol Clube e, por fim, dono de um trailer na Praça Professor Botelho Reis. Faleceu a 05.04.1992, em Leopoldina.

MEIA LARANJA, bairro

(Antigo Logradouro) – A mais antiga citação ao bairro está na lei nº 596, de 24.02.1965, que denomina um dos logradouros que o compunham. Seu nome, segundo consta, foi tirado do formato do morro onde está a praça.

MELO VIANNA, praça

(Antigo Logradouro) – É a atual Praça Gama Cerqueira, nominada pela lei nº 406, de 03.10.1961. Por um curto período, afixaram nela uma placa indicativa com o nome de Juiz Gama Cerqueira. Sempre foi conhecida como "Praça do Urubu".

Fernando de Melo Vianna (1878 – 1954) foi um político mineiro com projeção nacional. Exerceu, dentre outros, os cargos de deputado estadual, governador do estado, senador e vice-presidente da República.

MENINO JESUS, praça

(Bairro Roque Schetino) - A lei nº 2536, de 09.09.1993, projeto 58/93 do vereador Roque Schettino, dá denominação de Praça Menino Jesus a um logradouro da cidade ainda a ser construído. Tal praça fica no bairro Roque Schettino.

MERCEDES RAMOS CERQUEIRA, rua

(Bairro Fábrica) – A lei nº 1154, de 08.10.76, dá nome a essa rua e diz que tem início no nº 71 da rua Pompílio Guimarães, terminando nos fundos do DNER. Posteriormente, com a lei nº 2214, de 22.06.1990, projeto 55/90 do vereador Nelson Vieira Filho, foi alterada a redação do art. 1º da lei nº 1154. Pelo mapa publicado pela prefeitura em 2000, essa rua começa na avenida Getúlio Vargas e segue paralela à rua Pompílio Guimarães.

Mercedes Ramos Cerqueira era filha de Garibaldi Cerqueira, também nome de rua na cidade, e de Laura Ramos. Era neta paterna de João José Cerqueira e Rita Marcília. E neta materna de Antônio José Alves Ramos e Amélia Carolina Pereira Pinto, proprietários da Farmácia Central. Por Amélia, era descendente de Felisberto da Silva Gonçalves, sobrinho de Tiradentes. Mercedes foi professora durante muitos anos.

MIGUEL CARLOS DE OLIVEIRA, rua

(Distrito de Providência) - A lei nº 998, de 08.03.1974, dá denominação ao trecho da rodovia Saturnino Braga que corta o perímetro urbano do distrito.

Miguel Carlos nasceu em Providência, a 21.11.1908, filho de Emilio Carlos de Oliveira e Querina Matilde de Oliveira Montes, que eram primos, ambos descendentes de Bernardo José Gonçalves Montes e de José Carlos de Oliveira. Miguel Carlos de Oliveira casou-se com Nadir de Souza Monteiro, a 01.07.1935, em Providência, sendo ela filha de Antônio Monteiro e Dolores de Souza.

MIGUEL GESUALDI, rua

(Bairro São Cristóvão) – Foi a lei nº 1308, de 06.10.78, projeto 76/78 do vereador Adávio Pires de Almeida, que lhe deu esse nome. Começa na rua Renato Monteiro Junqueira e termina na rua Antônio Carlos de Almeida Ramos. No mapa do loteamento do bairro, consta como rua 21. Vale registrar que a promulgação da lei é anterior à criação do bairro São Cristóvão, razão pela qual a rua aparece em algumas fontes como pertencente ao bairro Bela Vista.

Miguel Gesualdi nasceu em Pirapetinga (MG), filho dos italianos Eleonora Viola e Antonio Maria Gesualdi. Casou-se com Laura Pacheco, com quem teve os filhos José, Juracy, Cacilda, Rubens, Antônio, Osmar, Homero e Nanette. Um de seus netos é o terceiro dos homenageados na rua Jovens Guilherme, Luiz Celso e Ângelo, e o segundo era seu bisneto. Miguel era comerciante no ramo de camisaria, numa loja que existiu na rua Cotegipe, na esquina da rua Tiradentes. Ele faleceu em Leopoldina, a 07.01.1974, e sua mulher, Laura, a 02.01.1986. Ambos foram sepultados em Leopoldina.

MIGUEL MONTEIRO DE OLIVEIRA RESENDE, rua

(Bairro Vale do Sol) – Foi a lei nº 3163, de 24.06.99, projeto 19/1999 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida, que deu denominação a essa via que tem início no encontro com a rua Poeta Augusto dos Anjos e finda na rua Pres. João Goulart.

Miguel Resende nasceu em São Lourenço, a 30.10.1931, filho de José Aparecido Monteiro Resende e Regina Barbosa de Oliveira. Casou-se com Hermínia Couto Resende, em 08.07.1954, e com ela teve sete filhos: José Alberto, Carlos Heleno, Regina Aparecida, Flávio, Maria Aparecida, Randal e Hermínio Couto Resende. Mudou-se para Leopoldina em junho de 1962, fixando residência na rua Elias Matos. Estabeleceu comércio na praça Prof. Ângelo e mais tarde montou oficina de marcenaria e carpintaria. A mulher de Miguel nasceu em São Lourenço, a 14.11.1934, e era filha de João Apolinário de Viveiros e Francisca Couto, sendo irmã da Elza do Couto Viveiros Barbosa, sócia honorária da Academia Leopoldinense de Letras e Artes. Miguel faleceu a 20.12.1985, em Leopoldina.

MILTON OVÍDIO DE LIMA, rua

(Bairro Bela Vista) – Foi a lei nº 4501, de 19.12.2019, projeto 55/2019 do vereador Ivan Martins Nogueira, que denominou essa via que começa no encontro das ruas Eduardo

Clementino da Silva e Manoel Monteiro. É uma rua sem saída, que termina no corte do morro para a passagem da BR 116.

Milton Lima nasceu em Abaíba, em junho de 1909, filho de José de Faria Lima e Alcides da Silva Lima (Alcides Abigail da Silva). Casou-se, em 26.06.1929, com Otília Bastos Freire, filha de Durval de Bastos Freire a Antonieta de Faria Freire, com quem teve 7 filhos. Milton faleceu a 27.11.1993, no Rio de Janeiro, onde residia na Ilha do Governador. Foi sepultado em Leopoldina.

MILTON RAMOS PINTO, rua

(Bairro Alto dos Pirineus) - A lei nº 937, de 17.10.1973, dá denominação de rua Milton Ramos Pinto a uma via pública no bairro dos Pirineus.

Milton nasceu no dia 20.08.1893, filho de Emílio Augusto Pereira Pinto e Hermínia Cândida Ramos. Era descendente do Felisberto da Silva Gonçalves, sobrinho do Tiradentes. Casou-se com Evangelina (Evaína) Augusta de Oliveira, em Leopoldina, a 09.03.1935. Ela nascida em Miraí, em 13.05.1900, falecida em Juiz de Fora, a 30.07.1977, e sepultada em Leopoldina. Foi oficial do Cartório de Registro Civil. Era irmão de Emílio Ramos Pinto, também nome de rua da cidade.

MINA DE OURO, bairro

A mais antiga citação ao nome, ainda como Chácara, é de 1959 na lei nº 341 que denomina um de seus logradouros. Em 1968, a lei nº 654 já se refere ao bairro localizado na encosta do morro do Arranca-Toco, à esquerda do Feijão Cru. A Gazeta de Leopoldina (21.12.1952, fls 4 col 1) anunciou: "Lotes à venda. Magníficos lotes de terrenos encontram-se à venda na vila 'Mina de Ouro', nesta cidade. Para melhores esclarecimentos os interessados poderão se dirigir aos srs. José Augusto Machado e Jeremias Dias de Oliveira Filho, nesta cidade, à rua Tiradentes 27 ou pelo tel. 243."

MINAS GERAIS, rua

(Bairro Vale do Sol) – Diz a lei nº 3164, de 24.06.1999, projeto 21/99 da vereadora Iolanda Cangussú André, que deu denominação a essa via pública que tem seu início na rua Serginho do Rock. É uma rua sem saída. Termina no limite mais alto do bairro, nas

proximidades da saída para o Parque Dr. João Damasceno Portugal. O nome foi escolhido pelos moradores.

MIRALDA DIANA CERQUEIRA CÉSAR, rua

(Bairro José Arruda) – A lei 4073, de 13.12.2012, projeto 71/2012 do vereador Ivan Martins Nogueira, dá denominação à rua projetada localizada no Bairro Chácara Dona Euzébia. Pelo mapa de 2024, tem seu início na Rua Carmita Monteiro, ao lado do nº 346 e segue paralela à Rua Carmita Monteiro até as proximidades da E. E. Luiz Salgado Lima.

Miralda Diana Cerqueira nasceu a 20.03.1948, nas Palmeiras, e na infância sua família mudou-se para Banda Nova, no Arraial dos Montes. Era filha de João Luiz Cerqueira e Geralda Diana Rodrigues. Orfã de mãe aos 12 anos, assumiu os cuidados da casa e dos três irmãos. Aos 15 anos, mudou-se para Leopoldina. Em 1964 conheceu seu futuro marido, Araci Natal Cezar, com quem se casou aos 27.07.1969 e teve três filhos: Alex, Alan e Arlen. Faleceu no dia 31 de outubro de 2005.

MIRALDA, VILA, bairro

Veja Vila Miralda.

MOACIR CUNHA, rua

(Bairro Maria Guimarães França) – A lei nº 1150, de 10.09.1976, dá denominação à via pública que tem seu início na rua Raphael Ienaco e finda na rua Cléber Pereira Sales, passando em um dos lados da praça Carlos Luz Meneghite.

Moacir era filho de Antônio Marinho de Oliveira Cunha e Maria da Glória Pires. Ele, natural de Argirita; ela, de Pirapetinga. Era neto paterno de Manoel Marinho da Cunha e Estefania de Oliveira. Manoel Marinho faleceu em Argirita, a 29.01.1914, e teve gleba na fazenda Salvação e um sítio denominado Bouquet. Antônio Marinho e Maria da Glória se casaram em Argirita, a 03.10.1908. Moacir era irmão de D. Ierecê, esposa do Dr. José Bastos, ambos homenageados com nome em via pública da cidade, e de Marialva, que se casou com Omar Ribeiro Macieira, que faleceu em 2022.

MOACYR MARQUES, rua

(Distrito de Piacatuba) - A lei nº 1949, de 04.02.1988, projeto 04/88 de Darcy Luiz Vasconcelos de Rezende, alterou para Moacyr Marques a denominação da rua Governador Bias Fortes. Vale lembrar que o primeiro nome dessa via foi Henrique de Gusmão. Liga a rua Cândido Batista à Rua Itararé.

Moacyr Alves Marques nasceu a 18.07.1905, filho de José Alves Ferreira Pinto e Maria do Carmo de Souza Marques, sendo esta filha do Padre Joaquim Fidelis Marques com a primeira mulher Vicencia Ferreira de Souza Bretas. Moacyr se casou com Ana Rocha, com quem teve os filhos Lísio, José Otávio, Moacyr, Mauro, Maria José, Marly, Marília e Maria Aparecida.

MONTES, Arraial dos

Uma das citações ao povoado é de 09.10.1919, em escritura de venda de uma casa por José Carlos de Oliveira Ramos para Luigi Maimeri. O documento informa que o território pertencia ao distrito de Santa Izabel, hoje Abaíba, que contava com uma Escola Pública e que divisava com os herdeiros de Domingos Marques de Oliveira. Conclui-se, então, que, naquele ano de 1919, já existiam vários moradores no povoado, razão da existência da Escola. Destaque-se que o citado Domingos Marques de Oliveira fora casado com Ana Antônia de Jesus, filha de Bernardo José Gonçalves Montes, que formou a fazenda Sossego nos primórdios da ocupação territorial do Feijão Cru. No inventário de Bernardo, informa-se que os louvados avaliaram que a fazenda tinha uma área de 100 alqueires de terras no ribeirão denominado São Lourenço e 100 alqueires nas vertentes da Cachoeira. Os herdeiros maiores apresentaram à colação os seus dotes e pelo menos o genro Domingos desistiu da partilha porque já era proprietário de parte da fazenda Sossego pelo dote recebido no casamento e comprara antecipadamente a legítima paterna de alguns de seus cunhados.

Pelo processo 38402140 de Partilha amigável de Ana Antônia de Jesus, mulher de Domingos Marques de Oliveira, observa-se que o viúvo morava na fazenda Boa Vista e que, entre outros bens, havia "uma casa com cômodos para negócio em São Lourenço". Portanto, é de 1903 a mais antiga citação documental ao nome do povoado, o que permite concluir que ele se formou entre a morte de Bernardo, em 1861, e a partilha dos bens de sua filha Ana, em 1903.

Segundo documento registrado no Cartório do 1º Ofício, cuja cópia nos foi enviada pelo Edson Lupatini, em maio de 1925, a Igreja havia dado licença para demolição da antiga capela de São Lourenço e, em novembro daquele ano, foi lançada a pedra fundamental da nova construção. O declarante, cuja letra parece ser do Padre Aristides, estimou que a capela anterior tivesse sido construída em 1894. Teoricamente não teria sido a primeira, já que há referências literárias e orais a uma capela na fazenda do Sossego que teria como orago justamente São Lourenço. A nova capela de São Lourenço já estava concluída em agosto de 1927, sendo benzida no dia 10 daquele mês.

MORY BATISTA, rua

(Bairro Bela Vista) – Foi a lei nº 1614, de 09.05.1983, projeto 15/83, do vereador Vicente Thomas Schettino, que deu denominação à via pública que, partindo da av. dos Expedicionários e seguindo perpendicular à mesma, vai até a rua Oldemar Montenari.

Mory de Paula Batista era de uma família antiga em Piacatuba, onde nasceu no dia 31.07.1905, filho de Amadeu Baptista e Dinorah. Iniciou-se na profissão como aprendiz de seu pai, também farmacêutico. Foi licenciado em 1928 pela escola farmacêutica de Minas Gerais, vindo a estabelecer-se em Vista Alegre, em 1933. Neste mesmo ano, casou-se com Guiomar Campos Ladeira, de cuja união nasceram seis filhos. Em 1950 estabeleceu sua farmácia na rua Riachuelo. Em seguida, transferiu-se para a então praça da Bandeira, onde permaneceu à frente de sua farmácia Mineira até 1959, quando decidiu se desfazer do negócio. Em 1960, em sociedade com o seu filho José, abriu nova casa na rua Tiradentes e, em 1973, com o filho Paulo Sérgio, instalou a Drogaminas, em Marataízes, ES. Faleceu a 02.07.1974, vítima de acidente automobilístico.

MUNICIPAL, rua

(Antigo Logradouro) - Foi aberta a partir da esquina com a Tiradentes até a atual praça General Osório e recebeu o nome de rua Municipal, em 1855. Em 25.07.1879, há o registro no Livro de Atas nº 1, fls. 76v, da adequação do trecho ligando a atual rua Lucas Augusto à rua Municipal, "de conformidade com a postura, por que não tem 30 palmos de largura a dita rua." O jornal Irradiação (17.07.1889, fls 3, col 4) publicou a convocação para a Sessão Extraordinária do Conselho Administrativo da Sociedade Portuguesa de Beneficência, a realizar-se no dia 21 daquele mês, na casa do sócio José Gonçalves Gomes, na rua Municipal.

Veja rua Cotegipe.

MURILLO RODRIGUES PINTO, rua

(Bairro Praça da Bandeira) – A lei nº 2564, de 18.11.1993, Projeto 88/93 de Nélson Vieira Filho, dá denominação de Murillo Rodrigues Pinto à via pública que começa na praça Zequinha Reis e termina na rua Professora Emília Levasseur Rocha. É a antiga rua Salgado Filho.

Murilo Rodrigues Pinto era filho de Benedito Rodrigues Pinto e Petronilha. Casou-se com Luiza Montes e com ela teve 8 filhos. Alguns de seus filhos o seguiram na profissão de barbeiro. Sua filha Milce foi casada com José Eugênio Dutra, homenageado com nome de rua da cidade. Maria Luiza foi casada com José Antônio da Silva Oliveira, de Recreio. Faleceu em 13.04.1987, em Leopoldina. Sua esposa nasceu a 19.08.1911, em Leopoldina, onde faleceu a 10.09.2002, sendo filha de Moysés de Rezende Montes e Baldoina Brasilina de Oliveira. Pelo pai, era bisneta do pioneiro Bernardo José Gonçalves Montes e terceira neta do Vital Antônio de Oliveira. Os pais de Luiza tinham 5 ascendentes em comum, sendo parentes em diversos graus. Murilo residia na rua que recebeu o seu nome e trabalhou durante muitos anos como barbeiro em um salão que existiu na praça da Bandeira.

LETRA N

NAVES, Monsenhor, rua

(Bairro Arthur Leão) – A denominação oficial dessa rua ocorreu com a lei nº 1879, de 09.04.1987, projeto 28/87 de Nelito Barbosa Rodrigues. Começa na rua padre José Domingues e termina na rua Elias Matos.

Monsenhor Geraldo Naves nasceu 03.04.1912, filho de Joaquim Bernardes Naves e Candida Maria de Jesus. Estudou nos Seminários de Guaxupé e de Belo Horizonte, neste último tendo sido colega do Bispo Dom Gerardo Ferreira Reis. Foi ordenado padre a 30.11.1935, em São Sebastião do Paraíso. Chegou a Leopoldina em abril de 1963. Foi professor do Colégio Estadual (Ginásio) e do Seminário e Cura da Catedral até sua morte. É o autor do antigo hino de Leopoldina. Faleceu em 23.05.1985.

NEDER CALIL, praça

(Distrito de Abaíba) - A lei nº 1157, de 08.10.1976, dá denominação de praça Neder Calil, no distrito de Abaíba, ao logradouro antes conhecido como "largo da Estação". Nessa praça fica a escadaria que dá acesso ao pátio da Igreja de Santa Izabel, construída em 1908 conforme inscrição em sua fachada.

Neder Calil (Nadura), pela lei nº 2446, de 15.09.1992, denomina também uma ponte de concreto armado na estrada municipal de acesso ao distrito de Abaíba.

NEIRIMAR DE OLIVEIRA BALBINO, rua

(Bairro Serra Verde) – A lei nº 4747, de 21.06.2023, projeto 43/2023 do vereador Edvaldo Franquido Donado do Vale e Carlos Alexandre Badaró Cordeiro, dá seu nome à via que, pelo mapa de 2024, começa na rua A e finda na rua D, no bairro Serra Verde.

Neirimar Pereira de Oliveira era filha de Niville Vieira de Oliveira e Sebastiana Pereira de Oliveira. Nasceu em Leopoldina. Era casada com Paulo Roberto Balbino. Faleceu a 25.06.2021.

NÉLIO CLÁUDIO AGUIAR, rua

(Distrito de Tebas) – A lei nº 2784, de 22.10.1995, dá denominação a uma rua no distrito de Tebas que é um dos segmentos da antiga rua das Flores. Começa na rua Jacy Tavares, que fica numa lateral do campo, e segue pelos fundos da baliza do estádio até encontrar a rua Major Antônio Alves Tavares na outra lateral.

NELSON MONTEIRO, rua

(Bairro Dr. Joaquim Guimarães) – A lei nº 2003, de 15.09.1988, projeto 64/1988 do vereador José Dimas de Souza, dá denominação a essa via que tem início na rua Eloy Nogueira Gomes e finda no encontro com a rua Heitor Ribeiro Guedes, junto à Vila Esperança.

Nélson Monteiro de Rezende nasceu em Leopoldina, a 10.12.1911, filho de João Batista Monteiro de Rezende e sua parente Josefina Monteiro de Rezende. Casou-se a 18.02.1939, com Maria da Glória Ferreira Neto, filha de Honório Evangelista Ferreira Neto e Maria da Conceição Gonçalves Nogueira, com quem teve os filhos: Elair, José Nilton, Dionéia Maria, Dione, Maria da Conceição, Silvia, Lúcia Aparecida, Ronaldo, Gilberto, Aloisio, Paulo Roberto, Rosângela, Rosely, Antônio Carlos e o filho adotivo Otávio Arantes Xavier. Seu avô paterno, Marcos Monteiro de Rezende, foi proprietário da fazenda Ladeira, no distrito de Abaíba e confrontante da fazenda Sossego, que fora formada por Bernardo José Gonçalves Montes. Com a morte do avô Marcos, em 1933, e a divisão da fazenda Ladeira em 1935, João Batista tornou-se proprietário de um sítio que fazia divisa com o Sítio Samambaia, que era um desmembramento da fazenda Sossego e de propriedade de Domingos Marques de Oliveira. Nélson foi proprietário rural na mesma área e administrador de várias fazendas.

NENÉM CÉSAR, rua

(Bairro Roque Schettino) – Foi a lei nº 1657, de 26.03.84, projeto 03/84 do vereador Roque Macário Braz Schettino, que lhe deu o nome. Essa via tem seu início no lado direito da avenida Madre Cândida Maria de Jesus e termina no limite demarcado da área da rodovia BR-116.

Sebastião César de Oliveira, mais conhecido como Neném César, nasceu em Leopoldina, a 07.06.1904. Foi um dos primeiros moradores do atual bairro Limoeiro, ali vivendo durante 50 anos. Faleceu aos 70 anos de idade.

NESTOR AUGUSTO RODRIGUES, rua

(Bairro Chácara Dona Euzébia) - Seu nome surgiu com a lei nº 1302, de 05.10.1978, projeto 68/78 do vereador Adávio Pires de Almeida. Parte da ladeira Riachuelo, antes do início da rua Paulino Rodrigues, sobe o morro, passa pela esquina da rua Dirceu Barbosa Fajardo e termina no encontro com a rua Sargento Helber Pedro de Queiroz.

Nestor nasceu a 13.07.1903, filho do primeiro casamento do Paulino Augusto Rodrigues com sua prima, pelo lado materno, Umbelina Cândida Rodrigues. Casou-se a 26.07.1923, em Leopoldina, com Sebastiana Barbosa de Oliveira, nascida a 06.04.1903, em Leopoldina, filha de Emigdio Carlos Barbosa e Eliza Carolina de Oliveira. Nestor e Sebastiana tinham 3 antepassados em comum: João Ignacio de Moraes, José Carlos de Oliveira e Vital Antônio de Oliveira, todos na 6ª geração ascendente. O casal foi pai de Noemia e Nelito. Nestor faleceu a 19.11.1948.

NESTOR SILVEIRA FONTES, escadaria

(Bairro Mina de Ouro) - A lei nº 2514, de 19.05.1993, projeto 27/93 do vereador José Dimas de Souza, dá denominação de escadaria Nestor Silveira Fontes a logradouro público da cidade. Liga a rua Professor José Lintz à rua Manoel de Almeida Lacerda, no bairro Dr. Joaquim Furtado Pinto.

Nestor Silveira Fontes nasceu a 01.06.1922, em Leopoldina, filho de Raimundo Silveira Fontes e Clemencia Hortência de Jesus. O pai de Nestor aparece como Raimundo Silva no casamento e nos batismos dos filhos. Ora é Silveira Fontes, ora Silveira Pontes. Nestor Silveira Fontes era casado com Maria Aparecida da Silva, com quem teve os filhos: José, Oldemar, Inês, Paulo, Helena, Maria Neide e Heloisa. Faleceu em 28.04.1992, em Leopoldina.

NEWTON BARBOSA, rua

(Bairro Pedro Brito Netto) – A lei nº 2938, de 16.05.97, projeto 18/97 do vereador Brenio Coli Rodrigues, dá denominação à via pública que tem início na rua Luiz Torres de Barcelos e termina na rua H, segundo o mapa de 2024. Pela lei nº 3084, de 22.10.1998, projeto 81/98, foi alterada a redação do art. 1º da lei 2938 de 16.05.1997.

Newton Barbosa nasceu a 11.10.1921, na fazenda Alegria, em Piacatuba. Era o segundo filho de Jorge Barbosa e Ormezinda. Irmão de Nilson (Cicinho) e Nilo. Casou-se em 1955 com

Ayda Gomes e com ela teve os filhos: Nilza, José Nilton, Nilda, Jorge e Nilma. Faleceu em 09.04.1987. Newton era ruralista.

NEWTON VASCONCELOS, rua

(Distrito de Piacatuba) – A lei nº 3901, de 13.10.2009, projeto 24/2009 do vereador Ivan Martins Nogueira, dá denominação de Newton Vasconcelos à rua localizada em frente à Praça Santa Cruz. Tem seu início ao lado do Centro Cultural Comunitário e Histórico do citado distrito e vai findar em frente à chácara de propriedade de José Otávio Campos Vasconcelos.

Newton Vasc*oncelos* nasceu a 11.04.1903, em Piacatuba, e foi batizado a 29 de maio do mesmo ano. Era filho de Otacilio Vasconcelos e Maria Rodrigues Vieira. Neto paterno de Francisco Alberto Lopes de Vasconcelos e Ana Francisca Nunes. Irmão de Hamilton Vasconcelos, fotógrafo, patrono da cadeira nº 40 da Academia Leopoldinense de Letras e Artes. Newton casou-se com Maria da Glória Campos, com quem teve os filhos José Otávio, José Newton, Maria de Fátima, Dalma Maria, Jania Aparecida, Vera Cruz e Dulce Regina. Foi mecânico, motorista de caminhão e de ônibus, carpinteiro e carvoeiro. Tornou-se agricultor em Piacatuba. Faleceu a 17.09.1993, em Leopoldina.

NICÁCIO SALLES, rua

(Bairro São Cristóvão) – Lei nº 1292, de 22.09.1978, projeto 58/78 do vereador Adávio Pires de Almeida, denominou a via que começa na rua Omar Resende Peres e segue na direção do interior do bairro.

Nicácio Sales, segundo o projeto da lei, nasceu em 21.04.1891, oficialmente em Cataguases, embora o correto seria Itamarati de Minas, que foi distrito de Cataguases até 1890. Era filho de Joaquim Xavier de Sales e Luiza. Casou-se em Itamarati, a 28.09.1912, com Rita Barbosa de Miranda, filha de Francisco José de Miranda e Teodora Dias Barbosa. Foi pai de Francisco José, casado com Zuleika Ferreira e de Pedro, casado com Eny Lacerda. Residiu em Leopoldina durante 31 anos e sempre foi um cidadão e trabalhador exemplar. Faleceu em 09.02.1978.

NICOLAU ESTEVES, rua

(Bairro Vila Esteves) – Foi a lei nº 467, de 27.03.1963, que deu nome a essa rua. Começa no final da rua Dom Aristides, nas proximidades da mina d'água e, subindo em curva à direita, vai encontrar a rua João de Almeida Cruz.

Nicolau Esteves nasceu em Argirita, filho dos italianos Francesco Esteves / Stefani / Stievano e Maria Grazia Leotti. Era irmão de Nicolina, casada com Angelo Minicucci, radicados em Carangola; José, casado com Wanda Rocha, radicados em Cataguases; Maria Rosa, casada com Mizael Furtado de Souza; Ernestina, casada com André Pagano; Albertina, casada com Antonio Riani, e Roque. Casou-se em Argirita, a 04.11.1916, com Eurídice Dolores Barbosa de Castro, natural de Argirita, filha de Joaquim Barbosa de Castro e Emiliana Antunes de Faria. O Joaquim era neto de Felipe Barbosa de Castro, personagem objeto de muitas lendas, e que migrou para Muniz Freire-ES, na segunda metade do século XIX. Eurídice era irmã de Ascendina; Dalila, casada com Antônio Fajardo de Melo; Mário, casado com Maria das Dores Pires; Colatino, casado com Sebastiana Barroso; Maria Ricardina, casada com José de Souza; Zoé, casado com Itamar Meireles Carneiro; e Joaquim, casado com Armandina Medina de Souza.

NICOLAU JOSÉ LALUNA, rua

(Bairro Alto da Ventania) – A lei nº 810, de 09.08.1972, deu nome a essa rua. Ela começa na avenida Humberto de Alencar Castelo Branco, nas imediações do número 1408, vai margeando o morro Redentor até a altura da vila Miralda." No passado o lugar era vulgarmente conhecido como "Risca-faca".

Nicolau José Laluna era natural de Mar de Espanha, filho dos italianos Vincenzo Giuseppe Laluna e Maria Francesca de San Giovanni (Sangiovanni). Casou-se em Piacatuba, a 26.11.1896, com Maria da Silva Xavier, natural de Valença, filha de Antônio da Silva Xavier e Albina da Silva Xavier, ou seja, irmã da Dona Carmen Xavier, cuja família participou da criação da Igreja Metodista em Leopoldina. Nicolau respondeu pelo culto na igreja Metodista, nas décadas de 1940 e 1950. Segundo a Gazeta de Leopoldina, (01.08.1895, pág. 4), ele era proprietário de uma fábrica de fogos de artifício em Tebas. Nicolau residia numa pequena chácara que existia na altura do nº 232 da rua Professora Emília Levasseur Rocha. Faleceu no estado de viúvo e não deixou descendentes conhecidos.

NILO COLONA DOS SANTOS, rua

(Bairro São Cristóvão) – Foi a lei nº 1279, de 18.08.1978, projeto 45/78 do vereador Naylor Harley Resende Domingues, que deu denominação à via que tem início na praça Domingos Conte e finda no encontro com a rua Carlos Schettino.

Nilo Colona dos Santos era natural do Rio de Janeiro, filho de Antônio Barbosa dos Santos e Zulmira Colona. Casou-se em Leopoldina, aos 26.10.1929, com Antonia Monteiro Junqueira, filha de Custódio Monteiro Ribeiro Junqueira e Emerenciana Botelho Reis Junqueira. Foi diretor da fazenda Desengano.

NÍZIA (NIZITA) LACERDA ZAQUINE, rua

(Bairro Jardim Caiçaras) – Foi a lei nº 2663, de 23.11.1994, projeto 93/94 do vereador Brenio Coli Rodrigues, que denominou essa via que está localizada na elevação existente em frente ao posto fiscal da Polícia Rodoviária Federal, em terras que pertenceram à chácara do Custódio Lacerda, pai da homenageada.

Nizia Lacerda nasceu em Leopoldina, a 30.01.1917, filha de Custódio Lacerda Filho e Etelvina Rodrigues Ferreira. Casou-se a 19.07.1936, com Pedro Zachini, filho dos italianos Antônio Zachini e Annunziata Toccafondo, com quem teve os filhos Antônio Custódio, Carlos Roberto, Lêda, Luiza Helena, Odalea, Odete, Olizete, Orlinda e Paulo Heleno. Pedro Zachini (Zaquine) era irmão de João e de Francisco Zaquine, que também empresta o nome a uma rua da cidade. Nízia é neta paterna de Custódio Lacerda Ferreira e Augusta Esméria Rodrigues. E neta materna de Antônio Vicente Ferreira e Ana José Rodriguez.

Custódio Ferreira de Lacerda era filho de Ezaú Antônio Corrêa de Lacerda e Generosa Teodora de Jesus. Augusta Esméria Rodrigues era filha de Vicente Rodrigues Ferreira e Luciana Francelina da Anunciação. Nizita Lacerda Zaquine faleceu em 24.08.1993.

NOVA LEOPOLDINA, bairro

A mais antiga citação ao nome do bairro foi na lei nº 2372, de 09.06.1995, que denominou um equipamento esportivo ali construído. O bairro teve origem num loteamento realizado no ponto mais alto do morro do bairro Bela Vista.

NOVA, rua

(Antigo Logradouro) - Em 1928, na mensagem do Presidente da Câmara, o Dr. Carlos Luz declara que era a "via por nós construída". Era, à época, uma nova rua no centro da cidade, aberta com a demolição do prédio onde moraram os pais do escritor Fernando Sabino, na praça Gama Cerqueira. E como Rua Nova passou a ser referida. Em 1954, era conhecida como rua Thebas. E foi com a lei nº 394, de 01.03.1961, que recebeu o nome atual: Rua Presidente Carlos Luz.

NYAGARA, rua

(Bairro Centro) – O nome dessa rua surge com a lei nº 4140, de 24.09.2013, projeto 71/2013, do vereador Alfredo Mendes do Vale. É a rua de entrada no condomínio residencial Blue Garden Residencial, construído ao lado do Clube do Moinho. É a paralela à Alameda Desengano.

Nyagara homenageia a fazenda desse nome localizada à margem da estrada para Abaíba. Fazenda que atualmente pertence a Ivan Müller Botelho, quarto neto do fundador Manoel José Monteiro. Hoje produz madeira de reflorestamento e cria gado nelore.

LETRA O

ODETE DA SILVA, rua

(Bairro José Arruda) – Foi a lei nº 2612, de 20.04.94, projeto 33/94 do vereador José Geraldo Almeida Machado, Gué, que deu nome à via pública que, no mapa do loteamento da família Arruda, encontra-se identificada como "Rua L". Essa rua começa no lado esquerdo da rua Estela de Melo, no alto do morro, segue na direção da torre de telefonia e da UNIPAC, acompanhando a rua Carmita Monteiro até um ponto em que ela dobra à direita e as duas se encontram.

Odete da Silva nasceu em Vista Alegre, a 21.08.1921, Era filha de João Ventura e Maria Faustina, sendo neta paterna de Joaquim Martins e Ana Dias e neta materna de José Anacleto da Silva e Maria Carlota de Jesus. Trabalhou na Fábrica de Tecidos e como garçonete no Hotel Gomes. Criou dois filhos adotivos: Terezinha de Souza e Gabriel Ventura do Rosário. Atuou como parteira. Faleceu em Leopoldina, a 25.01.1986, com 64 anos e solteira.

OLARIA, rua

(Distrito de Abaíba) – Tinha seu início na praça Neder Calil e seguia na direção do município de Recreio, pelo leito da Estrada Saturnino Braga, MG 454. Hoje essa via recebe o nome de Doutor Francisco Ubirajara de Moraes Coutinho (Bira).

Olaria era onde se fabricavam principalmente tijolos e telhas de barro para as construções.

OLDEMAR MONTENARI, rua

(Bairro Bela Vista) – Foi através da lei nº 1217, de 20.10.1977, projeto 53/77 do vereador Naylor Harley Resende Domingues, que essa via recebeu a atual denominação. No mapa do loteamento do bairro, ela está identificada como rua nº 05. Tem seu início na rua Alceu Junqueira Ferraz e finda na rua Antenor Ribeiro dos Reis.

Oldemar foi barbeiro (salão Bijou) e comerciante. Era um cidadão de vida simples e extremamente dedicado à assistência aos mais carentes. Em agosto de 1975 criou, em

conjunto com Aloísio Soares Fajardo, a Sopa da Fraternidade, que leva o seu nome, vinculada ao Centro Espírita Amor ao Próximo.

No dizer de Mário de Freitas, em "Leopoldina do Meu Tempo", Oldemar Montenari "não fez outra coisa senão amar os seus semelhantes. O seu coração sempre esteve voltado para os deserdados da fortuna."

OLGA BARBOSA LADEIRA, rua

(Bairro Alto dos Pirineus) – A denominação desse logradouro público surgiu com a lei nº 2410, de 10.06.1992, projeto 33/92 do vereador José de Castro Barbosa. É a primeira rua à esquerda de quem sobe a rua Cândido Ladeira. É uma rua sem saída, que finda próximo a uma escadaria que dá acesso ao alto dos Pirineus.

Olga Barbosa nasceu a 10.06.1892. em Leopoldina, filha de Manoel Joaquim Barbosa e Maria Cerqueira de Moraes. Casou-se com Cândido Barbosa Dias Ladeira, natural de Tebas. Segundo o projeto de lei, o nome já era oficiosamente utilizado em correspondências pelos moradores. Olga faleceu em 06.04.1979.

OLÍMPIO MOURÃO FILHO, General, rua

(Bairro Alto dos Pirineus) - A lei nº 808, de 09.08.1972, diz que "fica denominada rua general Olímpio Mourão Filho a via pública, sem denominação, que partindo da praça Alípio Assunção, contorna todo o bairro Santa Tereza, até o loteamento do bairro Esteves." A lei nº 1104, de 20.11.75, deu nova redação ao artigo 1º da lei nº 808.

OLINTO NETTO, rua

(Bairro Mina de Ouro) – Sua denominação foi dada pela lei nº 1784, de 07.03.1986, projeto 08/86 de autoria do vereador Darcy Luiz Vasconcelos Resende. Essa lei foi alterada pela lei nº 3416, de 08.05.2002 que deu nova redação ao art. 1º da 1784. Liga a rua Professor José Lintz às ruas Elias Matos e Manoel Lacerda de Almeida e, à praça Wilson Pimentel, nas proximidades do Estádio Otacir Lacerda França, Arranca -Toco).

Olyntho Gonçalves Netto nasceu em 04.03.1901 e faleceu em 03.02.86. Era filho de Elisa de Vargas Martins e João Ventura Gonçalves Neto. Estudou e residiu na colônia Constança, onde foi proprietário rural. Aposentou-se como funcionário público Federal. Sempre militou na política e foi um dos fundadores do Partido Republicano em Leopoldina.

Seu pai, João Ventura Gonçalves Neto, auxiliar do administrador da Colônia Agrícola Constança, foi juiz de paz em Leopoldina e era filho de Pedro Gonçalves Neto e Maximiana Ferreira de Almeida. Seus avós paternos foram João Gonçalves Neto e Mariana Flauzina de Almeida, filha do lendário Manoel Antônio de Almeida. A avó materna de João Ventura Gonçalves Neto era Messias Esméria de Almeida, irmã de sua avó paterna. Por parte de seu avô materno, João Rodrigues Ferreira Brito, também descendia dos primeiros povoadores de Leopoldina. Na sua ascendência, no século XVII, chegaremos a João de Almeida, natural da Freguesia do Espírito Santo, Óbidos, Lisboa, Portugal e a Francisco de Oliveira Braga, outro desbravador português. A mãe de Olyntho, Elisa Martins, era filha de João Rodrigues Martins e Teresa Vargas, também de família de povoadores de Leopoldina, já que seu pai era bisneto do mesmo Manoel Antônio de Almeida.

Olyntho era casado com Mariana Rodrigues de Oliveira e deixou os filhos Ely, Elói (ambos, ex-vereadores na cidade) e Elisa. Mariana era filha de Antônio Augusto Rodrigues e Maria Antônia de Oliveira. Antônio Augusto Rodrigues, por sua vez, tem seus ascendentes relacionados em Nestor Augusto Rodrigues, já citado, e Maria Antônia Oliveira Rodrigues era filha de Antônio Justino de Oliveira e Ignácia de Almeida Oliveira.

OLIVIER FAJARDO, Coronel, rua

(Bairro Centro) – Foi a lei nº 414, de 30.11.1961, que alterou o nome da antiga rua Piacatuba para rua Coronel Olivier Fajardo. Consta que essa rua teria recebido, anteriormente, a denominação de Piedade, o primeiro nome do distrito de Piacatuba. Liga a rua Ribeiro Junqueira à rua José Peres. É a rua que passa em frente ao parque de exposições e ao Estádio Guanayro Fraga Mota e finda nas proximidades do CEFET e do Terminal Rodoviário Dr. Jairo Salgado Gama.

Olivier Fajardo de Paiva Campos era neto do cel. Joaquim Fajardo de Mello Campos e Guilhermina B. de Mello Campos. Nasceu em 1883, na fazenda São Pedro, pertencente a seu avô materno, Francisco Esmério de Paiva Campos, localizada no distrito de Piedade – atual Piacatuba. Foi criado na fazenda Santa Cruz, também em Piedade, de propriedade de seus pais, capitão José Fajardo de Mello Campos – Capitão Zeca – e Maria Esmério Campos – D. Sinhá. Anteriormente, a faz. Santa Cruz pertencera a seu bisavô, Joaquim Honório de Campos – Barão do Rio Pardo. Cursou as primeiras letras no Colégio Rezende, na sede do distrito, e fez o curso de humanidades no Ginásio Mineiro, em Barbacena. Era o primogênito de treze irmãos. Os outros eram: José(Zezé), casado com sua prima Robertina Almada

(Neném); Esmeraldina (Nhánhá), casada em 1ªs núpcias com Epiphanio de Souza Campos, e depois, com Lindolpho Barbosa; Américo (Meméco), casado com América Barbosa (Meméca); Octacílio (Nem), casado com Carolina Barbosa (Catita); Hildebrando (Bande), casado com sua prima Alzira Barbosa Fajardo; Waldemar (Nhônhô), casado com Maria do Carmo Barbosa (Marocas); Nephitaly (Tazinho), casado com Olinta Barbosa; Dermeval, casado com sua prima Maria da Conceição Fajardo (Bilia) e, após o falecimento desta, com América Barbosa; Deuziana, casada com Waldemar Barbosa (Valinho); Maria, casada com Henock Fonseca; Francisco (Chichico), casado a primeira vez com Lélia Vargas e a segunda com Áurea Vieira; e a caçula, Dalva, casada com seu primo Joaquim Fajardo de Campos.

Olivier casou-se, em 25.02.1905, com sua prima Oziêta Fajardo, filha do coronel Joaquim Fajardo de Mello Campos. Foi capitão da 2ª Cia. do 797º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional, por decreto assinado pelo presidente da república, Wenceslau Braz, em 25.04.1914. Elegeu-se, em 1915, como vereador especial pelo distrito da cidade, sob a sigla do extinto Partido Republicano Mineiro – PRM. Faleceu no dia 19.11.1961, no distrito de Piacatuba.

OMAR BARBOSA, rua

(Bairro São Luiz) – A lei nº 1155, de 08.10.1976, deu denominação à via que começa na travessa da Criança, entre as ruas Ranulfo Matola e Santa Luzia.

Acredita-se, com base nos dados extraídos de Pamplona (2010, p 183), sem filiação, que o Omar Barbosa homenageado teria nascido a 30.10.1918 e falecido a 19.08.1976. Era casado com Wanda de Souza Werneck, nascida a 24.04.1915 e falecida a 18.08.1995, filha de Eduardo de Souza Werneck e Cecília Pereira Werneck. Pais de Maria Cecília e Antônio Márcio. Omar foi comerciante no ramo de combustíveis, sócio proprietário do Posto Gebar, que funcionou nas proximidades da igreja de Santo Antônio, no atual bairro Boa Sorte.

OMAR JUNQUEIRA BASTOS, Doutor, rua

(Bairro Fábrica) – A lei nº 1380, de 04.10.1979, projeto 52/79 do vereador Wilson José Valentim, dá denominação a essa via pública, aberta pela Prefeitura, que se inicia na rua Vinte e Sete de Abril e vai até a rua Clóvis Junqueira Bastos, próximo ao córrego Feijão Cru.

Omar era filho de Francisco de Andrade Bastos (Chico Bastos) e Helena Botelho Junqueira, nomes de logradouros da cidade. Era casado com Arlete Junqueira, também nome

de logradouro, filha de Joaquim Tibúrcio Junqueira Sobrinho e Amélia Ribeiro dos Reis. Omar e Arlete foram pais de Regina Helena, Luiz Fernando, Carlos Henrique e Silvia Amélia. Omar era dentista e faleceu a 10.03.1979, em Leopoldina.

OMAR RESENDE PERES, rua

(Bairro São Cristóvão) – A lei nº 907, de 04.07.1973, dá denominação de Omar Resende Peres à via pública que, no mapa do loteamento, modificado pela lei nº 1117, de 12.03.1976, projeto 02/76 do vereador José Mangabeira da Silva, leva o nome de rua R. É a via paralela à BR-116, em toda a extensão do bairro São Cristóvão, que divisa com a Rio-Bahia.

OMAR RESENDE PERES, rua

(Distrito de Tebas) – A lei nº 512, de 06.02.1964, foi o primeiro registro do nome dessa rua. É a via que, partindo do final da rua Justiniano Fonseca, segue pela antiga saída, em direção a Argirita. Popularmente, é conhecida como rua dos Coqueiros.

Omar Rezende Peres nasceu em Leopoldina, por volta de 1928, e faleceu a 17.06.1962, em Tebas, num acidente aéreo quando fazia campanha política. Era filho de José Peres Alvarez, nome de logradouro, natural da Galícia, Espanha, e de Maria Esther Soares de Rezende, filha de Artur Vieira de Rezende e Silva, estudioso da Genealogia Mineira. Casou-se com Maria Amália de Angelis Tomé, também nome de logradouro, nascida em Tebas, em 1932, filha de Olavo Tomé da Silva e Maria do Carmo de Angelis.

Os avós paternos de Omar passaram ao Brasil em 1890 com os cinco filhos mais velhos. Viveram entre Sereno e Vista Alegre, distritos de Cataguases, e Santana de Cataguases. Foram proprietários do Sítio Angu Seco, em Sereno. O pai de Omar foi comerciante e em 1923 arrematou do inventário de Sebastião Luiz de Freitas a licença para fornecimento de madeira para a então The Leopoldina Railway Company. Por volta de 1925, o casal José e Maria Ester, já com cinco filhos, estabeleceu residência em Leopoldina, onde nasceram os outros cinco mais novos. De tradicional família de fazendeiros e comerciantes, Omar destacou-se, também, como político.

ONÇA, bairro

(Antigo Logradouro) - O bairro compreendia as margens da rodovia BR-116, entre a sede da antiga fazenda Pury, origem de parte da família Rodrigues, no Km 770, e o km 771 da mesma rodovia. Atualmente tem o nome de bairro da Boa Sorte.

Herdou o nome antigo da fazenda formada por Bernardino José Machado e Maria Rosa de Almeida. Não foi localizada a lei que denominou o bairro da Onça. O que se tem são citações e informações a respeito. No Registro de Terras, de 1856, consta que uma parte da fazenda da Onça pertencia a Manoel Lopes da Rocha e a José Lopes da Rocha, genros de Bernardino José Machado. Os vizinhos, nessa época, eram Maria do Carmo Monteiro de Barros (fazenda Desengano), Joaquim Antônio de Almeida Gama (fazenda Floresta), Antônio José Monteiro de Barros (ex-proprietário da fazenda Paraíso), Manoel Rodrigues da Silva (fazenda Pury), José Augusto Monteiro de Barros (fazenda Constança), a viúva de Manoel Joaquim Ferreira (fazenda Monte Alegre de Thebas), Carlos de Assis Pereira, João Ribeiro, Manoel Antônio de Almeida (fazenda Feijão Cru), Antônio José Pinto de Almeida e Felisberto da Silva Gonçalves (fazendas São Bento e Monte Redondo).

Sobre o seu passado, O Leopoldinense, de 02.04.1882, publica a notícia de que o empresário Gonçalves (Francisco Gonçalves da Rocha Andrade) ficou responsável pelo preparo das raias para a corrida de cavalos, na Onça. O Leopoldinense, de 30.04.1882, completa dizendo que "todos os cavaleiros de bom tom, da sociedade de Leopoldina, advogaram esta idéia".

Ainda no O Leopoldinense, 25.05.1882, está a notícia de que, no dia 21 de maio daquele ano, "no arrabalde da Onça, ocorreu o ensaio das corridas de cavalo que [seriam efetuadas] no próximo dia 25 de junho". E é do mesmo jornal a informação de que José Jeronymo de Mesquita (filho do Barão de Mesquita, dono da fazenda Paraíso), Otávio Otoni e o Capitão Santa Maria, foram alguns dos promotores da corrida de cavalos, na Onça.

Como curiosidade, registre-se que, pela lei nº 936, de 17.10.1973, ficou denominada Carlos de Almeida a escola singular rural municipal, situada no então bairro da Onça, ao lado da igreja de Santo Antônio.

OPERÁRIOS, rua

(Antigo Logradouro) - Três leis citam o nome dessa rua. A primeira, a lei nº 440, de 04.11.1928, deu a ela o nome de rua dos Operários, homenageando trabalhadores da Fábrica

de Tecidos que foi a responsável pela construção de casas para os seus empregados. Posteriormente, em 10.05.1985, pela lei nº 1728, o nome da rua mudou para Perciliano de Oliveira, em homenagem a Perciliano Carlos de Oliveira, que residiu nas imediações. E, pela terceira vez, através da lei nº 1802, de 20.05.1986, projeto do vereador 32/86, do vereador Benedito Rubens Renó Guedes, ela passou a se chamar "Costa Montes", nome então utilizado por Perciliano Carlos de Oliveira.

OPTATO LACERDA FRANÇA, rua

(Bairro Fátima) – Foi a lei nº 892, de 15.05.1973, que deu a denominação à via pública que começa na rua Vinte e Sete de Abril (atual rua farmacêutico Durval Bastos) e termina próximo ao Ribeirão Feijão Cru, no bairro de Fátima, sendo a segunda paralela à av. Getúlio Vargas, pelo lado esquerdo.

Optato, carinhosamente tratado por "Tatinho", nasceu a 09.09.1904, em Leopoldina. Era filho de Manoel Bruno Viana França, casado com Maria Augusta Rodrigues Lacerda e irmão de Sebastião, Enéas (médico, pai de homônimo, ambos nomes de logradouros), Odete, Osmar (Liliu, ex-prefeito), Otacyr (pai do Luiz Ronaldo Botelho França), Oto (pai do professor Sérgio França), Olga, Orlinda e Olmira Lacerda França. Optato faleceu a 20.06.1971, em Leopoldina.

ORFANATO, Caminho ou Trilha do

(Antigo Logradouro) – O Orfanato Lenita Junqueira era uma instituição filantrópica que acolhia crianças desamparadas, do sexo feminino. Foi idealizado pelo padre Júlio Fiorentini, mas só entrou em funcionamento anos depois da morte do religioso. Recebeu o nome da filha de Joaquim Cândido Ribeiro Junqueira e Laura de Freitas Lustosa, nascida em Leopoldina, a 27.07.1936. Encerradas suas atividades no final do século passado, e sendo patrimônio da Casa de Saúde de Leopoldina, tem sido objeto de projetos ainda não efetivados.

ORIEL BARBOSA, rua

(Bairro Vale do Sol) – O nome dessa rua surgiu com a lei nº 3458, de 09.10.2002, projeto 71/02 do vereador Otávio Arantes Xavier. Pelo mapa de 2024, essa via começa na rua

Serginho do Rock e termina no encontro das ruas Petrina Gomes Machado, Feliciana da Costa Aguiar e Antônio Mateus de Oliveira.

Oriel Barbosa nasceu em 22.04.1922, em Piacatuba, filho de Eduardo Pires Barbosa e Francisca Barbosa de Moraes. Neto paterno de Baldoíno Pires Barbosa, proprietário de terras nas proximidades da Usina Maurício. Baldoíno era filho de Antônio Maurício Barbosa, que vendeu as terras para a construção da Usina Maurício. Oriel casou-se, em 03.05.50, com Zenite Oliveira, nascida em 09.11.1932, filha de Alonso Matias de Oliveira e Emília Ambrosina de Oliveira. Oriel e Zenite tiveram os filhos Francisca Emília, que prestou informações sobre a família; Carlos Alberto; Helena Maria; Raimundo Heleno, Suely; Kátia e Adriana. Oriel era funcionário público municipal. Faleceu no Rio de Janeiro, em 12.12.1996.

ORLANDINA ADOLFO DE SOUZA (Dona Maria Teimosa), rua

(Bairro Popular) – Foi a lei nº 3870, de 19.12.2008, projeto 88/2008 do vereador Lúcio Fonseca César, que nominou a via que, no mapa do loteamento, recebeu o nome de Rua N. Começa na praça Anderson Alexandre Coelho e finda no limite do loteamento.

Orlandina Adolfo de Souza era natural de Duque de Caxias, RJ, onde nasceu, a 04.11.1922, filha de Antônio Adolfo e Amália Maria da Conceição. Era viúva. Colocava barracas na Exposição Agropecuária com comidas típicas. Gostava de benzer crianças. Faleceu a 10.07.2005, em sua residência na Praça do Rosário, e foi sepultada em Vista Alegre.

ORLANDO FARIA, rua

(Bairro Três Cruzes) – Lei nº 4074, de 13.12.2012, projeto 85/2012 do vereador Antônio Carlos Martins Pimentel. Começa na rua Agostinho Silvino Teixeira de Rezende, cruza a rua Bernardino José Fidélis e termina na rua Santo Meneghite.

Orlando Faria nasceu dia 14.07.1923, em Guidoval, MG, filho de Sebastião Gil Braz de Faria e Vitalina Teodora da Conceição. Era casado com Ila Soares, com quem teve os filhos Paulo Célio, Maria Edith e Mariza. Trabalhou com o rádio-telegrafista da Estrada de Ferro Leopoldina. Transferiu-se para Leopoldina, na década de 1940, onde foi tipógrafo e se aposentou na década de 1970. Foi também encadernador artesanal. Em 1982, uma tromba d'água destruiu sua oficina e sua casa. Conseguiu recuperar-se com muito esforço. Foi Presidente do Sindicato dos Gráficos e membro participativo da UBOL - União Beneficiente Operária Leopoldinense. Faleceu no dia 05.06.1997.

ORLANDO MONTEIRO LEITE, rua

(Bairro Fábrica) - A lei nº 3136, de 10.03.1999, projeto 01/99 do vereador Nélson Vieira Filho, deu denominação à via pública que começa na rua Francisco de Andrade Bastos, junto ao Feijão Cru, e segue na direção da avenida Getúlio Vargas, pela margem esquerda do Ribeirão.

Orlando Monteiro Leite nasceu por volta de 1907, em Abaíba, filho de Serafim Gomes Leite e Amélia Monteiro Leite. Casou-se a 28.12.1931, com Aparecida Furtado, natural de Juiz de Fora, filha de Manoel Nóbrega Furtado e Rita de Oliveira. O casal residia na Rua Cotegipe, onde Orlando administrava um comércio de bar e sinuca muito concorrido. Faleceu a 13.06.1992, em Leopoldina.

ORMEO JUNQUEIRA BOTELHO, Dr., praça, rodovia e rua

Praça – (Bairro Centro) – Foi a lei nº 2924, de 20.02.1997, projeto 001/97 do vereador Nélson Vieira Filho, que denominou essa praça que fica entre o final da escadaria Dom Delfim Ribeiro Guedes e a praça Dom Helvécio, conforme encarte com os "Atos Oficiais" integrante do Jornal Equipe nº 87, de 01.03.1997.

Rodovia – A lei federal nº 10649, de 14.04.2003, denominou o trecho da BR 120 entre Leopoldina e Cataguases com o nome Ormeo Junqueira Botelho.

Rua - (Bairro Chácara Dona Euzébia) – Sua denominação atual ocorreu a partir da lei nº 2538, de 09.09.1993. Liga o início da rua Lindolfo Pinheiro ao final da rua Joaquim Ferreira Brito. É a antiga Rua Cataguases.

Ormeo Junqueira Botelho nasceu a 13.03.1897, em Abaíba, município de Leopoldina, filho de Francisco de Andrade Botelho e Maria Nazareth Ribeiro Junqueira. Fez os primeiros estudos em Barbacena. Cursou engenharia civil no Rio de Janeiro e, formado, retornou a Leopoldina. Casou-se com Dora Müller e com ela teve os filhos Francisco, Gilberto, Lya Maria, Ivan e Alice. Como engenheiro, realizou inúmeras obras na cidade e região. Como empresário, fundou e dirigiu por muitos anos a Cia Força e Luz Cataguases-Leopoldina, que foi sucedida pela ENERGISA; foi um dos sócios-fundadores da Cia Fiação e Tecidos Leopoldinense e seu diretor por muitos anos; foi um dos fundadores da Cia Industrial Cataguases, empresa da qual também participou da direção por muito tempo. Era um dos sócios e, por curto período, dirigiu o Banco Ribeiro Junqueira. Fazendeiro, era proprietário da fazenda Laranjeiras, participou da fundação da Associação Rural de Leopoldina e dirigiu a Cooperativa dos

Produtores de Leite, além de ter ajudado na criação da exposição agropecuária. Foi fundador e dirigente do Orfanato Lenita Junqueira e provedor e administrador da Casa de Caridade Leopoldinense (Hospital). Líder influente, ingressou na política nacional e foi eleito deputado federal. Faleceu em 09.02.1990, no Rio de Janeiro, RJ.

OSCAR DE SOUZA ÁVILA, rua

(Distrito de Tebas) - A lei nº 2910, de 12.12.1996, projeto 137/96, dá denominação à via pública que parte da rua Major José Tavares, nas proximidades do trevo da rodovia BR-267, e segue tendo a rodovia de um lado e o local onde é realizado o concurso leiteiro do outro.

Oscar de Souza Ávila nasceu a 07.07.1899, em Tebas, filho de Manoel Jorge da Terra Ávila e Albina Perpétua de Souza. Casou-se com Maria Pereira, com quem residia na rua Justiniano Fonseca. Foi Juiz de Paz, gerente das organizações Fonseca & Irmãos e depois proprietário de sua própria casa de negócios. Faleceu 27.06.1989, em Juiz de Fora, e foi sepultado em Tebas.

OSCAR MACHADO, rua

(Bairro Centro) – A lei nº 1105, de 20.11.1975, projeto 30/75 do vereador Dalmo Pires Bastos, dá denominação à via pública que vai da rua da Floresta (atual Francisco de Andrade Bastos), em sentido perpendicular, demandando a av. Getúlio Vargas, margeando o Ribeirão Feijão Cru pelo lado direito. Tal via tem início antes da ponte sobre o referido ribeirão, do lado esquerdo da rua Floresta, no sentido Manoel Lobato - av. Getúlio Vargas.

Segundo um filho do homenageado, Oscar nasceu em Mar de Espanha a 03.03.1920, filho de Adolfo Machado e Maria. Casou-se com Dulce, nascida em Leopoldina a 28.02.1919, filha de Américo de Castro Lacerda e Nair da Gama, sendo, portanto, neta paterna de Américo Antônio de Castro Lacerda que era filho do primeiro casamento do pioneiro Romão Pinheiro Corrêa de Lacerda com Ana Severina de Oliveira Castro. A avó materna foi Filomena Josefina Cândida da Gama, filha de Joaquim Antônio de Almeida e Gama, autor da primeira notícia histórica de Leopoldina escrita em 1864, e de Maria Josefina Cândida de Jesus, filha do pioneiro José Thomaz de Aquino Cabral.

Oscar Machado e Dulce residiram na rua Cotegipe. Ele foi protético durante muitos anos em Leopoldina.

OSMAR BARBOSA, rua

(Distrito de Piacatuba) - A lei nº 2546, de 27.09.1993, projeto 65/93 do vereador Antônio Amâncio Valentim, dá denominação à via pública do distrito, que é perpendicular à direita da rua José Ladeira Campos, segue até o pátio da Igreja Matriz.

Osmar Barbosa nasceu a 30.10.1919, em Piacatuba, filho de Eduardo Pires Barbosa e Francisca Barbosa de Moraes. Neto paterno de Baldoíno Pires Barbosa, proprietário de terras nas proximidades da Usina Maurício. Baldoíno era filho de Antônio Maurício Barbosa, que vendeu as terras para a construção da Usina Maurício. Osmar era casado com Petronilha Fajardo, com quem teve os filhos Ondina, Maria do Carmo, Elza, Lydio, Selma e Celio Fajardo Barbosa. Faleceu a 19.08.1976, em Leopoldina.

OSMAR DE ALMEIDA, rua

(Bairro Eldorado) – A lei nº 2856, de 22.08.1996 e a lei nº 2856, de 22.08.96, projeto 66/96 do vereador Antônio Nilo de Almeida, dão denominação à via pública do município de Leopoldina que, no mapa do loteamento do bairro, encontra-se identificada como rua G. Tem seu início na rua Elias Veiga e finda um pouco depois de passar pela rua Mariana de Oliveira Figueira da Costa.

Osmar de Almeida nasceu a 02.05.1920, em Leopoldina, filho de José Vitorino de Almeida e Leonor Pereira de Oliveira, com 6 ascendentes em comum, sendo ambos descendentes de pioneiros. Era neto paterno de Manoel José de Almeida e Maria Carolina de Oliveira e neto materno de Manoel Pereira Valverde e Anastácia Carolina de Oliveira. Osmar, casadocom Nadir Marinato,teve com ela 6 filhos. Era um dos comerciantes que possuíam box no antigo mercado municipal, na rua Presidente Carlos Luz. Faleceu em 13.08.1994, em Leopoldina.

OSÓRIO, General, praça

(Bairro Centro) - A praça General Osório é o antigo largo da Estação. Ali ficava, entre esta praça e a praça João XXIII, a Estação da Estrada de Ferro Leopoldina. Com a retirada dos trilhos e da estação da Leopoldina, e a demolição do antigo hotel Gomes (local onde estão os prédios do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal), a praça foi ampliada e interligada à praça Recreio (Leão XXIII), segundo Luiz Eugênio Botelho, em "Leopoldina de Hoje e de Ontem".

Osório foi herói das campanhas paraguaias.

OSWALDO CHRISTOVÃO VIEIRA, Dr., rua

(Bairro Centro) – Começa na praça Professor Ângelo, nos fundos da Escola Municipal Botelho Reis (Grupo Novo), e termina na Praça Dr. Ormeo Junqueira Botelho. No seu início, está a igreja de São Pedro, que já se chamou igreja de Nossa Senhora da Soledade, quando foi construída pelo Professor Ângelo. Seu nome anterior foi citado na mensagem do Presidente da Câmara de 1928, que, na página 66, registra: "Pela comissão de água e esgotos foi aberta a Ladeira de São Pedro, que liga a Praça Prof. Ângelo à Praça da Matriz. A nova via pública receberá todos os benefícios necessários para que se transforme em uma das boas ruas de habitações particulares".

Dr. Oswaldo Christovam Vieira nasceu em 25.07.1900, filho do maestro da Lyra Leopoldinense José Marceliano Vieira Nepomuceno e Alcina Cândida Jendiroba. Alcina nasceu em Cabaceiras do Paraguaçu, BA, e era filha de João Heitor Jendiroba e Júlia Cândida de Azevedo. Oswaldo foi o único filho deste segundo casamento do maestro que fora casado, em primeiras núpcias, com Maria Cândida de Novaes. Em 1921, Oswaldo era farmacêutico diplomado pela Escola de Farmácia local e professor do Ginásio. Em 1936, estava formado em Medicina e especializou-se em urologia. Clinicou durante 21 anos. Foi fazendeiro, professor, vereador, o primeiro presidente do Asilo Santo Antônio e exerceu o cargo de prefeito no período de 29.11.1945 a 04.01.1947. Faleceu a 10.11.1957.

OSWALDO EVANGELISTA DOS ANJOS, rua

(Distrito de Tebas) - A lei nº 908, de 14.07.1973, dá denominação de Oswaldo Evangelista dos Anjos à via pública até então denominada rua Capixaba.

Oswaldo Evangelista dos Anjos nasceu por volta de 1887, em Argirita, onde se casou, a 21.09.1907, com Emilia Maria da Silva, filha de José Policiano da Silva e Flausina Mariana. Oswaldo era filho de João Evangelista dos Anjos e Maria Azarias da Silva. José Policiano e Maria Azarias eram irmãos, filhos de Azarias Antônio da Silva e Lauriana Flauzina de Jesus, sendo netos paternos de Mizael Antônio da Silva. Em 1933, Oswaldo era contribuinte de impostos municipais em Tebas. A propriedade rural de João Evangelista dos Anjos foi transferida de Argirita para Tebas, em 1883. Em 1912, a propriedade rural do sogro de Oswaldo localizava-se ao norte e a oeste da fazenda União, em Argirita.

OTAVIANO MARINATO NETO, rua

(Bairro Jardim Caiçaras) - A lei nº 4081, de 13.12.2012, projeto 82/2012 do vereador Waldair Barbosa Costa, denominou a rua "B", que tem seu início na rua Alex Coelho de Souza e finda na rua Vicente Gonçalves Marreiro.

Otaviano Marinato Neto nasceu a 12.01.1940, na fazenda Independência, e foi registrado em Tebas, com data de 17.04.1940. Era filho de Virginio Ricardo Marinato e Elvira Maria Rosa. Casou-se no dia 30.01.1966 com Maria Aparecida de Alexandre, e com ela teve 4 filhos: Roberto, Ricardo, Marcelo e Patrícia. Aos 14 anos, começou a trabalhar na Fábrica de Tecidos. Foi operário padrão da fábrica e se aposentou aos 45 anos de idade. Era homônimo do avô paterno natural de Pianiga, Venezia, Veneto e que chegou a Leopoldina em 1888. A avó paterna, Giudetta Scantamburlo, também era italiana. Otaviano faleceu dia 27.01.2011, com 71 anos, em Juiz de Fora, e foi sepultado em Leopoldina.

OTONIEL RESENDE, vila

(Bairro Centro) – A lei nº 653, de 31.07.1968, deu o nome de vila Otoniel Resende ao conjunto de casas residenciais existentes entre os números 97 e 121 da rua das Flores, em terrenos da família.

Otoniel foi funcionário da Cia Força e Luz Cataguases Leopoldina.

OTTO LACERDA FRANÇA, rua

(Bairro Jardim Bandeirantes) – Seu nome surgiu com a lei nº 1181, de 13.05.77, projeto 19/77 do vereador Antônio Carlos Ferreira de Almeida. Liga a rua do Contorno (atual rua Lurdes Rocha) à rua João Malaquias. No mapa do loteamento, encontra-se denominada como rua A.

Otto era mais um dos irmãos do ex-prefeito Osmar Lacerda França, Liliu. Durante muito tempo, trabalhou no Banco Ribeiro Junqueira, onde chegou ao posto de gerente e presidiu o Ribeiro Junqueira Sport Clube. Era casado com Arminda das Neves Domingues França e era pai do professor Sérgio França.

Otto Lacerda França nasceu em Valença, RJ, filho de Manoel Bruno Viana França e Maria Augusta Rodrigues Lacerda e irmão de Sebastião, Enéas (médico, pai de homônimo, ambos nomes de logradouros), Odete, Optato, Osmar (Liliu, ex-prefeito), Otacyr (pai do Luiz Ronaldo Botelho França), Olga, Orlinda e Olmira Lacerda França. Casou-se em Leopoldina, a

09.09.1926, com Arminda das Neves Domingues, filha de Rafael Domingues e Idalina Narcisa Gomes. Otto e Arminda tiveram os filhos Elcio; Nice, casada com Antônio Carlos Fajardo da Fonseca; Helena, Marly e Sérgio Domingues França, casado com Maria Edith, também homenageada em logradouro. Faleceu em Leopoldina, a 30.06.1971.

LETRA P

PACÍFICO ROCHA, rua

(Bairro Jardim Bela Vista) – Foi através da lei nº 3305, de 15.09.2000, projeto 90/2000 de Nélson Vieira Filho, que se deu denominação a essa via pública, identificada como rua 02 no mapa do loteamento. Tem seu início na av. dos Expedicionários e finda na rua Anderson Pereira Bela. Já a planta básica de Leopoldina de 2024 informa que a rua começa na av. Jesus Moreira de Souza e termina na av. Waldir Delfim de Andrade.

Pacífico Rocha nasceu em Piacatuba, mudou-se para Leopoldina onde foi barbeiro até ingressar no BEMGE, instituição na qual trabalhou até aposentar-se, um pouco antes de falecer, a 04.05.1991. Casou-se em Leopoldina, a 12.07.1953, com Creusa Franzone, neta do italiano Luigi Franzone. Pacífico e Creusa não deixaram herdeiros.

PALHA, da, rua

(Antigo Logradouro) – Não se tem ao certo onde esteve localizada essa rua no centro da cidade. A Gazeta de Leste, de 11.10.1890, diz que o sexto quarteirão compreendia a rua Cotegipe, a partir da casa do Custódio Cruz (que se supõe tenha existido nas proximidades da esquina da rua Tiradentes), até a estação e a rua da Palha. A partir dessa informação, acreditamos que seja a atual rua Ribeiro Junqueira.

PALMEIRAS, rua

(Antigo Logradouro) – É a atual rua Professora Emília Levasseur Rocha. A mudança do nome foi determinada pela lei nº 800, de 27.04.1972. Era também conhecida como a rua da Vila Gilda.

PASSA TEMPO, rua

(Bairro Centro) – A oficialização do nome dessa via ocorreu com a lei nº 4144, de 24.09.2013, projeto 75/2013, do vereador Alfredo Mendes do Vale. Começa na rua Nyagara e

segue paralela à rua externa ao condomínio residencial Blue Garden até encontrar a rua Limoeiro, ao lado do Clube do Moinho.

O nome é uma homenagem a uma grande fazenda do município. A Passa Tempo, no distrito de Abaíba, pertenceu a Alceu Junqueira Ferraz e Guilhermina. Atualmente é do neto do casal, Pedro Augusto Junqueira Ferraz e desua esposa Márcia Ananias. Tem 520 hectares e sede restaurada. Foi grande produtora de café e hoje está voltada para o gado de corte e a criação de cavalos da raça Mangalarga Marchador.

PASSEIO, Largo do

(Antigo Logradouro) - Esse foi o primeiro nome da praça que em 1880 passou a ser o largo Visconde do Rio Branco, por indicação do vereador Teodoro Carneiro. Foi a partir de 1928 que mudou para praça Professor Botelho Reis, nome que se mantém em mapas e placas indicativas, embora o logradouro seja mais conhecido como "Praça do Ginásio". Nela se encontram, além do Colégio Estadual Professor Botelho Reis, o Conservatório Lia Salgado, o prédio do antigo Clube Leopoldina e a APAE.

PAULINO DE SOUZA REIS, rua

(Bairro Bela Vista) – É a lei nº 4280, de 12.11.2015, projeto 73/2015 do vereador Paulo Sérgio Celestino de Oliveira, que dá essa denominação à via pública que fica entre as ruas Ismail Ávila e Antônio Garcia de Carvalho, na parte alta do bairro.

Paulino de Souza Reis nasceu em 06.03.1927, em Piacatuba, filho de José Paulino dos Reis e Sebastiana de Souza Reis. Casou-se com Mariana Ramos Fonseca, com quem teve 6 filhos: Helenita, Elenice, Eliane, Flávio, Fábio e Erlane. Foi servidor da EPAMIG, pedreiro, fabricante de colchões e comerciante no ramo de panificação. Era músico amador e tocava violão, cavaquinho e banjo. Faleceu em Leopoldina, a 27.02.2014.

PAULINO RODRIGUES, Capitão, Rua

(Bairro Chácara Dona Euzébia) – A lei nº 2636, de 30.06.1994, projeto 55/94 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida, acrescentou o título de "Capitão" ao nome da rua Paulino Rodrigues, que liga a rua Dr. Ormeo Junqueira Botelho, no seu encontro com a rua Dirceu Batista Fajardo à rua Paulo Afonso de Matos, conforme o mapa de 2024.

Paulino Augusto Rodrigues era filho de João Rodrigues da Silva e Mariana Rodrigues de Moraes, proprietários da fazenda Pury. Nasceu em 14.12.1870, provavelmente na fazenda dos pais, onde está hoje o sítio Puris, na BR-116, entre os km 770 e 771, no bairro Boa Sorte. Em 1909 Paulino adquiriu a fazenda Bela Aurora, conhecida como Fazenda do Banco, na antiga estrada para Piacatuba. Foi, ainda, proprietário de mais de três dezenas de casas espalhadas pela cidade, principalmente no bairro do Rosário. Casou-se, em primeiras núpcias, em 21.02.1891, com sua prima Umbelina Cândida Rodrigues e, em segundas, com Maria José Lacerda (Zezeca). Dos dois casamentos deixou 16 filhos e uma enorme descendência, boa parte dela residindo ainda na cidade. Durante toda a vida, Paulino foi sempre um apoio e elo entre os familiares. Exerceu os cargos de delegado de polícia substituto e juiz de paz.

PAULO AFONSO DO VALLE, rua

(Bairro São Sebastião) – A lei nº 2997, de 19.12.1997, dá denominação de rua à via pública que tem início na av. dos Expedicionários e é paralela à rua dos Britos.

Não foi localizado o projeto de lei com a justificativa e a identificação da pessoa homenageada.

PAULO AFONSO GONÇALVES DE MATOS, rua

(Bairro Chácara Dona Euzébia) – A denominação dessa rua se deu pela lei nº 3085, de 22.10.1998, projeto 82/98. Ela tem seu início na rua Lindolfo Pinheiro e finda na rua Paulino Rodrigues.

Paulo Afonso era filho de Afonso Teixeira de Matos e Cecília Gonçalves de Matos. Foi bancário e comerciante durante muito tempo. Faleceu em 21.11.1984. Seu pai é, também, nome de rua da cidade.

PAULO FADDA, Padre, praça

(Distrito de Piacatuba) – Foi a lei nº 3644, de 19.05.2005, projeto 17/2005, que deu a denominação de praça Padre Paulo Fadda ao logradouro público do distrito de Piacatuba, antes conhecido como largo da Matriz.

Paulo Fadda nasceu a 30.01.1917, em Guarani, MG, filho de Gavino Fadda e Thomasia d'Onofrio Fadda. Foi vigário em Visconde do Rio Branco e atuou em Piacatuba de 1947 a 1963.

De 1963 a 1966, esteve em Guiricema. Retornou a Piacatuba em 1966, permanecendo até 1975, quando voltou para Rio Branco e lá ficou até 1981. De 1981 a 1991, esteve em Barbacena e Volta Grande, em tratamento de saúde. Em 1991 foi para Juiz de Fora onde continuou a se tratar, vindo a falecer a 28.06.1998, sendo sepultado em Piacatuba.

PAULO JOÃO RECHE, rua

(Distrito de Providência) - A lei nº 1000, de 08.03.1974, dá denominação de Paulo João Reche à via pública que liga a rua Santo Antônio ao trecho da rodovia Saturnino Braga, que hoje recebe o nome de rua Miguel Carlos de Oliveira.

Paulo João Reche era procedente de Marmarita, Homs, Síria. Veio para o Brasil em 1904. Segundo o Registro de Estrangeiros, nasceu em 1893. Era casado com Amelia Calil Tuma, natural de Tripoli, Latakia, Síria, filha de Calil Tuma e Catarina. Faz parte da tradição síria que o primeiro nome do pai se torne o segundo nome dos filhos. O casal teve, pelo menos, seis filhos, que tinham Paulo como segundo nome: Elias, Miguel, Maria, José, Mário e Célia.

PAULO NETTO DE OLIVEIRA, rua

(Bairro Vale do Sol) – É a lei nº 4808, de 08.05.2024, projeto 03/2024, do vereador Bernardo Guedes, que dá denominação à rua que aparece no mapa de 2024 como Projetada, no acesso ao Clube da APPL. É uma rua sem saída.

Paulo Netto de Oliveira nasceu em Leopoldina, a 21.10.1948, filho de Oswaldo Rodrigues de Oliveira e Lucília Costa. Era casado com Célia de Oliveira, com quem teve os filhos Dênio, Danielle e Paula. Viveu no Arraial dos Montes. Em Leopoldina teve um bar na Praça do Ginásio e depois na garagem de sua casa, na COHAB-Velha. Mais tarde abriu a Distribuidora Denila. Em 1990, transferiu a loja para a Manoel Lobato. Era conhecido como Paulinho da Bala. Os pais de Paulo tinham um ascendente em comum: Bernardo da Costa Mendonça, pai da pioneira Rita Esméria de Jesus, mulher do "comendador" Manoel Antônio de Almeida e de outras mulheres casadas na família Almeida Ramos, além de ser ancestral dos Vital de Mendonça e Oliveiras de Piacatuba. Oswaldo Rodrigues de Oliveira era filho de Vital Paulino de Oliveira e Sebastiana Ignacia Rodrigues, sendo neto paterno de Francisco Paulino de Oliveira e Mariana Vitalina, ela filha de Vital Ignacio de Moraes e Umbelina Cassiano do Carmo. Lucilia Costa, nascida em Leopoldina a 08.09.1911, era filha de Tobias

Figueira da Costa e Mariana Vargas Neto, que era neta paterna do pioneiro João Gonçalves Neto.

PAULO SÉRGIO RESENDE, rua

(Bairro Dr. Joaquim Guimarães) – A lei nº 1998, de 15.09.1988, projeto 58/88 do Poder Executivo, dá denominação a essa rua que, no mapa do loteamento, foi identificada como rua F. Tem seu início na praça Júlio Barbosa e finda no seu encontro com a rua João Batista Alvim.

Paulo Sérgio de Mello Rezende nasceu a 16.08.1962, filho de Expedito Vieira de Rezende e Suzete Tereza de Mello Rezende. Era caminhoneiro e faleceu a 30.03.1988, aos 25 anos.

PAULO, São, rua

(Bairro Eldorado) – A lei nº 2420, de 13.08.1992, projeto 44/92 do vereador José Benedito de Oliveira, dá denominação à via pública dessa cidade, que tem seu início na rua Cel. João Lau e finda próximo a um barranco na mesma rua. É uma rua sem saída, que fica próxima da praça Júlio Barbosa.

Quanto ao homenageado, o livro Conti (1986, p.280), diz que a liturgia romana sempre reuniu os apóstolos Pedro e Paulo numa só solenidade, em 29 de junho, por considerá-los os fundadores da Igreja Romana. Paulo nasceu provavelmente nos primeiros anos da era cristã, em Tarso da Cilícia, hoje ocupada pela Turquia. Embora judeu, a Paulo se atribui o título de cidadão romano, talvez por privilégio anexo à cidade de Tarso. Usava um nome judeu, Saulo e outro romano, Paulo, com o qual foi melhor conhecido. Recebeu sólida formação nas Sagradas Escrituras e nos métodos da tradição dos rabinos. Perseguiu a comunidade cristã. Posteriormente converteu-se ao cristianismo. No ano 67, foi preso pelos homens do imperador Nero e condenado por seguir a religião ilegal. Foi morto e decapitado. O papel de Paulo na igreja primitiva foi de transcendental relevo. Além de ter fundado as melhores comunidades cristãs no mundo helênico, que foram o esteio da expansão do Cristianismo na Ásia Menor, Paulo foi o grande teólogo que tentou elaborar uma síntese doutrinária do mistério de Cristo.

PEDRA PINGUDA, bairro

A mais antiga referência ao nome do bairro foi encontrada na lei nº 1364, de 02.08.1979, em que o Executivo Municipal autorizava uma empresa particular (Cotonifício Leopoldinense S/A) a utilizar uma área de cem metros quadrados no Bairro Pinguda. Tal área seria anexa ao antigo reservatório de água da Cidade, referido em outra lei, a de nº 1948, de 04.08.1988, que o citou como ponto em que terminava a rua Antônio Lima dos Reis.

Um século antes, e sem que se refira ao bairro que naturalmente não existia, notícia na imprensa periódica informava que a proprietária da fazenda Desengano, Maria do Carmo Monteiro de Barros, havia cedido água nascente de sua propriedade para a municipalidade. Maria do Carmo faleceu em 1883 e, pela Partilha de Bens no processo de seu inventário, é possível deduzir que tal nascente estaria na região que mais tarde seria urbanizada e se transformaria no hoje Bairro Pedra Pinguda.

PEDRO ARANTES, Doutor, rua

(Bairro Vila Esteves) – Seu nome surgiu com a lei nº 1575, cujo projeto 38/82 foi apresentado em 17.09.1982, pelo vereador Naylor Harley R. Domingues. Liga a rua Nicolau Esteves à praça Heber Pereira Sales.

Pedro Ribeiro Arantes nasceu a 15.06.1889, na cidade de Resende (RJ), e faleceu em Leopoldina, no dia 08.02.1964. Filho de José Wenceslau de Souza Arantes e Maria Generosa Ribeiro, casou-se com Áurea Spínola e com ela teve os filhos Lilia (professora), casada com Ruy Queiroz; Pedro; Carlos e Maria Helena (trabalhou na Cúria Diocesana). Formou-se em odontologia pela Faculdade do Rio de Janeiro e exerceu essa profissão durante muitos anos em Leopoldina. Lecionou no Colégio Leopoldinense e na Faculdade de Odontologia e Farmácia da cidade. Foi vice-diretor e Inspetor Federal do mesmo educandário. Exerceu os cargos de delegado de polícia, vereador, presidente da câmara e prefeito. Participou da criação do Esporte Clube Ribeiro Junqueira, do Rotary Clube de Leopoldina e da Rádio Sociedade Leopoldina.

PEDRO BRITO NETO, bairro

A lei nº 2550, de 30.09.1993, projeto 43/94, autorizou o Executivo Municipal a efetuar loteamento com essa denominação. Localiza-se entre os bairros Quinta Residência, Joaquim

Furtado Pinto, Eldorado e o trecho da BR-116. Seu acesso principal é pela rua Nossa Senhora Aparecida.

Pedro Brito Netto é filho de Gastão Ferreira Brito e Ana Leodina Gonçalves Neto. Pelo lado paterno, é neto de João Ventura Ferreira Brito e Georgina Pereira Werneck. Pelo materno, de Pedro Gonçalves Neto e Ana Esméria de Almeida. Portanto, os pais de Pedro Brito Neto tinham seis ascendentes em comum e descendiam dos pioneiros João Gonçalves Neto, Manoel Antônio de Almeida e Joaquim Ferreira Brito. Pedro Brito Neto era casado com Maria Augusta Barbosa.

PEDRO CÉSAR DE SOUZA BASTOS, Dr., rua

(Bairro Chico Bastos) - A lei nº 1514, de 06.08.1981, projeto 27/81 do vereador José Américo dos Santos Lima, diz ser esse o nome da rua que partiria da rua Francisco Andrade Bastos, iria até os lotes da quadra F e estaria localizada, conforme o mapa do loteamento, entre as quadras D e E.

Dr. Pedro César de Souza Bastos, avô paterno dos proprietários do loteamento Chico Bastos, formado na França, fixou residência em Santana do Deserto, MG. Arrematou, junto com seu sobrinho, Dr. Jonas Bastos, uma parte da Fazenda ~~da~~ Floresta que havia sido levado à praça no decorrer do inventário de seu formador, Joaquim Antônio de Almeida e Gama. Dr. Pedro era pai de Chico Bastos, que veio para Leopoldina assumir a direção da Fazenda ~~da~~ Floresta.

Pedro César era filho de Francisco Manoel de Souza Bastos e Joaquina Perpétua Diniz de Souza Melo, tendo nascido a 17.02.1844, em São Cristóvão, SE. Faleceu em Santana do Deserto, a 22.10.1922. Era casado com Helena de Andrade, filha de Tomé Ignacio Botelho e Ana Ribeiro de Andrade. Helena faleceu a 09.10.1938, no Rio de Janeiro. O casal teve 13 filhos nascidos em Santana do Deserto.

PEDRO II, Dom, Travessa

(Bairro Centro) – É a travessa que liga a rua Cotegipe à rua Presidente Carlos Luz. A grande referência histórica dessa travessa é o fato de que na sua esquina com a rua Cotegipe está a antiga casa onde almoçou o imperador em sua visita à cidade. O nome da travessa lembra a visita do Imperador à cidade, em 30.04.1881, onde ele almoçou.

Sobre essa visita, o jornal O Leopoldinense, de 21.04.1881, diz que para ela o banquete foi oferecido pelo Restaurante Carceler. Para alojamento, foi cedida a elegante e vastíssima residência do Dr. F. P. Fernandes. O mesmo jornal, de 24.04.1881, informa que Suas Majestades ficaram no Pantano, dia 28; no dia 29 almoçaram em Pirapetinga, seguindo logo depois para São Geraldo, donde voltaram para pernoitarem na fazenda dos Doutores Cesário Alvim e irmão. No dia seguinte (30.04.1881), de volta de Ubá, almoçaram nessa cidade, seguindo no mesmo dia para Porto Novo, com destino à Côrte.

O Leopoldinense de 01.05.1881 diz que D. Pedro chegou às 11h25min. horas na plataforma da estação e foi recebido pelas comissões nomeadas pelo Club Agrícola e Irmandade do Santíssimo. A comissão do Club Agrícola era composta dos senhores Barão de Leopoldina e Cel. Joaquim Antônio de Almeida e Gama, oficiais da Guarda Nacional do 37º batalhão, vice-cônsul de Portugal, Conselheiro José Caetano de Andrade Pinto, Monsenhor José Augusto, etc. Depois do almoço, sua Majestade, acompanhada do Deputado Geral Antônio Alvares de Abreu e Silva, dos diretores da Estrada de Ferro e outros, visitou o Colégio N. S. do Amparo, a cadeia e a Câmara. Da rua Municipal, seguiram para a Matriz, onde rezaram e voltaram à agência da Estrada de Ferro. Às 13h55min., a comitiva partiu para Porto Novo, chegando ao Rio de Janeiro às 23h40min.

Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, o segundo imperador do Brasil, nasceu no Rio de Janeiro, em 02.12.1823, e faleceu em Paris, em 05.12.1891. Em 1840 foi declarado maior e coroado rei. Em 1843, casou-se com a princesa Teresa Cristina Maria, filha de Francisco I, rei das Duas Cecílias. Governou o país de 1831 a 1889, quando foi proclamada a República.

PEDRO MATOLA, avenida

(Bairro São Luiz) – Sua denominação oficial ocorreu a partir da lei nº 3172, de 19.08.1999, projeto 36/99 do vereador Antônio Nilo de Almeida. Segundo o projeto de lei, é a via paralela ao leito da BR-116, à esquerda de quem segue no sentido do Rio de Janeiro. Inicia-se na rua Ranulfo Matola de Miranda, na entrada do bairro São Luiz, e vai até o final do pátio de manobra do posto de combustíveis que fica ao lado da sede da antiga propriedade da família Matola.

Pedro Matola de Miranda nasceu em Leopoldina, no dia 28.11.1926, filho de Ranulfo Matola de Miranda e Honorina Pacheco Moraes. Pedro casou-se com Léa Barbosa, com quem

teve os filhos Silma Jorgete, Siula Cristina, Pedro Júnior, Rogério e Silmara. Foi Fiscal de Transporte Coletivo do DNER/Polícia Rodoviária Federal. Faleceu em Leopoldina, a 27.05.1990.

PEDRO SALLES DE MIRANDA, praça

(Bairro Jardim Caiçaras) - A lei nº 4088, de 21.12.2012, e o projeto 92/2012 do vereador Waldair Barbosa Costa deram denominação a essa praça, que fica entre as ruas Alex Coelho de Souza e João Bonin.

Pedro Salles de Miranda nasceu em Angaturama, aos 15.08.1926, filho de Nicácio Sales e Rita Barbosa de Miranda. Casou-se a primeira vez com Eny Lacerda, com quem teve os filhos Flávio, Eugênio, José, Pedro Paulo e Rodrigo. Com a morte da primeira esposa, em 1992, casou-se algum tempo depois com Valda de Oliveira. Morou com os pais na fazenda da família Nogueira, em Campo Limpo. Na década de 1940, a família se mudou para Leopoldina. O pai trabalhou no Hotel Avenida e os filhos, na Fábrica de Tecidos. Tempos depois deixou a Fábrica e foi trabalhar no comércio e serviços ligados à indústria automotiva. Pedro foi sócio e diretor do Clube Leopoldina, sócio do Clube do Moinho e participante de atividades das Igrejas de São José e da Catedral. Faleceu em Itaperuna, RJ, no dia 05.04.2010, e foi sepultado em Leopoldina.

PEDRO TEODORO BATISTA, rua

(Bairro Popular) A lei nº 3827, de 20.06.2008, e o projeto 20/2008 do vereador Ricardo Ávila de Almeida deram a denominação dessa rua que começa na praça Antônia Benta e termina na rua Erasto Antunes de Oliveira.

Pedro Teodoro Batista nasceu em Argirita, a 16.08.1931, filho de João Teodoro Batista e Teodolina Maria da Conceição. Ela, nascida em Leopoldina, a 30.09.1931, filha de Quintino Alves e Ana Inez. Pedro se casou com Odilia Alves, em Leopoldina, a 29.09.1951.

PEDRO, SÃO

(Antigo Logradouro) – O bairro São Pedro é citado na lei nº 475, de 28.05.1963, que dá nome à rua Antônio Fernandes Valentim. Por essa indicação, ele se confunde com os atuais bairros Caiçara e Quinta Residência.

PEDRO, SÃO, beco e rua

(Bairro Quinta Residência) - **Beco –** Consta que existe um beco, no bairro Quinta Residência, com o nome desse santo, mas não foi localizado e não se encontrou documento comprobatório da sua existência.

(Bairro Mina de Ouro) **- Rua –** A lei nº 341, de 26.10.1959, dá denominação à via pública que tem início logo depois da ponte entre a rua João Neto e a vila Gilda (hoje Largo Dr. Sebastião Campos Alvim), atravessando a então chamada Chácara "Mina De Ouro" até encontrar a antiga estrada do Alto da Ventania (hoje Rua Professor José Lintz). Fica no bairro da Mina de Ouro.

O nome de São Pedro é também lembrado numa capela que fica no início da rua Oswaldo C. Vieira, capela que já foi consagrada a Nossa Senhora da Soledade.

Quanto ao homenageado, Conti (1986, p. 280) diz que a liturgia romana sempre reuniu os apóstolos Pedro e Paulo numa só solenidade, em 29 de junho, por considerá-los os fundadores da Igreja Romana. Pedro, cujo nome de família era Simão, filho de Jonas.

PENSILVÂNIA, rua

(Bairro Centro) – Foi a lei nº 4142, de 24.09.2013, projeto 73/2013 do vereador Alfredo Mendes do Vale, que oficializou o nome dessa via. É uma rua sem saída, que tem início no lado direito da rua Abaíba, no condomínio residencial Blue Garden.

O nome é homenagem a mais uma das grandes fazendas do município, a Pensilvânia, localizada em São Lourenço. Pertenceu a Antônio Ribeiro, que nela constituiu uma extensa floresta de pau-brasil. Consta que há 50 anos essa floresta serviu para o então proprietário da época transformá-la em grande fonte de recursos em forma de carvão. Essa fazenda pertenceu a Antônio Márcio Hisse de Castro, fundador da Empresa Tecsat, falecido em 22.06.2006.

PERCILIANO DE OLIVEIRA, rua

Veja rua Costa Montes.

PETRINA GOMES MACHADO, rua

(Bairro Vale do Sol) – A lei nº 3318, de 06.11.2000, projeto 107/2000 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida, dá denominação à via que, no mapa do loteamento, está como rua E. É a via que tem seu início na rua José Pinto da Silva e finda na rua Feliciana Costa de Aguiar.

Petrina nasceu na Lajinha, no distrito de Piacatuba, em 29.06.1907, e faleceu a 18.04.1988, em Leopoldina. Era filha de Manoel Caetano Gomes e Gabriela Monteiro Lobo. Casou-se com Otávio Machado de Carvalho, filho de Horácio Machado Dias e Edwiges Cristina de Castro, em 15.05.1930, com quem teve os filhos Maria da Conceição (Lilia), Jane, Consuelo, Otávia, Petrina, Ena, Ema, Elida, Iran, Ormeu e Pedro Nolasco. Otávio nasceu a 31.01.1905 e faleceu em Leopoldina, a 13.05.1981. Petrina foi servidora pública e trabalhou na Biblioteca Pública Municipal. A filha Consuelo Machado de Carvalho é autora dos livros: "Genealogia das Famílias Caetano Gomes e Monteiro Lobo", em 1987 e, em 2ª edição, em 2000; "Genealogia da Família Carvalho" em 2013; e "Genealogia da Família Machado", em 2022.

PIACATUBA, rua e distrito

(Antigo Logradouro) – **Rua** - É a atual rua Cel. Olivier Fajardo. Chamava-se Piedade até que o nome do distrito mudou para Piacatuba, em 1923. E com ele deve ter mudado, também, o nome da rua. Recebeu o nome atual, Cel. Olivier Fajardo, pela lei nº 414, de 30.11.1961.

Distrito - O primeiro nome de nosso mais antigo distrito foi Curato de Nossa Senhora da Piedade, povoado a partir da década de 30 dos oitocentos. Instituído distrito em 10.10.1851, pertencendo ao então criado município de Mar de Espanha, foi transferido para Leopoldina quando de nossa emancipação política, em 1854. A 07.09.1923, por conta de lei estadual que vetava o uso de nomes religiosos em unidades político-administrativas mineiras, recebeu o nome de Piacatuba que, na língua geral, significa "terra de gente de bom coração".

PINGUDA, bairro

Veja Pedra Pinguda

PIO XII, praça

(Bairro Centro) – Foi a lei nº 209, de 24.07.1954, que nominou essa praça ao lado da Catedral. Nela está o palácio Episcopal (sede da Diocese). Até o final dos anos de 1950, junto ao palácio, funcionava a gráfica da Diocese e a redação do jornal O Leopoldinense, na fase que esse informativo era mantido pela Diocese.

Pio XII foi o Papa que criou a Diocese de Leopoldina, conforme bula "Quae Ad Majus", de 27.03.1942.

PIRINEUS, bairro e rua

(Antigo Logradouro) –

Bairro – A lei nº 1289, de 22.09.1978, "Autoriza o Poder Executivo a vender lotes de terrenos do patrimônio municipal do loteamento do bairro Pirineus".

Rua – Ainda não se localizou lei que tenha oficializado o nome dessa rua. Hoje ela é a rua professor Gustavo Monteiro de Castro.

O nome Pirineus seria, possivelmente, uma referência à cordilheira Europeia conforme se depreende da seguinte citação de Barroso (1932, p.15): "e os Pyrineus pelo oriente, fecham numa muralha natural o perímetro urbano; o que fica mais longe é extramuros".

Veja mais em Alto dos Pirineus.

PLÓBIO CORTES DE PAULA, rua

(Bairro Centro) – Foi a lei nº 915, de 11.07.1973, que deu nome de Plóbio Cortes de Paula à via pública que, partindo da praça General Osório, vai terminar na rua Padre Júlio. Antes de receber esse nome, essa via fazia parte da rua Santa Filomena.

Plóbio nasceu em Argirita, a 10.02.1907, filho de Francisco de Paula Sobrinho e de Ernestina Cortes. Casou-se, em 21.09.1931, com Albina, herdeira de Francisco José Gomes e Maria da Conceição Gomes, proprietários de uma casa comercial e do Hotel Gomes, no Largo da Estação. Foi comerciante na cidade durante muitos anos e seu estabelecimento comercial ficava na esquina da praça General Osório com rua que recebeu o seu nome.

Uma curiosidade sobre essa rua. Num dia chuvoso, observem que por ela escorrem águas que servem aos dois ribeirões da cidade. Pela sarjeta da sua direita, correm águas que, descendo pela rua Cotegipe, vão encontrar o Ribeirão do Feijão Cru. Pela da esquerda,

descem as águas que se espraiam pela praça General Osório e a antiga linha férrea que margeava um afluente do Ribeirão Jacareacanga.

POMPÍLIO GUIMARÃES, rua

(Bairro Fábrica) – Na Gazeta de Leopoldina (30.12.1936, fls 2, col 2/3) consta que os vereadores indicam o nome de Pompílio Guimarães para nomear a próxima rua que for aberta. E é a Gazeta de Leopoldina (08.12.1940, fls 4, col 3/4) que traz o Decreto-Lei nº 40, de 3 de dezembro de 1940, com a denominação da rua que, partindo da Avenida Getúlio Vargas, vai à divisa da Chácara de José Ribeiro Junqueira Sobrinho, depois de cortar a extremidade da rua Gabriel Martins, no bairro da Fábrica. Liga a rua Vinte e Sete de Abril à avenida Getúlio Vargas.

Dr. Pompílio nasceu em 31.10.1895, em Taruaçu, São João Nepomuceno, MG, e era filho do farmacêutico Martinho de Campos Guimarães e de Ercília Furtado Guimarães. Casou-se com Jurema Guaranis, natural de Niterói, RJ, filha de Luiz Ipiranga dos Guaranis e Ana Braga. Foram pais de Lauro, Lúcia, Luiz e Lea. Era farmacêutico e professor da faculdade de Odontologia de Leopoldina. Formou-se depois em Medicina pela Universidade do Brasil, atual UFRJ, e se tornou um médico conceituado na cidade. Foi proprietário da Farmácia Moderna. Dá nome à Escola Estadual de Piacatuba. Exerceu os cargos de conselheiro municipal e prefeito interino. Escreveu, dentre outros, os livros "Nomenclatura Química" e "Química Orgânica". Faleceu em 31.08.1936.

O jornal O Guarará, de 14.07.1939, menciona Martinho de Campos Guimarães como tendo sido um dos primeiros farmacêuticos de Maripá de Minas.

PONTE, DA, rua

(Antigo Logradouro) - Luiz Rousseau Botelho (1984 p.100) se refere a essa rua que teria existido em 1901. Diz ele: "foi ali no largo Professor Ângelo, mesmo na esquina da rua da Ponte, onde havia a casa comercial de um espanhol".

Acreditamos que essa rua seja a atual João Neto.

POPULAR, bairro

A lei nº 3504, de 15.05.2003, denominou esse bairro que fica na margem esquerda da BR-116, Rio-Bahia no sentido Bahia, em frente à usina da antiga Cooperativa dos Produtores

de Leite de Leopoldina – LAC. A lei nº 3504, de 15.05.2003, também trata, aparentemente, do mesmo bairro quando diz dar denominação de bairro Popular ao localizado nessa cidade, acima da antiga revendedora de automóveis REMIL, que funcionava em frente ao Ponto LAC.

PRAÇA DA BANDEIRA, bairro

Ainda não se localizou a lei que denominou esse bairro. Sabe-se que o decreto-lei nº 41, de 04.12.1940, reproduzido na Gazeta de Leopoldina (08.12.1940, fls 4 col 5/6), que dá denominação à rua Benedito Valadares, registra a existência da praça ao informar que a citada rua termina na praça da Bandeira. Consta que a praça, com suas obras de decoração, foi construída na década de 1950, no governo do prefeito Newton Monteiro de Barros e seu nome vem do fato de que ali eram hasteadas bandeiras em datas cívicas. A partir da lei nº 637, de 29.03.1968, a praça da Bandeira passou a chamar-se praça Zequinha Reis.

Com o passar do tempo, as ruas próximas à praça passaram a formar o bairro Praça da Bandeira.

PRIMEIRO DE MARÇO, rua

(Antigo Logradouro) – Conforme se verá a seguir, compreendia as atuais ruas Gabriel Magalhães e Lucas Augusto. Anteriormente chamava-se rua Direita. Possivelmente teve seu nome alterado pela comissão de 1880 que foi formada, segundo informou a Ata da Câmara, lv nº 7, fls. 22v, de 10.02.1880, pelos vereadores Major Botelho Falcão e Theodoro Carneiro.

Segundo o Almanaque de 1885, nesta rua estavam localizados o hotel Carneiro, o cambista Pereira Lopes e Cia., o barbeiro José Joaquim da Silva Correa, a farmácia Confiança de Werneck e Cazimiro, o advogado Dr. Américo Lobo Leite Pereira, o tenente João Antônio Miranda, o contador João Guilherme Gaëde, o juiz municipal Antônio Augusto de Lima e seus suplentes o tenente Manoel Cândido de Oliveira Lima e o capitão Antônio José Alves Ramos, o suplente de delegado de polícia capitão José Antônio de Oliveira Martins e o médico Dr. Otavio Ottoni.

A Gazeta de Leste, de 11.10.1890 diz que o segundo quarteirão começava no largo do Rosário e rua Tiradentes e ia até a casa de negócio do Pedro Barra, na esquina da Sete de Setembro. E o terceiro, partia da casa do Olívio Vargas Correia, no começo da rua Primeiro de Março e por esta chegava até o alto da matriz.

O Leopoldinense de 28.04.1895 informa que em 22.04, pelo decreto nº 7, o sr. Agente Executivo abriu um crédito extraordinário para aquisição de um prédio para a Câmara Municipal. Este crédito, somado a um anteriormente votado, somava 25.000$000 pela qual se realizou a compra do palacete que pertenceu ao falecido Dr. José Cesário.

No texto do decreto nº 7, após vários considerandos, inclusive um que diz ser insuportável a câmara estar junto com a cadeia, o art. 1º do decreto diz: fica aberto o crédito para aquisição do prédio sito à rua Primeiro de Março, pertencente ao Dr. Quirino Ribeiro Monteiro de Barros e demais condôminos. E o mesmo jornal, na sua edição de 19.05.1895, dá notícia de que a Câmara Municipal já havia se mudado para o palacete do Dr. José Cesário.

No livro de atas nº 7, fls. 55v, datado de 06.09.1880, Américo Lobo Leite Pereira alega que foi aberta uma rua que termina na Primeiro de Março junto ao prédio nº 37 e não se lhe deu a largura necessária, além de a nova rua ser estreitada por um barranco que desfigura a principal que é a Primeiro de Março. Pede que se mande desmoronar o barranco. No mesmo livro, fls. 80v, 07.02.1881, o mesmo Américo reclama sobre a casa que a Câmara do quatriênio passado mandou fazer na rua Municipal, pondo em perigo o prédio nº. 37 da rua Primeiro de Março. Mais adiante, fls. 88, 07.03.1881, o requerimento do Dr. Américo é indeferido porque o "*supplicante quando comprou a dita caza de João Teixeira Lopes já existia a escavação da rua Municipal e calçada, e por essa razão não acha justo o que o supplicante exige da Câmara*."

Neste ato, pelo Vereador Dr. Eduardo, "*foi requerido que se insira na ata que votou contra a construção do paredão requerido por não poder a Camara atualmente dispor da quantia precisa para esse serviço. Aprovado*."

No livro caixa da Câmara Municipal de Leopoldina, fls. 15, com a data de 01.08.1881 registra-se que foi pago a José da Costa Godinho, pelo levantamento da calçada na rua Primeiro de Março, a importância de 446$760.

PROVIDÊNCIA, rua e distrito

(Antigo Logradouro) – **Rua** - A rua Providência é a atual rua Gabriel de Andrade Junqueira. Seu nome foi alterado pela lei nº 402, de 25.05.1961.

Distrito - Criado pelo Decreto número 61, de 09.05.1890, em território do município de Leopoldina. É uma das regiões da cidade que, embora tendo sido ocupada nos primórdios de nosso povoamento, mais tardiamente teve o arraial formado. De 1831, data do mais antigo documento que menciona seus antigos moradores. Até os anos setenta daquele século, seus

atuais limites eram ocupados por antigas fazendas. Com o surgimento da ferrovia, em torno de sua estação, começaram a surgir as primeiras construções que deram origem ao distrito.

O nome do distrito faz referência à Fazenda Providência, formada na década de 1840 por Manoel José Monteiro de Barros e Inês de Castro Monteiro de Barros Galvão de São Martinho em uma das sesmarias doadas à família de Pedro Afonso Galvão de São Martinho, de quem Inês era neta.

LETRA Q

QUEBRADOS, arraial dos

(Antigo Logradouro) - A mais antiga citação é a de 1869, no Jornal do Commercio, notícia envolvendo moradores da redondeza como Pedro Baldoíno da Silva, João Alves da Cunha e Processo José Corrêa de Lacerda. É citado também em jornal de 1871. Em 1898 ele passou a ser denominado Arraial de Santana da Mata e nele havia uma Capela Curada, da qual não se localizou informações junto à Diocese. Localizava-se na margem direita do Rio Pomba, nas proximidades da antiga ponte de acesso a Laranjal (MG). E talvez essa proximidade com uma antiga ponte seja um dos motivos que o fizeram desaparecer. A nova ponte foi construída noutro lugar, redirecionando o fluxo de pessoas e riquezas que passavam pelo Arraial e este foi se esvaziando, até desaparecer.

O arraial foi identificado na Carta Topográfica do Município de Leopoldina, criada por força do Decreto Lei Nacional nº 311, de 02.03.1938 (Belo Horizonte: Serviço Geográfico do Estado).

Ver outras informações em Santana da Mata, arraial.

QUINTA RESIDÊNCIA, bairro

A mais antiga referência ao bairro está na lei nº 1562, de 15.06.1980. A origem desse nome está no fato de que, nas proximidades do encontro das ruas Alan Kardec e Antônio Fernandes Valentim, por volta da década de 1920, foi instalada a base do Departamento de Estradas de Rodagem do estado, em Leopoldina, a 5ª Residência do DER-MG. Não tardou muito e o lugar passou a ser referido como Quinta Residência, por onde transitavam os que vinham da Onça, da Colônia Agrícola da Constança, dos lados de Tebas e, depois, do Rio e da Bahia, quando foi aberta a rodovia federal. E as máquinas, caminhões, turmas de trabalhadores e os atletas que disputavam torneios no campo do Quinta Residência Futebol Clube fizeram crescer o bairro e suas adjacências.

QUIRINO REIS JUNQUEIRA, rua

(Vila São Martinho) – Diz a lei nº 997, de 08.03.1974, que fica denominada a via pública paralela à estrada Saturnino Braga (rua Horácio Belfort de Andrade) e que margeia o campo de futebol até encontrar a estrada que segue para a fazenda de Francisco de Assis Vasquez de Castro.

Quirino Reis Junqueira nasceu por volta de 1910, em Leopoldina, filho de Tomé de Andrade Junqueira e Iria dos Reis Junqueira. Casou-se a 27.02.1935 com Elza Barbosa de Rezende, filha de Antenor Hemetério de Rezende e Eurídice Barbosa. Seu pai foi proprietário da fazenda Boa Esperança, em Abaíba. Era neto paterno de Antônio Gabriel Junqueira de Carvalho e Helena Nicésia Ribeiro de Andrade e neto materno de Quirino de Andrade Reis e Guilhermina Candida Belfort de Carvalho. Era irmão de Waldemar, Guilhermina, Hercilia, Maria, Silvia, Maria Aparecida, Gabriel, Lair, José Nelson, Maria Eugênia e Nadir. Faleceu a 26.08.1963.

LETRA R

RAFAEL DOMINGUES, rua

(Bairro Fátima) – Seu nome surgiu com a lei nº 482, de 26.07.1963, que dizia tratar-se de uma via pública, sem nome, que ligava a estrada de Providência à rua Vinte e Sete de Abril. Hoje, com a mudança dos nomes, a rua Raphael Domingues liga a rua Gentil Pacheco de Melo à rua Farmacêutico Durval Bastos.

Rafael Domingues nasceu em 21.01.1863, na Vila de Gondar, distrito de Caminha, Minho, Portugal, filho de Domingos José Domingues e Josefa Rosa. Casou-se em Leopoldina, a 12.05.1900, com Idalina Gomes, também nome de logradouro, e com ela teve 12 filhos: Nemesio, falecido ainda bebê; Rafael, idem; José, casado com Maria do Carmo Barroso Guimarães; Moisés, casado com Regina Rezende Soares; Arminda, casada com Oto Lacerda França; Antônio, casado com Itala Campos Bricio; Odilon, casado com Leise Guimarães; Herondina, casada com Atila Lacerda da Cruz Machado; Maria de Lourdes, casada com Geraldo Alves Rosa; Nice; Marisa e Manoel. O filho José Gomes Domingues foi delegado, deputado e homenageado em logradouro da cidade. Uma de suas filhas, Maria de Lourdes Gomes Domingues, foi ~~a~~ mãe de Luiz Raphael Domingues Rosa, diretor do Espaço dos Anjos; do Dr. Maurício Domingues Rosa, médico respeitado, e das professoras Ângela Maria e de Maria Beatriz.

Rafael Domingues foi comerciante muito conhecido na cidade. Sua casa de comércio ficava na praça General Osório, esquina com a rua Plóbio Cortes de Paula. Faleceu em Leopoldina, em março de 1938.

RAFAEL GORRADO, avenida

(Jardim Bandeirantes) – Seu nome surgiu com a lei nº 1083, de 06.06.1975. Liga a rua Otto Lacerda França à rua Sidney Francino de São José.

Rafael Gorrado era filho dos italianos Giuseppe Gorrado e Fortunata Dinardi, que moraram em Argirita e que, em 1924, compraram de Lino Gonçalves a situação Pirineus. Esta situação era uma divisão da Fazenda Purys e havia sido formada por Julio Dietz, primeiro

marido da esposa de Lino Gonçalves. O sítio confrontava com Francisco Carneiro, Antônio Campagna, Otavio Candido da Silva, Carlos José de Almeida e Francisco Bastos e estava localizado exatamente em frente à Igrejinha da Onça. Atualmente pertence às herdeiras de José Longordo e Olga Matola. A quarta de terras da Igrejinha foi desmembrada dessa propriedade.

Rafael era irmão de Margarida, Maria Madalena, Geraldo e Antonio Gorrado.

RAFAEL RUBACK DE OLIVEIRA, rua

(Bairro Alto da Boa Vista) – Foi a lei nº 4333, de 23.06.2016, projeto 35/2016 do vereador Paulo Sérgio Celestino de Oliveira e Carlos Antônio Rocha Paturi, que deu denominação à rua 07, localizada no loteamento Solar Leopoldina, Ela começa na rua Helena Barbosa Guerson e termina na rua Maria Aparecida Martins Nogueira.

Rafael Ruback de Oliveira nasceu por volta de 1989, filho de Assis Vieira de Oliveira e Silvana Ruback de Oliveira, era solteiro e faleceu a 31.03.2013.

RAIMUNDO NONATO FERNANDES ARAÚJO, Padre, rua

(Distrito de Piacatuba) - A lei nº 1198, de 16.06.1977, deu denominação à via pública que dá acesso à Igreja Nossa Senhora da Piedade, no referido distrito.

O Padre Raymundo Nonato Fernandes de Araújo foi o arquiteto do monumento da Torre da Cruz Queimada, cuja construção foi iniciada aos 18.07.1924, concluindo-se os trabalhos aos 20.04.1928.

RAMOS, vila

Veja Etelvina de Freitas Ramos, Vila.

RANULFO MATOLA DE MIRANDA, rua

(Bairro São Luiz) – A lei nº 867, de 24.01.1973, alterou a denominação da rua das Flores, dessa cidade, para rua Ranulfo Matola de Miranda. Houve um veto do Prefeito e ela foi, então, alterada pela lei nº 1127, de 07.05.1976, projeto 12/76 do vereador Wilson Barroso de Castro, e os dois artigos da lei 867 passaram a ter a redação seguinte:

- Art. 1º: "Fica denominada rua Ranulfo Matola a via pública do bairro São Luiz (Caiçaras), ainda sem denominação oficial.

- Art. 2º: A rua mencionada no art. 1º é a que, partindo da BR-116, margeia o barracão da Cia. Mineira de Refrescos até o sopé do morro. Essa rua começa na BR-116, em frente ao posto fiscal da Polícia Rodoviária Federal, ao lado do depósito de refrigerantes, no início da av. Pedro Matola. É a rua de entrada do bairro São Luiz.

Ranulfo Matola de Miranda nasceu a 12.10.1896, em Santo Antônio do Aventureiro, filho de José Matola de Miranda e da italiana Maria Augusta Cosini, sendo neto paterno de Antonio Matola de Miranda e Umbelina Gomes de Rezende e neto materno de Agostino Battista Cosini e Amalia Luigia Gobbi. Casou-se, em Leopoldina, a 29.11.1917 com Honorina Pacheco Moraes, filha de Pedro Pacheco de Carvalho e Manoela Rodrigues de Moraes, que se instalou no lote 62 da Colônia Constança, em dezembro de 1911. Ranulfo e Honorina tiveram os filhos Olga, Mario, Maria José e Pedro. Foi industrial (olaria e cerâmica), sitiante, delegado municipal de polícia e vereador. Faleceu em Leopoldina, a 10.05.1972.

RAPHAEL IENACO, rua

(Bairro Maria Guimarães França) – A lei nº 940, de 17.10.1973, deu nome à via pública que, no bairro dos Pirineus, está denominada no mapa como rua 6, quadra B. A lei nº 1131, de 12.05.76, projeto 17/76, diz que fica denominada rua a via pública situada no local onde estão construídas as casas populares da COHAB – MG e que, no mapa do loteamento, encontra-se identificada como rua C. Começa na rua Castro Alves e termina na rua Cândida Maria Fajardo Lamoglia.

Raphael Iennaco nasceu em Leopoldina, a 24.09.1907, filho de Lourenço Iennaco e irmão de Vicente Iennaco, três homenageados com nomes em logradouros públicos da cidade. Casou-se com Juraci Gesualdi, neta dos italianos Antonio Maria Gesualdi e Eleonora Viola. Negociante estabelecido na Praça Professor Ângelo, em 1933, era presidente da Sociedade Musical Santa Cecília. Foi um dos fundadores do Almanaque do Arrebol, em 1923. Faleceu a 12.07.1973.

RECREIO, praça

(Antigo Logradouro) - É a atual praça João XXIII. A mudança do nome dessa praça ocorreu com a lei nº 483, de 26.07.1963.

A cidade de Recreio nasceu como distrito de Leopoldina, a 27.06.1890, e assim permaneceu até 17 de novembro de 1938, quando foi emancipada. Seu território inicial foi um

desmembramento de parte do distrito de Conceição da Boa Vista, O Curato de Conceição da Boa Vista foi elevado a distrito em 10 de outubro de 1851, pertencendo ao então criado município de Mar de Espanha. Com a emancipação política de Leopoldina, passou a fazer parte de nosso município. Em 1938, foi transferido para Recreio. O nome do município é uma referência à fazenda do Recreio, de propriedade dos irmãos Inácio e Francisco Ferreira Brito, personagens de grande importância na definição do traçado da ferrovia que corta a cidade.

REDENTOR, bairro

A mais antiga referência ao bairro está na lei nº 1475, de 10.10.1980, que denominou um de seus logradouros. Ele se confunde com o Alto da Ventania e por vezes é citado como Cristo Redentor, que é o nome do morro que fica à esquerda de quem chega à cidade pela av. Jehu Faria.

RENATO MONTEIRO JUNQUEIRA, rua

(Bairro São Cristóvão) – A denominação dessa rua ocorreu com a lei nº 1280, de 28.08.1978, projeto 46/78 do vereador Naylor Marley Resende Domingues, que informa estar localizada na margem direita do bairro Bela Vista, hoje bairro São Cristóvão. No mapa do loteamento, encontra-se identificada como rua 20. Começa na rua Dr. Clóvis Salgado Gama, corta as ruas Nilo Colono dos Santos e Miguel Gesualdi e segue na direção da divisa com o bairro Três Cruzes.

Sobre o homenageado, o projeto não o identifica. É possível que se trate de um descendente de José Ribeiro Junqueira e Antônia Augusta Monteiro Lobato Galvão de São Martinho.

RIACHUELO

(Antigo Logradouro) – Rua Riachuelo é a atual rua Joaquim Ferreira Brito, que faz a ligação da praça do Rosário ao início da Ladeira Riachuelo. Como se verá adiante, o nome de rua Riachuelo já aparece em anotações da câmara de 1876. A alteração para Joaquim Ferreira Brito ocorreu com a lei nº 437, de 25.07.1962.

A Gazeta de Leste, de 11.10.1890, diz que o primeiro quarteirão começava na casa de negócios de Adrelino Pinheiro de Senna, propriedade de Valério Ribeiro de Rezende, pela rua Riachuelo até a casa Ferreira Neto e Cia, na esquina do largo do Rosário.

Barroso Júnior conta que, nessa rua, junto ao morro do Cemitério, "havia um rancho de tropeiros que navegavam por estes sertões."

RIACHUELO, ladeira

(Bairro Rosário) – Segundo a lei nº 440, de 04.11.1928, fica denominada Ladeira Riachuelo a que se estende da rua Riachuelo (atual Joaquim Ferreira Brito) até a praça São José.

O nome dessa rua era uma homenagem aos militares brasileiros que participaram da batalha naval de Riachuelo, ocorrida em 1865, no decorrer da Guerra do Paraguai.

RIBEIRO JUNQUEIRA, rua e distrito

(Antigo Logradouro) – **Rua** - A denominação anterior era rua Campo Limpo. Teve seu nome mudado pela lei nº 50, de 22.02.1949, possivelmente em função da mudança do nome do distrito. Começa na praça General Osório e finda na praça José Pires, no início do bairro Bela Vista. Na sua esquina com a rua Cotegipe, de frente para a praça General Osório, ficava a sede do Banco Ribeiro Junqueira.

Luiz Eugênio Botelho, em "Leopoldina de Hoje e de Ontem", diz que "na continuação dessa rua, que segue em direção ao bairro da Linha, vêem-se também confortáveis prédios levantados com arte e gosto, possuindo jardins em suas entradas".

Distrito – O distrito foi criado a 12.11.1878, com o nome da fazenda que lhe deu origem: Campo Limpo, formada por Manoel José de Novaes. Em 27.12.1948, recebeu a denominação de Ribeiro Junqueira, em homenagem à família do Dr. José Monteiro Ribeiro Junqueira, que presidiu a Câmara Municipal entre 1897 e 1902 e, a partir daí, dominou a política local por vários anos.

Dr. Ribeiro Junqueira nasceu na fazenda Niagara, em Leopoldina, no dia 27.08.1871, e faleceu em 14.05.1946, no Rio de Janeiro, RJ. Era casado com Helena de Andrade Ribeiro Junqueira. Cursou direito em São Paulo. Colou grau em 1894 e, no mesmo ano, foi eleito deputado pelo Sul de Minas. Em 1898 reelegeu-se pela Zona da Mata. Assumiu o cargo de agente executivo de Leopoldina em 1903. Neste mesmo ano, tornou-se deputado federal por Minas Gerais, cargo para o qual foi reeleito seguidas vezes. Foi senador, Secretário de Agricultura do Estado, um dos fundadores do Ginásio Leopoldinense, da Casa de Caridade, da Força e Luz, do Banco Ribeiro Junqueira e da Fábrica de Tecidos.

RICARDO COUTINHO, Capitão, rua

(Bairro Jardim Bandeirantes) – Sua denominação oficial surgiu com a lei 1638, de 22.09.1983, projeto 41/83 de autoria do vereador Vicente Schettino. Começa na rua Manoel Lacerda Leal e termina na rua Júlio Carraro.

Ricardo dos Reis Coutinho nasceu em Leopoldina, no dia 03.04.1879, filho de Moisés dos Reis Coutinho e de Josefa Maria de São José. Neto paterno de Manoel Moisés dos Reis Coutinho e Maria Cândida de Jesus. Neto materno de Joaquim Pereira Santiago Filho e Francisca Maria de Jesus. Seu bisavô Joaquim Pereira Santiago foi proprietário de 250 alqueires, no Córrego de São Domingos, no então Curato de Bom Jesus do Rio Pardo, atual Argirita. Seu avô materno, Joaquim Pereira Santiago Filho, foi proprietário da fazenda Córrego das Três Barras, também em Argirita. O capitão Ricardo era casado com Maria Cândida Sabino, nascida a 29.04.1879, em Argirita, e falecida a 28.04.1969, em Leopoldina. Ela era filha de José Sabino Dias Moreira e Maria Cândida de Jesus. Foi proprietário da fazenda Campo Alegre e do sítio das Palmeiras. Muito religioso, ajudou na construção da Catedral e do palácio Episcopal. Faleceu em sua fazenda, no dia 11.03.1945.

RICARDO PAES NETTO, rua

(Bairro Alonso Tavares Nogueira Filho) – A lei nº 3753, de 02.03.2007, projeto 33/2006 do vereador Lúcio Fonseca Cesar, denominou esse logradouro que começa na rua Helena Domiciano Flauzino e termina na rua Armindo Joaquim Mourão.

Ricardo Paes Netto nasceu por volta de 1908, em Cataguarino, filho de Antônio Paes de Souza e Alexandrina Soares de Souza. Era casado com Antonieta Abranches Paes. Faleceu a 16.10.1983, em Leopoldina.

RIO BRANCO, VISCONDE, largo ou praça

(Antigo Logradouro) – Por informações esparsas, deduz-se que esse largo seja a atual praça Professor Botelho Reis. Consta do livro 7 de atas da câmara, às fls 70v, com data de 07.12.1880 que, após manifestação de pesar pelo falecimento do Visconde do Rio Branco, o vereador Teodoro Carneiro indicou *que o "largo do Passeio d'esta Cidade passe a ter a denominação Praça do Visconde do Rio Branco"*. O Almanaque de 1885 diz que nesse largo encontravam-se o promotor público e advogado Dr. José Maria Vaz Pinto Coelho Júnior, o solicitador tenente Manoel Cândido de O. Lima e a farmácia Central, do capitão Antônio José

Alves Ramos. Gazeta de Leopoldina, de 19.09.1911, fala no jardim do largo Visconde do Rio Branco, que ainda não foi inaugurado e a ele se refere como sendo o jardim central da cidade.

RIO DE JANEIRO, rua

(Bairro Cidade Alta) – A lei 4101, de 18.04.2013 e o projeto 17/2013 do vereador Ivan Martins Nogueira deram denominação de rua Rio de Janeiro a uma via desse bairro antes identificada com rua "A". Pelo mapa de 2024, começa na rua Brasília e termina na rua Espírito Santo. É uma homenagem ao vizinho estado do Rio de Janeiro.

RITA DE ASSIS, praça

(Bairro Centro) – A lei nº 1852, de 18.12.1986, projeto 61/85 do vereador Benedito Rubens Renó Guedes, dá denominação de praça ao logradouro público da cidade que fica em frente ao Terminal Rodoviário Dr. Jairo Salgado Gama.

O projeto não identifica a pessoa homenageada.

RITA GINA BARBOSA, rua

(Bairro Quinta Residência) – Começa na rua Alan Kardec, sobe o morro do Sossego e vai terminar na rua Coronel João Lau, no bairro Eldorado. Dessa rua, pelo lado da rua Alan Kardec, sobe a escadaria Aleixo Barbosa Martins, usada como um dos acessos ao mesmo morro do Sossego.

Não foi localizada lei nem projeto para denominação dessa rua que tampouco é mencionada nos normativos que denominam logradouros vizinhos. Possivelmente a nomeação teve origem no interesse da comunidade local.

ROBERTO DE SOUZA ALMADA, Capitão, parque e coreto

(Distrito de Tebas) - A lei nº 529, de 14.09.1964, diz que fica denominado Capitão Roberto de Souza Almada o parque e o coreto da Vila de Tebas.

Não foi localizado o projeto que identificaria o homenageado. Provavelmente foi Roberto de Souza Almada Sobrinho, nascido em Piacatuba a 21.05.1871, filho de Jesuina Maria de Souza e de Manoel de Souza Almada, que em 1887 se tornou Alferes Porta Bandeira da Guarda Nacional no município de Leopoldina.

Roberto se casou em Tebas, a 30.06.1897, com Virginia Paulina da Costa Tavares, filha de Francisco José Tavares e Paulina Amélia da Costa Matos. Ela era natural de Rio Novo, origem também de seus tios radicados em Tebas: José e Juscelino José Tavares.

Em 1904, Roberto era eleitor do distrito e condômino da fazenda União. Em 1912 aumentou sua propriedade com a aquisição de terras da fazenda Aliança. Era confrontante da fazenda Monte Redondo. Roberto faleceu em Tebas, a 28.06.1952.

ROBERTO VIZANI YUNG, rua

(Bairro Bela Vista) – A lei nº 2093, de 09.06.1989, projeto 55/89 do vereador Sebastião José da Silva, dá denominação à via pública dessa cidade. No mapa do loteamento do bairro, encontra-se identificada como rua 03. Tem seu início na rua José Aragon Pinheiro e finda na rua João Teixeira de Moura Guimarães.

Roberto Vizani Yung nasceu em Juiz de Fora, a 11.01.1924. Em Leopoldina, casou-se com Solange Siroco Yung, com quem teve os filhos Francisca, Robson e Fernando, além da filha adotiva Sandra Fernandes Mendonça. Roberto chegou à cidade como ator circense, com o nome artístico de Xamego, e com esse nome ficou mais conhecido. Transformou-se em divulgador em seu carro de som e radialista. Durante muitos anos, apresentou um programa chamado "Rancho Fundo", na ZYK-5, Rádio Sociedade Leopoldina, emissora que chegou a dirigir. Foi taxista, presidiu a Liga Esportiva Leopoldinense, elegeu-se vereador por mais de uma vez e foi suplente de deputado. Faleceu em Leopoldina, a 10.04.1987.

RODRIGUES, chácara

(Antigo Logradouro) - Era uma chácara que existia no final do bairro da Fátima, onde está a rua Ercília Guimarães.

Nessa chácara residiram filhos e netos dos imigrantes espanhóis Bernardo e Rafael Rodrigues Y Rodriguez.

ROLANDO LADEIRA SALGADO, rua

(Bairro Bela Vista) – Essa rua recebeu esse nome pela lei nº 885, de 15.05.1973, que diz tratar-se de uma via pública indicada no mapa do loteamento do bairro Bela Vista.

Rolando era natural de Cataguases, filho de Djalma Pires Salgado e Ana Ladeira. Casou-se com Nice Vilela, filha de Petronilha e José Vilela. Tiveram três filhos: Ricardo, Tania e Noeli

Vilela Salgado. Rolando foi comerciante (Bazar René) e incorporador do primeiro edifício de apartamentos da cidade (Edifício Bazar René).

ROMUALDO JOAQUIM DE SOUZA, rua

(Bairro Fábrica) – A lei nº 1941, de 14.12.1987, projeto 96/87 de Nelito Barbosa Rodrigues, diz que passa a denominar-se rua Romualdo Joaquim de Souza a antiga rua José Gama, nominada pela lei nº 1785, de 07.03.1986, projeto 09/86 do mesmo vereador. Essa rua começa na Vinte e Sete de Abril, em frente ao nº 117, e termina em um terreno baldio, cujos fundos divisam com imóveis do lado par da rua Benedito Valadares. É um dos "becos da fábrica", como eram conhecidas essas transversais da rua Vinte e Sete de Abril.

Romualdo, mais conhecido como Cascudo, nasceu em Leopoldina, a 07.02.1929, e faleceu em 14.11.1987, sendo o primeiro morador da rua que passa a ter seu nome. Casou-se com Maria Aparecida Gama, com quem teve os filhos, José Antônio, Jorge Luiz, João Batista, Jader e Jairo Heleno de Souza. Trabalhou na Fiação e Tecidos Leopoldinense e foi músico da Lira Industrial.

RONALDO MELÃO MACHADO, escadaria

(Bairro Jardim Bandeirantes) – A lei nº 1964, de 10.03.1988, projeto 20/88 do vereador Darci Luiz Vasconcelos Resende, dá denominação à escadaria que serve de ligação da rua Manoel Lacerda Leal, a partir da rua Capitão Ricardo Coutinho, até a rua Fajardo, próximo ao nº 122.

Ronaldo Melão Machado nasceu a 26.01.1963, filho de José Carlos da Silva Machado e Dilamar Maria Melão. Neto paterno de Antônio José Machado Neto e Josefa da Silva Coutinho, casados a 15.05.1935, em Leopoldina. Josefa era neta materna de Moisés dos Reis Coutinho, de quem descendem outros homenageados em logradouros na cidade.

ROQUE SCHETTINO, bairro

A lei nº 4323 de 04.05.2016, projeto 22/2016 do vereador Ivan Martins Nogueira, dá denominação de bairro Roque Schettino ao antigo bairro do Limoeiro, nominado pela lei nº 1629, de 04.08.1983, projeto 30/83 do vereador Roque Schettino. Esse bairro fica entre o trevo rodoviário da BR 116, que dá acesso a Cataguases, e o morro do Limoeiro.

Roque Macário Schettino nasceu em Leopoldina, a 03.02.1939, e faleceu a 03.05.2015, em Muriaé, sendo sepultado em Leopoldina. Era filho do italiano Carmine Schettino e de Ana Lisboa, casados a 31.12.1931, em Leopoldina. Roque foi casado com Wanda Elvira Evangelista, com quem teve os filhos Rosana, Giovanni e Giordana. Foi vereador, idealizador da Fraternidade Espírita Cristã Seguidores de Jesus, que atendia aos mais carentes do bairro Limoeiro. Participou da criação da Comunidade Terapêutica "Levanta de Novo", erguida em terreno de sua propriedade, na zona rural de Tebas.

ROSÁRIO, bairro

A lei nº 4268, de 09.09.2015, menciona o nome desse bairro que compreende as ruas que ficam nas proximidades da igreja de mesmo nome. E três delas partiam da praça: A rua Direita (atual Gabriel Magalhães), a do Rosário (atual Tiradentes) e a Riachuelo (a que seguia para o Cemitério novo, atual Joaquim Ferreira Brito).

ROSÁRIO, Antigos Logradouros

Rua – Rua do Rosário é o primeiro nome da rua Tiradentes. Francisco de Paula Ferreira de Rezende (1988, quando fala dos limites do patrimônio de São Sebastião, embora não pudesse precisar,

> *"acreditava ser o Feijão Cru e um pequeno lacrimal (córrego) que, vindo dos lados do cemitério velho, atravessa a rua do Rosário e, depois de já estar junto com o corregozinho que passa pela Cadeia (sede do antigo Clube Leopoldina), atravessa a rua Direita e vai entrar no Feijão Cru".*

O mesmo autor se refere à rua do Rosário quando fala do primeiro cemitério da cidade "situado no morro que ficava para trás da rua do Rosário, na estrada que se estendia para os lados de Laranjal, Campo Limpo e Vista Alegre".

Nos primórdios da rua do Rosário, registre-se que, no livro códice 232, fls. 19, 22.01.1873, consta que Antônio Feliciano recebeu 12$000 pela abertura de um curral na Rua do Rosário, para vazar um fosso e retirar a palha que existia no largo. Nesse mesmo livro, fls. 38, 13.02.1873, está o pagamento a Francisco de Oliveira Ramos pela primeira prestação da construção da ponte da rua do Rosário, no valor de 975$000.

O Almanaque de 1887 informa que, na rua do Rosário, podem ser encontrados o alferes Eugênio Botelho Falcão, suplente de delegado; o escrivão de órfãos, o sr. Antônio Carlos da Costa Carvalho; o juiz de paz, Baldoino Teixeira Lopes Guimarães; os advogados Francisco de

Paula, Ramos Horta e Eduardo de Almeida Magalhães; o solicitador José de Souza Soares, e o Hotel José Lúcio, de José Lúcio Gomes.

(Antigo Logradouro) - **Praça 1 -** A praça do Rosário é o local por onde começou a cidade. A mais antiga citação à classificação como praça veio com a Lei nº 83 de 27.10.1949, mas no livro de Atas da Câmara, nº 6, fls. 13, com data de 1878, o vereador Teixeira Lopes requer mandar fazer calçamento no Largo do Rosário, partindo do calçamento existente na porta da Igreja, com 14 ou 15 palmos de largura. Hoje essa praça recebe o nome do Monsenhor Antônio Chamel.

Praça 2 – No distrito de Piacatuba também existe uma praça do Rosário, da qual não se tem outras informações.

Casa - Barroso Júnior diz que, em 1831, elevava-se nela a Casa do Rosário. O Primeiro Centenário da cidade achou nesse mesmo local a Igreja da mesma devoção, belo reflexo da devoção do padre José Maria Soleiro e José Ferreira Brito, o mesmo que edificou, à sua custa, o adro da Igreja Matriz. Nela sagrou com grande pompa S. Ex. Revma. Dom Aristides de Araújo Porto, seu antigo vigário.

RUBEM DUARTE, rua

(Bairro Centro) – Segundo a lei nº 647, de 25.07.1968, fica denominada Rubem Duarte a rua sem nome que parte do lado esquerdo da rua Dr. Custódio Junqueira, um pouco antes da entrada para a sede da antiga fazenda Desengano. É uma rua sem saída.

Quanto ao homenageado, sabe-se que era comerciante, proprietário da casa Henriques Felipe & Cia Ltda, que existiu na rua Cotegipe, no local onde está hoje o shopping Mar Center. Presidiu a Associação Comercial de Leopoldina e foi o grande responsável pela construção do Edifício da entidade, situado na rua Ribeiro Junqueira, ao lado da agência dos Correios.

RUBENS F. RESENDE, vila

(Bairro Mina de Ouro) - Foi a lei nº 947, de 17.10.1973, que deu a denominação de vila, na rua São Pedro, ao correr de casas de propriedade de Rubens F. Resende. Possivelmente as casas do lado direito da rua, a partir do número 100, que guardam algumas semelhanças entre elas.

Não foi encontrado o projeto e, portanto, não se tem a identificação do homenageado.

LETRA S

SALGADO FILHO, rua

(Antigo logradouro) – De acordo com a lei nº 145, de 18.08.1951, passam a denominar-se respectivamente rua Salgado Filho, a que parte da Praça da Bandeira e vai ter a denominada rua das Palmeiras, e rua Durval Bastos, a que fica logo à esquerda da que receberá a denominação de Salgado Filho, no bairro Praça da Bandeira. É a atual rua Murilo Rodrigues Pinto.

Salgado Filho foi Ministro da Aeronáutica no governo do presidente Getúlio Vargas. Era gaúcho e faleceu em acidente aéreo.

SALVADOR RODRIGUES & RODRIGUES, rua

(Bairro São Cristóvão) – A lei nº 1317, de 14.12.1978, projeto 79/78 dos vereadores Adávio Pires de Almeida, Jair de Almeida Lacerda e Joaquim de Castro Meireles, em sua alínea "d", nomeia a via que no mapa do loteamento do mencionado bairro, encontra-se identificada como rua nº 30. Fica entre as ruas Omar Resende Peres e Carlos Schettino, tendo a rua Nicácio Sales como transversal.

Salvador Rodrigues Y Rodriguez nasceu em El Rozal, Pontevedra, Espanha, filho de Serafim Rodrigues Gonzalez e Maria Rosa Rodrigues Alvarez. Passou ao Brasil com sua mãe e os irmãos Rafael e Bernardo Rodrigues Y Rodriguez, além de sua tia Joana Gomez Rodriguez e a prima Luiza Rodriguez Gonzalez, por volta de 1888. Em Leopoldina, casou-se a 09.09.1893 com Maria Tereza de Jesus, filha de Germano Rodrigues da Silva e Maria Custódia de Moraes.

Salvador era construtor e seu irmão Rafael era um exímio artesão com madeira. As antigas poltronas do teatro Alencar, bem como outros móveis encontrados em antigas residências de Leopoldina, foram obra de Rafael Rodrigues Y Rodriguez.

A 11.08.1926, Salvador comprou o prédio do Theatro Alencar que então pertencia ao poder público municipal. Embora a imprensa periódica tenha divulgado o fim das obras de restauração em maio de 1927, a inauguração do Cine Theatro Alencar ocorreu a 14.01.1928,

Na continuidade da construção, Salvador preservou para sua família o terreno ao lado, onde foi construído o sobrado no qual viria a residir sua filha Maria de Lourdes Rodrigues e Rodriguez e seu marido Gastão Cerqueira Lobo. Segundo lendas familiares, a oficina do marceneiro de Rafael esteve localizada, durante alguns anos, no térreo do sobrado.

Uma informação veio se somar a outras esparsas a respeito do primeiro Teatro de Leopoldina. Wehrs (1980, p.77) anotou que, em outubro de 1886: "O teatro, o prédio, eu o sempre olhava com certo receio, porque não acreditava na sua estabilidade. Era uma imensa casa de pau-a-pique, dividida em galerias e camarotes em torno da plateia, e, embaixo, constituída de cadeiras e bancos." Resta-nos encontrar outras referências que esclareçam em que época o prédio original foi demolido para a construção do edifício que chegou aos nossos dias.

SANAN, praça

(Estação Vista Alegre) – A lei nº 720, de 13.08.1970, diz que fica denominado "Praça Sanan" a praça existente em Vista Alegre, nesse município, ao lado da estação ferroviária e na entrada da ponte ali existente.

Vale registrar que, na margem direita do Rio Pomba, no município de Leopoldina, onde está a Estação Ferroviária, pelo Decreto nº 406, de 06.03.1891, foi criado um distrito de paz com o nome de Vista Alegre.

A família Sanan teve uma ligação muito forte com o local. Sebastião Sanan era comerciante em Vista Alegre, conforme citação no inventário de Clemente Francisco, que morreu em 1923. A Gazeta de Leopoldina (22.08.1946, fls 1 col 4) registra que Sebastião Sanan foi o benfeitor da Igreja de São Francisco de Paula de Vista Alegre. Ainda com o mesmo sobrenome, está ligado a Vista Alegre a síria Rachid Sanan, casada com Jorge Chaul, mãe de Geny Chaul.

SANTA CRUZ, praça

(Distrito de Piacatuba*)* – A lei nº 451, de 1962, abre crédito especial para ocorrer com as despesas de construção de uma praça no distrito de Piacatuba. E a lei nº 1386, de 04.10.1979, alterou a denominação de praça do Conselho, em Piacatuba, para praça Santa Cruz.

SANTA TEREZA, bairro

Veja "Teresa, Santa"

SANTANA DA MATA, arraial

(Antigo Logradouro) - Na margem direita do Rio Pomba, um pouco abaixo de Vista Alegre, no lugar que ficou conhecido como Fazenda Pedro Velho, no município de Leopoldina, existiu uma povoação que desapareceu, que se chamava arraial "Santana da Mata". Referências sobre ele foram encontradas na Divisão da Fazenda Pedro Velho, processo nº 38404535 img 365 do COARPE/TJMG, e na declaração de compra feita por Antônio José Dias da Paixão a Joaquim Dias Neto, em abril de 1871. Tal documento trata de uma morada de casas no arraial de Santana da Mata, em terreno de sessenta palmos, com fundos até o rio Pomba, e bem assim, uma situação denominada Floresta, de 16 alqueires com benfeitorias, em terras do finado Pedro de Oliveira e Silva, conhecidas por Fazenda do Pedro Velho.

Tem-se, também, o registro de que existiu uma capela no Arraial de Santana da Mata, localizado ao norte da Fazenda Pedro Velho, embora desse templo não se tenha encontrado referências nos arquivos da Diocese de Leopoldina. Fontes literárias indicam que, no lugar onde se localizava tal capela, funcionou a Escola Francisco Machado, bem próxima da Fazenda Cachoeira do Pomba, que pertenceu a Custódio Machado. Sabe-se que o homenageado com o nome da escola seria Francisco Machado Dias Neto, nascido a 09.03.1860, filho de Joaquim Dias Neto e Maria Catarina, proprietário de 40 alqueires registrados em 1856, sem indicação de nome da propriedade.

Veja Quebrados, dos, arraial.

SANTANA, bairro

(Distrito de Piacatuba) – A lei nº 1185, de 13.05.1977, menciona o bairro Santana, em Piacatuba, onde se localiza a rua Deoclécio Angelo de Oliveira.

SANTO ANTÔNIO, rua

Veja "Antônio, Santo".

SANTOS MENEGUITE, rua

(Bairro Três Cruzes) – A denominação dessa rua ocorreu a partir da lei nº 3139, de 23.04.1999, projeto 07/99 do vereador Otávio Arantes Xavier. Começa na rua Manoel Turíbio Barbosa e termina na rua Bernardino José Fidélis.

Santo (SANTE) Meneghetti nasceu em Leopoldina, por volta de 1920, filho de Ermenegildo Meneghetti e Genoveffa Calzavara. Casou-se com Nair Montan e com ela teve os filhos Gilda Maria, Genoveva, Gildo Santos, Gilcia Aparecida, Gino (falecido), Gilcimar e Gilcilene.

Trabalhou no DNER e foi, também, caminhoneiro autônomo. Faleceu em Juiz de Fora, no Pronto Socorro Municipal, a 16.02.1971, aos 51 anos, e foi sepultado em Leopoldina.

Era irmão de João Meneghetti, também homenageado com nome de uma via pública da cidade e de Maria, Helena, Fortunata, Ana, Felício e Antônio. Descendia de Fortunato Meneghetti, casado com Felomena Bonini. Fortunato, por sua vez, era filho de outro Sante Meneghetti, nascido a 09.07.1848, em Campolongo Maggiore, província italiana de Venezia, no Veneto, e falecido em Leopoldina, a 12.01.1916. Sua mãe, Regina Formenton, também nasceu no Veneto. Ela faleceu em Tebas, a 25.12.1917, e era filha de Maria e Giureppe Girolamo Formenton.

SANTOS, vila

(Bairro Centro) – Seu nome oficial, homenagem a esposa do construtor das casas, foi dado pela lei nº 146, de 17.08.1951, cujo texto diz: "Ficam denominadas, na rua das Flores, respectivamente, vila Vitral, a que confronta com o beco público e o terreno de Heitor Montes e, vila Santos, a que fica nos fundos da vila Vitral, entre becos à direita e à esquerda, terrenos de Antônio Vargas Neto". Originalmente, a Vila Santos era composta por 7 casas construídas por Agnello Vitral.

Agnello Vitrale nasceu em Aventureiro, distrito de Além Paraíba, em 14.12.1894, filho de-José Braz Vitrale e Elvira Dutra de Faria, sendo neto paterno do italiano Vincenzo Maria Vitrale, nascido a 03.04.1834, em Montano Antilia, Salerno, Campania. Casou-se, em 07.07.1915, com Maria José dos Santos, filha de José Dimas dos Santos e Maria Afra de Jesus. Desse casamento são os filhos: Geraldo, Aurora, Gil, Job, Alfen, Iracema, Adonai, Aurea e René. Em 1940, Agnello fixou residência em Leopoldina e atuou no comércio com a sua "Casa

Elite". Foi um dos fundadores do Racionalismo Cristão em Leopoldina e, em 1952, publicou o livreto Origem da Vila Aventureiro, com informações sobre a localidade onde nasceu.

SÃO LOURENÇO, arraial

Veja Montes, Arraial dos

SÃO MARTINHO, vila

Embora não se tenha localizado lei que trate diretamente da sua criação e denominação, a Vila São Martinho se formou no entorno da estação ferroviária desse nome, da Estrada de Ferro Leopoldina, inaugurada em julho de 1896. É citada em leis que denominaram alguns dos seus logradouros. Seu território faz parte do distrito de Providência.

O nome da vila homenageia Antônio Ignacio Monteiro Galvão de São Martinho que cedeu terras e financiou a construção da Estação inicialmente denominada Campestre e que recebeu seu sobrenome logo após a morte do benemérito em 1903. No entorno da estação foi se formando a atual vila. Ressalte-se que Antônio Ignacio era bisneto de Pedro Afonso Galvão de São Martinho que, entre 1784 e 1786, comandou duas diligências que palmilharam a região onde mais tarde viria a surgir o Arraial do Feijão Cru. O percurso trilhado nas duas diligências ficou conhecido como o Caminho do Cantagalo. O objetivo daquelas incursões pelos então chamados Sertões do Leste era combater o desvio do ouro. Além disso, entre suas consequências está o surgimento de diversos municípios da nossa região.

SÃO PAULO, rua

Veja Paulo, São.

SAPECADO, alto

(Antigo Logradouro) - A Gazeta de Leste, de 11.10.1890, diz que o quarto quarteirão compreendia a rua Sete de Setembro, até o sobrado de Eugênio Botelho, e Tiradentes, até a casa do Tomaz de Almeida Pinho, e o quinto, tinha início na casa ao lado do sobrado do Eugênio Botelho (atual praça Gama Cerqueira), na continuação da Sete de Setembro, e seguia pelas Tabocas até o alto do Sapecado.

Dessa informação se conclui que o Sapecado era o morro dos Pirineus, talvez, na sua parte que fica mais para o lado do bairro Vila Esteves.

Na face dos Pirineus voltada para a rua Presidente Carlos Luz, suspeita-se ter existido um cemitério. E, segundo antigos moradores, o lado direito do que passou a ser conhecido como Pirineus era coberto de urtigas. Uns dizem que daí viria o nome Sapecado. Outros informam que o local era muito pedregoso e com pouca vegetação rasteira, sendo constantemente tomado pelo fogo na época da seca.

SAPO, rua

(Antigo Logradouro) – No atual bairro da Quinta Residência, era o nome pelo qual se conhecia a rua Antônio Fernandes Valentim. A geografia do lugar talvez ajude a entender a razão do nome. Esta rua, quando aberta, cruzava um terreno alagadiço habitado por sapos.

SATURNINO BRAGA, estrada

(Distrito de Abaíba) – É a rodovia MG-454, que começaria em Volta Grande, confundindo-se com a BR-120 que passa pela sede do município e segue para Cataguases, e que, a partir de Providência, toma a direção de São Martinho, Abaíba, Recreio e Ribeiro Junqueira onde encontra a BR-116.

Estabelece a lei nº 71, 27.10.1949, que fica aberto o crédito especial de Cr$15.000,00 para ocorrer às despesas com os serviços da construção da estrada Volta Grande à Rio–Bahia, no distrito de Ribeiro Junqueira. E, em 16.08.1951, ocorreu o pagamento de despesas com obras de arte da mesma estrada, conforme noticia a Gazeta de Leopoldina, de 23.09.1951. E, é a mesma Gazeta de Leopoldina em sua edição de 14.12.1952, sob o título "Estrada Saturnino Braga" que publica nota dizendo que: "Ao que estamos informados, estão prosseguindo os trabalhos da estrada Saturnino Braga, no trecho entre Recreio e Ribeiro Junqueira, a fim de se entroncar com a Rio-Baia".

Quanto ao homenageado, é de se supor que seja Francisco Saturnino Braga, nascido em 17.05.1905, filho de Ramiro Ferreira Saturnino Braga e de Maria Adélia Saturnino Braga e pai do ex-prefeito da capital fluminense, Roberto Saturnino Braga.

Francisco Saturnino Braga, falecido em 01.061968, era formado em Engenharia Civil e foi citado pelo jornal Folha Mineira (19.04.1951, fls 1) por todo o seu envolvimento com os problemas das estradas da região.

SATURNINO DE MELO, rua

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – A lei nº 340, de 26.10.1959, denomina a via que partindo da Praça Felix José, margeia a linha férrea na direção de Vista Alegre.

Embora não se tenha conseguido fonte probatória, o homenageado pode ser Saturnino Ribeiro de Melo, nascido por volta de 1884, em Leopoldina, filho de Cassiano Pereira de Melo e Ana Engracia de Souza Neiva. Casou-se, pela primeira vez, com Maria Gomes; não encontramos filhos do casal. Casou-se, pela segunda vez, a 12.05.1906 com a italiana Carolina Guerzoni, nascida a 05.02.1889, em Bologna, Emilia Romagna; filha de Massimiliano Guerzoni e Florinda Reggiane. Com Carolina, teve os filhos: Rubens, Robertino, Renato, Ricart e Ruth. Saturnino viveu em Ribeiro Junqueira. Seu pai foi condômino da fazenda Campo Limpo e sua mãe era parente de agrimensor que atuou em diversos processos de divisão de propriedades no final do século XIX.

SEBASTIÃO ANTUNES FONSECA (Sinhô Fonseca), avenida

(Bairro Jardim Caiçaras) – A denominação oficial desta avenida ocorreu com a lei nº 3171, de 19.08.1999, projeto 35/99 do vereador Antônio Nilo de Almeida. É a avenida paralela ao leito da BR-116, no lado direito da rodovia, no sentido de quem vai para o Rio de Janeiro, a partir do posto fiscal da Polícia Rodoviária Federal e do início da av. Sebastião Miguel Dibo que dá acesso ao bairro Jardim Caiçaras.

Sebastião Antunes da Fonseca nasceu em Tebas, a 19.06.1921, filho de Justiniano Antônio da Fonseca e Olga Antunes. Cursou a escola primária em Carangola, MG, onde morava sua avó. Retornando a Leopoldina, foi aluno do Gymnasio Leopoldinense na década de 1930. Casou-se com Ivone Fajardo com quem teve os filhos José Luiz, Maria Aparecida, Henoch e Kátia. Além de outras profissões que exerceu anteriormente, foi escrivão do registro civil de Leopoldina durante 30 anos, tendo assumido o cartório anteriormente dirigido por Milton Ramos Pinto, também homenageado em logradouro. Faleceu a 17.08.1997, em Muriaé, e foi sepultado em Tebas.

SEBASTIÃO APARÍCIO VEIGA, rua

(Bairro Centro) - Foi a lei nº 471, de 28.03.63, que deu nome a esta via situada próxima ao antigo campo do Esporte Clube Ribeiro Junqueira, no centro da cidade. Inicia na atual rua

Jovens Guilherme, Celso e Ângelo, indo até a antiga rua Providência, hoje rua Gabriel Andrade Junqueira.

Sebastião Aparício, geralmente conhecido por "Tatão", foi um cidadão que muito se dedicou ao esporte na cidade e atuou como treinador de diversas equipes, inclusive do E.C. Ribeiro Junqueira. Morou na rua Manoel Lobato, na casa de Evangelina (Evaína) Augusta de Oliveira e Milton Ramos Pinto.

SEBASTIÃO CAMPOS ALVIM, Dr., largo

(Bairro Mina de Ouro) - A lei nº 2888, de 19.09.1996, projeto 97/96 do vereador Antônio Amâncio Valentim, deu denominação ao largo existente no entroncamento das ruas Joaquim Garcia de Oliveira, Sebastião Pereira Bela, Professora Emília Levasseur Rocha e São Pedro. Antes, em 31.07.1968, o projeto do vereador Elói Rodrigues Neto deu nome de largo Feijão Cru à praça a ser criada pela administração municipal na entrada do bairro Mina de Ouro, entre as ruas Sebastião Pereira Bella, São Pedro, João Neto e a vila Gilda.

Dr. Sebastião, segundo o projeto de lei, nasceu por volta de 1914, em Oliveira Fortes, MG, filho de Antônio Augusto de Carvalho Campos e Ernestina de Campos Alvim. Casou-se com Célia Andrade de Magalhães Alvim com quem teve os filhos: Pompéa Maria, Suzette, Norman casado com Vera Lúcia, Mônica, Américo, Rogério, Cláudio, Clever e Tânia. Era engenheiro e faleceu a 10.08.1989, em Belo Horizonte.

SEBASTIÃO DA COSTA, rua

(Distrito de Piacatuba) – Foi a lei nº 4760, de 23.08.2023, projeto 53/2023 do vereador José do Carmo Fofano Vieira, que deu denominação à rua projetada localizada nas proximidades da Igreja do Rosário.

Pela certidão de óbito anexada ao projeto, Sebastião da Costa nasceu em Piacatuba, embora o projeto diga que ele nasceu em São João Nepomuceno, MG, por volta de 1906. Era filho de Vitorino Antônio da Costa e Maria Nazareth de Jesus. Casou-se com Maria Antônia Barbosa. Era "homem do campo". Faleceu a 09.03.1980, em Leopoldina, e foi sepultado em Piacatuba.

SEBASTIÃO FERREIRA LACERDA, rua

(Bairro Eldorado) – A lei nº 2435, de 09.09.1992, projeto 61/1992 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida, dá denominação à via pública desta cidade que tem seu início na rua Cel. João Lau, próximo à praça Júlio Barbosa e finda na praça Francisco Zaquine, nas proximidades do CAIC – Centro de Atenção Integrada ao Adolescente.

Sebastião Ferreira Lacerda era filho de João Bento Rodrigues e J. Filomena Lacerda. Natural de Cataguases, faleceu em Leopoldina, em 12.10.1963. Foi motorista de praça ou, taxista, durante muito tempo.

SEBASTIÃO LUIZ NETTO, rua

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – A lei nº 4193, de 06.11.2014, projeto 56/2014 do vereador Antônio Carlos Martins Pimentel, dá denominação à via que partindo da rua Wilson Pimentel, defronte ao nº 172, vai findar em terreno de divisa com o campo de futebol denominado Aurélio Pimentel.

Sebastião Luiz Netto nasceu a 01.03.1913, em Ribeiro Junqueira, filho de Antônio Luiz Neto e Maria Sebastiana de Oliveira. Casou-se a 24.05.1939, em Ribeiro Junqueira, com Maria Consuelo Pimentel, filha de Aurélio Pimentel e da italiana Carolina Naccari. Teve 10 filhos. Foi vereador entre 1959 e 1962. Os pais de Sebastião tinham propriedade rural vizinha da fazenda dos Barbosas, formada pelo antepassado deles, o pioneiro Francisco da Silva Barbosa. Sebastião Luiz faleceu em Ribeiro Junqueira, a 04.08.1997.

SEBASTIÃO MAGDALENO MONTEIRO, rua

(Bairro Alonso Tavares Nogueira Filho) – É a lei nº 4108, de 17.05.2013, projeto 28/2013 do vereador Ivan Martins Nogueira, que dá denominação à rua do Conjunto Habitacional Verônio Barbosa Resende, no bairro Tomé Nogueira, hoje bairro Alonso Tavares Nogueira Filho. Essa via começa na rua Vereador Anibal Faria Resende e termina na rua Lourenço Elias dos Santos.

Sebastião Magdaleno Monteiro nasceu no dia 22.07.1935, dia de Santa Magdalena, donde vem seu segundo nome. Era filho de Raul Margarido Monteiro e Paulina Maria. Casou-se com Marlúcia Machado, com quem teve os filhos Paulo César, Pedro Augusto, Júlio César, Isaac e Priscila. Marlúcia trabalhava com contabilidade e seu escritório está na origem da

atual SEMAR Assessoria Contábil, empresa de um dos seus filhos. Sebastião montou uma oficina mecânica que se tornou muito conceituada na cidade. Faleceu no dia 10.01.2012.

SEBASTIÃO MIGUEL DIBO, rua

(Bairro Jardim Caiçaras) – A lei nº 4080, de 13.12.2012, projeto 79/2012 do vereador Waldair Barbosa Costa, dá denominação à avenida "X", que, pelo mapa de 2024, começa na avenida Sebastião Antunes Fonseca, ao lado do posto da Polícia Rodoviária Federal, e termina na rua Vicente Gonçalves Marreiro. É a via de acesso ao bairro Jardim Caiçaras.

Sebastião Miguel Dibo (Dib) nasceu dia 11.05.1938, em Leopoldina, filho de Elias Dib e Maria Carraro. Na infância, morou na Serra da Vileta. Veio para a cidade para frequentar a escola e morou com a avó Elizabeth Carraro. Fez curso de Datilografia. Trabalhou numa mercearia e na farmácia do Jair Lacerda. Casou-se aos 25 anos com Maria Cândida da Silva, com quem teve os filhos Vânia, Valéria, Cíntia e Alan. Tornou-se sócio da Farmácia São José com Jair Lacerda. Faleceu em Juiz de Fora, no dia 29.01.1995, e foi sepultado em Leopoldina.

SEBASTIÃO PEREIRA BELLA, rua

(Bairro Alto da Ventania) - Foi a lei nº 558, de 23.03.1965, que denominou à via pública que, partindo do largo Doutor Sebastião Campos Alvim, vai até o Alto da Ventania, na praça João Bela. Segundo Rosseau (1975 p. 99), Alfredo era açougueiro no Alto da Ventania.

Sebastião nasceu em Leopoldina, a 08.12.1894, filho de Alfredo Augusto Pereira da Bella e Alexandrina de Paz Pessoa. Era açougueiro no Alto da Ventania. Casou-se em 28.01.1920, em Leopoldina, com Santina Sellani, filha de Sante Sellani e Ana Bisciaio. Sante nasceu no comune de Nocera Umbra, província de Perugia, região da Umbria, Itália. Ana era natural também da Perugia, mas do comune de Gualdo Tadino. Os pais de Santina instalaram-se no lote 60 da Colônia Agrícola da Constança, a 11.06.1910. Sebastião era irmão de Getomir e João Bela, também citados.

SEBASTIÃO SOARES DE OLIVEIRA, travessa

(Bairro Alto dos Pirineus) – Foi a lei nº 1190, de 13.05.1977, projeto de nº 16/77, que denominou a via projetada em frente à Escola Estadual Luiz Salgado Lima.

Diz o projeto, que o homenageado era conhecido como "Sebastião Garimpeiro", um técnico mecânico especialista em radiadores de automóveis. Trabalhou, durante muitos anos, nas oficinas da empresa Monteiro e Serpa Ltda, antiga agência FORD.

Embora não se tenha documento que possa comprovar, é possível que o homenageado seja o filho de Roberto Henriques de Oliveira e Jacinta Soares, nascido em Leopoldina, por volta de 1901, que se casou, a 30.12.1931, com Maria Balbina de Moraes, filha de Francisco Soares Berbari e Teodora Maria de Moraes.

SEBASTIÃO VENÂNCIO FILHO (Patinho), praça

(Bairro Nova Leopoldina) – A lei nº 3453, de 12.09.2002, projeto 67/2002 do vereador Márcio Francisco Antunes Faria, dá denominação à praça localizada no bairro Nova Leopoldina.

Sebastião Venâncio Filho nasceu por volta de 1931, filho de Antônio Venâncio Filho e Sebastiana Maria Pontes. Faleceu no dia 29.12.1998, em sua residência à rua Aloísio Soares Fajardo, na condição de viúvo.

SEBASTIÃO, SÃO, bairro

É um bairro novo, ainda sem denominação oficial, mas citado na lei nº 1545, de 26.04.1982, que vem surgindo no lado direito do antigo leito da linha férrea, depois do bairro Jardim Bela Vista, e antes do bairro Tomé Nogueira, nas proximidades do local geralmente referido como Lagoa Preta.

São Sebastião foi militar e, em razão de sua fé, foi perseguido pelo imperador Diocleciano. Foi preso e executado por volta do ano 300. Seu culto é muito antigo e bastante popular. É padroeiro de diversas cidades, inclusive Leopoldina.

Veja Tomé Nogueira, bairro.

SELMO JUNQUEIRA, rua

(Bairro Dr. Joaquim Guimarães) - Começa na rua Wilson Valentim e termina na Avenida Doutor Tancredo Neves. Não foi encontrado o projeto nem a lei de denominação do logradouro.

Selmo Junqueira nasceu por volta de 1925, filho de Francisco Teodoro Junqueira e Ana Botelho. Ana era filha de José Wenceslau Arantes Junqueira e, portanto, cunhada de

Francisco de Andrade Bastos. Selmo era casado com Maria do Carmo Lima. Era advogado e ruralista. Faleceu no dia 04.08.1888.

SEMINÁRIO, bairro

(Antigo Logradouro) - Era popularmente assim conhecido o conjunto de logradouros do entorno do antigo Seminário Menor Nossa Senhora Aparecida, criado por Dom Delfim Ribeiro Guedes. Hoje esses logradouros fazem parte do bairro Arthur Leão, criado pela lei nº 895, de 15.05.1973. A denominação do bairro parece não ter sido oficializada e teria origem no início da década de 1950, quando começou a funcionar o Seminário.

SENHOR DOS PASSOS, rua

(Bairro Alto dos Pirineus) – A lei nº 1.498, de 09.04.81, projeto 10/81, dá denominação à rua que inicia na rua Prof. Gustavo Monteiro de Castro e termina na praça Mário Malaquias de Souza, passando pela indústria Magmar.

Ao propor esta denominação para a via, o vereador Ely Rodrigues Netto pretendeu lembrar o espírito cristão do povo leopoldinense.

SERGINHO DO ROCK, rua

(Bairro Vale do Sol) – A lei nº 3384, de 13.12.2001, projeto 60/2001 do vereador Iano Campos Salomão, dá denominação à via pública do município de Leopoldina que tem seu início na rua Délcio Werneck Moraes e finda na rua das Acácias.

Serginho do Rock é o nome artístico do cantor e compositor leopoldinense Antônio Sérgio Lima Freire que foi, também, funcionário da câmara municipal. Nascido no dia 26.10.1940, na chácara de seus avós paternos, que se localizava na atual rua Farmacêutico Durval Bastos, era filho de Antônio Bastos Freire e Marília de Lima (Dona Sinhazinha). Estudou no grupo escolar Ribeiro Junqueira e no antigo colégio Santa Terezinha. Iniciou o antigo curso ginasial no colégio Santo Antônio, de São João del Rey, MG, e, depois, se transferiu para o Ginásio Leopoldinense, atual E.E. Professor Botelho Reis. Personalidade voltada às artes, não se adaptou ao ensino tradicional e seus pais optaram por levá-lo ainda a estudar em internatos de Petrópolis e do Rio de Janeiro.

Já na adolescência, participava de programas da Rádio Leopoldina, tocando violão e cantando músicas de rock, donde surgiu o apelido. Durante 10 anos, foi funcionário da Caixa

Econômica Federal, no Rio de Janeiro. Desestimulado com a vida na cidade grande, voltou a Leopoldina e começou a trabalhar como secretário da Câmara Municipal, cargo que exerceu durante 22 anos. Cursou, ainda, o magistério na escola CNEC e iniciou o curso superior de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases. Foi redator dos jornais Equipe e A Tocha. Criou o grupo Gisassol Maravilhoso e seu respectivo órgão de imprensa, o Hipnótico. Pioneiro na preocupação ecológica em Leopoldina, a natureza e seus amigos foram homenageados em suas mais de 80 composições. Foi autor de Mineira Gostosa, instituída como hino oficial de Leopoldina através da Lei nº 2.783. Faleceu o nosso grande poeta no dia 07.08.1985.

SERRA DAS VIRGENS, comunidade

A mais antiga citação ao nome encontra-se na lei nº 2566, de 18.11.1993, quando foi dado o nome de Jair Augusto de Freitas à torre repetidora de sinais de tv construída na localidade. Serra das Virgens é nome bem mais antigo e provém do sobrenome de João José Rodrigues das Virgens, estabelecido no local desde, pelo menos, 1864 conforme indicado no batismo de Maria, aos 6 de março de 1864, quando João José e a esposa foram padrinhos da criança. Sua propriedade fazia divisa com a fazenda Boa Vista dos Barbosa e ali nasceram seus três filhos: Ezequiel Antônio, Vitalina Maria e Custódia Maria. O sítio de João José foi herança paterna de sua esposa, Francisca Maria de Paula, cujos pais João Francisco dos Reis e Maria José da Conceição ali moravam desde, pelo menos, a década de 1850. Com a morte de João José e da esposa, a propriedade foi dividida entre diversas pessoas, mas o local continuou com o nome de Serra das Virgens.

SERRA VERDE, bairro

Até o final da pesquisa para esse trabalho, não se localizou a lei que lhe deu o nome, mas ele é citado na lei nº 4747, de 21.05.2023, que trata de logradouro do bairro. É um bairro novo que vem surgindo nas terras da fazenda da Cachoeira, entre as duas estradas para Cataguases, nas proximidades da indústria Pif Paf. Seu acesso se dá pela antiga estrada para Cataguases, no bairro Roque Schettino.

SETE DE SETEMBRO, rua

(Bairro Centro) – Liga a praça Gama Cerqueira à praça Professor Botelho Reis. É uma das ruas mais antigas da cidade. Curiosamente, é a única que permanece com o nome original. Possivelmente, recebeu esta denominação em 1880, pela comissão formada pela câmara para dar nome aos logradouros públicos da cidade, à qual nos referimos na introdução deste livro. É citada no jornal Leopoldinense (05.06.1881, fls 4), na divulgação de "Ferraria Costa & Irmão, nº 12 da rua, debaixo do sobrado dos Botelhos. O Almanaque de 1885 informa que nela residiam o médico Dr. Carvalho de Rezende e o advogado Dr. Francisco P. de Lacerda Werneck.

A Gazeta de Leste, de 11.10.1890, diz que o quinto quarteirão partia da casa ao lado do sobrado do Eugênio Botelho, na continuação da Sete de Setembro, e seguia pelas Tabocas até o alto do Sapecado. E, a lei nº 205, sancionada na primeira sessão da Câmara de 1908, informa ter sido autorizada "a abertura de uma rua que, marginando o ribeirão Feijão Cru, ligue a rua Sete de Setembro à das Flores".

O nome da rua homenageia a data maior do nosso país.

SIDNEY FRANCINO DE SÃO JOSÉ, rua

(Bairro Jardim Bandeirantes) – A denominação oficial desta rua surgiu com a lei nº 1085, de 06.06.1975. É a via pública que parte da rua do Contorno, atual rua Lurdes Rocha, e segue em direção à chácara de Raimundo Francino de São José.

A família de Sidney Francino de São José e Felisberta Águida veio da região antes conhecida como Conquista do Campo Grande da Picada de Goiás, atualmente município de Itapecerica, MG. Chegaram a Leopoldina em meados dos anos de 1920. Foram seus filhos: Maria Francisca casada com Onofre José Chagas, Agripina casada com Francisco Canuto Chagas, Raimundo casado com Maria Couto de Oliveira e Sidnei Francino de São José Filho. Sidney Francino era ruralista e seu filho, de igual nome, foi o fundador da indústria de charretes Tupy.

SÍLVIO VITÓI, rua

(Bairro Nova Leopoldina) – A lei nº 2979, de 16.10.1997, projeto 68/97 do vereador Nélson Vieira Filho, dá denominação a esta via pública que tem seu início na rua Dom Gerardo Ferreira Reis e finda na rua Ismail Ávila.

O homenageado descende de família tradicional de Argirita, onde sempre foi muito atuante. Filho caçula dos imigrantes Emilio Vitoi e Anunziata Minicucci, procedentes de Lucca, Toscana, Itália, nasceu em 26.10.1919, em Argirita. Era irmão de Fernando, Eliseu, Heitor, Hugo, Anita, Ida, Rosa, José, João, Carlos e José Alcino Vitoi. Silvio casou-se, em 1945, com Imar Paixão. Na época, era sócio dos irmãos Carlos Alberto e José Alcino da casa comercial Irmãos Vitoi, em Argirita. Ingressou na vida pública em 1947, como juiz de paz do então distrito, cargo que ocupou durante 8 anos. Em 1958, foi eleito vereador em Leopoldina, sendo reeleito em 1962, mas não assumiu por conta da emancipação de Argirita. A 30.06.1963 foi eleito o primeiro prefeito de Argirita. Foi reeleito para os mandatos de 1971 a 1973 e 1983 a 1988. Faleceu em Argirita, a 03.08.1995.

SINDICATO TÊXTIL, rua

(Antigo Logradouro) – Começa na rua Vinte e Sete de Abril e termina na praça Professor Ângelo. Era geralmente conhecida como "Beco do Sindicato". Seu nome oficial foi dado pela lei nº 476, de 28.05.1963. Hoje, pela lei nº 4452, de 18.12.2018, seu nome mudou para rua José Dário Sodré.

Nesta rua, fica a sede e o clube dos operários da Fábrica, muito concorrido na década de 1960.

SINVAL DE OLIVEIRA, rua

(Bairro São Luiz) – Foi a lei nº 3657, de 07.12.2005, que alterou a redação do art. 1º da lei nº 1794, de 14.05.1986, projeto 18/86 do vereador Darcy Luiz Vasconcelos de Resende, mudando o nome da travessa da Criança para rua Sinval de Oliveira. É a via que faz a ligação da rua Omar Barbosa com a rua Santa Luzia.

Sinval de Oliveira, o nome correto do homenageado, nasceu a 07.10.1933, filho de Justino Marques de Oliveira e Maria Cândida Vieira. Casou-se com Conceni Olímpia da Silva com quem teve os filhos: Sinval Filho, Silvana, Andreia, Simone e Rodrigo (falecido). Era motorista profissional e, durante muito tempo, residiu nos bairros São Luiz e Jardim Caiçaras. Faleceu a 26.09.2003 em Juiz de Fora e foi sepultado em Leopoldina.

SOLEIRO, rua

(Bairro Alto do Cemitério) – É a lei nº 440, de 04.11.1928, no seu art. 1º, que dá denominação a essa rua. Na alínea "d", a lei informa ser a que contorna o morro fronteiro do Cemitério, começando na base da Ladeira Riachuelo. Ou, começa na rua Joaquim Ferreira Brito e contorna o morro do cemitério indo terminar na praça São José. É a rua do antigo matadouro Municipal

Seu nome é uma homenagem ao padre José Maria Soleiro, vigário do curato e da freguesia de Leopoldina. Foi o fundador da igreja do Rosário e o terceiro padre da cidade, conforme o Almanaque de 1887.

José Maria Solleiro foi batizado a 11.11.1811, em Santiago, Vila de Rivadavia, na Galícia, Espanha. Era filho de Domingos Solleiro e Josefa Mendes. Faleceu a 07.09.1891, em Leopoldina.

Diferentemente do que já foi publicado mais de uma vez em Leopoldina, o Padre Solleiro não era grande fazendeiro. Conforme citado no inventário, eram 14 alqueires na sesmaria da Cachoeira, na estrada que vai para Cataguases, divisas com José Maria Penha, Dr. Pestana, herdeiros de João Gualberto Ferreira Brito e outros. Além dessas terras, ele possuía 11 casas e uma lista bem grande de devedores. Parte dessas dívidas foram à praça e houve disputa entre os herdeiros. Conforme se verifica em Barroso Júnior (1943, p. 61), a 20.11.1831, o Padre Soleiro recebeu uma doação do casal formador da Fazenda Cachoeira, Joaquim Ferreira Brito e Joana Maria de Macedo, em terras da fazenda, para construção da "casa do cura". Tal doação é mencionada no processo de estabelecimento de limites entre as terras do Padre Solleiro e de seu vizinho Luiz Botelho Falcão, o qual recebeu um pequeno pedaço de terra da fazenda Cachoeira, pois sua esposa era neta materna de Joaquim Ferreira Brito e Joana Maria de Macedo.

Veja Santo Antônio, bairro.

SOSSEGO, DO, rua

(Antigo Logradouro) – Não se localizou lei que tenha denominado essa rua. Existe, no verbete relativo a Helena Domiciano Flauzino, a informação de que a homenageada teria residido na rua do Sossego, na Quinta Residência. Existe, ainda, a citação "Morro do Sossego", no mesmo bairro, o que é confirmado verbalmente por alguns moradores do local.

SOTERO, DO, rua

(Antigo Logradouro) – É a atual rua João Gualberto. O nome é uma referência a Sotero Francisco Caldas que teve um contrato com a Delegacia de Polícia para fornecimento de alimentação aos presos pobres e para iluminação do edifício da cadeia entre, pelo menos, 1893 e 1898. Possivelmente, teve, também, uma hospedaria. No processo de inventário de Maria da Glória Tostes, é indicado que a casa dela, no largo do Professor Ângelo, divisava por um lado com imóveis de Sotero Caldas e pelos fundos com o Patrimônio do Padroeiro. O que vem confirmar a informação de Luiz Rousseau Botelho (1984, p. 101) que se refere ao local como sendo "a estrada do antigo Hotel do Sotero, que passava pelo alto do morro e a rua do Buraco ficava lá embaixo".

SYLVIO MARANHA, rua

(Bairro Vila Esteves) - Pela lei nº 1281, de 18.08.1978, recebeu a denominação atual. O texto legal diz que está "situada à margem direita do bairro Bela Vista". Essa lei foi alterada pela 1333, de 15.12.1978, projeto 47/78 do vereador Adávio Pires de Almeida. No mapa da prefeitura de 2024, fica no bairro Esteves e liga a praça Luiz Fernando Furtado à rua Edson Barbosa Rezende.

Silvio Maragna nasceu em Ronco all'Adige, Isola della Scala, em Verona, Itália, em 1880, filho de Luigi Maragna e Tereza Falavigna. A família se instalou inicialmente em Abaíba. Silvio se casou com Eliza Adele Fasolo e mudou-se para Leopoldina, sendo comerciante na antiga linha férrea, hoje Bairro Bela Vista. Posteriormente, teve casa comercial, padaria e açougue na rua Tiradentes. Faleceu em abril de 1938, em Leopoldina, deixando 4 filhos: Thereza, Maria casada com Waldemar Nogueira, Sylvio casado com Ieda Pereira Diniz, Clemente Alberto casado com Ieda Soares Fajardo. Silvio Maragna trabalhou durante muito tempo no DNER.

LETRA T

TABOCAS, bairro e rua

(Antigo Logradouro) - Pela lei nº 98, de 18.02.1950, a antiga rua das Tabocas teve seu nome mudado para rua Dom Aristides. Mudou o nome da rua, mas ficou o nome do lugar e o casario irregular e de gente simples, no dizer do Barroso Júnior. E a Tabocas, que, segundo Barbosa (1967) significa "taquaras", permaneceu até que o bairro foi rebatizado, fez mudar a paisagem e passou a se chamar bairro Vila Esteves.

As prováveis taquaras que teriam existido no passado, embora não se tenha encontrado registro escrito sobre elas, sumiram antes mesmo da chegada das atuais mansões, edifícios e casas que enfeitam todo o vale e suas encostas. Mas, para os mais antigos, que saudosos se lembram das Tabocas, ficou no ar a dúvida quanto ao limite das Tabocas "de cima" e "de baixo" e, se, de fato, existiam as Tabocas e as Taboquinhas.

É certo que a Tabocas é um dos bairros mais antigos de Leopoldina. Existem registros que dão conta de que, desde o início do povoado que deu origem à cidade, já se falava na mina das Tabocas. A ela, inclusive, se refere o historiador Francisco de Paula Ferreira de Rezende, que viveu na cidade a partir de 1861. Notas do jornal O Leopoldinense, o primeiro jornal da cidade, de 1881, falam da necessidade de melhorias no local e da urgência do esgotamento do escoadouro da mina das Tabocas, para facilitar a chegada dos muitos usuários à fonte. Mina que, desde sempre, abastece cântaros, botijas, moringas, latas, garrafões e garrafas de quantos buscam sua água pura. Mina que permanece ali, bem perto da padaria do Kiko, com a mesma água límpida e gelada, cumprindo a sua "missão" de matar a sede, encher garrafas e testemunhar o "dedo de prosa" de cada um de seus visitantes e, acima de tudo, não deixar ir por água abaixo o nome das TABOCAS.

TANCREDO NEVES, avenida

(Bairro Dr. Joaquim Furtado Pinto) – A lei nº 1736, de 12.06.1985, projeto 18/85 do vereador Benedito Rubens Renó Guedes, dá denominação de avenida à principal via pública

do Conjunto Habitacional Dr. Joaquim Furtado Pinto, que tem seu início na rua Manoel Lacerda de Almeida e finda na rua Francisco de Souza.

Tancredo de Almeida Neves nasceu em São João Del Rei, MG, em 04.03.1910, e faleceu em São Paulo, SP, em 21.04.1985. Foi deputado estadual, diretor do Banco do Brasil, deputado federal, senador, governador de Minas Gerais, Ministro da Justiça, primeiro-ministro do Brasil (1961/1962). Eleito presidente da república, em 1985, faleceu antes de tomar posse no cargo. Mas, pela lei nº 7465, de 21.04.1986, data de seu falecimento, foi incluído na galeria dos presidentes brasileiros.

TEATRO, travessa

(Bairro Centro) – Está na rua Cotegipe, em frente a travessa Pedro II, ao lado do antigo Teatro Alencar.

Vale registrar que o Teatro Alencar, que deu origem ao nome da travessa, foi inaugurado em 20.01.1883. Calcula-se que umas 140 pessoas ocuparam as arquibancadas no andar superior e ao longo da parte principal na festa de sua inauguração. A comissão responsável pela inauguração era composta pelos Drs. Chagas Lobato, Marciano Guimarães e o capitão Antônio de Santa Cecília, segundo o jornal O Leopoldinense, de 21.01.1883.

Antes mesmo de existir o Teatro Alencar, Leopoldina recebia frequentemente espetáculos que eram encenados em diferentes espaços, inclusive ao ar livre como se pode ver nos antigos jornais da cidade. Em seu livro, Trajetória do Espetáculo em Leopoldina, Alan Villela Barroso apresenta, a partir da página 128, uma Cronologia Comentada do Teatro em Leopoldina, que começa em 1880, com um espetáculo do Teatro Brandão, empresa localizada na rua Sete de Setembro, nº 8.

Veja Salvador Rodrigues & Rodrigues.

TEBAS, rua e distrito

(Antigo Logradouro) – **Rua** - É a atual rua Presidente Carlos Luz. Foi também conhecida por rua Nova. A lei 394, de 01.03.1961, deu a esta rua o nome de Presidente Carlos Luz.

Segundo Joaquim Ribeiro da Costa, o topônimo tem origem no vocábulo tupi "teba", significando forte, desembaraçado, graúdo, importante.

Distrito - O nome faz referência ao distrito de Tebas que se formou em terras do desbravador de nome Manoel Joaquim Ferreira, apelidado de Manoel Joaquim Tebas, que se

estabeleceu no local na década de 1840. Foi o primeiro marido de Leocádia Florentina de Assis e o casal era devoto de Santo Antônio. Manoel faleceu em 1847 e a esposa, vinte anos depois. O inventariante dela, seu segundo marido, cumpriu o desejo da falecida doando terras para a formação do patrimônio do Padroeiro do distrito.

Somente a 30.11.1880, pela lei nº 2675, foi criado esse Distrito de Leopoldina. No ano seguinte, a 25.10.1881, foi confirmada eclesiasticamente a criação da Paróquia de Santo Antônio de Tebas, através da lei nº 2848. Em 1882, a lei nº 3113 instituiu o Distrito Policial em Tebas.

TEODOLINO MEDEIROS, rua

(Bairro Esteves) – O nome desta rua surgiu com a lei nº 593, de 28.01.1967. Liga a rua Eurídice de Castro Esteves à rua Nicolau Esteves.

Teodolino Tavares de Medeiros nasceu a 20.12.1925, em Ribeiro Junqueira, filho de Sebastião Francisco de Medeiros, antigo vereador pelo distrito, e Francisca Carolina da Gama Tavares. Casou-se com Olmira Lacerda e deixou seis filhos. Olmira nasceu a 10.06.1928, também em Ribeiro Junqueira, filha de Olímpio Augusto de Lacerda e Rosaria Silveira Pimentel, sendo, portanto, bisneta paterna de Ezaú Antônio Corrêa de Lacerda e Generosa Teodora de Jesus, da fazenda Bom Retiro, divisa com os Costa Cruz. Era, também, bisneta de Vicente Rodrigues Ferreira e Luciana Francelina da Anunciação, ele filho de Bento e ela, de Antônio Rodrigues Gomes. A mãe de Olmira, Rosaria, foi a segunda esposa de Olímpio Augusto de Lacerda e era filha de João Pimentel do Rego e Emília da Silveira. Teodolino faleceu em 09.11.1963.

TERESA, SANTA, bairro

(Antigo Logradouro) - Pela indicação da lei nº 807, de 09.08.1972, este bairro ficava entre o Alto dos Pirineus e o Maria Guimarães França. Diz esta lei, que deu nome à rua Castro Alves, que esta via pública parte da rua General Olímpio Mourão Filho, no bairro Santa Tereza, nesta cidade. Não foram encontradas outras fontes sobre sua denominação.

Santa Teresa D`Ávila nasceu na Espanha, em 1515. Tornou-se carmelita aos 20 anos. Em 1970, o papa Paulo VI concedeu-lhe o título de Doutora da Igreja. Faleceu em 1582.

TEREZINHA, Santa, rua

(Antigo Logradouro) - Foi através da lei nº 602, de 01.03.1967, que esta rua, no Alto do Cemitério, teve o seu nome mudado para rua do Contorno. Hoje, essa rua recebe o nome de Lurdes Rocha (Bude).

THEÓFILO OTONI, rua

(Antigo Logradouro) - A Gazeta de Leopoldina, de 26.01.1912, diz que está terminado o elegante prédio que a Cia Força e Luz mandou construir à rua Theophilo Otoni. Isto nos leva a crer que esta rua é a atual Lucas Augusto, onde funcionava a sede daquela companhia em Leopoldina, no prédio em que, por um tempo, funcionou a Usina Cultural da Cia Força e Luz Cataguases Leopoldina e, atualmente, foi demolido e está recebendo as obras da nova sede do Poder Executivo.

O nome desta rua era uma homenagem a Theóphilo Benedito Otoni, nascido em 27.11.1807, na vila do Príncipe, atual cidade do Serro, MG. Além de militar, jornalista, político, tribuno, ensaísta e revolucionário, eis que Teófilo Ottoni se coloca também na posição de empresário bem-sucedido e se entrega aos estudos do potencial econômico e social do Brasil, incentivado pelo amigo e visionário Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá. Trabalhou intensamente pela ligação da região da atual cidade de Teófilo Otoni com o porto de Vitória. Faleceu em 17.10.1869, de doença tropical adquirida no Vale do Mucuri. Foi casado com Carlota Amália de Azevedo.

No Almanack do Arrebol de outubro de 1985, existe uma referência a esta rua com outro nome. Em entrevista ao editor Elias Abrahim Neto, o memorialista Luiz Rousseau Botelho informara ter cursado o primário no "Colégio Olímpio Corrêa de Paula, localizado na rua Otávio Otoni, atualmente Lucas Augusto". No entanto, considerando que outras fontes citam Theophilo Otoni, acredita-se ter sido esta a denominação original.

THEÓFILO VIEIRA DE SOUZA, rua

(Bairro Imperador) - A denominação desta via ocorreu com a lei nº 3189, de 19.10.1999, projeto 62/99 da vereadora Iolanda Cangussú André. No mapa do loteamento, encontra-se identificada como rua 11. Começa na av. Agnello Correa do Bem e termina na av. José Marazzi, em frente à entrada para o bairro Alto da Boa Vista.

Theófilo Vieira de Souza era natural de Guarani, MG, nascido a 10.05.1925, filho de Edgar Vieira de Souza e Maria Aurora Braga de Souza. Casou-se com Palmyra Benatti, com quem teve os filhos: Theóphilo, médico; Edgard, médico veterinário; e, Fernando Vieira de Souza, engenheiro mecânico. Theófilo, o pai, era médico veterinário; veio para Leopoldina em 1956, nomeado pelo Ministério da Agricultura, e aqui atuou até julho de 1977, quando adoeceu gravemente. Faleceu a 28.08.1982, em Leopoldina.

TIAGO JOSÉ PEREIRA, rua

(Bairro Três Cruzes) – É a lei nº 4201, de 11.12.2014, projeto 58/2014 do vereador Paulo Sérgio Celestino de Oliveira, que dá denominação à via pública que, partindo da confluência da rua Ferreira Brito com a rua Osmar Barbosa, segue paralela ao curso d'água que corta o bairro, pelo seu lado esquerdo, e vai encontrar a rua Manoel Antônio de Almeida.

Tiago José Pereira, o Tatão Osório como era conhecido, nasceu em Tebas, a 01.05.1925. Era filho de Osório José Pereira e Joana Faustina de Oliveira. Casou-se com Baldoína Pereira de Oliveira. Residia na rua Manoel Antônio de Almeida e faleceu a 23.10.2001, em Leopoldina.

TIRADENTES, rua

(Bairro Centro) – Seu primeiro nome foi rua do Rosário e dessa época se falará adiante. Por um curto período, parte desta rua, entre a Cotegipe e a praça Gama Cerqueira, recebeu o nome de Dr. Jairo Salgado Gama, de acordo com a lei nº 946, de 17.10.1973. Mas, pela lei nº 1.463, de 11.09.80, voltou a denominar-se "rua Tiradentes", em toda a sua extensão original.

Francisco de Paula Ferreira de Rezende, que chegou a Leopoldina em 1861, se refere à rua do Rosário quando fala do primeiro cemitério da cidade "situado no morro que ficava para trás da rua do Rosário, na estrada que se estendia para os lados de Laranjal, Campo Limpo e Vista Alegre".

Isto quer dizer que já existia a rua que, posteriormente, recebeu o nome de Tiradentes, o mártir da Inconfidência Mineira.

A Gazeta de Leste, de 11.10.1890, diz que o segundo quarteirão partia do largo do Rosário e rua Tiradentes até a casa de negócio do Pedro Barra, na esquina da Sete de Setembro. E o quarto quarteirão compreendia a rua Sete de Setembro até o sobrado de Eugênio Botelho e Tiradentes até a casa do Tomaz de Almeida Pinho.

Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, nasceu em 12.11.1746, em Pombal, MG, e foi enforcado no dia 21.04.1792, no Rio de Janeiro, RJ.

Órfão de pai e mãe antes dos nove anos de idade, desde cedo começou a sua luta pela sobrevivência. Foi vendedor ambulante e dentista. Ingressou no regimento de dragões do estado de Minas Gerais, onde chegou ao posto de alferes. Como militar, exerceu as missões mais difíceis. Percorreu os caminhos da Zona da Mata, a mando do governo e em companhia de Pedro Afonso Galvão de São Martinho, na busca de contrabandistas e de riquezas que existissem por aqui. Revoltado com a cobrança de impostos realizada pela Metrópole, divulgou os ideais do movimento que ficaria conhecido como Inconfidência Mineira e que refletia o sonho republicano de liberdade. Traídos, o movimento, seus líderes e adeptos são presos e condenados. Tiradentes é, então, condenado à forca e ao esquartejamento, segundo alguns autores, por ser o mais pobre e desprotegido e porque foi um dos únicos que jamais negou a sua participação no movimento.

TOBIAS FIGUEIRA DA COSTA, beco

(Bairro Jardim Bandeirantes) - Diz a lei nº 2269, de 22.11.1990, projeto 116/90 do vereador Nelson Vieira Filho, que este é o nome de um beco sem saída que inicia na rua Rafael Gorrado, no bairro Jardim dos Bandeirantes, situado entre os terrenos de Augusto Rossi e Mário Barbosa, vulgo "Pernambuco".

Tobias Figueira da Costa era filho de José Ferreira da Costa e Maria do Carmo Figueira de Melo. Casou-se, a 21.02.1906, com Mariana Vargas Neto, com quem teve os filhos: Dário, Adauto, Lucília, Nivaldo e Cristina. Mariana era filha de João Izidoro Gonçalves Neto e Cristina Vargas Corrêa, descendente dos primeiros povoadores de Leopoldina. Maria do Carmo era filha de Francisco Laureano Figueira de Melo e Ana Rosalina, sendo irmã de Tobias Laureano Figueira de Melo que, entre outros fatos, foi coproprietário da fazenda Bela Aurora (fazenda do Banco) que, em 1897, pertencia à massa falida de Tobias, Ignacio & Cia. O homenageado era ruralista e parece ter vivido em terras do sogro, pois, em 1935, era confrontante da fazenda Ladeira, no Arraial dos Montes, e, em 1938, era confrontante dos imóveis Cordeiros e Boa Vista, nas imediações da Volta da Cobra. Faleceu em Leopoldina, a 23.03.1959.

TOMÉ NOGUEIRA, bairro

(Antigo Logradouro) - Sua denominação oficial surgiu, no ano do centenário do nascimento do homenageado, com a lei nº 2605, de 14.04.1994, que a ele se refere como sendo um loteamento no bairro São Sebastião. É um arruamento que se desenvolveu no lado direito de quem segue para a estação de Vista Alegre, pelo antigo leito da estrada de ferro, depois do bairro São Sebastião. Pela lei nº 4132, de 05.09.2013, projeto 55/2013 do vereador Ivan Martins Nogueira, essa lei nº 2605 foi revogada e o loteamento passou a denominar-se Alonso Tavares Nogueira Filho, vereador.

"Tomé Nogueira" é como ficou popularmente conhecido o cidadão Alonso Tavares Nogueira Filho, nascido no distrito de Ribeiro Junqueira, a 30.09.1894. Era filho de Alonso José Nogueira Filho e Adelaide Tavares de Lacerda, sendo neto paterno de Antônio José Nogueira e Januária Carlota do Patrocínio e neto materno de José Tavares Pinheiro Filho e Guilhermina Rosa Delfim. Casou-se com sua prima Marieta Poyares, a 14.12.1926, em Ribeiro Junqueira. Ela era filha de Marcos Luiz Teles Poyares e Alexandrina Guilhermina Nogueira. Alonso Tavares foi agropecuarista e vereador por seu distrito natal. Faleceu a 26.05.1977.

TRAJANO PIRES DE ALMEIDA, rua

(Bairro Jardim Bela Vista) – Foi a lei nº 3309, de 15.09.2000, Projeto 96/2000 do vereador Nélson Vieira Filho que deu denominação a esta a via pública. No mapa do loteamento ela aparece identificada como rua 04. Pelo mapa de 2024, tem seu início na av. Jesus Moreira de Souza e finda na av. Waldir Delfim de Andrade.

Trajano Pires de Almeida nasceu por volta de 1912, em Abaíba, filho de Oscar Alves de Almeida e Rozalina Oliveira Pires. Neto paterno de Emília Alves e Olímpio Almeida, Ramos, sendo este descendente dos povoadores Manoel Antônio de Almeida e Antônio Rodrigues Gomes. Casou-se com Maria América do Vale com quem teve 2 filhos.

O homenageado era irmão de Adávio Pires de Almeida, também nome de logradouro da cidade e suas esposas também eram irmãs. Trajano faleceu em sua residência a 20.06.1991.

TRANQUILINO CORRÊA DO BEM, rua

(Bairro Três Cruzes) – Seu nome foi oficializado pela lei nº 3146, de 23.04.1999, projeto 14/99 do vereador Otávio Arantes Xavier. É uma rua sem saída que parte da praça Antônio Ferreira de Almeida.

Tranquilino nasceu por volta de 1901, filho de João Montes do Bem e Francisca Corrêa da Rocha. Era neto de Matias Corrêa da Rocha Neto, já citado neste trabalho. Casou-se com Rufina Corrêa da Silva com quem teve os filhos: João, Homero, Ana, Onila, Flávio, Maria Aparecida, Francisca, Rufina e Jurandi. Rufina era filha de Virgolino Herculano da Silva e Ana Matias Corrêa e era prima do marido, pois ambos tinham como ascendente em comum Matias Corrêa da Rocha Neto. Seu filho Flávio Corrêa da Silva, nascido 13.01.1941, casou-se com sua parenta Dulce Bernadete Lacerda, filha de Dionízio Lacerda e Baldoína Rodrigues Ferreira. Tranquilino era ruralista com propriedade na região das Três Cruzes e foi proprietário da Serraria Nossa Senhora Aparecida, no mesmo bairro. Faleceu no dia 23.03.1974, em sua residência nas Três Cruzes, aos 73 anos, na condição de viúvo.

TRÊS CRUZES, bairro

Não foi localizada a lei ou o projeto de denominação do logradouro. A referência mais antiga ao nome está na lei nº 564, de 02.06.1965, que nomeia uma praça que estava por ser construída. Três Cruzes é um bairro antigo, localizado nas margens da BR 116, na saída para Laranjal. Nele, está a mina d'água que foi denominada Berchilia Rodrigues Coutinho pela lei nº 3795, de 31.10.2007.

TRÊS DE JUNHO, praça e rua

(Antigo Logradouro) - Foi a lei nº 440, de 04.11.1928, no seu art 1º, alínea "e", que nominou como Praça Três de Junho e rua Três de Junho, as que se formam além da ponte do Gymnasio Municipal Leopoldinense, indo a rua desde a praça até a travessa a que se refere a letra seguinte - Travessa Feijão Cru. Vale observar que a lei se refere a uma praça além da ponte do Ginásio, isto é, em frente à atual praça de esportes e no início da atual rua Professor José Lintz. E que a rua Três de Junho seria a partir dessa praça até a travessa Feijão Cru que seria, imagina-se, a partir da ponte na rampa de chegada à rua das Flores. Hoje, por força da lei nº 1028, de 11.06.1974, a denominação de rua Professor Joaquim Guedes Machado começa na praça Botelho Reis, ao lado do Ginásio e termina na rua das Flores. Abrange,

então, a antiga rua Três de Junho, acrescida do trecho entre a praça Botelho Reis e a antiga praça Três de Junho, a antiga rua Três de Junho e a travessa Feijão Cru, que seria o trecho de rua da ponte até a esquina da rua das Flores.

Três de Junho é a data de fundação do Ginásio Leopoldinense.

TRÊS DE MARÇO, rua

(Bairro Três Cruzes) – Foi a lei nº 1282, de 18.08.1978, projeto 48/78 do vereador Joarês Silvio da Costa, que denominaram as ruas Três de Março, Manoel Antônio de Almeida, Santo Antônio, Vinte e Um de Abril e Ferreira Brito. A rua Três de Março liga a rua Ferreira Brito à praça Luísa Carvalho Lacerda e à rua Manuel Antônio de Almeida.

Não foi localizado o projeto de lei que informa o significado do nome.

TUFI JORGE, rua

(Bairro Alto dos Pirineus) – Foi a lei nº 2424, de 18.08.1992, projeto 51/92 do vereador Antônio Amâncio Valentim, que denominaram a via pública que liga a rua São Vicente de Paulo à rua Antônio Custódio.

Tufi Jorge nasceu em Leopoldina, a 11.12.1918, filho de Jorge Elias e Nagibe. Casou-se com Zequie Abrahão e com ele teve os filhos: Hector Luiz e Maria Cristina. Era comerciante do ramo de móveis e decorações, na rua Tiradentes; uma pessoa alegre, divertida e um carnavalesco muito animado. Junto com o Dr. Lisboa e o pintor Funchal Garcia, agitaram muitos carnavais em Leopoldina. Tufi faleceu a 17.05.1982, em Leopoldina.

LETRA U

URUBU, praça

(Antigo Logradouro) – O primeiro nome oficial dessa praça foi Melo Vianna. Pela lei nº 406, de 03.10.1961, recebeu o nome de Dr. Gama Cerqueira. Por um curto período, afixaram nela uma placa indicativa com o nome de Juiz Gama Cerqueira. Sua designação atual é uma homenagem ao Dr. Caetano Augusto Gama Cerqueira, que foi o primeiro juiz de direito da Comarca de Leopoldina. Mas, independente de sua denominação oficial, esta praça sempre foi conhecida como "praça do Urubu" e sobre esse nome existem algumas versões.

Uma delas relaciona o nome "Urubu" à presença de grande quantidade dessas aves na redondeza, em função de depósito de lixo e córrego que por ali passava, vindo da mina das Taboquinhas, ou, pela existência de um açougue na referida praça, que abatia animais e despejava os restos nas águas que vinham da mina das Tabocas. E essa preferência se respalda nas informações que se seguem.

O livro 6 de atas da câmara registra, em várias reuniões, discussões acerca de contrato para fornecimento de carne verde aos moradores da cidade. E, na folha 77 verso, assembleia de 25.07.1879, há uma anotação bastante esclarecedora. Está ali anotado que "pelo vereador Dr. Pestana foi indicado que esta Câmara providencie o restabelecimento do curral do Conselho, sem o que se tornam inexequíveis muitos artigos das posturas e sem ação o Fiscal, mande orçar o conveniente cerco de tabuões que fique seguro e duradouro e estabelecimento de baias para trato dos animais apreendidos, no mesmo lugar que antes servia abrindo-se um portão no beco entre a casa da Câmara e a de David Madeira & Teixeira."

Além disso, da leitura desse livro, fica-se com a impressão de que o curral do Conselho se comunicava com um matadouro, porque em outra ata é dito que os animais apreendidos e não procurados pelos donos, e que deveriam pagar multa pela "hospedagem", poderiam ser abatidos. O que torna claro que os animais destinados ao abate também ficavam no tal curral do Conselho.

Dessas informações e da certeza de que a Câmara funcionava onde foi construído o Clube Leopoldina e, considerando o tal beco como sendo a rua que vai dar na praça do Urubu, estaria aí uma boa explicação sobre a existência de um "açougue" por ali.

Registre-se, ainda, as diversas citações que são feitas a um córrego vizinho do prédio da Cadeia, que, por vezes, é citado como sendo da Câmara, e que em outra ata aparece como condutor da "sujeira que vai do matadouro para o córrego."

Na ata de 01.09.1879, fica a impressão, inclusive, que existiam dois matadouros porque citam "reparos necessários ao matadouro além do morro do cemitério" para que ele possa vir a ter o uso a que se destina.

Segundo Mário de Freitas, em "Leopoldina do Meu Tempo", esta praça está onde existia o sobrado da família de Antônio Sabino, um antigo coletor federal da cidade. Neste mesmo sobrado, ainda conforme o citado autor, morou Eugênio Botelho Falcão, que fora agente dos Correios e delegado de polícia.

LETRA V

VALE DO SOL, bairro

A mais antiga citação ao bairro foi na lei nº 3163, de 24.06.1999, que denominou um de seus logradouros. É um bairro que surgiu ao lado da BR-116, em frente à antiga indústria de laticínios LAC (Cooperativa dos Produtores de Leite de Leopoldina). Junto ao bairro Vale do Sol está o parque florestal Dr. João Damasceno Portugal, conhecido como "Horto", criado na administração do prefeito Osmar Lacerda França, em 1986.

VALENTIM, vila

(Bairro Centro) – Fica na rua das Flores, no terreno onde se localizava a casa da família de Otto Valentim, filho de Antônio Fernandes Valentim e Ovidia Maria de Jesus.

VANDA AUGUSTA ANTÔNIO, escadaria

(Bairro Bela Vista) – A lei nº 4684, de 18.08.2022, projeto 62/2022 do vereador Marcos Vinícius, dá denominação de Vanda Augusta Antônio à escadaria que liga as ruas Alceu Junqueira Ferraz e Haroldo Maranha.

Vanda Augusta, conhecida como Vandinha, nasceu em Petrópolis, a 05.01.1976, e veio para Leopoldina aos 15 anos. Era filha de José Venâncio Antônio e Mercedes Lima Diogo Venâncio. Foir casada com Arnaldo Sabino Faustino Antônio, com quem teve o filho Caio Antônio Faustino. Morava na rua Alceu Junqueira Ferraz. Faleceu a 27.05.2021, em Leopoldina.

VANOR NOGUEIRA, logradouro

Pela lei nº 1915, de 15.10.1987, projeto 65/87 do vereador Roque Schettino, foi dado o nome de Vanor Nogueira a um logradouro da cidade - cuja localização não foi possível ser identificada nas pesquisas até aqui realizadas, pois não há essa informação na referida lei.

Vanor era dentista prático. Casou-se com Dolores Coutinho e com ela teve os filhos: Alaíde, Edson, Elair, Célia, Dilton, José Carlos, Jeferson, Norberto, Leda e Jaime. Tinha dons poéticos.

VASCONCELOS, Dr., rua

(Antigo Logradouro) – A Gazeta de Leste, de 11.10.1890, diz que, no sétimo quarteirão, estava o largo capitão Félix Martins até a subida da serra, passando pela chácara do João Lourenço Ferreira de Lacerda, rua Dr. Vasconcelos até a casa de Francisco Vargas Correia.

No livro 6 de atas da câmara, fls. 58v, em 10.03.1879, trata-se do conserto do caminho do morro entre o hotel das Palmeiras, acima da Estação, e a casa do cidadão Doutor Vasconcellos.

Não se tem ao certo a que personagem se homenageia com a designação desta rua. No entanto, há uma grande possibilidade de ser uma homenagem ao Dr. Manoel Teixeira da Fonseca Vasconcelos, provavelmente um vereador em 1877, citado em algumas assembleias da câmara naquele ano. Tudo leva a crer que esta rua recebeu este nome após os trabalhos da comissão formada pela câmara, em 1880.

VELHACOS, DOS, travessa

(Antigo Logradouro) – No distrito de Tebas, a travessa, ou caminho dos Velhacos, era como, no passado, popularmente as pessoas se referiam à atual travessa Antônio Arruda. Tal designação teria sido dada por algum comerciante instalado na praça Joaquim José Barbosa de Miranda para dizer que seria o caminho tomado pelos devedores (velhacos) que evitavam transitar pela praça para não encontrarem seus credores.

VENTANIA

Ver Alto da Ventania, bairro e praça

VERA GUIMARÃES FRANÇA, rua

(Bairro Imperador) - Sua denominação oficial está na lei nº 3182, de 19.10.1999, projeto 54/99 da vereadora Iolanda Cangussú André. Pelos mapas de 2000 e 2024, é a via pública que começa no prolongamento da rua Alziro de Azevedo Carvalho e, paralela à rua Honório Lacerda Filho, vai findar na rua Professora Zizinha Resende.

Vera Guimarães França nasceu em Leopoldina, a 27.04.1897, dia em que a cidade completava 43 anos de emancipação. Era filha de Antônio Teixeira de Oliveira Guimarães Júnior e Albertina de Moura, sendo neta paterna de Antônio Teixeira de Oliveira Guimarães e Leopoldina Rosa de Oliveira e neta materna de João Teixeira da Fonseca Guimarães e Emília de Moura. Casou-se com Enéas Lacerda França, com quem teve os filhos: Hélio e Lygia. Faleceu em Leopoldina, a 26.10.1990, com 93 anos, viúva. O marido e cunhados também denominam logradouros da cidade.

VERÔNIO BARBOSA REZENDE, conjunto habitacional

(Bairro Alonso Tavares Nogueira Filho) - A lei nº 3956, de 24.03.2011, projeto 03/2011 do vereador Daniel Werneck da Paixão, dá denominação de Verônio Barbosa Rezende ao conjunto habitacional localizado no bairro Tomé Nogueira, hoje bairro Alonso Tavares Nogueira Filho.

Até o momento não foram localizados documentos ou informações a respeito desse homenageado, cuja primeira citação em leis ocorreu na de nª 2818, de 14.03.1996, quando seu nome foi dado ao Mercado do Produtor Rural da cidade.

VICENTA GUILARTE ALONSO, Madre, rua

(Bairro Imperador) – Sua denominação atual surgiu com a lei nº 3190, de 19.10.1999, projeto 63/99 da vereadora Iolanda Cangussú André. Pela planta básica de Leopoldina de 2024, é a via que começa na av. Agnello Correa do Bem e termina na av. José Marazzi.

Madre Vicenta Guilarte Alonso nasceu a 21.01.1879, em Burjos, Espanha, filha de Esteban Guilarte e Francisca Alonso. Veio para o Brasil em 1811. Morou quinze anos em Pirenópolis, GO, e veio, em 1927, para Leopoldina. Trabalhou na portaria do Colégio Imaculada Conceição. Faleceu em 06.07.1960, em Leopoldina.

VICENTE BASILE, rua

(Bairro Jardim Bela Vista) – A lei nº 3298, de 12.09.2000, projeto 81/2000 do vereador Nélson Vieira Filho, dá denominação à via pública que no mapa do loteamento encontra-se identificada como rua 10. Esta rua tem início na rua Aristeu Lacerda de Morais e finda na rua Lourenço Gonçalves Nunes.

Vicente Basile nasceu a 06.05.1913, em Conceição da Boa Vista, MG, filho dos italianos Alessandro Basile e Maria Catterina de Lucca, nascida a 21.02.1885, em Celli di Bulgheria, Salerno, Campania. Vicente casou-se com Jurahy Tassara André, em Itapiruçu, Palma, MG, no dia 21.09.1932. Sua esposa era descendente de suíços que viveram em Cantagalo e Nova Friburgo, sobrenomes Andrey e Robert. Vicente Basile foi proprietário do bar e restaurante Caiçara e da lanchonete que funcionava ao lado da antiga rodoviária, na praça Félix Martins.

VICENTE DE PAULO, SÃO, rua

(Alto dos Pirineus) – **Rua –** A lei nº 1167, de 04.03.77, projeto 01/1977 do vereador Ely Rodrigues Netto, dá denominação de rua São Vicente de Paulo à via pública desta cidade. Posteriormente, a lei nº 1946, de 04.02.88, veio para dar nova redação ao art. 1º da lei nº 1167, passando a denominar-se rua São Vicente de Paulo, a via pública desta cidade que inicia na rua Fernando Novais de Oliveira e vai até à praça Mário Malaquias, no bairro Pirineus.

Nesta rua estão algumas casas que formam o que ficou conhecido como "Vila São Vicente de Paulo".

VICENTE DE PAULO, SÃO, travessas

(Antigo Logradouro) – **Travessa 1 -** No bairro Rosário, a lei nº 683, de 16.04.1969, deu nome de travessa São Vicente de Paulo à via pública que liga a rua Joaquim Ferreira Brito à atual rua Ormeo Junqueira Botelho, no bairro Chácara Dona Euzébia. Mas, durou pouco esta denominação, porque foi revogada pela lei nº 799 e, atualmente, esta via recebe o nome de travessa José Maurício.

(Antigo Logradouro) – **Travessa 2 -** No bairro Fátima, a lei nº 868, de 24.01.1973, denominou São Vicente de Paulo a travessa que liga a rua Vinte e Sete de Abril (hoje rua Farmacêutico Durval Bastos) à rua Jonas Bastos, nesta cidade. Segundo consta na justificativa do projeto de lei nº 01/77, de 05.04.77, a lei nº 868 foi revogada pela de nº 894, que deu a essa travessa o nome de rua Professor Haroldo J. B. Freire.

São Vicente de Paulo nasceu na França, em 1581. Destacou-se por suas iniciativas voltadas para a evangelização dos colonos, a reforma do clero, as obras assistenciais e a luta contra o jansenismo. Instituiu a Congregação da Missão ou dos Lazaristas e, para enfrentar o problema da miséria, fundou a sociedade das Filhas de Caridade, popularmente conhecidas

como Irmãs Vicentinas. A Congregação Vicentina dedica-se ao serviço dos abandonados, dos órfãos, dos velhos, dos inválidos e dos doentes. São Vicente de Paulo faleceu em 27.09.1660.

VICENTE GONÇALVES MARREIRO, rua

(Bairro Jardim Caiçaras) - A lei nº 4077, de 13.12.2012, projeto 75/2012 do vereador Waldair Barbosa Costa, dá denominação à rua que no mapa do loteamento recebeu a letra A e fica na entrada do bairro Jardim Caiçaras.

Vicente nasceu a 22.01.1930, em Providência, embora na certidão de óbito conste Tebas. Era filho de Santiago Gonzalez Marreiro e Balbina Souza Garcia. Casou-se em Tebas, com Laura Nunez Ramos, filha de Gumercindo Nunez Ramos, eventualmente citado como Gumercindo Nunes Barreto, e Maria Magdalena Ramos. Residiu na rua Santa Luzia, no bairro São Luiz. Foi pedreiro e trabalhou em diversas empresas ligadas à construção civil. Faleceu dia 07.11. 2006. Deixou 5 filhos, netos e bisnetos. Vicente era, provavelmente, descendente de imigrantes espanhóis que chegaram em 1882 para a fazenda Socorro.

VICENTE IENNACO, rua

(Bairro Eldorado) – A lei nº 2491, de 29.12.1992, projeto 125/92 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida, dá esta denominação à via pública desta cidade que tem seu início na rua Osmar de Almeida e finda, como rua sem saída, no portão do CAIC – Centro de Atenção Integrada à Criança e ao Adolescente.

Vicente nasceu em Leopoldina, a 04.02.1909, filho de Lourenço Iennaco e Emma Sparano. Era irmão de Raphael Iennaco; deixou 7 filhos. Jogou pelo Sport Club Ribeiro Junqueira. Foi comerciante na praça Professor Ângelo e caminhoneiro. Faleceu em 19.11.1987, em Leopoldina.

VILA ESTEVES, bairro

A mais antiga referência ao bairro encontra-se na lei nº 467, de 27.03.1963, que denominou um de seus logradouros. Preserva o nome da família proprietária das terras que deram origem ao bairro. Compreende parte do que era conhecido como Tabocas ou Taboquinha, entre os atuais bairros Maria Guimarães França, Alto dos Pirineus e Rosário.

VILA MIRALDA, bairro

A Vila Miralda é citada na Gazeta (22.08.1943, fls 2 col 5) e, também, na lei 3765, de 04.04.2007, que denomina logradouro da cidade. Hoje, a vila se tornou um bairro e compõe-se de diversas ruas e outras vias públicas. Fica entre as avenidas Humberto de Alencar Castelo Branco e Jehu Faria. Segundo consta, começou como uma vila de 28 casas, construídas por Altemiro Augusto Rodrigues, numa pequena chácara que pertencera à sua tia Maria José do Nascimento, casada com Antônio Alves de Oliveira. Seu nome, por informação de familiar, teria sido em homenagem a uma das filhas de Altemiro (Miralda Rodrigues Almeida).

Altemiro era filho do primeiro casamento do Paulino Augusto Rodrigues com sua prima, pelo lado materno, Umbelina Cândida Rodrigues, nascida em 11.11.1871 e falecida em 06.07.1919, que era a filha mais velha de Maria Carolina de Moraes e de Luiz José Gonzaga de Gouvêa.

VINTE E SETE DE ABRIL, rua

(Bairro Fábrica) – A partir da lei nº 440, de 04.11.1928, ficou denominada rua 27 de Abril, a que, no bairro da Fábrica, passa em frente a esse estabelecimento, cortando a rua da Floresta e terminando no início da estrada para Providência. Atualmente, ela começa na praça Zequinha Reis e termina na avenida Getúlio Vargas.

É uma homenagem à data da elevação do distrito à vila, ocorrida a 27.04.1854. Vale lembrar que a cidade de Leopoldina só passou realmente a existir no dia 20.01.1855, quando ocorreu a sua solene instalação.

VINTE E UM DE ABRIL, rua

(Bairro Três Cruzes) – Foi a lei nº 1282, de 18.08.1978, projeto 48/78 do vereador Joarês Silvio da Costa, que deu denominação à via que começa na rua Ferreira Brito e, paralela à rua Duque de Caxias, segue na direção da rua Manoel Antônio de Almeida. Começa na rua Ferreira Brito e, paralela à rua Duque de Caxias, segue na direção da rua Manoel Antônio de Almeida.

Não se tem ao certo a que data se pretendeu homenagear com esta rua. Vinte e um de abril é a data do enforcamento do Alferes José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, citado em verbete próprio. É, também, a data da fundação de Brasília, capital federal, 21.04.1960.

VIRGÍLIO SOUZA NOGUEIRA, Virgílio Areia, vila

(Bairro Praça da Bandeira) – Foi oficializada pela lei nº 1273, de 13.06.1978, projeto 40/78 do vereador Ely Rodrigues Neto. É a denominação da vila que, partindo da rua Marechal Deodoro, vai em direção à "Chácara Virgílio Areia".

Segundo o projeto de lei, Virgílio de Souza Nogueira, geralmente conhecido por Virgílio Areia, nasceu em 1873, filho de José Nogueira e Umbelina. Ele descendia de tradicional família de Recreio. Foi casado com Suzana Nogueira de Jesus, de nacionalidade portuguesa, e com ela teve os filhos: Maria Olinda casada com Sebastião Lopes da Rocha; Guiomar casada com Leônidas Reiff; Umbelina; Altina casada com Geraldo Magella Pinto; Alice; e Angelina. Virgílio foi condômino da propriedade rural São Pedro, na Onça. Faleceu em 1969.

VIRIATO PINTO, rua

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – A lei nº 164, de 09.11.1951, renomeou alguns e deu nome a outros logradouros do distrito de Ribeiro Junqueira. Diz essa lei que a rua Viriato Pinto é a que parte da praça Bento Xavier e segue na direção da estrada de Laranjal. Em 26.10.1959, a lei nº 340 retificou e ratificou denominações de praças e ruas do distrito de Ribeiro Junqueira.

Tudo leva a crer que o homenageado é Viriato da Fonseca Pinto, nascido no Lamego, Portugal; casou-se em Conceição da Boa Vista, a 26.11.1877, com Jovita Rodrigues de Medeiros, natural de Barra do Piraí, RJ. Viriato e Jovita tiveram 12 filhos, entre eles Nelsina casada com Avelino José de Almeida e Viriato da Fonseca Pinto Filho, de quem não se tem outras informações. O pai teve sítio em Ribeiro Junqueira e dois prédios na área urbana, sendo que um era sobrado. Viriato faleceu a 03.03.1915, em Ribeiro Junqueira, e Jovita faleceu em Leopoldina, em maio de 1946.

VITRAL, vila

(Bairro Centro) – Seu nome oficial foi dado pela lei nº 146, de 17.08.1951, cujo texto diz: "Ficam denominadas, na rua das Flores, respectivamente, vila Vitral, a que confronta com o beco público e o terreno de Heitor Montes e, vila Santos, também construída por Agnello". Fica na rua das Flores. Originalmente era composta de 8 casas que foram construídas por Agnello.

Ver, em vila Santos, dados biográficos de Agnello Vitral.

VOLUNTÁRIOS, rua

(Antigo Logradouro) – No distrito de Tebas, essa rua é citada no verbete relativo a Álvaro Correa Lima como sendo a do endereço de uma segunda casa de comércio de Guilhermino Antônio da Fonseca, sogro de Álvaro.

LETRA W

WAGNER NOGUEIRA DA SILVA, rua

(Bairro Bela Vista) – A lei nº 4833, de 09.09.2024, projeto 43/2024 do vereador José Augusto, dá denominação à rua projetada que faz ligação da rua Ismail Ávila, no bairro Bela Vista, com a rua Brasília, no bairro Cidade Alta.

Wagner Nogueira da Silva nasceu em Santana de Cataguases, MG, a 23.09.1936, filho de Francisco José Nogueira e América Anatália Nogueira. Casou-se com Irene Méscolin com quem teve os filhos Katia e Alexandre. Foi músico do Exército Brasileiro e da Ordem dos Músicos do Brasil. Foi membro da Leopoldina Orquestra e da Lira Musical Primeiro de Maio, fundada por seu pai, o maestro Chiquinho. Trabalhou no comércio em Muriaé, na juventude, e nos bancos Ribeiro Junqueira e Comércio e Indústria de Minas Gerais, em Leopoldina. Foi diretor e locutor das Rádios Sociedade Leopoldina e Cidade Leopoldina FM. Foi corretor de venda de veículos e corretor de imóveis na implantação de loteamento na Praia das Neves no ES. Participou do movimento espírita em Leopoldina.

WALDEMAR TAVARES DE LACERDA, praça

(Bairro Pedro Brito Netto) - Criada pela lei nº 2930, de 20.03.97, projeto 09/97 do vereador José Dimas de Souza, esta praça fica entre as ruas Luiz Torres Barcelos, Monsenhor Guilherme de Oliveira e Lourenço Euzébio Augusto,

Waldemar nasceu a 28.08.1889, filho de José Romão Corrêa de Lacerda e Luiza Augusta Tavares, neto paterno do pioneiro Romão Pinheiro Corrêa de Lacerda e sua primeira esposa Ana Severino. Era casado com Juvenila Lisboa, Dona Iaiá, com quem teve os filhos: Sebastião (médico), Violeta e Juracy. Waldemar exerceu a profissão de barbeiro e trabalhou, também, no DNER. Residia na rua Tiradentes. O jornal Novo Movimento de Leopoldina (04.01.1920) fala da transferência de bar do Lindolfo Pinheiro e da barbearia do Waldemar Lacerda. Faleceu a 01.07.1997.

WALDIR DELFIM DE ANDRADE, avenida

(Bairro Jardim Bela Vista) – É a lei nº 3567, de 2004, projeto 98/2003 do vereador Daniel Werneck da Paixão, que dá denominação à via pública que circunda parte do arruamento do bairro.

Waldir Andrade nasceu em Sereno, Cataguases, a 15.07.1911, filho de Manoel Delphim Andrade e Delminda Augusta de Andrade. Delminda era portuguesa, filha de Antônio Júlio da Rocha e Maria Augusta da Silva. O pai, Manoel, era natural de Leopoldina onde nasceu a 04.06.1882. Pelo lado paterno, Waldir era descendente dos Delfim e Silva e Almeida Gama. Casou-se, em Santana de Cataguases, a 25.06.1910, com Olympia Albuquerque de Andrade com quem teve 8 filhos: Celina Maria, Waldyr, Andréa, Heloisa, Vitor, Olimpia, Eveline e Rodrigo, cinco deles nascidos em Leopoldina. Foi contador do Banco Mineiro da Produção, em Carangola, Passos, Muriaé e, em 1944, em Leopoldina. Faleceu a 22.06.1977, em Leopoldina.

WALTER MACHADO, rua

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – A lei nº 2318, de 18.06.1991, projeto 31/91 do vereador Antônio Carlos Martins Pimentel, dão nome à via que começa na avenida Aurélio Pimentel e termina na rua Marcos Poiares.

Walter Machado nasceu em Ribeiro Junqueira. a 07.06.1922, filho de Antônio José Machado e Yda Machado. Casou-se em 30.12.1942, em Ribeiro Junqueira, com Maria Aparecida Pimentel Machado, filha de Aurélio Pimentel e Carolina Naccari. Walter e Maria Aparecida tiveram os filhos: José Carlos, Maria Helena, Neide, José Benedito, Walma, Jorge Luiz, Joana d'Arc, Jairo, João Cláudio, Antônio Aurélio, Walter Machado Júnior, Dilene, Odaléia e Rui Barbosa Machado. Walter era marceneiro e construtor, tendo construído a E. E. Sebastião Medeiros. Foi vereador de 1959 a 1963. Faleceu no dia 07.07.1974, em Ribeiro Junqueira.

WASHINGTON ANDRIES, praça

(Bairro Bela Vista) – Esta praça foi criada pela lei nº 1474, de 10.10.80, projeto 63/80 do vereador Wilson José Valentim, e está localizada nas proximidades da capela São Benedito.

Washington Duarte Andries nasceu em Cataguases, MG, a 25.02.1927, filho de Joaquim Andries e Gironda Duarte. Casou-se com Penha Aparecida com quem teve os filhos Alcione,

Frederico, Gustavo, Emanuel, Washington, Valeria e Flavia. Foi comerciante e funcionário público municipal. Jornalista, redator dos jornais Ilustração e Gazeta de Leopoldina. Presidiu a ACIL. Espírita atuante no Centro Espírita "Tintino Pires". Faleceu em Leopoldina, a 17.08.1980.

WILSON BERBARI, rua

(Bairro Bela Vista) – A lei nº 1827, de 08.08.1986, projeto 54/86 do vereador José Dimas de Souza, dá denominação à via pública desta cidade, que tem seu início na rua Rolando Ladeira Salgado e finda na rua Manoel Monteiro.

Wilson Berbari nasceu no dia 05.12.1921, em Leopoldina, filho de Carmélia Dumas e Elias Berbari, sendo neto paterno de Tecla Pedro e Isaac Berbari e neto materno de Joana e Jorge Dumas. Seu pai, Elias, era proprietário do Bazar Leopoldinense e carnavalesco membro da Comissão de Carnaval em 1922. Wilson cursou o primário no Colégio das Irmãs Lintz e o ginasial e comercial no ginásio Leopoldinense. Casou-se com Cacilda Panza, com quem teve o filho Fernando Wilson Panza Berbari. Foi comerciante, funcionário dos Correios, carnavalesco e torcedor do Esporte Clube Ribeiro Junqueira. Seus contemporâneos não esquecem o seu célebre grito ao entrar no estádio: "Ti...ra..o..Ié !..... (ié)

WILSON PIMENTEL, praça, beco e rua

(Bairro Centro) – **Beco -** Nominado pela lei nº 3344, de 19.12.2000, projeto 118/2000 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida, este beco fica nas proximidades do nº 300, do lado direito da rua Cel. Olivier Fajardo, em frente ao portão de entrada do Estádio Guanahyro Fraga Mota.

(Bairro Arthur Leão) – **Praça -** Foi a lei nº 2253, de 19.10.1990, projeto 102/90 do vereador Antônio Rodrigues César, que deu denominação a uma praça que fica no encontro das ruas Elias Matos, Olinto Netto e Manoel Lacerda de Almeida (Manoel de Almeida Lacerda), nas proximidades do Estádio Otacir Lacerda França (Arranca Toco).

(Distrito de Ribeiro Junqueira) – **Rua -** A lei nº 2488, de 29.12.1992, projeto 119/92 do vereador Mário Heleno Lopes de Almeida, diz que essa rua "inicia na confluência entre a rua Walter Machado, avenida Aurélio Pimentel e praça Bento Xavier e vai findar na estrada de acesso à localidade Bocaina". É a rua que parte da praça Félix José, no centro do distrito e

segue até encontrar a rodovia municipal, LPD-232, que se dirige para Angaturama (antigo São Joaquim).

Wilson Pimentel nasceu a 02.05.1928, em Ribeiro Junqueira, filho de Aurélio Pimentel e da italiana Carolina Naccari, nascida a 01.11.1883, em Porto Tolle, Rovigo, no Veneto, Itália. Casou-se com Maria Aparecida Alvarenga com quem teve os filhos Sandra Maria, Marco Aurélio, Antônio Wilson, José Roberto, Luiz Carlos, Márcio Henrique, Sérgio Augusto e Ana Carla Alvarenga Pimentel. Foi vereador, vice-prefeito e prefeito de Leopoldina no período 1979-1983. Residia na rua Francisco de Andrade Bastos. Era comerciante. Faleceu em 16.09.1989.

WILSON VALENTIM, rua

(Bairro Joaquim Furtado Pinto) – Foi através da lei nº 1767, de 14.11.1985, projeto 40/1985 do vereador Darcy Luiz Vasconcelos Resende, que esta rua recebeu tal denominação. No mapa do loteamento, ela está identificada como rua F, no conjunto habitacional Dr. Joaquim Furtado Pinto, COHAB-Nova. Tem seu início na avenida Tancredo Neves e finda na rua Padre José Gomes Domingues, junto com a rua Afonso Nogueira.

Wilson José Valentim era o terceiro dos filhos do casal Otton Valentim e Alice Rodrigues Valentim, também nome de rua da cidade. Nasceu a 12.10.1936. Neto paterno de Antônio Fernandes Valentim que dá nome a uma via pública no bairro da Quinta Residência. Segundo o Jornal Nova Fase (01.10.1983), Wilson casou-se em 27.09.1964, em Itaperuna, RJ, com a também professora, Leise Justino Lessa, nascida a 26.03.1941, filha de Maria Justino Lessa e Olinto Lessa. Wilson trabalhou no comércio. Amante do futebol, foi um dos bons jogadores do Esporte Clube Ribeiro Junqueira de sua época. Concluiu o curso de licenciatura em Matemática, Física e Desenho Geométrico pela Faculdade Santa Marcelina, em Muriaé. Lecionou no Colégio Estadual Professor Botelho Reis (Ginásio). Foi um dos idealizadores dos primeiros jogos estudantis de Leopoldina. Era membro do Lions Club. Participativo, ingressou na vida política e foi vereador. Faleceu a 25.09.1983 em um acidente automobilístico que ceifou a vida dele, de sua esposa, do filho Wilson Lessa Valentim e deixou ferida a filha Cyntia Lessa Valentim.

LETRA X

XAVIER DE SOUZA, rua

(Bairro Alto da Ventania) – A lei nº 1277, de 18.08.1978, projeto 43/1978 do vereador Antônio Carlos Ferreira de Almeida, dá denominação à via pública que partindo da rua Nicolau José Laluna, segue na direção da rua Gerônimo da Silva e vai dar na caixa d'água próxima à Vila Miralda.

O homenageado foi Edward (Edvar) Xavier de Souza era filho de Manoel Urbano de Souza e Maria do Carmo Xavier de Souza. Neto materno de Américo Xavier de Souza - nascido a 01.09.1909 e falecido em Cataguases, MG, a 30.09.1997 - e Iramira Machado de Almeida - nascida em Piacatuba, a 10.03.1917, e falecida em Cataguases, a 09.02.1991.

LETRA Y

YOLANDA COSTA, rua

(Bairro Jardim Bandeirantes) – Foi a lei nº 4189, de 19.08.2014, projeto 33/2014 do vereador Hélio Braga de Castro, que deu denominação à via pública, identificada como rua projetada, que partindo da BR 116, passa pelo matadouro municipal e vai findar nas margens do Ribeirão Feijão Cru.

Yolanda Costa nasceu por volta de 1932, filha de João Prazeres Costa e Conegundes Atadeu Costa ou, Cunegundes Tadeu Costa. Faleceu a 08.02.1994, em Muriaé, MG, onde foi sepultada. Era divorciada de Pedro Mateus Filho.

LETRA Z

ZENILDA GUIMARÃES CASSANI, praça

(Vila São Martinho) - Foi a lei nº 2748, de 19.07.1995, projeto 63/1995 do vereador Romero Nogueira, que deu nome à praça localizada na vila de São Martinho.

Zenilda nasceu por volta de 1932, em Cambuci, RJ, filha de Benedito Machado e Floripes Machado Guimarães. Casou-se com Manoel Cassani, comerciante em São Martinho, onde viviam. Faleceu em Juiz de Fora.

ZEQUINHA REIS, praça

(Bairro Praça da Bandeira) - A antiga praça da Bandeira teve seu nome mudado pela lei nº 637, de 29.03.1968, para praça Zequinha Reis. O decreto-lei nº 40, de 03.12.1940, denomina Praça da Bandeira à formada pelo encontro da rua Marechal Deodoro da Fonseca e demais ruas abertas no ano de 1939 em terrenos de Gustavo Barbosa de Miranda, segundo a Gazeta de Leopoldina (08.12.1940, fls 1, col 3).

Homenageia José Ribeiro dos Reis, fazendeiro, agropecuarista, industrial, um dos fundadores e diretor da Cia Fiação e Tecidos Leopoldinense. Zequinha Reis, como era conhecido, foi prefeito da cidade de 05.01.1948 a 31.01.1951.

ZINHO MORAIS, rua

(Bairro Vila Miralda) – A lei nº 1276, de 18.08.1978, projeto 42/78 do vereador Antônio Carlos Ferreira de Almeida, que dá denominação de rua a esta via, diz tratar-se do beco que, partindo da rua Jader Barbosa, segue até o terreno do Orfanato. No mapa da prefeitura, de 2000, esta rua aparece fazendo a ligação da rua Jader Barbosa de Castro à rua Gerônimo da Silva.

O projeto de lei não identifica a pessoa homenageada.

ZIZINHA RESENDE, Professora, rua

(Bairro Imperador) – O nome dessa rua foi oficializado pela lei nº 3183, de 19.10.1999, projeto 55/99, alterada pela lei 4052, de 28.08.2012, projeto 44/2012 do vereador Darci José Portella, que deu nova redação informando o prolongamento da via que passa a ligar a rua Agnello Correa do Bem à rua Renato Monteiro Junqueira.

Ana Carlota Monteiro de Rezende, a Dona Zizinha, nasceu a 19.11.1897, em Abaíba, filha de Raymundo Monteiro de Rezende e Eulampia. Foi professora em Recreio, onde teve seu primeiro colégio. Transferiu-se para Leopoldina e passou a lecionar e dirigir, juntamente com suas irmãs Nair (Nini) e Maria Aparecida (Cici), o Educandário Santa Terezinha, fundado em 03.10.1947, de saudosa memória para os seus ex-alunos, que funcionava na rua Tiradentes.

Zizinha faleceu 31.05.1981, em Leopoldina, com 82 anos, solteira. Foi sepultada em Conceição da Boa Vista, MG.

FONTES CONSULTADAS

Para a confecção dos resumos biográficos dos homenageados foi necessário consultar variadas fontes, especialmente quando informações orais ou escritas apresentaram discrepâncias cronológicas ou relativas à localização espacial dos fatos ou personagens.

Centros de Documentação

- Arquivos da Câmara Municipal de Leopoldina do século XIX:
    - Alistamento Eleitoral;
    - Atas da Câmara Municipal de Leopoldina;
    - Atas das Assembléias Eleitorais de Leopoldina - 1859-1872;
    - Atas de Eleição de Juízes de Paz e Vereadores em Leopoldina;
    - Atas de Eleição de Rio Pardo (Argirita);
    - Atas de Eleições Municipais de Leopoldina – 1897;
    - Juramento e Posse de autoridades diversas - 1877-1894;
    - Juramento e Posse de Vereadores em Leopoldina - 1º livro;
    - Livros dos Cartórios de Notas de Leopoldina, Angustura - 1866-1870 e 1876, Argirita - 1861-1869 e 1862-1867 e Cataguases;
    - Matrículas de Escravos 1873-1884;
    - Qualificação de eleitores em Leopoldina, 1895-1900;
    - Recibos de Entrega de Títulos Eleitorais em Conceição da Boa Vista;
    - Sepultamento de Escravos em Leopoldina.
- Arquivo da Câmara Municipal de Leopoldina:
    - Projetos e Leis que denominaram logradouros públicos entre 1948 e 2024;
    - Mensagens do Presidente (1906-1920).
- Arquivo da Casa Setecentista de Mariana: documentos cartoriais do século XVIII e XIX.
- Arquivo da Diocese de Leopoldina: livros de assentamentos de batismo e casamento 1852-1941.
- Arquivo do Estado de São Paulo: inventários e testamentos.
- Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro: inventários e testamentos.
- Arquivo Histórico Municipal de Campos dos Goitacazes-RJ: inventários.
- Arquivo Nacional:
    - Lista de Passageiros;
    - Livros da Hospedaria da Ilha das Flores;
    - Registro de Estrangeiros 1938-1942 e 1956.
- Arquivo Permanente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais – COARPE – TJMG: testamentos, processos de inventário e de divisão de propriedades.
- Arquivo Público Mineiro:
    - Documentos da Polícia Política de Minas Gerais;
    - Leis Mineiras;
    - Livros da Hospedaria Horta Barbosa;
    - Mapa da População de Santo Antônio (Juiz de Fora);
    - Mapa da População do Curato de São José do Paraíba;

    - Mapa da População do Feijão Cru;
    - Qualificação de eleitores de São João Nepomuceno;
    - Registro de Terras de São Sebastião da Vila Leopoldina;
    - Relatórios da Colônia Constança;
    - Relatórios dos Presidentes da Província de Minas Gerais;
    - Requerimento para emancipação de São José do Paraíba
- Arquivos Provinciais Italianos: Pianiga, Potenza, Venezia e militar de Campolongo Maggiore.
- Biblioteca Nacional. TEODORO, João José da Silva, Carta Topográfica dos Termos do Presídio, Pomba e São João Nepomuceno, 1847.
- Cartório de Registro de Imóveis de Leopoldina, MG.
- Cartório do 1º Ofício de Notas de Leopoldina, MG.
- Cartório do 2º Ofício de Notas de Leopoldina, MG.
- Cartórios de Registro Civil de Pessoas Naturais: Abaíba, Leopoldina, MG; Argirita, MG; Faria Lemos, MG; Itamarati de Minas, MG; Itaperuna, RJ; Juiz de Fora, MG; Leopoldina, MG; Muriaé, MG; Piacatuba, Leopoldina, MG; Providência, Leopoldina, MG; Ribeiro Junqueira, Leopoldina, MG; Rio de Janeiro-RJ, 1ª, 3ª, 5ª, 8ª e 10ª Circunscrições; Tebas, Leopoldina, MG; e, Vista Alegre, Cataguases, MG.
- Cemitério de Piacatuba, Leopoldina, MG
- Cemitério de Tebas, Leopoldina, MG.
- Cemitério Nossa Senhora do Carmo, Leopoldina, MG.
- Cemitério Público de Leopoldina, MG (1880-1887).
- Centro de História da Família da da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias: microfilmes de Aiuruoca, MG; Barbacena, MG; e, Campanha, MG.
- Centro de Memória da Escola de Farmácia de Ouro Preto
- Centro de Memória do Seminário Santo Antonio. Arquidiocese de Juiz de Fora. Livros paroquiais das igrejas da Serra da Ibitipoca.
- Colégio do Caraça: livros de matrícula
- Hemeroteca Nacional. Maiores Contribuintes de Leopoldina em 1894 (edição nr 4, de 1948, do jornal Abaeté)
- Igreja de Santo Antônio de Tebas, Leopoldina, MG
- Igreja de Santo Antônio, Santa Bárbara, MG
- Igreja de São Sebastião da Pedra Branca, Pedralva-MG.
- Igreja de São Vicente Ferrer, São Vicente de Minas, MG
- Igreja Madre de Deus do Angu, Angustura, Além Paraíba, MG
- Igreja Matriz de Estância, SE
- Igreja N. S. Assunção, Mariana
- Igreja N. S. Conceição da Boa Vista, Recreio, MG.
- Igreja N. S. Conceição de Aiuruoca, MG
- Igreja N. S. Conceição de Piranga
- Igreja N. S. dos Anjos, São Miguel de Taipu, PB
- Igreja N. S. Piedade, Piacatuba, Leopoldina, MG.
- Mensagens do Presidente da Câmara Municipal de Leopoldina 1906-1927.
- Ministério da Justiça: Certidão de Naturalização.
- Museu Imperial. Relatórios de Conselheiros e Presidentes das Províncias. Século XIX.

Publicações Periódicas

- A Estrela do Oeste (Divinópolis, MG: 1924)
- A Gazeta da Pharmacia (Rio de Janeiro, RJ:1961)
- A Gazeta de Kalon Moraes, (Leopoldina, MG: 2009).
- A Gazeta. Revista comemorativa da 77ª Expoleo (Leopoldina, MG: 2013)
- A Imprensa (Rio de Janeiro, 1898 - 1914).
- A Leopoldina (Leopoldina-MG: 1893)
- A Luta Democrática (Rio de Janeiro, RJ:1962-1970).
- A Noite (Rio de Janeiro-RJ:1924-1956).
- A Pena (Leopoldina, MG: Ginásio Leopoldinense, 1934).
- A Província (Recife-PE, 1872-1905).
- A União (Ouro Preto, MG:1888).
- Almanack do Arrebol (Leopoldina: s.n., 1984-1985).
- Almanak Hénault - Annuario Brazileiro Commercial Illustrado (Rio de Janeiro: A. Hénault, 1912-1913).
- Almanak Laemmert (Rio de Janeiro: 1916-1924)
- Almanaque Administrativo, Civil e Industrial da Província de Minas Gerais (Ouro Preto: 1864-1875).
- Almanaque de Leopoldina (Leopoldina, MG-1886)
- Conservatório Estadual de Música Lia Salgado, 55 anos (Leopoldina, MG: Kalon Moraes, 31.10.2009).
- Constitucional: jornal político, literário e noticioso (Ouro Preto-MG, 1868).
- Correio da Manhã (Rio de Janeiro, RJ: 1912-1967).
- Correio Oficial de Minas (Ouro Preto, MG: 1857).
- Diário Carioca (Rio de Janeiro, RJ:1937-1954).
- Diário da Noite (Rio de Janeiro, RJ: 1931).
- Diário de Minas (Outro Preto, MG: 1873-1889).
- Diário de Notícias (João Pessoa, PB:1937-1951)
- Diário de Notícias (Rio de Janeiro, RJ: 1890-1946).
- Diário Oficial da União (Distrito Federal: 1897-1898).
- Documentário histórico de Argirita, MG (s.d.i.)
- Folha da Mata (Carangola, MG:1960).
- Folha Mineira (Juiz de Fora-MG:1953).
- Gazeta da Tarde (Rio de Janeiro: 1885).
- Gazeta de Leopoldina (Leopoldina, MG; 1895 - 1962).
- Gazeta de Notícias (Rio de Janeiro, RJ: 1890-1910).
- Gazeta de Tombos, MG: 1933.
- Ginásio 103 anos Edição Especial de Aniversário (Leopoldina-MG: 2009).
- Imprensa Popular (Rio de Janeiro (RJ:1954-1955).
- Irradiação (Leopoldina, MG; 1888-1890).
- Jornal do Brasil (Rio de Janeiro, RJ: 1936-1979).
- Jornal do Commercio (Rio de Janeiro:1923-1959).
- Jornal dos Sports (Rio de Janeiro, RJ: 1962).
- Leopoldinense - GLN Grupo Leopoldinense de Notícias (Leopoldina-MG: 2003 - 2023).
- Liberal Mineiro (Ouro Preto, MG: 1883).
- Minas Geraes (Belo Horizonte: 1892-1898).
- Moretz-Sohn & Cia, O Mediador (Leopoldina, MG; 1895 - 1896).

- NEVES, J. Moura, Gazeta de Leste (Leopoldina, MG; 1890).
- Noticiador de Minas (Ouro Preto, MG: 1868).
- Novo Movimento (Leopoldina, MG: 1908-1918).
- O Apóstolo (Rio de Janeiro: 1884).
- O Estado de Minas (Ouro Preto; 1891 - 1895).
- O Estado de Minas Geraes (Ouro Preto, MG: 1891).
- O Globo - órgão da Agencia Americana Telegraphica sec. XIX (Rio de Janeiro:1875).
- O Globo (Rio de Janeiro: 1925-1930).
- O Imparcial (Rio de Janeiro-RJ; 1913).
- O Jornal (Rio de Janeiro:1920-1925).
- O Mediador (Leopoldina-MG: 1895-1896).
- O Leopoldinense (Leopoldina, MG: 1879-1896).
- O Liberal Mineiro (Ouro Preto, MG: 1877-1883).
- O Paiz (Rio de Janeiro, RJ; 1884 - 1913).
- O Pharol (Juiz de Fora; 1876 - 1917).
- Revista ACIL Edição Especial 80 anos da Associação Comercial, Industrial, Agropecuária e Serviços de Leopoldina (Leopoldina, MG: 2018).
- Revista Brasileira de Medicina e Sciencias Affins: Sciencia Médica: (Rio de Janeiro:1926).
- Revista Brasil-Progresso de L. A. Babo Júnior. (Rio de Janeiro: 1925-1926).
- Revista da Semana (Rio de Janeiro, RJ: 1925-1955).
- Revista do Arquivo Público Mineiro (Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1896-1976).
- Revista do Instituto de Estudos Genealógicos (São Paulo: s.d. v.4).
- Revista do Lar e da Mulher. Vida Doméstica (Rio de Janeiro: 1941-1945).
- Última Hora (Rio de Janeiro, RJ:1959).
- Voz Diocesana (Campanha-MG:1965).

Monografias/Manuscritos

Antepassados de Wilson Xavier Furtado. Manuscrito.

BARBOSA, Darli Bertazzoni. **Índice de Batismos do centro-norte fluminense**. Rio de Janeiro: 19 out. 2012. Office Excel 2010.

GARCIA, Maria José Ladeira. **Saga de um Sonhador**. Monografia.

GUIMARÃES, Joaquim Custódio. **Escritores Leopoldinenses**. Leopoldina-MG: monografia, 1986.

MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. **As origens da família Ribeiro Salgado**. Monografia.

PORTO FILHO, Alcibíades de Araújo. **Árvore Genealógica dos Araújo Porto**. Manuscrito.

RODRIGUES, Paulino Augusto. **Caderneta de Anotações Pessoais da família Rodrigues**. Leopoldina-MG: manuscrito.

Obras Publicadas

ABREU, Maurício de Almeida. **Escritos sobre espaço e história.** Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

ALMEIDA, Kleber Pinto de. **Leopoldina de todos os tempos**. Belo Horizonte: s.n., 2002.

BARBOSA, Pe. A. Lemos. **Pequeno Vocabulário Tupi-Português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.

BARROS, Maria Monteiro de. **A Volta de Nossa Senhora do Socorro**. Cataguases-MG: do autor, jan/1984).

BARROSO, Alan Villela. **Trajetória do Espetáculo em Leopoldina**: um recorte histórico sobre as artes cênicas no interior mineiro durante o final do século XIX e início do século XX. Leopoldina, MG: do autor, s.d.

BARROSO JÚNIOR. **Leopoldina: os seus primórdios**. Rio Branco: Gráfica Império, 1943.

_____, O centenário da Cidade de Leopoldina, em Minas Geraes. Rio de Janeiro: **Revista Eu Sei Tudo**, Abril 1932. Edição 179, p. 11-16

BASTOS, Wilson de Lima. A Fazenda da Borda do Campo e o Inconfidente José Aires Gomes. (Juiz de Fora: Paraibuna, 1992.

BEHAR, Ely. **Vultos do Brasil: Dicionário Bibliográfico**. São Paulo: Exposição do Livro, 1960.

BOTELHO, Luiz Eugênio. **Leopoldina de Outrora**. Belo Horizonte: s.n., 1963

_____, **Leopoldina de Hoje ...e de Ontem**. Leopoldina-MG: do autor, 1967.

BOTELHO, Luiz Rosseau. **Alto Sereno**. Belo Horizonte: Vega, 1975.

_____, **Dos 8 aos 80**. Belo Horizonte: Vega, 1979.

_____, **Coração de Menino**. Belo Horizonte: Vega/Novo Espaço, 1984.

Brasil-Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio. **Estabelecimentos Ruraes Recenseados no Estado de Minas Geraes**. Rio de Janeiro: Typographia da Estatistica, 1924.

BROTERO, Frederico de Barros. **A Família Monteiro de Barros**. São Paulo: s.n., 1951.

CÂMARA, Eloy H. Dutra. **A Medicina em Barbacena, dados históricos**. Barbacena, MG: monografia, 16 out 2000.

CAPRI, Roberto. **Minas Gerais e seus Municípios**. São Paulo: Pocai Weiss & Cia, 1916.

CARNEIRO, Erymá. **Do Lombo de Burro ao Computador**. Rio de Janeiro: do autor, 1976.

CARNEIRO, Moacyr. **A Bondade de meu Avô**. São Paulo: do autor, 1979).

CARVALHO, Consuelo Machado de. **Genealogia das Famílias Caetano Gomes e Monteiro Lobo**. Januária: MG Gráfica, 2001.

CONTI, Servilio. **O Santo do Dia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.

DRUMMOND, Maria Francelina Silami Ibrahim. **História de uma vida**. Ouro Preto, MG: Liberdade, 2021.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1959.

FRANKLIM, Margareth Cordeiro. **Cutubas: Clube de negros, território de bambas**. Belo Horizonte: Utopika, 2012.

FREITAS, Mário de. **Leopoldina do Meu Tempo**. Belo Horizonte: Página, 1985.

FUNCHAL GARCIA, Manoel. **Cachimbo e Cachaça Verdade e Fumaça**. Rio de Janeiro: Livro S.A., 1971.

_____, **Do Litoral ao Sertão**. Rio de Janeiro, RJ: Bibliex, 1965.

_____, **Retalhos da Minha Vida**. Belo Horizonte: UFMG, 1969.

GUIMARÃES, Joaquim Custódio. **História da Medicina em Leopoldina.** Leopoldina: s.n., 1987.

LEOPOLDINA. Prefeitura Municipal. **Revista Acaiaca: Primeiro Centenário de Leopoldina**. Belo Horizonte: s.n., 1954.

MERCADANTE, Paulo. **Crônica de uma Comunidade Cafeeira**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1990.

MONTEIRO, Norma de Góis (coord.). **Dicionário biográfico de Minas Gerais - período republicano - 1889-1991**. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1994, 2v.

MONTES, Albino. **Leopoldina Sua Gente Sua Música**. Belo Horizonte: do autor, 2003.

_____, **No Tempo do Horácio e do Licinho**. Belo Horizonte: do autor, 2010

MOREIRA, Nicolau Joaquim. **O Auxiliador da Indústria Nacional**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1889.

MOYA, Salvador. **Anuário Genealógico Brasileiro**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1942.

PAMPLONA, Nelso. V. **A família Werneck**. Rio de Janeiro: do autor, 2010

PEREIRA, Mauro de Almeida. **Os Almeidas, os Brittos e os Netos em Leopoldina**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1966.

PINTO, Alfredo Moreira. **Apontamentos para o Diccionario Geographico do Brazil P-Z**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional,1899.

RESENDE, Deusdedit Leão Monteiro de. **Memórias de Família**. Juiz de Fora: Editqar, 1999.

REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. **Minhas Recordações**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

REZENDE, Waldyr Policiano de (Coord.) **Antologia Leopoldinense**. Leopoldina-MG: do autor, 1980.

RODRIGUES, José Luiz Machado e CANTONI, Nilza. **Nossas Ruas, Nossa Gente: ruas, praças e logradouros de Leopoldina**. Rio de Janeiro: dos autores, 2004.

RODRIGUES, Nelito Barbosa. **Árvore Genealógica - Família de Paulino Augusto Rodrigues**. Leopoldina: particular, 1998.

SABINO, Fernando. **O Grande Mentecapto**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SAMPAIO, Teodoro. **O Tupin na Geografia Nacional**. 5 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SANTIAGO, Sinval Batista. **Município de Rio Pomba - Síntese Histórica**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

SENNA, Nelson C. de. **Annuario Estatistico do Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1906-1913.

SILVA, Arthur Vieira de Resende e. Família Vieira. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro XXV vol.1**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1938.

SILZA, José César da. **Memórias de um Tebano**. Porto Alegre: A Nação, 1971.

VEIGA, Ângelo Xavier da. **Almanach Municipal de Barbacena**. Barbacena: s.n., 1898.

VEIGA, José Pedro Xavier da. **Efemérides Mineiras: 1664-1897**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998.

WEHRS, Cristiano Carlos João. **O Rio Antigo Pitoresco & Musical: Memórias e Diário**. Rio de Janeiro: do autor, 1980

COMENTÁRIOS DOS LEITORES

"Tudo tem o seu tempo determinado e há tempo para todo propósito debaixo do céu." Essa citação do Eclesiastes lembra a perseverança e o trabalho profícuo do livro ***Nossas Ruas, Nossa Gente****. A pesquisa nele presente teve início bem antes da publicação de sua 1ª edição, em 2004. E agora, a 3ª edição, atualizada e ampliada, surge com um propósito pré-determinado não por nosso pensamento imediatista, mas por uma lógica atemporal das coisas que têm um valor real. O livro chegou para coroar, com êxito, a 10ª Jornada do Patrimônio Cultural de Minas Gerais de Leopoldina.*

Quando o IEPHA lançou o tema da Jornada "Paisagem Cultural e Patrimônio Toponímico", já estávamos em tratativas com Nilza Cantoni e José Luiz Machado, parceiros na ALLA (Academia Leopoldinense de Letras e Artes), sobre a atualização da obra. Nesse ínterim, surgiu a ideia de realizar, com a população, ações educativas e interativas baseadas no livro. Foi uma excelente forma de trazer à luz um trabalho que já celebrava nossas raízes e nossa riqueza cultural. Se a Declaração do CONEP, ocorrida em 03/06/2025, instituiu como novos objetos de reconhecimento, promoção e preservação do Patrimônio Cultural Mineiro a importância dos nomes de lugares (topônimos), nossos autores já faziam isso décadas atrás.

Maria José Salles Fernandes
Chefe do Patrimônio da Secretaria Municipal de Cultura, Acadêmica da ALLA

Que maravilha! Sou leopoldinense ausente e não esqueço de onde nasci. Suas publicações aquecem meu coração.

Marilene Coutinho, Melbourne, Austrália.

Conheci Nilza e José Luiz há cerca de 12 anos e sempre me encantei com tudo o que eles sabem, falam, pesquisam e compartilham sobre nossa cidade. Na verdade, além dos dois, só conheço mais uma pessoa que sabe tanto sobre Leopoldina quanto eles. Conversar com essa dupla sobre nossa querida Leopoldina significa uma prosa de horas a fio com tanta informação importante que dá vontade de sair anotando tudo para reler depois. Quando conheci a primeira edição desse livro, fiquei encantada. Nunca tinha pensado na possibilidade de fazer uma obra com um valor tão importante para o resgate de nossa história. Sim, resgatar nossa gente é um resgate importantíssimo de nossa história. É valorizar nossa terra e não deixar cair no esquecimento aqueles que puderam, no passado, contribuir com a cidade.

Glaucia Maria N Costa de Oliveira, Acadêmica da ALLA

Um alô daqui de São José dos Pinhais para meus conterrâneos. Gostei de ver que Leopoldina se preocupa com sua história.

Paulo Melo.

O que mais pode acontecer em nossas ruas e nossa gente se não amarmos demais as nossas ruas e a nossa gente.

Olga Reis, Acadêmica da ALLA

Parabéns! Estou adorando conhecer as ruas e os nomes dos indivíduos inspiradores!

Eleonora Cretton, RJ

Percorrer Nossas Ruas, Nossa Gente, é caminhar sobre as páginas da nossa história. Que os verbetes desta terceira edição também figurem, em breve, nas esquinas de nossas ruas. A partir desta obra, caminhar por Leopoldina se tornou um convite à leitura.

Mara Maximiano, Acadêmica da ALLA

Os Historiadores José Luiz Machado Rodrigues e Nilza Cantoni fazem-se plenamente merecedores da avaliação "MAXIMA CUM LAUDE" pela brilhante iniciativa de registrar em livro o nome de cada rua ou praça, com dados biográficos e dispositivo legal sobre a denominação.
Além da inegável utilidade, há uma considerável dose de cultura pela contribuição histórica que se leva ao conhecimento do morador.
Obrigado, por fazerem o que fazem e como fazem, sempre a pleno contento.

Luiz de Melo Sobrinho, Presidente da ALLA

ISBN: 978-65-981503-8-9
CBL
9 786598 150389